



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Elaine Cristina Silva dos Santos

DA IRA AO DESENGANO NO EQUADOR DO PETRÓLEO
OS LIMITES DO DESENVOLVIMENTO FRENTE AO PROJETO
YASUNÍ ITT NO PERÍODO 2013-2016

**Tese no âmbito do Doutoramento Direito, Justiça e Cidadania no Século XXI,
orientada pelo Professor Doutor Boaventura de Sousa Santos e apresentada à
Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.**

Janeiro de 2020

Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

**DA IRA AO DESENGANO NO
EQUADOR DO PETRÓLEO**
Os limites do desenvolvimento frente
ao Projeto Yasuní ITT no período
2013-2016

Elaine Cristina Silva dos Santos

Tese no âmbito do Doutoramento Direito, Justiça e Cidadania no Século XXI, orientada pelo Professor Doutor Boaventura de Sousa Santos e apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Janeiro de 2020



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Financiamento –

Esta tese foi financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES), através da Bolsa de Pesquisa

Agradecimentos

Os problemas que vicejam na América do Sul sempre foram bastante discutidos na sociologia, por outro lado, seguem sendo obscurecidos pela nossa condição mental de subalternidade. Contudo, como investigadora brasileira, posso afirmar que é uma dádiva ter nascido na América Latina, não foi uma ação ou outra que me fez ter esta consciência, ao contrário, continuo me construindo aos poucos, um pensamento não nasce no vácuo, mas num existente de situações concretas. É um processo único e irreversível reconhecer-se no mundo e foi assim, ao perder a moldura da vida, que intentei em meu ideário particular (que é também coletivo, uma vez que somos seres sociais), articular presente/passado e futuro. É com base nesta premissa que escrevo esta tese, que é também um convite à reflexão acerca da sociedade que vivemos.

O ponto de partida é o da autoanálise crítica dentro de um continente subjogado, no esforço de entender e juntar os cacos da objetivação de mim mesma, as emoções racionalizadas/limitadas que nascem e crescem com as certezas inerentes do meu pertencimento de classe, daí minha negação do conforto imperativo burguês quando este faz uso da barbárie para manter-se. O compromisso teórico/prático, o saber científico somado aos nossos corações e mentes na transformação da realidade, fitando um mundo onde as pessoas sejam maiúsculas nas suas potencialidades.

Somente o realismo social nos permite compreender nossa existência, por isto é necessário enfrentar, primeiro a si mesmo, depois a vida. E foi a partir da baixa de Coimbra (atual morada) que o fiz, após levar um grande choque que me trouxe à realidade, da maneira mais brusca possível, da orfandade sanguínea e ideológica.

Desta feita, neste agradecimento só posso ressaltar as trajetórias dos lutadores de uma mesma origem desvendando a gênese de suas ações, Salvador dos Santos, meu avô carrega o nome de uma escola em Santo André, tem uma história interessante e muito progressista para o período em que viveu. Acolhia perseguidos políticos em sua casa, em especial as pessoas que compunham a JOC (Juventude Operária Católica) sempre apoiado por Dona Finota, minha avó, uma mulher negra com quem tive o prazer de conviver durante anos de minha vida.

José dos Santos, meu pai, foi um homem negro prosseguiu refém de sua própria história oriundo de uma família lutadora e de militantes intelectuais, envergonhava-se emudecido por não conseguir reagir diante a vida quando o racismo mal era discutido

dentro da sua condição de classe. Sua situação de aniquilamento foi naturalizada, viveu em um país que se orgulhava de sua “democracia racial”, mas que na prática reafirmava a exclusão em todos os âmbitos. Psicologicamente debilitado e invisibilizado no seu pequeno mundo social/familiar, teve como libertação a morte, sua luta foi vencer-se através dos filhos e das pequenas reclamações cotidianas reivindicando melhorias na sua *seção no chão de fábrica*, como era assim chamada a área de fabricação das peças metalúrgicas. Faltava-lhe recursos e a identidade com aqueles que reconhecem que mesmo dentro de uma classe de trabalhadores, desprovidos dos meios de produção, somos uma classe, com cor, com gênero e tais aspetos não podem ser escamoteados nas pesquisas e principalmente na vida. Tal como Otelo¹ José também foi casado com uma mulher branca e a partir do imaginário de ter então obtido a dignidade mínima de uma suposta “aceitação” teve juntamente sua degradação, dada do preconceito racial, os antagonismos de quem passou a vida sem a inculcação de qualquer possibilidade de alegria. E carregaram ambos o sofrimento da invisibilidade, juntamente com sua Desdémona² entregaram-se a dor in (consciente) dentro da própria alma e foram fiéis um ao outro e a uma vida tão breve acabada³. Faleceram antes de qualquer hipótese de derrocada do capitalismo, não puderam admirar a vida para além do que tangia o mundo do trabalho. Pois tal como afirmava Walter Benjamin, *o capitalismo não vai morrer de morte natural* (In Lowy, 2013).

O fato é que foram meus primeiros orientadores e me ensinaram que nosso discurso reflete o que somos, algo bastante evidente no gosto pela discussão, uma timidez disfarçadamente abrupta e sempre saudosa da origem *abecedina*, o ABC paulista, das fábricas e das lutas. Talvez os lutadores estejam condenados a rotina e a repetição, possivelmente descolados de uma realidade brasileira desoladora que lhes parece, à primeira vista, incompreensível. Para o trabalhador comum, o indígena, o sem terra, qual o significado real do ativismo judiciário brasileiro e do deslumbramento nesta busca da justiça subjetiva, seletiva? Se não é isto o que vos alimenta. É somente quando eu

¹ Personagem da Obra de William Shakespeare

² Jovem branca de origem nobre, casada com Otelo na peça de Shakespeare.

³ Segundo Bourdieu, o fato de ter nascido em uma família engajada faz diferença, porque o conhecimento e história de luta acumulado, foi transferido (para mim, neste caso) em primeira instância (o meu *habitus*). No marxismo diz-se que esta conclusão do Bourdieu não tem nenhuma originalidade, faz parte do processo de socialização, esta transferência de valores no âmbito familiar. As relações sociais, ainda que no caso deste texto, reduzida preliminarmente e intencionalmente as relações familiares, não são resultantes de desígnios e vontades, mas são produto de nossa interação com o mundo.

entendo as minhas dores e porque elas existem, que passo a entender a dos outros sem um olhar exótico e romantizado.

Escrever acerca de algo que também permeia nossa vida, não é tão simples quanto pode parecer, pois a história não possui um deslocamento linear ("ele/a terá sucesso em seu caminho") como aproximação de um senso comum, pois, assim, teríamos o fim da história. Também não se trata de tornar-se um ideólogo da própria vida, ao contrário, é só através do reconhecimento de nossa história que traçamos e buscamos um sentido nela, uma retrospectiva e uma perspectiva. A história de vida leva à construção, quando não somos um "sujeito" reconhecido apenas como um nome próprio, isolado, mas sim quando reconhecemos que nossa "trajetória" carrega também os deslocamentos dentro de um espaço social (determinado pelo capital). Logo, se faz necessário entender as condições objetivas em que esta história se desenrolou e daí sua superação⁴. O trabalho intelectual precisa sair dos muros das Universidades, a América Latina talvez seja o maior exemplo desta situação, pois muito da sua intelectualidade vira as costas ao continente latino americano e muitas vezes reproduzem as mesmas análises enviesadas, exotificadas que estavam comprometidas em entender a própria condição, a que de somos latinos americanos e precisamos nos integrar parando de virar as costas para a nossa condição de subalternidade histórica. Histórico este marcado por proximidades de ditaduras, brutalidades, golpes e uma democracia sempre restringida, permeada por períodos mais ou menos violentos dos auspícios do capitalismo.

É difícil agradecer a todas/os que caminharam comigo neste processo árduo, por vezes arrastado, toda esta percepção jamais seria possível sem o Professor e valioso amigo que me orientou no mestrado, Sinclair Mallet Guy Guerra, um dos primeiros a me encorajar a olhar a minha própria história em conjunto com a América Latina, e de cabeça erguida me fez procurar o Professor Boaventura de Sousa Santos, já que aos olhos

⁴ Bourdieu, por exemplo, com sua origem simples, chega ao ápice da consagração intelectual e isto, para ele, parece penoso. Esta realidade lhe aparece como um conflito, assumir uma prerrogativa objetiva conquistada com seu mérito, no entanto, sua apropriação subjetiva se mostra como alguém destituído dos requisitos garantidos pela aptidão burguesa. Em suma ele não acreditava que "merecesse" estar em algum lugar que não fosse o "seu" – àquele determinado socialmente- e ainda alimentava um sentimento de culpa por saber que seu pai morrera pouco antes, sem ter conhecido ou vivenciado nada daquilo, é o barbarismo social dos acessos no qual estamos submetidos enquanto classe. Considero toda esta ideiação importante, nos colocarmos em pensamento "no lugar do outro" - seja um pintor, um pedreiro, um indígena, um aluno, e daí entender o lugar que ocupamos socialmente. Para Bourdieu, o crítico só existe enquanto tal quando encontra sua vida no interior dos textos que lê. Marx também apontava nesta direção quando se depara com os problemas sociais concretos é levado a rever sua concepção de Estado como positividade, como predicado intrínseco ao ser humano, assim sendo, rompe com a filosofia idealista Hegeliana. Esta rutura com a filosofia idealista lhe permitiu a percepção da relação determinativa entre sociedade civil e Estado momento em que ele identifica o metabolismo das relações sociais, da determinação do mundo humano em sua totalidade.

do Prof. Sinclair, Prof. Boaventura era/é alguém com sensibilidade suficiente, referência de conduta de caráter para me orientar sequenciando meus estudos. E foi assim, com luta com e galhardia que cheguei cá e conheci o Prof. Boaventura a quem devo agradecer pela generosidade, a liberdade e a compreensão e respeito as minhas convicções teóricas. Certamente dei um salto ontológico a partir desta experiência e devo a ele parte deste percurso.

Agradeço o convívio com a Lassalette, uma grande mulher que me apoiou sempre, ouviu minhas histórias tristes e alegres, foi uma amiga, juntamente com a Catarina por me apoiar com um sorriso.

Agradeço ao povo equatoriano que me recebeu carinhosamente e me abraçou compartilhando todas as dificuldades e alegrias de viver neste continente.

Aos meus amigos brasileiros da escola onde trabalhei no meu bairro, companheiros amigos sociólogos/sociólogas e ativistas. Em especial ao Rafa e a Josi que me acompanharam diariamente desde que saí do meu país, aos amigos que fiz no Centro de Estudos Sociais, foram muitos, seria impossível mencionar todos. Aos amigos da rede virtuais que diariamente realizam debates e divulgações entre afro/ameríndios.

Agradeço a amiga portuguesa Paula Sobral que me adotou como parte da sua família e que recuperou em mim a vontade de continuar a lutar, ao amigo Bruno Milleo amigo e confidente acadêmico. Desde Bruxelas, agradeço ao Sebastien que me ensinou a desfrutar um pouco a vida a quem também admiro, já que escolheu “ser humano” e lutar pelos oprimidos. Agradeço aos serviços médicos da Universidade de Coimbra que no momento em que estive psiquicamente mais abaixo, me apoiaram. Neste trajeto não poderia deixar de agradecer a Isildinha, que me conheceu no Brasil e que, percebendo da gravidade da minha situação, fez uso da generosidade me trouxe à consciência que o sofrimento não era inerente a mim e assim é preciso saltar diariamente os obstáculos hostis aos quais estamos submetidos.

Agradeço carinhosamente aos meus irmãos, meu sobrinho, minha tia e primos, porque são trabalhadores demais, pouco letrados, porém sábios. São neles onde me reconheço, no recomeço diário, sabendo que o conforto é uma lenda e a segurança um sonho. Finalmente agradeço as pessoas que se tornaram minha família em Portugal ao Rogério em especial, apoiador incondicional das minhas escolhas, pelo afeto diário e por me acompanhar, *aprendemos cedo a abrir as asas da alma* e somente por isto queremos viver com simplicidade no mundo que nos estimula à mercantilização do todo.

Resumo

A economia das sociedades mundiais do século XX reconheceram no petróleo a sua principal fonte de energia. Contudo, a partir do século XXI, muitas alterações ocorreram face às possibilidades de esgotamento, das oscilações de preços do óleo negro, além das mudanças climáticas e dos impactos sociais destes processos e de ocorrências que colocaram o aprimoramento de fontes alternativas de energias como um debate medular. Apesar disso, o petróleo continua relevante na economia capitalista. Em que pese as contradições quanto ao decréscimo das divisas oriundas da exploração petrolífera na América Latina e até mesmo privatização das empresas de energia, os governos denominados à esquerda nas últimas décadas adotaram essa matriz energética como a principal fonte de financiamento do seu desenvolvimento social. Fundaram, na renda do extrativismo dos recursos naturais, a inversão em políticas de redução das desigualdades sociais em várias áreas. Acarretando em mudanças expressivas, porém limitadas, no cenário político e econômico da região. Parte das crises políticas do Estado na América Latina estão ligadas ao extrativismo dos recursos naturais destinados aos centros hegemônicos do capitalismo. É deste cenário mais amplo que esta tese ganha robustez. O caso a ser analisado é o do Equador, que experienciou um período de bonança petroleira, porém o país não conseguiu dar o salto esperado e romper com as estruturas que o prendem ao subdesenvolvimento, não alçou o seu chamado *Buen Vivir*, sendo esta uma das conclusões deste trabalho. A contradição deste cenário no Equador é sobrelevada na abertura das explorações petrolíferas no Parque Yasuní (área de preservação ambiental e indígena). Fato que colocou o ex-presidente Rafael Correa em disputa com líderes indígenas do país que foram seus maiores apoiadores no primeiro mandato. O governo que reconheceu constitucionalmente a natureza como sujeito de direitos, inaugurou um projeto Yasuní ITT bastante inovador que intencionava não explorar uma grande quantidade de petróleo localizado nesta reserva ambiental, se mostrou atrofiado ao extrativismo. Em 2013 o projeto anti extrativista foi abandonado em nome do desenvolvimento e do progresso, que atualmente o que pode ser entendido como simbólico de um mais novo projeto desenvolvimentista capitalista. Esta tese analisa os desdobramentos desta contradição equatoriana, ou seja, o projeto Yasuní ITT que pretendia deixar o petróleo debaixo da terra, evitando a emissão de toneladas de dióxido de carbono no ar, preservando a Amazônia e os

povos originários; em contraponto com o modelo de Estado Plurinacional baseado em uma inovadora Constituição dentro de um *capitalismo dependente*. O período analisado concerne entre 2013 a 2016, justificado da decisão pela exploração no governo *Correista*. Inspirando-me nas *Epistemologias do Sul* identificamos no terreno, os impactos, silêncios e contradições que perpassam estas mudanças.

Palavras-Chave: Parque Yasuní, Petróleo, Extrativismo, Equador, Desenvolvimento

Resumen

La economía global del siglo XX ha reconocido al petróleo como su principal fuente de energía. Sin embargo, a partir del siglo XXI, se han producido muchos cambios ante el agotamiento próximo del oro negro, sus fluctuaciones de precio, el cambio climático y los impactos sociales que este proceso acarrea, todo lo cual ha llevado a que la incorporación de fuentes de energía alternativas se transforme en un debate medular. Igualmente, el petróleo sigue siendo relevante en la economía capitalista. A pesar de las contradicciones con respecto a la disminución de los dividendos obtenidos por la exploración petrolera en América Latina e incluso pese a la privatización de las compañías energéticas, los gobiernos de izquierda en las últimas décadas han adoptado este recurso como una fuente privilegiada de financiamiento para su desarrollo social. Con base en los ingresos de la extracción de recursos naturales, sostuvieron la inversión en políticas públicas para reducir las desigualdades sociales en diversas áreas. El resultado de esta perspectiva consiste en que se han producido cambios significativos pero limitados en el panorama político y económico de la región. Parte de las crisis políticas del estado en América Latina están vinculadas a la extracción de recursos naturales destinados a los centros hegemónicos del capitalismo. En este escenario amplio esta tesis se inscribe decididamente. El caso a analizar es el de Ecuador, que experimentó un período de auge petrolero, pero el país no logró dar el salto esperado y romper con las estructuras que lo unen al subdesarrollo, y por tanto no le fue posible desplegar sólidamente el "Buen Vivir", siendo esta una de las conclusiones del trabajo. Son contradicciones que en Ecuador se plantearon por la apertura de exploraciones petroleras en el Parque Yasuní (área de preservación ambiental e indígena), lo cual puso al ex presidente Rafael Correa en tensión con los líderes indígenas del país que fueron sus mayores partidarios en el primer mandato. El gobierno, que reconoció constitucionalmente a la naturaleza como sujeto de derechos, inauguró un proyecto innovador de Yasuní ITT que pretendía no explotar una gran cantidad de petróleo ubicado en esta reserva ambiental, fue ganado por el extractivismo. En 2013, el proyecto anti-extractivo se terminó por abandonar en nombre del desarrollo y el progreso, que ahora solo puede entenderse como desarrollo capitalista. Esta tesis analiza las consecuencias de esta contradicción ecuatoriana, a saber, el proyecto Yasuní ITT que pretendía dejar el petróleo bajo tierra, evitando la emisión de toneladas de dióxido de carbono al aire, preservando la Amazonía y los pueblos originarios; en contraste con el modelo de Estado

Plurinacional basado en una constitución innovadora dentro de un capitalismo dependiente. El período a analizar es de 2013 a 2016, justificado por la decisión de explotar petróleo en el gobierno correista. A través de una "Epistemología del Sur" identificamos en el terreno los impactos, silencios y contradicciones que impregnan estos cambios.

Palabras Clave: Petróleo, Parque Yasuní, Extractivismo, Ecuador, Desarrollo

Abstract

National economies of the 20th century world society have recognized oil as their main source of energy. However, in the turn of the 21st century, many changes have occurred in the face of oil depletion, crude oil price fluctuations, climate change and its social impacts, leading us to seek to enhance alternative energy sources. Nevertheless, oil remains unprecedentedly relevant in the capitalist economy until today. In spite of the contradictions following the decrease of the currencies derived from oil exploration in Latin America, and even the privatization of national energy companies, left-wing governments in recent decades have adopted this energy source as a driving force and necessary condition to fund their social development agenda. Financed by the revenues from the extraction of natural resources, these rentier states were able to pass reformist policies meant to reduce social inequalities in various areas. These have resulted in significant but limited changes in the political and economic landscape of the region. The political crises that have lately destabilized the Latin America state can be partially explained by the fact that the extraction of natural resources remains oriented towards the needs of the hegemonic centers of capitalism. It is in reference to this broader scenario that this thesis dissects the case of Ecuador. A country that has just experienced a period of oil boom, Ecuador failed to make the leap and break with the structures that binds it to a scenario of underdevelopment. Most importantly, it categorically failed to implement the so-called Buen Vivir doctrine, which is one of the most important conclusions of my research. The contradiction of the scenario in Ecuador manifests itself in the opening of oil reserves located in the Yasuní Park, an environmental and indigenous preservation area. This proved to be a decision that polarized the former president Rafael Correa against the indigenous leaders of the country who had been his biggest supporters in the first term. The government, which had constitutionally recognized nature as a subject of rights and first inaugurated a rather innovative Yasuní ITT project intended not to exploit a large amount of oil located in this environmental reserve, ended up reproducing the logics of extractivism. In 2013, the anti-extractive project was abandoned in the name of development and progress, which can in retrospect be understood as reminiscent of another capitalist development project. This thesis analyzes the consequences of this Ecuadorian contradiction, namely how the Yasuní ITT project, which at first intended to leave oil underground, thus preventing high carbon dioxide emissions and preserving the Amazon

and the original peoples, in reality contrasted with the Pluractional State model, its innovative constitution and, especially, its dependent capitalist economy. I analyze the period between 2013 to 2016, as it juxtaposes with the Correista administration which is the ultimate responsible for the decision to exploit oil in the Yasuní Park. Through an approach inspired by the Epistemologies from the South, I identify the impacts, silencing mechanisms and contradictions that permeate these policy changes.

Keywords: Yasuní Park, Oil, Extractivism, Ecuador, Development

Lista de Abreviaturas

ALCA – Área de Livre Comércio das Américas
AP – Alianza País
API - Instituto Americano de Petróleo
BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento
BP – British Petroleum
CAAP - Centro Andino de Acción Popular
CEDENMA - Coordinadora Ecuatoriana de organizaciones para la Defensa de la Naturaleza y el Medio Ambiente
CEDEP – Centro de Estudios para el desarrollo y la participación
CDHU - Comissão Ecumênica de Direitos Humanos
CDES - Centro de Derechos Económicos y Sociales
CECIM - Corporação Equatoriana de Cooperação e Inclusão das Mulheres
CEOSP – Confederação Equatoriana de Organizações da Sociedade Civil
CEPAL - Comissão Económica para a América Latina e Caribe
CEPRAP – Centro Brasileiro de Análise e Planejamento
CEMIG – Companhia Energética de Minas Gerais
CICDHA - Coletivo sobre Financiamento e Investimento da China, Direitos Humanos e Meio Ambiente
CIDH - Comissão Interamericana de Direitos Humanos
CLACSO – Conselho Latino americano de Ciências Sociais
CME – Centro de Estudos Martianos
CNE – Conselho Nacional Eleitoral
CNPC – Company National Petroleum Corporation
CODENPE - Consejo de Desarrollo de las Nacionalidades y Pueblos del Ecuador
CONAIE – Confederação de Nacionalidade Indígenas no Equador
CRE – Constituição da República do Equador
EIA – International Energy Agency
EPE – Empresa de Pesquisa Energética
FAO – Fundo de Agricultura e Organização das Nações Unidas
FLACSO – Faculdade latino-americana de Ciências Sociais
FIAAM - Fundación de Investigaciones Andino Amazónicas
IBP - Instituto Brasileiro de Petróleo, Gás e Biocombustíveis
IOC –International Oil Companies
JOC – Juventude Operária Católica
INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Especiais
ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros
MOGAP - Módulo de Gestión de Atención Ciudadana
MERCOSUL – Mercado Comum do Sul
NAWE – Nacionalidades Waorani do Equador
NOC – Companhia Nacional de Petróleo
NLM – Nova Lei de Migrações
ODS – Objetivo para o Desenvolvimento Sustentável
OEA – Organização dos Estados Americanos

OEC – The observatory economics of complexity
OIT – Organização Internacional do Trabalho
OLADE – Organização Latino Americana de Energia
ONG – Organização Não Governamental
OPIP - Organização de Pueblos Indígenas de Pastaza
OTCA – Organización del Tratado de Cooperación Amazónico
PACHAKUTIK – Movimento pela Unidade Plurinacional
PNY – Parque Nacional Yasuní
PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PIB – Produto Interno Bruto
PT – Partidos dos Trabalhadores
RAE – Região Equatoriana Amazónica
SENPLANDES – Secretaria Nacional de Planejamento e Desenvolvimento
UDAPT – União dos povos afetados pela Chevron Texaco
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

*A vida é assim: esquenta e esfria, aperta daí
afrouxa, sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem
(Guimarães Rosa, 2014)*

Clepsidra da Tese

Agradecimentos	
Resumo	
Resumen	
Abstract	
Agradecimentos	4
Resumo.....	1
Resumen.....	3
Abstract.....	5
Lista de Abreviaturas	7
Clepsidra da Tese.....	10
Índice de Ilustrações.....	14
Começar é sempre difícil	15
I. Uma vida de práxis não cabe em uma tese.....	15
INTRODUÇÃO	20
Capítulo I - As <Epistemologias do Sul> e a consolidação de um imaginário transformador	27
1.1 Como construir uma tese pós abissal.....	27
1.1.2 A história não caminha sozinha	30
1.1.3 A abissalidade em Marx.....	31
1.2 A sincronia latino-americana, um resgate histórico	41
1.3 Um continente de esperança	49
1.4 As riquezas nunca satisfazem um imaginário capitalista	54
Capítulo II – Por uma emancipação latino americana: Capitalismo, Estado e desenvolvimento	64
2.1 Capitalismo e América Latina Colonial	64
2.2 América Latina: um capitalismo sui generis	76
2.3 Políticas neodesenvolvimentistas: Socialismo do Século XXI no Equador.....	89
2.3.1 Buen Vivir, o remédio amargo da Revolução Cidadã.....	98
2.1 A (de) formação do Estado na América Latina, Estado Plurinacional no Equador como um leito de Procusto Jurídico.....	108
2.4 A contenda da plurinacionalidade estatal	110

2.5 Ideário de formulação do Estado moderno europeu	116
2.6 Reformulação do Estado no Equador	120
2.6.1 Plurinacionalismo como superação das dicotomias.....	125
Capítulo III - A questão Energética	129
3.1 Energia e política	129
3.1.1 Estatuto petrolífero.....	140
3.2 A dependência ao petróleo	143
3.3 O papel do Petróleo no Equador.....	145
3.3 Ciclos Amazônicos	152
3.4 As políticas petrolíferas no período correista entre 2013 -2016.....	161
Capítulo IV - Conteúdos Estruturantes da Metodologia.....	169
4.1 O presente e o prolongamento do passado	169
4.2 Porque Equador?.....	169
4.3 Problematização.....	170
4.4 Contextualização do conflito Yasuní ITT	173
4.4.1 Relevância do problema.....	179
4.5 Introdução a metodologia	180
4.6 Tese – Por uma epistemologia existencial e coletiva	186
4.6.1 Hipótese de partida e Objetivos.....	187
4.6.2 Objetivos.....	189
4.6.3 Justificativa.....	191
Capítulo V – Autorreflexividade.....	193
5.1 Dentre as travessias, sou atlântica	193
5.2 O caminho que se faz caminhando.....	197
5.3 Desenvolvendo uma alteridade plural como forma de buscar valores na história	201
Capítulo VI - Sintomas das desigualdades.....	207
6.1 Pastaza e as <inteligibilidades recíprocas>	207
6.2 Saberes e conflitos desde Yasuní.....	213
6.3 Vos apresento as nossas <iracúndias>.....	223
6.4 Assumindo a teoria pela prática - El Cantón Nabón	232

6.5 Comunidade de Shiña – Azuay – Província de la Sierra.....	232
6.6 Comunidade de Água Blanca – Província de Manabi – Costa.....	238
6.7 Asunción – Cantón Sucúa – Província Morona e Santiago.....	249
6.8 Um <colonialismo insidioso> culturas commodities e o turismo como oposição	258
Capítulo VII - Contradições e tensões: o <i>Buen Vivir e o</i> neodesenvolvimentismo	268
7.1 Para Yasunizar é necessário <Corazonar>	271
7.2 Ideário Constitucional e resistência dos povos.....	287
7.2.1 Buen Vivir e Buen Viveres.....	300
7.3 Ausências, emergências e luta de classes <étnicas>	304
7.4 As ONGS a <ONGuização> e suas medidas transitórias	320
7.5 As ONGs e o <i>Correísmo</i>	323
7.6 As bases não podem se calar	329
Capítulo VIII - Conflitos e perspectivas: uma utopia andina.....	335
8.1 Extrativismo e neoextrativismo	340
8.2 Ecologismos internos e externos; as matérias primas podem frear o capital	346
8.3 Um conto chinês	355
8.3.1 Subimperialismo brasileiro	367
8.3.2 Libertar o presente do passado.....	371
Conclusão - A caixa de Pandora foi aberta	375
Bibliografia	389
Publicações online	422
Textos de Blog.....	433
Documentos oficiais	435
Páginas consultadas	436
Software utilizado.....	439
Vídeos.....	439
Anexos	441
Apêndice A – Entrevistadas/os	446
Entrevistas.....	446

Observação Participante	446
Apêndice B - Questionário Base	447

Índice de Ilustrações

Imagem 1 Ecuador Cuyuja - Trans-Ecuadorian Oil Pipeline	153
Imagem 2 Terraço de uma morada em Puyo	212
Imagem 3 Cronograma II Encontro de Alternativas de Desenvolvimento desde o Sul	229
Imagem 4 Vista da comunidade de Shiña	236
Imagem 5 Líder e guia da comunidade Água Blanca	240
Imagem 6 Entrada da praia Los Frailes	245
Imagem 7 Vista da praia Los Frailes	245
Imagem 8 Museu de Água Blanca	246
Imagem 9 Laguna sulfurosa.....	247
Imagem 10 Entidades e comunidades no Encontro em Quito	261
Imagem 11 Encontro de Entidades	264
Imagem 12 Imagem de Campanha do Coletivo Yasunidos	275
Imagem 13 Katy Machoa na CONAIE.....	309
Imagem 14 Conselho Ampliado Confeniae	331
Imagem 15 Mercado Comum em Cuenca.....	337
Mapa 1 Blocos Petrolíferos no Parque Yasuní	176
Mapa 2 Localização do Parque Yasuní.....	188
Mapa 3 Meu Percurso	201
Mapa 4 Pastaza e a localidade de Puyo.....	208
Mapa 5 Localização da Comunidade Shiña.....	233
Mapa 6 Comunidade de Água Blanca.....	239
Mapa 7 Comunidade Paroquial Asunción – Sucúa.....	250
Figura 1 Produção de Energia no Equador elétrica por fontes (%)	149
Tabela 1 Cronologia dos eventos Yasunidos	441
Tabela 2 Presidentes do Equador desde 1979.....	445

Começar é sempre difícil

I. Uma vida de práxis não cabe em uma tese

Neste trabalho assumimos nossa própria fala.

Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa (Gonzalez,1984).

Cada personagem no mundo é capaz de revelar em si um conteúdo e o sentido da história daquele momento, e é desta paixão pelo real que partimos, assim, quando optei pelo curso de sociologia pensei no meu entorno como possibilidade de estudo. O encorajamento para me debruçar nos estudos sociológicos latinos americanos, só apareceu mais tarde, tal como Guerreiro Ramos (1957) percebi que nada estava solto em minha cabeça e havia uma necessidade de responder aos desafios do nosso tempo. Como diria Lukács (1975) a consciência demora a chegar, hoje tenho um pouco desta consciência que não possuía quando comecei o curso de sociologia em 2003. Naquele tempo, buscava entender as razões da minha própria condição, que não era só minha, mas da maioria das pessoas com as quais ainda convivo conhecendo todas as suas limitações materiais, emocionais as quais fomos acossados, a periferia da periferia do mundo. Parti da ideia que nossa história, do nosso bairro, precisava ser recuperada. Aos poucos fui descobrindo o significado de ser latino-americana, mulher mestiça, filha de trabalhadores ativistas, moradora de uma periferia no ABC.

Nunca pretendi falar javanês, tal como escreveu Lima Barreto (1997) em um dos seus contos a denunciar um Brasil doente e marginalizado que busca saltar sua própria realidade para se fazer dar certo. E um outro conto de Lima Barreto (1997) titulado número da sepultura⁶ trata das pessoas que apostam todas as fichas nos clichês habituais em uma sociedade que nos esvazia de sentido o espírito, se pode ter tudo e continuar sentindo-se nada. Saindo da consciência ingênua nos sentimos cada vez mais excluídos em um mundo

⁵ O trecho foi inserido, pois durante todos estes anos vivi ao lado de um aterro sanitário, assim as placas que direcionavam a minha residência diziam “lixo”, hoje já não é mais assim, isto se tornou chiste entre nós.

⁶ O conto retrata a vida de uma mulher que após o casamento percebe que nada mudou para sair da condição plácida de existência recorre aos jogos de azar que lhe dão algum respiro.

“Contudo, esperava, no casamento alguma coisa de inédito até ali, na sua existência de mulher: uma exuberante e contínua satisfação de viver. Não sentiu, porém, nada disso. O que houve de particular na sua mudança de estado, foi insuficiente para lhe dar uma sensação nunca sentida da vida e do mundo. Não percebeu nenhuma novidade essencial...” (Barreto, 1997:12)

capitalista, concorrente e individualista, por outro lado, lapidamos aquilo que temos de mais fundamental – a noção coletiva de humanidade. Nesta *humanidade*⁷, todos estão implicados, não somente a Europa, ainda que, por vezes, a América Latina perpetue o contrário, reforçando nossa subalternidade e nossa mentalidade colonial. Felizmente existem os remadores, aqueles que ganham musculatura remando contra a maré, Astúrias foi um destes, demonstrando que os guatemaltecos tinham na sua origem o milho e existia uma mitologia Maia que nunca me foi ensinada.

Em 1917 Astúrias, que viveu junto a uma tribo indígena, escreveu “Os mendigos políticos⁸” um pouco antes de Mariátegui⁹, autores tardiamente por mim descobertos, mas que, após lidos, me fizeram ter outra perspectiva da realidade deste lado da linha. Astúrias não ficou imune aos pensamentos de sua época e sua obra “*O problema social do índio*”, uma das primeiras análises acerca dos indígenas guatemaltecos, sugeria soluções para o que era visto como um “problema” do tipo evolucionista, algo que favorecesse a ocidentalização destes povos (Astúrias, 2019). Lendo suas obras percebe-se que Astúrias possuía dentro de si o desejo de melhora, mas era incapaz de vislumbrar outras alternativas, por vezes até parecia temer pelo desaparecimento dos povos. Na entrevista realizada com os Mapuches em 1978¹⁰ Astúrias, salientou a necessidade de continuar falando por si, corrigindo os erros do passado, construindo alianças e buscando alternativas de forma coletiva. Na entrevista, os Mapuches¹¹ falavam em protagonizar os processos e nesta esteira, sempre tentei pensar e agir no mundo reencontrando os nossos valores culturais em conjunto com meu valor neste processo. Acostumamo-nos a ouvir a história contada por meio de uma única fonte como afirmou Souza (1999)

Cantando Camões, os conquistadores de ontem e de hoje, atravessaram mares nunca dantes navegados protegidos pela força divina dilataram seu Império; com o engenho e arte espalharam seus barões; e sequiosos pelo poder edificaram Novo Reino, à custa daquela “gente remota” que dominaram (Souza, 1999:177).

⁷ Grifo da autora, me refiro aquela que se pretende construir.

⁸ Tal romance foi titulado “O senhor presidente” em 1946, após a ida de Astúrias à Europa (Castro, 2007). A tese mencionada na bibliografia é um grande aporte para compreensão de como Astúrias foi influenciado pelos diversos momentos históricos e pelos países nos quais viveu e vivenciou uma ebulição de transformações em que ao mesmo tempo que reconhecia a contribuição indígena no processo de criação literária não conseguia libertar-se completamente em que ao mesmo tempo saciou um sede identitária da época em retratar o indígena a partir de um imaginária em um residual civilizador em que o autor estava imerso (Castro, 2007:41).

⁹ Seu livro mais influente data de 1928 (Pericás, 2010)

¹⁰ Melillán Painemal Y Comité Exterior Mapuche (C.E.M.) (2019)

¹¹ Ibidem

É importante traçar paralelos entre o passado e o presente, desde a colonização à entrada no capitalismo e o extermínio dos povos, quem são eles e elas? Os anônimos? O que herdamos deste processo?

Nesta investigação tento não ser àquela socióloga brasileira descrita por Ramos¹² (1957) que possui uma relação dedutiva etnocêntrica com o conhecimento, ou seja, narra os fatos e assume como ponto de partida somente autores prestigiados, europeus e estadunidenses¹³ adotando por meio do “sincretismo e da simetria”, o reconhecido como desenvolvido, sem qualquer crítica.

Sendo brasileira e investigando o Equador, tentei não ser a “estrangeira”, não falhar na compreensão que uma socióloga necessita de alguma vivência, porém, só isto também pode não ser suficiente. Ora, mesmo sendo brasileira e consciente da subalternidade que também me é dada, não posso assumir os nossos estudos como acabados, tampouco os autores/as clássicos sob os quais nos apoiamos¹⁴, somos produtos da história, logo, temos os limites da compreensão de nossa época¹⁵.

Neste cotidiano de agonia não é possível abdicar de fazer política, mesmo dentro da caverna por vezes enxergamos alguma luz, o mundo do trabalho apresentado desde muito cedo é uma característica própria da América Latina em sua força de trabalho superexplorada. Tal como afirmou Santos (2017d:65) “a grande maioria da população mundial não é sujeito de direitos humanos, mas objeto de discursos dos direitos humanos”. Em minhas andanças no Equador, no Paraguai na Argentina e em outras periferias brasileiras isto sempre esteve nítido, a vida, no geral, é muito pouco vivida. Foi daí que passei a entender a importância de Bautista Vidal, o físico e engenheiro brasileiro que escreveu na contracapa de seu livro “A civilização suicida” com a fotografia de um Brasil que caminhava rumo ao desmembramento quando tinha – e ainda têm - condições

¹² Grifo do autor. Este debate também foi realizado por Canclini (1983).

¹³ Cabe lembrar aqui a partir das observações que realizo, nunca estivemos (latino-americanos) tão imersos em tudo que tenha origem “estrangeira” filmes, vestuários, diálogos, tudo nos coloca esta dimensão que não participamos da gênese dos processos. Este resgate e valorização de outros saberes, que não os hegemônicos tornou-se uma espécie de trabalho de formigas, afim de nos darmos conta que somos uma extensão destes diversos povos e que, a medida que a estranheza em relação ao outro se torna o regular na forma de ver o mundo, somos apagados cotidianamente.

¹⁴ A era dos gigantes não passou, porque simplesmente nos deixaram um caminho muito pavimentado sob o qual podemos caminhar, caminhando nos debruçando sobre tudo que já foi feito e encontrando novos horizontes e respostas (Eco, 2004).

¹⁵ Recordei-me de uma professora que tive na Antropologia no curso de Ciências Sociais que dizia ser a crise do capital também a nossa, estamos imbricados no mundo, não conseguimos reproduzir a totalidade nem mesmo a nossa, daí afirmava que ler o capital em 1917 era muito diferente do que ler em 1980 e lê-lo hoje demandaria muito mais. Esta seria nossa relação histórica, nossos estudos são superficiais porque nossa realidade também é superficial e fragmentada, logo Lenin não seria capaz de ler Kant em seis meses, como fez no seu período.

excepcionais para se tornar uma grande potência mundial. Contudo, a mentalidade colonial dos seus governantes emperra e pior, carregam todos/as à uma condição servil e suicida (Vidal, 2000). Bautista Vidal é pouco lembrado enquanto teórico, bem como muitos outros e outras, foi ele que me fez ver as riquezas latino americanas, suas fontes de energia que alimentam o capitalismo mundial¹⁶.

Porque começo a tese tratando de tais temas? todos eles perpassam a minha existência, a condição colonial e a necessidade de escrever algo que seja relevante para pensar criticamente o mundo. Foi este meu programa de pesquisa, que é mais que um programa de pesquisa, mas sim um projeto intelectual para a vida. Sendo assim, esta tese tem um Sul que me orienta, pretende fugir das mistificações, de histórias embaralhadas que nunca se encontram e nos afastam da realidade. Nesta consubstancialidade, tive que voltar a mim para entender minhas ações, o porquê do meu apreço pela escrita, do meu caráter em negar o conforto do consensual, tarefa que não é simples, pois nos coloca em confronto com todo o tipo de sentimento e ressentimento a nossa volta. Somam-se a isto, minha origem, a racialização¹⁷, meu género e alguma dificuldade de adequação diante as sumidades do intelecto que me enxergam como alguém ‘de fora’¹⁸ mas também ‘de dentro’ de um pequeno mundo onde a maioria deles/as só conhece por via de leituras e de pesquisas.

Conquanto, para muitos, a realidade vivida não é uma coisa muito interessante, o que vale é saber historicizar, escrever bem e de forma cientificamente aceitável, dentro dos trâmites, e disto, regozijam-se, elevam seus egos, e tudo continua a seguir. Lembrei de Marx que em algum momento do seu livro “Liberdade de imprensa” (Gazeta Renana) menciona que Goethe dizia que o pintor só pintava bem as belezas femininas com as quais tinha alguma identificação, o mesmo vale para um sociólogo ele/ela só consegue apreender

¹⁶ No mesmo livro de 2000 ele resgata assertivamente a internacionalização da Companhia Vale de Rio Doce e sua mineração que agora conseguimos literalmente ver o tamanho da desgraça que nos colocaram, tratou do colapso dos combustíveis fósseis agregando toda a natureza onde está imersa toda a vida da humanidade. (No dia 25 de Janeiro de 2019 uma barragem chamada Mina de Feijão, localizada em Brumadinho, Estado de Minas Gerais, se rompeu levando tudo o que havia pela frente, contaminando rios, uma tragédia que já contabiliza 179 mortos e ao menos 131 desaparecidos. Segundo a matéria consultada a 28.02.2019 disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/23/politica/1550894014_083617.html>

¹⁷ Me parece fundamental o tratamento dado por Cusicanqui trata esta questão aproximando aymara do Ch'ixi, definindo o mestiço como o pintado, mesclado ou mestiço, que convivem diferentemente permite se confundir, mas não se misturar.

¹⁸ Embora não faça parte da linha pensamento a qual me proponho avançar na sociologia, Norbert Elias & Scotson (2000) trazem pistas importantes para compreender a complexidade das relações sociais se estabelecem a partir de estados intelectuais, emocionais e psíquicos que sejam próximos. Ainda que Elias tenha realizado seus estudos na Inglaterra mostrando as diferenças entre relações no campo e na cidade, sua própria história também se cruza com seus escritos, uma vez que ele era judeu nascido da Alemanha tendo que fugir do nazismo, o próprio sempre se definiu como outsider quando escrevia acerca do pertencimento.

aquilo que estuda quando são apaixonados pelo seu trabalho, como uma ponte que poderia alterar compreensões acerca da vida, cujo interesse vai além do seu umbigo estereotipado no egoísmo atual. E como diria Chasin (2000), muitas vezes por buscar a lucidez colhemos a maldição, se paga caro por isto. Porém, o medo não é algo que me acompanha, quem nasce na Cidade São Jorge domina rapidamente vários símbolos da vida, nenhum sujeito ali tem direito à escolha, já que a luta é diária, começa prematuramente, e mesmo negando, acabamos arrastados. Como no poema de Drummond “A flor e a náusea” muitas vezes em vão tentei me explicar, mas os muros são surdos, o sol tropical consola, mas não nos salva.

Quando lançamos o olhar para a América Latina, descobre-se uma latinidade, uma série de pluralismos que nos formam. Foi este acesso a literatura que me salvou diversas vezes neste trajeto, a realidade, fora do papel, aquela que vive conosco, no cotidiano, como afirmou Garcia Márquez (1982) ser compreensível que diante a ambiguidade deste continente muitos dos talentos tenham ficado sem um ‘método’ que nos desse um caminho, e por muitas vezes fizeram usos de réguas externas para nos avaliar. O mais importante aqui é entender que o sofrimento não é igual para todos e que a busca por uma identidade foi e é algo penoso para todos (Garcia Márquez, 1982).

A história da América Latina não poderá ser abolida por um decreto mágico anticolonialista, mas sim com luta. Destas lutas sempre nascerão pessoas como eu, como Marielle, Conceição Evaristo, Carolina de Jesus, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez etc., para dar nome as coisas e dizer o que elas são. É daí que advém o título deste tópico, a práxis periférica do Brasil e do mundo - até a revolução - que é primeiro consciente pra mim e depois para a sociedade – não cabem, na inteireza, em uma tese, porque escrever e estudar vai para além. Talvez eu seja alvo do mesmo preconceito colonial¹⁹ que me trouxe até cá, mas esta é a chave que me alenta a permanecer, isto significa que a divisão acontece em todos os âmbitos e ainda que estudemos, não estamos blindados das mesmas exclusões em cada lado da linha. Espero não ter cansando o leitor/a.

¹⁹ Santos (2017d).

INTRODUÇÃO

A reivindicação dessa tese não é ser uma explicação ou compilação das políticas equatorianas no que tange a questão energética equatoriana (petróleo), ao contrário, intenciona-se justamente encontrar flancos, limites e repetições em tais políticas. O propósito é compreender a tragédia da América Latina, rica em recursos naturais e desigual em diversos aspetos, atravessada por resquícios de um colonialismo que está longe de ser vencido e uma dependência econômica que, em tempos de crise se recrudescer. O que pretendo é dar um passo no propósito de finalizar esta aventura europeia, que nos colocou na posição de filhos bastardos e o não enfrentamento deste debate em sua radicalidade, desemboca no seu constante retorno. A enunciação é elevar aqueles que se rebelam do outro lado da *linha abissal*, que em um novelo se entrelaçam e as vezes se confundem dentro de um nó global, colocando os oprimidos contrários entre si (Santos, 2010).

Venho acompanhando esta dramática tarefa dos governos chamados progressistas ou à esquerda nos países latino americanos e o ascenso de políticas sociais e da venda das commodities desde os anos 2000. Com especial atenção ao Brasil e ao Equador, país que desde o início se mostrou complexo, porém radicalizado e alinhado, inicialmente com Bolívia e Venezuela. Finalizei o mestrado em 2011 perguntando até que ponto a Constituição aprovada em 2008, considerada uma das mais avançadas do mundo, poderia marcar transformações reais, e como a sociedade plurinacional equatoriana trilharia seus caminhos? Claro que é impossível traçar respostas prontas e conclusivas para este debate, estamos construindo, daí a importância de investigações comprometidas que dialoguem entre várias disciplinas, neste sentido, o doutoramento Direito Justiça e Cidadania no Século XXI teve muita relevância, como forma de sair do *egoísmo racional corporativo*, aquele se encerra nos ciclos de especialização e deixa de atender as necessidades de uma área e não do global/social (Chasin, 2000).

Nesta tese realizada no Centro de Estudos Sociais o intento foi redescobrir o Sul, também sob outras carizes, assim, realizei uma análise desde “dentro”, isto é, das modificações ocorridas no Equador no período justificado (2013-2016) investigando os processos de mudança e a estruturalidade das políticas voltadas ao Parque Yasuní. Compreende-se por políticas estruturais, nesta tese, àquelas que são fulcrais para o funcionamento da produção capitalista; que podem ser soluções no funcionamento de uma hegemonia regional e mundial; que são escassas ou relativamente escassas, insubstituíveis

ou provavelmente insubstituíveis, distribuídas de forma desigual; que podem desenvolver possibilidades de alterações sociais importantes²⁰.

Sendo assim, se coloca um protocolo de investigação/ação acerca da atual situação e sua projeção futura, fundamentada na reflexão com vistas à saída da condição latino-americana de subalternidade. Nesta tarefa rejeita-se qualquer tipo de academicismo anti-intelectual, ou seja, aquele que não está vinculado às alterações da sociedade àquela produção ou o produtivismo acadêmico alheado da realidade. Apropriar-se do saber humano, todo saber que foi e é produzido socialmente, é uma forma de dar suporte às transformações sociais, considerando que a Universidade, dentro do sistema global não é capaz de realizar as transformações por si só²¹. Logo, nossa tarefa é também criar zonas, aberturas, possibilidades para descolonizar o pensamento naquilo que nos impede de avançar. No caso desta tese, a teoria é a condutora da prática, por meio da teoria ganhamos possibilidade de realizar uma prática transformadora de si e do mundo, sem teoria não alcançamos às causas dos problemas, pensar o mundo em teoria não é uma abstração²². A ânsia, em seu pano de fundo, é compreender como podemos modificar *Nuestra América*²³ Latina fazendo uma análise concreta da situação concreta, para entender esta realidade exige-se o entendimento dos problemas que atravessam este continente.

Partir-se-á do esgotamento das políticas neoliberais na década de 1990 muitos governos denominados à esquerda foram eleitos. Sendo assim, nos 2000 América Latina teve o seu giro à esquerda, com a eleição de vários governantes com políticas aparentemente distintas àquelas então aplicadas, algo que trouxe esperança a população. O século XXI reavivou a questão do desenvolvimento da América Latina, atraímos atenção

²⁰ Fornillo, 2016

²¹ (Ribeiro, 1975; Santos, 2018)

²² Tal como afirmou Marx em sua polêmica com Proudhon, quem erra na teoria erra na ação. Aqui gostaria de referir a Prof^a Marilda Iamamoto (2004) em um livro que me chamava muita atenção desde a juventude, direcionado aos estudiosos do serviço social, expressava bem o que a forma como ação/pensamento/realidade por meio de um movimento crítico latino americano. Iamamoto (2004: 115-116) fala da prática social como atuação no mundo, ainda que seu enfoque esteja na atuação dos profissionais do serviço social a crítica ainda é válida, já que a autora expõe o debate hegemônico que chegou ao Brasil na década de 70 e que levou a três posicionamentos perante a realidade; a) qualquer atividade era válida, ou seja, qualquer intervenção na realidade tem um sentido em si, b) uma prática utilitarista que pode ser traduzida com a eficácia da técnica, isto é, se deu algum resultado foi satisfatório é suficiente; c) prática na imediatividade, que se resume às práticas que sozinhas revelariam uma teoria - desconsiderando que vivemos e somos influenciados por este mundo que vivemos – logo, as teorias se revelariam naturalmente e seriam autossuficientes. Tais críticas levariam ao afastamento e rebaixamento da teoria e uma canonização da prática, aos quais apenas os que vivenciam cotidianamente exaustivamente determinada situação estariam aptos a falar, seriam assim os únicos com possibilidades de explicar e executar práticas. Logo, o profissional, aqui amplio a análise para todos aqueles/as que caem nas armadilhas de tais afastamentos, hoje possuem uma dimensão essencialista, tornando o real opaco e os profissionais prisioneiros de sua própria atuação, incapazes de aprender em outras esferas.

²³ Grifo nosso em alusão ao livro de José Martí.

do mundo, principalmente após a falência do ‘socialismo²⁴’ e a vitória da social democracia em suas diversas vertentes. Logo, passamos por um momento de reconstrução de paradigmas, após décadas de movimentos populares e sociais sendo rechaçados por repressão ditatoriais vividas por grande parte destes países.

Neste ínterim, assistiu-se um aumento das políticas sociais e ciclos de desenvolvimento que, a princípio, aparentavam uma grande guinada de melhorias, mas que atualmente percebe-se seus limites. Muitos dos discursos aparentemente revolucionários vieram acompanhados de práticas duvidosas e reformistas, mas não descartáveis²⁵, mesmo os mais esperançosos em tais programas fomentavam suas dúvidas. O alívio económico para a população pobre veio muito mais da conjuntura internacional que das ações políticas do governo. Alguns teóricos já conseguiam vislumbrar as alamedas da derrota.²⁶ Um ziguezaguear que demonstrou a incapacidade de ultrapassar as baías do capitalismo, lançaram um reordenamento no capitalismo, porém, o mesmo se manteve em pé²⁷.

O enfoque da investigação é dado também para a abundância em matérias primas energéticas e a forma como mundialmente se busca alternativas para substituição e dependência do petróleo e a dependência dos países latino americanos nesta comercialização. Tão importante como tratar as decisões e limites das políticas na América Latina é entender a função histórica da energia em especial dos combustíveis fósseis no capitalismo, considerando que a crise climática está diretamente relacionada com as ondas de acumulação, ou seja, produz-se riqueza e miséria ao mesmo tempo, no limite dos recursos naturais. Considerando que a realidade não pode ser radicalmente transformada, tendo como energia motriz o petróleo e seu exaustivo uso.

Uma pesquisa²⁸ realizada no período entre 2000 e 2010 analisou o padrão de acumulação relativo ao petróleo no Equador e suas indústrias extrativas, alguns mecanismos prevalecem sobre outros, mas, as consequências deste processo serão acompanhadas por impactos diretos nas comunidades que vivem nestas áreas, bem como em toda a população. Logo, esta investigação também se lança a visibilizar os ‘anônimos’ deste processo, os “ninguéns” do Galeano, a escória do mundo, que permanecem em uma democracia incompleta, onde as leis muitas vezes são incapazes de extrair toda a complexidade arraigada nas periferias do mundo (Souza, 2016).

²⁴ Ver nota 78 um debate acerca do conceito.

²⁵ Lembrando a Rosa Luxemburgo quando se perguntou: reforma ou revolução? Em sua análise respondia “que ambos deveriam andar paralelamente” (Luxemburgo, 2002).

²⁶ Oliveira, 2003; Chasin 1990; Pachano, 2007; Santos, 2016d; Santos, 2018d

²⁷ Beinstein, 2016a

²⁸ Ruiz & Iturralde, 2013:15

A forma como a situação energética e climática é debatida gerou uma série de interesses em temáticas relacionados a sustentabilidade, modos de vida e produção de energia “limpa”, conceitos extremamente carregados de contradições, porém, o paradoxo central está diretamente relacionado ao modo de produção atual²⁹. Não se trata de uma simples relação causal entre aumento do consumo e esgotamento energético, mas sim de uma relação dialética e cada vez mais indistinguível entre clima, energia e modo de produção. Portanto, a questão energética mundial está na espinha dorsal do capitalismo financeiro que aniquila ou erige economias de vários países e que, ao tentar dar alguma resposta aos países colonizados agrava ainda mais suas contradições. Como já foi mencionado, nenhuma leitura realizada nesta tese foi sob o espectro litúrgico intelectual que muitos estudiosos/as utilizam de forma eclética e pouca rigorosa. Ao contrário, o questionamento científico é inexorável com o objetivo de contribuir anatomicamente com a essência do problema que não é único, tampouco isolado. Inclusive é um problema latente na nossa região o nosso desenvolvimento nunca acontece de forma plena, porém como dizia Retamar (2005) somos Caliban, rebeldes anticoloniais³⁰, é uma tese que denomino enraizada, pois é da história da América Latina que me nutro humanamente.

Sendo todo início sempre difícil, esta pesquisa perquirirá por temas amplos e específicos, preliminarmente, faço uma análise situada dos meus estudos, que possivelmente não se encerrará com a tese. O caminho é longo, a realidade está repleta de meandros complexos, conquanto, aprendi a ter os pés na realidade, ainda que descalços. Esta pesquisa também possui um caráter transversal que passa por temas relacionados a energia, as teorias do desenvolvimento americanista por meio das *Epistemologias do Sul*, bem como a área jurídica. São estas concentrações teóricas que devem perquirir e arrimar metodologicamente este trabalho. Entraremos na antropologia e nos estudos etnográficos para alcançar outras vivências, que apesar de próximas em termos geográficos, possuem outra historicidade.

Os debates perpassados nesta investigação são assuntos que sempre reaparecem na América Latina, por vezes parecemos ter superados alguns deles, porém, a meu ver, são fundantes, isto significa que não conseguimos resolver nosso caráter colonial, subdesenvolvido e dependente na ordenação do capitalismo mundial. Deste modo, é necessário retomar as várias esferas de análise ao mesmo tempo. É este histórico e o

²⁹ Bellamy & Diamanti, 2018

³⁰ Silvia Federici complementa que vai além da literatura caribenha Calibã é o corpo proletário mundial (2017, 23).

*sentido da colonização*³¹ que marcam nossa inserção na dinâmica econômica mundial, a essência e dinamização, de como as nossas riquezas naturais e humanas são utilizadas, redefinidas e desarticuladas a partir de determinados interesses. Por sua vez, a construção desta pesquisa almeja apresentar as dissemelhanças entre intelectuais críticos que se debruçaram à compreensão de tais temáticas.

Com base em uma recuperação teórica que retomo a crítica e a radicalidade no cone sul, atentando para o fato que a compreensão dos nossos processos históricos formam um nó que ata a todos nós, daí a necessidade de escavarmos, trazendo a tona o que foi ocultado, silenciado, dentro de epistemologias que valoravam somente o norte desenvolvido como universalidade, nos colocando a reboque de sua história (Santos, 2018). Consciente da existência de uma vasta literatura acerca deste tema, buscar-se-á neste trabalho os debates que perpassam a teoria do desenvolvimento como fator externo e determinante, apresentando possibilidades de superação que só é possível por meio exposição das contradições teorizada.

No primeiro capítulo tratar-se-á da construção de uma tese *pós-abissal*, indicando de onde iniciei, das periferias do *Sul*, e as relações coloniais, que ainda são perpetuadas, em meio a um *pensamento descolonizador* transformador que orientam este começo. Adentramos algumas categorias interiores que são fundamentais para o funcionamento das dinâmicas internas e seu desenrolar, abordando a existência de uma especificidade colonial por meio das teorias do desenvolvimento da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) e da *teoria crítica ao desenvolvimento*, deste pavimento teórico se busca a particularidade no Equador. Existe uma grande quantidade de linhas de análise para o debate do desenvolvimento/subdesenvolvimento desde a CEPAL, porém a filiação ideológica situa os pensadores/as relacionados à teoria crítica do desenvolvimento formulada pelos teóricos/as latino americanos. Esta opção está pautada na compreensão da atualidade da teoria de dependência e em sua crítica que pretendia articular a singularidade na universalidade, sem se reduzir em um dogma teoricamente aplicável.

No segundo capítulo trato do capitalismo como modo de produção, numa análise histórica, mostrando que tal sistema não é infinito, possui obstáculos nos quais sua reprodução é limitada, por exemplo a finitude de matérias primas, de mercados e de condições disponíveis para sua reprodução. Desta maneira, este capítulo dedica-se a discutir a forma como este sistema econômico se impõe nas relações sociais,

³¹ Em referência ao livro de Caio Prado “A Formação do Brasil Contemporâneo” 2011.

principalmente na América Latina, no Equador e quais são as forças que determinam e obstaculizam sua emancipação. Ainda no marco teórico da tese, esmiúço as análises da formação do Estado latino americano, discorrendo acerca da plurinacionalidade e sua aprovação na Constituição do Equador como algo que poderia revelar o oprimido, a partir do seu reconhecimento legal.

O terceiro capítulo será dedicado a energia e ao petróleo, já que os recursos latino americanos precisam ser usados e pensados de forma estratégica. Portanto, as análises teóricas consideradas importantes, não somente quando demonstram avanços econômicos por meio de gráficos, tabelas e números, mas também para compreender a situação social na qual vivemos. Pensando que o ser humano é sujeito da atividade econômica e é esta premissa que deveria orientar qualquer discussão e não somente as variáveis que a compõem. Abordarei este debate mostrando as políticas realizadas no Equador voltadas para a questão energética do petróleo no período mencionado, com base na compreensão dos impactos sociais àqueles que convivem com a exploração.

No quarto capítulo faz-se a explanação das estruturas metodológicas que sustentam a tese, a formulação inicial do trabalho no terreno antes da sua realização e como isto foi alterando, ou seja, a realidade alterou e determinou a escrita. Abrindo à complexidade do caso de exploração petrolífera no Parque Yasuní ITT, atentando para um limite característico destas últimas décadas da chamada “onda progressista” na América Latina, ou seja, com retomando uma dualidade entre Estado e Sociedade que se revelará por meio das mais de entrevistas e observações realizadas no país em 2018.

Dedico o quinto capítulo a autorreflexividade, mostrando como me equilibrei nesta trajetória, já que por em muitos momentos por pensar e refletir em conjunto com a sociedade navegamos em territórios desconhecidos, onde precisamos de orientação teórica que muitas vezes não comporta tudo, mas, as lacunas deste sujeito oculto, devem ser utilizadas a nosso favor.

No sexto capítulo apresento os sintomas das desigualdades, retomando as lutas sociais, os saberes das comunidades e suas formas de resistir e de se reinventar frente as dominações. A proeminência deste capítulo é trazer à tona elementos ainda não expressos que possam sustentar um caminho novo ou no mínimo, pavimentar de forma mais cuidadosa os caminhos já existentes. Nesta fenda, relato a experiência de três comunidades que pude contatar, conviver e construir laços de solidariedade e que revelam o *colonialismo interno* dado das contradições de reprodução do capitalismo.

Sendo a utopia uma necessidade real, o sétimo capítulo trilha o caminho das utopias andinas, pautado no movimento da realidade atual, que supõe um pensamento novo para que se possa projetar, ou ao menos tentar, uma nova sociedade. Há décadas que o mundo está de ponta cabeça e a nossa capacidade compreendê-lo cada vez mais rebaixada, como afirma Lowy (2016) precisamos de uma capacidade de cultivar a sensibilidade utópica, saindo do que é tradicional e hegemônico.

O oitavo capítulo revela a origem dos conflitos e dos desafios que temos pela frente em busca desta utopia andina, que é também latino americana. Considerando a exploração da natureza latino americana desde sua colonização, retomando o debate acerca do extrativismo na análise do caráter dependente na dentro de uma economia primária e o papel energético, no caso do petróleo, além do subimperialismo peculiar na região.

Capítulo I - As <Epistemologias do Sul> e a consolidação de um imaginário transformador

1.1 Como construir uma tese pós abissal

Como construir uma tese pós abissal? Foi a primeira pergunta que fiz ao iniciar a escrita desta tese, poderia elucidar acerca do que senti e do como isto afeta alguém que sempre foi lida como “inferior” pelo mundo “civilizado”. Contudo, estamos falando da Universidade de Coimbra, mundialmente reconhecida, e uma das mais internacionalizadas. Poucas ações elevam tanto esta Instituição, como o fato dela conter pessoas dispostas a debater seriamente os temas do colonialismo, do subdesenvolvimento, e de todas as implicações que surgem deste enclave histórico e isto se reflete no pesquisador, no aluno e na formação intelectual humana dos que daqui sairão.

Neste sentido, reafirmo o que muitos teóricos/as também dizem nos dias atuais, o colonialismo não acabou, está a ser refuncionalizado, tomou outras formas dentro do capitalismo e estrutural, está também nas relações cotidianas, dentro das instituições e em todos os lugares onde existe permeabilidade. E é exatamente por isto que o passado nos encontra e por vezes nos “ataca” em maior ou menor medida, diferentemente em cada povo, não como um remanescente do nosso passado, mas como uma indispensabilidade colocada pela própria acumulação do sistema económico. Tendo a certeza que precisamos escrever para o mundo e não para nós, colocamos esta debilidade em xeque objetivando que os dias passem e que as teorias possam transformar o mundo por meio da recuperação do concreto, que existem alternativas e que estas são pensadas diariamente (Santos, 2018b).

Tal como disse Lucinda (apud Rattz, 2006: 71) também sou atlântica, como afrodescendente, permeio por relações descontinuas, conflituosas, marcadas por uma colonização. Colonização que foi primeiro marítima, depois terrestre e escassamente questionada pelos conquistadores/invasores acerca das generalizações realizadas entre os povos, assim, este trabalho carrega o intento de aprofundar os estudos acerca de tais diferenças, encontrando nestas *ausências*, *saberes* que possam emergir por meio de fusões, encontros e de reciprocidade dentro e fora das Instituições, como afirma, Santos³² (2018c).

³² Texto disponível em <<https://www.publico.pt/2018/03/30/sociedade/opiniao/o-colonialismo-insidiosos-1808254>> [05.06.2018].

Em geral, os países que abraçaram a sua herança colonial tiveram mais êxito do que aqueles que a desprezaram. A ideologia anticolonial impôs graves prejuízos aos povos a ela sujeitos e continua a impedir, em muitos lugares, um desenvolvimento sustentado e um encontro produtivo com a modernidade (Santos, 2018c)

Boaventura de S. Santos possivelmente deu o salto que todos os espíritos mórbidos no Norte ou no Sul terão que dar no futuro. O intelectual de *retaguarda* está a frente dos seus colegas quando reconhece o teu lugar e vislumbra as alamedas com aqueles que continuam a sofrer. Assim sendo, espero que este texto inspire outros estudantes da Universidade de Coimbra a levantaram-se contra os valores da injustiça social que ainda vigoram. Na compreensão que somos parte do mundo que estudamos, no qual nos debruçamos, Burawoy (2014) afirma que a teoria precisa ser refletida e que os pesquisadores/as precisam sair da miopia. Ele tem razão, por vezes nos enclausuramos no mundo das ideias, esquecendo que estas só podem se efetivar no mundo. Foi esta viragem que me fez aprofundar criticamente a leitura dos latino-americanos, questionando a ciência ocidental que pensou a colonização como necessidade e os povos coloniais como atrasados (Santos, 2018). A mesma ciência que ainda é utilizada como forma de dominação, um pensamento conservador que se mostra incapaz de reconhecer e reconhecer-se, nosso conhecimento não foi considerado autêntico diante do mundo ocidental

São conhecimentos que não gozam do status de ciência do mundo acadêmico oficial. São conhecimentos que possuem uma matriz epistemológica diferente, mas que ainda não foi teoricamente sistematizada para dar conteúdo de validação científica ao conhecimento ancestral, no entanto, é uma possibilidade humana conhecer e explicar o mundo e que como tal tem o direito e a legitimidade ser reivindicado e reconhecido como conhecimento³³ (Davalos, 2002:90).

Voltando a pergunta inicial, para pensar uma tese pós abissal, revisei grande parte dos autores/as que pensaram e escreveram acerca da América Latina, sua colonização, seu subdesenvolvimento. Nesta formulação também busquei o novo no velho *tentando arrancar poesia ao futuro*³⁴, criticando o eurocentrismo, porém, sem me tornar

³³ Tradução livre da autora. No original - Son saberes que no gozan del status de ciencia desde el mundo académico oficial. Son conocimientos que tienen una matriz epistemológica diferente, pero que aún no ha sido sistematizada teóricamente para dar contenidos de validación científica al conocimiento ancestral, sin embargo, se trata de una posibilidad humana por conocer y explicar el mundo y que como tal tiene derecho y legitimidad a reclamarse y reconocerse como conocimiento Davalos (2002:90).

³⁴ Maiakovski. Disponível em <http://www.culturapara.art.br/opoema/maiakovski/maiakovski_poema.htm> [12.09.2019]

antieuropeia, como fazem muitos/as, tendo em vista que o ocidentalismo crítico³⁵ da modernidade, por vezes, pode produzir as mesmas antinomias que a própria modernidade.

As *Epistemologias do Sul* nos permite esta afluência, pois se embasa justamente nas formas de ação e produção do conhecimento desde o Sul. No caso desta tese o enfoque trata-se do sul latino-americano, daí trazer as especificidades dos grupos que vivenciam opressões múltiplas, dentro uma condição que não esta isolada (Santos, 2018). São saberes humanos que nascem da condição concreta, da própria vida e muitas destas lutas se encontram do ponto de vista geográfico tanto no Norte quanto no Sul.

Dar luz aos nossos conhecimentos desde *Abya Yala*³⁶, mostrando que sempre houve resistência, sempre existiram lutas para a libertação, é um dos propósitos. A ideia é cruzar projetos, delineamentos, vieses, ou seja, um método para qualificar a pesquisa em seu alcance local e singular até o complexo e geral. Esta esquematização é necessária, porque delimita uma caminhada como pesquisadora latino americana que tem consciência de sua realidade social e tenta ir além em uma escola crítica de pensamento sociológico. Considerando que toda de a realidade social emerge uma teorização tal como afirmou Burawoy (2014:13) trazemos sempre um universo cognitivo de onde habitamos, porém nem todos somos teóricos sociais, todavia, o social quando teorizado precisa abranger diversas nuances, o prático, o tácito e aquilo que aparentemente é impenetrável.

Boaventura no prefácio geral do seu livro “O direito dos oprimidos” afirma que foi o envolvimento nas lutas e causas sociais que o fez reformular parte do que denominou como “*marxismo ocidental*” e afirma ter aberto uma gaiola para as novas lutas em questão, com suas riquezas e especificidades. E, portanto, as pensou, sentado ao alpendre de sua varanda acerca das divergências e convergências vividas. As desigualdades, as degradações, a miséria associada a acumulação são muitas vezes problematizadas como característica do subdesenvolvimento, dilemas do Sul, desta forma, as *Epistemologias do Sul* buscam diminuir este afastamento que por muitas vezes é reforçado e oportuno para muitos que buscam nas Ciências Sociais o conforto da repetição (Santos & Mendes, 2017).

Desta maneira, as teorias têm o papel de nos lançar a vida sob outra perspectiva, despertos para curiosidades, de desbloquear nossa consciência para além da imediatividade, conhecendo, assim a essência constitutiva dos fenômenos. “O interesse intelectual tem deveres públicos imperiosos, a eminência intelectual e do militante é não

³⁵ Me refiro aos casos fundamentalistas que negam o conhecimento acumulado ao longo da história.

³⁶Abya Yala significa terra do esplendor. É o nome pelo qual os povos Kunas do Panamá nomearam os territórios que agora são referidos como "América" (Davalos, 2002: Tavares, 2019: Santos, 2012).

aceitar a condição de ser os rebeldes da ordem, devem lançar mão de uma teoria negadora deste mundo, que seja radical, mas não estreita e tolerante com as ideias diferentes³⁷” como afirmava Florestan³⁸ (1978: 35). Nesta pesquisa a roda não será reinventada, porém reivindicar-se-á uma produção ampla de conhecimento crítico para além do vigente. Ante a realidade posta, marcada por uma ausência de alternativas, investigaremos por meio da empatia historicista o emergir do novo, também no velho, mas principalmente no que está a despontar daí a compreensão epistémica da *linha abissal*, já que esta que nos divide em todos os campos e, por diversos simbolismos estruturais corrobora, ainda que em último caso, para a persistência das ausências (Santos & Mendes, 2017). Dialecticamente vamos ao contrário, porque a história não caminha sozinha e nem de forma linear.

1.1.2 A história não caminha sozinha

Dentro do pensamento latino americano estruturado muitas vezes sob a perspectiva moderna ocidental, foi possível perceber muitas das inconsistências destas análises, logo, esta pesquisa também possui motivações individuais já que sou parte deste Sul repleto de contradições. Pesquisa essa que é para vida e de uma teoria crítica como a única que responde na inteireza, alguém que vê a si e ao seu entorno como flores que nunca florescem, anseiam transformar-se em rosas, mas geralmente padecem e morrem como botão. Ao iniciar da vida de luta/estudo tive a sorte - que também é ontológica – de possuir formadores/as que me ensinaram a ter os pés no chão, reconhecendo as formas profícuas de se pensar no coletivo. O que Fals Borda cunhou como *sentipensante*, ações que combinam o coração e a razão, que Santos (2018) denominou de *conhecimentos presentes na resistência* fizeram despontar um lugar, antes apagado, desvaecido. Talvez em outros contextos estas narrativas sejam desconsideradas, rebaixadas ou mesmo irrelevantes, contudo, toda a ciência só é, se tiver um objetivo real, não existe um éter teórico, as teorias sociológicas se corporificam, descrevem possibilidades infinitas de diferenças corpóreas, na forma como existimos socialmente dentro de lutas, de conflitos e vida, que, por vezes são provisórias, corpos que sofrem, em um sofrimento que por vezes, aparecem naturalizados, trivializados (Santos, 2018). A fim de tentar impedir a continuidade do apagamento, se demonstra o compromisso da investigadora com suas origens tentando romper com o jugo externo e mesmo como análise distorcida da nossa produção.

³⁷ Despindo a riqueza de sua forma burguesa.

Quando me acerquei das obras do Prof. Boaventura de S. Santos li, em uma das suas principais obras li uma epígrafe que dizia “uma epistemologia do sul se assenta em três orientações; aprender o que existe no sul, aprender e ir para o sul, aprender a partir do Sul e com o Sul” (Santos, 1995: 208 in Santos & Menezes, 2009: 09). Logo, se enceta a busca pelo imaginário transformador desde o Sul, para o Sul e com o Sul, assim reli muitas das coisas que já haviam passado pelas minhas mãos, neste entremeio, retornei aos autores críticos e outros/as nem tanto, porém, todos são analisados de uma maneira insubordinada, sem seguidismos ou qualquer tipo de *deculturação compulsória* (Ribeiro, 1995). Há muitas especificidades a serem analisadas, diferenças, socioculturais, de distribuição de renda, diferentes, histórias e vidas, mas há um fio que nos aproxima sempre, a insubordinação característica do Sul e esta foi uma maneira de pensar em voz alta e agir. Recuperando uma tradição de pensamento crítico inconcluso e por vezes abandonado. Nossa carga histórica também nos deu uma crítica muito feroz, que nasce dos nossos conflitos, mulheres, homens múltiplos em suas ideias, em suas letras e suas ações.

1.1.3 A abissalidade em Marx

Toda nossa história foi - segue sendo - uma historia de luta, como disse o argentino Fernando Mires (1988), a sociedade colonial, não só é movediça como é cataclísmica, àquela falsa ideia perpetuada nos livros de história até os dias de hoje, que quando chegaram os colonizadores foram bem recebidos, viveram harmoniosamente com os colonizados não só é falsa como também romântica da subalternidade, do povo omissos, ingênuo e cordial. Entender a América Latina em suas particularidades não é tarefa simples, exige um trabalho de pesquisa profundo, histórico, de resgate de uma memória apagada, debruçar-se em livros em tentativas de recomposição de toda a humanidade que nos foi retirada, lutando por nossos interesses.

Na América Latina os debates, relativos a Marx, aparecem em 1870 e não foi por acaso que a primeira geração de marxistas na América Latina foi europeia (Kohan 1998). Marx um teórico duro, não poupou ninguém de suas virulentas críticas, se disse um discípulo de Kant e também de Hegel para quem a história universal não poderia estar em outro lugar senão na Europa, justificando sua forma de enxergar o espírito e a liberdade até por meios do determinismo geográfico. Tal pensamento desloca a América do Sul para um lugar rebaixado, onde os espíritos são pouco livres e os seres humanos ainda permanecem em estado primitivo, acompanhado teoricamente por Hume, De Pauw, Voltaire e Kant

(Bruch, 2016: 5-8). Estes esquemas conceituais aparecem com efeitos reais, em práticas políticas corroboradas com nossa tendência a nos analisarmos com o olhar de fora, criando uma imagem deturpada e confusa da nossa própria realidade, nascemos rejeitados, e foi, o constante esforço somado as lutas anticolonialistas e anti-imperialistas que nos trouxe até aqui (Ribeiro, 1995).

Há um mundo para além do <<universo acadêmico>> e é sobre ele que nos debruçamos na tentativa de entender e revelar possibilidades de mudanças. Neste sentido, os pensadores precisam ser situados em seus contextos, bem como devem ser os processos de renovação da escrita criativa com a finalidade de explicar o porquê as coisas são como são e não como elas deveriam ser. Assim sendo, inicio com Marx, demonstrando que a construção de uma tese desde o Sul não se resume a demonização do pensamento europeu, moderno ou da própria romantização do Sul, mas na busca do ambívio, do que foi silenciado e que o precisa ser radicalizado (Santos, 2006; 2017). A exemplo do artigo de Marx³⁹ acerca de Bolívar onde não foi possível aprender muita coisa sobre Bolívar, mas sim acerca de Marx e dos marxistas, e um certo preconceito em relação ao personagem, importante enfatizar a tradição irrepreensível a quem se propõe a criticar ou questionar os escritos de Marx. Aos olhos de Marx, Bolívar apareceu como alguém petulante, ambicioso e ditador

Descendia de uma família mantuana⁴⁰, na época em que a dominação espanhola constituía a nobreza crioula⁴¹ na Venezuela. Rearranjados com costumes dos americanos da época foi enviado à Europa ainda bem jovem, aos 14 anos de idade⁴².

³⁹ Karl Marx não conheceu Bolívar, mas a pedido de Charles Dana, diretor do New York Daily Tribune, escreveu um artigo com pouco mais duas páginas acerca de Bolívar (Arico, 2011). O resultado foi bastante preconceituoso por parte de Marx, que admite em uma carta a Engels ter elaborado algo em tom enciclopédico (Arico, 2011:3) O filósofo alemão o apreende Bolívar como um ditador bonapartista, tal artigo se manteve desconhecido até 1934, quando Aníbal Ponce o publica na Revista Dialéctica se coloca solidário a Marx, como se o mesmo não pudesse ser questionado, aquela velha ideia que, para aumentar a grandeza de um se faz necessário depreciar a de outro (Arico, 2011: 03). Uma leitura completamente injusta por parte de Marx, que se tornou uma arma para a direita contra o marxismo, passaram a defensores de Bolívar - entre os anos 1940-1950 - depois abandonado quando as guerrilhas foram derrotadas (Acosta, 2012a). O texto caricatural, feito as pressas pelo filósofo alemão, bem distante do seu costumeiro rigor, foi revelado por Aníbal Ponce um jovem argentino marxista que trabalhou na Rússia que o traduziu e passou a fazer a defesa descontextualizada de Marx em detrimento de Bolívar (1936). Ponce que, segundo Acosta (2015a), possuía uma formação bastante carregada de positivismo se posiciona com base numa ideia que a maior grandeza de um pensador está pautada no rebaixamento de outro.

⁴⁰ Segundo o dicionário espanhol a terminologia apareceu em Caracas (Venezuela) e são aqueles/aquelas que pertencem ou descendem da aristocracia local (Martinez Almoyna: 2004).

⁴¹ Ibidem – Criollas neste caso é compreendido como os descendentes de espanhóis nascidos na América.

⁴² Tradução livre da autora. No original: *Descendía de una familia mantuana, que en la época de la dominación española constituían la nobleza criolla en Venezuela. Con arreglo a la costumbre de los americanos acaudalados de la época, se le envió Europa a la temprana edad de 14 años.*

Os preconceitos de Marx em relação a Bolívar, não nos permite diminuir a grandeza de ambos, pois incorreríamos no reducionismo prejudicial para o pensamento sociológico que é justamente não entender a história como continuidade, como produto de seu tempo e das contradições ali subjacentes (Mariátegui, 2008). Dentre as fontes utilizadas por Marx para este artigo está Ducoudray Holstein⁴³, que não foi a única, mas sua principal fonte, Ducoudray redigiu um livro contra Bolívar, como sujeito considerado degradado, é importante enfatizar que durante muito tempo a visão acerca dos americanistas resumia-se a visão de povo sem história, degradados (Aricó, 2011).

O trabalho de Aricó é essencial porque expõe um período histórico em que predominava uma visão completamente eurocêntrica, onde a ideia de progresso estava vinculada a ideia de “mais capitalismo”, progresso não compreendido na justiça social, mas embasado em um sistema que revoluciona o anterior, porém sob a barbárie. Aricó (2011) abre uma controvérsia ao expor que Marx, em seu caminhar teórico, vivenciava o momento de ruptura com o hegelianismo, logo, sua postura completamente “anti bolivarianista” revela algo sobre si, além de negar de antemão um lutador que aprendeu guerrear em meio a guerra, como Bolívar, Marx prescindiu de aprofundar seu conhecimento acerca da América Latina, já que ainda expressava em si um ideário de Estado como instância produtora da sociedade civil (Aricó, 2011:5). Para Aricó (2011) o residual hegeliano em Marx o fazia olhar para as vitórias de Bolívar como uma sucessão de causalidades, um olhar condicionado por um homem do seu tempo, do seu mundo Europeu e das mudanças que decorriam na forma como o mesmo via a si e o mundo em sua essência.

O fato é que seu próprio método de rejeitar qualquer força coercitiva que se apresentasse como algo maior, algo externo a reger a sociedade, também o transformou naquilo que seria o cerne do seu método, ou seja, a busca por outras dinâmicas reais forçadas pela generalidade típica da expansão do capital; as rebeliões do campo, as lutas pela independência dos povos do sul, pela liberdade, a rebelião negra no Haiti, etc. Neste sentido, Marx nos revela um racismo desinformado embora ainda dominante na Europa, inclusive menciona Bolívar como o “libertador” entre aspas - logo no primeiro parágrafo, clarificando a intenção em inferiorizá-lo, também o descreve como alguém festivo, incapaz de lutar com galhardia (Acosta, 2015a). O filósofo alemão estabelece uma sequência de erros quanto a trajetória de Bolívar derivadas de Ducoudray e condimentadas por um Marx

⁴³ Histoire de Bolivar (1831) O livro original e digitalizado está disponível em <<https://archive.org/details/histoiredebolivar02duco/page/n8>>

genioso e sarcástico, esboçando um Bolívar mesquinho ditador, meio aburguesado, em resumo, um falso herói (Acosta, 2015a). Marx não se dá conta de sua contradição; como alguém tão covarde quanto o Bolívar, descrito por ele, teria conseguido tanto triunfo em suas lutas? porém, os planos do libertador não fracassaram devido a falta de uma classe social poderosa, mas sim pela própria debilidade da forma organizativa da época, as mesmas forças que alavancaram com Bolívar uma luta, chegaram ao auge e promoveram sua própria decadência (Aricó, 2011).

O artigo escrito por Marx, a meu ver, não pode ser analisado como um trabalho histórico da época e muito menos poderíamos lê-lo como tal, todavia, aspira uma perspectiva influente nas investigações que caracterizou a forma como se estudou a América Latina, com base em um suposto eurocentrismo ou por meio de um essencialismo descolado do mundo. Segundo Aricó (2011: 9) a América Latina necessitava ser compreendida, desde as suas bases, das suas entranhas e entre especificidades que se cruzam historicamente com outros países, também colonizados, mas que de forma alguma podem ser lidos por um viés eurocêntrico. Tal como Marx, que em um primeiro momento, não foi capaz de apreender a inteireza das razões daquela realidade em seu pensamento, cabe, neste trabalho, rechaçar o critério eurocêntrico como forma única para dar conta de tudo, usando o próprio marxismo para questionar a si mesmo, como afirmou Aricó (2011, 9) “a crise de um saber que tentou ser completo e autossuficiente nos permite recuperar hoje estas verdadeiras ‘fendas abertas e perdidas’ do pensamento de Marx e assim, mostrar os limites e a validade do seu método”.

O debate de Aricó acerca de Marx também motivou controvérsias na América Latina, isto decorreu, principalmente da leitura mecanicista e etapista que fizeram, e ainda fazem, da forma dialética marxiana e, por isto, é provável que Aricó, um dos primeiros a expressar uma vertente em Gramsci no cone Sul, tenha saído em defesa de Bolívar, mostrando o equívoco de Marx em seu texto (Dancini & Melo, 2014). Para Aricó, Marx revelou a incapacidade de entender os processos latino-americanos no seu devir histórico, traindo seu próprio método. Argumento refutado por Dancini & Melo (2014: 226-228) apontando para o fato que, Marx escreveu o polêmico texto no final de 1857, ou seja, 14 anos depois de sua *Crítica à Filosofia do Direito*⁴⁴, portanto, dificilmente o filósofo alemão estaria atrelado às ideias hegelianas e quase uma década após a publicação do Manifesto Comunista aludindo o Estado como um balcão de negócios da burguesia, indo

⁴⁴ Crítica a Filosofia do Direito foi escrito em 1843 e publicado em 1844. Informações disponíveis em <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1844/critica/index.htm>> [08.06.2019]

além da compreensão hegeliana do Estado como espírito universal, logo o argumento de Aricó não teria sentido.

No que tange ao eurocentrismo, perceptível em Marx, o egípcio Samir Amin⁴⁵ (1999) afirma que sempre se buscou uma razão para a particularidade latino-americana tratando do eurocentrismo como um ponto de partida. O eurocentrismo é o universalismo e pode ser visto por diversas vertentes, entretanto, verifica-se a que formação ideológica da modernidade se cristaliza em uma nova consciência formatada a partir da consolidação do sistema capitalista. Isto significa que o eurocentrismo, ao ser generalizado, produziu distorções e obliterações acerca dos diversos povos e suas histórias, também influenciou a forma de apreensão de realidade englobando aspetos económicos, políticos e culturais (Silva, 2017). O filósofo argentino Henrique Dussel (2005, 25-27) explica a forma como se reduz a Europa Moderna à ideia de modernidade, ou seja, não existiu um purismo europeu, ao contrário, foi uma invenção ideológica que assimilou a cultura grega, originária de diversos povos, como propriedade europeia e ocidental. Ribeiro (2015) também empreendeu esforços contrários a leitura de um marxismo dogmático pautado na ideia que as sociedades passariam por um desenvolvimento por etapas, como se as sociedades latino americanas estivessem vivendo em atraso⁴⁶, mas chegariam ao seu desenvolvimento tal qual as chamadas <sociedades avançadas>.

As histórias são justapostas, complexas, a “periferia⁴⁷” foi uma invenção categórica, a ideia de Europa como modernidade criou uma única saída para emancipação, romantizando a violência como um caminho “necessário” para o chamado “desenvolvimento”, ou seja, a dominação violenta seria interpretada como um destino inevitável e salvador para povos indígenas, africanos e tribais⁴⁸, a relação com o meio, só poderia ser aceitável sob este trajeto⁴⁹. Dussel (2005) ainda menciona que a utilização do “eurocêntrico” como ideologia, acarreta na compreensão que os processos intraeuropeus foram únicos, como se não existisse história que antecederesse a estes acontecimentos em outras regiões.

Na América Latina só foi possível realizar mudanças quando se pensou de forma herética, muito do que Marx fez, não foi suficiente para entendermos nossa condição

⁴⁵ Falecido no mês de Agosto de 2018.

⁴⁶ Muitos autores/as em suas diversas tentativas de compreensão da América Latina nomeavam os “restos feudais” que precisavam ser ultrapassados Nelson Werneck Sodré, Rodolfo Puiggrós, Mariátegui foram alvos de críticas devido a reiteração desta teoria do desenvolvimento (Vasconcellos, 2015:62).

⁴⁷ Grifo nosso

⁴⁸ A nomeação é dada da Convenção número 169 da OIT.

⁴⁹ Segundo Dussel (2005:28) este é um processo que ocorre no século XVIII, que posteriormente é descrito por Hegel e também comentado por Habermas (1989:27).

periférica, já que o capitalismo dependente não se expressa da mesma maneira quando comparado a outras regiões. Neste sentido, o conceito crítico da nossa dependência urge e demonstra as particularidades, tal como *descolonizar o marxismo* quando os marxistas, diferentes dos marxianos⁵⁰, se tornaram dogmáticos, enquadrando as experiências e lutas das periferias na esteira dos conflitos eurocêntricos, unilaterais em diversos temas como o drama de muitas mulheres até os dias atuais e o racismo estruturado a partir da colonização (Santos: 2016, 2006c). Como alertou Vitale (1987) entender as lutas em sua composição, entrelaçada com temas, étnicos, gênero, a própria colonização, trouxe diversas novidades à historiografia marxista, evitando separar as lutas aprofundando o conhecimento, reconhecendo as peculiaridades na diversidade.

Por outro lado, também não se conseguiu dar um completo adeus ao marxismo, infelizmente ou felizmente⁵¹ o filósofo alemão não perdeu atualidade. Talvez, virar as costas para aquele que explicou o funcionamento do cerne do capitalismo em sua forma ampla, seria um alinhamento ao presentismo, ao sistema que excluí a maior parte da população que se desenvolve sob a égide da barbárie. Mariátegui, um dos primeiros pensadores a compreender efetivamente a dialética marxista na América Latina, afirmava que não poderíamos ser “ni calco, ni cópia” de outros continentes “Certamente não queremos que o socialismo seja na América Latina uma cópia ou reprodução. Deve ser criação heroica. Temos que dar vida, com nossa própria realidade, em nossa própria língua, ao socialismo indo-americano. Eis aqui uma missão digna de uma nova geração⁵²” (Mariátegui, 1971:249 apud Lowy, 2001:1).

A América Latina entrou no mundo por meio da expansão mercantil, o imperialismo nos colocou em um caminho tão arriscado que a utopia se tornou sobrevivência, entrelaçada em meio a uma diferenciação hierárquica. Criou -se uma falsa dicotomia em relação ao centro/periferia, quando na realidade são relações que se estabelecem e são produzidas entre todos e por todos, ainda que de forma desigual e combinada, especialmente na América Latina onde temos uma certa sincronia,

⁵⁰ Marxistas são denominados aqueles que seguem as teorias elaboradas por Marx de forma “heterodoxa”, marxianos, são os que remetem ao pensamento de Marx sem ortodoxia (Lowy, 1997).

⁵¹ Felizmente porque temos um profundo aporte de um teórico, que assim como muitos neste mundo, dedicou sua vida aos estudos, o que é bastante raro em nossos tempos, por outro lado, o infelizmente aparece como a contradição que ele mesmo apontava existir em tudo na vida, tudo que foi criticado ainda não desapareceu daí decorre nossa necessidade de voltar a ele, para estudar, criticar e renovar.

⁵² Tradução livre da autora. No original - No queremos, ciertamente, que el socialismo sea en América calco y copia. Debe ser creación heroica. Tenemos que dar vida, con nuestra propia realidad, en nuestro propio lenguaje, al socialismo indo-americano. He aquí una misión digna de una generación nueva. (Mariátegui,1971:249 apud Lowy, 2001:1)

vivenciamos mais ou menos processos históricos com alguma similitude (Lowy, 1997: Santrich, 2018: Silva, 2017). Ainda que nossa dinâmica se mostre dependente, é uma forma particular do capitalismo dependente que nem sempre são insuficiências ou podem ser compreendidas desta forma, o concreto não pode ser substituído pelo abstrato (Marini, 1973). Ou seja, utilizar da teoria para compreender o sistema económico vigente como sequenciado, analisa-se o objeto regressando sempre ao já formulado, sem reconstruí-lo, repensá-lo, se torna estático ou uma descrição empírica (Marini, 1973). Daí ser importante o alerta do Mariátegui em 1928, porém ele não foi escutado, e no mesmo ano os partidos comunistas latino americanos foram influenciados pelo estalinismo europeu e sua ideologia burocrática (Lowy, 2001).

O fato é que, a América Latina não foi uma consequência do capitalismo europeu e de um processo cuja lógica profunda lhes é sempre exterior, pois se assim fosse, estaríamos continuamente fadados ao fracasso em qualquer tentativa de alteração da realidade. Para Marini (1973) pensar que somos a consequência de um capitalismo ou sua parte pré-capitalista são desvios comuns, ainda que nossas relações, diante do capitalismo “puro”, apresentem insuficiências, são estas algumas facetas, o nosso capitalismo só adquire sentido quando analisamos o todo (Marini, 1973). Afirmou Marini (1973)

É óbvio que a insuficiência prevalece ainda sobre a distorção, mas se desejamos entender como uma se converteu na outra é à luz desta que devemos estudar aquela. Em outros termos, é o conhecimento da forma particular que acabou por adotar o capitalismo dependente latino-americano o que ilumina o estudo de sua gestação e permite conhecer analiticamente as tendências que desembocaram neste resultado (Marini, 1973: 3-4).

Por conseguinte, a especificidade é tão importante quanto a generalidade, contudo, se pudéssemos tratar a colonização da mesma forma em todos os países incidiríamos de forma nociva na compreensão das dinâmicas internas a cada país no período em que as colonizações se realizaram

(...) há que se levar em consideração muito seriamente o estudo das contradições, potencialidades e limitações internas presente nas estruturas coloniais sem a qual nenhuma compreensão adequada da história latino-americana é possível (Flamarion, 1993: 71).

Nesta modernidade destrutiva, a qual fomos inseridos desde então, é prevalente a economia ante o humano, a ânsia pelo dinheiro como raiz mais poderosa e capaz de liquidar qualquer outro valor possível, como precisou rapidamente Colombo e Pedro

Alvares ao chegar a estas terras, o dinheiro serviu até para enviar almas ao paraíso (Báez, 2013:68).

A América Latina não quer nem tem por que ser um peão sem vontade, nem tem nada de quimérico que seus desígnios de independência e originalidade se convertam em uma aspiração ocidental. Não obstante, os progressos da navegação que reduziram tantas distâncias entre nossas Américas e a Europa, parecem haver aumentado nossa distância cultural (Garcia Marques, 2012:13).

Diante de tantas frustrações históricas seguimos, como mencionou Hebe de Bonafini “o marxismo não pode ser somente teorizado, mas precisa ser vivido⁵³”, conseqüentemente, também não pode ser congelado e utilizado como simples explicação e método aplicado a tudo. Os dogmas do passado já não dão conta dos problemas da atualidade, são inoperantes, logo é necessário colocar em teoria, o pensamento da sociedade atual, diferentemente de algumas leituras mais contemporâneas, que seguem compreendendo a natureza como cesta de matérias primas dadas à nossa intensa produção ou uma “natureza mágica⁵⁴” separando a economia da política, de modo a rebaixar a percepção tornando-se um arrazoado de ideias que pouco explica acerca do mundo (Vieira Pinto, 2008: Santos2006b).

Na busca da modernidade e do nosso capitalismo Mignolo (2009) teorizou acerca da modernidade com uma crítica própria, mantendo o marxismo na análise interna do capitalismo. Um debate importante que situa as possibilidades emancipatórias enveredando para a discussão já apontada nesta tese acerca do eurocentrismo em Marx. Contudo, o rigor e a pluralidade são partes constitutivas do marxismo, ainda que este basilar seja negado uma vez que a reivindicação autêntica do marxismo também é a hegemônica e neste sentido, muitos dos autores/as que pensaram outros programas políticos a partir do marxismo só o fizeram a partir do centro. Como afirmou Silva (2017: 25) “Nesta condição de imposição de um modelo autorreferenciado e refratário em assimilar posições que não sejam as suas – característica do Marxismo Hegemônico⁵⁵ – sufoca-se o livre debate e o seu próprio desenvolvimento intelectual”. Este ideário lesa toda a possibilidade em pensar

⁵³ Kohan (1999:09)

⁵⁴ Existe um importante acerca deste tema que por muitas vezes buscam uma concepção “pura” de natureza quase um retorno a uma mentalidade primitiva sem compreender a relação dos sujeitos com seu entorno e como esta produção material do mundo ocorre dentro de um sistema que explora infinitamente a natureza Duarte (1985) em uma tese bastante elaborada retoma todo este debate a partir dos antropólogos e como esta leitura, ao invés, de um reconhecimento as outras formas de vida, praticamente retomando aquela ideia extremamente ultrapassada de baixo nível de organização produtiva comum na importação de conceitos.

⁵⁵O autor denomina Marxismo Hegemônico os processos sociais econômicos e políticos centrados nas internacionais e nas lutas dos trabalhadores do período vivenciado por Karl Marx quando suas ideias passam a ter relevância e incidência na sociedade.

o novo, a elaboração de ideias e a própria criatividade dentro e fora da academia, por isto, esta tese tem como objetivo encontrar por meio de diversos estudos que arrimam este trabalho, um caminho que avance criticamente nossa compreensão do/para o Sul.

Neste sentido, as *Epistemologias do Sul* suportam a análise, pois retomam a ideia do encontro com as práticas ignoradas por grande parte dos autores/as que foram fecundos e suas teorias e práticas, bem como por meio das práticas em suas *artesanias* (Santos, 2018; 2008). Marini (1973:2000) também nos trouxe um grande aporte acerca do debate da dependência configurada a partir da divisão internacional do trabalho que determinará o sentido do desenvolvimento na América Latina, a consequência da dependência resultará em uma maior dependência que se altera ao logo do tempo, em virtude da maior acumulação. Portanto, as relações estabelecidas na América Latina estão submetidas a dimensão da acumulação regida sob diversas formas de produção diversas que convivem normalmente, engendrando desvantagens no cenário internacional pautada no intercâmbio desigual (Santos, 2019). André Gunder Frank (1966) analisa a dependência a partir da condição de subdesenvolvimento, afirmando que nosso *desenvolvimento só seria possível no subdesenvolvimento*, Marini (1973) menciona que nossa situação colonial não pode ser reduzida a uma condição estanque e determinada, a acumulação gerada na América Latina permite a acumulação em diversos outros pontos, por meio de trocas desiguais e contraditórias, a garantia destes processos está na própria exploração do trabalhador. Exploração que explica diversas exclusões neste subcontinente, violências de diversos tipos que se configuram em formas e se refuncionalizam em cada país/região e se entrecruzam por meio do racismo, do patriarcado e da pobreza.

Marini (2000: 47) ressalta que a superexploração do trabalhador latino americano também é subsidiada pela transferência de criação científica aos países centrais que permite aos trabalhadores destes países uma condição de vida melhorada e rebaixa na periferia as condições de vida e de acesso, somadas a subnutrição, violência, analfabetismo, repressões e baixa expectativa de vida. A mais valia dada a partir das importações e exportações é realizada lá fora isto se traduz em ingressos na periferia também, mas grande parte dele é aplicado a bens de consumo luxuosos a uma parte muito pequena da população (Marini, 2000).

A teoria da dependência foi embrionária para as políticas realizadas pela CEPAL, contudo, monopolizou-se a premissa que nosso desenvolvimento era provisório e bastava seguirmos os mesmos caminhos realizados pelos países centrais que conseguiríamos encontrar uma saída para as desigualdades existentes. Um estágio provisório, onde, a

depende da gestão estatal realizada, poderíamos reconfigurar este cenário e chegar até a uma social democracia periférica (Santos, 2019). André Gunder Frank (1973) aponta para uma congruência entre Cepal e Teoria da Dependência

A consequência é que a maior parte de nossas teorias não consegue explicar a estrutura e o desenvolvimento do sistema capitalista como um todo e não esclarece a geração simultânea de subdesenvolvimento em algumas de suas partes e de desenvolvimento econômico em outras. (...) Basta, porém, uma pequena familiarização com a história para saber que o subdesenvolvimento não é original nem tradicional, e que nem o passado nem o presente dos países subdesenvolvidos se parecem em qualquer aspecto importante com o passado dos países hoje desenvolvidos. Os países atualmente desenvolvidos nunca foram subdesenvolvidos, embora possam ter sido não-desenvolvidos. (Frank, 1973: 26).

Gunder Frank, quando escreveu em 1966, afirmou que as provas históricas evidenciariam que o desenvolvimento dos países centrais penetraria de várias formas nas áreas mais remotas dos países periféricos. Esta situação, em constante alteração, coloca “as instituições e relações, políticas, sociais e culturais que observamos atualmente como produtos do desenvolvimento histórico do sistema capitalista, em não menor medida do que o são os aparentemente mais modernos recursos capitalistas das metrópoles nacionais desses países subdesenvolvidos” (Gunder Frank, 1966: 3). Furtado (1969) e Prebisch (1949) entendiam que por meio dos sindicatos poderiam garantir que os salários não baixassem tanto em meio crises cíclicas do capitalismo, também o excedente de mão de obra implicaria na redução salarial, como a produção agrária não seria suficiente para absorver toda a mão-de-obra a industrialização seria um (único) caminho. A crítica à teoria da dependência se opunha a esta quimera, contestando que a industrialização só seria possível em momentos de amortecimento das relações de dependência. Neste sentido, Frank (1966) menciona que este redimensionamento dissonante sobre os movimentos internos relacionados a industrialização na América Latina se deu quando os países centrais apontaram para as grandes guerras, por este ângulo seria possível reconhecer o chamado “progressismo” despontando no momento em que os preços do petróleo sobem.

Dessa maneira, a teoria crítica da dependência contempla uma análise à teoria de modernização de viés liberal por meio de uma associação ao capital externo⁵⁶ que contaminou todas as políticas e compreensões deste continente, por meio da CEPAL e da industrialização na sua proposição de políticas que pudessem superar as condições de

⁵⁶Cunhada por Fernando Henrique Cardoso (FHC) & Falleto, além de outros pesquisadores que trabalhavam conjuntamente neste grupo, denominada Teoria da Dependência Associada pensando a possibilidade alianças ao capital externo gerando modernização a estes países por meio da transferência de tecnologias.

subdesenvolvimento. Portanto, a teoria crítica da dependência localiza a dialética para compreender o subdesenvolvimento, possibilitando entender que nossos problemas sociais, políticos e econômicos, não estavam fixados no atraso sequer poderiam ser alcançados por um viés evolutivo, as relações que condicionam o desenvolvimento e subdesenvolvimento em nações que são formalmente independentes (no caso do Equador entre 1809-1822 dirigida por Sucre e apoiada por Bolívar) são reproduzidas e redimensionadas em reciprocidade e não de forma separada como propuseram alguns autores.

Dado isto, se coloca uma tarefa hercúlea de teorizar acerca das alterações possíveis e reais, bem como alcançar as condições internas e nacionais que possibilitem dimensões para percepção e superação. O subdesenvolvimento não resulta da nossa incapacidade, mas sim do próprio desenvolvimento capitalista. Todo este labirinto realizado até aqui é basilar para entender o quanto uma investigação requer muito cuidado, deslindar teorias, falsas interpretações não é tarefa simples com tempo determinado, por isto se demarca nesta pesquisa um período a ser estudado, obviamente que este, não está separado do todo, ao contrário, faz parte deste processo de interpretações, como a história pessoal sempre se cruza com a história do coletivo.

Sendo assim, indagar Bolívar, San Martí, Zumbi, Tereza de Benguela e muitos outros e outras, também é perquirir sobre nós mesmos e como chegamos onde estamos simplesmente porque sem uma história, nunca existimos. Saindo de um pedestal de verdades, tentarei nesta tese não reproduzir a conhecida mentalidade tipicamente colonial mencionada por Ramos (1957) nos conceitos em ele nomeia de simetria e sincretismo, onde os brasileiros adotam naturalmente uma postura inferiorizada e até de concordância ante as teorias escritas nos países centrais chamados desenvolvidos e sem qualquer questionamento assumem como a única explicação possível.

1.2 A sincronia latino-americana, um resgate histórico

Pensar a dependência da sociedade latino americana foi um projeto que começou no século XX, em uma história tão complexa e repleta de meandros sempre há algo por ser analisado, um caminho a ser percorrido e que vem sendo pavimentado por nossos pensadores/as⁵⁷.

⁵⁷ Santos & Baumgarten (2005:180-182) afirmam que o Brasil vivia o período modernista, 1922, e seus pensadores escreviam sobre o Brasil com os olhos da Europa, por outro lado, os outros países que compõem a América Latina formavam a sociologia que também perquiriria nossos estudos “no Chile, José Vitorino Lastarria, Enrique Molina, no Peru, pode-se registrar José Carlos Mariátegui, José Miguel Arguedas, em

As Ciências Sociais nunca se fizeram de unanimidade, mas sim de crítica e elaboração de todo o conhecimento acumulado até este momento, quando falamos das Ciências Sociais na América Latina assim como afirmou Stolowicz (1992) demarcam-se dois campos, primeiro o do objeto de estudo, que será evidenciado nesta tese, e segundo o campo geográfico que expressa as dimensões e as possibilidades de pensar a história do conhecimento produzido sob estas terras e como estes afetaram as verdades colocadas. Aquilo que denominamos como transcendência histórica que faz dos muitos teóricos imortais, dos lutadores e lutadoras referenciais em ação e pensamento e suas capacidades de imporem-se frente aos desafios da nossa época ou de outras épocas. Algumas destas obras são documentos vivos, escondidos em bibliotecas, fazendo-se valer da sociologia do *status quo*, como se os povos habitantes sul americanos não fossem produtores de conhecimento acerca de si e da forma como pensavam e pensam suas ações no mundo. A América Latina sempre foi transformação, nestas terras sobra pouco tempo para pensar, a elaboração da realidade se realiza com a imediaticidade, a cada amanhecer, a dificuldade pode aparecer como criatividade para alguns admiradores externos, mas ela nunca deixará de ser sobrevivência, amalgamada em diversos sentimentos *corazonados* (Santos, 2018).

Alguns, que neste trabalho serão respeitosamente exaltados, anteciparam debates vigentes até hoje, ainda cedemos as suas leituras e por mais que muitos tentem apagá-los na ânsia pelo novo, o novo sempre vem acompanhando do velho quando o mesmo ainda não foi superado. A história está aberta, ela não é inelutável, determinada ou terá um final feliz, a sociologia na América Latina é marcada pelas próprias contradições deste continente, seus hibridismos e sua formação colonial, nacional e cosmopolita (Ianni, 1993). A beleza da sociologia latino-americana está no seu desenrolar, sempre olhando a própria realidade como seu objeto natural, na história da sociologia deste continente, podemos observar seu prosseguimento com as necessidades de compreensão do real, do imediato, do histórico e da totalidade. Por vezes, dado o elitismo acadêmico, a sociologia se afasta da realidade, fala-se de tudo para não dizer nada enquanto o mundo segue apartado desta produção científica e como diria Chasin (2000a: 09)

Cuba, Victor Raul Haya de la Torre, na Venezuela, Laureno Vallenilla Lanz, no México José Vasconcelos e Andrez Mollina Henriquez, Mariano Otero” dentre outros que formaram as primeiros reflexões pensadas desde o sul. Na sequência vem a sociologia de cátedra, o primeiro Congresso ALAS, e as escolas de sociologia, no Brasil, na Argentina, no México que configuram uma ‘sociologia crítica’ (1950-1973) também profissionais egressos de outras áreas tal como o baiano Tales de Azevedo, até o expoente do período, Guerreiro Ramos que teceu críticas acerca da forma de interpretar a América Latina sob o jugo europeu (Santos & Baumgarten: 2005) Claro que há aqui muitos nomes que não serão mencionados por não ser o fundamento desta tese.

Em geral a elite não ama a competência pela competência, pelo seu valor intrínseco e por enriquecer a essência humana, que só tem valor no plural, mas a reduz e emprega como escudo e meio político. Privativa [a competência] e a cultiva como privilégio.

Por outro lado, muito da intelectualidade latino-americana caminhou e caminha de costas para sua própria história, numa tentativa torpe de tentar equalizar-se ao pensamento europeu adotam uma explicação de fora para orientar o que ocorre por aqui, uma ambição de padrão colonial repetitiva, irrefletida e impraticável para nossa realidade (Ouriques, 2014). Muitos dos autores/as que servirão de base para nossa análise teórica tem os pés nesta realidade histórica, viveram intensamente seus processos históricos, revoluções ditaduras e democracias, deixaram grandiosas obras, muitas vezes desprezadas e até desconhecidas por nossos estudiosos. Outros, ainda que não tenham os pés na realidade latino-americana, foram capazes de valorizar e apreender a essência do conhecimento por nós produzido. Os segundos^{ss}, por vezes nascidos nos grandes centros hegemônicos atribuíram a si a responsabilidade na construção de um horizonte mais humano.

Dentre diversas análises que foram realizadas na América Latina, Álvaro Vieira Pinto, que compunha a ala da filosofia do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), fez seu diagnóstico acerca dos países subdesenvolvidos, teorizou acerca da necessidade de uma sociologia do subdesenvolvimento contrapondo as análises que compunham um pensar que enveredava uma espécie de alienação religiosa, que seríamos um continente condenado ao sofrimento, seria nosso pecado original (Fáveri & Nossela, 2007). Advogando em nome da dialética e do materialismo histórico Álvaro Vieira Pinto, afirmou a existência de uma *sociologia dos esquecidos da história*, característica marcante do mundo abaixo do Equador, onde suas histórias e opressões são escritas e relatada por todos, menos por eles.

(...) denunciando o uso hipócrita que os sociólogos da burguesia fazem das ciências da vida para naturalizar a existência permanente do vale de lágrimas onde habitam os explorados pelo capitalismo numa luta pela vida, que é mais luta inglória do que vida. Aponta a livre concorrência como a teoria que salva a classe dominante de culpa e justifica o estado indiscriminado de espoliação pelas teses de seleção natural no ambiente social, então explicado com o apoio de conceitos como nicho, ecossistema, taxas de predação, mimetismo etc., fornecendo argumentos para a suposta indolência, indiferença e incapacidade dos pobres. Conceitos da cibernética, também, são acoplados às estruturas da sociologia justificadora da miséria do mundo que, somados à Psicologia, Biologia, Ética e Ecologia oferecerão substratos para trabalhar uma noção de raça que desvirtua os menos afortunados, caracterizados por saúde precária e tendência à explosão populacional. A cor da pele sanciona o rol de deficiências

^{ss} Aqui me refiro aos clássicos Karl Marx, Santos, Lenín, Rosa Luxemburgo.

naturais, bem como a superioridade cultural e moral, a posição geográfica em que o povo habita, se mais setentrional ou mais meridional do planeta, e o clima a que estão sujeitos, se mais quente ou mais frio (Álvaro Vieira Pinto in Fáveri & Nossela, 2007: 173).

Álvaro Vieira Pinto (2008) chama atenção para os “sociologetas” definidos como os sociólogos que atuam com dinâmicas de aspecto moral, seguem um fio condutor de modo a convencer a sociedade, da naturalidade do real, da análise por meio de pequenos grupos, desconectados, fazem uso da quantificação do real acrítica. Tal fundamento, utilizado na análise sociológica, tendem a reforçar o indivíduo, os sociodramas ocultando as raízes dos problemas (Fáveri & Nossela, 2007). Visionário, o filósofo do ISEB, amplia ainda mais as raízes sociológicas no subdesenvolvimento em suas formas de ocultação que nos mantem no <vale de lágrimas> incluindo a análise da cibernética, que naquele momento nem era tão presente nas relações sociais como nos dias atuais onde as alterações são quase irreversíveis. Os mecanismos de ocultação da crítica reproduzem as desigualdades porque restringe o debate a poucos, ocultar as contradições do mundo por meio de engenhosidades e malabarismos semânticos se tornou uma prática científica dos diplomados, que fazem uso de suas engenhosidade e descobertas, para resolver (a seu modo) o mundo daqueles que não tiveram acesso aos diplomas⁵⁹. A ocultação do vale de lágrimas é uma forma de manter a dominação, segundo Álvaro Vieira Pinto (2008) o conceito de subdesenvolvimento, um conceito fulcral para o debate atual, estaria ao longo dos anos em “desuso forçado⁶⁰”, pois seríamos convencidos da nossa incapacidade de superação dos nossos problemas, culturais, sociais e económicos e sendo assim, a saída possível seria aceitar a ajuda benevolente dos países centrais.

Pensar um desenvolvimento a partir da tomada de consciência, revela ser a única saída da inércia possível, momento no qual outros modelos desenvolvimento já foram tentados, porém não resultaram em profundas transformações. Este ensejo é também um obstáculo de Álvaro Vieira Pinto, já que apesar de sua obra apontar o futuro, sua formulação acerca do “desenvolvimento” pauta-se nas estratégias revolucionárias clássicas (Fáveri & Nossela, 2007).

Para Fáveri & Nossela (2007) ao insistir no ponto da dialética de maneira tão contundente, Álvaro Vieira Pinto acaba por dar as costas a outras análises acerca do poder, apesar disto, seu pensamento é atual, principalmente no que toca a forma como a invenção

⁵⁹ Diploma aqui é utilizado no sentido simbólico do acesso ao estudo e ao conhecimento.

⁶⁰ O autor ainda assim considera o subdesenvolvimento uma categoria chave para a compreensão da América Latina.

de conceitos, números e índices transbordam na academia. As formas de manutenção do colonizado alteram-se, dado isto, autores como Álvaro Vieira Pinto, precisam ser revistos e lembrados. Sua concepção de nacionalismo é contemporânea, seguindo a genealogia de respeito as autonomias e culturas de cada povo, dando a estes, condições de protagonizar suas mudanças bem como o rechaço aos propósitos que realizam a manutenção da nossa condição resumida apenas à função de objeto de estudo. Em suas palavras

O país subdesenvolvido sempre deixa de existir como tal e converte-se em laboratório da ciência importada com seus mestres que educam os noviços aprendizes locais no dogma do saber sociológico de que a realidade do país atrasado só pode ser objeto de definição e estudo por parte dos adiantados, que constituem a ciência e a consciência da inferioridade dos nativos. Não existe “norte-americanologia” ou “francologia”, mas sim “egiptologia” e muitos “brasilianistas”, já que a sociologia do dominador fala sozinha: A ideologia do dominador está portanto encurralada nesta insolúvel contradição: ou não se dá a conhecer às suas vítimas, e nesse caso não cria discípulos nem instala megafones; ou avassala os centros de ensino, as escolas, faculdades, os jornais as revistas e as prateleiras das livrarias, mas ao tirar a máscara deixa patente a face disforme da sua hediondez moral. [...] Ao tomar conhecimento da “ciência” do inimigo, o intelectual do mundo subdesenvolvido adquire decisiva superioridade. Passa a valer-se dela a fim de dizer para si e para os seus a ciência verdadeira, a teoria econômica desalienada, que deve libertar o país submisso (Pinto, 1975, manuscrito).

O sociólogo guatemalteco Alberto Torres Rivas (2008), será mencionado neste trabalho devido à sua aproximação aos grupos que analisavam a dependência na América Latina, a ditadura e democracia são temas que perpassam sua vida e obra. Orientado por Fernando Henrique Cardoso, e em conjunto com muitos outros intelectuais que debateram as teorias de modernização na América Latina, constituíram-se como um grupo que teorizavam acerca de paradigmas interpretativos para o desenvolvimento ou subdesenvolvimento que dominaram os debates nas Ciências Sociais nos anos 1950,1960 e 1970 a partir da Fundação da Comissão Económica para a América Latina (Cepal), por Raul Prebisch em 1949 (Rivas, 2008:12-15). Como já fora explicitado anteriormente, as teorias da dependência surgiram na América Latina na década 60, no período pós crise de 1929, momento em que subdesenvolvimento significava falta de desenvolvimento, logo, a teoria de dependência abriu caminho para pensar o desenvolvimento a partir de uma noção histórica que resultaram da dominação colonial e da expansão do capitalismo no mundo (Dos Santos, 1998).

Dada a quantidade de vertentes teóricas que a teoria da dependência categorizou, Gunder Frank (1991 in Dos Santos, 1998:21) debruçou-se e tentou classificar de uma maneira compreensível no sentido apresentativo.

A lista que ele teve o cuidado de estabelecer serve como uma tentativa de apresentação, de uma maneira mais neutra, dos principais pensadores relacionados de acordo com suas origens teóricas. Dentre os estruturalistas encontramos Prebisch, Furtado, Sunkel, Paz, Pinto, Tavares, Jaguaribe, Ferrer, Cardoso e Faletto. No que diz respeito à Teoria da dependência, além de Cardoso e Faletto, que aparecem ligados a ambas as escolas, os demais pensadores mencionados são: Baran, Frank, Marini, Dos Santos, Bamberger, Quijano, Hinkelammert, Braun, Emmanuel, Amin e Warren. Frank diferencia ainda, no debate sobre a TEORIA DA DEPENDÊNCIA, entre os reformistas não-marxistas, os marxistas e os neo-marxistas Gunder Frank (1991 in Dos Santos, 1998:21).

Theotônio dos Santos (1998), salienta que não foram poucos os ataques realizados a Gunder Frank, devido a forma estática como categorizou as teorias inclusive o próprio Theotônio também o criticara em 1972. Contudo, apercebeu-se que Gunder Frank tinha razão em denominar a ausência do caráter feudal na América Latina tal como propunham alguns autores⁶¹na realidade ocorreu a expansão do comércio mundial em um projeto de acumulação capitalista. O debate sobre o feudalismo e uma evolução etapista do desenvolvimento avançando para uma burguesia nacional, caracterizou-se por ser uma transposição histórica eurocêntrica, daqueles/as que acreditavam serem as burguesias, as vanguardas revolucionárias, uma incompreensão do quanto a burguesia latino americana jamais conseguiria cumprir este papel (Santana dos Santos, 2019).

Santana dos Santos (2019:115) teorizando acerca do momento atual no que tange ao subdesenvolvimento com base em Ruy Mauro Marini, assevera que, as classes investidoras dos países periféricos, não querem e não podem romper seus laços com o imperialismo, pois este é o mecanismo no qual reproduzem-se e podem acumular excedente, por meio da superexploração, da subalternidade e do financiamento internacional. Dos Santos (1998) comenta que, no caso brasileiro, ainda sob uma postura bastante politizada do empresariado brasileiro, que fomentou um crescimento industrial no período Vargas seguido por Juscelino, não conseguiu dar prosseguimento nos <avanços>. Situação barrada com o golpe de 64 que colocou o Brasil em um capitalismo unicamente dependente.

O enorme crescimento industrial logrado de 1955 a 1960 aumentou as contradições socioeconômicas e ideológicas no país. O caso brasileiro era o mais avançado no continente e não assegurou um caminho pacífico. A burguesia brasileira descobriu que o caminho do aprofundamento da industrialização exigia a reforma agrária e outras mudanças em direção à criação de um amplo mercado interno e à geração de uma capacidade intelectual, científica e técnica capaz de

⁶¹ A exemplo de Marini, 1992; Mariátegui, 2008.

sustentar um projeto alternativo. Tais mudanças implicavam no preço de aceitar uma ampla agitação política e ideológica no país que ameaçava o seu poder (Santos, 1998: 27).

Dos Santos (1998) apresenta em seus artigos que Fernando Henrique Cardoso teria demonstrado a irreversibilidade das *teorias da dependência*, o que significava afirmar que o chamado “terceiro mundismo” estava posto como um destino inevitável para a população. O sociólogo Fernando Henrique Cardoso (FHC) centrava a problemática no corporativismo e em uma burguesia burocrática, fundamento permitiu ao próprio abrir uma negociação com setores da direita aderindo ao Consenso de Washington de forma complacente (dos Santos, 1998). Consequentemente, houve um grande rebaixamento social e uma grande circulação de capital financeiro, principalmente em países como México, Argentina, Peru também no Equador, foi um processo de readaptação do capitalismo global, passando de um desequilíbrio a outro, um período de estabilidade monetária e uma forte submissão por parte das burguesias latino americanas marcadas por seu caráter “entreguista⁶²” de matérias primas e compradores de produtor de maior valor (Oleas Montalvo, 2017).

Santana dos Santos (2019) afirma que o Consenso de Washington foi uma readequação das economias dependentes à Globalização, em um segundo momento, o primeiro acontecido na década de 1980 com palco da destruição de um padrão baseado na substituição de importações. Já na década de 1990 a produção passou a ser especializada e voltada para exportação, sob o comando do capital transnacional em contrapartida os países centrais impuseram aos países periféricos à renegociação da dívida, flexibilização das leis trabalhistas e previdenciárias além da abertura comercial (Santana Santos, 2019: 213). Todas as estruturas herdadas do período colonial, foram usadas amplamente até o seu limiar, no Equador e em outros países da América Latina, dominados por uma burguesia parasitária, uma oligarquia formada por um pequeno grupo de famílias, cujos sobrenome são conhecidos e muitos ainda se sobressaem na política atual por meio dos descendentes (Guerrero, 1980; Santos 2016d). Os grupos dominantes sequer pensavam em um projeto nacional, houve o cruzamento de processos produtivos que acabaram por segmentar as regiões do Equador (Acosta, 2005).

Por outro lado, a crise social aliada aos ajustes, aumentou a dívida externa tornando estes países ainda mais dependentes. Tal projeto empurrou diversas forças sociais à oposição, aumentando as forças insurrecionais, ainda assim, parte da América Latina se

⁶² Grifo nosso

industrializou e isto não resultou. Conforme versavam as teorias desenvolvimentistas, nos tornamos mais distantes dos centros de tecnologia, dos chamados países centrais, e cada vez mais nos especializamos no fornecimento de matéria-prima e mão de obra a baixos preços (dos Santos, 1998).

A forma como desembocou grande parte das economias chamadas progressistas nas últimas décadas, demonstraram como a teoria da dependência ainda é profundamente atual, apesar das grandes mudanças desde o período em que foram redigidas, se faz necessário estudar o desenvolvimento e subdesenvolvimento dentro do sistema económico mundial (dos Santos, 1998). Muitas das teorias que ousaram pensar a América Latina transformadora mostraram-se impregnadas por um caráter mecanicista, onde deveríamos cumprir um sentido histórico comum aos países centrais, e assim, alcançaríamos o desenvolvimento. Por mais que se tentasse considerar as especificidades latino-americanas e sua formação, não conseguimos ultrapassar a ideia de suposto “etapismo⁶³”, as ideias não alcançavam a espinha dorsal do sistema (dos Santos, 1998).

Foi Agustín Cueva quem elaborou grande crítica à teoria da dependência⁶⁴ apontando que alguns autores superestimavam as questões externas, colocando a situação da América Latina como determinada e finalizada, algo que nos impediria de caminhar historicamente sozinhos. Entre diversos embates os chamados “teóricos marxistas” aproximavam-se da visão de Fernando Henrique Cardoso, colocando a teoria da dependência como um entrave determinista, na tentativa de atingirmos o “desenvolvimento”, não percebiam que ao fazer isto, abandonavam a dialética, já que não é possível analisar um país colonizado, no caso um continente inteiro, sem considerar a economia mundial (dos Santos, 1998).

Dentro da dentro da teoria da dependência, embora cientificamente, alguns teóricos/as tenham decretado sua morte nas últimas décadas sob a crença que não estaríamos sujeitos aos retrocessos, há ainda muito por ser explorado. Dado o esgotamento e crise dos países latino americanos, este debate ganhou novo fôlego, por ser talvez, a única expressão profundamente crítica que nos permite entender o presente em sua historicidade.

Os processos de inserção ao mercado mundial e suas implicações não iniciaram agora, tal como demonstra esta pesquisa, o colonialismo de ontem se mostra como o

⁶³ Grifo nosso, etapismo é nome dado ao desenvolvimento por etapas.

⁶⁴ Em um artigo com menos de quarenta páginas titulado “Problemas y Perspectivas de la Teoría de la Dependencia”.

neocolonialismo de hoje e a dimensão dos conflitos vão se alterando, realocando as acumulações bem como as violências. Sua enunciação é extrair do objeto aquilo que lhe é próprio, são quase dez anos de pesquisa⁶⁵ que não resultará em um fim de um trabalho, mas parte dele, ou seja, algumas categorias constitutivas deste trabalho não tem a intenção de findar o debate. O movimento do objeto nos levou a desvendar diversas facetas, partindo da premissa de que só é possível apreender as histórias e dificuldades de um continente nos debruçando de forma consciente na realidade deste ou daquele país. É revoltante ver a situação na qual estamos imersos, conhecer outros países me fez entender essencialmente isto, uma unidade de diversidades, onde todas as lutas têm lugar, dentro e fora da academia (Santos, 2018).

1.3 Um continente de esperança

Certamente quando tratamos das lutas e esperanças latino-americanas nos deparamos com uma história onde a exclusão permeou toda a existência social. A reflexão se enceta no resgate do pensamento crítico, a origem colonial que nos colocou numa condição de produto da expansão do capitalismo central, fato que refletiu em todo o nosso funcionamento. A tentativa aqui é a de reversão deste quadro de submissão histórica, de uma nascente que só é mostrada com olhares estigmatizados, como objeto de pesquisa dos grandes centros, desmontar este cenário demanda tempo, a começar por desmontar todo o discurso que tenta legitimar nossa inferioridade. É um desafio também de natureza pedagógica, ou seja, entender todas as relações complexas que permeiam o desenvolvimento que passou a ser concebido como desenvolvimento capitalista (Doti, 2006). A *Nuestra América*⁶⁶ vive desde o século XIX a contradição colônia - império, entre opressores e oprimidos, presentes na figura de monarquias, oligarquias *criollas*⁶⁷, aristocracias, do exército e mesmo da igreja

Ao chegar os invasores europeus à Nossa América começou a negociação de aniquilamento dos povos e culturas enraizadas aplicando os piores métodos de opressão, espólio e morte. Com Cristóvão Colombo e seus primeiros soldados, padres e ladroes de todos os tipos se deu início os crimes dos conquistadores, “celebrando” uma infinidade de terras sem escrituras e sem a ambição egoísta de um dono, onde como o vento e as flores os seres humanos nasciam livres em harmonia com seu entorno. (...) de costas e com uma cruz se desenvolver uma conquista criminal do “Novo Mundo”. Terra arrasada, submetida a sangue e fogo, a evangelização que em Nossa América se fez conduzida pela coroa

⁶⁵ Entre o período de estudo do mestrado e doutorado.

⁶⁶ Martí (2016)

⁶⁷ Criollas neste caso é compreendido como os descendentes de espanhóis nascidos na América

espanhola por meio de concessão papal através de diferentes bulas⁶⁸ (Santrich, 2018: 92-93).

Cada monumento, cada povo, cada casa construída a partir deste momento se deu em nome da invasão, do saqueio, da espoliação e de uma nova organização que se opunha àquela outrora. Obtiveram a propriedade de tudo e de todos que andavam por aquelas terras, trouxeram os impulsos de uma outra formação social sob a égide da barbárie. Em contrapartida, no horizonte estavam os movimentos de libertação como o dos Jacobinos negros, uma das únicas revoltas bem-sucedidas que colocam a magnitude da resistência, característica fulcral daqueles que não tem nada a perder a não ser os seus grilhões⁶⁹.

Nos navios, os escravos eram espremidos nos porões uns sobre os outros dentro das galerias. A cada um deles era dado de um metro a um metro e meio apenas de comprimento e de meio metro a um metro de altura, de tal maneira que não podiam nem se deitar de comprido e nem se sentar com a postura reta. Ao contrário das mentiras que foram espalhadas tão insistentemente sobre a docilidade do negro, as revoltas nos portos de embarcação e a bordo eram constantes. Por isso os escravos tinham de ser acorrentados; a mão direita à perna direita, a mão esquerda à perna esquerda, e atrelados em colunas a longas barras de ferro. Nessa posição permaneciam durante a viagem, sendo levados ao tombadilho uma vez por dia para se exercitar e para permitir que os marinheiros “limpassem os baldes” (James, C. R. L., 2010: 22-23).

Dentre os oprimidos, éramos muitos e muitas, multifacetado em cores dos povos originários que fugiam dos cativeiros, aguerridos, lutavam organizados em comunidades, como bem pontou Kohan (2003:29)

A luta colonial (da Pátria Grande) pela independência anticolonial se amalgama, se mescla e fusiona com a luta de classes e a ignorada habitualmente luta dos povos originários pelos seus territórios e recursos naturais, a não documentada luta dos humildes pela terra e a “invisível” luta dos afrodescendentes por seus direitos⁷⁰.

⁶⁸ Tradução livre da autora. No original - *Al llegar los invasores europeos a Nuestra América comenzó la negación y el aniquilamiento de los pueblos y culturas raizales aplicando los peores inhumanos métodos de opresión, expolio y muerte. Con Cristóbal Colón y sus primeras huestes de soldados, curas y ladrones de toda laya inició el arribo criminal de los conquistadores, “célebres” todos por su iniquidad infinita a una tierra no escriturada a la ambición egoísta de un dueño, donde como el viento y las flores los seres humanos nacían libres y en armonía con su entorno. (...) Con la espada y con la cruz se desarrolló la criminal conquista del “Nuevo Mundo”. Tierra arrasada, sometimiento a sangre y fuego, más la evangelización que en la América Nuestra se realizó conducida por la corona española por efecto de la concesión papal que resultó de diferentes bulas* (Santrich, 2018: 92-93).

⁶⁹ Marx & Engels (2002:69) quando os autores conclamam os trabalhadores a ganhar o mundo, derrubando a ordem social.

⁷⁰ Tradução livre da autora. No original: *La lucha nacional-continental (de la Patria Grande) por la Independencia anticolonial se amalgama, entremezcla y fusiona con la lucha de clases y la habitualmente ignorada lucha de los pueblos originarios por sus territorios y recursos naturales, la no documentada lucha de los humildes por la tierra y la “invisible” lucha de los afrodescendientes por sus derechos.*

Entendendo que nosso capitalismo é diferente do capitalismo demonstrado por Marx o caráter extrativista e a troca desigual entre centros da periferia a espoliação, nos singularizou dentro desta dinâmica (Palma e Silva, 2017; Galeano, 2011).

A América Latina se identifica entre si, passamos por problemas comuns, a ‘sincronia’ citada no tópico anterior. Marx no capítulo da chamada acumulação originária explica como o trabalhador se tornou um escravo livre no capitalismo, livre para vender sua força de trabalho, como se, para o colonizador percebe-se ironicamente como se uma força divina tivesse ali brotado, onde de um lado temos elite laboriosa e do outro lado uma classe preguiçosa que esbanjavam o que tinham em farras e festas e por isto seriam condenados a trabalhar do seu suor para sempre (Kohan, 2013:22)

A descoberta de minas de ouro e de prata da América, o extermínio de populações indígenas, sua escravização ou seu enterramento nas minas, a conquista e o começo da pilhagem nas Ilhas Orientais, a transformação da África num vasto cercado onde se caçavam negros, tudo isso se caracteriza a aurora da era da produção capitalista. Esses procedimentos idílicos são os fatores importantes da acumulação primitiva.

Ao tratar da terra, camponês, capital, Marx evidencia a questão da propriedade privada e dos meios de produção no contexto europeu, na compreensão do debate na América Latina, alguns autores entenderam os povos indígenas como camponeses, um erro tácito, permeado por diversos debates onde fomos considerados homogêneos. Todavia, a questão da terra e sua ocupação são pontos nevrálgicos para entender as relações na América Latina (Traspadini, 2014b).

A história da formação nacional latino americana, foi marcada pela apropriação da terra e pela busca de riquezas, o problema agrário ainda é uma das configurações mais importantes do subcontinente, tal como afirmou Ianni (1987)

(...) envolve índios, mestiços, negros, mulatos e brancos nacionais e imigrantes; e não apenas camponeses, operários, grileiros, latifundiários, fazendeiros etc. Estão em causa diferentes formas de organização social e técnica do trabalho, produção e apropriação. A família, a comunidade, a cooperação, a divisão social do trabalho, o camponês e o operário mesclam-se todo o tempo na produção para o mercado e para o autoconsumo (Ianni, 1988: 10).

Foram muitas as vias e tentativas de compreender e transformar este subcontinente, fomos derrotados em grande parte delas e pouco aprendemos com a história. Galeano escrevia que a história deveria ser vista como um profeta ao olharmos

para trás vislumbraríamos o que seria (Galeano, 2011: 15). Neste resgate, Bagu⁷¹ (1949:15) menciona que a família aqui existente, era uma unidade económica, onde cultivavam o que precisavam para sua modesta existência. Possuímos alguns registros de divisão de trabalho, mas a base central produtiva assentava-se no coletivismo. Não existem registros de venda de força de trabalho entre eles, tampouco acumulação de riquezas como entendemos atualmente, a escravidão como um sistema estrutural económico não existiu (Bagu, 1949:16-18). O mesmo autor corrobora dizendo haver prisioneiros de guerra, que eram expostos a sacrifícios em rituais, servos existiam de forma mais acidental que institucional, tudo isto foi muito útil aos colonizadores

São os povos mais civilizados e por isso mesmo, são mais uteis para serem usados como mão de obra pelos europeus. Os outros, os que se encontram em etapas menos evoluídas da barbárie, são os que de forma mais tenaz seguirão combatendo os invasores por longos séculos⁷² (Bagu, 1949:19).

Quando o capitalismo se globalizou, de forma desigual, foi realocando a formas de organização pré-existentes a partir dos interesses do lucro, assim, nunca existiu um capitalismo linear, em etapas de forma metódica como muitos autores insistem em defender. A América Latina ingressou neste sistema de modo violento, colérico destruindo o que existia ali, porém, enquanto na Europa existiu o imperador Napoleão⁷³ pretendendo ampliar sua dominação, Bolívar como o libertador na América Latina, buscava à emancipação, enquanto que o primeiro foi apoiado por suas conquistas e por uma burguesia que ansiava a mudança, o segundo foi abandonado pelas classes dominantes (Kohan, 2013).

Em disputa com outros colonialismos europeus (o inglês, o austríaco, o russo, o espanhol) Napoleão vai invadindo países para expandir a dominação burguesa e conquistas novos territórios e mercador de exploração colonial. Em contrapartida, Simon Bolívar em suas campanhas militares, expande a revolução na América com um objetivo bem distinto: emancipar um continente inteiro libertando escravos negros e indígenas, gerando novas repúblicas e tentando conformar uma grande nação latino-americana para enfrentar os senhores dos estados unidos e da Europa. Napoleão é apoiado com entusiasmo pela burguesia francesa e pelas classes dominantes que fazem uso destas novas conquistas, Bolívar é abandonado pela burguesia e odiado pelas classes dominantes de seu

⁷¹ Em seu famoso livro *“Economía de la sociedad colonial”*.

⁷² Tradução livre da autora. No original - *Son los pueblos más civilizados y por eso mismo, los que más útiles van a resultar a los colonizadores europeos como mano de obra. Los otros, los que se encuentran en etapas menos evolucionadas de la barbarie, son los que más tenazmente siguen combatiendo contra los invasores a lo largo de varios siglos* (Bagu, 1949:19).

⁷³ Que inclusive ordenou ao seu cunhado, general Charles-Victoire-Emmanuel Leclerc, que invadisse o Haiti (Kohan, 2013)

próprio país que lhes dão as costas e lhe chamam “louco”, o combatem e tentam matá-lo (algo que finalmente conseguem)⁷⁴ (Kohan, 2013:33).

Partindo da premissa que nossa existência determina a consciência, percebemos que até os dias atuais não conseguimos romper com o servilismo que nos é imposto como um destino. É preciso encorajar uma temporalidade distinta da qual vivemos, buscar em nossa grandeza outros caminhos, talvez seja o grande debate desde século, reencontrar o sentido coletivo, quando tudo parece nos individualizar. Nesta busca Vidal (2000) é muito inspirador, nos seus trabalhos, está sempre a reiterar a importância da centralidade de questões que são “civilizatórias da vida dos povos” e que este não pode ser um tema de moda, mas um dado da realidade, da ausência ou abundância de recursos, no aumento das desigualdades e da violência. Temos um problema concreto e que se apresenta concretamente na vida da maioria das pessoas de forma global e diferente. Especialmente na América Latina a teoria da dependência⁷⁵ ainda vigora, não somente imaginário, mas ações concretas, grande parte dos debates e ações políticas centram-se, ou no nosso servilismo histórico ou em mudanças homeopáticas, acreditando que estas, um dia, poderão nos levar a outro patamar. Neste sentido, a teoria da dependência cumpriu um papel ideológico à direita, bem como deu sustentáculo à esquerda - chamada de progressista - que se pensou diferente sem ser.

O drama que vivemos não foi resultado necessário e fatal de leis económicas mundiais que afetavam ou afetam todos os países do mundo e nem mesmo aqueles parecidos com o Brasil. Não foi a consequência de um inexorável processo de globalização que submete o mundo inteiro e que o obriga a curvar-se às suas determinações. A verdade, nua e crua, é que foi o resultado direto de uma política responsável e demagógica, implementada sistematicamente por mais de quatro anos pelo governo federal; tão irresponsável que foi mantida e sustentada de maneira obstinada, apesar dos insistentes sintomas que, desde muito antes de 1998, se apresentavam claramente (Carcanholo in Traspadini, 2014:12).

⁷⁴ Tradução livre da autora. No original - *En disputa con otros colonialismos europeos (el inglés, el austriaco, el ruso, el español), Napoleón va invadiendo países para expandir la dominación burguesa y conquistar nuevos territorios y mercados de explotación colonial. En cambio, Simón Bolívar, en sus campañas militares, expande la revolución en América con un objetivo bien distinto: emancipar un continente entero, liberando esclavos negros e indígenas, generando nuevas republicas e intentando conformar con ellas una gran nación latinoamericana para enfrentar a los amos de Estados Unidos y de Europa. Napoleón es apoyado con entusiasmo por la burguesía francesa y las clases dominantes que usufructúan sus nuevas conquistas, Bolívar es abandonado por la burguesía y repudiado por las clases dominantes de su propio país que le dan la espalda, lo llaman “loco”, lo combaten e intentan asesinarlo (lo que finalmente consiguen)* (Kohan, 2013:33).

⁷⁵ Vidal (2000:12) entende esta teoria como um entrave a compreensão da economia brasileira, em especial, assim entende que não é uma teoria, mas uma “pseudoteoria” que segue regendo o pensamento ignorante acerca do nosso espaço e nosso tempo.

Santos (2006b) trabalha com dois argumentos, o primeiro que a América Latina, quando se torna europeizada, ou seja, assimilada por um viés que não o seu, produz um outro tipo de território, a princípio um estranhamento que poderia ser transformado na criação de algo novo; o segundo é que, a história europeia coincide com a expansão capitalista que aparece com ímpeto, com a força nova destruidora, carregada também de ideia e de mitos que conseqüentemente vão esfumegar toda nossa compreensão dos processos históricos deste lado da linha. Em conseqüência, Santos (2006b:21) aborda a *teoria da dependência* como uma análise bastante confusa, porque dá preeminência ao modo de produção e não a formação social, impossibilitando o conhecimento da realidade desde dentro. Há algumas décadas existe um grande debate acerca da dependência, que se privilegiou em um enfoque determinista do econômico sobre o político, ou seja, as políticas públicas foram reduzidas ao que chamamos de gestão moral da pobreza, e a natureza das crises, como algo apartado.

1.4 As riquezas nunca satisfazem um imaginário capitalista

Ao falar das riquezas na América Latina sempre se remete as riquezas levadas no período de colonização, este é um princípio fundador no pensamento de alguém que nasceu e cresceu onde os acessos são sempre limitados. Para ir além desta perspectiva, que não é carregada de nenhum exagero, esta tese carrega consigo vários tipos de polêmica, característica inerente às pessoas que cultivam os debates e a necessidade de seguir questionando, sem pessoalizar as críticas, situação corriqueira em um ambiente acadêmico que muitas vezes segue de maneira provinciana. Ciro Flamarion & Brignoli (1993) nos deixou este legado, o reconhecimento do conhecimento acumulado, homem de poucas vaidades, polemista, capaz de produzir conhecimento com o que já existia antes dele, perfilhando o que já fora feito de acordo com seu tempo e suas dificuldades.

O debate historiográfico latino americano deixou um vasto legado, muitas vezes pouco estudado e valorizado por nós. Reafirmando que não somos uma extensão do pensamento europeu, nosso chamado “desenvolvimento” precisa ser analisado considerando, a colonização, a escravidão e todos os resquícios deixados por este modo de produção e acumulação do sistema econômico capitalista.

Logo nas primeiras páginas de Flamarion & Brignoli (1993) é possível perceber tal questão, quando o autor aponta a dificuldade de alguém que pretende estudar a América latina como uma expansão europeia, um anexo complementar daquela economia. Ficamos

sempre incompreendidos, sem saída possível para os nossos problemas, até um certo irracionalismo. Na realidade, nas colônias, no ínterim da colonização, foram se consolidando estruturas internas que necessitam ser estudadas enquanto um funcionamento, não como algo isolado, mas com uma singularidade em cada canto invadido pelos colonizadores. Na prevalência de uma faceta sob outra; temos que, ou a análise percorre o caminho da acumulação e expansão capitalista ou privilegia os estudos internos de forma a não vincular os acontecimentos locais com o histórico e a dimensão mais geral, a opção é sempre por um ou outro.

Em obras mais completas tem-se a obra de *Bolívar al Che*, do historiador Luís Vitale (2002), a Carta de Jamaica constituiu-se uma das primeiras análises económico sociais e políticas de Bolívar. O libertador conheceu o quadro económico desde o economista Quesnay⁷⁶ colocando à tona o relevo, a renda dos territórios, como também o pensamento de Turgot⁷⁷ que advogou pela supressão de todas as relações servis de produção e a implementação da livre concorrência. Para Turgot⁷⁸ a propriedade não era uma ordem natural, mas sim resultados de um processo histórico-social, concepção que Bolívar implementou em *Nuestra América*⁷⁹, a premissa do carácter social da propriedade. Do mesmo modo, Bolívar empregou dos fisiocratas⁸⁰ a ideia do imposto sobre a propriedade territorial, impondo-os aos latifundiários de Colômbia, também foi influenciado por Adam Smith em sua concepção do trabalho como gerador de riquezas (Kohan, 2013).

Na Carta da Jamaica, define as características essenciais da dominação colonial, a presença de relações de produção servis junto com os capitalistas, o monopólio comercial, os obstáculos ao desenvolvimento da indústria e os obstáculos à implantação do comércio entre as colônias. Em outras palavras, a Carta da Jamaica descreve as características centrais das principais economias exportadoras primárias, coloniais, depois neocoloniais e dependentes ⁸¹ (Kohan, 2013:70).

⁷⁶ Apud Kohan, 2013:70

⁷⁷ Ibid.

⁷⁸ Ibid.

⁷⁹ Grifo nosso

⁸⁰ Os mesmos franceses Quesnay, Turgot que formularam teorias acerca do valor das terras como base para o desenvolvimento.

⁸¹ Tradução livre da autora. No original - En la Carta de Jamaica define las características esenciales de la dominación colonial, la presencia de relaciones serviles de producción junto con las capitalistas, el monopolio comercial, las trabas para desarrollar la industria y los obstáculos para desplegar un comercio entre las colonias. En otras palabras, la Carta de Jamaica describe los rasgos centrales de las economías primarias de exportación, primero coloniales, luego neocoloniales y dependientes

A tentativa deste aprofundamento é a de recuperar todo o oceano historiográfico existente no nosso continente, uma forma de prestar contas com o eurocentrismo crítico (Kohan, 2013). Nossos libertadores não são mitos, como é apregoado de forma mercadológica em muitos lugares do mundo, tal como afirmou Kohan

De qualquer forma, se os primeiros libertadores e os pioneiros da insurgência em nossa América fossem "mitos", eles estariam em um sentido muito diferente daquele usado pelo relato acadêmico pós-moderno (que associa o suposto "mito de origem" a uma visão inventada a posteriori e fantasmagórica da história). Muito pelo contrário, Tupac Amaru, Toussaint L'Ouverture, Bolívar, Manuela Sáenz, San Martín, Juana Azurduy, Mariano Moreno, Artigas ou José Martí constituem mitos no sentido que Amauta, José Carlos Mariátegui dá a esse conceito, que associa o mito com o símbolo de um fenômeno histórico real (que sintetiza vontades, sonhos, projetos e anseios coletivos) capazes de mobilizar e liberar a energia popular explosiva. Nossos libertadores não são "mitos" ou ficções arbitrárias inventadas a posteriori⁸² (Kohan, 2013:12).

As nossas lutas foram e são reais, os mortos deixados pelo caminho demonstram o tamanho da batalha que vivemos diariamente, são estas memórias históricas que nos colocam a continuar caminhando, as lutas reais são exemplos da nossa sobrevivência (Kohan, 2013). Ao desconstruir ou recusar sua história, a América Latina cumpriu a função de satélite dos países centrais, nas décadas finais do Séc. XX e início do Séc. XXI o vazio histórico foi explicitado de diversas maneiras, inclusive na perda de horizonte de projetos que disputavam os destinos deste continente (Stolowics, 2010).

Stolowics (2010:1) afirma que sempre esteve claro o terreno de disputas, as forças conservadoras haviam colocado todos os seus recursos políticos, econômicos, militares e simbólicos na disputa deste espaço e muitas das discussões que se fizeram desde então foram pautadas sob uma perspectiva de eleitoral, da ascensão de novos governos. Alguns estudiosos se mostravam entusiasmados com o que chamaram de "cambio de época⁸³" que nada mais era que uma extensão do velho. Neste sentido, durante o mestrado, em 2009, intentei dar outro sentido à pesquisa, demonstrando que, como continuidade, este caminho somente por via eleitoral na América Latina, especialmente no Equador, apresentava limites que dificultavam as capacidades de transição, logo, poderiam ruir e/ou retroceder.

⁸² Tradução livre da autora. No original - En todo caso, si los primeros libertadores y los pioneros de la insurgencia nuestro-americana fueran "mitos", ellos lo serían en un sentido muy distinto al empleado por el relato académico posmoderno (que asocia el supuesto "mito del origen" con una visión caprichosa, inventada a posteriori y fantasmagórica de la historia). Muy por el contrario, Tupac Amaru, Toussaint L'Ouverture, Bolívar, Manuela Sáenz, San Martín, Juana Azurduy, Mariano Moreno, Artigas o José Martí constituyen mitos en el sentido que le otorga a este concepto el amauta José Carlos Mariátegui, quien asocia el mito con un símbolo de un fenómeno histórico real (que sintetiza voluntades, sueños, proyectos y anhelos colectivos) capaz de movilizar y desatar la explosiva energía popular. Nuestros libertadores no son "mitos" ni ficciones arbitrarias inventadas a posteriori.

⁸³ Grifo nosso

Após mais de uma década destas realizações, alguns sinais começam a aparecer, e toda aquela volição inicial, reduziu à compreensão e correção dos nossos erros.

Tal como afirmou Stolowics (2010) os estudos desde anos 1980 centraram-se no Estado e em seu funcionamento, concluindo que cada país necessitava de um tipo de consenso, dentro do capitalismo, que lhes atribuísse governabilidade e estabilidade. Expropriando a linguagem da esquerda, apareceram as “alternativas ao neoliberalismo” como forma de “neutralização”, uma estratégia ainda em curso na América Latina (Stolowics, 2010). Neste cenário, figuraram as democracias com consensos moderados e de políticas sociais liberais cristãs, pautadas no assistencialismo como forma de sujeitar a instabilidade política a curto prazo, mas que foram políticas funcionais para a estratégia económica iniciada na década 1990, inevitavelmente este período denominou-se pós-desenvolvimentismo, os velhos partidos que governavam à direita, utilizaram-se de armadilhas discursivas⁸⁴ na manutenção do poder (Stolowics, 2010). O que assistimos foi um desmonte de todas as políticas construídas, um verdadeiro retrocesso em alguns países, que retornaram ao velho período neoliberal, onde faltava-nos o básico para sobrevivência.

Numa análise acerca do neoliberalismo, percebe-se que muito do que estava escrito foi e ainda é incorporado à economia latina americana, para Anderson (1995) o neoliberalismo se diferencia do liberalismo quando Hayek⁸⁵ em 1947 convoca todos os que partilham da mesma premissa à estabelecerem-se em uma organização internacional, a Sociedade de Mont Pèlerin, na tentativa de combater o keynesianismo e preparar as bases para um outro tipo de capitalismo (Anderson, 1995). Os neoliberais do bem-estar social promoviam uma destruição da liberdade dos cidadãos e, valorando a concorrência como vitalidade, empregavam a desigualdade como um valor positivo e até necessário, ou seja, defendiam abertamente a desigualdade, mensagem que é defendida e confunde-se até os dias atuais (Anderson, 1995).

Em 1973 com a “crise do petróleo” o mundo entrou em uma profunda recessão e as ideias de Hayek passaram a ganhar terreno, segundo o autor, as crises estavam assentadas no sindicato e seu excesso de poder e pressões reivindicatórias que faziam com que a produção tivesse que atender algumas exigências com gastos sociais, fato que atrapalhava os ganhos e os lucros, após isto, houve um desmonte da sindicalização e a estabilidade monetária passou a ser a meta dos governos que defendiam uma taxa natural

⁸⁴ É importante ter cuidado com a precisão da linguagem, sem fatalismos e sem complacências, são nossas vidas e a de muitos e muitas e que estão em jogo.

⁸⁵ Economista austríaco.

de desempregados. Segundo Anderson (1995) passaram-se mais de dez anos para que este plano fosse implementado. No neoliberalismo permaneceu o ideário anticomunista, lançaram-se num amplo programa de privatização, habitação, eletricidade, petróleo, gás, água (Anderson, 1995). Nos países de capitalismo avançado, estas medidas foram sistematizadas como “social democracia”, na América Latina, no chamado “progressismo” estas medidas foram retomadas como forma de retomar a velha social democracia, todavia, o projeto fracassou e se viram forçados a reorientar suas políticas à ortodoxia neoliberal. Tais fracassos demonstraram que o neoliberalismo havia conquistado a hegemonia, no que tange a ideologia, mesmo aqueles que se declararam à esquerda não conseguiram radicalizar seus projetos⁸⁶.

Segundo Anderson (1995) os chamados “sociais democratas”, a princípio, foram inimigos desta implementação, entretanto, passado o tempo, foram os mais resolutos na aplicação de tais políticas. Na década de 80 a execução desta proposta teve algum êxito em virtude do desfavorecimento das lutas sindicais e da própria desmobilização e congelamento dos salários (sindicato moderado), as medidas foram concebidas com intento de reanimar o capitalismo – e o quadro decepcionou⁸⁷.

Assim sendo, a América Latina voltou a ser examinada pelo mundo com a insurgência de governos que prometiam alianças entre si, lutavam contra o capitalismo e contra o neoliberalismo, eram projetos em disputa, carregados por demandas acumuladas dos povos que viveram a derrocada de suas vidas nas décadas anteriores. Grande parte dos objetos de estudos académicos incentivavam a compreensão das mudanças deste período, foi um processo entusiástico, apareceram estudos de todos os tipos, como afirmou Stolowics (2010:01) “(...) chegaram ao ponto de tratar como um “cambio de época”. Os triunfos da direita em alguns países foram considerados exceções, não muito bem explicadas, e as vezes endossada num atávico ultra esquerdismo⁸⁸”.

A politóloga, Beatriz Stolowics que investiga o papel da direita na América Latina, veio, ao longo destas últimas décadas, analisando os discursos e ações dos

⁸⁶Houve uma descrença no projeto de esquerda colocada por múltiplos fatores.

⁸⁷Santos (2019:87-90) explica que o campo crítico marxista surgiu como oposição as teorias defendidas décadas anteriores – 1960 e 1970 – dentro dos partidos de esquerda que defendiam uma aliança com a “burguesia nacional” contra o latifúndio, o imperialismo que reconheciam a nossa estrutura como “semifeudal” algo que inviabilizava o capitalismo na periferia. Assumiam a ideia que havia uma necessidade de uma “Revolução Burguesa” tal como na Europa, para que realizássemos o desenvolvimento.

⁸⁸Tradução livre da autora. No original - En el último lustro, las discusiones sobre América Latina se centraron en esas nuevas experiencias de gobierno, como es lógico con gran entusiasmo, al punto de que llegó a ponerse de moda parafrasear de que se trata de un “cambio de época”. Los triunfos electorales de la derecha se consideraban una excepción, no muy bien explicada, y a veces endosada a un atávico ultra izquierdismo (Stolowicz: 2010:01).

governos progressistas, no momento atual o terreno da crítica ao progressismo parece comum, mas não era para a maioria dos e das intelectuais que viam neste projeto uma abertura para mudanças estruturais, e é compreensível considerando a heterogeneidade de experiências de protestos vivenciado. Stolowics (2010) demonstrou o refluxo dos debates de esquerda e o avanço da direita, para autora este não é um fenômeno novo destacando para década de 1990, quando massas de capital excedente, em risco se desvalorizam, sua reciclagem é realizada na América Latina por meio da *acumulação por despossessão*, termo cunhado por Harvey (2011). Harvey (2011:48) indica que, desde a ocupação colonial, a violência é uma forma de lucro e explica como isto se dá quando o excedente criado ontem é convertido em capital novo hoje, disto poderíamos indagar como seria possível acumular ainda mais capital? Por meio da desapropriação, do saqueio, hipotecas e meios legais que facilitam esta apropriação por meio da privatização, cancelamento de pagamento de pensões, cortes aqui acolá e mesmo na venda de recursos comuns como água e terras e até o sol ou energia solar, tudo se converte em ativos a serem vendidos na lógica do capital financeiro⁸⁹. Harvey (2011: 49) comenta que, ao longo do capitalismo, tais negociações sempre aconteceram, inclusive com o auxílio do sistema de crédito - no caso de pequenos agricultores, pequenos supermercados que são fechados para aberturas de grandes cadeias. O capital possui grandes vasos sanguíneos que, como um grande corpo, circulam impedindo seu morredouro, para que tudo aconteça, novos acordos são realizados de modo que tudo seja facilitado, desde os acordos entre agências internacionais e mesmo as migrações como mão de obra barata e necessária. Não é algo pensado *a priori*, como pode parecer, mas sim a própria lógica de funcionamento do sistema.

A construção de uma usina siderúrgica, uma ferrovia ou o lançamento de uma companhia aérea exigem um imenso despendimento inicial de capital-dinheiro antes mesmo de a produção começar e os intervalos de tempo entre o início e a conclusão podem ser substanciais. Só há relativamente pouco tempo, por exemplo, tornou-se possível a constituição de consórcios privados de capitais associados para realizar grandes projetos de infraestrutura, no lugar do Estado, como o Túnel da Mancha que liga a Grã-Bretanha à Europa. Esses grandes projetos de infraestrutura tornam-se cada vez mais necessários na medida em que o capitalismo cresce em escala por meio do crescimento da capitalização (Harvey, 2011: 49)

⁸⁹ A exemplo do caso brasileiro onde em uma entrevista⁸⁹ dada pelo presidente da CEMIG – Companhia Energética de Minas Gerais – onde o mesmo, ressaltou a venda de ativos relacionados as empresas de energia para sanar seus débitos juntos aos credores ou mesmo a Petrobras que anunciou em abril a venda de 60% dos seus ativos relacionados a refino e logística no Nordeste e no Sul. Matéria disponível <<https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2018/04/27/petrobras-coloca-a-venda-60-de-ativos-de-refino-e-logistica-no-sul-e-nordeste.htm>> [05.08.2018]

Neste âmbito, no projeto de (não) exploração petrolífera como será discutido nesta tese, dentro de um período progressista foi possível perceber como ocorre a <acumulação por despossessão> quando o capital encontrou na América Latina e em projetos supostamente de esquerda ou de centro-esquerda, condições excelentes para estabilizar a crise capitalista e com grande legitimação política (Stolowicz, 2010; Harvey, 2011). A questão que se coloca é que tais projetos, no Equador com Correa, no Brasil com Lula, com Evo Morales na Bolívia e mesmo com Chaves e depois com Maduro na Venezuela, não são novos, mas sim um processo histórico de continuidade, com características nodulares que nos permite avançar detectando os erros constantemente mal interpretados. Tais processos foram permeados pela ideia de “alternativa ao sistema”, como afirmou Sánchez Parga (2014:35), ao longo da história o homem sempre pensou alternativas de vida melhores em relação as existentes, o autor pensa ser daí originária a utopia.

Em um trabalho publicado pela Comissão Económica para a América Latina (CEPAL), Sánchez Parga (2005) analisa a forma como a economia se transforma seguindo sendo um modelo concentrador de riquezas que gera desigualdades, mas que, por outro lado, não se sustenta a longo prazo já que não pode concentrar riquezas de forma infinita. Desta premissa, também coloca em circulação um imenso capital ideológico que possuem um efeito hipnótico para não causar reações violentar ou mudanças abruptas na sociedade⁹⁰

Na história recente da sociedade pós-moderna a ideia de *alternativa* mais pioneira ocorreu nos anos 70 e se referia ao desenvolvimento, quando alternativo aparecia sempre como adjetivo do modelo de desenvolvimento dominante: o económico e capitalista, mais “humano”, “sustentável”, “local”, “ecológica”, “comunitária”, “codesenvolvimento”, “etno-desenvolvimento”...mas a substancia do desenvolvimento segue sendo capitalista, inclusive quando a CEPAL fala de

⁹⁰ É interessante a discussão realizada no texto de Sánchez Parga (2005) quando, a partir desta sensação de que tudo muda, mas permanece igual, avança do neoliberalismo social parece aberrante, mas em voga na América latina poderia ser nomeado como “liberalismo de esquerda” quando o governo de direita ou de esquerda adota uma postura que favorece aos mais ricos, mesmo que isto não seja tão aparente como foi na caso do Lula no Brasil e mesmo no caso equatoriano, que veremos mais adiante. Quando o neoliberalismo fracassa nas políticas sociais, qualquer tipo de solidariedade social se rompe, debate-se privilégios no sentido daqueles que possuem um pouco mais, ter que pagar aos que possuem menos e isto exala todos os tipos de rancores e ressentimentos possíveis entre as pessoas. O descontentamento é desviado e todos se enfrentam do mesmo lado, independentemente do partido a direita é a de sempre condimentada com valores do extremismo e a esquerda é a trabalhista, a progressista ou a socialista francesa da manutenção da ordem. Tal situação se torna evidente quando Sánchez Parga (2005: 21) cita Edwin Feulner presidente da Heritage Foundation, think tank da extrema direita norte americana que afirmou “*Quando começamos [em 1973], chamavam-nos de? ultradireita? ou de? extrema-direita? Atualmente, nossas ideias fazem parte da corrente dominante*”

Como menciona o artigo consultado em 10.04.2018

<<https://diplomatie.org.br/pensando-o-impensavel/>>

Originalmente publicado em francês 05.06.2017

<<https://www.monde-diplomatique.fr/2002/01/HALIMI/8337>>

“crescimento económico com igualdade”, é para encobrir que em sua fase neoliberal e financeira o crescimento capitalista só era possível “na condição de crescente desigualdade (Sánchez Parga, 2005:20-21).

Sánchez Parga (2005), tal como Stolowicz (2010), mencionam a ideologia compensatória que foi desenvolvida e consolidada na década de 1980 retendo valores considerados ultrapassados, legitimando novos em detrimentos dos “velhos”, porém quando as instituições do mercado estão consolidadas e sancionadas em uma determinada normativa suscitam-se os primeiros valores. Logo, se impõe um sistema ético próprio de funcionamento que pode aceitar ou rechaçar os valores estabelecidos e contrapostos que estabelecem como “novas necessidades” e novos conflitos. Sánchez Parga (2005) exemplifica; uma empresa de um país “desenvolvido” se desloca para um país “subdesenvolvido” em busca de impostos menores e uma mão-de-obra mais barata, esta situação acarreta ao país desenvolvido uma exclusão de parte dos trabalhadores, buscando condições ainda melhores, a mesma empresa se desloca para um terceiro país que se encontra ainda mais excluído⁹¹ diante do exposto, há um duplo rebaixamento fato que obriga os trabalhadores a negociarem seus salários e horas de trabalho afim de manter seus empregos. Em contrapartida, se estas mesmas empresas não concretizam tais medidas, por más negociações, protestos por parte dos trabalhadores ou qualquer outra dificuldade, será uma outra empresa concorrente a fazer, implicando na provável falência de uma ou perda de capitais, em suma, os sindicatos e partidos perante esta situação, fragilizam-se e acabam moldando-se aos ditames do capital e para sua própria continuidade limitam-se a coadjuvante ou mediador das negociações pelo alto Sánchez Parga (2005). Bandeira (2006) afirmou como obviedade que governos considerados à esquerda venceriam as eleições após o fracasso do Consenso de Washington, porém a compreensão daquele momento não foi algo considerado homogêneo, existiam divisões e interesses de grupos internos. As transições acabaram por ser um consentimento à ordem, ou seja, de acordo o esgotamento dado existia uma exigência de mudança posta entre tentativas de rupturas e de conciliação. Existia um debate sobre o fato que os governantes progressistas estariam parados no tempo em seus “programas”, imaginavam poder conduzir cada qual seu país, Rafael Correa contrariava a máxima histórica da possibilidade de realizar o socialismo em um único país (Bandeira, 2006). Para o autor, não havia possibilidade de cada país seguir um caminho isolado dos demais, “na verdade, as chamadas forças progressistas nem sempre são

⁹¹ Estou assumindo o capitalismo como desigual combinado, já que nenhum país está totalmente excluído do atual sistema econômico.

progressistas. Eles estão ligados a concepções políticas que não correspondem mais à realidade histórica. Foram para o governo sem entender o que acontece no mundo⁹²”. Por outro lado, percebia-se claramente que cada país acabava por ceder as pressões externas ignorando os acordos e projetos continentais e acordos bilaterais⁹³.

No caso latino americano foram quase vinte anos de um projeto que se concretizou por meio de concessões e acordos pelo alto (Bandeira, 2006). Segundo a socióloga mexicana Beatriz Stolowicz (2010:2-3) passamos por um momento de “ajuste, estabilização de início, na sequência “aprofundamento das reformas estruturais” e a “consolidação das reformas e restauração dos níveis de inversão” as primeiras fases foram iniciadas sob o espectro ditatorial (anos 1960 e 1980) logo vieram os regimes representativos que se alocaram diante a caracterização histórica diferenciada em cada país fechando um ciclo de reformas consolidadas com os governos progressistas. Segundo Stolowicz (2010) estas estratégias foram traçadas como um objetivo a longo prazo e o caminho se fez caminhando.

Esta estratégia multidimensional foi impulsionada desde 1990 pela “nova” CEPAL neoestructuralista, pelo BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento- presidido pelo ex-cepalino Enrique Iglesias e na segunda metade dos anos 90 também pelo Banco Mundial com Joseph Stiglitz como Economista chefe e com o colombiano Guillermo Perry como Economista Chefe para América Latina e Caribe. Por encarar aquelas esferas de ação que o economicismo de mercado neoclássico não contemplava discursivamente, desde o começo se apresentou como “posneoliberal”. Se auto definiu como “superación do neoliberalismo”, mas ao mesmo tempo, contrariando o “populismo” (na realidade o que definiram como tal) (Stolowicz,⁹⁴ 2010: 03).

E logo, a aclamada esquerda moderna, adotou o termo posneoliberal construindo consensos e a democracia pôde ser falsamente continuada, bem como a integração da esquerda de forma institucional impulsionada pelo capital transnacional. Para a execução destas políticas, o Estado assumiu uma perspectiva posneoliberal, contemplando demandas antes entendidas como “perigosas”, com um assistencialismo focalizado. Assim, ao

⁹²Tradução da autora. No original – Consultado<<https://www.laondadigital.uy/LaOnda2/Entrevistas/Moniz%20Bandeira%203.htm>> [13.04.2019]

⁹³Neste sentido, percebe-se quanto a Venezuela tentou ir além e acabou por se isolar, visto que os demais países acabaram por ceder as pressões externas (Santos: 2017).

⁹⁴ Tradução livre. No original - Esa estrategia multidimensional fue impulsada desde 1990 por la “nueva” Cepal neo estructuralista, por el BID presidido por el ex cepalino Enrique Iglesias, y en la segunda mitad de los noventa también por el Banco Mundial con Joseph Stiglitz como Economista Jefe y con el colombiano Guillermo Perry como Economista Jefe para América Latina y el Caribe. Por encarar aquellas esferas de acción que el economicismo de mercado neoclásico no contemplaba discursivamente, desde un comienzo se presentó como “posneoliberal”. Se autodefinió como “superación del neoliberalismo” pero al mismo tiempo contraria al “populismo” (en realidad, de lo que definían por tales) (Stolowicz, 2010:03).

diminuir a pobreza⁹⁵, as possibilidades de tensão também foram reduzidas, transpondo a “década perdida” e, ao mesmo tempo, permitindo uma justaposição entre acessos e perdas. Como esta tese demonstrará na forma como as lutas cabalmente impingidas em vários países da América Latina, sobretudo no Equador, objeto que aqui se analisa, foram culturalmente rebaixadas e remediadas de forma mitigatória. O povo latino em sua diversidade passou por um breve consolo repleto de contradições, contudo, a linha mestra deste projeto progressista demonstrava-se pouco equilibrada, agora já aparece como indisfarçável.

Santos (2006b) no seu texto tratando da *epistemologia existencial*, trás à tona um debate bastante atual que é o de reconhecimento da nossa história, considerando que muitos dos autores que tentaram interpretar nossas especificidades caíram no reducionismo. E a industrialização europeia não explica o nosso desenrolar, foi um enfoque equivocado de muitas décadas que influenciou muitos dos pensadores a tentar encaixar nossa história na história da Europa e que será expandido no próximo capítulo. Tal como afirmou Galeano (2011) nossas diferenças latino americanas passam por negar a política e a cultura como itens de consumo, tudo é realmente vivido a “palo seco⁹⁶”, enquanto que no Sul vivenciamos a repressão, o Norte é expressado pela depressão, faces da mesma moeda e do mesmo sistema.

A democracia é um luxo do Norte. Ao Sul é permitido o espetáculo, que não é negado a ninguém. E ninguém se incomoda muito, afinal, que a política seja democrática, desde que a economia não o seja. Quando as cortinas se fecham no palco, uma vez que os votos foram depositados nas urnas, a realidade impõe a lei do mais forte, que a lei do dinheiro. Assim determina a ordem natural das coisas. No Sul do mundo, ensina o sistema, a violência e fome não pertencem à história, mas à natureza, e a justiça liberdade foram condenadas a odiar-se entre si (Galeano, 2011: 10).

⁹⁵ Segundo o relatório de Cepal acerca da pobreza na América Latina e suas diversas variáveis no ano de 2012 já era possível verificar uma série de reduções, dos onze países que dispõem de informações para o ano de 2012, se adverte que em seis deles se registraram diminuições dos níveis de pobreza. “A República Bolivariana da Venezuela apresentou a maior redução da pobreza, de 5,6 pontos percentuais (de 29,5% para 23,9%) e da pobreza extrema, de 2,0 pontos percentuais (de 11,7% para 9,7%). No Equador, a pobreza caiu 3,1 pontos percentuais (de 35,3% a 32,2%) e a indigência 0,9 pontos percentuais (de 13,8% a 12,9%). No Brasil, a pobreza diminuiu 2,3 pontos (de 20,9% a 18,6%), enquanto a pobreza extrema caiu 0,7 pontos (de 6,1% a 5,4%). No Peru, se registrou uma queda de 2,0 pontos na taxa de pobreza (de 27,8% a 25,8%) e na Argentina e Colômbia a redução foi de algo superior a 1 ponto percentual. Nesses três últimos países, a pobreza extrema não apresentou variações apreciáveis em relação aos níveis de 2011”. Consultado a 20.03.2019 <<http://www.codajic.org/sites/www.codajic.org/files/PanoramaSocial%20America%20Latina%20Portugu%C3%A9s.pdf>>

⁹⁶ Da expressão em espanhol para algo puro, sem adereços.

Capítulo II – Por uma emancipação latino americana: Capitalismo, Estado e desenvolvimento

2.1 Capitalismo e América Latina Colonial

O estudo dessa tese é o da realidade em movimento, da *história a quente*, tal como afirmou Florestan (1955), isto porque a análise assente, reflete a historicidade de um país dentro de um continente subjugado pelo colonialismo. Ou seja, o conteúdo é extraído dos problemas que estão postos na realidade e que estamos vivenciando, esta pesquisa não foi pensada a partir de uma abstração, ao contrário foi e é uma necessidade prática real, isto é, a necessidade de encontrar saídas ou possibilidades de fugir para frente mesmo diante a escassez. A queda do muro em 1989 e a falta de análise do que foi àquele processo histórico e sua repercussão em termos teóricos e práticos, fez abrir ventanas para oportunismos e retrocessos teóricos de ordem global. A exemplo das eleições à esquerda na América Latina que foram uma resposta à obsolescência e a crise no sistema político tradicional, tais governos não foram resultados de situações revolucionárias (Castro, 2012). Logo se figura um tanto ingênuo pensar que uma economia fundamentada apenas na demonstração da melhoria de índices não seria facilmente reversível ou que não haveria uma contraofensiva. Diante da ausência de horizontes, as esquerdas se viram frente a um desafio, alguns autores que há décadas atrás já prenunciavam a conciliação de classes como impasse impeditivo à abertura de novos caminhos, sendo a realidade um critério esta incidu em curtíssimo prazo, e a chamada “governabilidade” segue trucidando qualquer esboço de projeto transformador (Chasin, 2000; Cueva, 2016; Marini, 2015).

A América Latina vivenciou, ao menos em teoria, o chamado “Socialismo do Século XXI⁹⁷” a partir dos pressupostos de Heinz Dieterich (2006), que tentava superar duas questões; a primeira oriunda de uma carência doutrinária, programática, metodológica decorrente da (má) leitura do marxismo soviético que havia entrado na América Latina na década de 1970 e a segunda, que apareceu na Bolívia, no Equador e principalmente Venezuela por via institucional, na credulidade que era possível transferir e solucionar os problemas sociais, ambientais e dos povos originários interpretados somente à esfera judicial. Mesmo o chamado “socialismo estalinista” não logrou em matriz materialista e amoral onde foram fundadas as bases da modernidade e foi derrotado também neste aspeto

⁹⁷ Grifo nosso.

(Báez, 2009). O conceito também foi bastante desenvolvido pela socióloga Marta Harnecker (2011a), porém foi com Hugo Chávez que ganhou forma política, como mencionado no trecho

O termo foi cunhado por Hugo Chávez para diferenciá-lo dos erros e desvios do chamado "socialismo real" do século 20 na União Soviética e nos países do Leste Europeu. A principal lição do projeto chavista é a necessidade e importância de combinar o socialismo com a democracia, não uma democracia liberal, mas uma democracia participativa e direta⁹⁸ (Harnecker, 2011a:53).

Acerca do Socialismo há um debate importante entre o alinhamento de ideias dos dois grandes autores Chasin e Mészáros, onde ambos negam o que foi chamado como “socialismo soviético”. A princípio Chasin nomeia como um *socialismo de acumulação*, nomenclatura que é abandonada e depois realinhada a Mészáros⁹⁹ que antes do debacle soviético já nomeava estas sociedades como em *sociedades em transição*. Em 1978 Mészáros cunha a expressão *sociedades pós-capitalistas*, que indicava as sociedades que haviam trespassado um processo revolucionário, conquanto, não havia capacidades e possibilidades de construção de uma nova sociedade pós-capital (Rezende, 2017:08) Esta inferência é realizada neste momento do texto, pois este debate tomará um amplo formato e uma série de discussões concretizadas entre seus discípulos e contrários, chegando até à América Latina onde a polêmica entremeia no atual conceito de Buen Vivir como componente para alcançar o pós capitalismo, o pós extrativismo (Nunes, 2017; Acosta, 2014; Gudynas, 2011). Como o Equador poderia realizar o socialismo, sem a socialização? O socialismo do Século XXI aparentava ser de tipo novo, mas se ordenava no velho, não detalharei aqui as controvérsias do debate dentro do socialismo, mas deixo alguns

⁹⁸ Tradução livre da autora. No original - “el término fue acuñado por Hugo Chávez para diferenciarlo de los errores y desviaciones del llamado “socialismo real” del siglo XX en la Unión Soviética y los países del Este europeo. La lección principal del proyecto chavista es la necesidad e importancia de combinar el socialismo con la democracia, no una democracia liberal, sino una democracia participativa y directa (Harnecker, 2011a: 53).”

⁹⁹Mészáros que foi discípulo de Lukács neste momento acabou por romper um tipo de alinhamento com seu mestre. Algo que partiu de uma compreensão diversa por parte de Mészáros em relação ao Lukács, já que o segundo tentava uma espécie de *desestalinização*, como um porta voz teórico tentava trazer o socialismo para o plano do cotidiano, desta feita, caminhava por duas frentes a do anti estalinismo e o da democracia liberal (terceira via) (Rezende, 2017:08-10). Rezende (2017) comenta que Lukács efetivamente nunca se desvincilhou do Partido, porque creia no partido como vanguarda revolucionária, ainda reprovando os acontecimentos da época em relação a Polónia e a Checoslováquia, Lukács evitou declarações públicas. Em cartas trocadas com Bertrand Russel, Lukács demonstrou sua preocupação com a desestalinização soviética e pretendia lançar uma crítica (que no Brasil chegou com o título de Socialismo e Democratização) e que, acabou por ser censurado pela Partido Comunista Húngaro e seus escritos foram proibidos pela União Soviética (Rezende, 2017:11). Os textos foram mantidos em “esquecimento”, pois, clamava pela democratização que poderia colocar em risco o regime imposto (Rezende, 2017).

instrumentos que poderão ser aprofundados no futuro, considerando que este não é um dos objetivos desta investigação.

Muitos autores/as pensaram o desenvolvimento capitalista na América Latina desde várias vertentes, algumas análises sucumbiram com o tempo e o desenrolar dos processos, outras, por sua fragilidade, foram pouco eficazes em dar respostas a realidade. Considerando também que as contradições oriundas do capitalismo, desigualdades e injustiças foram aprofundadas, muitos estudos surgiram acerca deste aprofundamento de possibilidades de superação latino americana. Neste sentido, esta tese tem como o desafio de explicar a particularidade do capitalismo latino americano, especialmente no Equador, frente as políticas realizadas em relação ao petróleo a abundância bem como a maldição do nosso continente.

O desenvolvimento dentro do capitalismo não é capaz de dar respostas às contingências latino-americanas, logo, é necessário pensar outras formas de produção de vida (Boron, 2008). Em forma mais geral, este trabalho também é uma tentativa no avanço dos estudos latinos americanos, com um fio condutor muito particular combinando características de quem é sujeito, também objeto e analista da realidade, tendo em conta a relevância do momento histórico por nos, atravessado. Momento em que passamos por décadas de vitórias eleitorais de uma esquerda na América Latina, processo iniciado com o Hugo Chaves na Venezuela, Lula¹⁰⁰ no Brasil, Evo na Bolívia, Mauricio Funes¹⁰¹ em El Salvador, Álvaro Colom¹⁰² na Guatemala, Pepe Mujica no Uruguai, Daniel Ortega¹⁰³ na Nicarágua, Rafael Correa¹⁰⁴ no Equador, a família Kirchner¹⁰⁵ na Argentina, todas as

¹⁰⁰ Lula presidiu o Brasil no período concernente entre 2003-2011 pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e acabou seu mandato elegendo Dilma Rousseff do mesmo partido com a intenção de dar continuidade ao seu governo, que, apesar de ter acabado com bom índice de popularidade a partir de 2017 voltou a declarar que poderia ser novamente candidato a presidência do Brasil e após um período de denúncias e investigações teve sua prisão decretada por corrupção no âmbito das Operações Lava Jato. Disponível em <<http://www.institutolula.org/biografia-de-luiz-inacio-lula-da-silva>> [08.11.2018]

¹⁰¹ Mauricio Funes governou El Salvador entre 2009-2014 e atualmente está asilado na Nicarágua por se considerar um perseguido político em El Salvador, em 2018 teve sua prisão decretada envolvendo casos de corrupção. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/mundo/ex-presidente-de-el-salvador-asilado-na-nicaragua-tem-prisao-decretada-22760496>> [07.11.2018]

¹⁰² Este que governou o país de 2008 a 2012 atualmente está detido por acusações de problemas com a corrupção. <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/13/internacional/1518531889_199921.html> [10.10.2018]

¹⁰³Ex líder revolucionário Daniel Ortega voltou ao poder em 2006 e para que pudesse se candidatar novamente houve mudanças constitucionais e se recolocou no governo seguindo uma agenda ultraconservadora tentando agradar os religiosos do país e apagar seu histórico manchado por corrupção, abusos sexuais e é por muitos considerado um tirano.

<<https://diplomatieque.org.br/nicaragua-o-que-resta-do-sandinismo/>> [11.12.2018]

<<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-44892144>> [10.01.2019]

¹⁰⁴ Economista e político, eleito em 2006 fez dois mandatos, saindo do poder em 2017 deixando um sucessor que atualmente é seu opositor, Correa enfrenta as frustrações dos movimentos sociais com o seu período no

eleições aconteceram na sequência de esgotamentos de políticas neoliberais, dos modelos conservadores que não romperam com as direitas locais, além das intensas ditaduras vividas que trouxeram a reorganização dos movimentos sociais (Castro, 2012; Santos, 2007). Tais experiências foram importantes para abrir paradigmas, porém foram passageiras, esvaíram-se rapidamente, no cone sul vivemos ditaduras, guerrilhas até que as esquerdas conseguissem chegar ao poder, todavia, na maioria dos países não conquistaram o poder, mas ganharam as eleições (Castro 2012, Arantes 2007).

A eleição de Rafael Correa no Equador, em 2007, foi um dos processos mais relevantes neste país que experimentava seu retorno à democracia. Eleito a partir de demandas que se acumularam durante décadas no país, Correa teria, talvez, trazido para à população a ideia que, a partir daquele momento tudo poderia ser diferente, eram muitas as expectativas frente as mudanças propostas. A aprovação de uma Constituição sob pressupostos populares colocava a ideia de uma participação maior no Estado e de um nacionalismo que seguia em seu discurso e assim, o país para alcançaria o chamado desenvolvimento. Sánchez (2009:73) salienta que a vitória de Correa demonstrou uma tendência latino-americana na escolha de governos cuja orientação possuía um caráter mais social que efetivamente socialista, pautada em uma ideia anti neoliberal como uma posição de resistência ao modelo de globalização, contra a hegemonia norte americana.

O sentido crítico partia da superação do Consenso de Washington que assolou a América Latina nas décadas anteriores, Molina (2007) chama este intento de “reto posneoliberal” ou desafio posneoliberal. Alguns destes governantes apresentaram inicialmente modelos de nacionalização em relação a suas reservas de petróleo e gás, esta decisão, embora nem sempre a nacionalização de determinadas áreas é considerada à esquerda, trouxeram imensos benefícios aos países devido a alta dos preços das commodities. Molina (2007) ao analisar o caso boliviano alertou para um dado histórico, na medida que estes países moldaram suas transformações em commodities com preços

poder, é investigado por corrupção e crime organizado, atualmente vive na Bélgica (local de nascimento de sua esposa) e segue sob investigação. Disponível

<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/12/internacional/1536727230_139250.html> [02.03.2019]

¹⁰⁵ Nestor e Cristina são um casal que militaram juntos no período peronista em 1970, se casaram em 1975 e juntos adentraram à política, Nestor foi eleito presidente em 2003 a 2007 quando não se candidatou a reeleição dando lugar a sua esposa Cristina que foi eleita. Em 2010, em ritmo intenso de trabalho e derrotas políticas em algumas negociações Nestor faleceu vítima de uma parada cardíaca. Cristina Kirchner governou o país até 2011 quando foi reeleita, já em 2015 perdeu para Maurício Macri que colocou um fim na chamada “Era K”. Disponível <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/12/era-k-acaba-apos-12-anos-veja-o-legado-dos-kirchner-na-argentina.html>> [09.09.2017]

<<https://www.theguardian.com/world/2015/jul/21/cristina-fernandez-kirchnerismo-argentina-election>> [11.03.2019]

oscilantes, deveriam tratar da diversificação económica bem como realizar estratégias de exportação com outros países, contudo, parecem ter seguido o mesmo sentido de padrão de desenvolvimento comum de outras épocas. Ou seja, mantiveram o padrão de desenvolvimento de períodos anteriores, apostando na mudança a partir de novos selos ideológicos, que faz muito sentido debater atualmente, considerando que pouco foi transformado de fato, e nos encontramos em um neoliberalismo ainda mais aprofundado.

Como afirmou Molina (2007), ao apostarem no modelo económico e não no padrão de desenvolvimento, mantiveram o cerne da desigualdade contido em suas estratégias. Seguiu-se o mesmo padrão de desenvolvimento e de acumulação, porém o modelo proposto aparecia como diferente, em suma, se pudéssemos comparar com os estudos linguísticos, o capitalismo seria a morfologia (estrutura) capaz de agrupar diversas categorias; substantivos, adjetivos, artigos, numerais, etc. a morfologia se manteve nestes países e sua forma de realização se alterou de acordo com o modelo adotado, mais ou menos Estado; nacionalização de determinados recursos considerado estratégicos; uma combinação com o mercado a chamada política de conciliação de classes¹⁰⁶ na história dos países latino americanos os padrões.

Molina (2007) destaca o caso boliviano, mas também retoma pistas importantes para a compreensão das últimas décadas, no caso da Bolívia entre 1985-2005 exemplifica a abertura de oportunidades que lhe permitiriam mudar o modelo de desenvolvimento, mas, ao invés disto se mantiveram pendulares dentro do neoliberalismo. Isto significou a permanência em uma base económica estreita alocada sob uma economia extrativista, para Molina (2007) o enfoque deveria ter ocorrido em uma diversificação económica que correspondesse aos diversos setores que o país possui, já que a economia na Bolívia é caracterizada pelo crescimento empobrecedor. E tratando de um país heterogêneo, Molina (2007) afirma que as agendas do meio ambiente, étnicas interculturais, produção e expansão não precisariam estar juntas entre si, mas poderiam estar articuladas em vários pontos da economia. Situação que não ocorreu da melhor maneira ou na completeza realizável, segundo Molina (2007) existiu o embrião de uma alternativa económica e precisaria de um novo padrão económico que pudesse alterar sua inserção no contexto internacional. Neste sentido, temos que ter em conta que estes governos considerados de esquerda só chegaram ao poder a partir dos movimentos sociais e dos protestos que

¹⁰⁶ Recurso explicativo usado por diversos autores para elucidar governos cuja tentativa é de pacificação dos antagonismos inerentes a própria realidade.

emergiram a partir da década de 1980, movimentos que também eram contrários a corrupção da época (Sánchez Parga, 2009).

Foi um período de abertura de uma profunda crise, talvez em uma visão míope de alguns e esperançosa por parte de outros que almejavam uma mudança, mas foram incapazes de sair da caverna. Uma crise própria do sistema que consolidava uma democracia incompleta que inaugura o período de democracia caudilhistas (Cueva, 2004: Sánchez, 2009). E todos estes fenômenos estão rigorosamente relacionados, até mesmo a mudança de postura de Rafael Correa no caso do Equador que em suas promessas pautadas na Revolução Cidadã, elegeu-se em um país onde vigorava a “partidocracia” oriunda do processo de ajuste das décadas anteriores, assim Correa trazia um outro discurso pautado em um Estado com diferentes relações com as oligarquias locais e tratou de aprovar diretivas que amparassem suas diretrizes (Barbosa, 2014). O apoio a Correa, embora pareça ter sido total dentre os movimentos sociais, não foi inteiramente verdade já que sua relação com os movimentos indígenas, principalmente o Pachakutik (braço político da CONAIE) sempre foi de certa desconfiança ainda que tenham dado apoio em algumas leis da Carta Constitucional de 2008 relacionadas a natureza e ao modo de vida dos indígenas também não significou o fim do extrativismo (Santos, 2012b).

A proposta de governo Rafael Correa foi fundamentada na Revolução Cidadã (RC) na primeira proposta divulgada pela Secretaria Nacional de Planificação e Desenvolvimento¹⁰⁷ (SENPLADES) ao longo de 115 páginas demonstra seu plano programático para retirar o país da pobreza. Dentre os objetivos expostos destaco alguns que poderão ser importantes na redação desta tese: garantir a vitalidade da natureza, promovendo um uso ambiental sustentável; estabelecer um sistema econômico social e solidário; construir um Estado democrático para o Buen Vivir. Após cinco anos de “Revolução Cidadã” o documento oficial destacava que, em relação ao petróleo, haviam iniciado uma transformação de matriz energética, isto significava que o petróleo, então uma das principais fontes de composição do Produto Interno Bruto (PIB) equatoriano deveria ir, aos poucos, cedendo espaço a outras explorações e havia também nacionalizado as inversões, que, segundo o documento haviam duplicado em 2011 em relação a outros países da América Latina e o Equador havia subido colocações no ranking do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) com o número de 0,720 considerado mundialmente alto (Senplades, 2011:58). O documento, muito bem redigido, expressava o ideário de um bom

¹⁰⁷ Todas as propostas e suas alterações ao logo dos dois mandatos de Rafael Correa podem ser acedidas em <<http://www.planificacion.gob.ec/biblioteca/>> [20.01.2015]

funcionamento do país e neste sentido, era pouco condizente com a realidade já que muitas das críticas a Corrêa iniciaram logo após seus primeiros cinco anos de governo, obviamente que sempre há críticas e que mudanças profundas não se fazem em cinco anos, ainda mais quando oriundas do Estado, apesar disto Correa representava alguma estabilidade política no país das instabilidades e deposições presidenciais (Amorim, 2015; Santos, 2009).

O ascenso de Rafael Correa no Equador não foi um caso isolado na América Latina, outros governos com tendência à esquerda também chegavam ao poder Hugo Chaves na Venezuela, Evo Morales na Bolívia e Rafael Correa no Equador formavam a tríade da radicalidade, que alguns nomeavam como populistas e outros sequer apontavam como à esquerda (Andrade, 2011; Moya, 2018; De La Torre, 2012; Santos, 2009; Santos, 2018; Acosta, 2015). Santos (2007) em uma entrevista concedida para um jornal no Brasil¹⁰⁸ dizia ser importante pensar alternativas ao capitalismo tendo em conta as décadas que assolaram a América Latina, afirmou que o “socialismo” reemergiu porque o capitalismo neoliberal não foi capaz de dar respostas e afirmava que o Socialismo do Século XXI poderia ser definido pelo que não queria ser, ou seja, uma reprodução do que foi o chamado Socialismo de Século XX.

Castro (2012) chama atenção para o fato de como a esquerda na América Latina passou a usar a institucionalidade como um projeto, fato contraditório tendo em conta que as Instituições no cone sul sempre tiveram um papel apodrecido e contaminado pelas oligarquias locais. Agustín Cueva (1979), sociólogo equatoriano, alertava para um fato importante, ao falar acerca do desenvolvimento na América Latina requer dar sentido, isto é, a América Latina nunca deixou de se desenvolver, aqui me refiro ao desenvolvimento como transformação dentro do sistema capitalista. Portanto, não existem leis especiais que regem os povos periféricos, estamos em constante alteração em uma cadeia de multiplicidades, as condições internas e externas são diferentes, mas não estão separadas. Agustín Cueva retoma Marx para recordar que as afirmações do filósofo alemão ainda vigoram, a questão é como esta cadeia universal toma forma particular, como aparece em uma fisionomia local, não só na América Latina, mas em todos os continentes. Saindo da teorização para o concreto, podemos perceber que tivemos um período de bonança e também períodos de estagnação e retrocesso nas últimas décadas em todos os países que compõem a América Latina.

¹⁰⁸ Entrevista disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0706200709.htm>> [20.03.2018]

Ao falar das desilusões dos desenvolvimentistas e suas tendências ideológicas, Cueva (2016) aponta duas questões fundamentais a partir da forma como o capitalismo existe em cada território, tais formas não são idênticas¹⁰⁹. Desta singela afirmação já se pode colocar abaixo todos aqueles e aquelas que importam teorias como métodos rigorosos de aplicabilidade, porém tenhamos calma na leitura, para não cair na relativização, ao contrário, o que se pretende é exatamente por a prova as leis fundamentais às condições concretas existentes e históricas¹¹⁰ Cueva destaca dois pontos;

- a) a existência de uma matriz que é heterógena e que se desenvolve de forma desigual no capitalismo, uma complexa presença de formas pré capitalistas, aqui cabe ressaltar que Cueva é consciente da forma retrograda e extremamente reacionária como esta leitura fora feita por diversos autores críticos, complementando que todos as formas residuais existentes na América Latina hoje, estão submetidas ao capitalismo, subsistem ainda que pela exclusão.
- b) a inserção constante e violenta realizada no nosso continente deformou e deforma completamente nossa matriz, isto é, ao mesmo tempo que o imperialismo se impõe também atrofia nossa capacidade de avançar, Cueva fala em atrofia e hipertrofia, que também pode ser entendido como desenvolvimento dentro do subdesenvolvimento.

Ambos os pontos estão intimamente relacionados, o problema maior talvez seja não incorrer no erro que podem suceder tais leituras a partir uma análise não dialética, isto

¹⁰⁹Aqui também pode-se referenciar Quijano (2014) ao apontar os polos marginais de produção dentro do capitalismo, caracterizando a especificidade latino americana dentro de um traço global e característica que acaba por revelar o caráter dependente destes países. Em Quijano (2014;1970) é perceptível uma refinada análise, porém uma linha bastante tênue na compreensão das determinações do capitalismo latino americano, por vezes nos afigura um tanto determinista em afirmar a impossibilidade de superação da dependência, em outros aponta para os “capitalismos” existentes dentro do capitalismo, que, poderiam gerar contradições levando a superação. Me explico, para Quijano (2014) o fato do nosso capitalismo ser inorgânico no subcontinente faz com que suas movimentações sejam mais abruptas, com base em matrizes prévias que operam dentro e fora de cada país. Assim sendo, os efeitos nunca são generalizados, nem a suposta modernização é capaz de erradicar todos os modos de produção anteriores, os elementos se combinam e subordinação se impõe. Determinismo dependentista que atribuo a influencia do período em que Quijano trabalhou conjuntamente com Fernando Henrique Cardoso e Francisco Weffort na Universidade de São Paulo (USP), os teóricos da dependência, no Brasil (Zevallos, 2018).

¹¹⁰ O histórico aqui é justamente datado, porque dentre todas as leituras que fiz me causa um espanto analisar o período de Rafael Correa como um fato isolado de toda a história equatoriana, muitos autores aparentemente ressentidos - embora não queira entrar em Freud - anulam tudo que o antecedeu para dizer que tivemos uma década perdida e se há algo que é inegável a nosso favor é a história, esta nunca gira ao contrário.

é, dissolver problemas desta ordem em outros termos, problemas culturais, raciais, de gênero são orgânicos a esta situação, logo, não podem ser caracterizados em isolado ou em termos sistêmicos, sem qualquer complexidade, como se a contradição não existisse. O outro ponto vai além, embora acredite que muitos devem ler tais conceitos com certa aspereza, afinal perdemos muito da nossa rebeldia dos últimos anos.

Sendo assim, a esquerda se colocou neste desafio, mas não podemos deixar escapar que esta janela que se abriu para esquerda foi fruto de um processo histórico e ideias que se transformaram em votos e mais nada. Não é que faltam ideias para as esquerdas da atualidade, o que aconteceu na realidade é que abandonaram o projeto de transformação radical, como horizonte (Kohan, 2013; Santos, 2018).

O economista Alberto Acosta, - que foi um dos ministros de Rafael Correa no seu primeiro mandato – recentemente publicou um livro chamado “*Correísmo e a década desperdiçada*”¹¹¹. Amigo pessoal de Correa, foi um dos primeiros a romper com o ex-presidente em 2008, quando apresentou sua renúncia alegando diferenças em relação a demora na elaboração da Carta Constituinte no prazo estabelecido, durante a coletiva, disse que saía “sem ressentimentos¹¹²” e que não abandonaria o projeto político, pois o país precisava de um “pacto social em que minorias e majorias pudessem se reconciliar” (El Universo, 2008).

Compreender o que está escondido atrás deste desperdício é também um propósito desta pesquisa, não é a primeira vez tampouco será a última que alguns países da América Latina possuem a oportunidade de mudar seus rumos. O caso da Venezuela e do Equador são emblemáticos já que nos últimos 10 anos seus governos tiveram oportunidade de manejar vultuosas receitas provenientes do petróleo. Contudo, em ambos os casos para além do não investimento em bases estruturais que pudessem assegurar a economia quando da baixa dos preços de petróleo, não houve diversificação do aparelho produtivo nacional, fato que os tornou reféns do combustível com forte oscilação de preços, o petróleo, uma deficiência política facilmente perceptível com o passar dos anos e as hodiernas crises.

Os Estados permaneceram financiados pelo *rentismo*¹¹³, em outras palavras, se resumiram a renda oriunda do petróleo e sua valoração no mercado internacional. Para além disto, ocorreu uma repetição do velho fadado “Socialismo”, ou seja, a repetição que o governo/partido é capaz de capilarizar de forma eremítica as forças populares, ao contrário,

¹¹¹ Grifo nosso

¹¹² Frente a renuncia de Alberto Acosta, Rafael Correa se dizia confuso e sem saber o porque disto ter acontecido naquele momento (El Universo, 2008).

¹¹³ Grifo nosso.

ambos governos sem mostraram expressamente em desacordo com os movimentos sociais que foram seus maiores eleitores e ao que tudo indica não conseguiram fazer a transição pós-capitalista que era o plano de governo da maioria destes, principalmente Venezuela, Bolívia e Equador. No caso equatoriano e brasileiro houve aprovações de leis contra as manifestações sociais e prisão de líderes de movimentos indígenas e camponeses, algo muito similar aos períodos ditatoriais ou em governos com poderes oligárquicos.

Em meio aos diversos debates que se fazem acerca do colonialismo, pós-colonialismo, colonialidade ainda que não estejam em linearidade e que eclodam da necessidade de enxergar o mundo que fora colonizado, os estudos pós-coloniais autores e autoras passaram a vislumbrar a possibilidade de interceder pelos colonizados, ou seja, foram argumentos que permitiam superar visões e abrir possibilidades de debate entre colonizador e colonizado¹¹⁴ (Ballestrin, 2013:91). Segundo, Marques (1982: p.12) vivemos 5 guerras e 17 golpes de Estado - isto até o momento em que ele escrevera, atualmente já contabilizamos outros dados pela tomada do poder, via parlamentar ou via empuxe de uma direita que sempre assolou este continente - este é o nó de nossa solidão. Ou seja, uma realidade que está entranhada em nossa pele e nas incontáveis mortes e violências cotidianas em todos os países que formam a América Latina (Marques, 1982: 13).

Os nossos talentos, expressos de maneira distinta, não possuíram sequer um método que nos interpretasse, fomos exotificados, subjugados e sequencialmente abandonados. O negro nunca foi tão negro, como depois de dominado pelo branco, quando o capital decidiu provar sua cultura e fazer o uso conveniente às custas das mazelas desse povo que até hoje continua a tentar legitimar-se como humano (Fanon, 2008). *Talvez a venerável Europa fosse mais compreensiva se tratasse de nos ver em seu próprio passado*, como parte de sua história (Marques, 1982:13). Solidarizar-se com nossos sonhos e dificuldades não é suficiente, se faz necessário agir diferente desde já e cotidianamente, construindo a Pátria Grande – para os que intentam uma transformação social com uma propositura, ou seja, a ideia refletida na ação. Nossa resposta a esse quadro de Saturno¹¹⁵ o “deus que atravessa o limite da crueldade e engole seu filho adulto” vem por meio da luta, do câmbio da vida pela sobrevivência bem como da escrita que ainda é pouco reconhecida e principalmente pela criatividade dos saberes da população que atravessa o pauperismo e a inóxia com uma fecundidade e imaginação para sobreviver que é admirável aos olhos do

¹¹⁴ O tema será propositalmente evitado devido a própria limitação e enfoque da tese.

¹¹⁵Referência ao quadro de Goya “Saturno devorando seu filho”. <<https://www.museodelprado.es>> [20.01.2017]

mundo, que por ora nos contempla e ora nos rebaixa. Nossos saberes são utilizados, mercantilizados sob uma égide inclusiva do estranho, do aceite por meio da exotificação objetificada, como afirma Santos, (2010:10)

(...) sobreviveram, mas são utilizáveis apenas em duas circunstâncias; como matéria-prima para o avanço do conhecimento científico ou como instrumentos de governo indireto inculcando práticas ilusórias de autogoverno. Todo o conhecimento acumulado nos últimos anos acerca da incorporação americana ao capitalismo nos exige uma formulação.

Bagu (1949) esmera uma detalhada formação colonial hispânica/portuguesa na América, evidenciando um nível de organização social altamente elevado no período que antecede a colonização. Temos nossa história! Santos (2002) quando situa sua crítica ao que denomina *Razão Indolente*¹¹⁶ demonstrando que a diversidade de experiências sociais, não podem ser esquadrihadas sob a égide de uma teoria geral, que a meu ver, pode ser resumida à perspectiva do senso comum científico ou àquilo sob qual todos estamos expostos; o entendimento da história de modo linear, que, segundo o autor, foi predominante na década de 80, quando o Estado Liberal também se consolida em âmbito global e no caso latino americano esgota as possibilidades políticas, a nos conhecido como a década perdida (Santos, 2002: 241).

Santos (2002: 242) também infere a sua *razão metonímica*, como uma das aparências da *razão indolente* a própria incapacidade do entender a realidade saindo da bipolaridade existente entre aqueles que relacionam os acontecimentos, não como um *complexo de complexos*, mas sim como um conjunto de partes isoladas e observadas a partir de uma ótica ocidentalizada e hierarquicamente superior. Portanto, incapacitados por sua própria condição histórica e hegemonicamente superior, não enxergam outro tipo de razão e veem o mundo a partir da sua parte, por consequência, socializam-se por meio de fragmentos. O autor identifica como uma das causas da má compreensão, a arrogância em não afirmar aquilo que é diferente ao que nos cerca, logo, propõe a *sociologia das ausências*¹¹⁷ como um deslocamento cujo objetivo é revelar aquilo que parece solto ante o olhar sociológico, mas que possui sua essência, seu saber diversificado, todavia, que não é reconhecido dentro lógica monocultural do saber (Santos, 2002). É uma forma de libertar culturalmente o que é tratado, dentro da ordem mundial, como resquício, sobra, portanto, nada tem a oferecer. Entretanto, a própria condição de existir enquanto remanescente já se

¹¹⁶ Grifo nosso

¹¹⁷ Grifo nosso

faz como luta por reconhecimento, isto se traduz por diversos mecanismos, mesmo os considerados violentos ou ilegais, que existem fora do contexto socialmente aceito é uma luta diária, a questão é fazer-se consciente, que me parece ser a reivindicação do autor, para chegar ao que é ocultado, isto é, a essência das questões com articulações globais e locais, visando recuperar experiências locais que foram subalternizadas e assim reproduzidas (Santos, 2002: 252).

Deste hiato parte Ribeiro (1995: 64) quando explana o processo civilizatório a partir da conquista selvagem¹¹⁸ de um povo a outro que se funde em uma civilização universal transfigurada em salvadores ou salvacionistas, fato que nos obrigou a explicar nosso próprio processo civilizatório, uma vez que as categorias explicativas foram incapazes de pensar seus poderios, *ao mesmo tempo, se plasmam a si mesmas como novas formações socioeconômicas e como novas configurações histórico-culturais, que cobrem áreas e subjagam populações infinitamente maiores que a Europeia* (Ribeiro: 1970 In Ribeiro, 1995:65)

O processo civilizatório, acionado pela revolução tecnológica que possibilitou a navegação oceânica, transfigurou as nações ibéricas, estruturando-as como impérios mercantis salvacionistas. Assim é que se explica a vitalização extraordinária dessas nações, que de repente ganharam uma energia expansiva inexplicável numa formação meramente feudal e também numa formação capitalista. (...) É no curso dessa autotransformação que as populações indígenas das Américas, do Brasil inclusive, se veem conscritas, a seu pesar, para as tarefas da civilização nascente. Viabilizando-a na base do dos saberes indígenas, que permitiram a adaptação do europeu em outras latitudes, e provendo largamente a força de trabalho que as inseriu no mercado mundial em formação (Ribeiro, 1995: 64 - 65).

Ribeiro (1995), demonstra, em seu engenhoso trabalho, como cada grupo foi dominando um ao outro e destaca os Iberos que se fizeram na busca além-mar com sua mentalidade feroz salvacionista cristã, enfatizando que a dominação espanhola chega a tal tope que passam a vislumbrar domínio das terras portuguesas. Por sua vez, Portugal arranja mecanismos para manter-se independente apoiando-se a Inglaterra, país que se fez potência do apoderamento judaico e que irrompe o continente para dominar a terceira parte da América. Ribeiro (1995:68) afirma que que por onde passaram os ingleses arrasaram, sangraram os chefes locais transformando-os em massa de trabalho, enquanto que Portugal no Brasil teve sua maior conquista, não somente por meio das riquezas, mas sim na subjugação de um povo inteiro. Povo tergiversado pela mestiçagem sangrando até os dias

¹¹⁸ Segundo Ribeiro (1964: 64) a selvageria exclui a dominação Árabe, já que estes, em sua ocupação gritavam apenas Jihad e permitiam que a vida seguisse, não queriam converter ninguém.

atuais, que esperava algum destino, que não se reconheceu em si mesmo tudo, se transformou imensamente aquém da classe dirigente, esta permanece igual exercendo por meio do reconhecimento entre si sua infundável hegemonia e assim *gastam gente, aos milhões* (Ribeiro, 1995:69).

2.2 América Latina: um capitalismo sui generis

Considerando que o capitalismo possui uma forma hegemônica mundial, Santos (2013) afirma ser difícil pensar uma alternativa para a intrínseca destruição no âmbito global acrescentando a isto o fato de muitos países não quererem comprometer o “desenvolvimento” tardio de suas economias assinando tratados que possam comprometer o seu atual funcionamento. Estes países em “desenvolvimento” são os países do capitalismo dependente, ou seja, países que entraram no capitalismo por meio da colonização.

Nas últimas décadas, o caráter da dependência na América Latina tem se alterado, onde já existiam indústrias instaladas se assentou como controle econômico e do cenário político subjugando até nossas classes dominantes, classes dominantes que são assim dominadas subservientes e manipulam a economia, política e a cultura (Bambirra, 2013). Os países latino americanos são iguais na desigualdade, alguns se industrializaram e há outros onde a industrialização nunca chegou ou chegou controlada pelo capital estrangeiro, há ainda uma preferência por mantê-los na extração da natureza, são países de enclave, de produção agrícola e seu desenvolvimento também passa a depender da integração continental (Bambirra, 2013). Bambirra (2013) atina para um contexto de Revolução Continental em uma ajuda mútua, de uma luta global e não com processos isolados em que as forças sociais de unem e se empurram para a frente (Bambirra, 2013).

A forma como os países capitalistas desenvolvem-se estão estreitamente vinculados à forma do desenvolvimento do capitalismo global. A teoria da dependência fundada pela CEPAL (Comissão Económica para a América Latina e Caribe) é fundada como uma base institucional para criar condições de desenvolvimento, todavia o desenvolvimento é visto enquanto um contínuo evolutivo pelo qual todos os países deveriam passar (Duarte & Graciolli, 2007). Tais teorias surgiram no Pós Segunda Guerra, momento que a América Latina tentava identificar e postular possibilidades de crescer, apontando uma possibilidade de capitalismo autónomo frente a derrocada que o mundo vivenciava (Duarte & Graciolli, 2007). Osório (2016) menciona que são muitas as

dificuldades para dar respostas aos dilemas da América Latina, nosso desenvolvimento foi categorizado como atrasado, feudal, jovem, etc., e uma série de equívocos históricos.

Todos os enganos que hoje já conseguimos identificar, de nenhuma forma serão dados como um rebaixamento teórico, ao contrário, muitas das tentativas de entender a nossa história foram realizadas sob a égide de múltiplas violências, assim todo o caminho percorrido até aqui será compreendido como um pavimento que nos permitirá seguir adiante. Ainda sob os escombros do chamado “atraso” ou da compreensão mais adotada; que o onde o nível do avanço das forças produtivas nos daria um maior ou menor desenvolvimento, e assim em caminho igual para todos os países do mundo avançaríamos alçando o lugar de primeiro mundo. Carcanholo (2013) recuperando o pensamento de Aricó menciona que a América Latina possui um fio condutor, uma vertebra, primeiro a colonização, depois a dependência que segue determinando a condição econômica deste continente

É a razão de ser do desenvolvimento do capitalismo na América Latina. Processo que retrata a especificidade do capitalismo sui generis latino-americano, inerente à dinâmica geral de funcionamento do capital. Particularidade que integra a totalidade do movimento do capital, fazendo com que a própria América Latina, se torne refém da lógica reprodutora do capital no âmbito mundial (Traspadini, 2014b:30)

Dentre as contribuições do filósofo brasileiro José Chasin se destacam as críticas que fez as várias denominações imputadas a América Latina (especificamente no caso brasileiro) que ganharam muita notoriedade no período pré-64 como tentativa de explicar a realidade nacional elucidam as autoras Assunção & Sartório (2008)

Trata-se das teorias da *marginalidade*, do *autoritarismo*, da *dependência* e do *populismo* – produzidas quase ao mesmo tempo na tentativa de criticar a história do pré-64 e, concomitantemente, apresentar uma alternativa política e social para o país. Contudo, quase sempre camuflaram a compreensão das várias facetas que compõem a realidade brasileira, contribuindo para a não configuração de um novo quadro econômico e social¹¹⁹ (Assunção & Sartório 2008: 136).

Chasin (2000) denominou *Analítica Paulista* os estudos desenvolvidos pela Escola de Sociologia na USP com autores bastante conhecidos tais como, Fernando Henrique Cardoso, Francisco Weffort, Centro brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), Gianotti, entre outros, com um marxismo vulgar ou adstringido (Assunção &

¹¹⁹ Grifo das autoras.

Sartório, 2008). Uma sociologia voltada para à democracia liberal que influenciou fortemente o pensamento da época e de décadas posteriores (Assunção & Sartório, 2008).

Com o final da Segunda Guerra, a ONU – Organização das Nações Unidas – disseminou para os continentes grupos que objetivavam apoiar o replanejamento das economias nacionais, na América Latina foi fundada a CEPAL em 1948 com sede em Santiago do Chile e alguns brasileiros que passaram por lá continuam atuando politicamente tais como; José Serra, João Manoel Cardoso de Mello, Celso Furtado, Fernando Henrique Cardoso (Assunção & Sartório, 2008). Tinham como propósito levar a América Latina ao desenvolvimento sob um ideário mais amplo compreendido como a inserção destes países nos *valores próprios da civilização ocidental*¹²⁰ (Assunção & Sartório, 2008; Filho & Corrêa, 2011).

A Comissão Econômica para a América Latina (Cepal) foi uma escola de pensamento, ou seja, era naquele espaço que seriam pensadas as ideias correntes que seriam transformadas em ações propulsoras do desenvolvimento latino americano. Muito fortemente influenciada pelas ideias de Celso Furtado, pautavam-se em uma crítica ao liberalismo que impediam e atrofiavam a existência de uma indústria nascente.

Segundo Assunção & Sartório (2008:137) a CEPAL entendia o subdesenvolvimento a partir de suas sucessões históricas mais recentes – não somente relacionados a colonização – mas também ao imperialismo que, segundo tais autores, tinham interesse em manter a América Latina como produtora de bens primários, um fornecedor ao grande império, não acreditavam que, no pós guerra, economias tão suscetíveis pudessem alcançar o patamar de desenvolvimento dos chamados países avançados. Daí em diante desenvolveu-se também o ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros – que avaliava o desenvolvimento como um processo histórico e composto por intelectuais dentre os quais, Michel Debrun, Roland Corbisier, Alberto Guerreiro Ramos, Ignácio Rangel, Nelson Werneck de Sodré, Hélio Jaguaribe, etc. pensavam uma revolu o industrial dentro de uma revolu o nacional partindo da ideia que necessitávamos de uma burguesia nacional que poderia representar os interesses da na o, muito embora, o caráter desta aliança de antemão pareça contraditório, na época não pareceu, visto que se tratava de uma vanguarda esclarecida (Assun o & Sartório, 2008).

Já   possível notar aqui o t trico legado estalinista, cuja análise foi apropriada pelo PCB – Partido Comunista Brasileiro. No Brasil o PCB (Partido Comunista Brasileiro)

¹²⁰ Grifo dos autores.

fez a transposição precisa de uma possível aliança entre trabalhadores rurais, entendendo que o estágio agrário era um entrave para o desenvolvimento económico.

Borges & Rezende (2008: 28) trazem uma análise relevante mostrando que a interpretação leninista¹²¹ apontou que a revolução socialista sucumbiria caso não ocorresse uma assente base material burguesa, pois esta trazia consigo avanços e desenvolvimentos fundamentais para as forças de trabalho. Ou seja, ainda sob a égide do regime burguês, o proletariado exprime algum interesse neste tipo de transformação, ainda que a essência do capital permaneça. Desse pensamento indubitavelmente aflora a ideia, exterior a Lenín, que todo país atrasado deveria se concretizar plenamente até chegar em uma possível revolução socialista, impondo uma linearidade histórica inevitável (Borges & Rezende, 2008). No caso *pecebista* brasileiro não houve atualização do instrumental teórico nem mesmo após a Segunda Guerra Mundial, fincaram-se no bojo da transição débil por etapas e contando com uma aliança com a burguesia progressista (Mazzeo, 1999 *in* Borges & Rezende, 2008:29).

Tratava-se de uma proposta de desenvolvimento fundamentado num planejamento económico com acentuado protagonismo estatal, baseado na industrialização e com viés nacionalista. Em sua visão, o desenvolvimento deveria unir progresso técnico e elevação dos padrões de vida, das massas populares, processo este iniciado com uma revolução capitalista de caráter nacionalista, capitaneada pelo estado e pelos capitalistas nacionais (Assunção & Sartório, 2008: 138).

O capitalismo *sui generis* latino-americano ou chamado via colonial que nos leva a subalternização foi para Chasin (1989:73) *uma falta de identidade*¹²² que não só engloba aspectos culturais de questões pessoais ou de personalidade, ao contrário é condição enraizada na própria elementaridade da existência ou subsistência, ou seja, o caminhar económico não acompanha o caminhar social e espiritual destes indivíduos e assim não emana nada que não seja uma integração excludente. Nas palavras de Chasin

Em síntese, à via colonial de efetivação do capitalismo é inerente o estrangulamento da potência auto reprodutiva do capital, a limitação acentuada da sua capacidade de reordenação social, e a redução drástica da sua força civilizatória. Desse modo, ao mesmo tempo que encobrem por inacabismo, seus processos empuxam, pela via da irresolução crônica das questões mais elementares, a contradição estrutural entre o capital e o trabalho. Ou seja, na mazela do capital atrofico, a sua falta de perspectivas corresponde a abertura de possibilidades da perspectiva do trabalho. Enquanto a lógica do capital

¹²¹ Ver Lenín, V. I (1986) “Duas táticas da social-democracia 1986 na revolução democrática”. In *Obras Escolhidas*, Vol.1 3ª ed. São Paulo: alfa – Omega.

¹²² Grifo do autor.

subordinado simplesmente reitera a atrofia renovada, a lógica do trabalho perfila a virtualidade da superação do impasse (Chasin 1989: 74-75).

O autor ainda menciona que as teorias desenvolvidas pela CEPAL e pelo ISEB não era menos que uma pirueta conceitual já que ao lerem o imperialismo de forma vulgar endossavam a possibilidade de completude de uma capitalismo nacional (em termos, económicos, sociais e políticos) e no caso específico da Cepal, ainda se pensava uma visão parcial, linear do processo que em consequência desconsiderava todas as configurações específicas do desenvolvimento nacional (Chasin, 1989:120). Foram muito eruditos no período e ao mesmo tempo criaram uma fantasia da possibilidade de um capitalismo autónomo, a realização da felicidade do capitalismo racionalizado (Chasin, 1989:120).

Nos anos 1960 como forma de rebelarem-se contra estas insuficiências teóricas houve uma tentativa de entender a América Latina sob um viés marxista em especial com Theotonio dos Santos, Vânia Bambilra, Ruy Mauro Marini, André Gunder Frank, Agustín Cueva, como o debate da teoria da dependência ainda permanecia sob o viés de Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto acabaram por se distanciar do marxismo e aproximar-se mais de Max Weber perdendo a radicalidade e a profundidade na discussão (Assunção & Sartório, 2008:138). Possuíam como propósito demonstrar como a dependência estruturava as relações dos países periféricos e a partir disto, colocar os países latino americanos no rumo certo, perceberam de imediato que se tratava de um vício em que a situação de dependência estruturava as relações políticas e económicas, nos imputando sempre uma condição de países agro exportadores frente aos países centrais em sua produção tecnológica e era esta condição plasmava as decisões por aqui.

Segundo Assunção & Sartório (2008:138) a teoria da dependência se opunha a visão do ISEB – *isebiana*¹²³ – já que não entendiam que uma suposta burguesia nacional poderia levar um projeto de país adiante, porém, não possuíamos uma burguesia revolucionária capaz de levar a frente os interesses nacionais. É interessante notar como a teoria da dependência se embasou em um tipo ideal a seguir, onde toda a clivagem das classes sociais desaparece, bem como a nossa constituição histórica e se eleva um caráter determinista para a desigualdade dos países que, agora foram cientificamente comprovados no confinamento das remediações, logo, a categoria particularidade é anulada bem como a exclusão das classes que efetivam a noção do pertencimento e que não se resolve, isto é,

¹²³ Grifo da autora.

aquilo que aproxima o indivíduo do seu gênero humano, que é o pertencimento, se torna suprimido vedando o acesso ou a exclusão de cada um (Chasin, 1989).

Desde logo a eliminação das formas particulares do capitalismo, no caso em suas objetivações subordinante e subordinada, que por essas identificações expressam diferenças de qualidades no substrato universal do capitalismo, em claro contraste com os delineamentos da teoria da dependência que, retendo somente a universalidade do capitalismo como tipo-ideal, reduz as diferenças internacionais apenas a graus de propriedade ou impropriedade no desenvolvimento do capital, assemelhando-se com isso às antigas teses do desenvolvimento (Chasin, 1989:121).

Chasin (1989) aponta algo bastante pertinente que, ao anular a particularidade desta dependência pensar e lutar somente pela *democracia* seria o mesmo que lutar por algo sempre limitado, afinal como uma sociabilidade limitada, que não é lida em sua particularidade poderia elevar-se à uma democracia de fato. O que acontece é que se torna uma liberdade propulsionada pela atmosfera universal indeterminada *entificada*¹²⁴, isto é, uma abstração tomada como realidade. Já que a Revolução burguesa nacional se colocava como impossibilitada restou à teoria da dependência, no caso brasileiro ainda mais acentuado, aceitar fatidicamente a subordinação como dada, considerando a universalidade do capitalismo, sepultando qualquer particularidade arterial nestes países reduzindo as diferenças aos diferentes graus de desenvolvimento, como uma escada em que cada uma ia subindo e talvez um dia todos chegassem ao auge. Chasin (1989: 123) comenta que ocorreu o cancelamento de natureza política da democracia e tornando a democracia aquela que é a da plenitude do Estado formando uma tríplice aliança “democracia-política liberdade” restrita a um jogo de regras.

A teoria da dependência, para além da sua insuficiência teórica, finalizou num ideário que escavou um fosso enorme, acabou por nos colocar a beira de um abismo, a dificuldade em compreender profundamente o desenvolvimento combinado, desigual ou o capitalismo atrofico que reunia especificidades que acabam por nos unir a universalidade colocou tudo na universalidade e destarte o vínculo do capitalismo mundial foi abstraído e condicionado a responsabilidade dos subordinados a tratar dos seus fenômenos como epifenômenos, logo, com a entrada do capital externo tudo poderia ser resolvido desde que se fizesse aqui um ordenamento científico da realidade (Chasin, 1989). A teoria da

¹²⁴ Neste caso, entificação é a particularidade deste capitalismo dependente, um caminho histórico pela qual passamos incapaz de ser reproduzido em cada país, porém com um limite próprio e comum entre os colonizados. Não caberia nunca a importação de conceitos como métodos fechados, mas sim a leitura da realidade concreta a partir deste ou daquele viés.

dependência começa a perder força devido a própria incapacidade de reprodução do capitalismo igualmente em outros países, logo, se percebe que subdesenvolvimento e desenvolvimento são diferentes faces da mesma moeda (Duarte & Gracioli, 2007). Nas palavras de Marini (2012: 47)

A América Latina Surge como tal ao se incorporar no sistema capitalista em formação, isto é, no momento da expansão mercantilista europeia do Século XVI. A decadência dos países ibéricos, que primeiro se apossaram de territórios americanos, engendra aqui situações conflitivas derivadas dos avanços das demais potências europeias. Mas é a Inglaterra, mediante sua dominação imposta sobre Portugal e Espanha, que finalmente prevalece no controle e na exploração de territórios Marini (2012: 47).

Desta feita, não ocorreu a compreensão da particularidade do capitalismo brasileiro, tampouco do capitalismo em cada país colonizado enquanto um circuito do capital, fato que dificultou a compreensão correta do imperialismo em sua forma dialética em ser subordinante sob vários aspectos, afastando-se da visão dual como a teoria da dependência objetivou entre subordinados e subordinantes. Para Chasin tal teoria realizava a magia de sumir com a irradiação das formações subordinantes e os nexos das relações desiguais por meio da internacionalização do capital (Chasin, 1989:121).

Quando Santos (2016) propõe descolonizar o marxismo, é uma tentativa de fazer a crítica a esta transposição irrefletida inerente a este período da América Latina que tomou para si uma herança metodológica do desenvolvimento económico como etapas a serem alcançadas e superadas, imputando uma categoria e encaixando em determinado contexto. Tal ideário era estranhado por Caio Prado (2004), uma vez que Marx nunca estendera a interpretação do que ocorria na Europa aos demais países do globo como uma fatalidade histórica (Prado, 2004: 33).

O equatoriano Agustín Cueva teve ascenso ao pensar a América Latina por uma via marxista e uma severa crítica ao pensamento cepalino embasados na teoria determinista da dependência, mostrando diversos flancos principalmente a ala de teóricos marxistas¹²⁵ que intentaram esta interpretação. Todavia, passado o tempo é evidente que muitas destas teorias mostraram atual validade e Cueva foi capaz de reconhecer isso diversas vezes, fato que o coloca em um patamar diferenciado da leitura dialética, homem do seu tempo, não suplantou as teorias por mera discordância, ao contrário, vai além no objetivo maior que é a compreensão da nossa realidade latino-americana (Moreano apud Cueva, 2008).

¹²⁵ Trata-se de Ruy Mauro Marini, Aníbal Quijano e Theotônio dos Santos.

A particularidade da situação latino americana culmina na sua relação com o presente e a permanência de um nexos colonial (Fernandes, 1973, Caio Prado, 2010). Os países sul-americanos foram utilizados como exportadores de natureza e o marxismo acercou à América Latina entre o impasse de analisar as lutas sociais ali realizadas e a própria compreensão desta teoria como método de intervenção. A inexistência do operariado moderno denotou qualquer possibilidade de transformação no seio daquela sociedade americana que resvalava o trabalho escravo, servil, pré-capitalista e entravavam qualquer leitura do mundo sob o espectro do pensador alemão.

Como se sabe o próprio Marx nunca chegou a desenvolver bem o seu método. Prado (2001: 5) afirma que o filósofo alemão se valeu do emprego do seu *método dialético*¹²⁶, contudo, a maneira como o fez e o resultado sintetizado em sua teoria econômica, forneceu elementos para a compreensão e sistematização dos seus procedimentos. Marx partiu da massa crítica existente, da natureza construtiva do conhecimento, aquilo que já existia teoricamente e embasou o avançar de sua apreensão do real. Ainda vigora tal debate, principalmente entre aqueles defensores da ordem vigente, questionando o caminho percorrido por Marx.

O estilo de Marx, como homem de ação que era, e revolucionário ativamente engajado na procura da teoria capaz de rastrear e orientar aquela ação, torna possível reconstruir a partir da exposição que faz de sua teoria, o método empregado para chegar aos resultados expostos (Prado, 2010: 48)

Não ocorreu a reinvenção da roda, ao contrário, o filósofo alemão foi capaz de mobilizar o conhecimento existente de forma ampla, escavou para além do que lhe aparecia buscando a essência da realidade, sendo esta a capacidade intelectual do pesquisador, isto é, extrair do contexto uma totalidade (Garcia, 2013:128). Seu método segundo Garcia, 2013:132 (apud Netto, 2010) se vale da totalidade, ou seja, da união dos complexos que se estabelecem na sociedade como uma totalidade carregada de dinamismo, articulando categorias contraditórias devido a própria transformação social. Qual a massa crítica acerca do desenvolvimento histórico e capitalista no Equador? essa é a primeira indagação mais universal desta tese, o que nos antecedeu acerca desta temática, para daí avançar, considerando que o mundo não se divide em fatos (Prado, 2010).

As "fases" da transformação capitalista variam entre os países da América Latina - assim como no interior destes países. Sodré (1990) chamou este processo de a contemporaneidade do não coetâneo - e as várias experiências ajudam a demonstrar as

¹²⁶ Grifo nosso

possibilidades de devir (para o bem e para o mal), um mosaico que no fundo é a própria via colonial latino-americana. Em alguma medida as teorias etapistas da dependência auxiliaram o imperialismo naquilo que se denominou nosso “atraso feudal” que deveria ser extirpado e que foi uma análise de um dos primeiros teóricos a tentar ler a América Latina a partir de Marx, Mariátegui compreendia nossa experiência histórica como parte de uma natureza feudal, contestada por Prado (2004) e sequencialmente Gunder Frank (1969) demonstrou que a formação da propriedade rural possuía um caráter distinto comparada ao feudalismo europeu¹²⁷.

Prado (2004) elucida que o caráter capitalista da colonização desembocará no imperialismo, já que se inseriu de forma subordinada ao sistema como uma espécie de modernização conciliadora. Oliveira (2003: 02) também aponta neste sentido quando menciona o formidável arsenal marxista da economia clássica e o quanto esta leitura foi falha nas periferias. Quando transposta foi entendida como “evolucionismo” – uma falácia considerando que o marxismo se embasa na premissa que *os homens fazem sua história*, logo, não cabe nenhum determinismo evolucionista – também logramos tentativas de revoluções passivas pelo alto, de uma “via prussiana” resultado de resquícios do estalinismo e da compreensão de um comunismo primitivo de avanço das forças produtivas.

Dentro da premissa da divisão internacional do trabalho, o capitalismo latino americano moldou-se a partir da exploração e exportação de natureza, ante as tentativas frustradas de outro desenvolvimento por meio do modelo de substituição de importações pareceu incompatível com a ideia de desenvolvimento industrial. Uma reprodução do que foram os desenvolvimentos de via clássica no capitalismo e um apagamento do nosso caráter colonial e de nossa história. É importante ressaltar que o teórico Guerreiro Ramos, apesar do seu apagamento dentre os grandes nomes da sociologia brasileira teceu críticas severas ao marxismo-leninismo dogmático praticado por partidos de esquerda do período e por isto foi muito boicotado de diversas formas pela própria esquerda. Criticando o que chamou de “rinoceretização¹²⁸” das pessoas, que, por meio a tantas propagandas e slogans nihilistas passariam a crer no mundo dado como finito, sem saída, um drama Ionesco disse o

¹²⁷ O trabalhador do campo brasileiro se embasou no assalariamento e não em estamentos como na Europa, a exemplo da Revolta de Ibicaba quando pela primeira vez imigrantes suecos contestavam suas condições de trabalho exigindo direitos no pós-escravidão, trabalhavam no campo, mas não da mesma maneira como no feudalismo europeu.

¹²⁸ Grifo do autor

autor, era o momento de lutar contra o fatalismo, mesmo nos partidos, uma esquerda que se constituiu como contrarrevolucionária (Ramos, 1963:13-15).

A burguesia dependente e impotente para enfrentar o capital internacional imperialista do ponto de vista económico e político e compensa a impotência externa com a onnipotência interna, isto é o poder desta burguesia é o poder de manipular sua população e pilhar o seu território. O resultado disto é o Estado que temos, que não resolve o problema da segregação e que não tem como resolver porque é exatamente daí que nasce sua força, por exemplo a Constituição de 1988, no caso Brasileiro, determina o quanto os indivíduos devem ter para viver com dignidade o chamado “salário mínimo constitucional”, no entanto, ainda se recebe muito abaixo do que foi determinado, vivemos a superexploração do trabalho dentro de um Estado que serve à burguesia, foi delimitado para seus interesses. No processo de formação fomos encroados, consolidamos o poder sem resolver os problemas da formação. Segundo Alves & Macedo (2011)

Grosso modo, apesar das suas diferenças específicas, observamos uma *continuidade da subalternidade imposta pelos ditames do capital financeiro mundialmente dominante, ou seja, da continuidade da reversão dependente alcançada pela contrarrevolução*, em países tais como a Argentina, o Brasil, o Chile e a Colômbia – aqueles, no Cone Sul, onde mais avançou a industrialização-, e *ruptura da subalternidade ou dos laços de dependência à dinâmica da mundialização financeira*¹²⁹, tal como ocorreu em Cuba e hoje ocorre na Bolívia, no Equador e na Venezuela, países onde a industrialização alcançou patamares inferiores aos do primeiro grupo. As continuidades conformarão capitalismo monopolistas subordinados ao capital financeiro, ao passo que as rupturas se abrirão as dinâmicas de expansão de sociedades anticapitalistas. A atual evolução assimétrica desses países (assinale-se que em outros momentos os processos de ruptura foram liquidados, tal como ocorreu no século XX na Bolívia, Chile, Brasil, Argentina, etc.), nos instiga a vislumbrar suas razões e trajetórias possíveis de modo a precisarmos a atual etapa da evolução histórica latino-americana (Alves & Macedo, 2011:4)

A questão central é o Imperialismo, como o capitalismo monopolista incorpora - ou deixa de incorporar - os vários países, na Colômbia se expressa de maneira extrema a questão da autocracia burguesa, na Venezuela de maneira extrema a subordinação da economia nacional as commodities, etc. Delineando as estruturas particulares da transformação capitalista no Equador e verificar o quanto ela afirma ou nega a ideia de uma via colonial.

Segundo Rago (2010: 2), Chasin, na sua tese de doutoramento, tratando da questão do Integralismo no Brasil, refutava qualquer *apriorismo conceitual pela referência*

¹²⁹ Grifo dos autores.

ao modelo externo, indagando-se sobre a possibilidade de se elidirem as diferenças históricas pelo passaporte universal de uma abstração arbitrária. Ou seja, transportar modelos e adequá-los à realidade latino americana colocaria no mesmo patamar países historicamente distintos. No final da tese Chasin demonstra que; enquanto o fascismo combinava regressividade social e expansão económica, o integralismo tentava frear a expansão das forças produtivas nacionais (Rago, 2010: 3). Em suma, Chasin conseguiu fazer uma leitura despreendida de uma ortodoxia marxista, sem fugir da análise materialista, buscando no acervo crítico leituras que possibilitassem explicar os fenómenos contemporâneos. Segundo Borges & Rezende, 2008: 35

Chasin distinguiu a objetivação do capitalismo industrial brasileiro de outras fórmulas – via clássica ou a via prussiana. Tornou manifesta a aversão da burguesia a qualquer processo revolucionário que a coloque como centro dos rumos do país e a recusa da esquerda em desvendar o tecido societário sobre o qual a realidade brasileira está composta, que impossibilita qualquer ação e programa adequados. A análise de Chasin não se encerra na constatação das dificuldades da esquerda e da burguesia nacional em assumir o papel que lhes seria natural, ele propõe uma saída possível cobrando a ultrapassagem desses limites pelo desenvolvimento da práxis que ferisse a ditadura bonapartista em suas bases estruturais. Para tanto, necessitava opor-lhes um programa econômico alternativo e baseado na realidade brasileira, interpretando a condição de cada momento, a ponto de desmontar a lógica do desenvolvimento nacional contraposto ao progresso social, de maneira que reestruturasse o conjunto da vida nacional a partir da perspectiva do trabalho.

Cotrim (apud Chasin 2000:14) amplia tal compreensão enfatizando que tal programa só será possível por meio da ampliação de bens de consumo populares, investimento estatal e privando a indústria nacional de base, combinando reforma agrária com as pequenas comunidades tradicionais para os casos em que a produção permitisse criação de empresas públicas e redefinição com o capital externo, que não implicasse em nenhum isolacionismo. Entendendo que, enquanto existir capitalismo, haverá crise e possibilidade de superação (Burawoy, 1990). Chasin, abriu um flanco com vistas a entender o caráter do capitalismo brasileiro e identificou particularidade da “Via Colonial”¹³⁰. Seu trabalho tem um itinerário bastante inovador porque, apesar de não o desenvolver completamente, o autor demonstrará um pano de fundo bastante particular deste tipo de capitalismo, partindo de um amplo estudo da “imagem de mundo” da direita

¹³⁰ Grifo nosso.

brasileira e respondendo algumas questões no próprio Marx;¹³¹ industrialização hipertardia - subordinação - oscilação entre conciliações e ditaduras e o debate do politicismo.

A forma de análise da objetificação do capitalismo brasileiro em Chasin se revela distante da análise rígida e enlatada que a esquerda brasileira e latino americana possui que a desobriga de se debruçar no tecido societário sobre o qual se desdobra o campo económico político brasileiro (In Borges & Rezende, 2008:33). Chasin aponta que o caminho da esquerda brasileira segue em conciliação com o atraso, excluindo inteiramente a participação popular (Chasin, 2000:42). O conceito de “Via Prussiana” ou das Revoluções pelo alto não dá respostas aos países que viveram um passado colonial, que não romperam com a velha estrutura. Assim sendo, Chasin cunha a *via colonial*¹³² cuja industrialização é hipertardia, caudatária e subordinada ao capital externo desde o início, em nenhum momento se estabeleceu um desenvolvimento autónomo. Ou seja, estamos no limbo entre uma burguesia que exerce seu poder somente de forma autocrática e que abandona qualquer intencionalidade autónoma afirmando seu carácter subordinado, por um lado, e por outro, uma estrutura agrária herdada da colônia e formada na superexploração do trabalho, incapaz de pensar um projeto nacional ainda que nos marcos capitalistas (Cotrim, 2000).

Por meio do esforço analítico Chasin (2001) reitera o que Caio Prado também tentara, ou seja, desvendar a particularidade brasileira para além dos modelos transportados via Kominterm¹³³, neste ponto não cabe um rebaixamento ao trabalho de Caio Prado e sim uma confirmação que Chasin experimenta da realização da industrialização brasileira, logo teve uma possibilidade maior de escavar seus alicerces (Borges & Rezende, 2008).

Na obra de Chasin a aplicação da Via Colonial para o restante da América Latina não é mais que uma possibilidade. Não há dados. Apenas que teoricamente pode ser aplicada a todos os países que foram alvo de disputas imperialistas, daí a contribuição teórica dessa pesquisa, para além do fato desta tese se compor da realidade equatoriana, fato que denota um outro empenho que é o da apreensão de outra formação complexa sem perder-se na particularidade ou no descritivismo, nestes escritos aprioristicamente está a ânsia pela libertação de um subcontinente. O compasso da tese é costurado à contrapelo dos escritos atuais pensa-se numa alternativa à ordem do capital ao invés da propugnação

¹³¹ Quando trata da Via Prussiana por exemplo, a maioria dos autores que analisam a América Latina partem da concepção de Lenine, limitando o problema a questão agrária e não desdobram efetivamente uma particularidade forte o bastante para romper com as estruturas que nos prendem.

¹³² Grifo da autora.

¹³³ Como ficaram conhecidas as Internacionais Comunistas.

das possibilidades de individualismo, principalmente entre os teóricos que cada vez mais possuem menos contato com a realidade das pessoas e seus dilemas.

Burawoy (1990) também nos dá um aporte teórico relevante, abandonando criticamente a ciência positivista, excessivamente empirista que negava o marxismo como ciência, buscar-se-á um engajamento do pesquisador, cujo propósito é compreender as relações de dominação e as questões concretas da/na realidade. Enredo também refutado por Santos (2006: 23) demonstrando que as Ciências Sociais, de um modo geral, sinalizavam exaustão, um problema paradigmático que separava o sujeito do objeto reduzindo a *complexidade do mundo a leis simples suscetíveis de formulações matemáticas*. Santos (2006) também contribui para uma análise, para além da derrocada do Socialismo nos países do Leste e das crises da década 1990 e a necessidade de superar esta herança fúnebre do estalinismo sem perder o movimento crítico, cujo o conceito de pós-modernidade também não foi suficiente porque parte de um pressuposto que o mundo é um todo homogêneo no que tange a ciência dos estudos sociais.

Santos (2006) afirma os valores fundamentais modernos de igualdade, solidariedade e liberdade, mas adverte, bem como pretende esta tese em termos teóricos, que as violências que cometeram em nome de tais valores tiveram porca abordagem crítica de fato, ou seja, ainda da importância de tais valores para a consolidação de uma sociedade mais justa a violência justificada em nome de uma liberdade, igualdade e fraternidade permaneceu, logo, demanda ser revisitada, apontada, criticada e elevada para que a teoria cumpra seu papel transformador. São teorias que se trespassam no afã de alçar os oprimidos, com suas vozes, seus saberes e lutas como pensava um dos grandes sociólogos da América Latina, Álvaro Vieira Pinto, necessitamos de uma sociologia que explique a inevitabilidade do *vale de lágrimas*¹³⁴ para os pobres, conceito que o autor associa a oração de Salva Rainha, identificando todos os mecanismos utilizados pelos opressores para ocultar os fundamentos sociais que nos mantem em condição assombrosa (Fáveri & Nosella, 2007: 170). Parafraseando Galeano (2010) a premissa que orienta esta escrita é a de sempre buscar a resolução e a diminuição das desigualdades, já que é também por meio da reflexão que encontramos respostas para despistar os fantasmas que nos acoçam e fazer da escrita algo que perturbe a realidade e que possa ser historicamente útil em acordo com a nossa urgência. Deste ideário passaremos as encontradas como saída desta condição

¹³⁴ Grifo nosso.

latino-americana no t3pico seguinte, o *Socialismo do S3culo XXI* e o *Buen Vivir* e como esta discuss3o aparece politicamente no Equador.

2.3 Pol3ticas neodesenvolvimentistas: Socialismo do S3culo XXI no Equador

O governo equatoriano do Socialismo do S3culo XXI que ganhou as elei3es apoiado em um discurso de desenvolvimento baseando-se na diversifica3o de sua base exportadora, previa, em seu Plano Nacional para o *Buen Vivir* de 2009 - 2013 na Constitui3o Artigo 280, as compet3ncias do Estado, programas e projetos para a concretiza3o do tal Socialismo ou para a realiza3o completa de uma soberania equatoriana. A primazia era a radicaliza3o das transforma3es a partir da Constitui3o alcan3ando, assim, a Revolu3o Cidad3 ou o Socialismo do *Buen Vivir* (Plano Nacional, 2009-2013:9). Segundo a Constitui3o de 2008

O plano Nacional de Desenvolvimento 3 um instrumento a que se sujeitaram as pol3ticas, programas e projetos p3blicos; a programa3o e execu3o do pressuposto do Estado; e a invers3o e aloca3o dos recursos p3blicos; e coordenar as compet3ncias exclusivas entre o Estado Central e os governos aut3nomos descentralizados. Seu cumprimento ser3 obrigat3rio para o setor p3blico e indicativo para os demais setores¹³⁵.

O plano se mostrava audacioso rompendo com os par3metros neoliberais alocados com o Consenso de Washington, por meio de modelos alternativos de desenvolvimento existentes na Am3rica Latina, no caso o *Buen Vivir* que, segundo o documento em suas 500 p3ginas, reinterpreta a rela3o do homem com a natureza utilizando o conceito de Ramirez¹³⁶ (2008: 387) para delimitar esta compreens3o.

(...) satisfa3o das necessidades, conseguindo uma qualidade de vida digna e morte, amar e ser amado, e florescimento saud3vel de todas as pessoas, em paz e harmonia com a natureza e o prolongamento indefinido das culturas humanas. Bem viver sup3e ter tempo livre para a contempla3o e emancipa3o, e as liberdades, oportunidades, capacidades e potencialidades reais dos indiv3duos para expandir e prosperar de modo que iria conseguir, simultaneamente, que a sociedade, territ3rios, as v3rias identidades coletivas e cada um, quando visto como uma valores alvo humanas vida desej3vel universal e em particular de uma s3 vez (material e subjetivamente, sem produzir qualquer regra para outro). Nosso conceito de viver bem nos obriga a reconstruir o p3blico a reconhecer-nos

¹³⁵ Tradu3o livre da autora. No original: El Plan Nacional de Desarrollo es el instrumento al que se sujetar3n las pol3ticas, programas y proyectos p3blicos; la programaci3n y ejecuci3n del presupuesto del Estado; y la inversi3n y la asignaci3n de los recursos p3blicos; y coordinar las compet3ncias exclusivas entre el Estado central y los gobiernos aut3nomos descentralizados. Su observancia ser3 de car3cter obligatorio para el sector p3blico e indicativo para los dem3s sectores.

¹³⁶ No per3odo era Secretario Nacional de Planificaci3n y Desarrollo

compreender e valorizar uns aos outros entre diferentes, mas iguais prosperar a possibilidade de reciprocidade e de reconhecimento mútuo, permitindo assim a autorrealização e construção de um futuro social compartilhado¹³⁷ (Ramirez, 2008:387).

O documento apresenta um ideal de sociedade distinta e contrária à atual. Expressaria uma ultrapassagem do capitalismo, partir da recuperação da soberania e de um modelo de Estado que faria a inversão das riquezas em uma sociedade pós petróleo capaz de regular os setores estratégicos da economia. Segundo Cepeda (2012) a partir de 2012 o Equador vivenciou um momento histórico, abandonando o modelo de Estado empresarial cimentado no neoliberalismo. Rafael Correa barrou as privatizações, a flexibilização a precarização do trabalho empreendeu-se em uma visão nacionalista da economia revisando os contratos com as petroleiras e conseguindo manter no Estado 80% da renda oriunda do óleo negro.

A construção ou remodelação de estradas no país tem sido sem precedentes, fortalecendo a integração nacional e a promoção regional; da mesma forma, obras de infraestrutura foram multiplicadas em todo o país; produtores comunitários, pequenos e médios produtores, assim como trabalhadores informais, camponeses, indígenas e até mesmo setores de profissionais ou outros empresários, tornaram-se sujeitos de créditos e programas de apoio; vínculos especiais foram estabelecidos para apoiar segmentos da população pobre e necessitada; e os gastos sociais quadruplicaram em um período de cinco anos, de modo que a educação pública, assim como a saúde, foram superadas pela crescente demanda popular, a afiliação obrigatória à previdência social, a melhoria das condições de vida e de trabalho, são os novos sinais do tempo (Paz & Cepeda, 2012: 30)¹³⁸.

¹³⁷ Tradução livre da autora. No original (...) la satisfacción de las necesidades, la consecución de una calidad de vida y muerte dignas, el amar y ser amado, y el florecimiento saludable de todos y todas, en paz y armonía con la naturaleza y la prolongación indefinida de las culturas humanas. El Buen Vivir supone tener tiempo libre para la contemplación y la emancipación, y que las libertades, oportunidades, capacidades y potencialidades reales de los individuos se amplíen y florezcan de modo que permitan lograr simultáneamente aquello que la sociedad, los territorios, las diversas identidades colectivas y cada uno — visto como un ser humano universal y particular a la vez— valora como objetivo de vida deseable (tanto material como subjetivamente, y sin producir ningún tipo de dominación a un otro). Nuestro concepto de Buen Vivir nos obliga a reconstruir lo público para reconocer- nos, comprendernos y valorarnos unos a otros— entre diversos pero iguales— a fin de que prospere la posibilidad de reciprocidad y mutuo reconocimiento, y con ello posibilitar la autorrealización y la construcción de un porvenir social compartido.

¹³⁸ Tradução livre da autora. No original: Ha resultado inédita la construcción o habilitación de carreteras que trazan al país, fortaleciendo la integración nacional y la promoción regional; igualmente se multiplicaron las obras de infraestructura en todo el país; productores comunitarios, pequeños y medianos, así como trabajadores informales, campesino, indígenas e incluso sectores de profesionales u otros emprendedores, pasaron a ser sujetos de créditos y programas de apoyo; se establecieron bonos especiales para sostener a segmentos de población pobre y necesitada; y, el gasto social se cuadruplico en un quinquenio, de manera que la educación pública, así como la atención en salud, sobrepasada por la creciente demanda popular, la obligatoria afiliación a la seguridad social, el mejoramiento de las condiciones de vida y trabajo, son los nuevos signos del tiempo (Paz & Cepeda, 2012: 30).

Em contraponto, Paredes (2012) a democracia, pautada na ideia de Revolução Cidadã contempla apenas o enfoque político eleitoral, ou seja, ganhar as eleições, perpetuar-se no poder, aprovando uma Constituição, que na prática não garantiu a efetividade dos seus avanços e tudo que competia ao ideário de Revolução radical transformou-se em mero adorno. Foi uma proposta corporativista porque embasou o crescimento económico a partir da concentração de riquezas fortalecendo as elites e velhas oligarquias económicas e entregando alguns benefícios a população (Carrasco, 2012).

Em 2013, após seis anos do primeiro mandato de um governo que parecia promissor, Alberto Acosta afirmou que Correa havia, contudo, se tornado incapaz de validar uma Constituição que ele mesmo ajudou a elaborar, transformando-se em um personalista. Destacava alguns dos abusos por parte do governo que se dizia à esquerda, entretanto, reavivava leis dos períodos oligárquicos e salientou que muitas das alterações sociais visíveis pautavam-se sobretudo na entrada de divisas oriundas dos altos preços do petróleo no mercado internacional (Acosta, 2013). Também Machado & Zibechi (2017) afirmam que os governos chamados progressistas, em uma análise mais geral, não fortaleceram os processos comunitários e tornou o Estado em uma máquina autoritária em sua tentativa de modernização nos moldes desenvolvimentistas.

Acosta (2016:24-29) afirmou ser o Buen Vivir uma alternativa as propostas desenvolvimentistas, revelando os erros daqueles que sempre colocaram os indígenas como *atrasados ou pré-modernos*, segundo o autor é um projeto tolerante, que sobreviveu séculos após a colonização, que poderia libertar e nutrir de esperanças as experiências existentes no mundo. Tanto Bolívia como Equador conseguiram extorquir qualquer sentido propositivo do Buen Vivir, convertendo-o em propaganda política (Machado & Zibechi, 2017; Barbosa dos Santos, 2017b). Santos (2000:2002), que analisou diversos países e suas experiências de luta fora dos centros hegemônicos, na percepção das diversas formas de racionalidade e de compreensão que a razão eurocêntrica foi incapaz de compreender, logo, se imporia um novo tipo de racionalidade capaz de valorizar e aprender com tais experiências.

O fato é que em seu primeiro mandato Correa soube compreender muito bem o país que o recebia. O Equador acabara de sair de um histórico de crises e de um profundo neoliberalismo que levou a população a derrocada desde a década de 90. A partir de 2010 o governo de Rafael Correa tomou medidas muito incongruentes em relação àquilo que havia

proposto no início de seu mandato em 2006¹³⁹ dividindo a sociedade, o presidente não reconhecia os movimentos sociais que o colocaram no poder e que, apesar das inegáveis melhorias não havia nenhum projeto pautado no Socialismo do Século XXI o que existia era sim uma continuidade da dependência extrativista (Acosta, 2011). Foi uma Revolução Cidadã destituída de cidadania, uma modernização conservadora, voltando-se para à institucionalidade e a identidade de atores sociais e políticos, construiu-se um campo semântico centrado na reversibilidade legal, constitucional. A modernização conservadora remonta a ideia da revolução pelo alto, ou seja, excluí as camadas populares dos processos de transformação e o que ocorre é um pacto entre as burguesias proprietárias de terras, diferentemente do que ocorreu no desenvolvimento do capitalismo dos países chamados via clássica¹⁴⁰ que realizaram suas modificações com base em rupturas violentas ao regime anterior (Pires & Ramos, 2009). No caso brasileiro os autores mencionam que

Este pacto político entre a burguesia nascente e os terratenentes condicionou a formação de uma burguesia dependente, que não conseguiu apresentar um projeto de poder autónomo e hegemónico para a nação, conduzindo-a, portanto, para os trilhos de uma economia dependente da dinâmica dos países centrais: subdesenvolvida em termos estruturais e autocrática (Pires & Ramos, 2009: 412).

Tal pacto impossibilitou um projeto de sociedade e modificações maiores, como por exemplo, o acesso a terra, concentrando suas políticas entre setores médios e grandes proprietários, um pacto político entre elites que condicionou o desenvolvimento do capitalismo subordinado (Pires & Ramos, 2009). No caso brasileiro se denota este período quando a burguesia industrial nascente e impulsionada pela industrialização não consegue romper com a oligarquia agrária já existente. No caso do Equador, a crise do cacau somada a Grande Depressão de 1929, levou o país a outras alianças e pactos políticos favorecendo outros grupos dominantes em uma tentativa séria de industrialização (Acosta, 2009: 107). O retorno à democracia se deu em 1979 e teve como pano de fundo a necessidade de modernização política, ou seja, uma continuidade da modernização económica via industrialização e planificação (Davalos, 2002). Conquanto, não é possível afirmar que o Equador se enquadra em uma estrutura de modernização conservadora no cerne do conceito, não obstante seu atraso à industrialização ainda maior que o brasileiro, seguiu um caminho bastante análogo, segundo Acosta (2009:107-111)

¹³⁹Consultado a 16.02.2017 disponível em <<http://nuso.org/articulo/accion-ecologica-una-organizacion-popular-ilegalizada-en-ecuador/>>

¹⁴⁰ Trata-se de França, Inglaterra e Estados Unidos.

Com os baixos preços dos produtos agrícolas, procurou-se favorecer de forma sistemática uma nova aliança dominante, em especial a burguesia industrial. Embora os “empresários rentistas” do setor das manufaturas também se tenham beneficiado, no caso do Equador eles nunca romperam abruptamente com os exportadores ou com os latifundiários. Esses grupos tiveram a capacidade de ajustar-se, diversificando seus interesses no campo industrial e naturalmente no financeiro, sem descuidar das atividades comerciais. E outros grupos, nascidos da indústria ou do comércio, souberam garantir sua base de acumulação e naturalmente o seu status, fazendo investimentos na agricultura. (...). Nesse contexto, a política de substituição de importações que dominava o cenário latino-americano, e que permitiu forçar a industrialização do país, e também atenuar os efeitos da crise da banana, não alcançou os resultados esperados. Em primeiro lugar, pela incapacidade das elites de criar condições propícias à sua cristalização. O mercado interno não se transformou de forma dinâmica, nem houve uma redistribuição, ou se garantiu o fluxo adequado de capital para o reajuste do aparato produtivo, de forma a superar a sua heterogeneidade estrutural. Não houve uma concentração efetiva de esforços privados e governamentais para criar a infraestrutura necessária, nem se concebeu (e muito menos se aplicou) uma autêntica política aduaneira que protegesse de forma ativa a indústria nascente, até que ela alcançasse níveis prudentes de competitividade internacional. Essa tentativa de industrialização não modificou o padrão tradicional da acumulação primário-exportadora. Foi um esforço associado e subordinado à lógica do capital externo, que orientou o sistema produtivo para satisfazer as necessidades de grupos minoritários da população, favorecendo a produção de bens de consumo para atender a esses grupos, em lugar de orientar-se para bens de capital e intermediários.

A modernização equatoriana encontrou logo seus limites, a política de substituição de importações não subscrevia um projeto autêntico e nacional, foi mais um projeto desordenado e combinado para atender os interesses das elites daquele momento (Acosta, 2009). Como bem assinalou Frank (1970) esta era a *burguesia lúmpen* que, medíocre, abandona um projeto desenvolvimento nacional em nome de algo a ser realizado a partir “de fora”, ou seja, é o capitalismo internacional quem ditará as regras. Beinstein (2016a) contesta o conceito de ‘burguesia lúmpen’ utilizado por Frank (1970) e afirma que tal apreciação compreendida como uma burguesia colonial, começa a ser desmentido na década de 1970 quando ocorre uma financeirização e transnacionalização do capital, tal conjuntura transforma a natureza das elites económicas, impulsionadas também pela catástase da URSS e a entrada da China em seu processo de aceleração económica. O economista argentino indica que esta mudança da natureza das elites trouxe à tona um aspecto complexo de violação de tudo, das normas, do *curtoprazismo*¹⁴¹ como objetivo além das crises de representatividade trespassadas por saqueios e ascensões militarista (Beinstein, 2016a).

¹⁴¹ Grifo nosso.

Deste novo dimensionamento aparece a *lumpen burguesia global*¹⁴², assim sendo, a América Latina não está fora deste processo, esta aceleração do processo de colonização visível por meio da exacerbação do liberalismo que levou muitos países a derrocada, passou ao processo de financeirização onde uma empresa instalada em um país tenha negócios e investimentos em muitos setores e em países distintos e mesmo relacionando-se ao crime ou ao narcotráfico (Beinstein, 2016). As elites dos chamados países periféricos fazem sombra e esta *burguesia global lumpen* que não se limita a economia está arraigada em tudo, uma máfia judicial, aos círculos midiáticos que se aproximam e se afastam e acabam por confundir a quem prestam serviços (Beinstein, 2016a). Para Beinstein (2016a) quando chegou o século XX entremeado por guerras, Revoluções, fascismos e <socialismos> se fez triunfar um neoliberalismo esfacelante que levou ao poder setores conhecidos como progressistas na América Latina, tal empreitada conduziu as elites à uma certa histeria e alarmismo frente a possibilidade de perder o controle e seu poderio. O economista argentino então aponta

As elites dominantes locais não são o sujeito de uma nova governabilidade e sim o objeto de um processo de decadência que as ultrapassa. Pior ainda, essas lumpen-burguesias trazem mais crise a crise, para além das suas manipulações midiáticas que tentam demonstrar o contrário. Acreditam ter muito poder, mas não são mais do que instrumentos cegos de um futuro sombrio. Ainda que o declínio real do sistema abra a possibilidade de um renascimento popular, certamente difícil, doloroso, não escrito em manuais, nem seguindo rotas bem pavimentadas e previsíveis (Beinstein, 2016a: para 9).

Heinz Dieterich, que esteve ao lado de Hugo Chaves em 1999, um dos maiores apoiadores do Socialismo do Século XXI ou da Revolução Cidadã (Socialismo do Buen Vivir) no caso equatoriano, fez suas críticas aos governos que a ser ver poderiam possibilitar mudanças substanciais no capitalismo e após 10 anos de alguns mandatos progressistas dizia a que o Socialismo do Século XXI havia desvanecido. Dieterich (2011) afirmou que no caso do Equador, houve uma mescla entre a composição de governo realizada por Corrêa que tendiam à esquerda e ao liberalismo. Logo, quando fora convidado para realizar um plano de cambio econômico Dieterich afirmou que Falconí, um dos integrantes do governo, era o típico universitário liberal e sabotou o projeto, Falconí trabalhou como titular na SENPLADES (Secretaria Nacional de Planificação e desenvolvimento) em 2013 renunciou ao cargo por meio de uma carta¹⁴³ alegando que se

¹⁴² Grifo do autor.

¹⁴³Carta disponível <<http://www.eltelegrafo.com.ec/images/eltelegrafo/banners/2013/07-08-13-Renuncia-Fander-Falconi-1.pdf>> [02.04.2016]

dedicaria ao Alianza País. Conquanto, Falconí já havia renunciado em janeiro 2010 voltando em novembro de 2011 e em 2013 renunciou novamente, antes da saída publicou em dos seus textos.

No Equador, aconteceu uma mudança epistemológica. A economia sempre tem um correlato maior. O ator social que está administrando o neoliberalismo (o mercado como uma medida de todas as coisas) foi suprimido pela preeminência de um humanismo que vai além do mero discurso político. A natureza e os seres humanos foram os protagonistas deste processo. Um teste é a Constituição de 2008 e o Plano Nacional para o Bem-Estar. Trata-se de substituir uma visão mercantilista da economia e colocá-la a serviço do cidadão. Bem viver é um processo¹⁴⁴ (Falconí & Muñoz, 2012: 94).

Mesmo sob a tentativa de virar as costas para o império estadunidense, Rafael Correa não conseguia constituir uma equipe de trabalho comprometida e consensual em torno de projeto político esmerado. Assumiu um governo com a pretensão de transpor a chamada *partidocracia* e a *la triste y larga noche neoliberal*¹⁴⁵ das décadas anteriores que destroçou o país chegando até a dolarização de sua economia. Porém, seu governo se fez não de méritos próprios, mas por demérito dos anteriores, tendo em vista que a década em que Correa foi o presidente pode ser considerado o melhor momento histórico para que mudanças significativas e duradouras pudessem ocorrer. Na prática, o governo de Rafael Correa permaneceu sob o jugo do mercado, do trabalho frente ao capital, acrescentando novos dilemas aos velhos e novos níveis de pobreza e miséria em graus diferentes. Boron (2010) afirmou que nos países da América Latina sempre existiu um capitalismo nacional sem uma burguesia com o mesmo caráter, Menon (2013) afirmou ser este o caráter do Equador.

Todavia, conforme já foi apresentando este é um dos grandes debates da América Latina, no caso desta tese e do seu amalgama teórico caminharemos em concordância com a filiação teórica inicial, isto é a teoria crítica da dependência e no caso de a burguesia nacional existir ou não no Equador recorreremos a Bambirra (2015). Na incapacidade da teoria da dependência nos dar uma saída para nosso subdesenvolvimento Vânia Bambirra (2015) esquadrinha uma tipologia demonstrando os tipos de integração ao capitalismo,

¹⁴⁴Tradução livre da autora. No original - En Ecuador se ha operado un cambio epistemológico. La economía siempre tiene un correlato mayor. El actor social que es manejo el neoliberalismo (el mercado como medida de todas las cosas) ha sido suprimido por la preeminencia de un humanismo que va más allá del solo discurso político. La naturaleza y el ser humano han sido los protagonistas de este proceso. Una prueba es la Constitución del 2008 y el Plan Nacional del Buen Vivir. Se trata de reemplazar una visión mercantilista de la economía y ponerla al servicio del ciudadano. El Buen Vivir es un proceso (Falconí & Muñoz, 2012: 94).

¹⁴⁵ Grifo nosso.

revelando o caráter das mudanças na medida que as relações económicas, se alteram seja por guerras ou por intervenções dos países hegemónicos.

A princípio temos uma integração de estruturas diversificadas com industrialização em expansão e uma segunda estrutura primário-exportadora, cujo *processo de industrialização será um produto da integração ao monopólio mundial* (Bambirra, 2015:55). Bambirra (2015) demonstra que tais fatores históricos e estruturais podem ser constatáveis empiricamente e que os países que já haviam iniciado sua industrialização no Pós-Guerra, últimas décadas do século XIX representariam o Tipo A¹⁴⁶, Brasil, Argentina, México, Uruguai, Chile e em menor medida Colômbia¹⁴⁷. Sendo nosso subdesenvolvimento estreitado com o desenvolvimento dos países centrais estes países vão receber muitos impulsos a partir da Primeira Guerra Mundial (Bambirra, 2015: Marini, 2012). Os países do tipo B compõem-se por aqueles que iniciaram a partir da II Guerra, aos finais dos anos 1950/1960 cuja característica fundamental é estar sob o controle do capital estrangeiro, Peru, Venezuela, Equador, Costa Rica, Guatemala, Bolívia, El Salvador, Panamá, Nicarágua, Honduras, República Dominicana e Cuba (Seabra, 2013).

Bambirra (2015:60) destaca que a questão do mais ou menos industrializado ou a hierarquia destes processos não pode ser essencialmente considerada, mas sim seu caráter qualitativo, isto é, de que modo esta industrialização foi intensa a ponto de arregimentar variações substanciais. Seria possível estabelecer um terceiro tipo C, com os países que até possuem uma economia agrário-exportadora, sem diversificação industrial, incluindo Paraguai, Haiti e, talvez, Panamá (Seabra, 2013). Como não pretendo arrolar toda a vasta literatura de Bambirra, apontarei questões fundamentais no que tange ao processo subdesenvolvimento no Equador. Bambirra (2015) considera que a Revolução Industrial mudou o sentido de desenvolvimento, criando um dinamismo bastante forte também devido a capacidade de revolucionar as forças produtivas criando outros domínios em relação a natureza, como demonstraremos na sequência no uso de fontes de energia que obtivessem melhores resultados. Quando abordamos o desenvolvimento na América Latina o processo de substituição de importações é costumeiramente mencionado, pois, foi neste momento que se pensou algum tipo de industrialização e desenvolvimento interno. Já existe ampla literatura sobre isto no caso do Equador o economista Alberto Acosta (2005) afirma, que em 1954 houve a primeira tentativa séria de industrialização do país, após o

¹⁴⁶ Países com início antigo de industrialização

¹⁴⁷ A Colômbia possui um diferencial pois, segundo Bambirra (2015:58) começará sua industrialização a partir da segunda metade de 1920.

enfraquecimento do setor bananeiro, era necessário promover outro tipo de acumulação. Porém apesar da substituição de importações em um cenário forçado, não houve redistribuição, não houve criação de infraestrutura necessária, não alterou a acumulação agrário exportadora¹⁴⁸ e o capital estrangeiro foi dominante, o que explicaria a dependência tecnológica.

Para Bambilra (2015) deveríamos mirar os países chamados desenvolvidos somente no sentido de entender como nossa inserção comercial se realizou com estes países. Dado que nossa expansão se realizou a partir dos países centrais, o mesmo afirmava Ribeiro (1988) nós, latino americanos, nascemos rejeitados, nossa existência só ocorre por meio do enfrentamento ao colonialismo, ao imperialismo, como tentativa de romper com as amarras da dominação externa. Acertadamente Bambilra (2015) teoriza acerca da formação da nossa dependência externa, por meio de uma tipologia, onde o Equador se enquadraria nos países de tipo B, segundo a autora o desenvolvimento industrial nos países centrais passou a regular todos os outros e afirma

(...) desde a Revolução Industrial o sentido do desenvolvimento de qualquer sociedade passou a ser dado pela indústria manufatureira. Porque a indústria é a base do capitalismo que por sua força, tinha a condição de subjugar e liquidar os demais sistemas (Bambilra, 2015:61).

O trabalho de Bambilra, tal como de José Chasin são importantes porque ambos buscaram tomar a realidade em teoria, ou seja, afastaram-se de modelos universais exteriores ou mesmo em separado do singular. Ao contrário, os desencadeamentos de processos formam relações e reações diversas que vão se coagulando de diversas formas, estas precisam ser tomadas, em sua formação, para serem compreendidas em traços comuns a diversos países que poderiam ser enrijecidos, enquanto que outros seriam passageiros e produto daquele momento da acumulação. Neste sentido, ambos se afastam da referência cronológica como parâmetro central, de tal modo que aquilo que é considerado novo existe em concomitância com o arcaico.

Ao se expandir o capitalismo central busca matérias primas constantemente e assim, qual seria o resultado das modernizações nos países que se constituíram como fornecedores? Nos países de tipo B, no qual poderíamos alocar o Equador, suas burguesias industriais jamais tiveram peso substantivo frente ao controle do capital estrangeiro,

¹⁴⁸ Acosta (2005:111) Foi um esforço associado e subordinado à lógica do capital externo, que orientou o sistema produtivo para satisfazer as necessidades de grupos minoritários da população, favorecendo a produção de bens de consumo para atender a esses grupos, em lugar de orientar-se para bens de capital e intermediários.

portanto, nunca foram capazes de mobilizar a população através do fenômeno do populismo, senão, um tipo de "populismo defensivo", cujo eixo era a afirmação da nação e a negação do imperialismo, um "populismo" oligárquico para chantagear o imperialismo (Bambirra, 2015). Ainda neste debate foi perceptível que o conceito de *pós-neoliberalismo*¹⁴⁹, bem como as políticas neodesenvolvimentistas, foram amplamente empregados nas últimas décadas, e utilizado estrategicamente para fortalecer o capital, que existiu foi, uma continuidade do neoliberalismo iniciado na década de 1990, e as esquerdas, que utilizaram-se deste conceito, como alternativa, em realidade, acabaram por fortalecer a direita e sua ascensão (Stolowics, 2010).

2.3.1 Buen Vivir, o remédio amargo da Revolução Cidadã

No Equador, o Socialismo do Buen Vivir¹⁵⁰ resgata a ideia do reconhecimento dos direitos da natureza baseada em uma economia que minimizasse os impactos ambientais; pautando-se na transformação da matriz e democratização do Estado; contrariamente ao que ocorreu no neoliberalismo. Também resgata fortemente o Buen Vivir, baseado na premissa de fortalecimento do trabalho e da vida sob todos os aspectos, a partir de uma nova métrica de relação e integração entre os povos. Para Santos (2012) trata-se de um debate civilizatório que existe desde a conquista destes povos e a destruição de suas culturas o “Socialismo do Buen Vivir¹⁵¹” seria a grande novidade que o Equador traria ao mundo; uma Revolução Cidadã que não consistia em uma Revolução Liberal, uma vez que trata de diversas cidadanias, por exemplo as cidadanias dos povos originários e suas regras de pertencimentos que passaram a ser garantidos na Constituição de 2008 (Santos, 2012: 78-79). Contudo, independente de contestar a viabilidade concreta do chamado *Socialismo do Século XXI*, o conceito foi elaborado pelo sociólogo radicado no México Heinz Dieterich. Também a socióloga Marta Harnecker (2010) se debruçou sobre as possibilidades de transformações na América Latina, por meio do *Socialismo do Século XXI*, considerando a própria realidade propondo uma descentralização do Estado. Harnecker¹⁵² (2010: 5-9) afirmou a necessidade daquele momento superar as esquerdas tradicionais eurocêntricas e pensar a partir dos nossos autores, tal como Paulo Freire, adentrar nos movimentos

¹⁴⁹ Grifo nosso

¹⁵⁰ Consultado a 02.04.2015 disponível em <<http://www.buenvivir.gob.ec/el-socialismo-del-buen-vivir>>

¹⁵¹ Grifo nosso.

¹⁵² Chilena, Harnecker faz diversas menções sobre como as políticas neoliberais foram implementadas no Chile, como um ensaio do que poderia ocorrer no continente.

populares, pensando outras de formas de mudança e de luta frente ao triunfo de políticos de esquerda e centro esquerda.

Dieterich afirma que a recessão mundial foi mais exacerbada nos países neocoloniais e nenhuma medida dentro da lógica nacional de mercado seria capaz de romper com o ciclo de empobrecimento (Dieterich, 2006). O autor faz sua análise a partir da Nova Ordem mundial sustentada pelo período relativo após os ataques de 11 de setembro em 2001, que segundo ele, modificou a correlação de forças e isto está plasmado na forma como os Estados Unidos realiza suas intervenções na América Latina que passam por uma espécie de uma economia mais integradora com o projeto ALCA em 2005, mas que subjacente à proposta se estreitam cada vez mais as possibilidades de um desenvolvimento democrático nos países da América Latina (Dieterich, 2006). Um trabalho importante na América Latina, que retomou suas diferenças típicas da “heterogeneidade histórica e estrutural¹⁵³” do Sul.

A Revolução Cidadã ganhou visibilidade nos debates políticos que tangenciam a América Latina, mencionada como um modelo de gestão por alguns autores, para outros como aprofundamento e até uma radicalização das políticas neoliberais em virtude da condução das políticas de Rafael Correa nos últimos anos. Foi, em meio a este debate que, nos últimos anos, o ex-governante enfrentou uma tensão latente que o colocou como oposição aos movimentos sociais indígenas e urbanos, que foram seus maiores apoiadores na primeira eleição. Desde sua aparição no cenário político até sua reeleição em 2013, Rafael Correa tomou medidas que dinamizaram a economia do país. Entre elas estão, à recusa do pagamento de uma parcela da dívida ação que possibilitou um aumento dos investimentos sociais¹⁵⁴ além da nacionalização de algumas empresas petrolíferas e da redefinição das empresas que continuam a ser privadas (Musto, 2013).

O governo se colocou a favor do desenvolvimentismo no que tange as mudanças, colocando em xeque sua relação com os movimentos sociais, especialmente os povos originários. Apesar das melhorias, a forma deste desenvolvimento econômico foi pautada na exploração dos recursos naturais, fato que não isenta o governo de crítica, além do polêmico investimento milionário realizado na construção de oito hidrelétricas e na construção de uma refinaria no Pacífico que impactaram sob todas as óticas a vida da população e a natureza neste país. Estes enfrentamentos colocaram em xeque a efetividade

¹⁵³ Grifo nosso

¹⁵⁴Os investimentos sociais passaram de 12 para 25% segundo o artigo.
<<http://www.correiocidadania.com.br/index.php>> 16.07.2015.

da Constituição equatoriana denotando certo acirramento entre os interesses dos movimentos sociais na defesa da natureza e da soberania nacional defendida por Rafael Correa. Segundo Larrea (2007) os movimentos sociais que apoiaram Correa, desde seu primeiro mandato, passaram por um momento de redimensionamento de suas atuações na medida em que apoiaram muitas das medidas progressistas estabelecidas, nestes últimos anos, pelo presidente, entretanto, são cautelosos ao realizar críticas receando que tais apreciações possam ser utilizadas pelos conservadores na tentativa de fracassar o atual regime. Rafael Correa capitalizou grande parte das lutas dos movimentos sociais equatorianos nas últimas décadas e recuou em muitas das medidas implementadas. Entre estas a consulta prévia aos povos originários afetados pelo extrativismo como estabelecido no Inciso 7 do artigo 57 da Constituição aprovada

O Inciso 7 do Artigo 57 da Constituição garante a “consulta prévia, livre e informada, em prazo razoável, sobre planos e programas de prospecção, exploração e comercialização de recursos não renováveis que estiverem em suas terras e que possam afetá-los ambiental e culturalmente¹⁵⁵.

Na formulação de sua tese Ramirez (2019: 43) afirma que o Plano Nacional para o Buen Vivir de 2009-2013 contornaria uma nova trama de relacionamentos, novas formas de reconhecimentos.

Nessa lógica, a cidadania quebra as margens produtivistas e é definida a partir de outra grade regulamentar que se propõe a realizar os “direitos de bem viver”: em termos de garantia de provisão pública, seguindo o princípio da “inclusão e equidade”, são atribuídos nos capítulos do meio ambiente; saúde; educação; Segurança social; habitat e habitação; cultura; cultura física e tempo livre comunicação social; ciência, tecnologia, inovação e conhecimento ancestral; gestão de risco; população e mobilidade humana; segurança humana; e transporte e em correspondência com esses direitos estabelecem novas formas de institucionalidade política: a estrutura estatal é dividido em cinco “funções” (não mais “poderes”), onde a tríade de controle eleitoral e legislativo é adicionada à tríade clássica do executivo-legislativo, com suas ramificações e agências. considerar a diversidade cidadã nas “diferenças específicas entre áreas urbanas e rural, desigualdades de gênero, etnia, cultura e diferenças próprias, comunidades, povos e nacionalidades¹⁵⁶ (Ramirez, 2019: 43).

¹⁵⁵ Cabe lembrar que desde 1989 segundo OIT as populações indígenas possuem respaldo internacional que lhes garante o direito de ser consultadas.

¹⁵⁶ Tradução livre da autora. No original - En esta lógica, la ciudadanía rompe los márgenes productivistas y se define desde otra grilla normativa que se propone realizar los “derechos del buen vivir”: en términos de garantía de provisión pública, siguiendo el principio de la “inclusión y equidad”, estos se asignan en capítulos de ambiente; salud; educación; seguridad social; hábitat y vivienda; cultura; cultura física y tiempo libre; comunicación social; ciencia, tecnología, innovación y saberes ancestrales; gestión del riesgo; población y movilidad humana; seguridad humana; y transporte. Y en correspondencia con estos derechos, se establecen nuevas formas de institucionalidad política: la estructura estatal se divide en cinco “funciones” (ya no “poderes”), donde a la clásica tríada ejecutivo-legislativo judicial se añaden la función electoral y la de control ciudadano, con sus ramificaciones y agencias para considerar la diversidad ciudadana en “las

Segundo Ramirez (2019) esta mudança permitiria uma mudança topográfica, menos neoliberal na compreensão do sentido da cidadania, contudo, Larrea (2007), afirmou que, após um ano de sua eleição, o governo já sinalizava a supervalorização do apoio popular que o elegeu e um nítido esquecimento das contribuições dos movimentos sociais.

Parece que, por parte do governo, há uma tendência a sobrevalorizar o apoio popular conseguido em 26 de novembro e menosprezar a contribuição dos movimentos sociais para um projeto político que tem mais pontos comuns do que discordâncias. A pouca importância que o governo tem dado aos movimentos sociais fica evidente em alguns fatos. O primeiro, quando consultaram partidos políticos sobre o primeiro estatuto eleitoral para a convocatória da Assembleia Nacional Constituinte (ANC) e se esqueceram dos movimentos sociais em relação ao assunto. O segundo, quando foi feito o pedido do presidente ao Conselho de Educação Superior (CONESUP) para que se forme uma comissão para elaborar uma proposta para a nova Constituição. Essa proposta servirá de ponto de partida para a discussão na ANC. Novamente, os movimentos sociais não foram levados em conta e não participaram da comissão. O governo parece desconhecer a força social e política de coletivos sociais cujas reivindicações históricas abriram as portas para que o país viva o fenômeno Correa. A comissão acabou sendo formada por juristas notáveis de algumas das melhores universidades do país. Há poucos dias, o presidente inaugurou a comissão e nomeou uma representante da presidência, a única mulher e oriunda das fileiras dos movimentos sociais - e também advogada e professora universitária, para se juntar aos outros oito homens, juristas de renome e professores universitários (Larrea, 2007: 02).

Enquanto a Constituição, que fora aclamada internacionalmente por seus inúmeros avanços, inclusive a aprovação da natureza como um sujeito de direitos, no país o presidente oscilava entre democracia e o personalismo em suas declarações, apontando para uma nova reforma constitucional sob alegação que algumas das medidas aprovadas, se tornaram um entrave à governabilidade. Tal atitude levou os movimentos sociais a refletirem sobre o fato de terem seus direitos repousados no papel de uma Constituição que não os representava em suas múltiplas dimensões. E, quando aprovada, em referendo popular, poderia se tornar um obstáculo às suas reivindicações exatamente porque assegura direitos nunca antes previstos, ou seja, o reconhecimento de tais direitos paralelamente atrelados as continuidades das políticas extractivistas tendem a dividir os povos originários, dificultando suas lutas e reivindicações. Considerando que, mesmo àqueles/as

diferencias específicas entre áreas urbanas y rurales, las inequidades de género, la etnia, la cultura y las diferencias propias de las personas, comunidades, pueblos y nacionalidades”.

que se opõem às medidas governamentais não negam que o país tenha melhorado substancialmente depois da implementação da chamada “Revolução Cidadã¹⁵⁷”.

Reconhecer a natureza como um sujeito de direitos, por exemplo, foi uma grande guinada na Constituição do Equador. Dado que invocar o esgotamento da natureza como possibilidade real e mesmo a chamada sustentabilidade, tão capturada pela própria indústria do capital, ganhou outro sentido no texto constitucional. Na premissa jurisdicional o conceito de sustentabilidade se insere como um princípio estruturante do Estado Constitucional, contudo, é ainda um princípio aberto que carece de delineamento, mas que possui o norteamento em termos jurídico-político; de equidade entre países ricos e pobres; equidade entre grupos etários de mesma geração; equidade entre as pessoas vivas e as gerações futuras (Canotilho, 2010).

Segundo Canotilho (2010: 9) é conveniente estabelecer que a sustentabilidade, em seu sentido restrito, aponta para a proteção/manutenção através de condutas e de resultados, já a sustentabilidade em seu sentido amplo considera que a taxa de consumo de recursos renováveis não pode ser maior que a sua taxa de regeneração, ou seja, que as gerações futuras consigam dispor de recursos. Ainda que reconheçamos os avanços na discussão dos pilares da sustentabilidade, bem como os esforços por meios de convenções entre os Estados que garantam sua efetivação sabe-se que não há consenso nas definições, tampouco, nas implicações políticas e sociais da crise ecológica.

A questão ambiental é atualmente um problema central e de disputa política simbólica e econômica. O ambiente é um espaço concreto onde nos desenvolvemos e possui limites de exploração, sua degradação é também resultado do atual estilo de vida, exacerbado pelo acúmulo de capital e de mercadorias. A problemática ambiental levanta questões importantes acerca dos limites da natureza, o que implica questionar também os limites sócios econômicos globais.

A mundialização do capital, assim como o desenvolvimento desigual e combinado¹⁵⁸, atinge os vários grupos sociais de formas diferentes. Atualmente quando se discute o equilíbrio ecológico do planeta não podemos deixar de compatibilizar os efeitos destrutivos do sistema econômico vigente, em sua lógica de crescimento a partir da máxima obtenção de lucro em detrimento dos limites naturais planetários.

¹⁵⁷ Grifo nosso

¹⁵⁸ A teoria do desenvolvimento desigual e combinado é uma tentativa de explicar as contradições econômicas sociais dos países de capitalismo periférico ou dominados pelo imperialismo, uma combinação de formas distintas de desigualdades (Lowy, 1995).

Hoje, o assunto não é só se o capitalismo poderá sobreviver ou não a esta crise terminal. Se em pouco tempo não conseguimos colocar freio nesta máquina de destruição sistemática, o que está em jogo é a sobrevivência da humanidade frente ao colapso do capitalismo¹⁵⁹ (Lander, 2013: 27).

Entre os países subdesenvolvidos¹⁶⁰ a questão ambiental nem sempre foi um debate primordial, haja vista que as questões relacionadas à fome, desemprego, crises, políticas, sociais e económicas constantes sempre se mostraram mais urgentes. No entanto, nos países latino-americanos, nas últimas décadas, o debate ambiental tem sido recorrente em virtude das lutas travadas pelos indígenas e também por movimentos sociais que abriram uma série de perspectivas no que tange a exploração dos recursos naturais, como por exemplo, o caso já citado do reconhecimento da natureza como sujeito de direitos ou como no caso brasileiro que prometeu reduzir o desmatamento ilegal na região Amazônica¹⁶¹.

Tanto no norte como no sul, existem correlações de forças que desafiam constantemente o global e o local, nesta toada, os instrumentos de decisão são interrogados constantemente objetivando garantir que sejam asseguradas a diversidade e a pluralidade dos sujeitos envolvidos, considerando que em uma sociedade desigual as definições e decisões sobre o que se reconhece, como sustentabilidade, tem múltiplas visões e interesses que em muitos casos são conflitivas (Allegretti et. al, 2013)

Na doutrina do direito há uma interdependência entre direitos humanos e direito ambiental, onde ambos objetivam melhores condições de vida, e cujo paradigma racional, neste caso, se coloca a partir da interferência do sistema de valores. Todavia, a mera defesa dos direitos ambientais não altera a concepção antropocêntrica dos direitos (Bosselmann, 2008).

Uma racionalidade económica dos direitos humanos favorece os valores individuais e materiais relativamente aos valores coletivos e imateriais. Uma racionalidade ecológica dos direitos humanos por outro lado, pode não alterar necessariamente esta ordem, mas apresentaria o seu utilitarismo subjacente (...).

¹⁵⁹ Tradução livre da autora - Hoy, el asunto no es si el capitalismo podrá sobrevivir o no a esta crisis terminal. Si en poco tiempo no logramos poner freno a esta maquinaria de destrucción sistemática, lo que está en juego es la supervivencia de la humanidad frente al colapso final del capitalismo

¹⁶⁰ Expressão que gera controvérsia, já que muitos autores/as consideram a partir da lógica do fadado desenvolvimentismo que os países periféricos, colonizados estão em 'vias de desenvolvimento'

¹⁶¹ Cabe recordar que em setembro de 2014 o governo brasileiro se recusou a assinar a Declaração de Nova York sobre Florestas que propunha reduzir pela metade a derrubada das florestas do mundo até 2020 e zerar por completo o desmatamento até 2030. Entretanto, prometeu o fim de desmatamento ilegal nos próximos 10 anos adiantando a contribuição voluntária dos países que será anunciada na Conferência do Clima (COP 21) que será realizada em dezembro de 2015. <<http://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2014/09/1521100-na-cupula-do-clima-paises-europeus-prometem-investir-ate-us-12-bilhao-para-reduzir-desmatamento.shtml> Acessado em 14/07/2015> Consultado a 14.07.2015

Até ao momento, os direitos humanos não desafiaram a racionalidade económica. Os direitos individuais são compatíveis com o individualismo e o materialismo. Similarmente, as orientações do direito ambiental também não têm sido inconsistentes com a racionalidade económica. Em última instância, a relação entre direitos humanos e ambiente é determinada pela racionalidade prevalecente e não pela lógica jurídica *per se* (Bosselmann, 2008: 10).

A relação homem-natureza precisa de ser pensada sob a ótica jurídico-sociológica na medida em que há uma voracidade em acumular capital que se situa exatamente na compreensão que a natureza é somente uma fonte de recursos. A produção universalizada do capital estabeleceu a produção da vida baseando-se na exploração das propriedades da natureza e também do humano. Logo, a produção capitalista se dá sob as bases do esgotamento natural e humano de um capitalismo que desarruma tudo. Segundo Acosta (2012) é necessário propiciar um reencontro entre a natureza e ser humano por meio da desmercantilização da natureza. E afirma:

O desenvolvimento convencional, baseado na ideologia do progresso, nos conduz a um beco sem saída. Os limites da natureza, aceleradamente transbordados pelos estilos de vida antropocêntricos, particularmente exacerbados pelas demandas de acumulação de capital, são cada vez mais notáveis e insustentáveis. A crise provocada pela superação dos limites da natureza implica necessariamente questionar a institucionalidade e a organização sociopolítica global (Acosta 2012: 78).

Conquanto, ninguém se opõe a ideia de sustentabilidade compreendida a partir da noção dos limites dos usos produtivos e finitude dos recursos não renováveis (Rocha, 2011). É evidente que vivemos sob um desequilíbrio ecológico guiado pela maximização dos lucros que não possibilitou uma equidade (Leff, 2001). Porém, é preciso compreender tal conceito de sustentabilidade como um debate ideológico e político antes de ser um problema ecológico e económico (O'Connor, 2002).

O abastecimento ilimitado do processo produtivo coloca em risco a própria reprodução do capital, neste sentido, considerando que o capitalismo se retroalimenta de crises as mudanças devem ser pensadas também em carácter global, uma vez que, tais crises envolvem todos os países. As crises do sistema são condição *sine qua non* ao próprio sistema (Marx, 1990). A crise ocorre não porque houve um aumento do nível de miserabilidade social, mas sim porque há reduzida valorização do capital uma vez que este não foi pensado para atender as necessidades humanas, mas sim para valorar o próprio capital, logo, os indivíduos são personificados em relações económicas (Marx, 1990).

Desta feita, o próprio capital, no que tange a degradação ambiental, se encarregaria de transformar a degradação ambiental em novos mercados¹⁶².

No plano político, o que ocorre é uma transferência para o Estado, bem como para os indivíduos ou aos países do Sul, o ônus do processo produtivo. Neste sentido, a crise ambiental atinge todos de forma distinta e reflete as crises inerentes ao sistema, numa dinâmica perversa apoiada na mercantilização de todas as esferas da vida. Tais evidências balizam a ideia que o capitalismo não é sustentável do ponto de vista ecológico. Para Gudynas (2017b) um dos grandes pensadores que se debruça sobre a questão do ecologismo, as questões do extrativismo na América Latina são de ordem global, para abastecer o mercado mundial

Todos os outros problemas existem há muito tempo e podem ser solucionados com medidas internas mais ou menos autônomas; com isso quero dizer que o Estado pode levar isto adiante. Me refiro aos problemas como, saneamento das cidades e manejo de resíduos sólidos. Mas o extrativismo não é de controle nacional, porque depende de preços e demandas globais. Então, a distância que há entre extrativismo e o problema ambiental em cada país da região é uma verdade enorme¹⁶³.

Segundo Alimonda (2011: 21) a origem colonial da América Latina, não significa um fatalismo ou a impossibilidade de sair da subalternidade, ao contrário, a história tem um papel fulcral nas sociedades. O autor enfatiza o aproveitamento das diversas formas de utilização dos recursos que as comunidades andinas estabeleciam com a natureza, que induziria na compreensão do que seria verdadeiramente o que hoje chamamos de *sustentabilidade*¹⁶⁴. Todavia, esta relação com a natureza não era feita de forma passiva e sim com um aproveitamento das possibilidades de utilização como pesquisa e novas formas de cultivo, que foram encerradas com os saques realizados a partir da colonização (Alimonda, 2011). Em decorrência o povo andino foi submetido a lógica de acumulação europeia (Alimonda, 2011). Após séculos, estes processos se intensificaram, pautados na

¹⁶² O mercado de crédito de carbono evidencia bem este debate, uma que vez que foi a partir do Protocolo de Quioto (1997) em que alguns países assinaram um compromisso de redução das emissões de gases que comprometem o efeito estufa e tal redução passou a ter valor econômico. Convencionou-se que uma tonelada de dióxido de Carbono (CO₂) corresponde a um crédito de carbono que pode ser vendido no mercado financeiro. Informações obtidas através do site:< www.ipam.org.br>

¹⁶³ Tradução livre da autora. No original: Todos los otros problemas vienen muy por detrás y pueden ser solucionables con medidas internas más o menos autónomas; con eso quiero decir que el Estado las puede llevar adelante. Me refiero a problemas como el saneamiento de las ciudades y el manejo de residuos sólidos urbanos. Pero al extractivismo no lo controlas nacionalmente, porque depende de los precios y demandas globales. Entonces, la distancia que hay entre el extractivismo y el siguiente problema ambiental en cada país de la región es en verdad enorme.

¹⁶⁴ Grifo do autor

extração monocultural em diferentes países vitimados por invasões biológicas e enfermidades dos países europeus, a natureza latino-americana foi colonizada, bem como seu povo e sua forma de pensar o mundo. Para Alimonda (2011) a América foi a primeira periferia colonial do mundo eurocêntrico, o que originou toda uma crítica epistemológica que entendia o processo colonial como fundador da modernidade. Advinda de uma linearidade histórica do que significava o eurocentrismo como algo patrimonial, a dos povos que possuíam todas as conjunções históricas.

Esta perspectiva implica também em: a) a racionalidade das formas estatais e das empresas coloniais ibéricas; b) a acumulação originária do capital e que originou estas conquistas; c) a apropriação da biodiversidade natural dos trópicos como fundamento da modernidade; d) a aparição dos princípios de missão evangelizadora e de superioridade europeia como articulação central do imaginário colonial eurocêntrico, como um sentido comum hegemónico que impulsiona e justifica a colonização, mas também cria uma pulsão identitária presente em cada sujeito individual deste projeto¹⁶⁵ Alimonda (2011: 23-24).

O autor questiona que a visão de mundo moderna não é homogénea e que não pode ser tratada como tal, em seu texto relembra que Marx ao afirmar a colonização como histórica, adverte que no capitalismo toma uma forma particular entre explorador e explorado, lê-se colonizador e colonizado e desta maneira propõe uma *epistemologia de fronteira*¹⁶⁶ (Mignolo, 2009; Alimonda, 2011) isto é, uma forma reescrever a narrativa da colonização e apropriação de um outro lugar, a partir dos dominados e suas histórias de resistência, frente aos que lhe foi colocado como um destino imutável (Alimonda, 2011: 27). Para Foster (2011) a luta ecológica é uma componente essencial para um outro projeto de sociedade e nunca esteve descolada do marxismo clássico, principalmente diante a crise ecológica atual que enfrentamos. O autor menciona que a luta ecológica parece estar mais avançada nos países periféricos (Foster, 2011).

Segundo Santos (2013: 256), de todos os problemas enfrentados pelo sistema hegemónico, talvez a degradação ambiental seja o mais intrinsecamente transnacional que poderia resultar num conflito entre o Norte e o Sul ou ser usado como plataforma de exercício de solidariedade. Santos (2013) adverte que as perspectivas não são animadoras, considerando que, por um lado o Norte não aponta para a utilização de medidas menos

¹⁶⁵ Tradução da autora: Esta perspectiva implica también veri car: a) la racionalidad de las formas estatales y de las empresas coloniales ibéricas; b) la acumulación originaria de capital a las que dieron origen esas conquistas; c) la apropiación de la biodiversidad natural de los trópicos como fundamento de la modernidad d) la aparición de los principios de la misión evangelizadora y de la superioridad europea como articulaciones centrales del imaginario colonial eurocéntrico, como sentido común hegemónico que impulsa y justicia empresa colonial, pero también como “pulsión identitária” presente en cada sujeto individual de ese proyecto.

¹⁶⁶ Grifo do autor

poluidoras e, por outro lado, o Sul não consegue exercer o equilíbrio, obviamente por ter pouco espaço de manobra neste domínio (Santos, 2013). O autor apontou que a gravidade do problema ambiental reside no modo como as próximas gerações serão afetadas e que, na imediaticidade a resolução se assentaria em princípios de responsabilidade intergeracional. Adverte que, muito embora, necessitemos de medidas globais, parece muito conflituoso que estas sejam adotadas, considerando que os acessos aos recursos são desiguais e algumas medidas possuem custos que somente alguns países poderiam assumir

(...) tanto os processos políticos nacionais, como os processos políticos internacionais são hoje, talvez mais do que nunca neste século, dominados pelas exigências a curto prazo. Acresce que no Norte a proeminência dos mercados financeiros e de capitais atua no mesmo sentido, penalizando qualquer estratégia empresarial, assumida ou imposta, que diminua a lucratividade no presente mesmo que em nome de uma lucratividade maior, mas necessariamente incerta, no futuro. Nos países do Sul, os processos políticos- econômicos são ainda mais complexos. Por um lado, a industrialização de muitos países periféricos e semiperiféricos nas duas últimas décadas ocorreu na mira de força de trabalho abundante e barata e de uma maior tolerância social e política de poluição. Nestas condições, qualquer medida pró-ambiente seria contra a lógica de investimentos efetuado com as consequências previsíveis (Santos, 2013: 257).

Chesnais & Serfati (2003) apontam que assuntos como “meio ambiente” e “ecologismo” são tratados com perenidade, como se tais celeumas estivessem desde sempre colocados aos diversos povos. Tratam dos *Dilemas do Sul* 167 como se existisse de fato uma divisão entre os que são responsáveis e os que são culpados pela degradação, Chesnais & Serfati (2003) esclarecem ser impossível tratar o “meio ambiente” com tal neutralidade, escamoteando problemas intrínsecos a própria exploração política e econômica. Chesnais & Serfati (2003:03) afirmam

Os fundamentos sociais do capitalismo fornecem igualmente a chave dos mecanismos bem específicos de seleção social das técnicas que esse modo de produção e de dominação social criou, das quais a civilização do automóvel e os organismos geneticamente modificados (OGM) são a expressão contemporânea. Todos esses mecanismos e as tendências que eles suscitam estavam inscritos nos próprios fundamentos do modo de produção, bem como nos modos de dominação de classe, nacionais e internacionais (imperialistas).

2.1 A (de) formação do Estado na América Latina, Estado Plurinacional no Equador como um leito de Procusto¹⁶⁸ Jurídico.

Modernamente há uma tentativa jurídica de fugir do positivismo e aproximar-se da pluralidade do real, tal pressuposto parte de uma ala mais avançada dentro do direito, que se apercebeu que uma linha jurídica estanque não dava conta de interpretar todos os movimentos da realidade. Os trabalhos de Santos (2015, 2018) revelaram pioneirismo ao debater no âmbito do direito, da sociologia e da pesquisa empírica, outras formas de litígio e de interlocução no escopo jurídico, como um farol, para que outros/as catedráticos possam refletir acerca do conhecimento no campo do direito.

Em muitos países há um questionamento sobre a plurinacionalidade do Estado, mesmo países considerados <<desenvolvidos>> como Bélgica, Suíça e de forma mais limitada Espanha¹⁶⁹. Na América Latina, este não é um debate novo, a diversidade étnica desta região suscita outras formas de interpretação, povos e culturas que não poderiam ser inseridos em um modelo de Estado Moderno que não corresponde aos seus modos de vida. O modelo de organização social foi imposto pela colonização europeia e neste sentido, o debate acerca da plurinacionalidade ultrapassa a noção de Estado, já que mesmo após a devastação da colonização, estas comunidades preservaram suas bases organizativas e *noções comunitárias*¹⁷⁰ (Santos, 2013:52).

Na América Latina há uma amplitude de teóricos críticos na área do direito, porque a realidade demanda urgência de ação, mesmo Santos (2015) em sua pesquisa o *Direito dos Oprimidos* realizada no Brasil, na *Pasárgada*,¹⁷¹ interrogou a convivência brasileira com vários tipos de ordenamentos jurídicos em realidades periféricas e apontou o *pluralismo jurídico* como possibilidade de resolução de alguns conflitos.

Por meio de relações de complementaridade, Santos (2015) propõe repensar o direito que se encontra afastado da vida real, assim, sugere que ordenamentos de ordem civil e administrativos possam ser discutidos e solucionados em outras esferas. Seu efeito seria neutralizador face a violência, promovida diariamente, de forma barbara em diversas

¹⁶⁸ Na mitologia grega há um mito que relata o seguinte: "Procusto era um bandido que vivia em uma floresta e ele tinha uma imensa cama. Todos os que passavam pela floresta eram presos e colocados por ele em sua cama. Os que eram muito grandes, Procusto cortava os pés e dos que eram muito pequenos, Procusto os esticavam. O tamanho da cama era o padrão utilizado por Procusto." Consultado a 19.06.2016 em <<http://cortarenum.blogspot.pt/2009/01/o-leito-de-procusto.html>>A cama de Procusto para nós no atual sistema económico, denomina-se Capital, é dele que se determinam os padrões.

¹⁶⁹ A Espanha reconhece o caráter plurinacional do Estado, entretanto não garante o direito a autonomia das nacionalidades que integram este país (Grivalva, 2008).

¹⁷⁰ Grifo do autor

¹⁷¹ Nome dado a comunidade de Jacarezinho no Rio de Janeiro.

regiões latino americanas, formas de resolução de conflitos cujo caráter teria uma efetividade maior. Aduz uma tentativa de desvencilhar-se de acompanhar as mudanças sociais de acordo com as necessidades imediatas, ou seja, que a ciência jurídica do seu ofício de aparente indiferença e afastamento dos dramas reais, tornando-os mais transformadores e próximos das pessoas.

Estas miríades de processos aparecem na América Latina nos últimos anos, acompanhadas de um grande movimento na legalidade constitucional, civil, administrativa, principalmente na América Latina. O pluralismo jurídico aparece de forma bastante latente em países colonizados em virtudes dos próprios conflitos existentes e de uma democracia limitada (Araújo, 2008). Logo, a plurinacionalidade se amplia e relativiza a noção de Estado que passa a ser uma organização que comporta outras, isto é, “o que se tem como cidadania, ou exercício, ou efetividade dos direitos humanos, mas sempre a partir de ação ou omissão do Estado” (Santos, 2013:53).

Desde 2008, quando foi aprovada a nova Constituição no Equador¹⁷², muitas discussões se realizam em torno da possibilidade de ruptura com o chamado Direito Moderno e suas bases eurocêntricas, que sempre forjaram as demandas dos povos e nações que foram historicamente marginalizados neste subcontinente (Afonso & Magalhães, 2011). O Estado Moderno se apresenta em crise e é definido pelos interesses da classe dominante, é preciso reinventá-lo a partir da escavação das raízes históricas desta classe que o domina¹⁷³ (Santos, 2001).

No Sul da América a diversidade implica um desafio ainda maior, porque existe uma pressão constante dos movimentos indígenas por reconhecimento de suas expressões como seus idiomas, suas formas de autoridade e normatividade e principalmente suas terras (Grijalva, 2008). No caso particular equatoriano, desde 1998 se estabeleceu uma Constituição que reconhecia a diversidade cultural, todavia, não houve uma mudança prática real sequer uma jurisprudência a este respeito. O Tribunal Constitucional e a maioria das Instituições Públicas mantiveram sua atuação, como se esta mudança nunca tivesse ocorrido (Grijalva, 2008).

Assim sendo, percebe-se que a questão central não é o reconhecimento formal das várias formas culturais, mas sim os mecanismos de instrumentalização dos povos, para que

¹⁷² Bem como na Bolívia

¹⁷³ Na análise que se faz neste texto complemento a ideia de Santos (2001:176) afirma que, se o Estado Moderno, internacionalizado tem sua origem nos valores da burguesia europeia, devemos sair do *onirismo* que perturba a compreensão do real e empreender esforços em lutas políticas que sejam efetivamente transformadoras. *Queremos um mundo novo!* (grifo nosso). Entretanto, tal anseio só se realiza por meio da crítica do velho, em uma inspeção imanente.

dominem e atuem de acordo com suas concepções. As novas Constituições formuladas na última década na Bolívia¹⁷⁴ e também no Equador, são uma grande novidade em termos legais e desde aprovadas, geraram imensos debates na tentativa de compreender se poderiam obter um potencial emancipador para estes povos, ao menos juridicamente, garantirem sua visibilidade e aceitação. Daí o título deste tópico baseado no mito de Procusto, a alusão ao mito grego faz-se na perspectiva de pensar o Estado Plurinacional como o Procusto. Tendo em vista que, como observaremos ao longo deste trabalho, em muitos momentos a realidade é desconsiderada, cortam, ajeitam-se incisivos artigos em prol dos interesses de determinados grupos, pessoas sofrem, morrem e são subjugadas perante uma Constituição que as reconhece. Isto posto, este capítulo explorará as mudanças no âmbito da plurinacionalidade do Estado equatoriano, expondo sua formação legal, limites e avanços.

2.4 A contenda da plurinacionalidade estatal

Nos últimos anos o processo político equatoriano passou por diversas alterações e uma gestão de Estado que contrariou a lógica da configuração internacional (Forero, 2013). Não obstante, é necessário compreender que a instituição estatal e sua formação clássica foi universalizada a partir da erosão feudal e produto da cultura ocidental, erigido pelo funcionalismo e racionalismo do direito europeu (Soares, 2004).

O fato é que a realidade eurocêntrica não condiz com a maioria dos Estados Nação, ou seja, não coincide com a realidade das populações latino-americanas, bem como das minorias que vivem na Europa. E a justaposição desta organização histórica jurídica desconsidera e minora as especificidades de cada local. O início é sempre europeu, ou seja, a definição do canônico acontece dado este pertencimento, da experiência ocidentalizada que rebaixa e desciviliza tudo que lhe é próprio (Araújo, 2015). Em que pese a plurinacionalidade e seu reconhecimento estatal, orientaria novas formas de organização ao

¹⁷⁴ A Bolívia, devido às suas especificidades históricas e aos limites de redação impostos a este trabalho, não será aqui abordada, destarte indico leituras que são bastantes pertinentes para a compreensão do Estado Plurinacional neste país. Obviamente que há muitos artigos a tratar desta questão, todavia a meu ver estes são mais profundos e completos por se tratar de teses de doutoramento. Cabe ressaltar que o processo histórico boliviano difere bastante do processo equatoriano, em que se coloca uma crise de correspondência entre o Estado boliviano e a configuração dos seus poderes a multiculturalidade como forma de harmonização das culturas só foi incorporada a partir de 2008 (diferentemente do caso equatoriano). Esta crise de correspondência se desdobra na própria diversidade da população e um governo que segue um modelo único, harmonizando as diferentes culturas em instituição estatal que não as contempla na inteireza (Afonso & Magalhães, 2011). Tal efeito pode ser demonstrado no fato que desde 2008 dos 411 artigos que compõem a Carta Fundamental boliviana, somente 80 são destinados a questão indígena, o que parece pouco se considerarmos um país que é predominantemente indígena/mestiço.

modelo moderno eurocêntrico, permitindo uma ampliação de poder aos povos suprimidos pela colonização (Santos, 2013).

A construção de um Estado Nação no Sul se fez de forma desigual no mundo, mas consolidou-se a partir do epicentro europeu propagando-se através dos movimentos colonialistas (Afonso & Magalhães, 2011). Sendo este um projeto que carrega o germe liberal simplificou e reduziu a complexidade dos povos que possuíam uma história própria e diversa, daquela constituída dentro das mudanças do sistema europeu. Nesta dinâmica pouco tolerante e uniformizadora e a partir das transformações constitucionais ocorridas nos últimos anos na América Latina, Santos afirmou¹⁷⁵

Por um lado, temos processos reformistas, como os processos eleitorais que, no entanto, podem ou tentam produzir mudanças profundas, quase revolucionárias, como na Venezuela ou aqui na Bolívia. Por outro lado, processos que se apresentam como revolucionários, como as rupturas, podem de fato ser reformistas em suas práticas como a dos zapatistas no México. (...) a compreensão do mundo é muito mais ampla que a compreensão ocidental do mundo (Santos, 2009:194-197¹⁷⁶).

O autor explora o processo histórico que culminou na eflorescência dos novos processos constitucionais, criticando o conhecimento válido como aquele que é unicamente reconhecido de acordo com o <direito oficial> a partir de uma ordem previamente construída e enquadrada no direito internacional (Santos, 2010). Neste ponto Sánchez Parga (2014:92) investigando os últimos cinco anos pós aprovação da Constituição de 2008 revelou que as perspectivas ainda se centravam na construção de uma proposta efetiva de um Estado Plurinacional

O Estado Nação equatoriano, bem como outros na América Latina, tem como fundamento a tradição liberal que possui como ponto nevrálgico a conservação de uma raiz colonial, de um poder burguês, oligárquico e hereditário com a dominação de um sistema racial excludente. Esta forma de organização política e jurídica de Estado nação multicultural perdurou de meados do século XIX até a primeira década do século XX. Bem como se acentuou a concentração da riqueza, do monopólio dos recursos estatais, a discriminação racial, desigualdade e pobreza fortemente caracterizada nos setores menos favorecidos. É a crise do neoliberalismo na década de 90 e debilidade do governo e a emergência de novos

¹⁷⁵ Cabe ressaltar que esta análise foi redigida em meio ao processo de mudança constitucional boliviano em 2007¹⁷⁵ quando esteve presente ocasionalmente Boaventura de Sousa Santos.

¹⁷⁶ Tradução livre da autora. No original: Por un lado, tenemos procesos que son reformistas, como los procesos electorales que, sin embargo, pueden o intentan producir cambios profundos, casi revolucionarios, como en Venezuela o aquí en Bolivia. En cambio, procesos que se presentan como revolucionarios, como rupturas, pueden ser de hecho reformistas en sus prácticas como el de los zapatistas en México. (...) la comprensión del mundo es mucho más amplia que la comprensión occidental del mundo.

movimentos sociais que levarão as reformas constitucionais¹⁷⁷ (Sánchez 2014:92¹⁷⁸).

A Constituição, aprovada em 2008 emanou da crise e das lutas, assumindo em seu primeiro artigo o desafio de um *Estado constitucional de direitos e justiça social, democrático, soberano, independente, unitário, intercultural, plurinacional e laico*¹⁷⁹, que somente poderia ser efetivado a partir do rompimento com as práticas colonialistas liberais, propondo uma nova forma de regime político económico (Sánchez Parga, 2014). Desta feita, o conceito de plurinacionalidade arrima uma proposta de um duplo conceito de nação, onde o primeiro tem como referência um conceito liberal que situa a nação como um conjunto de indivíduos que pertencem a um espaço político geograficamente determinado pelo Estado e segundo um conceito comunitário¹⁸⁰ de nação que não é liberal (Santos, 2009). Portanto, o conceito de plurinacionalidade obriga a refundar o Estado, como um Estado que possui várias nações no mesmo espaço. Isto é, um Estado que reconheça legalmente as diferenças¹⁸¹ da população que o constitui, nas suas formas de ver, estar e organizar-se. Um Estado que não seja forte, que tenha como base o pluralismo jurídico, ou seja, que se empenhe na resolução de conflitos que não são oficialmente reconhecidos nas bases do Estado Moderno (Santos, 2009).

¹⁷⁷ Cabe ressaltar que o processo de reforma constitucional no Brasil ocorreu 1988, no Equador em 1998, quando se declarou um Estado Pluriétnico e Multicultural, entretanto as reformas propostas nos dois países nunca chegaram a se concretizar. Como é mencionado no caso brasileiro em que a Constituição brasileira de 1988 declara ao povo a soberania exercida através da democracia, com eleições periódicas, sufrágio universal, voto secreto em que são eleitos diretamente os representantes do Legislativo e Executivo no âmbito federal, estadual e municipal (Soares, 2004). Muito bem conformado o texto, porém há um apagamento da realidade histórica se não nos referirmos as imensas desigualdades existentes neste país que maculam todo este processo quando verificamos os abusos de poder exercidos nos resquícios do coronelismo, a manipulação das pesquisas através das médias, afora todas as emendas aprovadas sob a égide neoliberal. Ainda no caso brasileiro a Constituição de 1988 parece ter criado toda uma base jurídica para que a burguesia se autogerisse dentro do que dela se espera, isto é, um desenvolvimento autocentrado nacional com possibilidade de rutura com os mandos e desmandos das economias centrais, com algumas medidas populares (cigalhos para a população). Contudo, esta burguesia ineficiente perdeu-se nas brumas e não correspondeu as expectativas passando novamente a submeter-se ao capital internacional atendendo-o prioritariamente, ainda que isto representasse a crise e a mendicância ainda maior da população.

¹⁷⁸ Tradução livre da autora. No original: El Estado Nación ecuatoriano, así como otros en América Latina, tiene como fundamento la tradición liberal que tiene punto neurálgico la conservación de una raíz colonial, de un poder burgués, oligárquico y hereditario con la dominación de un sistema racial excluyente. Esta forma de organización política y jurídica de Estado nación multicultural perduró de mediados del siglo XIX hasta la primera década del siglo XX. Así como se acentúa la concentración de la riqueza, del monopolio de los recursos estatales, la discriminación racial, desigualdad y pobreza fuertemente caracterizada en los sectores menos favorecidos. Es la crisis del neoliberalismo en la década de los 90 y la debilidad del gobierno y la emergencia de nuevos movimientos sociales que llevarán a las reformas constitucionales.

¹⁷⁹ Grifo do autor.

¹⁸⁰Santos (2009) menciona a conceção de Estado dos povos indígenas e a definição de que os próprios possuem de direitos coletivos e individuais

¹⁸¹ Sexo, cor, etnias, crenças, etc.

Santos (2012) vislumbra a possibilidade de um Estado Plurinacional baseado no conceito da justiça indígena, não somente como um método alternativo, mas também como um enfrentamento ao conceito de Estado Liberal, tendo em vista que o ideário colonialista não terminou com as independências, ele ainda permanece e é reforçado por ser conveniente na manutenção das estruturas. Logo, para Santos (2012) o caminho da efetividade de tais direitos será longo e demasiado custoso dentro das lutas indígenas. Santos (2009) também questiona as razões para apenas reconhecer-se uma cultura como a mais desenvolvida, em detrimento das outras. Cabe lembrar que na América tal ideário jurídico foi imposto de cima para baixo e diferentemente dos países africanos, também colonizados, a independência¹⁸² não foi conquistada pelos nativos e sim por descendentes dos conquistadores (Santos, 2009). Neste ponto Ianni (1987) apresenta um ponto significativo no que tange aos descendentes dos colonizadores

Nas terras americanas os conquistadores vão se tornando nativos, colocam-se em divergência e oposição face a metrópole passam a lutar pela *pátria*¹⁸³. Surgem inconfidências, insurreições, revoltas, revoluções nas quais estão presentes nativos, índios, crioulos, negros, espanhóis, portugueses, ingleses, franceses, holandeses e outros. Começam a delinear-se a sociedade, o Estado, a Nação em torno de uma cidade, região, movimento, líder (Ianni, 1987: 06).

O constitucionalismo inovador e plurinacional é algo experimental, não é possível resolver todos os conflitos, algumas questões vão permanecer abertas, porém a partir do desvelamento dos conflitos a população pode se organizar para as mudanças que lhe pareçam importantes, descentralizando os poderes (Santos, 2009). Para Santos (2013) é um processo que tende a adquirir um novo significado político, ainda que inicialmente, tenha em seu embrião características do Estado Moderno, isto porque não se trata apenas de um reconhecimento cultural, mas sim de conceber a justiça indígena neste país como parte de um projeto descolonizador e anticapitalista.

No pensar de Mascaro (2016) esta é uma leitura dicotômica das lutas dentro da perspectiva legal, pois, em seu cerne *todo direito é um golpe*¹⁸⁴ porque engendra a

¹⁸²“Após a independência com o predomínio dos interesses oligárquicos associados a economia agroexportadora realizam-se várias operações de deslinde e demarcação de terras devolutas indígenas, comunais. Muitas comunidades indígenas, Nações inteiras foram desalojadas de suas terras, ou mesmo dizimadas (Ianni, 1987: 15)”. Estes processos e conflitos ainda perduram e são intensificados em períodos de crise política, visto que o problema agrário envolve todos os excluídos do processo histórico e estamos tratando de formas distintas de organização e técnicas de trabalho.

¹⁸³ Grifo do autor

¹⁸⁴Mascaro (2016) afirma que “*O direito é forma social capitalista. Sua materialidade se funda nas relações entre portadores de mercadorias que se equivalem juridicamente na troca. A forma jurídica é constituinte da sociabilidade capitalista. O mesmo quanto à forma política estatal, terceira necessária em face dos agentes*

exploração no imo do capitalismo, logo nos países de capitalismo periférico – colonizados –distingue-se o embrião do direito e como este se aloca na especificidade destes países que são variáveis a partir do grau de enraizamento destas estruturas e da própria formação política de cada país. Mascaro (2016) afirma que as conquistas sociais de caráter mais progressista na América Latina são rearranjadas por meio da legalidade, utilizadas de forma seletiva e levadas ao retrocesso quando convenientemente precisam fazer frente ao capital global. Tal circunspeção se aplicaria a todos os países latino americanos que, em menor ou maior medida, tiveram algum nível de inclusão social, ainda que no âmbito do consumo ou dentro do quadro capitalista. Ou seja, estas políticas sempre enfrentam o desmanche do sonho *melhorista*¹⁸⁵, uma vez que estas democracias são vassalas ao capital financeiro. Mascaro¹⁸⁶ (2016) afirma

A América Latina sofre, no presente momento, uma rearticulação das classes burguesas e médias nacionais, sob sintonia do capital mundial, empunhando *slogans* do direito e reconstituindo movimentos conservadores e reacionários que buscam contrastar e diminuir conquistas jurídicas e políticas públicas de caráter mais progressista. Trata-se de momento aberto da luta de classes. O direito é arma privilegiada para tal injunção. (...) Nas injunções das classes e frações do capital latino-americano contemporâneo, o direito tem servido como seu instrumento privilegiado. A ideologia jurídica conduz golpes que não aceitam ser narrados como tais e, ao mesmo tempo, a mesma ideologia jurídica tem sido a bandeira requerida por governos e movimentos sociais progressistas latino-americanos. A ideologia jurídica tem tal primazia porque é constituinte da própria ideologia capitalista. Ser sujeito de direito, cidadão, contratar livremente entre iguais formalmente, respeitar as instituições, cumprir as normas e jungir-se à legalidade, tudo isso é o campo de condições pelo qual a subjetividade se estrutura na sociabilidade do capital. Por isso, da direita à esquerda, as posições políticas disputam a legalidade, mas não rompem com tal horizonte ideológico. No entanto, como a forma jurídica é espelho da forma mercadoria, a ideologia jurídica só se presta à reprodução do capital, não para sua superação.

Para Ianni (1987) a questão nacional na América latina sempre se reabrirá em tempos de crises conjunturais isto porque há desencontros na relação Sociedade - Estado e afirma

Muitos dizem que a sociedade civil é débil, pouco organizada. Falam em instabilidade política congénita. Afirmando que as dualidades estruturais são antigas e insuperáveis, arcaico-moderno, patrimonial – racional, indo – americano, afro-americano (...) Na América Latina a história estaria atravessada pelo provisório, mestiço inacabado, deslocado, fora do lugar, folclórico (Ianni, 1987: 5).

da exploração capitalista <<https://blogdaboitempo.com.br/2016/05/25/alysson-mascaro-todo-direito-e-um-golpe/>>.” [16.06.2016]

¹⁸⁵ Grifo nosso

¹⁸⁶ Ibidem 52.

Ianni (1987) critica as formulações que definem o Estado na América Latina como provisório como se necessitasse de esclarecimento, de uma iluminação, redundando-o por meio da vontade política e assim lapidando esta sociedade e lançando-a ao que se entende por democracia¹⁸⁷. Com este ar teórico analítico o Estado latino-americano granjeia a mentalidade subalterna e escrava perpetuamente. O autor aduz a uma série de controvérsias que precisam ser analisadas nesta formação, o escravismo e o colonialismo não subordinaram tudo.

É claro que com o fim do colonialismo, a independência das antigas colônias, a abolição da escravatura do negro e do índio, a diversificação das atividades econômicas, a expansão do capitalismo no campo e cidade, a industrialização, a urbanização e outros processos estruturais, criaram uma sociedade de classes. O escravo se transforma em trabalhador livre, o senhor em burguês. Tanto assim que emergem outros arranjos de estrutura social, ideias diferentes, novas modalidades de lutas sociais. Os dilemas da democracia que floresce e fenece simbolizam muito do que passa a ser a sociedade nacional, a Nação burguesa (Ianni, 1987: 14).

Contudo, existem várias questões que permeiam esta classe, o índio, o mestiço bem como o negro sabem que a discriminação que os atinge não é apenas de classe daquele que é excluído, no sentido mercadológico do capital, é também a de casta que é (re) criada no cotidiano das relações (Ianni, 1987). Distinguem-se entre si no seio das relações, dentro das fábricas, fazendas, das famílias e principalmente entre aqueles que compram esta força de trabalho. Estes, os senhores – donos dos meios de produção – classificam *a priori* o valor que esta força de trabalho possui a partir da sua origem de casta. São elementos combinados casta e classe, todavia esta multiplicidade não aparece na organização do Estado, a não ser como folclore ideológico (Ianni, 1987).

As revoluções conservadoras realizadas neste subcontinente foram incapazes de resolver estes dilemas, bem como o fundante dilema agrário¹⁸⁸. As classes proprietárias sempre estiveram radicalmente empenhadas na luta contra a plena independência econômica dos povos e nações que ali se constituíram. Dadas as contraposições teóricas, este artigo ensaia-se em uma linha argumentativa sociológica acerca dos prolegômenos da fundação do Estado Plurinacional equatoriano fundado em bases eurocêtricas, estendido e

¹⁸⁷Enfatiza-se aqui que os conceitos de democracia bem como do Estado baseiam na perspectiva eurocêntrica. O que quero dizer é que nossa história latino americana é toda lastreada também pela via colonial que precisa ser analisada profundamente.

¹⁸⁸ Como o camponês que sem a terra sente se morrer errante (Lacayo, 1982) ou como no Caso dos indígenas U'WA que ameaçaram suicidar-se coletivamente quando começaram a exploração petrolífera em suas terras, porque entendiam que o petróleo opera além de um recurso da natureza era também seu sangue, parte intrínseca destes indivíduos. (Santos, 2009) Ver mais informações sobre a comunidade indígena U'WA consultado em 15.06.2016 em <<http://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-1213592>>

salvaguardo na exclusão apresentando os limites próprios do contexto latino-americano que foi/é historicamente construído de forma dialética e multifacetada.

2.5 Ideário de formulação do Estado moderno europeu

O feudalismo foi o último sistema antes da eclosão do atual sistema econômico. *A igreja foi, a ponte indispensável entre duas épocas, numa passagem catastrófica, de um modo de produção a outro* (Anderson, 2000: 150). Foi do sistema feudal, embasado na ligação do indivíduo com a terra, que resultou *o amalgama jurídico de exploração econômica e autoridade política* (Anderson, 2000: 163). No feudalismo o Estado possuía um papel desagregador, verticalizado, por conseguinte, as concepções judiciais de sobrepunham. Foi este pluralismo jurídico que influenciou o sistema francês, germânico, inglês e romano e a ausência de um mecanismo único “integrador no topo do sistema feudal representava uma ameaça permanente à sua estabilidade e sobrevivência (...) uma anarquia perturbadora para os privilégios deste modo de produção” (Anderson, 2000:168). A transformação das relações sociais ocorreu em paralelo ao sistema jurídico, no sistema feudal não havia soberania política, o que dissolvia as dominações.

Também será a razão a trabalhar na construção de um instrumento teórico e prático que será utilizado na manutenção e expansão do poderio terreno da Igreja Católica. Uma razão que funciona através da diferença, tão etnocêntrica quanto a política romana. O direito derivado da Igreja servirá, desse modo, para a sedimentação do poder institucional através de fundamentações 'racionais' na interpretação da verdade. A razão será o instrumento total que permitirá à prática jurídica subjugar tanto os direitos paralelos, existentes na diferença – porque espontâneos e fragmentados –, como qualquer tipo de contestação expressa em interpretações 'incompetentes' porque contra hegemônicas e descentralizadoras do poder político-jurídico (Santos, 2010: 236).

A realidade está sempre atrelada ao sistema jurídico e são as relações financeiras pautadas na acumulação de valores, mesmo no feudalismo, que alteraram a jurisdição. A introdução da igreja neste regime político/econômico permitiu a expansão de sua doutrinação e dos diversos abusos cometidos em nome do *divino*¹⁸⁹, descarte podiam defender seus interesses particulares a partir de um reduto territorial ou mesmo com o uso da força armada se necessário (Anderson, 2000). Neste sentido, o Estado se tornava apenas um executor das leis e não havia lugar para um poder legislativo, a política possuía uma função judicial sobreposta entre as várias camadas sociais da época e seus pequenos poderes localizados, embasados na ausência de uma burocracia pública. Segundo Anderson

¹⁸⁹ Grifo nosso

É, pois, necessário ter sempre em mente que a <justiça> medieval incluía na realidade uma gama de atividades muito mais vasta do que a justiça moderna, pois ocupava estruturalmente uma posição muito mais central dentro do sistema político total. Ela era o nome comum do poder (Anderson, 2000:170).

Ocorria uma hibridização dos direitos que acarretava uma insegurança jurídica, onde apenas a religião personificada na igreja Católica aparecia como unificação, sua doutrina unia os povos, pregavam – em teoria – o fim da escravidão, o trabalho – ainda que em condições sub-humanas - como uma virtude humana e ofereciam um ideário de salvação para aqueles que fossem menos favorecidos ou se sentissem injustiçados.

(...) o direito derivado da igreja servirá, desse modo, para a sedimentação do poder institucional e novamente a razão cristã permitirá a prática jurídica da subjugação dos direitos paralelos, existentes nas diferenças (...) um ato praticado pelo vassalo poderia ser julgado de forma diferente se praticado por um morador da cidade, sendo que o caso mais grave para resolver era o referente às leis de aplicação pessoal, em que o indivíduo só poderia responder pelas acusações que violassem as leis do seu próprio grupo (Santos 2010: 241-242)

O poder da Igreja era bastante conveniente como uma unidade pacificadora e subserviente. Entretanto, quando a igreja passa a cobrar indulgências e se afasta da proclamada fé aproximando-se da economia, os subordinados passam a questionar os abusos de poder, há uma contravenção do sistema político, por meio da Reforma Protestante¹⁹⁰ (Chaparro, 2016). A doutrina cristã católica era contrária aos ideais da burguesia nascente na época. Segundo Weber (2001: 34 - 35) referindo-se a Lutero como àquele que trouxe à tona o engendramento da fé enquadrada às obrigações do trabalho – ainda que escravo, servil - como algo que dignificava o homem.

Lutero desenvolveu o conceito ao longo da primeira década de sua atividade como reformador. De início, em harmonia com a tradição predominante na Idade Média, como representada por exemplo por São Tomás de Aquino, ele concebeu a atividade no mundo como uma coisa da carne, embora desejada por Deus; era condição natural indispensável para uma vida de fé, mas eticamente neutra, como o comer ou beber. (...) A vida monástica não era apenas desprovida de valor e de justificativa perante Deus, mas também encarava a renúncia aos deveres deste mundo como um produto do egoísmo, uma abstenção das obrigações temporais. Ao contrário, trabalhar dentro da vocação se lhe afigurou como a expressão externa do amor fraternal. (...) O efeito da Reforma em si mesmo, se comparado com a atitude católica, foi o de aumentar poderosamente a ênfase moral e a sanção religiosa em relação ao trabalho secular organizado no âmbito da vocação.

¹⁹⁰ Que pode até ser pensada como uma Reforma Política para a época.

Contudo, a igreja e o clero eram as únicas classes cultas, razão que valida a naturalidade pelas quais a jurisprudência e todo o pensamento científico e filosófico se resumia às doutrinas da igreja (Engels & Kautsky, 1995). O iluminismo aparece como a defesa da emancipação humana pelo uso da razão – retomada científica onde a Revolução Francesa é o marco histórico. O discurso iluminista pretendia impor limites a monarquia na França até que ela caísse e se instaurasse uma nova república. O iluminismo está baseado no governo pela lei, sai o monarca entre a norma, o direito divino substitui-se pelo direito humano, a igreja pelo Estado (Engels & Kautsky, 1995). A personalização do poder político era um impedimento para os anseios burgueses e também era criticado pelo iluminismo. Rousseau (2006) afirma que as leis são necessárias porque o homem não consegue *receber toda justiça que vem de Deus*¹⁹¹. Admite ainda que as leis são sempre gerais.

(...) destarte pode a lei estatuir que haverá privilégios, mas não poder oferecer este a ninguém, afirma a lei é sempre geral, considera os vassallos em corpo e as ações como sendo abstratas, jamais um homem como individuo, nem uma ação como particular (Rousseau, 2006: 53).

A tentativa *rousseauiana*¹⁹², até pelas suas premissas eticamente metafísicas, foi a de resolver questões políticas de forma contratual transcendental do tipo cristã a-histórica. Expressada por uma lei que associada a *vontade geral*¹⁹³ contribuiu para a realização da pretensão de uma igualdade jurídica. A Revolução Francesa foi a legitimação de uma forma de poder e o Estado moderno com um feitiço de aprisionamento as vontades do legislador, já que o direito positivo é claro, é universal e justo. É a uniformização da vida.

A burguesia, cristalizando sua visão de mundo, no Código de Napoleão, perde o ímpeto revolucionário. Inverte-se sua posição no processo social, passando a querer preservar suas conquistas sedimentadas na lei positiva. Daí a necessidade de atentar, antes de tudo, à intenção do legislador, afirmando-se ser o Estado a fonte única e o fundamento único do direito, sendo o método exclusivo o dedutivo/dogmático. Ao sistema fechado do direito positivo, em que se cristalizaram a visão de mundo e as prerrogativas de uma classe social interessada em manter sua vitória, haveria de corresponder o sistema hermenêutico cerrado, sem brechas, em que nada ficava ao arbítrio do juiz, não lhe restando, por conseguinte nada a criar (Azevedo, 1999: 21).

O direito ditava as normas políticas, as condutas sociais e, assim, a burguesia ascendeu à direção das relações e condução do Estado. Os direitos fundamentais possuem

¹⁹¹ Rousseau 2006: 51

¹⁹² Grifo nosso

¹⁹³ Grifo nosso.

pouca eficácia prática e por vezes reduzem-se apenas a palavras de ordem (Engels & Kautsky, 1995). Elimina-se toda a parte histórica do conteúdo jurídico, passa-se a olhar a vida sobre vieses aparentemente autossuficientes, tal como direito público/direito privado e sobrevive-se com bandeiras de luta que assimilam a representação de uma transformação social que nunca chega¹⁹⁴. A formação do processo civil moderno na Europa, no Brasil, ou no Equador tem como base o pensamento da Revolução Francesa, quando a apreciação dos conflitos se embasa nas determinações legais. O Estado Moderno se desenvolve a partir do exercício das três funções políticas: Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário (Bonavides, 1997).

O processo do Estado, assim como o direito positivo fundado no positivismo exacerbado, fechado inflexível, foi duramente criticado nos últimos anos porque não espelhava e não intencionava a concretização dos valores de justiça, sobretudo após os horrores das duas grandes guerras do início do século passado. Emblemática na história dos povos foi a perseguição nazista, fundamentada e legitimada na Constituição e nas leis da Alemanha, portanto sob o albergue da lei. Verificou-se, por todo o mundo, a fragilidade do sistema legal baseado unicamente nas proposições normativas fechadas (Chaparro, 2016: 9).

As Constituições editadas no Pós 2ª Guerra, passaram a abarcar novos direitos, de cunho social em uma sociedade que possui múltiplas facetas, direito das crianças, dos idosos, das mulheres, da união homo afetiva, etc. No final da última década tanto o Equador como a Bolívia passaram por transformações constitucionais que só foram possíveis a partir das mobilizações políticas protagonizadas, em sua maioria, por movimentos indígenas e movimentos populares nestes dois países. Para Santos & Rodríguez (2012:13)

Não se trata apenas do reconhecimento da diversidade cultural do país ou de um expediente para as comunidades locais resolverem pequenos conflitos dentro deles, garantindo a paz social que o Estado nunca poderia garantir devido à falta de recursos materiais e humanos. Pelo contrário, trata-se de conceber a justiça indígena como parte importante de um projeto político com vocação descolonizante e anticapitalista, uma segunda independência que finalmente rompe os laços eurocêntricos que condicionaram os processos de desenvolvimento nos últimos duzentos anos¹⁹⁵ (Santos & Rodríguez, 2012: 13).

¹⁹⁴ Como reação a concepção monárquica do Estado, as revoluções burguesas, por meio da teoria da soberania popular, instalaram o princípio da legalidade como forma de limite à soberania do poder, pois só através da lei poderiam existir restrições à liberdade. [...] No iluminismo racionalista que influenciou o Estado liberal, a norma estava desconectada de uma indagação de sua justiça intrínseca. O dogma da completude da lei não admitia a existência de lacunas, como forma de evitar a distorção do espírito legal. A interpretação era vedada, sendo a tarefa da jurisdição voltada unicamente para resgatar o direito violado através da aplicação mecânica das normas, sob a lógica da subsunção e do silogismo (Souza Netto; Iocohama, 2012: 10488)

¹⁹⁵ Tradução livre da autora. No original - No se trata solo del reconocimiento de la diversidad cultural del país o de un expediente para que las comunidades locales resuelvan pequeños conflictos en su interior, garantizando la paz social que el Estado en ningún caso podría garantizar por falta de recursos materiales y

Há uma vasta literatura acerca desta temática, porém muitos dos artigos e textos que pretendem ir além no pensamento jurídico como exposto por Santos (2003a) acabam por não reconhecer a complexidade da realidade, do sistema e do suposto adversário contra o qual pretendem se opor antes as disparidades. Nas análises realizadas no chamado novo constitucionalismo latino-americano percebe-se que diversos teóricos entendem o reconhecimento de um Estado Plurinacional e da cosmovisão indígena como maneiras de combater um projeto hegemônico de Estado Moderno. Todavia, historicamente estes grupos se consolidaram sempre à margem, mesmo dentro do processo de democratização nestes dois países mencionados. Santamaria (2016) possui uma tese bastante profunda em termos filosóficos e que nos convida a refletir sobre como construir outra sociedade fazendo da utopia uma forma de ação. Na perspectiva que toda utopia precisa ser viável e que sem reconhecimento não é possível pensar possibilidades transformadoras, a partir de um pensamento crítico que dê aporte as contradições estruturais (Wolkmer, 2012 apud Santamaria, 2016). Passemos a análise do Equador.

2.6 Reformulação do Estado no Equador

O Estado formado na América Latina teve como base o interesse de uma hegemonia branca que se apoiava na exploração escrava, onde, desde o início estava em curso a luta pela terra (Ianni, 1987). A diversidade cultural sempre foi um dos grandes desafios para os estabelecimentos constitucionais¹⁹⁶ (Grijalva, 2008). Segundo Wiard (1983 apud Ianni 1987) “(...) o século XIX caracterizou-se pela tentativa de criar nações a partir das facções díspares entre 1880 e 1890, prolongado o esforço para restaurar a ordem e a unidade, obtivera êxito em praticamente todas as nações latino-americanas”.

O Estado Nação equatoriano, bem como a maioria dos países latino-americanos, se fundou no ideário de Estado Moderno eurocêntrico já explicitado neste texto. Conquanto a formação do Estado na América Latina figura como uma colcha de retalhos, em que as desigualdades são criadas e recriadas sempre nos arranjos dos blocos de poder, ainda que em arremedo caótico, há uma organização dentro do caciquismo, do

humanos. Se trata, por el contrario, de concebir la justicia indígena como parte importante de un proyecto político de vocación descolonizadora y anticapitalista, una segunda independencia que finalmente rompa con los vínculos eurocéntricos que han condicionado los procesos de desarrollo en los últimos doscientos años Santos & Rodríguez (2012:13).

¹⁹⁶ Grijalva menciona que este debate onde coexistem no mesmo território diversos grupos culturais é também um debate das minorias em países europeus, pois, algumas não reconhecem os direitos dos imigrantes ou o direito a liberdade religiosa por exemplo (Grijalva, 2008: 50).

coronelismo, do mandonismo e em múltiplas estruturas que atendem os princípios do mercado e faz frente ao capital internacional (Ianni, 1987).

Os perímetros das nações indígenas possuem outros desenhos, não seguem o rigor próprio das nações burguesas, seus contornos são outros, que mesclam sempre o passado e o presente (Ianni, 1987). O que percebemos ao longo da redação deste texto é que a história em movimento se afirma através do Estado por meio de várias formas de poder reinventadas que “podem ser oligárquicas, autoritárias, democráticas, liberais conforme o jogo interno e externo, elementos singulares, porém combinados” (Ianni, 1987: 14).

Logo, há uma crise de concatenação entre a sociedade do Estado moderno, do capitalismo de *via clássica*¹⁹⁷ e as sociedades plurais do capitalismo colonial. O desafio do Estado Plurinacional é tentar consonar estas diferenças. O Equador, desde sua independência em 1830 maneou-se por 18 Constituições nacionais (Afonso & Magalhães, 2011). Obviamente tais textos abarcavam as estruturas de poder do período, as elites e oligarquias em detrimento das comunidades originárias e neste sentido, as lutas sempre se empreendiam no curso de uma maior participação política. A partir da crise do modelo neoliberal na década de 90, os países latino-americanos passaram a repensar suas formas de participação política por meio da garantia de direitos estabelecidos nas reformas constitucionais (Sánchez Parga, 2014).

Em 1998 o Equador se declarou um Estado Pluriétnico e multicultural. Em 2008¹⁹⁸ ocorreu a aprovação de uma nova Carta Constitucional, por intermédio do trabalho de 130 constituintes eleitos que objetivavam analisar todas as propostas encaminhadas pelo Executivo e outros setores governamentais, até mesmo por setores organizados da sociedade civil (Pedroso, 2009). Tal análise serviria como arrimo para a elaboração desta nova carta constitucional que pretendia refundar o Estado equatoriano, nos seus marcos institucionais, políticos e administrativos (Pedroso, 2009). Tais mudanças vieram com a eleição de Rafael Corrêa em 2006 e a denominada “*Revolução Cidadã*” que se alicerçava em outro modelo de desenvolvimento transversalizado pelo delineamento de um Estado Plurinacional (Sánchez Parga, 2014).

Para Flores (et al 2009, 2) “o processo ocorrido no Equador, bem como na Venezuela e Bolívia foi uma ampla transformação institucional questionadora do modelo de democracia representativa por meio da adoção de novas constituições”. E afirmam que muitos observadores chamavam de “*revoluções de papel*” por terem como base

¹⁹⁷ Grifo nosso.

¹⁹⁸ Em meio a crise sistêmica e a eleição de presidente Rafael Corrêa.

fundamentalmente a mudança de seus arcabouços jurídico-políticos (Partlow, 2009). Grijalva (2008: 51) ressalta que o Estado plurinacional não deve reduzir-se a uma Constituição que reconheça formalmente a pluralidade cultural, mas que o faça também na prática por meio de fóruns deliberativos que sejam autenticamente democráticos, como um Estado descentralizado. Por outro lado, não há um modelo Estado plurinacional, já que isto é inovador, há sim o fundamento da incompletude de cada cultura que aparece permeada por um diálogo aberto e inclusivo em oposição ao encobrimento e ao rebaixamento que foi feito historicamente (Afonso & Magalhães, 2011).

O Equador é um caso atípico, pois, no contexto latino-americano já discutia constitucionalmente a diversidade cultural desde 1998, no entanto, tal Constituição não assumiu este desafio dialógico entre culturas. O que houve foi o reconhecimento apenas das diversidades étnicas e os direitos específicos, todavia, permaneceu dentro das já estabelecidas estruturas políticas e ideológicas. Somente em alguns casos e a partir da pressão de certas organizações¹⁹⁹ é que obtiveram avanços, contudo, a maioria das instituições públicas mantiveram suas práticas antigas. Um aspecto considerável dos limites da Constituição de 1998 pode ser exemplificado a partir da justiça indígena, passados dez anos de sua aprovação (2008) não havia sido criada nenhuma jurisprudência que respaldasse a justiça indígena, ao contrário, se manteve a criminalização das autoridades indígenas que possuíam uma caráter mais contestatório²⁰⁰ (Grijalva, 2008). Um Estado que seja multiculturalista nega aquilo que busca defender uma vez que se trata apenas de um reconhecimento das diferentes culturais retirando os aspectos económicos e políticos destas diferenças (Grijalva, 2008). Ou seja, se tratava apenas de uma questão retórica repousada sob papéis, mas que na prática nada alterava, tal retórica se evidencia na Constituição²⁰¹ equatoriana de 1998:

¹⁹⁹ No caso das organizações ligadas a educação, no ensino das línguas originais e da saúde, em um atendimento diferenciado que respeitasse a diversidade existente, segundo Grijalva (2008: 50) existiram alguns avanços, ainda que possam ser qualitativamente criticados.

²⁰⁰ É importante enfatizar que isto também permaneceu no governo de Correa, que se propunha anti neoliberal e anticapitalista segundo noticiado em 2015, mais de 100 mil pessoas percorrem 700 quilômetros exigindo a mudança de postura do presidente em relação as várias medidas tomadas e contrárias à sua primeira proposta de governo. Em resposta às manifestações o presidente declarou:

“O presidente Rafael Correa argumentou que os indígenas (mais de um milhão de cidadãos, segundo o último censo) não têm motivos para protestar, já que a Constituição de 2008 finalmente reconheceu o país como um Estado plurinacional, e destaca as melhorias na saúde e na educação durante o seu Governo.”

<http://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/14/internacional/1439524788_047539.html> [15.06.2016]

²⁰¹ Consultado a 15.06.2016 em <http://www.oas.org/juridico/spanish/mesicic2_ecu_anexo15.pdf>

- Artigo 62 - A responsabilidade do Estado em promover o intercâmbio intercultural e inspirar as suas políticas e integrar as instituições de acordo com os princípios da equidade e da igualdade das culturas.
- O Artigo 66 - confere à educação o papel de promover o multiculturalismo.
- O artigo 97 - Exige que todos os cidadãos devem defender a unidade na diversidade e relações interculturais. Acatando a Constituição, a lei e as decisões das autoridades competentes; defender a integridade territorial do Equador; respeitar os direitos humanos e lutar para que eles se efetivem; promover o bem comum em detrimento dos interesses particulares.

Ainda que estas reformas possam ter dado uma orientação para a formulação de legislação secundária e políticas de execução, possivelmente tomando medidas para a transformação da sociedade e das instituições políticas do Equador, na prática política real, não foi promovida qualquer alteração. Assim sendo, o Estado Plurinacional aprovado em 2008 despontou-se como uma crítica àquele que fora implementado em 1998. Em 2008 sobrevém-se reformulado *dialógico* porque requer uma permanente compreensão do diferente, dos direitos indígenas que operam em termos interculturais; *concretizante* porque busca solucionar pautas concretas em uma interpretação constitucional de acordo com a realidade e esta interpretação deve dar-se em carácter de diálogo e troca de saberes; *garantista*, porque as deliberações realizadas devem ter como marco os valores constitucionais dos direitos humanos, entretanto, estes não podem absolutizar-se em detrimento dos núcleos interculturais²⁰² (Grijalva, 2008). Segundo Grijalva (2008:56)

(...) a proposta plurinacional estaria mais próxima do autogoverno, pois permitiria a participação dos povos indígenas em decisões de exploração das riquezas naturais. Teriam uma representação política estatal muito mais forte o que permitiria o desenvolvimento de sua interculturalidade. Interculturalidade e plurinacionalidade são noções complementares e includentes e por isto ambas foram incluídas na Constituição de Montecristi aprovada em 2008.

Para além da plurinacionalidade, as análises referidas acerca da questão de gênero nos anos de 2010/2011 demonstraram que, das leis aprovadas, apenas três foram provenientes de mulheres que atuavam na assembleia, enquanto que 33 leis aprovadas foram provenientes de homens (Santamaría & Llerena, 2012, 206). Portanto, tem-se uma Assembleia Nacional patriarcal, algo extremamente contraditório para um governo que se

²⁰² Grifos do autor.

coloca à esquerda plurinacional. Que tipo de novo socialismo é esse em que a voz das mulheres tem pouca ressonância?

No seu primeiro mandato Rafael Correa propagandeava sua Revolução Cidadã acolhendo pautas feministas como prioridade. Contudo, ao longo do tempo o governo de Correa atinou-se para o discurso do moralismo cristão que, apesar da multiculturalidade do país, segue sendo o catolicismo a religião mais praticada (cerca de 94% segundo os dados do INEC). Uma das maiores polêmicas desse governo foi a aprovação do Código Orgânico Integral Penal quando muitas mulheres aspiravam à discussão e aprovação da lei a favor do aborto e foram silenciadas, gerando grande tumulto em um Estado que fortalecia o patriarcado.

No chamado Enlace Ciudadano²⁰³, programa de comunicação implementado em 2007 para tornar o diálogo do presidente com a população mais acessível ficou notório seu discurso extremamente conservador e autopromocional, fato que o ajudou a manter seus índices de popularidade elevados. O programa transmitido aos sábados pela manhã se tornou uma plataforma política do governo e por meio dele Rafael Correa fez-se, em um governo que tramitava entre o real, onde sua as contradições apareciam e o digital/virtual onde tudo passava dentro da normalidade da chamada revolução e do progressismo. Alguns estudos sobre a análise do discurso do presidente destacam os múltiplos enlaces que revelam o conteúdo sexista e racista do governante, destacando os números 172, 343 (Vega Granda, 2016: 04).

Por outro lado, a Constituição de Montecristi, aprovada por referendo em 28 de setembro de 2008, redefiniu o arcabouço jurídico e as orientações sobre o papel do Estado na gestão de recursos naturais não renováveis, especificamente nos artigos 313 a 318, em que são tratadas as provisões para setores estratégicos, serviços e empresas públicas. Nesses artigos estabeleceu-se o Estado e o direito do Estado de administrar, regulamentar, controlar e gerenciar os setores estratégicos: energia, telecomunicações, transporte, biodiversidade, espectro radioelétrico, água e recursos naturais não renováveis, passou a funcionar em uma espécie de regulação entre empresas privadas e públicas (López & Herrera, 2012). Segundo Culma (2014) o Estado no Equador passou a ser pensado como também amazônico a partir de 1978

O reconhecimento político da Amazônia como região aconteceu com a assinatura do Tratado de Cooperação Amazônica (TCA, 1978) e nível

²⁰³ Todos os programas podem ser consultados por meio desta página < <http://www.enlaceciudadano.gob.ec>>

internacional, que levou por sua vez ao Estado equatoriano a se pensar também como amazônico e com um olhar para a “questão indígena” e ecológica²⁰⁴ (Culma, 2014:34).

Alguns autores (Larrea et al, 2009; Culma, 2014) relatam que a colonização neste período foi bastante acelerada, tanto na exploração do petróleo quanto no aumento do desmatamento para agricultura e pastagem, as explorações petrolíferas aumentaram, mas a renda nunca foi invertida à população amazônica que possui o maior índice de pobreza do país (Izko, 2012; Culma, 2014). No trabalho de Culma (2014) é possível entender como alguns teóricos²⁰⁵ analisaram os períodos extrativos/ petrolíferos na Amazônia. Sua análise parte do momento em que a região amazônica passou a ser interessante sob o aspecto exploratório, fato que ocasionou uma grande onda de migração, de desmatamento, bem como de colonização interna – digo interna por se realizar a partir das elites locais, mas é interno e ao mesmo tempo externo, uma vez que os objetivos de exploração realizados também se davam a partir da demanda dos países centrais. Obviamente que após todos estes movimentos de ocupação, as mobilizações indígenas passaram a ser mais enfáticas, desta forma, no próximo ponto tratar-se-á como plurinacionalismo indígena aparecerá na Constituição.

2.6.1 Plurinacionalismo como superação das dicotomias

Existem várias nações no imaginário latino-americano, o povo continua a formar-se na realidade heterogênea. Nos escritos teóricos sobre as formas de Estado o que se procura é conhecer sua anatomia, “a dos regimes políticos, militares, populistas a ditadura em seu extremismo pode ser compreendida como um problema nacional funde-se ao Estado a figura do ditador personifica o governo podem ser abertas, disfarçadas, civis, militares o pretérito e o presente” (Ianni, 1984:28). A partir desta formação inacabada dos Estados na América Latina que foi formada sempre a partir da força, da brutalidade dos colonizadores, conquistas e rebaixamentos culturais além de golpes, não se pode perder de vista a historicidade (Veliz, 1984:15 apud Ianni, 1984). O Estado é o que simboliza a Nação a partir dos interesses que o representa, forças internas e externas que na maioria das vezes se apresentam em descompasso com o real (Ianni, 1984).

²⁰⁴ Tradução livre da autora. No original - Reconocimiento político de la Amazonia en tanto región, con la firma del Tratado de Cooperación Amazónica (TCA, 1978) a nivel internacional, que llevó a su vez al Estado ecuatoriano a pensarse también como amazónico y con ello a volver la mirada sobre la “cuestión indígena” y la ecológica (Culma, 2014: 34).

²⁰⁵ A exemplo de Trujillo, 2001; Romeel Lara, 2009.

São as forças sociais presentes na sociedade civil que conferem ao Estado, em última instância, a capacidade de exercer este ou aquele comando, direção. O povo, os grupos sociais e as classes sociais, por sua atividade na política, economia e cultura, criam e recriam as condições de organização do governo, regime, Estado. As formas do Estado, as recorrências do autoritarismo e as vicissitudes da democracia têm as suas raízes internas e externas que movimentam a sociedade civil. Mas a sociedade civil não se esgota na Constituição, códigos, instituições, sindicatos partidos, movimentos sociais. Ela tem raízes também, nas diversidades e desigualdades sociais, culturais, regionais, raciais e outras, sem as quais se torna pouco inteligível (Ianni, 1984: 32 -33).

Setores das classes dominantes, as burguesias nacionais veem na cooperação com o imperialismo a melhor fonte de vantagens, sentem-se donas do poder político para não se preocupar seriamente com a questão nacional (Mariátegui, 2008). Reiteradamente há uma sucessão de crises²⁰⁶, golpes de Estado, ditaduras e interrupções que demonstram que o Estado não é neutro, nem está solto no ar tampouco é demiurgo, ao contrário, ele é prisioneiro das castas agora figuradas, em pequenos grupos económicos, mafiosos, militarmente fortes, àqueles que mandam (Ianni, 1984). Nas palavras de Mariátegui²⁰⁷ (2008: 70)

A Espanha nos trouxe a Idade Média: inquisição, feudalismo etc. e nos trouxe também a contrarreforma: espírito reacionário, método jesuítico, casuismo escolástico. Fomos nos libertando penosamente da maior parte dessas coisas, através da assimilação da cultura ocidental, obtida às vezes por meio da própria Espanha. Mas ainda não nos libertamos de seu alicerce económico, arraigado nos interesses de uma classe cuja hegemonia não foi liquidada pela revolução da independência. As raízes do feudalismo estão intactas. Sua subsistência é responsável, por exemplo, pelo atraso do nosso desenvolvimento capitalista (Mariátegui, 2008:70).

Em tempos, não é inverossímil que tenhamos uma repetição histórica do retrocesso que destrói grande parte das conquistas sociais, feitas sob bases legais e a partir das demandas dos movimentos sociais quando lutam nestes moldes. A questão nevrálgica neste ponto não é o questionamento da importância de tais conquistas, mas sim a leitura da dinâmica do real e a percepção que todos os esforços empreendidos nestas lutas são sempre nevoeiros para as minorias, em que tudo que é aparentemente sólido desmancha no ar. É recorrente voltarmos ao autoritarismo²⁰⁸ e voltamos à bestialidade, o povo resiste, persiste

²⁰⁶ Como no caso do Equador que desde 1992 até 2006 quando Rafael Correa foi eleito pela primeira vez nenhum presidente conseguiu cumprir seu mandato até o final, devido a instabilidade político e económica do país.

²⁰⁷ Referindo-se a colonização espanhola no Peru.

²⁰⁸ Aludo autoritarismo que sequer foi banido, o que me refiro é que, as conquistas sociais são retiradas a força, seja por meio da pressão política, do direito e até do ativismo judiciário, que envolve a execução dos direitos fundamentais que constam na Constituição. Nos últimos anos foi bastante proeminente na América Latina que foi predicado de artigos científicos em alguns países, como no caso de um Acórdão na Colômbia

para aqueles que os vê sem conhecer as reais dimensões históricas deste processo de devir, impressionam-se com o vagar destas pessoas aparentemente perdidas na solidão, confinadas em si é em uma história que persiste em seu *status* preambular (Ianni, 1984).

A repressão é um exercício administrativo, mas o Estado Nação poucas vezes expressa aqueles que compõem a sociedade (Ianni, 1984: 35). A manutenção dos espaços de poder devem ser prática, considerando que a garantia da representação constitucional não efetiva os direitos. “Toda a complexidade da questão reside em que a classe operária²⁰⁹ deve apresentar demandas jurídicas ao mesmo tempo em que deve recusar o campo jurídico” (Naves in Engels & Kautsky, 1995: 19). Ou seja, as reivindicações devem conter algo que perturbem a ordem posta, por exemplo, se as exigências pautassem a posse dos meios de produção se incompatibilizaria com a ordem do sistema e isto demonstraria o quanto há de limite nas lutas permeadas dentro da lógica jurídica. Obviamente que se reconhece que ter direitos formais é um passo para reivindicar direitos reais²¹⁰.

A rigor, a multiculturalidade acaba por também ser uma componente essencial das políticas de multiculturalismo neoliberal. Neste uso e cooptação cada vez mais evidente na região, o multiculturalismo é parte de uma retórica discursiva (educacional, constitucional e multilateral), que visa pouco mais que a inclusão e a integração das "minorias" (Davalos, 2004). Integração esta, feita na lógica do sistema, assumindo uma conotação simplesmente funcional: visa promover a tolerância e o diálogo, sem tocar nas problemáticas radicais²¹¹, como a distribuição de terras por exemplos, ou o respeito à consulta prévia as populações atingidas pela exploração de seu entorno ambiental. O cerne da questão plurinacional está

mencionado no belo artigo de Garavito (2011) e no caso brasileiro transfigurou transfigurou-se como golpe através do subjetivismo judiciário ou do *decisionismo*, (grifo nosso) ou seja, a euforia subjetiva de alguns juízes em realizar a justiça a partir de subjetivismos aviltando a racionalidade na tomada decisões judiciais.

²⁰⁹Se deve enfatizar aqui que Engels em sua abordagem tratava de uma classe operária formada na Inglaterra, na redação deste artigo compreende-se que, o proletariado hoje, não é aquele Inglês urbano industrial em transição do campo para a cidade. E neste ponto concorda-se com a crítica ao socialismo jurídico exposta no trabalho *Engelsiano* (grifo nosso) mas recusa-se que tal análise possa ser aplicada como um método à realidade latino americana o que vale é a profundidade da crítica e sua releitura à realidade a qual fazemos frente. Faz-se aqui uma compreensão entre texto e época.

²¹⁰ Toda a classe em luta precisa, pois, formular suas reivindicações em um programa, sob a forma de reivindicação jurídica. Mas as reivindicações de cada classe mudam no decorrer das transformações sociais e políticas, de acordo com as particularidades e o nível de desenvolvimento social. Dai decorre também o fato de as reivindicações jurídicas de cada partido singular, apesar de concordarem quanto à finalidade, não ser completamente iguais em todas as épocas e entre todos os povos. Constituem elemento variável e são revistas de tempos em tempos, como se pode observar em partidos socialistas de diversos países. Para essas revisões, são as relações reais que devem ser levadas em conta, em contrapartida, não ocorreu a nenhum dos partidos socialistas existentes fazer uma filosofia do direito novo a partir do seu programa e possivelmente não lhes ocorrerá no futuro (Engels & Kautsky, 1995: 51).

²¹¹Há aqui certa compatibilidade destas mudanças com a lógica neoliberal, logo temos uma linha bastante tênue entre transformações e reconhecimentos históricos importantes repousados sob papéis abrindo espaço para teorias estapafúrdias que incorporam um retorno as quatro patas, como no caso da natureza intocada, que na prática só pioram a permanente situação de exclusão dos povos latino americanos.

na averbação do seu uso tanto para significar e incentivar o atual processo excludente, bem como possibilitar minimamente a transformação do projeto sociopolítico, isto se as pequenas lutas se enquadrarem nos marcos das grandes lutas²¹².

O Estado plurinacional e o multiculturalismo são vistos como política afável de aceitação e representação de todos por todos. Exaurindo qualquer menção às sociedades classistas com interesses divergentes. Em suma a teoria baseia-se em reproduzir a ideia que as desigualdades sociais podem ser compiladas em uma questão de atitudes e relacionamentos de indivíduos ou grupos culturais e, adicionalmente, representações e não de mudanças reais. Trata-se de um elemento incontornável na criação de uma nova ordem social-colonial, o multiculturalismo é um processo coletivo nacional e que vem da sociedade (integrando a zona rural e comunidades urbanas e interculturais) para o Estado.

Desde esta situação latino americana no próximo capítulo explanarei como a energia, em especial o petróleo, no enfoque do como as economias periféricas, poderiam ter se fortalecido, porém, se situaram em projetos suicidas de rebaixamento da valorização de suas riquezas (Vidal, 2000). Isto porque algumas reservas deste subcontinente permitem aos países hegemônicos superar suas carências estratégicas, a este processo nomearemos de “novo colonialismo” que parte do pressuposto de deformação e desvalorização dos territórios nacionais (Vidal, 2000: 43).

²¹² Onde o futuro do indivíduo está atado ao futuro da humanidade.

Capítulo III - A questão Energética

3.1 Energia e política

O título deste capítulo é também a própria negação dele, visto que não existe uma questão energética, mas o debate entre energia, sociedade e meio ambiente está diretamente relacionado a nossa ocupação no mundo, a produção do espaço antropogênico. A energia em si pode ser considerada como tudo aquilo que produz alteração na realidade, energia, química, luminosa, cinética ou mesmo energia braçal, existem aquelas que estão disponíveis na natureza em sua fonte primária, contudo, são pouco utilizadas e geralmente é necessário o transporte entre a localização de determinada fonte e aqueles que a utilizarão (Fuser, 2013). A energia está no âmago do sistema capitalista e em grande parte dos países latino americanos²¹³ foi o motor do desenvolvimento bem como da corrupção, do extrativismo predatório, da perda de direitos e de terras das comunidades originárias.

Os usos relacionados a energia foram se alterando ao longo dos anos, o petróleo chegou a ser utilizado em alguns períodos da história, de modo esporso para iluminação e somente na Revolução Industrial (Século XVIII) é que o carvão passa a ser a principal fonte de uso e sequencialmente o petróleo no século XX que impulsionou as relações económicas e políticas (Fuser, 2013; Santos, 2016d). São as energias fósseis que tiveram mais abrangência de uso desde a Revolução Industrial, gás, petróleo e carvão são as originárias de animais e plantas fossilizados e sedimentados durante a formação da Terra, e por isto não são renováveis e raramente encontradas na superfície (Fuser, 2013, ANP, 2019).

Fuser (2013) afirma que a disponibilidade de recursos e seu constante uso passaram a determinar a localização geográfica das produções manufaturadas, atualmente a localização dos recursos já é considerado um fator secundário. Até porque tais recursos podem ser armazenados e sua utilização acontece no momento em que é necessário para produzir as mercadorias globalmente, visto que a utilização destes combustíveis se tornou imprescindível, assim os Estados buscam garantir o abastecimento de modo que o petróleo, é considerado prioridade subordinada, em escala, à prioridade da defesa nacional (Fuser, 2013:7).

²¹³ A exemplo das operações “Lava Jato” no Brasil, que denunciaram relações ilegais entre o setor público e o privado na realização de grandes obras, como as hidrelétricas de Belo Monte e as do Rio Madeira e Jirau, energia e política são questões centrais nos dias atuais, estão intimamente relacionadas.

Contudo, ainda é o petróleo que movimenta o mundo, dele depende o sistema produtivo e as forças armadas, no momento em que redijo esta tese isto é facilmente notável já que o mundo enfrenta uma crise e por todos os lados percebemos ocupação e conflitos cujo pano de fundo está sempre relacionado a energia. Para Souza (2017)

O homem não cria nem destrói energia, ela provém unicamente da natureza. A energia é pré-requisito para o trabalho, portanto, a política do trabalho é a política da energia. Se a política é o poder, então energia é a base do processo civilizatório. (...) As matrizes fósseis foram responsáveis pelo surgimento das megalópoles e pela depredação da natureza, reflexo da geração concentrada de energia. O petróleo deu na Standard Oil e nos oleodutos privados da Rússia, se tornou o ouro negro dos capitalistas com a explosão da indústria automobilística gerando tanta riqueza que logo se tornou motivo de guerra (Souza, 2017:4-5)

Ainda no século XX a indústria do petróleo se fundiu à indústria da guerra e se tornou na energia que movia os tanques e navios, a energia das Forças Armadas, o acesso a este recurso em conjunto com a tecnologia para sua utilização, foi fundamental para decidir alguns conflitos bélicos, passando a ser considerado um recurso indispensável as grandes potências (Fiori & Nozaki, 2019).

O petróleo está presente em praticamente tudo em nossa vida como matéria-prima é utilizado, por meio do refino, em produtos químicos, borrachas, asfalto uma série de óleos e plásticos, cosméticos, etc., a depender das cadeias de hidrocarbonetos que são separadas a partir da ebulição²¹⁴. Pereira (2018) afirma que o petróleo na sociedade atual cumpre uma função utópica, que foi esvaziada de sentido no período pós grandes guerras, a matéria prima vem carregada de um duplo sentido, sua abundância leva a uma certa tranquilidade na produção, principalmente entre países desenvolvidos, por outro lado, seu uso também fomenta todos os debates acerca dos problemas causados ao planeta. Logo, a chegada ao paraíso da abundância, nos leva a refletir nas tragédias que acompanharam este processo, além da busca por soluções diversas que alimentam o imaginário catastrófico também mercadológico (Pereira, 2018:77-78). Ainda que atualmente exista uma demonização do petróleo, é importante salientar que foi a partir do seu uso que as sociedades conseguiram dar um salto qualitativo e quantitativo, como tudo passa por uma síntese de contradições tem-se os diversos impactos gerados a partir daí. A chamada *globalização dos recursos*²¹⁵ levou a ocidentalização do mundo em termos de possibilidades de acessos que não se completam por meio das desigualdades já existentes,

²¹⁴ Para saber mais ver <<http://www.anp.gov.br/carregamento-comercializacao-autoprodutor-autoimportador-consumo-em-refinarias-e-fafens/2-uncategorised/709-petroleo-e-derivados>> [21.06.2019]

²¹⁵ Grifo nosso

bem como pela introdução de políticas estratégicas para garantir o abastecimento dos estados, assim, a questão energética, não é problema de um país, mas sim um problema global e condição *sine qua non* do atual modo de produção no qual o petróleo se tornou a força motriz (Altvater, 2018).

As questões relacionadas ao tema energético, e mais precisamente o petróleo, cada vez mais carecem de estudos interdisciplinares onde seja possível compreender todos os delineamentos geopolíticos de cunho económico, social e ambiental que perpassam este combustível.

O petróleo é tido como indispensável para o desenvolvimento económico dos países desde o final do século XIX, momento em que a industrialização crescia tal qual a demanda por combustíveis. Esse modelo foi vaticinado como único caminho para o desenvolvimento a despeito de suas implicações sócio ambientais, quando na verdade, os derivados da biomassa substituem integralmente compostos de origem fóssil em motores ou na geração de eletricidade (Souza, 2017:08).

Usualmente atrelava-se o petróleo ao Oriente Médio, conquanto, após o pré-sal no Brasil, o xisto nos Estados Unidos e a descoberta de reservas em áreas não convencionais vem mudando o carácter estratégico entre consumidores e produtores (Reis & Machado, 2014). A geografia de consumo de petróleo em conjunto com a busca de fontes alternativas de energia demonstra um novo cenário, também porque em 2013 os Estados Unidos sofreram um défice energético, segundo Reis & Machado (2014: 431) “Os EUA produziram em 2013, aproximadamente 7,4 milhões de barris de petróleo por dia, enquanto consumiram no mesmo período, em média, quase 18 milhões de barris por dia”. Isto significa que consumiram mais que foram capazes de produzir, por outro lado, no mesmo período (2009-2013) Brasil, Rússia, Índia e China aumentaram seu consumo de petróleo, a China espantosamente no ano de 2013 alcançou 10 milhões de barris diários e a tendência mostrava que os Estados Unidos poderiam diminuir sua importação (Reis & Machado, 2014).

Segundo o Instituto Americano de Petróleo (API) em um artigo publicado em fevereiro de 2018²¹⁶ a produção de barris de petróleo por dia nos Estados Unidos alcançou o número de 10 milhões, o declínio na importação está associado ao forte investimento no petróleo extraído do xisto (Reis & Machado, 2014). Na América Latina é pujante a

²¹⁶Nota consultada a 03.02.2019 <<https://www.api.org/news-policy-and-issues/blog/2018/02/01/the-meaning-of-10038-million-barrels-per-day>>

temática e não seria por menos em 2018 a BP²¹⁷ divulgou em seu relatório anual que apesar das tentativas de redução do uso do petróleo sua demanda havia aumentado

A demanda por petróleo cresceu 1,8%, enquanto o crescimento da produção ficou abaixo da média pelo segundo ano consecutivo. A produção da OPEP e dos outros 10 países que concordaram com cortes caiu, enquanto os países produtores que estão fora desse grupo, principalmente os EUA, impulsionados pelo petróleo de folhelho, registraram aumentos²¹⁸.

Segundo o Instituto Brasileiro de Petróleo, Gás e Biocombustíveis (IBP) organização com foco no desenvolvimento da indústria de petróleo, gás e biocombustíveis, os EE UU ainda lideram o consumo de petróleo com consumo de 19 milhões de barris por dia enquanto que a China aparece em segundo com 11 milhões de barris por dia. Embora sejam os maiores consumidores, os EE UU também estão entre os maiores produtores, já que, em 2018, passaram a ser os mais produtores de petróleo após oito anos produzindo menos barris por dia comparado a Arábia Saudita e a Rússia, segundo um artigo publicado na Agência Internacional de Energia²¹⁹ (IEA) parte deste crescimento se deve ao chamado gás de xisto extraído em áreas rochosas por meio de vultosos investimentos tecnológicos realizados nos últimos anos, tal circunstância permitiu aos Estados Unidos produzir mais energia que consomem.

Como indicado na tese de doutoramento defendida em 2017, os Estados Unidos contaram com um forte investimento neste tipo de extração; institucionalidade regulatória económica financeira que dificilmente seria possível realizar-se tão rapidamente em outro país (Gorayeb, 2017:28). Segundo Pereira (2018)

Os investimentos necessários para o desenvolvimento destes projetos de produção não-convencional de petróleo e gás natural são significativamente maiores quando comparados com projectos equivalentes em campos on-shore que utilizem técnicas convencionais de operação. Este tipo de projectos foi lançado nos EUA em períodos de preços relativamente elevados do petróleo, o que permitiu a sua viabilização económica durante a fase inicial do seu lançamento e a consolidação das técnicas utilizadas (Pereira, 2018:79).

A técnica usada é a do fraturamento hidráulico (fracking) que em suma é o bombeamento de água em poças profundos capazes de fraturar rochas e extrair o gás

²¹⁷ British Petroleum

²¹⁸ Análise estatística da BP (British Petroleum) disponível em <https://www.bp.com/pt_br/brazil/sala-de-imprensa/noticias/analise-estatistica-da-bp-sobre-a-energia-mundial-2018.html> consultada a 20.08.2018

²¹⁹ Disponível em <<https://www.iea.org/oil2018/>> [20.11.2018]

As rochas de shale²²⁰ são formações geológicas que armazenam hidrocarbonetos, cujas características, em geral, são sua alta porosidade e baixa permeabilidade, determinando o uso de tecnologias diferenciadas para a liberação do gás e óleo a partir dos espaços entre os grãos que compõem a rocha. Embora já se soubesse que as rochas de shale guardassem gás natural e óleo desde o século XIX, foi só no início do século XXI que a exploração comercial e em grande escala ocorreu (Gorayeb, 2017:26)

Para Pereira (2018) os impactos ambientais destas técnicas não convencionais alavancam os debates acerca da forma de exploração e os impactos ambientais acarretados. “O sucesso obtido nos EUA com esta forma de exploração não-convencional refletiu-se no balanço da produção total de petróleo e gás natural do país.” (Pereira, 2018:78). Segundo Gorayeb (2017) houve uma legislação bastante permissiva para que estes investimentos acontecessem, por sua vez, os investidores buscavam recuperar-se desde a crise de 2008, tal situação também fez com os preços caíssem drasticamente a partir de 2013.

A diminuição drástica dos preços do petróleo e gás em meados de 2014 e que se estendeu em 2017 mostra com clareza as oscilações às quais estão submetidas as empresas do setor de petróleo. Em julho de 2008, na cotação mensal WTI, o óleo cru atingiu seu preço máximo (US\$142,5 o barril), quando desabou para US\$32,9 em dezembro de 2008. A recuperação foi rápida e, entre 2010 e 2014, o preço ficou em um patamar entre US\$ 60 e US\$ 100, o barril. Mas, a diminuição brusca voltou a ocorrer em julho de 2014 e o preço alcançou um nível muito baixo de US\$28,1/barril em fevereiro de 2016 (Gorayeb, 2017:60).

Esta instabilidade fez as empresas perderem muito dinheiro e nos EE UU Haynes & Boone (apud Gorayeb, 2017:60) monitoraram o número de falências de produtores de petróleo e gás na América do Norte desde 2015 listaram 123 produtores de óleo e gás que pediram falência até 2017, grande parte dos países produtores foram afetados. Tratando neste trabalho do Equador e da sua falta de integração na cadeia petrolífera, demonstraremos como este fato acarretou mudanças políticas internas.

O consumo de petróleo está intimamente relacionado ao nível de industrialização do país, não é por acaso que Estados Unidos, China e Japão estejam no topo da lista dos consumidores, a diferença aparece somente quando analisamos a matriz produtiva de cada país, dentre os três maiores consumidores mencionados o Japão é o que menos diversifica sua matriz e tem cerca de 47% de dependência petróleo²²¹ (Reis & Machado, 2014).

O Equador, objeto desta tese, embora parte da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) em termos de consumo não figura nem entre os 20

²²⁰ No Brasil conhecido como xisto.

²²¹ O último relatório da OPEP- 2018 demonstrou uma queda de 5% em todas as categorias exceto óleo e diesel.

primeiros, já o Brasil aparece em sétimo lugar (OPEC, 2018²²²). As grandes companhias petrolíferas possuem grande ingerência nas políticas relacionadas aos combustíveis renováveis ou não, são agentes de primeira grandeza e determinam alguns dos caminhos a seguir nos seus países, as NOCs (National Oil Company) as maiores empresas petrolíferas do mundo que são estatais, dominam as reservas mundiais em cerca 77% com estimativa de chegar a 80% até 2030 no controle de petróleo e gás, segundo Hoyos (2007) podem chegar a 90% do controle nos próximos 40 anos. Há também as IOCs (International Oil Companies) que estabelecem por meio de acordos, fusões e parcerias um alinhamento com as políticas do Estado onde se encontram e se arrimam por meio de empresas privadas ou públicas como no caso da Chevron que é privada estadunidense ou da Petrobras que é uma empresa brasileira pública - de capital misto (Reis & Machado, 2014). Não existe algum tipo de consenso em torno deste debate, isto nos parece comum, tendo em conta que a sociedade atual é dependente deste combustível. No debate acerca das energias renováveis Souza (2017) afirma que o mundo terá que migrar para outras fontes

Inevitavelmente todos os países terão que migrar para fontes renováveis de energia, as alternativas variam de acordo com disponibilidade de recursos naturais estratégicos. Como foi demonstrado no decorrer deste artigo há o consenso de que o petróleo já era. A energia renovável é sonhada pelo mundo inteiro, mas são poucos os países que reúnem as condições para sua produção suficiente (Souza, 2017:09).

Ademais não se pode deixar de destacar a importância energética latino-americana e o quão crucial tem sido suas políticas nas últimas décadas, como são recursos estratégicos as vezes passam despercebidos aos que preferem uma visão mais cômoda do mundo, os conflitos com fundo energético recebem um verniz de lutas humanitárias, por democracia – ainda que tais valores possam ser discutíveis como na Síria ou na Venezuela, há muitos interesses em jogo (Reis & Machado, 2014).

No livro do cientista político Moniz Bandeira (2009) tratando da geopolítica externa dos Estados Unidos em relação a América do Sul fica evidente a origem dos conflitos com base no petróleo, destacando que desde os finais do século XIX quando Alemanha e os Estados Unidos se destacavam como duas potências mundiais e rivais, os EE.UU possuíam na América do Sul e Caribe uma espécie de colônia, diferente da Alemanha que não poderia ampliar seus domínios no entorno (Bandeira, 2009). Nesta

²²² OPEC (OPEP – Organização dos Países Exportadores de Petróleo) Monthly Oil Market Report – May 2018. Disponível <https://www.opec.org/opec_web/static_files_project/media/downloads/publications/MOMR%20May%202018.pdf> [22.11.2018]

sequência a 2ª Guerra Mundial demonstrou aos países latino americanos que precisavam não somente fornecer matéria prima a indústria bélica, bem como estar na retaguarda quanto aos produtos agrícolas, borracha no caso brasileiro que era melhor aproveitado também por sua extensão e posição geográfica estabelecendo fronteira com a maior parte dos países do cone sul (Bandeira, 2009:49). Bandeira (2009) afirma ainda que mesmo após o fim da Segunda Guerra em que os Estados Unidos saíram com preeminência condenavam verbalmente os tratados de influência e poder apontando, juntamente com a Organização das Nações Unidas (ONU) para um período de paz, mas em nenhum momento deixaram de exercer sua hegemonia no território sul-americano (Bandeira, 2009). E as razões sempre foram óbvias aos que conhecem a riqueza deste continente como foram explicitadas

Porém, dentro da América Latina, configurada pelos países situados abaixo do Rio Grande ou Rio Bravo do Norte, a América do Sul é a região que apresenta maior significação geopolítica, na estratégia dos Estados Unidos, devido ao seu enorme potencial econômico e político. São doze países dentro de um espaço contíguo, da ordem de 17 milhões de quilômetros quadrados, o dobro do território dos Estados Unidos (9.631.418 km²). Sua população, em 2007, era de aproximadamente 400 milhões de habitantes, também maior que a dos Estados Unidos (303,8 milhões), representando cerca de 67% de toda a chamada América Latina e 6% da população mundial, com integração linguística, porquanto a imensa maioria fala português ou espanhol, línguas que se comunicam. Ademais, a América do Sul possui grandes reservas de água doce e biodiversidade da terra, enormes riquezas em recursos minerais e energéticos - petróleo e gás - pesca, agricultura e pecuária. E a integração do Mercosul (Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai) com os países da Comunidade Andina (CAN), Chile e Venezuela, permite a formação de uma massa econômica que se pode calcular em mais de US\$ 3 trilhões, maior do que a da Alemanha, da ordem de US\$ 2,8 trilhões, em 2007, calculada com base na paridade do poder de compra (Bandeira, 2009: 51).

A Aliança de comércio entre as Américas (ALCA) foi embasada neste ideário, celebrar acordos entre os países em benefício dos Estados Unidos, uma forma de realizar a manutenção de sua hegemonia, além de seguir os preceitos impostos pelo Consenso de Washington, reduzindo o papel do Estado, causando um certo constrangimento nas soberanias nacionais, permitindo que as corporações transnacionais exercessem livremente seu poderio por meio dos bancos, fluxos de capitais, plantas, lucros e tecnologias sem impeditivos (Bandeira, 2009:54).

Fiorotti Campos (2005) em seu trabalho acerca da reestruturação das indústrias petrolíferas nos anos 1990 aponta a integração sul – sul como possibilidade de fortalecimento regional e afastamento do neoliberalismo estabelecido na América Latina, para a autora em um processo mundializado ao invés de enfatizar consolidação deste

processo desigual poderia adaptar as condições para uma regionalização que fortalecesse as soberanias e não que tornasse os Estados como clientes de empresas transnacionais.

No caso do setor petrolífero, desde o momento em que este combustível passou a ser estratégico tanto para detentores quanto para os consumidores, os conflitos se tornaram frequentes e embora os países tenham seguido a substituição de importações, a crise deste modelo, como era de esperar, foi sentida de maneiras distintas em cada um destes países. E foi ainda no contexto do final de Segunda Guerra²²³ que se criou a Comissão Económica para a América Latina (CEPAL) cujo objetivo era pensar este descompasso tecnológico entre as economias centrais e as periféricas (Fiorotti Campos, 2005). Em 2015 a CEPAL formulará, a partir da *Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*²²⁴ o chamado Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ODS). As orientações foram incorporadas em diversas políticas, porém não abrangeu qualquer tipo de mudança estrutural destes países, logo, não abandonou a linha desenvolvimentista apontada desde os anos 1970 (Lauar, 2019). Como as mudanças se realizariam de forma tão generalista em economias distintas em meio a uma estrutura tão complexas e desiguais?

Com base no documento de Ramirez (2010 apud Ospina Peralta 2013:182-183) a mudança seria realizada em quatro fases, a primeira um período transitório de redistribuição por meio da substituição seletiva de importações, a segunda com incremento da nova indústria nacional incrementasse os setores primários que consolidaria um superávit energético, o uso chamadas <<energias limpas>> como premissa, priorizando a inversão em investigação e desenvolvimento com enfoque no setor da educação superior. A terceira fase substituição de exportações e na quarta fase espera-se que os serviços turísticos e relacionados ao conhecimento tenham um peso superior que o gerado pelo setor primário. Sem qualquer alteração no padrão de acumulação, a inversão petróleo por turismo não se cumpriu e o petróleo ainda é o principal motor de exportações do país, em 2006 representava 27,5% da economia para 23,4% que mostrou um decréscimo, porém foi uma mudança dada as políticas do governo e não uma mudança efetiva no padrão de acumulação (Ospina Peralta, 2013:188-190). Segundo Acosta & Sacher (2012) os valores referentes ao extrativismo dos minérios foram superdimensionados e em meio a tais dúvidas Rafael Correa afirmava que o minério tiraria o povo da pobreza.

²²³ Precisamente em 1946.

²²⁴ Documento assinado por mais 190 países, disponível em <<https://www.ods.pt/ods/>> [12.08.2019]

O petróleo equatoriano é basicamente para exportação, por outro lado, o plano também focava na manutenção de uma matriz de energia limpa, para Ospina Peralta (2013) este impulso pela matriz hidroelétrica tinha como pano de fundo a redução dos subsídios pagos para as termoelétricas.

O local econômico em que essa impressionante recuperação do Estado pôde ser observada é o da atividade petrolífera. Ao longo dos anos noventa nós apenas testemunhamos o crescimento da atividade de empresas privadas de petróleo. Com o governo de Rafael Correa recuperou o papel mediador da Petroecuador, a empresa pública do setor; esta recuperação começou em 2006 com a reversão de Campos ocidentais da companhia ao estado equatoriano. No entanto, a Petroecuador não conseguiu recuperar a produção medida em barris, não porque tenha tentado avançar para uma política pós-petróleo, mas porque suas repetidas tentativas de aumentá-la não funcionaram a produção. Isso, além de grandes controvérsias do governo com o sindicalismo do petróleo, que o acusa de fazer uma série de contratos falsos com empresas públicas chinesas ou venezuelanas e com subcontratantes²²⁵ (Ospina Peralta, 2013:199).

Dentre as economias centrais e periféricas o setor energético parece bem emblemático para demonstrar tal celeuma, pois, nos últimos anos nota-se forte aumento na quantidade de informações sumariamente numéricas que emergem dessa temática. Fato de notória importância, uma vez que a energia é uma das bases de sustentação da sociedade fundamentando, direta e indiretamente, suas atividades. No entanto, a discussão em todos os níveis resume-se a questões meramente ilustrativas como o abastecimento energético, exploração de novas reservas de combustíveis fósseis, além do arrefecimento de outras fontes energéticas.

Eis a questão fundamental de nosso tempo: estamos diante de uma crise decorrente do desmoronamento estrutural do Sistema Financeiro Internacional ou ela tem por objetivo promover o desmonte de Estados Nacionais detentores de ricos patrimônios naturais estratégicos? (...). Vivemos profunda crise monetária mundial, com gravíssimas consequências sociais, econômicas, culturais e geopolíticas (Vidal, 2000: 27-28).

²²⁵ Tradução livre da autora. No original - El lugar económico en el cual puede observarse esta llamativa recuperación del Estado es la actividad petrolera. Durante los años noventa nos limitamos a presenciar el crecimiento de la actividad de empresas petroleras privadas. Con el gobierno de Rafael Correa se ha recuperado el papel mediador de Petroecuador, la empresa pública del sector; esta recuperación empezó en 2006 con la reversión de los campos de la empresa Occidental al Estado ecuatoriano. Sin embargo, Petroecuador no ha logrado recuperar la producción medida en barriles, no porque haya intentado ir hacia una política pos petrolera, sino porque no le han funcionado sus repetidos intentos de aumentar la producción. Esto, al margen de controversias muy grandes del gobierno con el sindicalismo petrolero, que lo acusa de hacer una serie de contratos leoninos con empresas públicas chinas o venezolanas y con subcontratistas (Ospina Peralta, 2013: 199).

Todas estas discussões são imputadas de forma bastante simplificada e descritiva, desconsiderando os reais interesses por trás do abismo tecnológico, econômico e principalmente social entre os países. Como se a reversão de tais disparidades se tratasse apenas de uma escolha entre esta ou aquela fonte energética, tecnológica ou até no absurdo de renovar as já existentes – tornando-as *eficientes* – acreditando fantasiosamente que tal empenho reduziria o consumo, tão fomentado por meio das propagandas na própria reprodução do cotidiano. O ponto central desta discussão parece transpor os limites numéricos das previsões energéticas atuais e futuras abrangendo o modelo de desenvolvimento vigente e como sua forma política neoliberal transparece no ver e examinar a sociedade.

O debate energético despertou nos teóricos e intelectuais do mundo um debate acirrado, tal debate perspectivava uma resposta que amenizasse os transtornos causados pelas fontes de energia mais utilizadas no capitalismo. Ou seja, o cenário de possível escassez do petróleo e das mudanças climáticas, cujo pano de fundo é a queima de combustíveis fósseis sobretudo, em virtude das alterações econômicas e geopolíticas mundiais passaram a ser o *Calcanhar de Aquiles*²²⁶ das grandes redes e países industrializados, o que ocasionou uma nova ordem mundial, cujo ponto basilar é a busca pela autossuficiência energética.

No início dos anos 2000 Vidal publicava em seu livro que a humanidade vivia um dos momentos mais difíceis da sua história no que tangia aos combustíveis fósseis e as consequências da queima desenfreada deste material, problemas já conhecidos desde a década de 1970 (Vidal, 2000: 13-14). Considerando que a questão energética é central para o funcionamento do sistema econômico vigente que atravessa uma crise deflacionária que segundo Beinstein (2016b) deflagrou-se desde 2014 com a queda de preços das *commodities* despontando o declínio do progressismo, que nas palavras do autor

Perante esta realidade o Ocidente lança a mão ao seu último recurso: o aparelho de intervenção militar integrando componentes armadas profissionais e mercenárias, mediáticas e mafiosas, articulados como «Guerra de Quarta Geração» destinada a destruir sociedades periféricas para as converter em zonas de saque. É a radicalização de um fenômeno de longa duração de decadência sistêmica onde o parasitismo financeiro e militar se foi convertendo no centro hegemônico do Ocidente. Não presenciamos a «recomposição» política-econômica-militar do sistema, verificada na reconversão *keynesiana* (militarizada) dos anos 40 e 50 do século passado, mas a sua degradação geral. A

²²⁶ Segundo a mitologia grega Aquiles era filho do Rei Peleu e de Tétis, deusa grega do mar, que pretendia garantir a imortalidade de seu filho mergulhando-o. Todavia, ao mergulhar Aquiles, o segurou pelo único ponto que não foi molhado o calcanhar. Daí a expressão popular deste ser o 'ponto fraco'.

mutação parasitária do capitalismo converte-o num sistema de destruição de forças produtivas, do meio ambiente e de estruturas institucionais onde as velhas burguesias se vão transformando em círculos de bandidos, uma nova exaltação planetária de lumpen-burguesia centrais e periféricas (Beinstein, 2016a: 2).

Esta preocupação inflamou uma procura por fontes alternativas que suprissem a demanda interna dos países. No caso dos países latino-americanos tal ascenso também permitiria uma estratégia de desenvolvimento e melhoria da vida da população com a eleição de governos denominados à esquerda desde os anos 2000. Paralelamente a isto surgiram pesquisas, estudos técnicos, análises sociais, socioeconômicas e ambientais voltadas para o incremento na produção de energia provenientes da matéria orgânica, de origem animal e vegetal, a biomassa, da força dos ventos, a chamada energia eólica; da captação da luz do sol, a energia solar, e a partir de pequenas centrais hidroelétricas, e também o chamado “ouro branco”, o lítio, o minério donde é extraído 27 produtos distintos²²⁷ as quais atendem várias demandas, porém, não infringe a lógica global, ou seja, os países centrais são os maiores consumidores e exportam dos países periféricos (Zicari, 2015: 34).

O lítio, por exemplo, é considerado atualmente o petróleo do futuro ou o “petróleo branco” como é vulgarmente chamado. E é nos salares Andinos, Argentina, Bolívia e Chile que estão alocadas as maiores reservas mundiais provadas desta matéria-prima, utilizado em baterias de telemóveis, computadores, automóveis e até medicamentos. A América Latina se coloca sempre na mira dos investidores interessados na exploração dos recursos da forma menos custosa possível. Obviamente que, em uma economia que sempre esteve voltada para fora, para satisfazer produtos adicionais no exterior, cada Estado tem um modo de organizar seus recursos naturais, sociais, humanos e reproduzir-se, entretanto, o impulso desse capitalismo não é endógeno, figura como uma cicatriz que, ressalvada as singularidades, perpassa todo o continente sul-americano (Hernández, 2011).

O Equador se colocou a frente em uma tentativa de desenvolvimento pós-petróleo, dado que o esteve e está ancorado nesse combustível. Em 2015 o então ministro e coordenador de setores estratégicos Rafael B. Bonilla²²⁸ declarou em uma coletiva que o país tinha um plano para um desenvolvimento energético sustentável e afirmou que “mais de 90% da energia elétrica será gerada a partir de fontes renováveis, gerando economia de

²²⁷ Segundo a Revista National Geographic <<https://nationalgeographic.sapo.pt/ciencia/grandes-reportagens/1221-o-litio-pode-ser-a-energia-do-futuro-e-ha-abundancia-em-portugal>> [20.03.2017]

²²⁸ Segundo a página de setores estratégicos do governo. <<http://www.sectoresestrategicos.gob.ec/ecuador-tiene-una-estrategia-para-el-desarrollo-energetico-sostenible-min-rafael-poveda/>> [10.04.2017]

1 bilhão de dólares devido à diminuição das importações de combustíveis e à redução das emissões de CO₂ em mais de 6,3 milhões de toneladas por ano²²⁹”. Em 2014 o Conselho Mundial de Energia, um conselho que promove o uso de energias sustentáveis elogiou o Equador por ter permitido que 97%²³⁰ do total da população tenha seu direito a energia garantido.

Cisneros & Proaño (2012) no ilustre trabalho de investigação do setor energético equatoriano com vistas a uma projeção de curto e longo prazo (2010-2030) indicam que o país precisará incorporar novas tecnologias que permitam a diversificação de sua matriz energética e a promoção de energias limpas com o intuito de diminuir a dependência e o uso do petróleo. A distribuição e o volume de petróleo retirado neste período possuem relação com diversos fatores entres eles um caráter exógeno, dependente que dificulta qualquer controle em um país periférico como Equador (Miguel Ruiz & Iturralde, 2013).

3.1.1 Estatuto petrolífero

Este tópico objetiva analisar o estatuto petrolífero existente no Equador suas alterações nesse período governado por políticas ditas progressistas, ou seja, compreender o que foi alterado no tratamento dos aspetos jurídicos da regulação, da produção e da circulação de bens, produtos e serviços oriundos da indústria do petróleo. Após o longo período de instabilidade política no que tange ao desenvolvimento normativo de Correa, que após a aprovação da Constituição de 2008²³¹. Nos últimos anos o presidente Rafael Correa enfrentou conflitos acerca da compreensão do *Buen Vivir* e a ideia de desenvolvimento moderna, bastante presente na plataforma de governo Correista (Fuser, 2014).

A Constituição em seu Art.11.9 coloca como obrigatoriedade Estatal, respeitar e fazer respeitar os direitos garantidos no texto demonstrando se ocorreu um cumprimento normativo, considerando as normas jurídicas no Equador, o Estado é considerado garantista, porque reputa àquilo que redige a Constituição. Ferrajolli (1995), por exemplo, compreende o garantismo como uma expressão que abarca uma doutrina de filosofia

²²⁹ Tradução livre da autora. No original - más del 90% de energía eléctrica será generada a partir de fuentes renovables, trayendo un ahorro de 1.000 millones de dólares por disminución de importación de combustibles y reduciendo las emisiones de CO₂ en más de 6,3 millones de toneladas anuales.

²³⁰ Segundo dados <<http://www.andes.info.ec/es/noticias/consejo-mundial-energia-resalta-liderazgo-ecuador-politicas-energeticas.html>> [01.02.2017]

²³¹ Constituição de 2008. Disponível em <<http://www.auditoriacidada.org.br/wp-content/uploads/2012/08/NovaConstitucionEcuador.pdf>> [20.02.2016]

política, um modelo de direito (e de política) bem como teoria jurídica, que se expressam a partir das leis e submetido a elas; no *ser* e no *dever ser*²³² estabelecendo a discrepância entre os modelos normativos e as práticas vigentes, ou seja, uma validade sem efetividade e a perda de legitimação no sentido de questionar qual a razão de ser do Estado, em sua essência. Santamaría & Llerena (2012: 191) consideram o Estado equatoriano garantista, no entanto, centram sua análise nas novidades desta Constituição elucidando que o desenvolvimento normativo auxilia na precisão do conteúdo dos direitos em sua forma mais ampla. Nesta toada, o estudo realizado Santamaría & Llerena (2012: 193) expõe aspectos interessantes no que tange a Constituição de Montecristo revelando que no ano de 2011 teve um descenso de 7 leis comparadas ao ano de 2010 com preeminência a leis reformatórias ou de revogação, com base no Desenvolvimento Normativo (PADH).

A rigor, a produção legal em 2012 foi considerada baixa, desconsiderando as leis que exigem um maior detalhamento tal como habitação, saúde, alimentação. No mesmo período decorreu uma tendência a privilegiar os direitos civis e políticos ante os económicos, sociais e culturais, ou seja, privilegia-se o individual perante o coletivo. Por outro lado, o trabalho de Narváez (2004) retoma minuciosamente diversas questões relacionadas ao tema das explorações ao meio ambiente e seu debate político. O trabalho é interessante porque analisa a legislação de períodos anteriores a aprovação da Constituição de 2008 demonstrando a existência de um regulamento bastante detalhado para a Consulta prévia aos povos indígenas e afro equatorianos quando as atividades forem exercidas em suas terras, estabelecendo um reconhecimento ainda mais pleno aos povos indígenas como sujeito de direitos, respeitando suas formas de existir, reformas que estavam estabelecidas desde a Constituição aprovada em 1998 (Narváez, 2004: 506-508). É importante mencionar também que embora existam legislações que regulem a exploração, distribuição e impactos, grande parte dos países detentores destes recursos estão imersos em jogo onde não existe “ética do petróleo” como demonstrou Fiori & Nozaki, 2019

O “mercado mundial” do petróleo nunca teve nada a ver com o que os economistas ortodoxos e liberais chamam de “livre concorrência”, e sempre foi um “campo de guerra” entre grandes corporações e grandes potências; Dentro deste “campo de guerra”, aquilo que os pastores, os juristas e o “homem comum” chamam de “corrupção” – goste-se ou não – foi sempre uma prática regular da competição entre as grandes petroleiras, na sua disputa por novos recursos e novos mercados; Por fim, há fortes evidências de que estas mesmas corporações que subornam e “corrompem” costumam utilizar a surpreendente acusação de “corrupção” contra todo e qualquer tipo de concorrentes ou adversários que se interponha no seu caminho (Fiori & Nozaki, 2019: para,9)

²³² Grifo do autor.

Em um estudo elaborado por Milanez (2014) sobre a iniciativa em deixar o petróleo equatoriano debaixo da terra e seu marco regulatório o autor demonstra que a atividade petrolífera se intensificou a partir dos anos 1930 e que desde então as políticas neoliberais abriram o mercado petrolífero, logo, o desempenho econômico do Equador se confunde essencialmente após as primeiras explorações, com as oscilações do petróleo no mercado mundial. Em 2014²³³ “as estatais Petroecuador e Petroamazonas, além da Operaciones Rio Napo (joint venture entre Petroecuador e Petróleos de Venezuela), respondiam por 73% da produção petrolífera; o restante é realizado por empresas transnacionais” (Milanez, 2014:195).

A concentração do petróleo na região amazônica acarreta em graves riscos ambientais e sociais, além dos conflitos com comunidades em isolamento voluntário, assim a Iniciativa foi uma forma de seguir por outro caminho, apontando para os marcos regulatórios que, a princípio, se limitavam apenas as formas de contratos entre as empresas e, a partir de 2008, começam a ser aplicados no contexto da Constituição de 2008, conforme “2008 Ley de recuperación de recursos petroleros - Transfere fondos especiales de excedentes petroleros (usados anteriormente para pagamento exclusivo da dívida externa) para o Orçamento Geral do Estado” (Milanez, 2014: 198). Fontaine (2008) ao avaliar o nacionalismo dos recursos nas políticas da Venezuela, do Equador e da Bolívia neste período, no que concernia ao Equador, afirmou

Essas mudanças na política petrolífera equatoriana não colocam em questão, no momento, a propriedade dos ativos de empresas multinacionais. No entanto, traduzem uma crescente tensão entre os interesses do Estado e do setor privado e caminham de mãos dadas com a retórica nacionalista do executivo e de certos setores sociais. A devolução dos ativos da Occidental ao Estado equatoriano também foi uma oportunidade para reativar a discussão em torno da reforma da empresa estatal Petroecuador. Embora esse último não seja verdadeiro até o início de 2008, as discussões da Assembleia Constituinte para reformar a Lei 42-2006 visam fortalecer o papel da Petroecuador em todas as fases da atividade petrolífera. Em particular, a emenda ao artigo 2 desta lei (proposta em fevereiro de 2008 pelo Ministério de Minas e Petróleo) contempla que o Estado explore diretamente, ou constitua empresas de economia mista para explorar não apenas os depósitos onde não há reservas comprovadas, mas também aqueles depósitos onde são descobertos depósitos ou campos em produção²³⁴ (Ministério de Minas e Petróleo do Equador, 2008) (Fontaine, 2008:05).

²³³ Dados obtidos da EIA (apud Milanez, 2014:195).

²³⁴ Tradução livre da autora. No original - Estos cambios en la política petrolera ecuatoriana no ponen en cuestión, por el momento, la propiedad de los activos de las empresas multinacionales. Sin embargo, traducen una creciente tensión entre los intereses del Estado y del sector privado y van a la par con la retórica nacionalista del ejecutivo y de ciertos sectores sociales. La devolución de los activos de Occidental al Estado ecuatoriano fue también una oportunidad para reactivar la discusión en torno a la reforma de la empresa estatal Petroecuador. Si bien es cierto hasta inicio del 2008 esta última no se concretó, las discusiones de la

Em relação aos três países analisados por Fontaine (2008) concluiu que apesar de possuírem alguns favorecimentos que os poderiam auxiliar, entre eles a altas dos preços do período analisado, também descobriram novas reservas²³⁵ em seus países a partir dos investimentos que entraram, os três governos possuem legitimidade já que foram eleitos em países cujo histórico era de grandes instabilidades políticas e econômicas e isto foi traduzido por meio de reformas constitucionais, econômicas e políticas. Estas demandas possuem forte cargas de populismo de décadas anteriores e de intervenções externas por meio de ajustes (Fontaine, 2008). Examinarei as implicações de tais mudanças nos próximos pontos.

3.2 A dependência ao petróleo

O capitalismo moderno teve o petróleo como principal combustível, possui uma importância crucial na reprodução da economia, continuará sendo a principal energia nos próximos 20 anos – não há perspectiva de substituição setor que mais demanda de petróleo como dos transportes (Torres Filho, 2004a: 311). Klare (2006) abordou a dependência ao petróleo e possíveis guerras advindas da busca insana por recursos, contudo, trabalhava com a hipótese da dependência débil dos países desenvolvidos em especial dos Estados Unidos que poderia acabar por promover conflitos em outros países, considerando o acesso a energia como assunto de segurança nacional. No caso norte americano a estratégia seria a de garantia de acesso ao petróleo estrangeiro combatendo possíveis instabilidades que tais ações possam gerar (2006: 130-131). Fuser (2007b) em um artigo acerca da Doutrina Carter iniciada no Pós II Guerra Mundial²³⁶ comenta que este foi o momento em que os Estados Unidos assinalavam a importância de manter as reservas de petróleo sobre controle

Asamblea Constituyente para reformar la ley 42-2006 se orientan hacia un fortalecimiento del rol de Petroecuador en todas las fases de la actividad petrolera. En particular, la reforma al artículo 2 de esta ley (propuesta en febrero 2008 por el Ministerio de Minas y Petróleo) contempla que el Estado explore y explote en forma directa, o constituya compañías de economía mixta para explorar y explotar, no solo los yacimientos donde no existan reservas probadas, sino también aquellos yacimientos donde existan yacimientos descubiertos o campos en producción (Ministerio de Minas y Petróleo del Ecuador, 2008). (Fontaine, 2008:05).

²³⁵ Martínez (2014) afirma que as novas reservas descobertas no Equador não eram tão promissoras devido a má qualidade do petróleo.

²³⁶ Torres Filho (2004a) faz uma análise do petróleo no final da década de 1990 e início dos anos 2000, demonstrando um possível “choque de petróleo” que como foi demonstrado não ocorreu devido aos descobrimentos de novas reservas, bem como o uso do óleo de xisto. Contudo ainda permanece como a principal fonte de energia. O autor afirma ainda que o petróleo consolidou sua importância na Primeira Guerra (1914-1919) quando os animais de carga foram substituídos por máquinas, na Segunda Guerra (1939-1945) o combustível também foi essencial no desenrolar conflito (Torres Filho, 2004a:21).

e no acercamento aos países Árabes por meados da década de 1950 se depararam com o nacionalismo dos países.

Mas as pressões nacionalistas logo voltaram a ganhar impulso, ajudadas pela onda anticolonial e terceiro-mundista dos anos 50, culminando com a criação da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), em 1960. Uma nova agenda marcou as relações entre os EUA e os países produtores dali em diante – uma agenda de conflito, em que se sobressaíram a nacionalizações das concessões petrolíferas, a elevação dos preços e a politização das questões relativas às remessas de petróleo (Fuser, 2007:24).

Já nos anos 1980 o presidente Carter anunciou que o acesso as reservas do Golfo Pérsico como fundamentais, segundo Fuser (2007b) a Doutrina de Carter impôs mudanças no acesso ao petróleo, comparada a 1945, a ideia era obter domínio sem a necessidade de empregar diretamente seu poderio militar. A doutrina assinalou uma mudança restaurando a influencia norte americana no golfo até que a queda de Saddam Hussein, a solução proposta foi alcançar acesso, influência e controle das fontes de energia no mundo inteiro (Fuser, 2007b: 27).

O interesse norte americano em outros países mesclava conflitos internos e intervenções – o autor direciona o caminho onde os EUA deveriam mover-se para cada vez menos necessidade de petróleo. Durante as Guerras até a crise do petróleo em 1973 houve uma hegemonia norte americana, o dólar fixado garantiu alguma estabilidade e acesso, por outro lado, impôs a necessidade desta matéria-prima para funcionamento do sistema (Klare, 2006). O autor defende a hipótese que o petróleo fortalece a hegemonia²³⁷ ao mesmo tempo o torna um país dependente desta matéria-prima, regido por preços oscilantes e o constrange a fazer concessões antidemocráticas os levando a diversos conflitos, guerras e este modelo seria insustentável. Todavia, há diversos hiatos que precisariam ser debatidos na hipótese realizado por Klare (2006) nesta tese ater-me-ei apenas um deles que me parece ser o mais central, que se embasa na própria centralidade do sistema económico, voltado para acumulação ainda que seja por meio de guerras e conflitos.

No que tange a América Latina, Viola (2014) analisa as formas de integração realizadas desde a década de 1990 até o período dos governos progressistas mostrando os novos cenários que passaram a vigorar a partir deste momento. A respeito da questão petrolífera o Equador, tal como a Bolívia, esteve mais alinhado com a Venezuela dentro de discurso do Rafael Corrêa da Revolução Cidadã e do Socialismo do Século XXI.

²³⁷ No caso a avaliação é feita a partir dos Estados Unidos.

No entanto, a coincidência entre esses países na concepção do espaço regional é incorporada por contradições que ocorrem no conselho geopolítico sul-americano e, especificamente, nos territórios onde se desenvolvem ou aspiram desenvolver modos de extração; concepções opostas na luta pelo direito de produzir espaço²³⁸ (Viola, 2014:101).

Para colocar na prática a radicalidade destes discursos, por mais que aparentem o novo, não o são, ainda que o petróleo na América Latina esteja concentrado na Venezuela e no Brasil²³⁹, todo continente possui riquezas que interessam aos países centrais. Fala-se²⁴⁰ em <maldição da abundância> para designar o modelo político económico vivenciado nos países sul americanos, exportam natureza, porém são poucos os reflexos na economia interna. Acumulado em poucas mãos e fazendo uso da superexploração do trabalho em detrimento do meio ambiente, as riquezas são levadas para fora, por meio do rentismo, em paraísos fiscais (Acosta, 2009). Isto significa que no capitalismo rentista o ganho é realizado fora do país dentro de um esquema dependente, são as consequências de viver sob um sistema motivado pela acumulação (Harvey, 1990: Acosta, 2009). Desta perspectiva, a América Latina historicamente desempenhou um papel peculiar no mundo, dentro da Divisão Internacional do Trabalho (DIT) marcado pela grande dependência tecnológica e uma incapacidade de competir igualmente em termos científicos e tecnológicos com os países hegemônicos fato que tornou este continente um grande exportador de matérias primas de baixo valor agregado (Rodrigues, 2016).

3.3 O papel do Petróleo no Equador

O petróleo é fulcral na economia capitalista; por meio dele geram-se rendas virtuosas; subsídios cruzados, isto é, a dependência da renda oriunda deste hidrocarboneto é importante para geração de emprego, renda e investimentos sociais. O Equador é economicamente dependente de suas reservas petrolíferas concentradas na região Amazônica. Após tantos anos de exploração de seus recursos naturais pelos países

²³⁸ Tradução livre da autora. No original – Sin embargo, la coincidencia entre estos países en la concepción del espacio regional se encuentra transversalizadas por contradicciones que se dan sobre el tablero geopolítico suramericano, y en concreto, sobre los territorios donde se desarrollan o se aspira desarrollar modos de extracción; concepciones contrapuestas en la lucha por el derecho a producir el espacio (Viola, 2014:101).

²³⁹ Segundo o relatório da BP, Statistical Review of World Energy (2019:14) Venezuela possui 303,3 mil milhões de barris provados enquanto que o Brasil aparece em segundo lugar com 13,4 mil milhões de barris provados e na sequência tem-se o Equador com 2,8 mil milhões de barris provados.

²⁴⁰ Diversos autores versaram acerca deste assunto Acosta (2006:2009), Schuldt (2006), Stiglitz (2006), Gudynas (2006) tentando revelar a contradição na abundância de recurso naturais mundialmente essenciais com imensa desigualdade

desenvolvidos, desde a eleição de Rafael Correa, em 2006, houve uma alteração na forma de conduzir a economia até então conhecidas nas décadas de 80 e 90. De imediato o governo imprimiu uma visão nacionalista revendo os contratos petrolíferos e se apropriando de quase 80% da riqueza deste bem natural, em um país onde a renda petroleira permitiu a concretização de políticas sociais importantes (Paz & Cepeda, 2012).

Desde 1998, os países sul-americanos passavam por grandes alterações principalmente no que tangia aos combustíveis fósseis. O relatório da CEPAL (Comissão Económica para América Latina e Caribe) de 1997 afirmava ser o aspecto mais visível o domínio do setor privado, também se refere ao fato da América Latina e Caribe encontrarem-se muito longe de níveis adequados de eficiência e transformação energética, considerando quem em alguns países há obsolescências de parques industriais (*apud* CEPAL, 1997: 23). O mesmo relatório estabeleceu que a reforma petroleira tendeu a favorecer o setor privado

Se busca um maior protagonismo privados, alentando a inversão estrangeira e novas modalidades de contratação com as operadoras privadas, que não incluem a presença do Estado nos países com maior dimensão petrolífera²⁴¹[...] (CEPAL, 1997).

Entende-se como combustíveis fósseis (CF) o carvão, o mais ancestral dos três; o petróleo, o mais “nobre” deles, modernamente acompanhados pelo gás natural (GN) em suas principais formas. Tais políticas já nos anos 2000 incorporaram também a “questão do lítio” que aparece como grande possibilidade de fazer frente quando do declínio dos combustíveis fósseis (Fornillo, 2017). A relação com o petróleo esteve presente desde a derrubada de Gutierrez e a transição para o governo de Palácio quando Rafael Correa foi ministro da economia, o autor afirma

No Equador, a atual política de petróleo foi inaugurada após a derrubada de Lucio Gutiérrez, em 2004, pelo governo de transição de Alfredo Palacio, no qual o atual presidente, Rafael Correa, participou como Ministro de Economia e Finanças. A reforma da lei dos hidrocarbonetos levou à nacionalização parcial (de 50%) dos lucros extraordinários feitos por empresas multinacionais desde 2003, através de contratos de participação que reduziram a parcela de renda para menos de 20% de produção. Esta medida também foi acompanhada pela declaração do término do contrato entre a Occidental Petroleo e a Petroecuador, em maio de 2006. A decisão de renegociar todos os contratos de associação ou

²⁴¹ Tradução da autora - Se busca un mayor protagonismo privado, alentando la inversión extranjera y nuevas modalidades de contratación con los operadores privados, no que no excluye la presencia del Estado en los países con mayor dimensión petrolera [...].

de nacionalizar completamente (em 99%) esses lucros extraordinários em 2007²⁴² (Fontaine, 2008:05).

Segundo Ospina Peralta (2013) apesar das alterações ocorridas nos últimos anos o petróleo hoje tem o mesmo peso na economia que durante o período de 1975 a 1985 que foi o período áureo do petróleo no país. Conquanto, o mesmo autor afirma que há possibilidade da diminuição desta dependência nos próximos anos devido aos investimentos realizados em outras áreas energéticas, que, apesar de incipientes tiveram algum impacto (Ospina Peralta, 2013).

No Artigo 315 da Constituição, o Equador faculta a criação de empresas públicas que estimulem setores estratégicos à criação de serviços públicos para um aproveitamento sustentável dos recursos naturais e o desenvolvimento de outras atividades econômicas, como parte de uma diversificação produtiva. Entendendo que a gestão pública no caso do petróleo é de fundamental importância, o governo também aprovou em 7 de abril de 2008, a inscrição no Registro Mercantil em 23 de abril de 2008, Petroamazonas Ecuador S. A como pessoa jurídica de direito público sendo seus acionistas únicos às empresas estatais Petroecuador y Petroproducción. O Artigo 3 do Decreto 314 destaca que, a Petroamazonas Ecuador S. A., poderá desenvolver projetos em âmbitos locais, regionais, nacionais e internacionais. Segundo Guaranda (2011) quando se deu a entrada de Correa na presidência houve uma mudança de proposta e de discurso que estava relacionado a exploração do petróleo

Essa proposta foi coerente com outras propostas vindas de setores ligados à Aliança País e outros movimentos sociais que demandavam maior capacidade reguladora do Estado. No entanto, os setores ligados ao ambientalismo e ao movimento indígena olhavam com dúvida e preocupação para o discurso cada vez mais radical e eloquente do presidente que, a pretexto de criticar as relações entre o Estado e as transnacionais, expressou a necessidade de explorar os recursos naturais existentes e não descobertos, porque na sua opinião, no seio de um governo honesto e patriótico, como ele descreve a sua gestão, esta exploração era possível porque agora os equatorianos iriam usufruir dos benefícios da exploração petrolífera (Guaranda, 2011: 04²⁴³).

²⁴²Tradução livre da autora. No original - En el Ecuador, la política petrolera actual fue inaugurada tras el derrocamiento de Lucio Gutiérrez, en 2004, por el gobierno de transición de Alfredo Palacio, en el cual participó el actual presidente Rafael Correa como ministro de Economía y Finanzas. La reforma de la ley de hidrocarburos dio lugar a la nacionalización parcial (del 50%) de las ganancias extraordinarias realizadas por las empresas multinacionales desde 2003, a través de los contratos de participación que reducían la participación de la renta a menos de un 20% de la producción. Esta medida fue acompañada, además, por la declaración de caducidad del contrato entre Occidental Petróleo y Petroecuador, en mayo de 2006. Antecedió también la decisión de renegociar todos los contratos de asociación o de nacionalizar integralmente (en un 99%) aquellas ganancias extraordinarias en 2007 (Fontaine, 2008:05).

²⁴³ Tradução livre da autora. No original: Esta propuesta era coherente con otras propuestas provenientes de sectores vinculados a Alianza País y a otros movimientos sociales que reclamaban mayor capacidad

Todavia no Artigo 316 da Constituição aprovada em 2008 verifica-se

O Estado poderá delegar a participação dos setores estratégicos e serviços públicos mistos nos quais tenha maioria acionaria. A delegação está sujeita aos interesses nacionais e respeitará os prazos e limites fixados na lei para cada setor estratégico²⁴⁴.

E esta situação de delegar participação a empresas mistas estava condicionada a alguns fatores; quando por razões de inversões financeiras, quando existem atividades de risco no lugar a ser explorado ou quando as empresas públicas não possuem capacidade, técnica, logística e económica para realizar tal intento (Guaranda, 2011). Segundo Ospina Peralta (2013) a importância dos câmbios pós extractivistas são mais visíveis no que tange a questão da eletricidade, que, como já fora mencionado alcançou os 97% de acesso em todo o país. Contudo, não houve um amplo debate acerca da construção das hidrelétricas e seus impactos com as comunidades afetadas, logo, infringiu a lei de consulta a população ante qualquer possibilidade de exploração contemplada na Constituição de 2008, bem como o Artigo 21 da Convenção Americana de Direitos Humanos²⁴⁵ que estreita a relação que os povos originários possuem com suas terras, bem como os recursos que ali emanam.

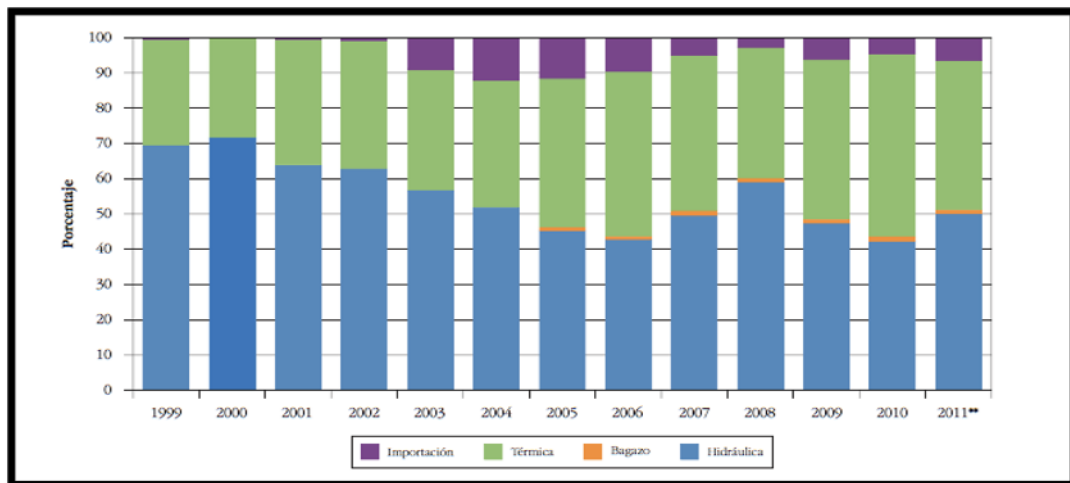
No gráfico elaborado por Ospina Peralta (2013: 189) no período entre 1999-2011 é possível verificar que a produção de energia elétrica foi a que mais teve destaque frente as outras formas de produção de energia, nota-se também que a termoelétrica permanece com altos índices e cabe ressaltar que se queima muito combustível em sua produção energética.

reguladora del estado. Sin embargo, los sectores vinculados con el ambientalismo y el movimiento indígena, miraban con duda y preocupación el discurso cada vez más radical y elocuente del Presidente que a pretexto de criticar la relaciones entre el estado y las transnacionales, manifestaba la necesidad de explotar los recursos naturales existentes y por descubrir, pues a su criterio dentro de un gobierno honesto y patriota, como él califica su gestión, esta explotación era posible pues ahora los ecuatorianos si disfrutaran de los beneficios de la explotación petrolera (Guaranda 2011: 04).

²⁴⁴ Tradução livre da autora. No original: El Estado podrá delegar la participación en los sectores estratégicos y servicios públicos a empresas mixtas en las cuales tenga mayoría accionaria. La delegación se sujetará al interés nacional y respetará los plazos y límites fijados en la ley para cada sector estratégico.

²⁴⁵ Disponível em <https://www.cidh.oas.org/basicos/portugues/c.convencao_americana.htm> [15.02.2017]

Figura 1 Produção de Energia no Equador elétrica por fontes (%)



Fonte: OSPINA PERALTA (2013:190)

Os produtos primários continuaram a ser a base da exportação em 2011, 77,8% aumentando o peso, mesmo antes de Correa, quando em 1998 a exportação de primários representava 76,1%, deste percentual verificado e 2011 o petróleo representou 53% do total enquanto que a banana 10%, já os produtos industrializados surpreendentemente caíram de 25% das exportações em 2007 para 22,2% em 2011 (Mayoral, 2012: 250). No ano de 2009 a balança comercial passou a ser negativa que é quase na totalidade formada por remessas enviadas por migrantes que trabalham fora do país, assim sendo, no momento que estes países vivenciam uma crise a repercussão é quase que direta na economia equatoriana.

O desempenho económico foi relativamente bom no período de 2006-2011 devido a agressiva política fiscal expansiva por parte de Correa, por outro lado, também não apoiou as pequenas e médias empresas nacionais, mesmo em um período de bonança, como foram os últimos anos, em que, as entradas de divisas petrolíferas foram altas, as pequenas e médias empresas não conseguiram se estabilizar e fazer frente a indústria internacional (Mayoral, 2012). Ou seja, não houve incentivo ao desenvolvimento industrial nacional, nem associação as atividades primárias do país, sequer a aplicação de renda em programas contundentes para industrializar, mesmo o setor petrolífero onde país não é autossuficiente (Mayoral, 2012).

Art. 288.²⁴⁶ - As compras públicas atenderão a critérios de eficiência, transparência, qualidade, responsabilidade ambiental e social. Serão priorizados produtos e serviços nacionais, principalmente os provenientes da economia popular e solidária e de micro, pequenas e médias unidades de produção.

Art. 281.²⁴⁷ - A soberania alimentar constitui um objetivo estratégico e uma obrigação do Estado de garantir que pessoas, comunidades, povos e nacionalidades atinjam a autossuficiência de alimentos saudáveis e culturalmente adequados permanentemente. Para isso, será de responsabilidade do Estado:

1. Promover a produção, agro alimentação e transformação pesqueira de pequenas e médias empresas, unidades comunitárias e unidades de economia social e solidária.
2. Adotar políticas fiscais, tributárias e tarifárias que protejam o setor agroalimentar e pesqueiro nacional, para evitar a dependência de importações de alimentos.
3. Fortalecer a diversificação e introdução de tecnologias ecológicas e orgânicas na produção agrícola.

Em 2012 proibiu-se o crédito à população, regulação financeira (creación de la red de seguridad financiera), segundo Crespo (2012: 310) a balança comercial com petróleo e sem petróleo foi negativa durante o período de 2002-2011, o mesmo autor afirmou que nunca tal desequilíbrio nunca chegou a 13% do PIB como foi visto no período. Situação que indica a fragilidade do comércio exterior equatoriano aos preços do petróleo, sendo estes determinados a partir de circunstâncias externas. O gasto público é alto, fato promove a criação de uma classe média consumidora, mas não há uma inversão disto em outros setores da economia estimulando uma diversificação (Crespo, 2012). O mesmo autor afirma, que o país registrou no período de 2006-2011 o menor crescimento econômico, apesar de ter tido uma grande quantidade de recursos, a inflação cresceu devido as altas taxas das importações. As contas externas se deterioraram, em especial a balança comercial não petroleira (Crespo, 2012: 318). A política fiscal é excessivamente expansiva com uma má qualidade do gasto público, os gastos sociais poderiam ter melhores resultados.

²⁴⁶ Tradução livre da autora. No original - Art. 288. No original - Las compras públicas cumplirán con criterios de eficiencia, transparencia, calidad, responsabilidad ambiental y social. Se priorizarán los productos y servicios nacionales, en particular los provenientes de la economía popular y solidaria, y de las micro, pequeñas y medianas unidades productivas.

²⁴⁷ Tradução livre da autora. No original - La soberanía alimentaria constituye un objetivo estratégico y una obligación del Estado para garantizar que las personas, comunidades, pueblos y nacionalidades alcancen la autosuficiencia de alimentos sanos y culturalmente apropiado de forma permanente. Para ello, será responsabilidad del Estado: 1. Impulsar la producción, transformación agroalimentaria y pesquera de las pequeñas y medianas unidades de producción, comunitarias y de la economía social y solidaria. 2. Adoptar políticas fiscales, tributarias y arancelarias que protejan al sector agroalimentario y pesquero nacional, para evitar la dependencia de importaciones de alimentos. 3. Fortalecer la diversificación y la introducción de tecnologías ecológicas y orgánicas en la producción agropecuaria.

O Equador, apesar de ter realizado a Auditoria da Dívida Pública em 2007 com ótimas consequências, entrou novamente no endividamento, conquanto, as melhorias no desemprego e emprego concentraram-se no setor público, a pobreza caiu drasticamente, entretanto percebe-se que sua redução maior foi no período de abundância petroleira que ressalta a visceralidade do país ao óleo negro (Crespo, 2012).

O Equador não fugiu à regra da América Latina e de muitos outros países marcados pela colonização, seu padrão de acumulação ocorreu sempre por viés rentista e dependente que assumiu uma complexidade específica, no caso especial do petróleo entre 1782-1981 quando as divisas do país embasaram-se essencialmente na renda do óleo negro, bem como em outras épocas, outras matérias-primas assumiram o mesmo grau de importância²⁴⁸ (Miguel Ruiz & Iturralde, 2013; Acosta, 2005).

Assim como outros países latino-americanos quando denominamos o “caráter rentista” de acumulação, entende-se um tipo particular que envolvem diferentes sujeitos, no caso do petróleo esta situação se complexifica ainda mais, visto que de um lado temos uma demanda de petróleo mundial de como, quanto e a que preços se retira e se vende, de outro, todo um ordenamento social pautado neste setor econômico e a multiplicidade de pessoas envolvidas e impactadas neste processo (Miguel Ruiz & Iturralde, 2013). Se pudéssemos definir aqui de forma sucinta uma relação existente na América latina seria, o colonialismo que marca nossa dependência e inserção no capitalismo, a extração das riquezas realizadas de diversas formas e em diferentes níveis em cada um dos países, acumulação e renda (Miguel Ruiz & Iturralde, 2013; Acosta & Guijarro, 2018; Cueva, 2014; Santos, 2018).

Por outro lado, o volume de produção da Petroecuador, que vinha declinando desde os anos 90, atingiu o nível mais baixo em 2005, ano em que a empresa foi responsável pela produção de 71 milhões de barris, menos de 10 milhões o número de 2001. Mas, a partir de 2006, a produção pública de petróleo começou a se recuperar, com a transferência do Bloco 15 para o Estado, chegando a quase 110 milhões de barris em 2010. Por outro lado, o volume de empresas privadas, que, quase duplicaram entre 2001 e 2005, começaram a diminuir a partir desse ano, para um mínimo de 67,5 milhões em 2010²⁴⁹ (Miguel Ruiz & Iturralde, 2013: 97).

²⁴⁸ Tais como a banana, cacau, o camarão, etc.

²⁴⁹ Tradução livre da autora. No original - Por otro lado, el volumen de producción de Petroecuador, que había venido disminuyendo desde la década de los noventa tocó fondo en 2005, año en que dicha empresa fue responsable de la producción de cerca de 71 millones de barriles, menos de 10 millones respecto a la cifra de 2001. Pero, a partir de 2006, la producción pública de petróleo comenzó a recuperarse, con el traspaso del Bloque 15 al Estado, llegando a casi 110 millones de barriles en 2010. En sentido inverso, el volumen de producción de las compañías privadas, la cual, casi se había duplicado entre 2001 y 2005, comenzó a declinar a partir de ese año, hasta alcanzar un mínimo de 67.5 millones en 2010 (Miguel Ruiz & Iturralde, 2013:97).

Deste quadro mais geral do petróleo no Equador examinarei a seguir algumas políticas específicas do período concernente a análise desta tese, com ênfase nas propostas relativas ao Parque Yasuní.

3.3 Ciclos Amazônicos

A Amazônia esteve durante muito tempo reduzida a diferentes graus de intensidade de exploração, aos tipos de padrão de consumo dados a partir de sua submissão ao mercado mundial, o modelo colonial de massiva extração e genocídio se repete até os dias atuais, agora incorporando o Estado como interventor e por vezes cúmplice de empresas transnacionais Acosta (2015). No caso específico da Amazônia equatoriana veremos, ao longo deste trabalho, parte de suas contradições que se alteraram drasticamente nos últimos 30 anos, porém, apesar de toda a riqueza constatada esta é pouca acedida pela população local, regional e nacional, as riquezas permanecem concentradas nas mãos de poucos. Isto posto, não é plausível dizer que é uma área de abandono ou desértica, ao contrário, no Equador é a área onde existe um projeto de desenvolvimento muito bem demarcado, com exploração das riquezas bem delineadas pelo Estado, no caso do ex-presidente Rafael Correa o petróleo amazônico era tão seriamente debatido toda a população equatoriana estava dependente de sua exploração (Trujillo Montalvo, 2001). No geral, foi afetada por vários ciclos extrativos, isto ocorreu de forma negativa e o histórico, não somente no Equador, mas em toda a América Latina é uma exploração predatória quando associada a empresas e utilização de matéria prima em grande escala. Especificamente no caso do petróleo equatoriano, sua exploração se enceta em 1911²⁵⁰ na província de Santa Helena localizada na Costa do país, a perfuração ocorreu mesmo em 1922 por uma empresa chamada Anglo e o Estado apoiou com incremento de 1% sob uma modalidade de regalias (Etchart, 2011; Reyes, 2006: 54 apud Larrea et al., 2009: 148).

No ano de 1921 na Amazônia ocorre a entrega da primeira concessão de exploração petrolífera a empresa pertencente a Standard Oil de New Jersey, segundo os documentos estudados, a empresa prospetou, mas nunca explorou petróleo, fato que levou

²⁵⁰Segundo os documentos analisados, a exploração petrolífera na Costa equatoriana começa em 1878 com a outorga em favor do colombiano M. G. Mier, em 1885 o italiano Salvador Vigniani realiza várias concessões para exploração do petróleo em solo e em 1886 é expedido pelo Congresso da República o Primeiro Código de Minérios do Equador. Informações obtidas por meio de relatório da PetroEcuador (2013) disponível em <<https://www.eppetroecuador.ec>> [30.11.2018] <www.petroleosdeamerica.com> [12.04.2018]

o Estado ao cancelamento do contrato em 1937 (Etchart, 2011²⁵¹). Em 1948 a Shell Oil Company encerra suas atividades na Amazônia com a declaração que não havia encontrado petróleo (Larrea, 2009). Após 16 anos a Chevron por meio de uma concessão de consórcio com a Texaco Gulf passa a realizar exploração de petróleo em 400 mil hectares amazônicos, em 1967 perfuraram o primeiro poço produtivo em Lago Agrio (Província de Sucumbíos) e concluiu a construção do primeiro oleoduto, sistema de oleoduto transecuatoriano (SOTE) conectando a campos de petróleo na Amazônia com o Oceano Pacífico (Larrea, 2009:149)

Frente a derrota do Equador no conflito com o Peru em 1941 o país perdeu metade do seu território amazônico e acabou por gerar um êxodo populacional e o Estado criou uma política “colonizadora” ao invés de realizar a reforma agrária (Etchart, 2011; Acosta, 2005) as estradas petrolíferas já abertas facilitaram o trânsito da população para diferentes áreas do país.

Imagem 1 Ecuador Cuyuja - Trans-Ecuadorian Oil Pipeline



Imagem 1- Ecuador Cuyuja - Trans-Ecuadorian Oil Pipeline (SOTE – Sistema de Oleoduto Transecuatoriano²⁵²) (Photo by Rolf Schulten/ullstein bild via Getty Images)²⁵³

²⁵¹ Embora Etchart (2011) faça tal afirmação, a informação pode ser contestada uma vez que, após realização de diversas pesquisas não foi encontrado nada que demonstrasse que houve cancelamento de contratos, mas sim uma alteração do acordo e passou a vigorar em concordância com o momento político que o país vivenciava.

²⁵² Operado pela empresa nacional de petróleo Petroecuador, construída em 1972 para o Texaco-Golfo (leste de Quito). O petróleo é transportado do leste do país (GERMANY OUT) Equador Cuyuja - Oleoduto Transecuatoriano (SOTE - Sistema de Oleoduto Transecuatoriano), operado pela empresa nacional de petróleo Petroecuador, construída em 1972 para o Golfo Texaco (leste de Quito). O petróleo bruto é transportado do leste do país pelos Andes para o Pacífico

Durante 28 anos de funcionamento produziu-se mais de mil milhões de barris de petróleo fato que também transformou a selva amazônica, abrindo entre 300 e 600 piscinas de óleo negro que podem ser vistas e inclusive visitadas (Sawyer, 2004; Etchart, 2012). Segundo Larrea (2009:150) após este período a população amazônica aumentou 12 vezes. E, assim como na maior parte dos países latino americanos, o Equador passou a metade do século XX baseando sua economia em um caráter extrativo. Desde a perfuração do primeiro poço de petróleo até os dias atuais, foram pouquíssimas as benesses oriundas deste tipo de matriz produtiva e desenvolvimento, e esta afirmação incorpora desde as comunidades afetadas diretamente pelo petróleo como como os dayumenses, bem como para o Estado equatoriano, que passou anos observando o aumento do seu endividamento. É inegável que algumas reformas foram feitas e mudou praticamente a vida de muitas pessoas, contudo, o aprofundamento do que é entendido como modernização atualmente já dá sinais de esgotamento de um período gerador de divisas, de pobreza, de lutas e de enriquecimento para uma minoria (Etchart, 2011).

A partir da Segunda Guerra Mundial, após o descobrimento de diversos poços petrolíferos no Oriente Médio, a América Latina necessitou pensar de forma mais estratégica seus combustíveis, tendo em conta que até a Primeira Guerra os recursos eram maioritariamente explorados por empresas estrangeira (Fontaine, 2008: 67).

Segundo Etchart (2011: 32) o caso petrolífero equatoriano apresenta características peculiares devido a sua tardia entrada na onda de exploração petrolífera em 1960 apenas 4% da inversão se declarava como estrangeira, 1972 o número representava cerca de 46% em 1978 este número subia para 58%, no período militar de Rodrigues Lara, um terço do território estava comprometido e entregue as empresas petrolíferas. E foi justamente no ano de 1973 no conhecido choque do petróleo, que o Equador se tornou membro da Organização de Países Exportadores de Petróleo (OPEP) como um mecanismo de idealizar políticas de cunho nacionalista aproveitando a demanda externa, logo, o país

Tradução livre da autora. No original - Operated by the national oil company Petroecuador, built in 1972 for Texaco-Gulf (east of Quito). The crude oil is transported from the east of the country (GERMANY OUT) Ecuador Cuyuja - Trans-Ecuadorian Oil Pipeline (SOTE - Sistema de Oleoducto Transecuatoriano), operated by the national oil company Petroecuador, built in 1972 for Texaco-Gulf (east of Quito). The crude oil is transported from the east of the country over the Andes to the Pacific.

²⁵³A imagem foi consultada partir do artigo <<https://www.dw.com/pt-br/petr%C3%B3leo-vazado-no-equador-avan%C3%A7a-mas-risco-ao-brasil-segue-incerto/a-16874992>>[25.07.2018]

Trata-se de uma preocupação por parte do Governo brasileiro acerca do vazamento de 11.400 de barris de petróleo no oleoduto amazônico que poderia chegar ao território brasileiro.

se tornou – junto com Argentina, Colômbia e Venezuela – dependente das inversões externas (Fontaine, 2008; Etchart, 2011).

Contudo, nem a bonança petroleira da década de 1970 tampouco as políticas de cunho nacionalista e a facilidade na obtenção de créditos internacionais levaram o país para uma grande mudança estrutural como o esperado. Ao contrário, a má distribuição dos recursos, acompanhado da corrupção levou o país para uma desigualdade ainda maior somada aos impactos, ecológicos, sociais, culturais. Acosta (2009: 20-22) defende que tais disparidades entre riqueza em recursos e pobreza crescente podem ser superadas, segundo o autor a grande quantidade de recursos existentes nesta região, tende a distorcer a economia, concentrando a riqueza em poucas mãos, algo “patológico²⁵⁴”.

Por outro lado, tem-se que a exploração dos recursos naturais e sua exportação lograram poucas modificações substanciais e duradouras para a maioria da população destes países, a redução da pobreza a partir dos rendimentos oriundos da exploração da natureza é uma constante na maioria das análises realizadas no Equador. No caso do Equador, um dos países com uma das maiores biodiversidades do mundo, onde um único hectare da área do Parque Nacional de Yasuní, por exemplo, contém uma variedade maior de vida que toda a América do Norte²⁵⁵ ocorreu historicamente uma comprovação que sua dependência a exploração petrolífera colocara em xeque sua estabilização social e económica, visto que o petróleo tem preços oscilantes e em consonância com as crises mundiais (Larrea, 2010a).

Além disto, o país elenca um grandioso histórico de lutas políticas, fato que resultou em curtos mandatos presidenciais nas últimas décadas. Cabe destacar que no período compreendido entre 1992 a 2006, nenhum presidente eleito conseguiu cumprir seu mandato de quatro anos até ao final e desde a década de 1980 nenhum presidente governou o país durante tanto tempo. A datar de 2006, quando Rafael Correa foi eleito, o país atravessou mudanças económicas e políticas bastante significativas, entre as quais a aprovação de uma nova Constituição²⁵⁶ em 2008 fincou o povo e a vida como razão de ser do Estado, da sociedade e da economia. Nos descaminhos desde sua eleição em 2006, quando assumiu uma política nitidamente anti neoliberal²⁵⁷, até ao momento de sua 3ª

²⁵⁴ Grifo do autor.

²⁵⁵ Larrea (2010a)

²⁵⁶ Trata-se da vigésima Constituição Andina aprovada por meio de referendo popular com ampla maioria em 2009.

²⁵⁷ Advogou uma política anticapitalista, descartando a cooperação com FMI (Fundo Monetário Internacional) em entrevista dada a rede de TV CNN Correa prometeu acabar “com o desastroso modelo neoliberal” apud UCHOA, Raquel. *Com Constituinte, Equador discute controle de energia*.

reeleição em 2013, o presidente Rafael Correa estabeleceu medidas importantes, polêmicas e contraditórias através da denominada “Revolução Cidadã”. Entre elas, destacam-se: o não pagamento da dívida pública, a expulsão de bases militares norte americanas de seu território, o controle sobre os recursos naturais estratégicos.

O debate que rodeia em termos mais gerais esta tese foi o da aprovação de uma Constituição²⁵⁸, um Estado Plurinacional e a consulta aos povos originários ante a possibilidade de exploração dos recursos da natureza, quando, ao mesmo tempo observamos uma viragem a tudo que havia sido assente. O recorte é dado pelo projeto ITT (Ishpingo, Tambococha y Tiputini) que foi uma das iniciativas da sociedade civil para lutar contra o aquecimento global e manter o petróleo debaixo da terra na Amazônia. Tal projeto alude na não exploração de 850 milhões de barris de petróleo situados no Parque Yasuní, uma das reservas mais importantes da Amazônia Equatoriana que em 1979²⁵⁹ foi considerada pela UNESCO uma Reserva Mundial de Biosfera, devido a sua riqueza natural tão diversa, local onde coexistem comunidades originárias Waorani, Kichwas, Shuar, colonos, mestiços e onde também habitam colonos os povos Tagaeri e Taromenane conhecidos por seu pouco ou nenhum contato com outras comunidades, isto significa que suas vidas, não estão sob uma tutela judicialmente conhecida e pautada em uma vida permeada pelo atual sistema. Sem contar o fato que o petróleo localizado nesta região é do pior tipo existente, um óleo pesado que necessita de um forte refino, devido a grande quantidade enxofre e metais pesados (Acosta et al., 2009).

Os rostos do Yasuní são diversos como as diferentes culturas que existem na região. Durante mais de 150 anos os Waoranis foram os únicos donos do território entre os rios Napo, ao norte, e Cururay, ao sul, um território de mais de 2 milhões de hectares. Desde 1990, só lhes pertencem os 612.560 hectares identificados como Reserva Étnica Waoranis. Os vizinhos são os recém-chegados Kichwas e os colonos, que desde os anos 70 se estabelecem ao longo de uma estrada de 130 km, a via Auca, na zona oeste do parque²⁶⁰.

O projeto iniciou-se antes da proposta se tornar pública com o presidente Rafael Correa, o ministro da Energia em 2006 que na época era Alberto Acosta, atualmente um dos principais críticos do governo, ambos assumem que foi uma proposta de construção coletiva, uma resistência social que prosperou devido a forma extremamente predatória que

Fonte: Valor Econômico, 16/04/2007, internacional, p. 09.

²⁵⁸ Que reconhece os direitos da natureza.

²⁵⁹ Informação obtida a partir da página dos Yasunidos, movimento social organizado a partir da exploração no Parque Yasuní. Consultada em <<http://sitio.yasunidos.org/es/>> [10.04.2017]

²⁶⁰ Informações retiradas do site <<http://oeco.org.br/yasuni/yasuni-pt.php>> [02.06.2018]

fora realizada a extração petrolífera sob a égide da empresa petroleira Chevron Texaco há vinte anos atrás que resultou em um processo internacional e recebeu um pronunciamento importante da Comissão Interamericana de Direitos em 2004. Em 2005 com base em diversos abusos a empresa foi expulsa do país, cujo veredicto final foi a favor do país em 2014 (Acosta, 2014). Tais iniciativas cristalizaram na sociedade civil, principalmente naqueles historicamente afetados pela exploração de hidrocarbonetos, uma determinação para que a moratória petroleira tivesse força, ou seja, houve primeiro o empuxe populacional de umas das ações ambientais mais originais dos últimos anos, a Iniciativa Yasuní ITT, que passou a fazer parte do plano governamental do partido Alianza País (2007 a 2011). Assim, consolidou-se uma proposta fundada em conjunto com os movimentos sociais indígenas do país em 2005, incorporando a moratória petroleira que alicerçou, em 2006, seu plano de governo.

A moratória se embasava na não exploração do petróleo amazônico subordinado ao marco Constitucional outorgado em 2008, cujo o entendimento era não explorar, evitar o remesso de poluentes na atmosfera. Assim sendo, o governo buscou alternativas para a realização da compensação econômica; na época o Equador, que tem como base econômica o petróleo, perderia 7 bilhões de dólares por não extrair os 920 milhões de barris na Amazônia (Gudynas, 2013). Partiu-se do princípio da corresponsabilidade dos problemas ambientais entre os países norte/sul e à vista disso, impedir a exploração petrolífera significaria evitar a emissão de 410 milhões de toneladas de CO₂ na atmosfera (Le Quang, 2010). Alguns países, tal como Alemanha, se propuseram a financiar o projeto que representava uma alternativa ecológica e fomentou intensa discussão acerca da possibilidade de um caminho para os países que vivem do extrativismo, que no sistema econômico vigente, aparece de forma predatória. Deixar o petróleo na terra também tinha razões econômicas, o preço do petróleo pesado é menor no mercado internacional e os custos de extração e transporte são sempre maiores, além disto, a localização do petróleo traria custos ao meio ambiente e às comunidades incomensuráveis (Alier, 2013).

Os países periféricos, de forma geral, sofrem de maneira especial o dilema da exploração e o saque de seus recursos considerados nobres e um patamar de desenvolvimento incapaz de satisfazer as necessidades mais básicas da totalidade de seus cidadãos. Por outro lado, a exploração dos recursos naturais pode ser uma forma de converter a riqueza ambiental em investimentos sociais e benesses para a população. A contradição mais absoluta deste caso é desvelada no momento que o governo correista anunciou o início das explorações nesta área de preservação ambiental e indígena, decisão

que o colocou em disputa os movimentos indígenas do país, que foram seus maiores apoiadores na eleição.

Com base no axioma de ir do mais simples ao mais complexo dissecar-se-á nesta tese as relações políticas que tangenciam os desdobramentos de exploração petrolífera na região amazônica equatoriana com ênfase a Iniciativa ITT, dentro das incoerências fundamentadas na Constituição e o modelo político econômico defendido por este governo para realização do pós-petróleo no período de 2008-2016 que não aconteceu.

A Iniciativa Yasuní ITT planejada em 2007, foi cancelada em 2013 disto se justifica o período a ser analisado nesta tese que vai até 2016 quando Correa se depara com a possibilidade de ver seu projeto encerrado diante da disputada eleição de seu sucessor Lenín Moreno que ganhou em segunda volta contra o banqueiro Guillermo Lasso²⁶¹. A hipótese a ser debatida concerne na incongruência entre os direitos das comunidades tradicionais na perspectiva da Iniciativa Yasuní ITT e a tomada de decisão pela exploração petrolífera neste país, ou seja, o que o levou a mudar de postura.

A proposta Yasuní ITT era de não exploração petrolífera no Parque em troca de compensação econômica, inclusive firmou-se um convênio fortalecendo esta ideiação o chamado Fideicomiso que deveria ter sido assinado em 2009 na Conferência de Copenhague. O Convênio implicaria que este país recebesse US\$ 3,6 bilhões, equivalentes a 50% dos recursos que receberia em caso de exploração (reservas petrolíferas do parque se aproximam de 846 milhões de barris) que não seriam tocados. Com este propósito seria criado um fundo de capital, administrado pelo Programa das Nações Unidas pelo Desenvolvimento (PNUD) com participação do Estado, da sociedade civil equatoriana e de representantes dos contribuintes²⁶². Tal iniciativa se insere na proposta de lutar contra os problemas climáticos em nível mundial, porém a proposta de deixar o petróleo debaixo da terra também coloca em juízo a economia de um país que depende deste combustível (Le Quang, 2013). Conquanto, já em 2009 a assinatura do convênio não ocorreu, devido a proibição do presidente, fato gerou um desgaste no seu governo que duraria anos (Alier, 2013:15). Rafael Correa fez declarações rebaixando os ecologistas, demonstrando um

²⁶¹ Acerca deste tema dei uma entrevista para uma revista digital na época (2017) que pode ser consultada neste link <<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/566420-equador-esta-dividido-assim-como-toda-a-america-latina-entrevista-especial-com-elaine-santos>> [02.03.2018]

²⁶² Informação obtida em <<http://conciliare.dominiotemporario.com/index.php/artigos/55-equador-assina-convenio-pela-nao-exploracao-de-petroleo-em-regiao-do-pais>> [12.05.2016]

caráter de economista desenvolvimentista anti ecologista²⁶³. Por conseguinte, todos os debates que imputaram à Correa também forneceram emblemas a direita, já que os meios de comunicação mais conservadores passaram apoiar a Iniciativa Yasuní ITT reforçando ainda mais um discurso anti correísmo, situação que dificultou um alinhamento político entre indígenas e ecologistas uma vez que os segundos acabavam por se alinhar, em discurso, aos meios de comunicação da direita, esta foi uma manobra política funcional na época e que trouxe muitas consequências (Alier, 2013). Após a assinatura do acordo, em 2010, Rafael Correa passou a criticar os ecologistas e toda esta situação, como já mencionei era também inflamada por meios de comunicação, indústrias petrolíferas interessadas na exploração, logo a proposta de *yasunizar el mundo*²⁶⁴ não parecia razoável dentro dos marcos de desenvolvimento proposto. Também é importante lembrar que o “mito do desenvolvimento” financiados pelos recursos naturais não foi um argumento novo no Equador, tampouco na América Latina, foi uma das justificativas dadas por Correa na alegação que, explorar o petróleo tiraria milhões de equatorianos da pobreza.

Segundo, Rosero & Báez (2013:41) o Equador possui um histórico de exploração petrolífera predatória que não iniciou com Rafael Correa, mas sim há cerca de 50 anos atrás, mesmo com alguns momentos de melhorias sociais, melhores estradas e até aeroportos renovados, o país continuou na periferia do capitalismo, Correa reascendeu o mito do progresso, do desenvolvimentismo como bem afirmou Rosero & Báez (2013:43) para além do aclamado Buen Vivir e projetos pós petróleo e exportações de bens primários, nada disso tem alterado a forma como Equador se encontra na divisão internacional. O artigo escrito por Rosero & Báez (2013) retomar pontos bastante importantes que serão aprofundados neste trabalho, a maneira bastante convincente para dar continuidade a projetos que já nascem em esgotamento, passam pela incompreensão estrutural e histórica do caráter dependente dos países colonizados. E sendo assim, desenvolver-se no paradigma da modernidade não se resume a uma questão de escolha

²⁶³ No tocante as polêmicas frases de Correa na época, parece ser comum que muitos autores atribuam suas declarações a sua formação acadêmica, questões culturais e mesmo à sua religião, algo que não me parece ter muito sentido. As explicações estão sobretudo na sua maneira de enxergar a possibilidade de desenvolvimento no país, de maneira linear tal como foram muitos dos economistas cepalinos. Alier (2013:17) por exemplo, atribui a Correa uma característica de católico autoritário, autoritarismo que foi bastante visível em relação em alguns grupos que se colocaram contra o projeto que o ex-presidente imaginava ser o possível ao Equador, porém muitos do que apoiaram o projeto na época, hoje se mostram muito alinhados ao anti ecologismo, a exemplo de Lenín Moreno que na época era vice-presidente e que hoje é o atual.

²⁶⁴ Grifo do autor, Alier (2013: 23).

política, de gestão de estado, mas sim um fenómeno histórico e mundial (Rosero & Báez, 2013: 43).

Para refundar o Estado, como vislumbrava o ex-presidente, o país precisaria assumir uma política posneoliberal e anticapitalista, resgatando o crescimento econômico como base para garantia e ampliação dos direitos sociais pautando-se também em uma política de integração regional. A exemplo de tais alternativas concretas de enfrentamento ao neoliberalismo, mostrou-se uma sinalização positiva a partir da Auditoria da Dívida Pública realizada por uma comissão criada por Correa desde 2007 onde, constatada as irregularidades, determinou-se a suspensão dos pagamentos aos detentores dos títulos da dívida externa submetendo tal relatório a crivo jurídico nacional e internacional. Desta feita, querendo auferir rendas, o Equador não poderia permanecer refém do jogo imposto pelas regras do grande capital: cingir-se a ser mero exportador e importador de produtos petrolíferos pagando altos preços e subsidiando os descaminhos milionários do mercado interno. A popular “fatia do leão” ficaria para outros países, aqueles com condições de agregarem valor ao petróleo equatoriano. Causando problemas de outra monta ao Equador, por exemplo: a) não conseguiria aumentar seu necessário ingresso de divisas internacionais; b) permaneceria um eterno subjugado aos interesses das grandes empresas petrolíferas internacionais e c) não consegue desenvolver-se do ponto de vista tecnológico. São meras exemplificações entre tantas que podem ser apontadas. Tudo isso se prende ao fato de o país não dispor de processos internos de refino, situação que Correa solucionou a partir de contratos com empresas estrangeiras até que sua principal Refinaria de Esmeraldas fosse modernizada. Em 2017 a página do Ministério de Hidrocarbonetos²⁶⁵ divulgou que as três refinarias equatorianas Esmeraldas, Shushufindi e La libertad estavam a funcionar no seu máximo, contudo, o país necessita importar o petróleo de consumo interno por não ter uma refinaria com tecnologia suficiente para tornar o seu petróleo de alta qualidade. Com a modernização da refinaria de Esmeraldas o Equador passou a importar petróleo para refinar, algo completamente atípico, que significou um novo endividamento como tentativa de manter as contas em sua exportação (Villavencio, 2015). Para Roque Sevilla (2018), Quito, 28 de março

No mundo que quer cortar a produção petroleira, construir uma planta para processar os hidrocarbonetos é não entender nada o que está passando. Os movimentos ecologistas são muito em defesa somente de Yasuní.

²⁶⁵ Disponível em < <http://www.eppetroecuador.ec/?p=3647> > [10.05.2017]

Assim tem-se uma ideação prévia da compreensão da nova ordem global e dos interesses políticos e económicos que estão por trás dos investimentos. Uma vez que o alarde para uma sociedade pós petróleo só foi soado quando da finitude dos recursos apareceram no horizonte ou quando seus gastos se tornaram muito elevados para os países centrais. A exemplo do petróleo de xisto, altamente poluente e produzido nos Estados Unidos permitiu que o país pudesse sonhar com a independência energética afetando drasticamente os países que tem seu PIB direcionado ao fornecimento de petróleo, como no caso da Angola²⁶⁶ que possui uma extração *offshore* altamente dispendiosa em comparação aos custos do petróleo de xisto. Ao que parece há uma tendência pós petróleo, mas não está sob a tutela da questão ambiental e seu protecionismo e sim no sentido de encontrar mecanismos de substituir, aos poucos, o petróleo por outras fontes energéticas, com custos menores, uma maior eficiência e uma dependência menor em relação a outros países.

Posto isto nos cabe uma reflexão acerca das políticas petrolíferas no Equador, considerado que a ampliação extração foi sempre justificada como subsídio para o financiamento das políticas sociais que elevariam o país a outro patamar. Este também foi um dos argumentos apresentados por Rafael Correa que mencionou também a falta de apoio da comunidade internacional, uma vez que muitas nações haviam se tornado “desenvolvidas” utilizando os recursos do Sul, logo, apoiar a iniciativa seria como saldar uma dívida. Um discurso completamente moralizante como se os países subdesenvolvidos, colonizados e historicamente explorados se compadecessem da dinâmica que é própria do sistema econômico atual.

3.4 As políticas petrolíferas no período correista entre 2013 -2016

O Equador, objeto de estudo desta tese, nos últimos 10 anos fundamentou grande parte das suas políticas de alteração social baseando-se na renda oriunda do petróleo. E em conformidade com a mudança Constitucional de 2008, o último governo realizou reformas nas leis de hidrocarbonetos, enfatizando no Decreto 314 de 20 de Dezembro de 2010 afirmando o petróleo como um recurso estratégico, no artigo I do Capítulo I declarou ao Estado exclusividade na exploração e exportação dos hidrocarbonetos por meio de suas empresas públicas²⁶⁷. Sendo assim, no Título II artigo 15 garantiu que é papel do Estado;

²⁶⁶Disponível <http://www.jornaldenegocios.pt/mercados/materiasprimas/petroleo/detalhe/revolucao_do_petroleo_de_xisto_nos_estados_unidos_prejudicou_angola> [18.02.2017]

²⁶⁷ Consultado a 28.06.2016 em

preservar o interesse nacional na execução das diferentes fases da indústria de hidrocarbonetos, aproveitar os recursos do petróleo e suas substâncias associadas preservando o meio ambiente, conservando a biodiversidade e a capacidade de regeneração natural dos ecossistemas de forma a assegurar as gerações presentes e futuras; promover o desenvolvimento sustentável, ampliando o mercado de trabalho e gerando valor agregado por meio da exploração dos hidrocarbonetos.

No período concernente entre 2000-2005 a finalidade era saldar a dívida pública, houve um crescimento da participação de companhias privadas na produção do petróleo, já em 2006 quando da eleição de Correa houve uma viragem, onde se eliminou os fundos petroleros, também se pretendia dar outro destino a renda colocando em primeiro lugar a dívida social (Miguel Ruiz & Iturralde: 2013). Além da aposta no fortalecimento das empresas publicas de hidrocarboneto, renegociação dos contratos em um contexto em que os preços do petróleo no mercado internacional eram elevados (Miguel Ruiz & Iturralde: 2013). A Petrobras foi uma das primeiras a se retirar em 2007 quando Correa anunciou o aumento dos impostos e o campo que era explorado pela Petrobras passou a ser realizado pela estatal Petroamazonas (Gomes & Teixeira, 2011). Portanto, Rafael Correa foi alterando a política e a receita do petróleo extraído.

Se no início da década, o Estado respondia por 67% do total de petróleo produzido no país, enquanto 33% para as empresas, até 2010 essa proporção havia sido modificada em benefício do Estado, o que correspondia naquele ano 82% do total produzido, enquanto as empresas mantiveram 18%. Isto é explicado por pelo menos dois fatores: pelo aumento da produção da Petroecuador e da Petroamazonas e pela diminuição dos investimentos e da produção de empresas privadas, mas também pela redução da participação das empresas no percentual da produção resultante dos contratos que tinham com o Estado, que passou de 75% em média em 2001 para 47% em média em 2010²⁶⁸ (Miguel Ruiz & Iturralde: 2013: 99)

Escribano (2012) situa bem o que foram as políticas energéticas no período Correa e chama de “trilema” a tríade que formava a base deste governo no que tange a questão ambiental, conservação e investimento estrangeiro. Em contrapartida, tais bases

<<http://www.hidrocarburos.gob.ec/wp-content/uploads/downloads/2012/08/REGLAMENTO-LEY-DE-HIDROCARBUROS.pdf>>

²⁶⁸ Tradução livre da autora. No original - Si a comienzo de la década, al Estado le correspondía el 67% del total de petróleo producido en el país, mientras que a las compañías el 33%, para 2010 tal proporción se había modificado en beneficio del Estado, al cual correspondió en ese año el 82% del total producido, mientras que las compañías se quedaron con el 18%. Esto se explica al menos por dos factores: por el incremento de la producción de Petroecuador y Petroamazonas y la disminución de las inversiones y la producción de las privadas, pero también por la reducción de la participación de las compañías en el porcentaje de la producción resultante de los contratos que tenían con el Estado, el cual, pasó del 75% en promedio en 2001 al 47% en promedio en 2010 (Miguel Ruiz & Iturralde :2013:99).

foram completamente incongruentes com os anseios daqueles que o elegeram. Alberto Acosta, amigo pessoal do ex-presidente e Ministro da Energia, renunciou o cargo, segundo Martin (2011) Acosta parecia ter uma visão bastante idealista em defesa do meio ambiente – desenvolver – além de conflitos internos entre ambos e ao Conselho que representava a iniciativa Yasuní ITT e defesa do fim da exploração.

Nesta toada, o Ministério de Minería Ecuatoriano²⁶⁹ enfatiza a necessidade de impulsionar a mineração com o objetivo de cambiar a matriz produtiva do país, para enfrentar os desafios futuros. Os gastos públicos triplicaram no período que concerne 2006-2011 sendo que 57% foram financiados pela renda petroleira que, segundo Mayoral, (2012, 240) beneficiou os mais ricos.

A partir dos dados de Mayoral (2012: 241) conclui-se que durante o período concernente em 2006-2011 os gastos públicos se converteram no motor de crescimento econômico do país, indicando para o consumo privado bem como sua inversão. Em 2009 com a crise financeira, que reduziu em 40% os ingressos petroleiros, o governo esforçou-se para que tal situação afetasse o mínimo possível os gastos públicos, para tal intento recorreu ao endividamento externo (Mayoral, 2012: 241). Pode-se dizer que houve uma continuidade das políticas extrativistas, a América do Sul tem utilizado os combustíveis fósseis como uma das armas para alcançar seus objetivos. Segundo Aguirre (2014) muitos fatos se alteraram no país, mas o pano de fundo permaneceu o mesmo.

Com efeito, tudo muda. Mas nada muda, no fundo. Os mesmos problemas no país em relação à desigualdade, a redistribuição da riqueza, o modelo dominante e o grande capital. Déficit. Um estado gordo. E dívida. E um verniz legal em que os princípios constitucionais, aparentemente tão progressistas, colidem com leis e decretos específicos e acabam beneficiando e sustentando o sistema, estimulando o consumo tão típico do capital que não há lugar para as minorias²⁷⁰ (Aguirre, 2014: 10).

Aguirre (2014) menciona que o Equador foi um dos países da América Latina que mais realizou mudanças sociais nos últimos dez anos. Todavia, também aponta uma questão central, que apesar destes governos eleitos alcançaram mudanças substanciais não chegaram à raiz do problema de nossa matriz econômica colonial. O ovo da serpente é a

²⁶⁹ Consultado a 20.04.2018 em <<http://www.mineria.gob.ec/plan-nacional-de-desarrollo-del-sector-minero/>>

²⁷⁰ Tradução livre da autora. No original - En efecto, todo cambia. Pero nada cambia, en el fondo. Los mismos problemas del país respecto a la inequidad, a la redistribución de la riqueza, al modelo dominante y al gran capital. Déficit. Un Estado gordo. Y deuda. Y un champús legal en el que los principios constitucionales, aparentemente tan progresistas, chocan con las leyes y decretos específicos y que terminan por beneficiar y sostener al sistema, incentivar el consumo tan propio del capital en el que no hay lugar para las minorías (Aguirre, 2014: 10).

compressão quem são estas “minorias” que Aguirre (2014) afirma terem ficado fora do processo, na definição vocabular as minorias são àqueles que representam um número menor dentro de uma nação, todavia há um fascínio e até um certo charme dentro da esquerda em nomear de menor número àqueles que são excluídos e abandonados socialmente desde o nascimento e compreendidos de modo fragmentado, estigmatizante e até romantizador. Quando falamos de classe apenas a partir da renda escondemos os problemas que estão por trás desta questão, como a própria socialização e acessos que esta classe possui, trata-se dos desprivilegiados, ou seja, a maioria da população mundial (Souza, 2009).

Também é importante ressaltar que muitas das políticas sociais criaram uma classe média consumidora, todavia despolidizada. Para Pachano (2011:106) as crises expressaram que a classe média, não possuía nenhum escrúpulo, nenhuma moral e nenhum sentido de responsabilidade social ou histórica sequer solidariedade, nem consigo quiçá entre si. Face a tentativa de conectar os múltiplos elos da realidade, a exemplo do Imperialismo e sua relação com forma de ação dentro de um Estado específico ou com as empresas que participação de extração de petróleo antes mesmo de saber como se dará esta participação. Não é necessário dizer que as articulações com as questões militares são intensas e das mais importantes, uma vez que qualquer definição e conceituação de imperialismo deve conter o elemento de poder e força militar. Na atualidade, no entanto, essa força militar não necessita da conquista e do domínio dos espaços na forma de colônias como foi no passado: o controle do espaço pode ser feito de formas mais eficientes e na forma-democracia em um Estado que aparece somente como despachante de interesses (Sauer, 2017).

O Equador tentou apropriar-se das possíveis rendas geradas pela atividade petrolífera, mantendo-se em condições de participar desse mercado internacional. No entanto, enfrenta sério problema que é sempre descurado; a falta de tecnologia e planta industrial para realizar todo o processo de exploração e refino do petróleo.

Desta feita, o país que produz atualmente 536.700 barris por dia²⁷¹, menos de 1% comparado a produção mundial, necessitaria arrimar-se em uma política de exploração de acordo com a demanda e oferta do país além de promover a construção da planta industrial tecnológica a fim de evitar importações e saída de moeda, fato que derroca na falta de condições de agregação de valor internamente. Há também os dados que enfatizam que as

²⁷¹ Dados obtidos do Banco Central do Equador

reservas exploráveis no Parque Yasuní seriam de 920 milhões de barris anual e 200 mil barris/dia o que colocaria o país como exportador de 73 milhões de barris anuais e sendo assim, o bloco ITT (Ishpingo, Tambococha e Tiputini, os três poços de petróleo situados na região Amazônica) teria vida útil de 12 anos e não 20 anos como fora divulgado inicialmente (Lannes, 2013). O óleo do Bloco ITT é pesado e está sujeito a um processo de craqueamento catalítico para diminuir sua densidade e sendo assim, há um aumento dos custos na exploração, incluindo aí os não mensuráveis danos ambientais. Cabe destacar que não se trata de uma visão “*pachamamica*” na defesa da natureza intocada, visto que a exploração petrolífera está estreitamente relacionada ao atual modelo desenvolvimento em que nenhum momento dentro dos estudos realizados nas últimas décadas, algo foi efetuado para alterar efetivamente esta condição.

O pano de fundo desta questão é permitir que o país prosseguisse em sua proposta de superação das crises que vivenciou nas últimas décadas, com destaque para o processo de dolarização que assolou o país. Portanto, não existe a possibilidade do descarte da exploração petrolífera no país e considera-se a exploração garantindo o investimento e apropriação nacional da renda e o compromisso com a viabilização do parque industrial/tecnológico para o refino além do incentivo de utilização de outras fontes. Ponderando que a proposta pelo *Buen Vivir* esbarra no atual modelo de desenvolvimento. Pensar eticamente dentro do capitalismo não é racional, porque afasta os agentes econômicos de seu principal objetivo dentro do sistema: a extração da mais-valia. No mundo mercadológico não há espaço para ética, a lógica é da rentabilidade e do imediatismo. Nestes meandros por mais irracional que seja é a racionalidade capitalista que define as regras do jogo e expurga qualquer pensamento ambientalista, o capitalismo que desordena tudo (Davalos, 2008).

Ospina Peralta (2013) ao analisar o Plano Nacional do Bem-Viver (2009-2013) ressalta que o plano ressalta a incompatibilidade de permanecer em uma estratégia primário - exportadora mencionando que o Secretario de Planificação no período (Rene Ramírez) pretendia desenvolver de forma desacelerada, uma vez que era mudança da estrutura produtiva fazendo uso da biodiversidade equatoriana. Por outro lado, a ideia de um *Buen Vivir*, pautado na cosmovisão das comunidades originárias e em outra forma de pensar o mundo, atualmente é utilizado de maneira vulgar, indicando uma captura de um conceito milenar e transformando-o em um capitalismo humano que em nada reflete o que foi defendido pelas diversas comunidades originárias americanas aplicado em uma ideia de desenvolvimento que como bem afirma Larrea (2010b) é um conceito em crise desde sua nascente porque pauta o desenvolvimento a partir do capitalismo e da modernidade. Ou

como Tortosa (2001) que assevera que modernizar o capitalismo não tem nada de ‘bom viver’, ou pode ter, dentro da lógica excludente que é o cerne do próprio sistema. O fracasso da Iniciativa foi também atribuído ao próprio Corrêa, visto como obstáculo, devido a forma dual como apresentava a Iniciativa entre “ou nos pagam, ou exploramos” Escribano (2012) e Acosta (2015) concordam que a forma de exposição da Iniciativa soava como chantagem a comunidade internacional, uma vez que não existia um programa de alternativa plausível. Um outro ponto que demonstra uma das dificuldades na obtenção de êxito da Iniciativa foi em relação ao Fundo Fiduciário

Outro obstáculo para impedir o sucesso da iniciativa foi, além da falta de seriedade de Correa, os prazos do Fundo Fiduciário do PNUD para as contribuições. O primeiro objetivo da iniciativa era atingir US \$ 100 milhões até dezembro de 2011, ano em que eles conseguiram alcançar um total de US \$ 116 milhões. Isso significava que o governo equatoriano avançaria com o projeto “por enquanto”, o que não garantiu o sucesso da iniciativa, mas apenas estabeleceu um novo prazo para uma nova meta. Isso significava que nada era certo e essa incerteza levantava alguma especulação e desconfiança em suas chances de sucesso²⁷² (Nguyen et al, 2013: 35).

A forma como o projeto foi desencadeado nos faz pensar que o maior problema do fracasso da Iniciativa foi de fato Rafael Correa, porém não nos parece muito plausível personificar os interesses de uma economia tão dependente. Porém na investigação realizada por Miguel Ruiz & Iturralde (2013) podemos perceber que nos últimos 30 anos desde Alfredo Palacio e Rafael Correa foram os governos que mais se beneficiaram do ingresso de recursos provenientes da exploração petrolífera. Os autores concluem que “(...) sob o governo de Correa, as receitas médias do petróleo triplicaram em relação aos antecedentes históricos imediatos do chamado período de ‘retorno à democracia’ (Miguel Ruiz & Iturralde, 2013: 94).

La Torre (2018) afirma que por ser um líder de cunho populista, invocou uma missão pessoal que o coloca como salvacionista, disto passou a invocar uma série de táticas como a violência “justificada” em nome da modernização. Na leitura realizada nesta tese, grande parte dos teóricos que tratam do tema, esboçam que o convencimento em conformidade a comunidade internacional aconteceria se Correa esboçasse “mais

²⁷² Tradução livre da autora. No original - Another obstacle to hinder the success of the initiative, was, in addition to Correa’s ‘lack of seriousness’ the UNDP Trust Fund deadlines for the contributions. The first goal of the initiative was to reach \$100 million by December 2011, in which year they managed to achieve to a total of \$116 million. This meant that the Ecuadorian Government would move forward with the project “for the time being”, which did not secure the success of the initiative, but just set a new deadline for a new goal. That meant that nothing was certain and this uncertainty raised some speculation and mistrust in its chances to succeed (Nguyen et al, 2013:35)

humildade em relação aos europeus, ou mesmo um apelo emotivo, de um país dependente do petróleo que abriria mão em nome de algo maior” uma alusão a chamada consciência ecológica. Contudo tal como apontam Miguel Ruiz & Iturralde (2013) os canais de transmissão para saída da crise estão inter-relacionados, logo, não conseguiria deixar de ser dependente desta exploração.

(...) chamam a atenção três possíveis canais de transmissão da crise mundial para a América Latina, os quais estão inter-relacionados:

1) impactos comerciais, basicamente devido à alta volatilidade do preço das matérias-primas exportadas (principalmente petróleo, cobre e grãos), o que poderia resultar na reversão da recente tendência favorável em termos de comércio e menores volumes de renda; 2) impactos decorrentes da redução dos fluxos de capital (hoje muito altos na região), resultado tanto do ponto anterior (uma vez que grande parte do IDE é destinado ao setor de matérias-primas) quanto de eventual vazamento do capital, alimentado por medidas dos países metropolitanos para enfrentar a crise, como uma queda repentina da taxa de juros para incentivar o retorno do capital; 3) a redução de remessas de países da União Europeia e dos Estados Unidos²⁷³ (Miguel Ruiz & Iturralde: 2013:128-129).

Para além dos riscos ambientais e sociais relacionados a dependência petrolífera e discutidos amplamente nos últimos anos com destaque as cimeiras ambientais internacionais, a América Latina necessita pensar seus recursos de maneira estratégica, dispondo de autonomia para pesquisar as políticas necessárias em cada país. Sua articulação exige basear-se na agregação de valor entre ciência, indústria e política que permitiriam a estes países um desenvolvimento a partir das suas realidades. Todavia, mesmo diante as evidentes crises naturais e sociais, os investimentos em energias renováveis foram os primeiros a serem cortados quando da crise financeira alardeada em 2008 ante as políticas consideradas de ajuste (Santos, 2016). As relações são complexas cada problema ambiental eleva a outro e soluções urgentes, entretanto, o modelo de crescimento e desenvolvimento permanece inalterado. Neste sentido, o Equador quando lançou sua Iniciativa Yasuní ITT que pretendia deixar o petróleo debaixo da terra, desde que os países considerados desenvolvidos, pagassem uma moratória colocou uma controvérsia, considerando que o país é dependente desta matéria-prima e ao mesmo tempo pretendia dar um passo a frente

²⁷³ Tradução livre da autora. No original – (...) la atención sobre tres posibles canales de transmisión de la crisis mundial hacia América Latina, los cuales se hallan interrelacionados: 1) impactos comerciales, básicamente por la alta volatilidad del precio de las materias primas que se exportan (principalmente petróleo, cobre y granos), lo que podría traducirse en la reversión de la tendencia favorable reciente en los términos del intercambio y menores volúmenes de renta; 2) impactos por la reducción de los flujos de capital (hoy muy altos en la región), que serían resultado tanto del punto anterior (ya que buena parte de la IED está destinada al sector de las materias primas), como por una eventual fuga de capitales, alimentada por medidas de los países metropolitanos para enfrentar la crisis, como una súbita baja en la tasa de interés para incentivar el retorno de capitales; 3) la reducción de las remesas provenientes de países de la Unión Europea y de los Estados Unidos (Miguel Ruiz & Iturralde, 2013: 128-129)

numa sociedade pós-petroleira. Nas últimas décadas o Equador fez uso das divisas petroleiras para alavancar suas políticas sociais, como no Brasil, realizou a extração de matéria-prima revertendo em políticas distributivas, entre elas a promoção do chamado Buen Vivir, pautado nas comunidades andinas, porém uma política compreendida desde o Estado, como perquiro nos próximos capítulos.

Capítulo IV - Conteúdos Estruturantes da Metodologia

4.1 O presente e o prolongamento do passado

A formação dos conceitos só foi possível a partir da observação da realidade e da forma como pensamos e agimos no mundo. Esta tese é também um convite à reflexão para daí pensarmos que modo estamos ou não contribuindo com o sistema posto, observando que o sistema capitalista engendra todo um ambiente que dificulta o descortinar das essências do sistema, algo que nos exige e ao mesmo tempo nos espolia a racionalidade da compreensão do real tal como diria Florestan²⁷⁴ (2005) “Estamos no limiar da história nova. Não fosse isso seriam desnecessários estes regimes existentes. Eles não estão impedindo o futuro; estão prolongando o passado”. No prolongamento do passado e de uma história que se repete, *primeiro como tragédia depois como farsa*²⁷⁵, e na condição de socióloga, não me cabe reproduzir as cristalizações/divisões existentes no mundo.

Faz parte do processo constitutivo analítico crítico avançar no empírico – nos fatos – e apanhar suas relações com os outros conjuntos, isto é, apanhar o mundo maior que (n) os engendra. Como diria Chasin (2000) lembrar nossas origens e dar continuidade ao projeto desde o início de uma nova etapa da construção expondo o nervo das propostas envolvidas, ver os fatos mundiais, nacionais recentes e conseguir relacioná-los com o cotidiano não é tarefa simples, contudo, são inflexões profundas e irreversíveis que podem nos dar novos contornos, novos dramas e desafios. Não chegamos até aqui como resultados de leis naturais, como se não tivéssemos capacidade de alterar, a nossa tragédia resulta de muitas questões, intervenções e farsas tampouco é resultado de uma globalização que atinge todos os países de maneira igual.

4.2 Porque Equador?

Quando comecei a escrever sobre a América Latina, tinha certa clareza do nosso apagamento histórico científico. Com o passar dos anos e o desenrolar da nossa condição subalterna, corroborada pelo abandono da luta contra nosso subdesenvolvimento, dado da nossa história, percebi que este era um longo caminho a ser trilhado. Porém, não poderá ser abandonado, este trabalho é uma singela tentativa de contribuir com o pensamento

²⁷⁴ Disponível em <<http://www.espacoacademico.com.br/052/52ffernandes3.htm>>[19.03.2016]

²⁷⁵ A frase é de Marx numa correção ao trabalho de Hegel, também é o nome dado a um livro de Žižek (2011)

libertador fugindo da premissa da “governabilidade” que imperou os debates políticos nas últimas décadas.

O Equador apresenta particularidade especial, é o 69º maior país em exportação no mundo, seus principais produtos de exportação em ordem de grandeza são; o petróleo, banana, crustáceos, peixes e flores (OEC, 2017). O Parque Yasuní foi reconhecido como parque nacional em 1979²⁷⁶ com 1.476.000 hectares com a crise de 1980 e a necessidade de diversificação econômica o Parque teve sua área reduzida para 982.000 hectares (Nguyen et al, 2013:22). Segundo Martin (2011) entre outras questões que serão abordadas neste trabalho, a proposta Yasuní ITT possuía três objetivos principais; o primeiro seria a não emissão de CO₂, o valor arrecado também ajudaria a preservar a rica biodiversidade da região e por ser uma das áreas mais pobres do país poderiam usar dinheiro para criar um Fundo Fiduciário que seria administrado pela Programa das Nações Unidas (PNUD).

O desenvolvimento dos países latino-americanos depende fundamentalmente dos recursos naturais e das condições para sua utilização. Acrescenta-se a isto o atual momento de complicações políticas e econômicas que parte destes países atravessam. No caso do petróleo, as oscilações de preço no mercado mundial acabam gerando diversos problemas aos países cuja moldura de estrutura continua pautada nesta matéria-prima (Pascal, 2010). Logo, (re) pensar o papel da energia, no caso desta pesquisa, do petróleo, perpassa por repensar a utilização dos recursos estratégicos, dado que os recursos naturais latino americanos foram historicamente fonte das disputas dos centros de poder (Rodrigues, 2016). Destarte, a América Latina está no centro do tabuleiro no que tange a disponibilidade de matéria-prima e acumulação de riqueza a partir da obtenção dos recursos naturais (Rodrigues, 2016).

4.3 Problematização

“Este seria um exemplo extraordinário de ação coletiva global” –

Rafael Correa, Ex Presidente do Equador²⁷⁷

O Equador se colocou a frente em uma tentativa de desenvolvimento pós-petróleo, dado que o país esteve e está ancorado nesse combustível, inspirou-se em um princípio

²⁷⁶ Pela UNESCO o reconhecimento se deu em 1989.

²⁷⁷ A frase foi retirada de um discurso de Correa (Nguyen et al, 2013:02)

comum da corresponsabilização em nome da proteção ambiental, dos povos indígenas e evitar a emissão do CO₂ (Martin, 2011).

Em 2007 foi a primeira vez que o presidente que o ex-presidente Correa mencionou a possibilidade de abster-se da exploração petrolífera no parque Yasuní condicionando a um pagamento realizado pela comunidade internacional, com o qual se criaria um fundo para educação, saúde e conservação. Adjudicando que tal medida teria implicação mitigatória nos efeitos do aquecimento global o presidente fez um apelo internacional, com base em dados fornecidos pelo Banco Mundial, para que o país pudesse se desenvolver sem fundamentar-se na exploração petrolífera.

Contudo, apesar da iniciativa da moratória ser considerada exitosa, a adesão internacional foi baixa, os países da zona do Euro justificaram o não pagamento com a profunda crise que viviam. Em consequência, Correa dividiu-se entre a necessidade de exploração da reserva para compor a debilidade econômica de seu país e os direitos dos indígenas que habitam a região desde muito antes da existência do Equador. Colocando em xeque a questão do desenvolvimentismo versus preservação ambiental tão alardeada na aprovação do texto Constitucional.

Vale lembrar que desde o início do seu primeiro mandato, em 2006, Correa, tem conjecturado um marco jurídico para a exploração petrolífera a fim de aumentar a participação estatal na renda oriunda do óleo negro. Após o fracasso desta tentativa de moratória e o anúncio da exploração o presidente sofreu críticas severas. A propositiva do presidente era a de explorar da forma menos nociva possível, tendo em vista o histórico de exploração predatória no país, mencionou-se também que apenas uma pequena área será afetada. A situação petróleo nesta reserva ambiental é, tanto por detratores, quanto por apoiadores do governo Correa vista pelo aspecto ambiental, principalmente pelo fato dessa reserva equatoriana encontrar-se em região altamente preocupante quanto às operações necessárias para sua extração. Sem dúvida ambos apresentam pontos de alto interesse para o país, uns quanto a sua preservação e outros quanto as possíveis formas de extração e apropriação dela resultante.

Parece urgente pensar a superação das relações mercantis e a ruptura com o modelo de acumulação atual fundado na degradação da natureza e isto inclui proteger a vida e, paradoxalmente a esta ideação, Correa, que apoiou a iniciativa desde o seu rudimento, discursou que os índios atrapalham o desenvolvimento nacional demonstrando que plurinacionalidade, *Buen Vivir*, e os direitos da natureza sustentam a carta, mas na prática se mantem o modelo extrativista exportador. O fracasso Yasuní ITT atenuou as

lutas por mudanças climáticas e, ao mesmo tempo, clarificou a reflexão acerca da possibilidade de uma sociedade pós-petróleo quando as instituições continuaram imersas em políticas liberais. Para além disto, demonstrou-se a necessidade de pensar a radicalidade em todas as áreas. Aqui menciono em especial o direito, muitas teses e dissertações foram redigidas pautando-se na emancipação por via constitucional nos países latino-americanos. Tal como mencionou (Santos, 2003: 4) quando o Estado Liberal se impõe a emancipação social passa a ser compreendida dentro do enquadramento da legalidade e escreveu “esta dialética regulada transformou-se gradualmente numa não dialética regulada em que a emancipação social deixou de ser o outro da regulação social para ser o seu duplo” demonstrando como as lutas à esquerda se tornaram institucionais. O autor explicou que o Estado, para os países centrais, se tornou o Estado providência, enquanto que, nos países periféricos e semiperiféricos notamos uma crise no Estado desenvolvimentista que aprofundou o neoliberalismo e as desigualdades sociais nestas regiões. A atualidade do argumento de Santos (2003a) aparece quando afirma estar bloqueada a via de reformas ou emancipação social, complemento com emancipação social institucional, faço a ressalva por entender que a emancipação social por via institucional ou legal é sempre limitada. Ainda em Santos (2003a) é perceptível em seu trabalho a credulidade na coadunação de interesses entre uma emancipação por via do Estado e a acumulação capitalista, porém devido as crises de regulação e de emancipação demonstraram que a via revolucionária clássica também se demonstrou insuficiente. As estratégias políticas do possível colapsaram inclusive nos países centrais, em que tais políticas eram compreendidas como fundamentais.

Neste prisma, ainda que limitado para as lutas, Santos (2003a) coloca como importância reinventar tensões entre a regulação social de modo que tais tensões possam colocar o direito para além dos limites liberais. Aqui destaco o ponto chave da problemática da tese, que infere ao caso equatoriano, aparte, toda complexidade exposta textualmente. O país andino aprovou em sua Constituição o reconhecimento a natureza ao estado plurinacional e lançou a proposta Yasuní ITT como forma de deixar o petróleo sob a terra. Neste sentido e partir de Santos (2003a) avançou-se com uma legislação agregadora e até emancipadora tendo em conta a afirmação de Santamaria (2016) somente o reconhecimento permitiria a possibilidade de mudança.

Prosseguindo neste ideário, os equatorianos poderiam ter criado tensões que levassem a ruptura ou ao aprofundamento na dualidade da crise atual; regulação social e emancipação social, porém não ocorreu. Esta é a indagação maior da tese, visto que ainda

com contornos geográficos muitos bem definidos, o Equador se tornou, neste período, um laboratório aberto e promissor, assegurando que as experiências sociais nos possibilitam ir até a essência dos problemas, para que estas não sejam desperdiçadas do exame crítico (Santos, 2004). Dado isto, a profícua literatura latino-americana embasa a complexidade do tema, bem como as ciências sociais e seu olhar crítico desde o Sul da América.

4.4 Contextualização do conflito Yasuní ITT

Desde a eleição de Correa em 2006 um dos seus maiores desafios foi conciliar a Constituição aprovada com base no respeito ao meio ambiente e aos povos tradicionais com o desenvolvimento econômico do país. Em seu primeiro mandato suas propostas eram promissoras e sem mostravam profundamente diferentes do viés que alicerçava todos os países da América Latina desde a implementação do neoliberalismo. O governo Correa se alinhava a democracia de plena participação social no Plano Nacional para Buen Vivir (2009-2013: 85) “destacava que um projeto político se consolidaria quando sociedade e governo compartilhassem dos mesmos ideais e não de modo coercitivo e despótico.”

A moratória petroleira surgiu a partir das atrocidades ocorridas no Equador desde a exploração Chevron nesta região. No momento em que a Chevron recebeu autorização para explorar petróleo no país nas províncias de Orellana e Sucumbios – Amazônia Equatoriana - entre 1964 e 1990, estavam no poder os militares. Com o sinal sempre verde das autoridades, a empresa começou a derrubar a mata, construir estradas e instalar os primeiros poços de perfuração. Nada parecido havia sido visto naquele rincão de selva. A população indígena, que habitava o local desde muito antes de existir Texaco ou mesmo Equador, foi ignorada em nome do bem comum, isto é, os avanços da economia e dos lucros fato que gerou grandes protestos, lançando a “*Ecuador: La campaña contra Texaco Oil*”, que motivou discussões internacionais na tentativa de reparação dos prejuízos indígenas.

A moratória petroleira teve força quando da eleição de Correa, naquele momento, o país com todo o histórico de reclamações e insatisfações vivenciado pela população a partir da exploração de petróleo, colocavam a iniciativa da não exploração como algo absolutamente possível. A iniciativa Yasuní – ITT evitaria a emissão de 410 milhões de toneladas de dióxido de carbono que seriam liberados partir da queima do petróleo, além disto, também previa a criação de um fundo com supervisão das Nações Unidas para o desenvolvimento de outras fontes renováveis (Larrea, 2010a). A moratória fazia parte do

plano de governo de Correa em 2006 e em 2007 foi a primeira vez que o presidente Correa mencionou a possibilidade de abster-se da exploração petrolífera no parque Yasuní condicionando a um pagamento realizado pela comunidade internacional, com o qual se criaria um fundo para educação, saúde e conservação.

(...) neste empenho de repensar a política petrolífera, aparece com crescente força a necessidade de analisar com seriedade a possibilidade uma moratória da atividade petrolífera no sul da Amazônia equatoriana, relacionada a ideia de suspensão do serviço de dívida externa. Seria imperdoável que se reedite a destruição ambiental e social já experimentada no norte da Amazônia²⁷⁸(Correa, In Acosta, 2010, p.16).

Foi uma iniciativa pioneira ante as propostas mundiais de mudanças que pudessem piorar o aquecimento global. Entretanto, Correa mudou seu discurso e suas ações políticas nos últimos anos de seu governo, ressaltando que Correa conjecturou apenas um marco jurídico para a exploração petrolífera a fim de aumentar a participação estatal na renda oriunda do óleo negro. Em contraponto, não ocorreu qualquer alteração na sua forma de conduzir o diálogo com as comunidades, derrocando no seu rompimento com algumas organizações indígenas insatisfeitas com os descaminhos do governo. Fato que ficou bastante evidente em agosto de 2015 quando se realizaram diversas mobilizações demonstrando o descontentamento diante das propostas de emendas constitucionais, entre elas uma que permitiria um novo mandato do atual presidente entre outras medidas que na prática retiram poder dos indígenas em relação à água, terra e educação em seus territórios, além do fim da mineração e exploração petrolífera em territórios livres.

A propositiva do presidente era a exploração da forma menos nociva possível, tendo em vista o histórico de exploração predatória no país. Ressalta-se que a mudança de postura do atual presidente decorre da intensificação da crise financeira que assolou o EUA e a Zona do Euro. Significando que a oferta de energia, em hipótese alguma deve ser reduzida salvo em situações em que o país receba algo em troca da não exploração. O movimento contrário à exploração do Parque Yasuní se fundamentou na atual Constituição equatoriana que rompe com a noção clássica de direitos humanos e reconhece os direitos originados a partir da compreensão indígena: o *Buen Vivir* entre a comunidade e a natureza - como paradigma de desenvolvimento e a natureza como um sujeito de direito (Silveira,

²⁷⁸ Tradução livre da autora. No original - (...) en este empeño por repensar la política petrolera, aparece con creciente fuerza la necesidad de analizar con seriedad la posibilidad de una moratoria de la actividad petrolera en el sur de la Amazonia equatoriana, atada a una suspensión del servicio de la deuda externa. Sería imperdonable que se reedite la destrucción ambiental y social experimentada en el norte de la Amazonia (Correa In Acosta, 2010: 16).

2011). Além disto, a Constituição de Montecristi redefiniu o papel do Estado, no que tange a exploração dos hidrocarbonetos, pautando-se na necessidade de alcançar a soberania energética e também vislumbrando possibilidades integracionistas com as empresas petrolíferas da região.

A Constituição impulsiona a elaboração de leis que pautem a harmonia com a natureza o *Sumak Kawsay* (Bom viver). Um conceito a ser construído sem embasar-se nos velhos preceitos de desenvolvimento, ocupando papel importante quanto a outros direitos humanos como os que concernem ao direito das pessoas e grupos de discussão, comunidades, povos e nações, liberdade, proteção ao meio ambiente (Acosta, 2010). Sendo assim, há um estreitamento entre o desenvolvimento e a garantia dos outros direitos, considerando que o *Buen Vivir* não é uma originalidade, é parte das lutas e do entendimento indígena.

O *Buen Vivir* faz parte de uma longa busca por alternativas de vida forjadas no calor das lutas populares, particularmente indígenas, muito antes de o presidente Rafael Correa chegar ao poder. Essas conquistas constitucionais, que sintetizam grande parte das aspirações populares, como é óbvio, são muitas vezes impossíveis de aceitar (e até mesmo entender) pelos constitucionalistas tradicionais. Portanto, aqueles que veem seus privilégios ameaçados com a Constituição de Montecristi ou aqueles que se assumem como os únicos portadores da verdade constitucional, não descansarão em seus esforços para combatê-la²⁷⁹ (Acosta 2010, 07).

O *Sumak Kawsay* se assenta na constatação de que o crescimento econômico, sobretudo aquele viabilizado pela exploração dos recursos naturais, não leva ao desenvolvimento. Um e outro não possuem uma relação direta de causa e efeito: crescer não é, necessariamente, desenvolver-se. A exploração de petróleo e suas consequências vinculam-se de forma arterial ao modelo de desenvolvimento e a forma de apropriação à natureza, considerando que o extrativismo em grande escala representa um risco direto a vida de muitos povos, em seus modos de vida (Breda, 2009). Quando Rafael Corrêa assumiu, em 2006, sua imagem foi amplamente associada as demandas dos movimentos sociais, ao meio ambiente e a defesa dos povos, foi inclusive elogiado como o mentor da

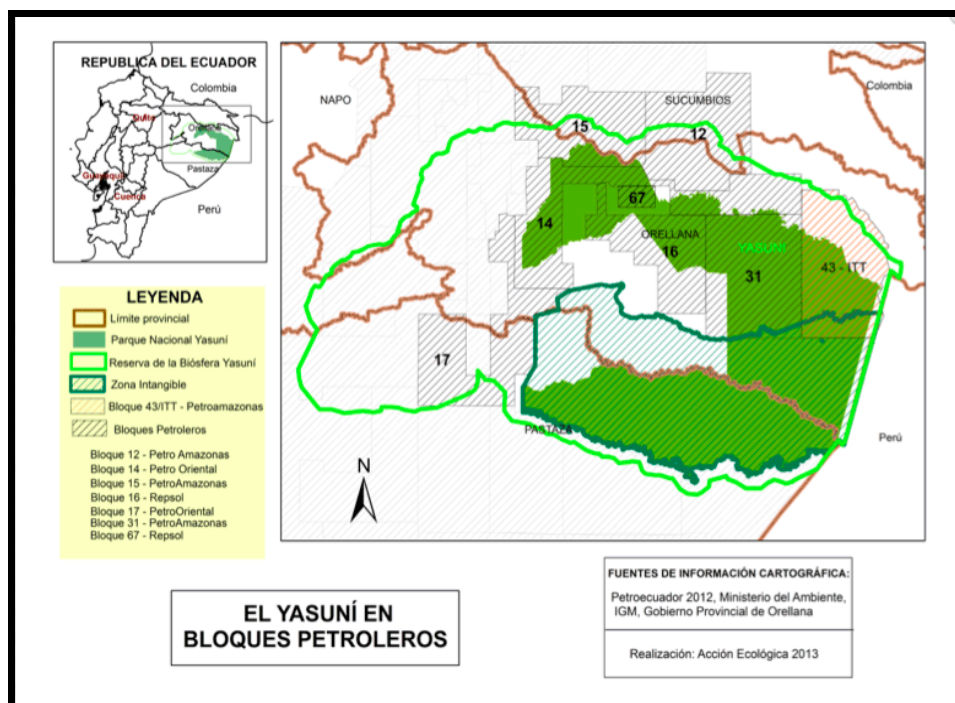
²⁷⁹ Tradução livre da autora. No original: El *Buen Vivir* forma parte de una larga búsqueda de alternativas de vida fraguadas en el calor de las luchas populares, particularmente indígenas, desde mucho antes de que acceda al poder político el presidente Rafael Correa. Dichas conquistas constitucionales, que sintetizan gran parte de los anhelos populares, como es obvio, resultan muchas veces, imposibles de aceptar (e inclusive de entender) por parte de los constitucionalistas tradicionales. Por lo tanto, quienes ven amenazados sus privilegios con la Constitución de Montecristi o quienes se han asumido como los únicos portadores de la verdad constitucionalista, no descansarán en su empeño por combatirla²⁷⁹ (Acosta, 2010, 07).

proposta, que segundo Acosta²⁸⁰ nunca foi dele, mas sim dos povos (Milanez & Santos, 2016: 46). O Parque Nacional Yasuní é uma das maiores reservas de biodiversidade do planeta, possui uma reserva de 982.000 hectares, além de ser habitat dos povos nativos equatorianos e ter uma das maiores quantidades de vida silvestre no mundo (Larrea, 2009). O parque possui cinco blocos petrolíferos, o bloco 14, 15, 16 e 67 ativos, os blocos 31 e 43 equivalem a maior reserva do país, sendo o 43 relacionado à ITT Ishpingo, Tambococha e Tiputini situados na Amazônia equatoriana, próximo à fronteira com o Peru. A Iniciativa Yasuní ITT foi divulgada como uma tentativa de um Equador pós petróleo, ou seja, encontrar outras commodities ou serviços que pudessem suprir o papel do petróleo na economia que, em 2017, representava 29,2%²⁸¹ das exportações. Em 2011 Acosta afirmou

A ideia era patrocinar um caminho renovável para a matriz energética equatoriana e abandonar pouco a pouco a dependência de um recurso natural que é finito. O país precisa da commodity para financiar serviços sociais e infraestrutura. "Mas o petróleo acabará no mundo e também no Equador" Acosta (apud Chiaretti, 2011: para.5)

No Mapa 1 é possível identificar a área destacada em verde demonstrando a reserva Yasuní uma das mais devastadas pela presença de empresas petrolíferas.

Mapa 1 Blocos Petrolíferos no Parque Yasuní



Fonte – Yasunidos Consultado a 10.01.2016 em <<http://sitio.yasunidos.org/es/>>

²⁸⁰ Acosta, 2017

²⁸¹ Segundo dados da OEC <<https://oec.world/pt/profile/country/ecu/>> [12.09.2019]

Uma possibilidade a ser considerada seria a exploração em que a renda oriunda sendo nacional fosse totalmente, ou em grande parte, investida no país, ponderando que a proposta pelo *Buen Vivir* esbarra no atual modelo atual de desenvolvimento, discorrer que ser humano e natureza não são coisas distintas, em constante contraposição, parece moralmente edificante, mas, pouco realista. Tortosa (2009) afirmou que a ideia de Sumak Kawsay, nasceu da periferia do sistema mundial e não continha elementos enganosos do desenvolvimento, tal como é reconhecido. É oriundo de um vocabulário de povos que foram excluídos, marginalizados, cuja língua e cultura foram sempre consideradas inferiores (Tortosa, 2009).

É importante ressaltar que o governo equatoriano se mostrou míope diante o reconhecimento Constitucional da natureza como um sujeito de direitos e deu garantias as empresas estrangeiras na exploração dos minérios, mesmo em terras comunitárias. Foi na implementação Constitucional que os desencontros entre governo e movimentos sociais apareceram (Sousa, 2018; Acosta, 2016).

Sendo esta uma investigação socialmente referenciada, em 2007, quando iniciei os estudos acerca da América Latina, com atenção especial ao Equador, verifiquei que o país que havia passado por grande instabilidade política, devido a implementação de mudanças assentadas na privatização, na dolarização, reformas e ajustes, parecia querer aprender com os erros do passado e alterar seus caminhos (Santos, 2016d:09). E se movia no sentido de colocar o povo e como razão de ser do Estado e da economia, ao menos em discurso, já que dada as relações de exploração a lógica de representação do Estado na América Latina é reforçada pela ideologia dominante, assim todo aparato estatal tende a condicionar sua posição para algo autoritário (Baéz & Ouriques 2016). Como demonstrarei a aprovação de uma Constituição com base nos anseios de reconhecimento indígena foi um enriquecimento na ideação de que existem diversos mecanismos para vivenciar a realidade, abrindo a possibilidade de diversas culturas e etnias conviverem, porém, acabou por fracassar e até retroceder em diversos pontos (Santos, 2016d).

A América latina sempre esteve em “guerra” no que toca suas matérias primas, a abundância é também um pesadelo, *região de veias abertas, tudo se transformou em capital europeu*, externo, mais tarde americano e atualmente também chinês (Galeano, 2010:10). Todos aqueles países que se integraram à globalização sob os pilares de uma teoria que acreditava chegar ao desenvolvimento por meio de uma cópia do sistema, não

conseguiram, contudo, possuem um património estratégico para economia atual, o que ainda gera conflitos internos e externos (Vidal, 32).

No caso dos países latino americanos o debate acerca da energia, matéria prima, exploração e seus impactos, tem repercussão maior ou menor em alguns países. No Brasil, por exemplo, há diversos movimentos sociais relacionados as barragens, voltados para à população atingida por barragens, para questão indígena e agrária, mas neste caso o fato do Brasil ser um país de enorme extensão territorial e com papel mediático empresarial, dificulta a circulação das informações²⁸². Vidal comenta que o Brasil vive uma alienação grave em relação aos seus recursos e o uso que fazem deste, nas manchas urbanas do país com áreas mais povoadas a população pouco percebe do leite tomado no cotidiano e sua origem, já as nações hegemónicas optam por soluções paliativas, postergam enquanto ainda podem obter lucros com determinadas produções (Vidal, 2000). Há que considerar também que o desequilíbrio ocorre tanto no campo do abastecimento energético quanto no campo ecológico, já não é mais possível esconder isto ou duvidar que esta forma de consumo e de vida que temos como modelo no capitalismo não poderá nunca ser hegemonzada e os combustíveis fosseis estão no centro deste jogo (Vidal, 2000)

O Equador, por ser um país cujo território é menor, estamos sempre mais próximos às questões que envolvem a natureza e os impactos causados a partir da apropriação humana, na outra ponta também enfraquecem os estados nacionais dos países detentores de recursos facilitando o acesso as matérias primas (Vidal, 2012:35).

No trabalho de Mendonza (2008) há uma discussão acerca da forma como o poder é exercido relacionando a extração petrolífera no Bloco 31 que foi entregue para a Petrobras demonstrando claramente a desnacionalização do petróleo no país. Desde 1973, quando o petróleo foi comprovadamente considerado um tema de segurança nacional, existiu uma incongruência entre as políticas públicas e as normas aprovadas²⁸³ a chamada

²⁸² Lopes (2017: 02-03) apresentando em um dos maiores congressos das Ciências Humanas realizado no Brasil, apresentou um trabalho realizou uma análise de 25 anos (1989-2014) de propostas do Partido dos Trabalhadores (PT) no qual em alguns momentos, Lula (2002-2010) (Luís Inácio Lula da Silva) comentava a necessidade de democratizar a mídia, contudo, tanto ele quanto sua sucessora Dilma Rousseff (2010-2016) pouco fizeram que esta democratização acontecesse. Como afirma a autora, em análise dos documentos e planos de governos de ambos governantes a democratização da mídia aparecia como prioridade, porém pouco foi feito e segundo, Cabral 2008 apud Lopes, ano: 05, deixou seus apoiadores bastante frustrados. Ainda com base em Lopes (ano) seus estudos indicaram que no período compreendido entre 1989 e 1994 há referências e projetos concretos acerca da democratização da mídia, enquanto que em 1998 até o ano de 2006 aparece de forma inexpressiva desaparecendo até 2016. Houve um abandono de uma luta que era central no Brasil e dentro do PT (Lopes, 2017).

²⁸³ Antiga Constituição de 1998 – Título II, Art.22 numeral 2

justiça ambiental tem demonstrado sua parcialidade, exemplo da lei florestal que não contemplava áreas protegidas.

Mendonza (2008) cita o caso dos contratos firmados em 1986 (localizados nos blocos 14,16 e 17²⁸⁴ encontrados dentro de áreas protegidas, tal feito suscitou uma série de manifestações por parte do povo Waorani denunciando os impactos desta situação para sua sobrevivência e criaram um território pertencente aos Waoranis (Mendonza, 2008:06). Foi em 1989 que surgiu a campanha *Amazônia por la vida*, liderada por Ação Ecológica, uma das maiores organizações ecologistas do Equador, esta foi uma das primeiras ações realizada por este coletivo²⁸⁵. Porém, a conservação ambiental vem diminuindo em relação a exploração petrolífera e neste caso, as leis acabam sendo utilizadas para favorecer e burocratizar este trâmite, como afirmou Mendonza (2008).

As leis e suas aplicações são flexíveis as múltiplas interpretações, isto reduz a possibilidade de priorizar a proteção a natureza e justifica a continua luta pela modificação das normativas e sua correta aplicação desde a sociedade civil. O futuro da Amazônia se torna incerto frente a urgência do Estado de encher seus cofres fiscais²⁸⁶ (Mendonza, 2008: 10).

A Iniciativa Yasuní ITT poderia ter contrariado tais prerrogativas, além de ter cumprido como propunha a nova Constituição, por exemplo no Art. 71, dispõe

A natureza ou Pacha Mama, onde se reproduz e se realiza a vida, tem direito a que se respeite integralmente a sua existência e a manutenção e regeneração de seus ciclos vitais, estrutura, funções e processos evolutivos.

4.4.1 Relevância do problema

O avanço global da utilização do petróleo e o debate acerca das <energias limpas> e a dependência dos países latinos americanos a utilização de suas matérias-primas já explanam em parte, a importância desta investigação. Dentro da sociologia é imprescindível dar prosseguimento as escolas de pensamento existentes, desta exposição e por meio das *Epistemologias do Sul* que nos convida a aprender com o Sul desde o Sul no sentido mais profundo possível buscar-se-á, a partir *dos* diversos acontecimentos das

²⁸⁴ Ver mapa 1

²⁸⁵ Na página oficial constam como Organização não Governamental (ONG).

²⁸⁶ Tradução livre da autora. No original - Las leyes y su aplicación son flexibles a múltiples interpretaciones, esto reduce la posibilidad de priorizar la protección de la naturaleza y justifica una continua lucha por la modificación de las normativas y por su correcta aplicación desde la sociedad civil. El futuro de la Amazonia se torna incierto frente a la urgencia del Estado de llenar sus arcas fiscales (Mendonza, 2008: 10).

últimas décadas na América Latina desvelar suas entranhas. O foco é o Equador, país que se apropriou da renda gerada pela atividade petrolífera para fazer sua <Revolução Cidadã>. No entanto, enfrenta o problema que é sempre descuro; a falta de tecnologia e planta industrial para realizar todo o processo de exploração e refino do petróleo.

4.5 Introdução a metodologia

Uma tese é o resultado de um esforço de reflexão e inquietações que vêm surgindo a partir da forma de relação entre os indivíduos na sociedade posta, com o intuito de compartilhá-las de alguma forma – uma vez que, as questões aqui levantadas não são exclusivamente minhas. Intenciona-se também apresentar uma percepção e posição diante de tais inquietações bem como uma contribuição teórica e política. Objetiva-se observar o mundo abandonando uma visão antropomórfica, pensando-o de maneira imanente a partir das condições dos indivíduos. Ou seja, revelando o que está ocultado, invisibilizado questionando os falsos universalismos (Santos & Mendes, 2017).

Portanto, os indivíduos vivenciam um distanciamento crescente entre sua particularidade existencial e a relativa universalidade alcançada pelo gênero humano, entre o desenvolvimento da humanidade e o seu desenvolvimento como indivíduo particular, ou seja, seu desenvolvimento cultural, social e psicológico — intelectual, afetivo e moral. Os indivíduos experimentam, portanto, uma contradição cada vez mais intensa entre o enriquecimento crescente e sem precedentes do gênero humano, pela criação e produção de bens materiais e simbólicos. Neste sentido, o cotidiano torna-se sinônimo de alienação quando sua dinâmica impede os homens de se apropriarem da genericidade para si, quando o indivíduo está preso ao reino daquelas necessidades materiais e psíquicas estritamente indispensáveis para reproduzir-se como indivíduo, ou seja, se vive apenas como sobrevivência. Sendo que em nossa sociedade de classes isso significa, na maioria das vezes, estar preso ao que é necessário para sua sobrevivência quase que exclusivamente física, isto é, orgânica.

O cotidiano torna-se alienado, portanto, quando a vida dos homens referindo-me aqui ao gênero humano, quando seu “ser” está preenchido quase que exclusivamente pelas características, pelo conteúdo e pela dinâmica da cotidianidade; quando a forma de o homem se relacionar com suas atividades, o sentir, o agir e o pensar do homem, não vai além da estrutura das formas de pensamento, sentimento e ação típicas da vida cotidiana, as quais tomam conta da totalidade de sua existência objetiva e subjetiva. Nessas

circunstâncias é raro que os indivíduos consigam distanciar-se, ainda que momentaneamente, das formas automáticas e espontâneas de agir, pensar e sentir a própria sociabilidade. Mais raro ainda, é que cheguem a questionar a aparente naturalidade desse modo de ser. Em se tratando de uma sociedade fortemente alienada, como é o caso da sociedade capitalista, essa tendência ao pragmatismo pode exacerbar-se imensamente não só na vida cotidiana das pessoas como também em todas as demais esferas das atividades sociais.

Dentro da sociologia há uma infinidade de métodos, a centralidade neste trabalho é que existem várias conexões dentro de processos que aparecem como simples. Entender a totalidade nunca foi uma abstração, ao contrário, o que faremos aqui é exatamente o oposto, ou seja, dentro de uma política específica do governo Rafael Correa entender o dinamismo do capitalismo dependente no Equador, que é consequência da inserção deste país na divisão internacional do trabalho. Portanto, é também uma crítica ao olhar eurocêntrico, mas é também uma crítica a só olhar desde a América Latina, a violência está internacionalizada, não é possível dividir o todo, logo, a análise parcializada é insuficiente. Partindo da premissa que nenhum país está isolado do todo, quem são os pobres do progresso, ou progressismo ou do chamado “desenvolvimentismo”?

Neste sentido, aqui unem-se diversas leituras e análises a *sociologia do cotidiano*, na qual busco a partir vivências comuns buscar aquilo que se repete sobre outras facetas, daí a minha busca dentro da sociologia latino americana com os pés no Equador (Martins, 2014). A diferença será tratada como qualidade diferencial, em nenhum momento será o exótico, o não desenvolvido, o selvagem ou até o bárbaro, já que é por meio destes meandros que muitos dos investigadores se perdem. A diferença não é uma insuficiência, uma carência²⁸⁷, ao contrário, as diferenças são refuncionalizadas dentro do sistema, mas a pergunta que nos cabe sempre e que revela um percurso é entender quem são os pobres?

Ao ser refuncionalizada, tal como afirmou Martins (2014), a diferença dentro do sistema posto é construída de modo a colocar em detrimento todos/as não enquadrantes no chamado “eurocêntrico”. Por conseguinte a América Latina tem um pioneirismo em comportar diversos reconhecimentos das diferenças tal como foi, em parte, demonstrado, todavia, tais reconhecimentos se deparam com duas obstruções; a primeira é a do limite

²⁸⁷ Para Martins (2014) quando a igualdade se dá a partir da mercantilização, perdemos a possibilidade de realizar o potencial da diferença da sociedade, já que por meio da mercadoria todos se coisificam e a exploração passa a ser resultado individual, a meritocracia se reafirma. Se cria um falso igualitarismo, onde todos seriam capazes valendo-se do esforço e de uma aparente igualdade de oportunidades que na prática não se realiza.

histórico do capitalismo que possui no seu cerne a própria desigualdade, a segunda; e no meu entender, mais problemática é o reconhecimento como base somente no *pretérito, não do presente ou do possível*, isto significa que a mesma construção social da modernidade que gerou a diferença como disfuncional, ampara a diferença em nome da própria diferença e não no seu potencial (Martins, 2014: 164).

Sendo um campo minado, recorreremos também da *etnografia marxista* de Burawoy (2014) e da *artesanias das práticas* conceito cunhado dentro das *epistemologias do Sul* que valida as práticas de resistências por meio de ações combinadas (Santos, 2009:2018). Deste escopo que me forma também há a *teoria marxista da dependência*²⁸⁸ que deverá aparecer como análise que fundamenta a desigualdade mais profunda que marca um pensamento crítico às visões desenvolvimentistas que são validadas até os dias atuais, principalmente no caso em que analisamos dentro das políticas petrolíferas no Equador dentre 2013-2016. A importância desta análise é também tentar romper também o chamado “etapismo” imposto que precisamos incrementar uma burguesia interna para alcançar o chamado “desenvolvimento” que foi, e ainda é muito difundida entre governos à esquerda.

Posto isto, a figura de uma pesquisadora sul americana, oriunda da periferia da periferia²⁸⁹, orientada por um método dialético, seguir-se á compreendendo a história não por meio de acontecimentos sequenciais ou pela vida de indivíduos, governantes ou figuras, mas sim pelas contradições existentes em um espaço/tempo que singulares captam também a dimensão mais total de um fenómeno. Buscando a essência dos fenómenos aqui apresentados ou a desnaturalização da realidade Marconi & Lakatos (2003: 100) definem as leis da dialética em quatro posições fundamentais;

- Ação recíproca, unidade polar ou "tudo se relaciona"; tudo é relacionando em seu movimento, não se verifica qualquer objeto em seu estatismo, por outro lado ainda que tal objeto se mostre em imobilidade também está relacionado com um todo que o faz e o transforma. É uma constante ação sempre inacabada, sob o julgo das múltiplas determinações de cada objeto existente.

²⁸⁸A Teoria marxista da dependência foi um enfoque crítico às visões deterministas da CEPAL que possui como percussores Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto. Na TMD, autores como Marini, Vania Bambirra, Theotonio dos Santos, Agustin Cueva, etc., buscaram compreender a existência ou não de leis específicas para o capitalismo dependente (colonizado), ou seja, um padrão de acumulação pautado na superexploração e na formação de um subimperialismo na periferia.

²⁸⁹ Me refiro ao fato de ter nascido na Cidade São Jorge que é uma periferia no Brasil, um país periférico.

- Mudança dialética, negação da negação ou "tudo se transforma"; são as contradições do objeto em movimento.
- Passagem da quantidade à qualidade ou mudança qualitativa; as transformações quantitativas conseqüentemente geram alterações qualitativas também, mas tais mudanças não são obras do acaso e sim de ações que geram reações e transmutações (Marconi & Lakatos, 2003: 104).
- Interpenetração dos contrários, contradição ou luta dos contrários: os movimentos na realidade que vão do singular ao mais geral, mudanças com determinações múltiplas quantitativas progênicas a desnudamentos qualitativos. E a união dos contrários sempre resulta em algo novo, a história se mostra reveladora em sua dialética (Marconi & Lakatos, 2003: 105).

Faz-se necessária uma zetética ampla para que esta exposição ganhe vida. Portanto, tal pesquisa tem como ponto de partida uma abstração mediada pela realidade e composta de um exaustivo trabalho bibliográfico que teve início em 2006 com a dissertação de mestrado que assumia a latinidade como ponto de partida e a pesquisa a partir do Equador, objetivando um olhar não hipnotizado pelos acontecimentos, mas sim uma mirada que está sempre em constructo histórico.

O adensamento de leituras e observações desde então, tornou a abstração uma parte reveladora de um todo e suas múltiplas determinações²⁹⁰. Ir do mais simples ao mais complexo, aperfeiçoando seus conceitos assegurando que cada sociedade depende também de sua dinâmica interna, fugindo daquele modelo evolucionista vulgar e reducionista que fora utilizado durante muito tempo. E, de certa forma, esta tese aparece como um fragmento da totalidade, porque nenhuma pesquisa científica é capaz de contemplar todas as múltiplas determinações que compõem a realidade, ao contrário, possuem como medula a busca reveladora da organização social. A totalidade não é uma abstração e isto também

²⁹⁰ Neste ponto se recorre a Marx que esclarece tal dinamismo metodológico, momento em que o filósofo se ocupa, não de encontrar uma lei que rege os fenômenos, mas sim uma conexão entre os fenômenos em sua própria mutabilidade, os fatos servem como partida e apoio e acima, de tudo são capazes de revelar (Marx, 1990: 20). É, sem dúvida, necessário distinguir o método de exposição formalmente, do método de pesquisa. A pesquisa tem de captar detalhadamente a matéria, analisar as suas várias formas de evolução e rastrear sua conexão íntima. Só depois de concluído esse trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real. Caso se consiga isso, e espelhada idealmente agora a vida da matéria, talvez possa parecer que se esteja tratando de uma construção a priori. Por sua fundamentação, meu método dialético não só difere do hegeliano, mas é também a sua antítese direta. Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de ideia, transforma num sujeito autônomo, é o demiurgo do real, real que constitui apenas a sua manifestação externa. Para mim, pelo contrário o ideal não é nada mais que o material, transposto e que traduzido na cabeça do homem (Marx, 1990: 21).

será demonstrado, e este é um ponto importante já que a tese trás uma inovação no que tange ao método, isto é, utilizar de várias análises críticas sem cair no chamado ecletismo²⁹¹ teórico metodológico.

Tal como Mariátegui que apresentou uma especificidade de leitura radical na América Latina colocando a questão indígena como um ponto central para entender o debate feito nestas terras desde o sul, propôs a ideia de um socialismo indo-americano retomando a questão agrária saindo do debate mecanicista do marxismo (Tible, 2013).

No caso desta pesquisa, as contradições que giram em torno da exploração petrolífera no Parque Yasuní nos oferecem pistas para fluir do movimento em questão; pós extrativismo, a natureza do Estado e a mudança de postura do Governo à esquerda. Como nenhum autor tem a posse da verdade partir-se-á da reconstrução do movimento da realidade, isto significa que não será uma mera fotografia do que se vivenciou/vivencia no Equador, mas sim da desmistificação de um fenômeno como ponto de partida. Neste caso, fez-se uma abordagem da realidade sendo fiel ao objeto e sua relação com o mundo que lhe permite apreender as determinações constitutivas do assunto em seu movimento, do como se deu esta vinculação de dependência centro-periferia que ainda se reflete em tais políticas. Para isto faz-se pujante uma grande bagagem cultural que deslinde as formas fenomênicas considerando que um pesquisador enfrenta o seu objeto, ele nunca está pronto o esforço é cumulativo, tendo um olhar atento quando o objeto lhe emite a sua luz²⁹².

Em 2007 quando iniciei, em conjunto com um grupo de pesquisa, os estudos acerca dos combustíveis fósseis e a energia na América Latina já era perceptível que nosso conhecimento acerca do nosso continente era bastante rarefeito. Ao que tudo indica, passarão alguns anos para conseguirmos sair deste momento severo de crise econômica, política e de todas as fragilidades que acompanham este processo capaz de carregar as

²⁹¹ O ecletismo tem sido uma das grandes críticas dentro da sociologia, pois nos coloca um enfrentamento na leitura das exigências que nos são colocadas nos dias atuais. Assim, diante a exacerbação das dificuldades se dá um valor exagerado as práticas, das verdades individuais de sujeitos inseridos em micro processos sem qualquer relação com o a sociedade em sua forma mais totalizante. Tal situação acontece em todas as linhas críticas, talvez a que mais tenha sofrido deturpações foi o marxismo, compreendido como, determinista, etapista, pejorativo, dogmático e isto em diversos campos, sob a falsa alegação que não haveria por parte do corrente teórica um esforço em compreender a variedade de composições sociais (Rocha: 2005). Para além de não ser uma corrente acabada há uma série de deturpações realizadas em sua análise ao longo das últimas décadas, para além disto o ecletismo busca estabelecer algum tipo de consenso em matrizes sociológicas que são contrapostas como mecanismo de sair da chamada “crise” do pensamento social, contudo, não oferecem respostas para a crise tampouco para os micro análises realizadas (Rocha:2005) Ver nota de rodapé 38 em Santos (2018) cujo contributo coloca Marx como teórico que em seus últimos escritos pensou para além da Europa.

²⁹²Diferente dos outros clássicos da sociologia Weber em *Economia e Sociedade* e Durkheim em *As Regras do Método Sociológico*, Marx não nos deu um método, ele nos ofereceu a lógica tendencial do sistema capitalista. Fato que demonstra o compromisso do autor com a sociedade, articulando pensamento e ação.

peças ao conservadorismo extremo, a impaciência ante a falta de respostas, o desespero de desemprego, da falta de dignidade que vai assolando a maioria.

O que nos trouxe até aqui é o que a maioria se pergunta? Como chegamos a este ponto? Foi desta obstinação diante a incerteza do futuro que fui levada a debruçar-me sobre os livros, aproveitando cada letrinha que me era dada²⁹³. Como afirmou Carcanholo (2014:14) *a tragédia que vivemos é resultado de muitas farsas e foram necessários poucos anos para que o Governo Federal, com sua irresponsabilidade queimasse todo o património na venda de estatais*, foi um projeto, não uma irresponsabilidade. Um projeto que só obteve sucesso devido ao apoio mediático e da grande imprensa, que diariamente martelava em nossas cabeças que as coisas não eram tão ruins como pareciam.

O chamado projeto modernizador implementando no pós-ditadura pelo sociólogo Fernando Henrique Cardoso, um dos precursores da teoria da dependência que será laborada nesta tese e que explica do atraso dos países periféricos, foi construído sob o espectro falacioso do progressismo e em alguns momentos de esquerda, seguimos por meio da farsa até onde nos encontramos e que acompanhamos no intento de recolocar teorias em debate objetivando desvelar supostas más compreensões do nosso presente (Carcanholo, 2014). O Equador, país que venho estudando desde 2007²⁹⁴, parecia sofrer seu processo modernizante, após mais de uma década percebe-se que, em realidade, não fora bem este o resultado. Houve aprovação de uma Constituição em 2008 bastante aclamada, mas que segundo Grijalva (2009) já evidenciava suas limitações quanto aos projetos indígenas. Este imbróglio foi deixado em aberto no meu texto de mestrado em 2007, visto que não era possível encontrar respostas em um governo que ainda estava sob Júdice. Entretanto, nas considerações finais já apontava que devido ao funcionamento do país que embasava sua economia em uma matéria prima que sofre com as oscilações do mercado, que é o petróleo, seus problemas não pareciam solúveis em tão pouco tempo. Considerando que nos limites do capital não há consenso possível, e mesmo num governo de conciliação poderá funcionar por algum tempo até que as forças internas e externas se sintam-se perdendo em algum lado.

Já a incorporação dos indígenas na Constituição equatoriana refletiu o debate de muitas décadas anteriores ao governo de Rafael Correa e o tempo logo demonstrou que o

²⁹³Vivi tempos piores quando criança, lembro-me bem das inflações que alcançavam 1972% no governo Sarney no período de 1985-1990, ainda é fresco em minha memória a falta de dinheiro para alimentos, lembro que nossa alimentação foi da escassez a falta, o fracassôname da vida não era um acaso, nunca foi, todas as ações se colocam em um bojo conjuntural que os analistas da época consideraram irresponsável e que fatalmente aumentou a violência e nos levou à fome, ainda me recordo bem.

²⁹⁴ E ao que tudo indica, a maioria dos países latino americanos não parecem ter seguido um rumo diferente.

exercício dos direitos não repousa somente na aprovação de um texto e sim em práticas efetivas e os conflitos permaneceram de forma latente no país. Acosta, um dos grandes intelectuais que vivenciou com muita proximidade todo este processo de câmbios equatorianos asseverava em 2010 que, Rafael Correa tinha em mãos uma oportunidade histórica de se reencontrar com as origens daquilo que desencadeou a chamada Revolução Cidadã, incorre-se novamente na ideia que uma Revolução pode ser implementada desde cima/do Estado.

Nosso continente foi feito por meio da colonização e esta foi muitas vezes escamoteada, glorificada, esquecida e até mesmo romantizada o que este trabalho propõe é a retomada da crítica como um pequeno tijolo que possa dar suporte e resposta as tarefas árduas que teremos a frente. Para que este objetivo mais amplo se concretize se faz necessário analisar todas as minúcias deste processo, inclusive e primeiramente dar conta do subdesenvolvimento que este país apresenta. Longe de culpabilizar um ou outro governo entende-se aqui que o problema do capitalismo nos países coloniais não é *a priori* de gestão de um ou de outro governante, claro que os mesmos possuem suas implicações nestes processos. Contudo, nesta tese nos afastamos claramente da vulgata típica do caudilhismo latino americano de encontrar um nome e fazer do mesmo uma espécie de militantismo paroquial para alguns ele/ela é o fracasso ou a saída para todos os nossos problemas, que não são poucos.

Com o intento de dar conta deste objetivo analisar-se-á as políticas relacionais a exploração do parque petrolífero Yasuní ITT exercidas durante o período de 2013 – 2016 momento em que o Governo de Correa teve uma viragem e passou por diversos conflitos com os mesmos movimentos sociais que apoiaram maciçamente em 2007, quando da eleição. Aprofundaremos o debate acerca das teorias relacionadas a dependência da América Latina em contraponto as políticas exercidas no período citado, além das entrevistas realizadas em campo que desvelam as vidas de quem esteve no governo e daqueles que vivenciaram o auge e as crises oriundas destes processos.

4.6 Tese – Por uma epistemologia existencial e coletiva²⁹⁵

Em uma realidade que condiciona várias ciências e que deveria ser olhada como um todo não pode ser reduzida para um viés apenas jurídico ou ambiental, logo, tentar-se-á

²⁹⁵ Santos, 2006 – O geografo Milton Santos reivindica não uma epistemologia existencialista, mas sim dar a geografia uma epistemologia que seja adequada e situada no Sul que relacione teoria e empiria como indissociáveis.

contemplar as diversas *ausências* dentro dos processos de mudança realizados nos últimos anos, especialmente na América Latina e no Equador. No Equador o governo correista aprovou a Constituição Montecristi que foi reconhecida como uma das mais avançadas da América Latina ratificando o Estado como plurinacional e a natureza como um sujeito de Direitos. Apesar disso a matriz petrolífera permaneceu como principal indutora de desenvolvimento social e econômico do país. Em 2008 o Governo Correa lançou uma iniciativa denominada Yasuní ITT que pretendia deixar o petróleo debaixo da terra, em troca de pagamentos dos países desenvolvidos, tal iniciativa fracassou em 2013.

Dessarte no primeiro momento em que ele é confrontado com a força do capital internacional quanto a extração petrolífera, faz uma opção política em contradição ao plano de governo apresentado à sociedade. Ou seja, se coloque em xeque a decisão por explorar o petróleo do Parque Yasuní mediante luta dos povos originários em defesa dos direitos da natureza, de seu território e de sua identidade.

Tal conflito que tem sido um campo de tensão na sociedade equatoriana fato que lhe rendeu uma queda de popularidade, além de diversos antagonismos, que não foram solucionados com base na aprovação do texto constitucional. Diante desse contexto, defendemos a tese de que o capitalismo se impõe como força externa e é reproduzido por uma matriz de colonialismo interno, impedindo a constituição de um modelo econômico e social para além do capital. Logo, as políticas extractivistas são um campo central para a correlação das forças em disputa na América Latina. No caso específico, do Equador, as políticas petrolíferas criaram fortes alterações sociais no país e apontaram para um tipo de desenvolvimento que, apesar de comprometido com a redução das desigualdades, não sublevoou ultrapassar a dependência do óleo negro.

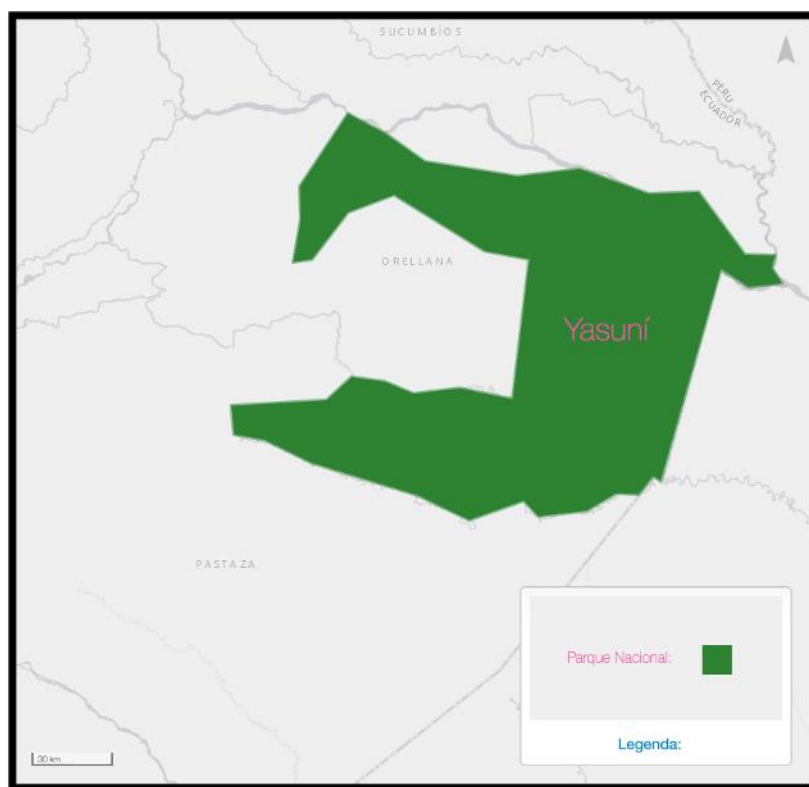
4.6.1 Hipótese de partida e Objetivos

O Equador, por sua abundância de recursos energéticos, é um dos países que têm impulsionado a hidrelétrica e outros tipos de energia com o objetivo de mudar sua matriz produtiva, atualmente embasada na exploração petrolífera, bem como na reversão de suas divisas ao desenvolvimento social e econômico do país. Considerando essa realidade, partimos da hipótese; que os marcos regulatórios das políticas de exploração petrolífera no governo equatoriano no período concernente entre 2013-2016, sob a égide do capitalismo, reproduzem uma lógica extrativista que podem legitimar processos de expropriação,

dominação e subalternização dos povos originários. O caso analisado será especificamente o caso do Parque Yasuní e na Iniciativa ITT que pautava a não exploração.

A circunstância permitirá compreender quanto o Estado está ou não submetido a uma matriz econômica nacional e global de desenvolvimento estruturante de um próprio colonialismo interno. Debruçarmo-nos na experiência do Equador, no caso específico de Yasuní ITT nos permitirá entender as razões de diversas insurgências existentes na América Latina não permitindo que mais esta experiência seja desperdiçada realizando uma precisão de análise. A circunstância permitiu compreender quanto o Estado está ou não submetido a uma matriz econômica nacional e global de desenvolvimento estruturante de um próprio colonialismo interno. Vislumbrando possibilidades de uma crítica criativa que reconheça as diversas experiências e o papel do petróleo na economia (Santos, 2002).

Mapa 2 Localização do Parque Yasuní



Fonte – Elaboração da autora (Santos, 2019) por meio do Software
<<https://mapmaker.nationalgeographic.org>>

4.6.2 Objetivos

Analisar o contexto histórico e político que resultam das tensões e conflitos entre os direitos dos povos originários da reserva Parque Yasuní e as políticas do governo do equatoriano, que manteve a exploração do petróleo nesse território secular colocando em questão a defesa dos direitos da natureza e violação dessas comunidades, que não foram solucionados com base na aprovação do texto constitucional. O intento foi construir ferramentas reflexivas que resolvam as perversões da colonização, na gênese da nossa sociedade. Temos uma origem colonial, marcada por análises universalistas, rebaixadas em diversos mecanismos.

- Mapear a literatura e estudos produzidos sobre a extração petrolífera no contexto equatoriano que se vinculam aos processos globais do colonialismo, capitalismo e suas estruturas de desenvolvimento e neodesenvolvimentismo pelo aparato estatal, percebendo as tensões e contradições na atualidade da América Latina, a partir do contexto equatoriano.
- Identificar e denunciar o que é/foi desvalorizado e, por meio da *sociologia das ausências*, valorizar as resistências contraditórias dos grupos mostrando seu caráter abissal em relação à grande parte das teorias.
- Identificar as contradições e tensões entre os direitos dos povos originários e a formação do Estado Plurinacional a partir da aprovação constitucional que regulamenta as políticas de exploração petrolífera do Parque Yasuní, do projeto ITT e dos atores políticos envolvidos.
- Verificar o desenvolvimento da proposta Yasuní ITT sob a perspectiva das organizações sociais representativas dos povos originários verificando que impactos resultam em suas comunidades.
- Analisar os limites da lógica de desenvolvimento social a partir do extrativismo petrolífero e da estruturação do Estado em uma matriz econômica nacional e global de desenvolvimento baseada em um colonialismo interno.

A abordagem da pesquisa possui um caráter *qualitativo*, onde o pesquisador é também sujeito, preocupando-se com as múltiplas variáveis que podem determinar o objeto

(Minayo, 2001). No caso desta pesquisa tal metodologia parece ser a mais adequada considerando, que a partir da complexidade envolvida no objeto, podemos partir do o singular para o universal, ou seja, olhamos para a árvore, mas também para o bosque captando o contexto na totalidade e suas múltiplas determinações. Perceber os limites e possibilidades de avanço dessa chamada “Revolução Cidadã” e da necessidade de aprender com esse processo, partindo das suas debilidades e acertos. Entendendo que a historiografia é um dado fundamental na relação na desembocadura do presente. A história da América Latina é a da resistência em sua subalternidade. A abordagem qualitativa foi selecionada devido a sua essência dinâmica entre o sujeito e o mundo real (Clark, 1973).

A pesquisa que se segue possui um caráter de trazer à tona a essência dos problemas equatorianos no que concerne as suas políticas de caráter exploratório petrolífero, a partir dos dados e das regulamentações aprovadas perceber os limites adentrando o problema medular da efetivação ou não destes mecanismos legais. Desta feita a pesquisa será exploratória de caráter analítico baseando-se em um tripé (Gil, 2007): Análise documental e levantamento bibliográfico historiográfico colonial; entrevistas com grupos que sejam representativos enquanto movimentos sociais e estudiosos do tema; análises de casos e de estudos já existentes que estimulem a reflexão e compreensão.

Realizei um levantamento documental e de fontes da literatura. Foram coletadas e analisadas informações sobre as regulamentações fixadas na Constituição aprovada em 2008 no que tange ao petróleo especialmente no Parque Yasuní. Sem ignorar a atividade complexa dos processos intelectuais que já existem analisei os processos históricos documentais em arquivos e principais bibliotecas do país, documentos críticos e a favor a Iniciativa, políticas de petróleo e políticas relacionadas a energia (Florestan, 1979).

A fase exploratória no país se iniciou a partir da observação em um contato mais direto com os equatorianos, por meio da recolha de dados e de registros da realidade em um diário. Deste fundamento realizaram-se entrevistas foram gravadas e transcritas, combinando perguntas fechadas e abertas, semelhante a uma conversa informal, uma vez que o objetivo não é julgar ou induzir cada resposta, mas sim entender quais enfrentamentos ocorreram a partir desde caso. Inicialmente as questões permearão assuntos que tangem as questões energéticas relacionado ao petróleo e políticas do Equador no período de 2013 a 2016, a dinâmica dos grupos sociais, suas reações políticas, existências de reivindicações além das questões imediatas.

As entrevistas foram realizadas com órgãos representativos dos movimentos sociais no Equador e que tiveram forte influencia política desde o período de 1990,

estudiosos que também construíram ou foram críticos a Iniciativa Yasuní ITT e representantes do aparelho estatal. Poucos trabalhos relacionam o debate acerca das políticas extrativas na América Latina com a seu caráter dentro de uma economia dependente e colonial. Alguns autores/as que realizaram este debate o fizeram no âmbito do direito, das questões ambientais culturais de forma isolada sem analisar o local e global, apesar do limite destes trabalhos são eles que nos ajudarão a responder à questão proposta nesta tese. Como dizia Ramos (1957) a sociologia é uma ciência por ser construída, tendo em conta o projeto de pesquisa apresentando em julho de 2017 as observações feitas pelas Investigadoras ali presente repensei uma série de apontamentos acerca desta pesquisa.

4.6.3 Justificativa

Porque se fez um recorte datado a partir de 2013? A princípio porque este foi ano em que Correa desistiu da Iniciativa Yasuní ITT e em vários países da América Latina, também houveram levantes. No caso do Equador os movimentos começaram alguns anos antes, em 2010, o que não significa dizer que durante este período a população esteve amorfa, ao contrário, 2010 foi o ano em que o esgotamento da <Revolução Cidadã> já se revelava. Isto porque em sua reeleição em 2009 Rafael Correa se comprometeu a radicalizar as mudanças propostas e subscritas na Constituição aprovada em 2008. Ao mesmo tempo junto com os assembleistas aprovou uma série de leis entre elas a conhecida “Ley Monsanto”, a lei mineira, a lei contra ecocídio e o genocídio que encetaria uma serie de conflitos e mortes nas áreas das comunidades não contatadas (Báez, 2018).

Ainda no espectro (contra) revolucionário, Rafael Correa assinou em 12 de junho de 2009 o Decreto 1780 que afirmava “*O Ministro do Governo está autorizado a, em nome e em nome do Governo Nacional da República do Equador, celebrar um contrato com os representantes de várias missões católicas*”²⁹⁶. A antinomia constitucional se mostrava, considerando que o Artigo I da Constituição aclamada e aprovada em 2008 destacava o país como “*plurinacional e laico*” evidenciava que as leis se apresentavam no papel, em uma série de adjetivos novos que permaneceriam no papel, revolucionando apenas nos términos (Davalos, 2009). Alianza país, partido de Correa, estava disposto a implementar a

²⁹⁶ Tradução live da autora. No original - Facultase al señor Ministro de Gobierno para que, a nombre y en representación del Gobierno Nacional de la República del Ecuador, celebre un contrato con los representantes de varias misiones católicas. Consultado <<https://www.derechoecuador.com/registro-oficial/2009/06/registro-oficial-no-620---jueves-25-de-junio-de-2009>> [12.07.2019]

*encomienda*²⁹⁷, dando sinais de conservadorismo. Em relação ao petróleo, matéria-prima concernente para alguns avanços no país, 2013²⁹⁸ foi o ano chave considerando que foi neste ano que o governo Correa se mostrou mais condicionado a não colocar em prática aquilo que lhe galgou ao poder, um novo modelo de desenvolvimento em uma sociedade pós petróleo.

Por outro lado, foi também em 2013 que no Brasil víamos uma multidão nas ruas as chamadas “Jornadas de Junho” de mostraram cada vez mais fortes e passou de um movimento de massas para uma confusão popular com rastros de nacionalismo e de negação de partidos, um desiderato confuso que logrou em um desgaste sistemático do governo “petista” e em consequência sua destituição em 2015. Assim sendo, o ano de 2013 foi um ano insurgente para a que a crise iniciada em 2008 no Estados Unidos chegasse até a América Latina de forma cavalari.

A história é sempre continuidade, os eventos não decorreram do nada embora muitos analistas presentistas assim o vejam, no Equador a Moratória Petroleira nasceu em 2007 e foi uma proposta bastante comentada e aclamada no mundo, visto que era a primeira vez que um país abdicava do petróleo – uma de suas maiores riquezas – em nome da natureza, das comunidades, sob uma política de esquerda que colocava na sua agenda a Moratória Petroleira para o Parque Yasuní.

²⁹⁷ Pagamento de tributos a Coroa espanhola no período da colonização, dominavam as terras e mantinham os indígenas ligados aos donos da terra como servos pagadores.

²⁹⁸ A crise econômica mundial iniciada entre 2008 e 2009 colocou os países latino americanos em uma situação bastante delicada, ainda que em 2010 e 2011 tenham ocorrido alguma recuperação reconhecido por alguns estudos que fizeram inclusive o presidente brasileiro afirma que a crise não havia atingido o Brasil tão severamente. A partir daí se teve uma severa crise da economia europeia e o crescimento chinês que afetaria a região (Munivar, 2011; Toussaint, 2011; Powell, 2012, Acosta, R. Miguel & Iturralde, Pablo, 2013).

Capítulo V – Autorreflexividade

5.1 Dentre as travessias, sou atlântica

Defino esta pesquisa socialmente referenciada por meio de uma teoria transformadora, buscando categorias e métodos que possam revelar as contradições da realidade. Tento racionalizar a condição de inferioridade que me foi dada, situação de quem do dia para noite vivencia atmosferas completamente desiguais. No cemitério dos vivos, naturalizamos a indigência tal como Lima Barreto (1920)

Não me incomodo muito com o hospício, mas o que me aborrece é essa intromissão da polícia na minha vida. De mim para mim, tenho certeza que não sou louco, mas devido ao álcool, misturado com toda a espécie de apreensões que as dificuldades de minha vida material há 6 anos me assoberbam, de quando em quando dou sinais de loucura: deliro.

Os sintomas típicos de sistemas coloniais convivem em concomitância – teoria da ignorância, o vácuo de poder e a daí negamos a realidade usando a própria realidade. São ausências de perspectivas, se evitam temas perigosos, a ambição colonial permanece e segue se legitimando por meio de narrativas, dualismos que pouco nos ajuda a pensar e superar nossas dificuldades. Estudar a América Latina é pensar sociologicamente o subdesenvolvimento, viver estes anos em Portugal também me permitiu pensar esta articulação capitalismo, escravidão, colonização “aí que percebi que onde eu ficava, na seção de indigentes, aquela em que a imagem do que a Desgraça pode sobre a vida dos homens é mais formidável, os loucos são da proveniência mais diversa, originando-se em geral das camadas mais pobres da nossa gente pobre” (Barreto, 1920). Durante a ida ao Equador, pensava nas aulas de sociologia que ministrei durante uma década no ensino médio brasileiro, na primeira aula do ano letivo sempre falávamos da desnaturalização de olhar o mundo, estranhar tudo que nos rodeia, o questionamento como princípio.

Na chegada a Quito registrei o cansaço (o meu) bem como o cansaço naqueles rostos que ali se encontravam, a América Latina demonstra-me de onde venho, do lugar onde impera a superexploração do trabalho, conversei rapidamente com as pessoas, conheci um venezuelano imigrante, o capitalismo nunca nos deixa de surpreender de forma negativa. Calvino e as cidades invisíveis (2017) me vinha sempre a mente juntamente com a vontade de introspeção criando narrativas cartográficas de lugares que pude conhecer,

ainda que Calvino versasse sobre a cidade, é possível por meio de sua obra pensar em outros lugares, aos poucos vamos descobrindo o que nunca foi nosso e o que perdemos.

Recordei-me sempre da leitura dos Cadernos de Campo do intelectual Darcy Ribeiro e da forma como ele foi narrando seu convívio e suas posições no mundo, tentando fugir da sua formação comunista inicial onde lia apenas alguns autores terminando com uma visão única do mundo algo que ele chamou “erudição vadia” (Ribeiro, 1994: 105). Sempre reconheci esta visão em muitos intelectuais à esquerda e mesmo alguns honestos de centro direita, possuem visões turvas do mundo, porque nossa cabeça sempre pensa onde nossos pés pisam e por isto é importante pisar em outras realidades, conectar-se à humanidade desvelada debaixo do capitalismo que, por muitas vezes, não nos permite chegar a essência dos problemas.

Por outro lado, as leituras críticas e radicais do mundo nos faz ter um olhar de responsabilidade sobre tudo e todos, principalmente aos que sofrem, nos sentimos parte deles e delas, parte da humanidade não nos é indiferente e isto só pode ser possível quando se vive a teoria ao invés de voltar-me para os ganhos individuais olhei sempre as possibilidades de dignidade não só para mim, mas para todos. Talvez seja este o Buen Vivir tão aclamado pelos intelectuais, contudo, completamente afastado da realidade da maioria deles e delas. Talvez o Buen Vivir esteja cravado na verdade e no sofrimento revelado em cada gesto e olhar, nos reconhecemos em nossas dores e como dizia Darcy Ribeiro nos seus *Cadernos*, nos falta hoje este despertar para uma vida mais generosa, de solidariedade sem obtenção de nada em troca apenas estar ali e querer que todos melhorem.

Desde cedo aprendi as ausências de uma democracia incompleta, alguns acessos eram permitidos outros nunca foram e talvez nunca sejam, tudo depende de como as histórias das lutas deverão ocorrer. Algo que nos coloca a urgência de uma elaboração combativa que é também uma inteligência libertadora, uma vez que só a partir da compreensão do agravamento das lutas é que conseguiremos entender todas as opressões que sofreremos. Sem contar o fato que, as ausências materiais na vida de uma família lutadora colocam todos para uma única saída de sobrevivência possível, a do estudo como forma de ação, daqueles que não possuem armas extra intelectuais. Minhas escolhas e revoltas foram contidas até à conformação em ser durante muitos anos apenas “uma boa aluna”, tal como meus amigos trabalhadores também sociólogos, joias não lapidadas e engolidas pelo sistema. Nossas grandes ambições teóricas e práticas juntadas ao fato de advir de família de trabalhadores (maioria metalúrgicos) nos reduziu a trivialidade da

sobrevivência. Por outro lado, também desenvolvemos virtudes que alguns manuais de sociologia não ensinam e todos tomaram partido de sua classe, através de vários caminhos enquanto “pensadores” da sociologia, o passado metalúrgico caminha sempre ao nosso lado.

Descobriríamos, então, que favelas, cortiços, bairros operários, vilarejos rurais, habitações isoladas da roça, estão cheios de crianças promissoras, que só precisam de uma oportunidade, como a que eu tive, para ir além dos limites sociais de seu nascimento. Certamente há, até mesmo, gênios potenciais nesses lugares do supostamente negativo (Martins, 1994: 453).

Após dois meses no Equador tive contato com tudo, com Professores e Professoras engajados/as, outros que mostraram amantes dos seus gabinetes, ativistas sonhadores; três comunidades diferentes na Serra, na Costa, na Amazônia, representantes indígenas mais institucionalizados, outros que sequer reconheciam-se indígenas, mestiços – a maioria – campesinas mulheres e homens; jovens pesquisadoras lutadoras politizadas; vários eventos institucionais de diversas ordens, imigrantes venezuelanos e uma série de outras coisas cotidianas, mas não menores. Estava eu ali com minha origem periférica urbana industrial, catapultada por outros viveres, mas dentro de mim sempre se revelou a vontade de lutar contra as injustiças e poder atuar no destino da humanidade, como fazem todos ainda que sem consciência da sua responsabilidade neste mundo. Já dizia Solano Trindade²⁹⁹ “tantas caras tristes querendo chegar algum destino”.

Nunca pensei nas pessoas como objeto de estudo, aliás, isto sempre foi uma questão em todo meu trabalho, como mulher afrodescendente de origem periférica sempre fui o objeto de estudo de muitos pesquisadores, há livros que contam a história de ocupação da minha família, que citam a Associação de Moradores³⁰⁰ como primeiro lugar de encontro político. Por outro lado, nunca soube bem como atuar em pesquisa, como fazer de mim uma pesquisadora de outros, vivo a realidade, a questão indígena ou a questão racial, não são questões, mas sim gênese deste povo sul americano. Também como mulher parda, mestiça e as vezes negra a depender de onde estou, fui sempre uma voz silenciada a ter que provar o tempo todo a própria capacidade de ser produtora de algo. Nesta significação, nunca poderia *dar voz ao outro*, mas estar com eles, entender suas práticas, suas formas de resistência e de vida, retomando aquilo que nos faz humano, o social (Santos & Mendes, 2017:18-19).

²⁹⁹ Textos disponíveis em <<http://antigo.acordacultura.org.br/herois/herois/franciscotrindade>> [10.07.2018]

³⁰⁰ Administrada pelo meu avô, depois pelo meu pai e agora pelo tráfico.

Assim sendo, estou sempre implicada naquilo que estudo, sou parte desta sociedade e me vejo nas pessoas em suas indignações, problemas e dificuldades. Em meio as comunidades aquele questionário elaborado previamente, não fazia muito sentido, passei a alterá-lo de acordo com a urgência da realidade.

No fundo também queria estar ali e conversar em conjunto saber das suas vidas, alegrias e dificuldades fui feliz em diversos momentos horríveis, percebendo aquela generosidade onde o pouco que serve de alimento era também dividido. Conheço a pobreza periférica urbana brasileira àquilo não tinha nada de romântico como pensam muitos que tratam alimentação indígena, campesina como algo “cultural”, o que vivi nos meus primeiros dias em Quito, foi a subsistência partilhada no meio de um lugar aparentemente tranquilo, em uma casa, metade de alvenaria, metade de tijolo, as margens da Amazônia equatoriana. Aprendi outras formas de ser pobre, sem perder completamente a dignidade, a experiência da escassez. Conversamos sobre o turismo, a venda de si, como forma de sobrevivência e usurpação dos turistas extrativistas, do ser humano e da ausência estatal quando andávamos cinco quilômetros na busca de um autocarro entre outras narrativas que dão vida e denunciam o que é este sistema que vivemos.

As entrevistas foram gravadas mediante autorização e transcritas conforme assinala Preti (1999) na busca da aproximação de chamada “linguagem científica” da linguagem falada, coloquial. Assim, usei a transcrição da “linguagem popular” e os efeitos expressivos foram incorporados no tom, nas pausas, como maneira de compreender o que foi dito. Barros (1999:47- 49) analisando diversas entrevistas realizadas juntamente com a elaboração de perguntas e questionários, assinala a importância da existência de uma intercompreensão e coloca a necessidade de um questionário inicial, evitando que a conversa se torne frouxa em demasia ou que existam correções por parte do interlocutor. Em alguns inquéritos analisados percebe-se a preocupação do interlocutor com sua linguagem, sendo uma pessoa que utiliza geralmente a norma culta como padrão, nota-se a preocupação com seu papel social (Barros, 1999). Neste sentido, optei pela elaboração de um questionário com perguntas abertas e direcionadas de modo que permitisse ao entrevistado responder de forma ampla de acordo com sua análise dos processos políticos. O mote desta tese possui uma relação antropogênica, ou seja, a forma como ser humano se apropriou, e ainda o faz, do meio ambiente por meio de relações complexas onde não é possível analisar um fenômeno isolado sem ter que recorrer ao todo.

5.2 O caminho que se faz caminhando

O trabalho de campo foi realizado entre janeiro (04) e abril do ano 2018, foram mais dois meses, 56 entrevistas, cerca de 20 conversas informais documentadas em formato de gravação. Durante este período estive em conversa com o do Prof. Dr. Alberto Acosta – Investigador e Ex-Ministro da Economia no primeiro mandato de Rafael Correa que fora recomendado pelo Prof. Dr. Boaventura de Sousa Santos. Alberto Acosta foi um dos redatores da Iniciativa ITT, que apoiou e supervisionou meu trabalho neste país. Em virtude das limitações financeiras³⁰¹ optei pela realização do trabalho em Quito e Cuenca e assim já antecipo uma limitação desta pesquisa, apesar de muito trabalho em terreno, tive pouco tempo para realizá-lo, as condições materiais, acabam por restringir nossas condições objetivas.

- Quito – É a capital do país onde estão os maiores Centros Universitários Tecnológicos e de Estudos tem grande população indígena, cerca de (52.314 pessoas), segundo o documento do Ecuador em Cifras³⁰².
- Cuenca – É a terceira maior cidade do Equador e possui muitos grupos de formação relacionados as ações sociais participativas, bem como sua concentração industrial que pode fornecer um bom aporte acerca da necessidade energética e petrolífera na região. Também em Cuenca fui convidada³⁰³ a participar do grupo ACORDES (Acompañamiento Organizacional al Desarrollo).

Quando da chegada em Quito, capital do Equador, a opção de realizar um caderno de campo ocorreu pelo fato que uma cientista social não lida com os fatos, mas precisa anotá-los para compreender os fenômenos. Acostumada a realizar trabalhos de campo com

³⁰¹ A CAPES não incluí em seus editais o financiamento de pesquisas *in loco* o apoio fica restrito à passagem entre um país e outro.

³⁰² Ecuador em Cifras - <<http://www.ecuadorencifras.gob.ec>> [22.04.2016]

³⁰³ O convite surgiu desde o estágio doutoral que realizei em Madrid no ano de 2017, onde pude desenvolver junto com o Professor Doutor Tomás R. Villasante, quando desenvolvemos desde Madrid atividades relacionadas as “metodologias participativas” também pude conhecer diversas pessoas que trabalharam com o Professor quando da sua estada no Equador. Em Madrid auxiliei na conformação do I Encuentro Vecinal y de Entidades Entrepuzoyvías foi em 01 de abril de 2017, um encontro com a comunidade local trocar experiências, conhecer o bairro pensar possibilidades de alterações por meio da solidariedade, uma experiência bastante rica.

os alunos, jovens e adultos da periferia do ABC tenho por hábito anotar tudo, o registro é condição para compreensão dos processos.

Pretendia fazer uma incursão neste país que, em teoria não é novo para mim, mas que em realidade seria, visto que apesar de ter me debruçado sobre a América Latina, especialmente ao Equador, desde 2007 não havia ainda tido a oportunidade realizar uma pesquisa de campo, que é uma atividade intelectual deveras complexa, daí muitos são os teóricos (as) que se bastam se manterem-se em seus gabinetes de trabalho. Mesmo a organização territorial se deu por meio da colonização e até os dias atuais estamos o tempo todo imersos entre o velho e o novo, tentando reconhecer naquela história algo que nos permita uma identificação positiva destes processos.

No caso do Equador a organização geográfica passa pela imposição espanhola, as chamadas “haciendas” – grandes territórios de terra divididos em vivendas (Davalos, 2002). De fato, não é fácil a tarefa de lidar com o novo e o desconhecido, ainda que sejam nossos vizinhos, a riqueza latino-americana muda sua paisagem drasticamente. Ainda com todas as normas, regras e rigor científico, algumas coisas fogem aos nossos olhos, por isto a importância de anotar tudo, desde as coisas mais simples das conversas do cotidiano, bem como nossas impressões. Contudo, como afirma Florestan

(...) não é suficiente a simples observação, é preciso não negligenciar o papel da análise como recurso de observação nas ciências sociais (...) a fase verdadeiramente crucial da observação tem início quando o tratamento analítico dos dados permite passar das imagens sensíveis dos fenômenos para imagens unitárias ou analíticas de suas propriedades e das condições em que são produzidos (Florestan, 1978: 06)

Todavia, é importante observar que ainda que uma pesquisa tenha uma metodologia bastante pré-definida a partir do levantamento bibliográfico realizado por meio do aprofundamento teórico, entre a discussão de conceitos já debatidos anteriormente, bem como pesquisa documental, podem ocorrer alterações no caminho a partir da realidade e do trabalho realizado no campo (Fonseca, 2002). Assim sendo, as ciências sociais colocam a necessidade de lapidar novamente aquilo que foi observado e este é o melhor cenário que penso para uma investigadora, já que nos permite analisar o problema por meio de diversas angulações possíveis, descartar algumas aprofundar outras e ainda descobrir novas possibilidades (Gil, 2007). Ser propositiva, por meio de um diagnóstico que nos permita avançar na sociologia reinventando as possibilidades críticas

de emancipação, os constrangimentos impostos são diversos e precisam ser pensados na sua complexidade (Santos & Mendes, 2017).

No texto de Fernandes (1979:07) ele convoca os pesquisadores a criar, experimentar saindo dos enquadramentos óbvios para evidenciar com intento de demonstrar, por meio, da escrita a essência da problemática manifestada. Ou seja, dispondo daquilo que já existe os chamados “casos concretos” seguindo para os “casos típicos” que pressupõe de pré-requisitos para avaliação. E é este tratamento, reunido aos dados e ao trabalho de fundamentação teórica que permitirá um passo a frente, tal como afirmou Florestan (1979).

Todo o desenrolar desta tese foi analítico, desde a delimitação do objeto, o material teórico, a forma como o mesmo foi aproveitado, sem arbitrariedade pautando-se em sair de uma realidade que aparece como caótica à primeira vista e disto encontrar uma profundidade possível de ser explicada. Carlos Iván Degregori (2005) convoca os saberes periféricos, mostrando, por meio da antropologia crítica andina, o erro na busca pelo exotismo quando enxergamos o trabalho de campo como um laboratório, quando na realidade deveríamos auferir do trabalho de campo, um trabalho de práxis. Degregori (2005, 2008) é um grande crítico de muitas das práticas realizadas no início das primeiras décadas de antropologia, bem como atualmente, a premissa da antropologia romântica o <elogio da mochila> onde durante muito tempo e ainda nos dias atuais se pensa que, ir ao terreno ou à “campo” pode ser algo dividido entre aqueles que trabalham com os livros e aqueles que trabalham de forma braçal. Degregori (2005, 2008) tal como (Santos, 2018) são críticos deste pensamento, já que pensar de forma separada algo que faz parte das relações sociais pode produzir resultados perversos quando separamos “eles” e “nós”, *metodologias extrativistas*. Em diferentes contextos somos personagens de fronteira, neste caso dos saberes periféricos, mas ao mesmo tempo que possuímos forte influencia do cosmopolitismo, esforçamo-nos para manter nosso horizonte, isto é, uma análise aberta ao diálogo, porém vinculada as suas particularidades (Degregori, 2008: Santos, 2017d).

Trabalha-se com quatro variáveis analíticas, o histórico da América Latina com aporte teórico crítico da teoria da dependência em conjunto com as epistemologias do Sul, as políticas relacionadas a exploração petrolífera no bloco ITT Yasuní no período de 2013-2016 e as divergências entre discurso e prática por parte do governo. As variáveis se colocam com o intuito de demonstrar que ainda tratando de uma particularidade podem ter um efeito generalizador, reelaborando interpretações de outros períodos levante a frente indagações que não se encerraram (Florestan, 1979). Muitas pesquisas foram realizadas

acerca da exploração petrolífera no Equador, principalmente revelando críticas ao governo de Correa, que nasceu sob a égide do progressismo, tão aclamado na América Latina, e acabou, talvez, por incorrer a erros piores quando comparados aos longos anos do Equador no neoliberalismo.

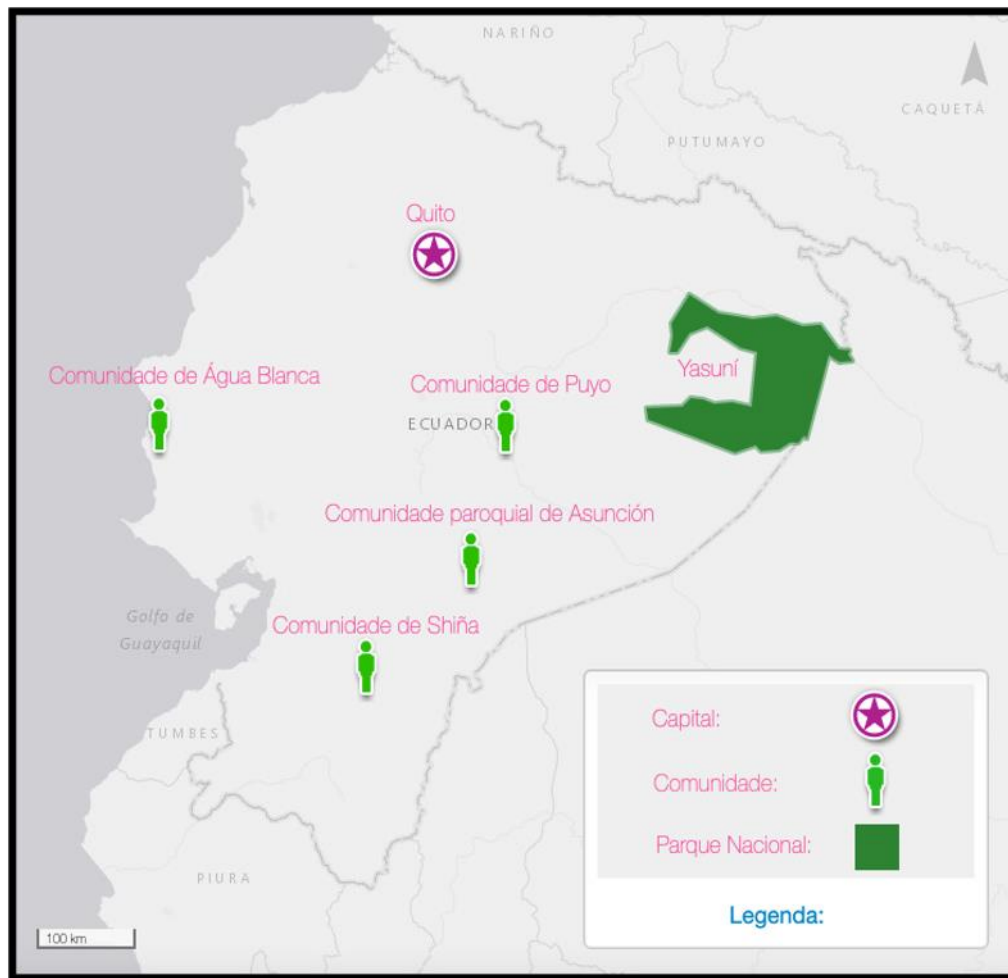
O trabalho de Aguillar (2015) demonstra como nasceu a Moratória Petroleira que pretendia deixar o petróleo debaixo da terra, com a condição que os países “desenvolvidos” pagassem por essa abdicação, o trabalho faz toda uma análise da forma como esta política pública foi desenvolvida em seu caráter administrativo desde seu funcionamento enquanto agenda, as etapas subsequentes e mesmo a avaliação final, se determinada política funcionou ou não. Este enquadramento não é o objetivo desta tese, contudo, a leitura do trabalho foi de grande valia para perceber o quanto o empobrecimento da América Latina fez surgir líderes com discursos anticapitalistas, anti neoliberais e como algumas políticas puderam ser desenvolvidas a partir de altos preços da suas commodities no mercado internacional (Aguillar, 2015).

De partida já temos uma primeira evidência, a resistência aos ajustes da década de 1980 e 1990 gerou uma retórica de superação que se transformou em uma continuidade daquilo que já existia. As alternativas foram sempre consentidas, ou seja, as alternativas estiveram sempre dentro da ordem, a impossibilidade de enfrentar os problemas estendeu o tapete para agenda neoliberal (Barbosa dos Santos, 2017b).

As ditaduras impostas colocaram no horizonte a radicalidade e a reconstrução de uma esquerda, no Equador por exemplo, nenhum governou cumpriu até o final seu mandato entre 1992-2006, no caso brasileiro tivemos outro processo. No mapa 3, por mim elaborado, refiz meu percurso no Equador, todos os lugares onde passei, foi uma forma de revivificar os caminhos que fiz, como afirmou Cortázar³⁰⁴ (1962) a tarefa foi de abrandar as dificuldades diárias, como um manual de instruções, demonstrando como nosso choro não insulta o sorriso, sabemos ser felizes ainda que em meio as dificuldades.

³⁰⁴Disponível <<https://www.textosenlinea.com.ar/cortazar/Historias%20de%20cronopios%20y%20famas.pdf>> [01.10.2019]

Mapa 3 Meu Percurso



Fonte – Elaboração da autora (Santos, 2019) por meio do Software
<<https://mapmaker.nationalgeographic.org>>

5.3 Desenvolvendo uma alteridade plural como forma de buscar valores na história

Com base no pensamento que o mundo está repleto de resistências e alternativas, nos chama atenção a inexistência de um conformismo, tal como muitas vezes aparenta. Na entrevista que inaugurou um novo cenário, enquanto pesquisadora, pude aperceber-me que muito embora o governo equatoriano tenha pautado seu ideário em uma matriz pós-petroleira, na realidade se manteve fundamentado nas exportações primárias e pouco foi feito para que esta realidade se alterasse.

A tarefa é de entender a realidade para além consensual sempre é árdua, exigente, e nos coloca diante uma série de estudos, alguns com grande valia, outros um tanto repetitivos, olhares viciados e formatados atravessados por um mundo que parece mudar

muito, mas que melhora pouco a vida de uma grande maioria. Logo na primeira entrevista no terreno entrevistei o antropólogo Roberto Narváez (2018), com mais de 20 anos de experiência em terrenos e comunidades, entre diversas nacionalidades e povos me deu informações riquíssimas. Foi um grande encontro em meio a estas oportunidades que a vida nos oferece em conhecer pessoas que compartilham do mesmo sentimento de pertencimento de mundo, cujo trabalho parecia ser pouco (re) conhecido, mas a riqueza da sua explanação e sua preocupação com as pessoas, me fez dar muitos passos. Roberto é um jovem simples, de voz inibida conversou mais de uma hora comigo, mostrou-me mapas, ensinou-me a entender os registros familiares dos indígenas isolados, no seu entendimento viviam quase 200 pessoas em apenas uma região, localizada por ataques que ele investigava em conjunto com seu grupo de trabalho. Roberto Narváez e eu logo nos tornamos amigos, sempre pensei que em qualquer lugar do mundo aqueles e aquelas que lutam se reconheceriam, lúcido, não parecia se deixar levar por modismos, me deu uma aula ali naquele café onde também encontramos seu amigo jornalista³⁰⁵ correspondente do jornal Al Jazeera, juntos planejavam um documentário referente a um ataque aos Huaorani, vi imagens, fotos e mesmo o vídeo foi compartilhado comigo – em segredo – germinou ali uma amizade com um objetivo comum apesar das nossas diferentes atuações.

Narváez (2018) relatou toda a história dos Huaorani e a forma como são afetados pelas extrações petrolíferas, situações de ataques, mortes e sequestros, um deles até originou um artigo, denunciando o assassinato que deixou em aberto uma série de interrogações acerca das motivações deste crime ocorrido nas proximidades do Bloco 15 (Narváez, 2016). Esta situação trouxe um nível de conflitividade bastante elevado na região do Yasuní e ao buscarem as instituições públicas com mecanismos protetivos, nunca obtiveram respostas (Narváez, 2016:02).

Durante a entrevista Narváez (2018) Quito, 02 de fevereiro narrou que o petróleo naquela região teve maior ascensão em 1960, quando o governo, já ciente da riqueza existente, pretendia explorar, e afirmou “ao governo sempre interessa somente retirar petróleo e receber divisas” continuou “os Huaoranis são conhecidos como um povo guerreiro e naturalmente quando existem conflitos o Estado trata de isentar-se e manter um discurso de violência naturalizada”. Obviamente que desde o princípio o Estado se manteve ausente, não reconhecendo o todo da sociedade em suas diversas facetas, por outro lado, se manteve e até fomentaram o ideário indígena como povo selvagem,

³⁰⁵ O nome não será publicado a pedido do jornalista.

incivilizado. Narváez (2018) Quito, 02 de fevereiro mencionou “que o contato dos Huaoranis com os missionários afetou bastante sua cultura e forma de vida, ainda assim sua forma de subsistência sempre se baseou na coleta e na caça e cultivavam de forma dispersa a yuca³⁰⁶, também sua forma de organização social, onde, a princípio, cada grupo era autossuficiente, realizam alianças de parentesco.”

Este primeiro encontro fortuito, me permitiu a ver a complexidade daquela realidade, povos que viviam segundo suas tradições e em isolamento, que, mediante a exploração petrolífera, poderiam desaparecer, serem atacados e mortos, Narváez (2018) Quito, 02 de fevereiro realizava este trabalho de denúncia, de recolha de informações e de contato com estes povos, fato que o levou a redigir um artigo expondo em detalhes um ataque ocorrido em março de 2013.

O artigo revela a morte de um ancião Wuaorani Omporé que havia retomado sua vida tradicional, após algum tempo fora, em seu retorno, juntamente com sua esposa Buganey, foram atacados, sua esposa sobreviveu as feridas durante algumas horas, fato que lhe permitiu dar detalhes do ataque, onde, segundo ela havia sido realizado por famílias também isoladas (Narváez, 2016:107). Mais adiante Buganey revelou que um helicóptero havia deixado alguns alimentos de fácil acesso, algumas pessoas que comeram morreram dias depois e acreditavam ser Omporé o responsável, por isto o mencionavam como culpado pela morte do ancião um grupo composto por jovens e um mais velho pertencentes a outras famílias isoladas (Narváez, 2016:108). Narváez comentou que este evento não poderia ser analisado de maneira única e trabalhava com múltiplas versões, demonstrando que a situação de isolamento e partilha de território normalmente implicava em uma dinâmica de relação e de alianças, com a limitação dos recursos e as interferências externas estas relações passaram a ser hostis.

O boom do petróleo vivido no Equador a partir da década 1970 quando começa a exploração petrolífera na Amazônia, gerando um ingresso estatal que antes não existia (Acosta 2005, Harnecker, 2011b) reforça o importância da análise a luz da Teoria Marxista da Dependência demonstrada por Ruy Mauro, Vania Bambirra, Cueva no Equador, Theotônio dos Santos autores que forneceram à sociologia, a história e a economia, subsídios para compreender como a inserção dos países colonizados de forma dependente se reproduzia internamente agravando a estrutura da própria condição de dependência. Dentre vários autores que sublevaram o debate acerca do Sul mais

³⁰⁶ Em português seria algo similar a mandioca brasileira.

precisamente o colonialismo e os conhecimentos produzidos na América Latina tem-se Boaventura de Sousa Santos (2016; 2018) que ao longo de sua trajetória elaborou o conceito de *Epistemologias do Sul*, análise que formula diversos questionamentos com base em novas perguntas, que pressupõem uma visão crítica acerca da realidade e que, no contexto deste trabalho subsidiará os caminhos para podemos ir além.

O trabalho de Culma (2014) retoma a urgência de nos debruçar sobre a Amazónia para além dos aspetos culturais, um grave problema dos estudos nesta temática até os dias atuais, uma vez que, geralmente guardam apenas uma análise romantizada pouca estreitada com a política a economia e ainda valorando de forma quase nula as produções realizadas localmente, isto é, aqueles e aquelas que produzem conhecimento para e daqueles locais. O Equador é um caso interessante, suas bases locais dão respostas contundentes a crise posta, cada experiência é um ganho que nos permite acumular forças e seguir, mediante a isto pressionam os centros de estudos a sua incorporação em uma linguagem mais próxima em torno de demandas reais (Ibarra, 1999; Santos, 2018).

A história da Amazônia equatoriana e sua relação com o Estado é a do abandono como a entrevista com Narváez já tinha apontado afirmando que “as pessoas romantizam Yasuní, não há presença do Estado e quando ocorre é de forma genocida e interessada, a favor da extração petroleira” fato que leva sempre à reprodução de estereótipos com base no desconhecido, a tentativa de modernização do país a partir da exploração petrolífera trouxe uma mudança no imaginário de toda a sociedade equatoriana. A intensificação desta atividade extrativista fez com que a terra amazônica perdesse fertilidade causando o empobrecimento das populações ali residentes associando a isto os altíssimos danos ambientais (Trujillo, 2001).

Neste cenário foi assinado em julho 1978, o Tratado de Cooperação Amazônico assinado por oito países como forma de garantir melhoria da qualidade de vida dos habitantes desta região, além de esforços mútuos no desenvolvimento de tecnologias e estudos que visem melhorias, além da liberdade na navegação dos rios e utilização racional dos recursos³⁰⁷. Narváez pontua que no ano de 1979 foi criado o Parque Nacional de Yasuní

Nos anos 90 um governo social democrata (Rodrigo Borja) entregou o território aos Wuaoranis - que permitia que dividissem em um Parque Nacional não pode fazer atividade extrativa, mas na zona nuclear foi realizada atividade petroleira (CONOCO depois foi vendida a outras empresas) Bloco 16.

³⁰⁷ Texto adaptado da página oficial disponível
<<https://www.oas.org/dsd/publications/Unit/oea08b/ch14.htm>> [20/11/2018]

A exploração petrolífera acentuou a colonização e a dependência já existente aproximando-se das análises de Trujillo Montalvo e Cuesta Zapata (1999) para os quais a ampliação das fronteiras facilitou a colonização impondo práticas consideradas civilizadas, como mencionou Narváez - em entrevista ao Instituto Lingüístico de Verano (ILV) - *“possuiu um papel importante na entrada das empresas petrolíferas”*.

Em um documento com três páginas pertencente ao Fondo Documental datado em 28 de maio 1981 é possível perceber a insatisfação do Movimento Nacional Campesino e Indígena e da Confederação Kichwa do Equador (ECUARUNARI) em relação do Instituto Lingüístico de Verano (ILV) em uma entrevista com Blanca Chancoso, representante da Instituição no período, ratifica a expulsão do Instituto Lingüístico de Verano (ILV) pois, segundo ela, teria causado muitos danos as comunidades e menciona o proselitismo religioso que derrocou em muitas separações, destruição de valores e rugas entre e intra comunidades, além dos programas educativos em que Blanca argumenta “que só serviam para conformar a população aos sítios urbanizados fazendo com que muitos abandonassem os valores ali apreçados e migrassem para as cidades”. Blanca exigia a retirada do Instituto Lingüístico de Verano (ILV) e propunha um programa que fosse realizado partir das necessidades indígenas, considerando que o Instituto Lingüístico de Verano (ILV) não realizava campanhas educativas com base em seus parâmetros culturais, Maria Blanca Chancoso, pertencente a nacionalidade Quíchua, é uma referência para as mulheres indígenas naturalmente lutadoras, não foi por acaso que seu nome apareceu entre as homenageadas “Mestras do Mundo³⁰⁸”, uma voz ativa contra as injustiças.

Santos (1996:08) trouxe uma leitura fundamental para a “antropologia amazonista” que objetivava dar sentido apenas ao que era “tradicional” uma forma de recorte também eurocêntrico em querer a qualquer custo enxergar o purismo compreendido como nativo. Continuou afirmando que poucos povos não foram alterados em contato com o europeu, o colono, o missionário ou mesmo outros povos, o que significa dizer que mesmo um pesquisador, um soldado que por ali passou de alguma maneira foi transformado e também transformou, em maior ou menor medida (Santos, 1999). Tal fundamento é um dos princípios básicos da sociologia, a premissa que a socialização metamorfoseia, dados os contatos e vivência que temos e muitos dos antropólogos em suas

³⁰⁸Programa Alice – Centro de Estudos Sociais – Universidade de Coimbra
<<http://alice.ces.uc.pt/en/wp-content/uploads/2014/03/Nueva-Versi%C3%B3n.-MESTRA-DO-MUNDO.pdf>> [11.09.2018]

análises ou buscam o purismo entendendo qualquer traço ocidental como uma maldição ou tentam demonstrar uma autenticidade inexistente, negando a própria dinâmica da realidade.

O interessante em Santos (1999) é que ele pontua diretamente uma questão ainda presente na América Latina, que é a forma como não se compreende a composição deste continente, nos estudos “amazônicos” a ideia do “atrativo” ainda é hegemônica, sem qualquer conexão com a realidade histórica e as especificidades do país em tema. E deverá continuar a ser, já que os estudos são sempre fragmentados, não é tarefa fácil compreender que, a depender da modificação ocorrida, há uma consequência ou uma pretensão inerente ao capitalismo, nada é ao acaso.

Capítulo VI - Sintomas das desigualdades

6.1 Pastaza e as <inteligibilidades recíprocas>.

Reconhecendo o potencial científico que vai além do conhecimento eurocêntrico e eurocentrado, alguns autores/as tem realizados elos de compreensão que revelam o quão nociva foi e ainda é a inteligência realizada desde a colonização, como foi demonstrado por Araújo e Maeso (2013) onde, por meio de investigação, verificou-se que os manuais escolares portugueses continuam a reproduzir o colonialismo como um pioneirismo português³⁰⁹. Neste sentido, a ida às comunidades equatorianas representou uma abertura de sentidos para mim, em uma perspectiva que todos aqueles/as que não possuem descendência, são apagados da história e por isto suas mensagens, suas relações sociais, indignações e protestos fazem parte do <<meu mundo>> os *ausentes*, das rapsódias indigestas em que só a erudição não basta é preciso ir além e *corazonar*, humanizar-se em conjunto. Tal como afirmou o poeta andino Cesar Vallejo (1989), *después de tanta historia, sucumbimos, não há nada para eternidade se não as coisas simples*³¹⁰ afinal sociologia na prática é uma necessidade, não uma vocação ou um diletantismo.

Pastaza é uma região com alto índice de crescimento populacional no Equador e está localizada na Região Amazônica do país, sua capital é Puyo as nacionalidades indígenas alocadas na região de Pastaza são em sua maioria Kichwas, Waoranis, Achuar, Shiwiar, Shuar, Zaparas e Andwas (Culma, 2014). A maioria da população se declara mestiça, apesar do alto índice de indígenas que ali vivem, no Mapa 2 é possível ver sua localização, a viagem de Quito à Puyo durou em média 5 horas de autocarro e é bastante desgastante, porém o cansaço é compensando por meio da beleza dos arredores.

Pablo Ortiz (2018) Quito: 14 de fevereiro, foi uma das primeiras pessoas que tive a oportunidade de dialogar, um atuante político, conversamos por mais de duas horas em um dia extremamente chuvoso na cidade de Quito. Apesar da uma hora de atraso em que estive a espera na porta de seu gabinete quando chegou, me alertou: “Não estou dando

³⁰⁹ Na análise das autoras é possível identificar que houve alterações desde o início do século passado onde o princípio de superioridade ocidental passou a ser questionado, de outra parte, apareceram sentimentos que poderiam ser comparados ao “medo da vingança racial” ou mesmo uma desestabilidade diante os questionamentos que se impunham. Em um dos trabalhos nota-se que mesmo entidades como a UNESCO que a priori tem possui o caráter do combate as desigualdades e injustiças passou 1950 e 1960 debatendo a neutralidade da ciência (Araújo e Maeso, 2013: 150-152).

³¹⁰ Poesia de Cesar Vallejo “Si después de tantas palabras” (1989).

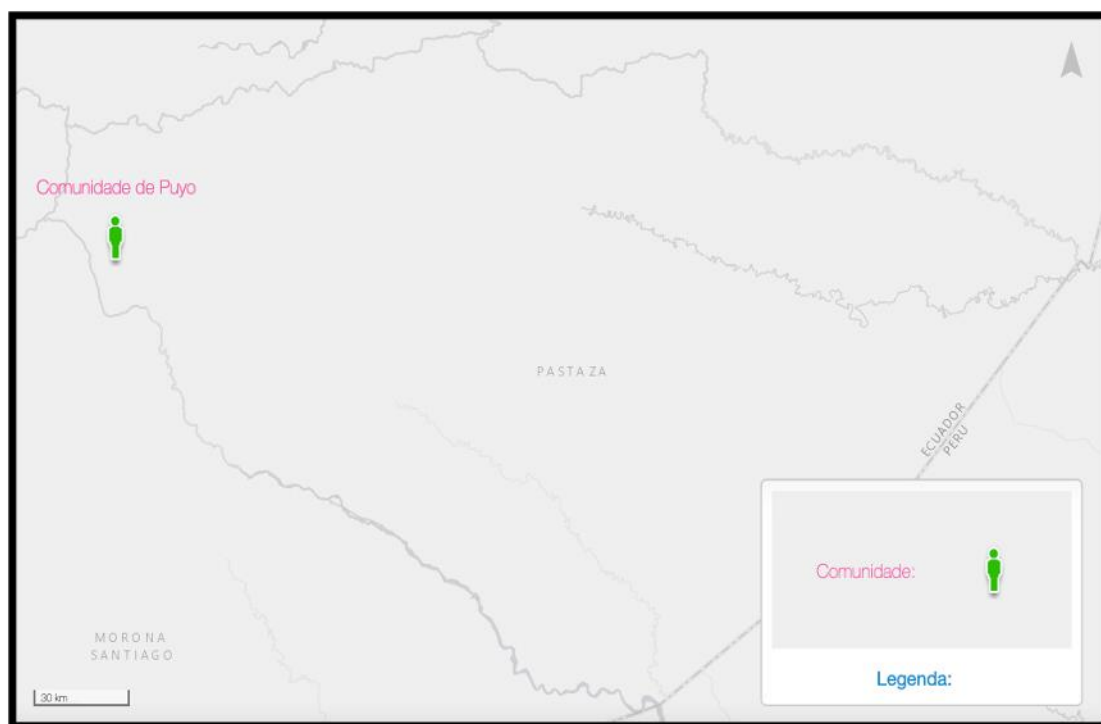
Consultado <<http://artescenicass.uclm.es/index.php?sec=obras&id=962>> [12.07.2018]

minha opinião pessoal, mas sim fazendo um recordatório de coisas que passaram, talvez você tenha algum questionário, gostaria de ir em ordem, já que estas histórias são grandes e complexas e poderíamos falar muitas horas” Pablo Ortiz (2018).

Sendo assim, resolvi seguir com o questionário mas logo à primeira pergunta a conversa tomou um rumo professoral no seu sentido mais genuíno, característico daquelas pessoas que possuem uma verve narrativa e que conseguem expor uma história de modo a nos prender, levando o ouvinte a participar daqueles processos, aparentemente distantes, contudo, com conflitos que perpetuam até os dias atuais.

Pablo Ortiz (2018) Quito: 14 de fevereiro, narrou a história de quem viveu a realidade e se reconhece nas lutas indígenas, em seus avanços e recuos, os muitos anos que trabalhou em Pastaza, o fez experienciar muitas coisas, recuar alguns pontos, radicalizar outros “Onde trabalhei, em Pastaza, há uma necessidade resolver diferentes problemas locais, saúde, educação, não se pode entrar ali com um discurso muito idealizado.”

Mapa 4 Pastaza e a localidade de Puyo



Fonte – Elaboração da autora (Santos, 2019) por meio do Software
<<https://mapmaker.nationalgeographic.org>>

Nos trabalhos de Pablo Ortiz, que tive contato antes da realização da entrevista, percebi algo sempre presente nos textos, a necessidade de pontuar que há muitas <Amazônias> e é que era extremamente complicado entender todas as suas diversidades,

que vão além da heterogeneidade geológica, climática e ecológica e temos que ter em conta os 500 anos de genocídio praticado contra estes povos (Ortiz, 2006). Grande parte dos conflitos que envolvem a Amazônia perpassam por questões extrativas, os usos dos recursos, além de questões estruturais características deste capitalismo colonial, ou seja, empobrecimento da população, conflitos internos fomentados por indústrias com interesse em obter controle sobre determinados territórios, etnocídio³¹¹ (Culma, 2014; Ortiz (2006).

Na chegada à cidade de Puyo, que fica cerca de 4 horas de Quito, instalei-me na casa de um jovem comunitário³¹² que de forma bastante gentil concedeu-me abrigo para ficar ali por duas noites, quando cheguei à sua casa percebi que suas condições de moradia eram muito precárias, conheço a pobreza urbana, mas nunca havia conhecido a pobreza Amazônica, meu amigo, com seus trinta anos se declarava mestiço, por entender que já não praticava mais os rituais da cultura indígena, vivia ali em uma sala que era ocupada por

³¹¹ No trabalho de Culma (2009:38) menciona-se um trabalho realizado em 1993 pela União de Promotores de Saúde que concluiu um número em torno de 43% da população infantil que possuía, naquele período, altos índices de desnutrição, as mulheres bebiam água de fontes que cercavam as instalações petrolíferas em 200 metros e isto ocasionou problemas epidérmicos, casos de anemia, infeções urinárias que só puderem ser verificadas com precisão dez anos depois, em 2003. Em outro trabalho de mestrado analisado por Etchart (2011: 26-60) especificamente na comunidade de Dayuma e por meio da “maldição da abundância” conceito comum e usado em muitos países que possuem uma grande diversidade natural e continuam vivenciando a extrema pobreza, Etchart (2011) analisa as enfermidades causadas pela proximidade das explorações petrolíferas, segunda a autora, esta comunidade foi duramente afetada pelo abandono do Estado, tanto para os colonos que inicialmente migraram buscando terras para cultivar, mas que logo, tiveram que buscar emprego nas empresas terceirizadas pelas petroleiras, por meio de contratos ocasionais, sem benefícios, com trabalhos pesados e pouco remunerados, bem como os indígenas que fizeram o mesmo tentando também manter sua tradição de cultivo já bastante empobrecida devido a terra contaminada pelo extrativismo. Também é importante mencionar que o abandono do Estado em Dayuma levou esta comunidade a ausência de serviços básicos, como o acesso água potável que estava indisponível até o ano 2005, havia pouca eletrificação e este estava mais próximo a zona petrolífera, havia também uma combustão continua de gases nas estações de processamento que tornava o ar poluído e as enfermidades muitos mais constante. Soma-se a isto a chuva ácida proveniente da própria contaminação do ar que deixava o solo ainda mais infértil (Etchart, 2011). As forças armadas foram alocadas para proteger os interesses das petroleiras e os relatos de humilhação e de violência com a comunidade não são incomuns. A dissertação de mestrado aponta elementos importantes do como o Estado em conjunto com as petroleiras que exploravam aquela região criaram uma verdadeira teia burocrática de modo a impedir os mecanismos legais de obtenção de indenizações ou possíveis proteções aos afetados sejam colonos ou indígenas, Dayuma também conhecida por “Quilometro 40” devido aos colonos que Loja e Manabi que acabaram por migrar na tentativa de encontrar riquezas, seguiram o caminho das petroleiras, era uma esperança para eles. Após vinte anos a população aumentou consideravelmente e decaiu no que tange acessos mínimos já mencionados como água, eletrificação, saneamento básico e vivendas dignas e como ocorreu na maioria das comunidades do norte da Amazônia, Dayuma é economicamente dependente do petróleo, os pequenos comércios que foram ali se instalando, junto com o posto de saúde e a igreja se deu após a instalação das petroleiras, a maioria da pessoas por ali se aproveitam de algum modo dos resquícios deixado pelas empresas mesmo com bares e lugares para comer para aqueles/as que ali trabalham, os chamados Dayumenos vivem uma história de abandono e contaminação transpassadas pela violência estrutural, que significa aquela organização econômica e política que impõem condições de mortalidade, mobilidade, sofrimento psíquico, morbidade, além de condições extremamente precárias de vida, compreendida no seu âmbito total da vida, o que significa dizer que não violência singulares, mas sim de uma história que perpassa de uma geração a outra (Etchart, 2011:26).

³¹² Neste caso em específico optei por manter o jovem no anonimato visto que a estadia não estava prevista na pesquisa, tampouco, nossa conversa, desta forma, não seria pertinente sua exposição.

suas duas tias que trabalhavam com costura, havia um quarto para sua avó e acima da casa, em uma construção mal feita de madeira, estava o seu quarto com um banheiro, tudo era extremamente sujo, fétido e velho, sem eletricidade na casa de banho, sem água potável, havia internet por meio de um satélite, como mencionei anteriormente aquilo não era novo para mim, reconheço as condições de pobreza extrema.

Embora muitos entendam como cultural, ora erroneamente, ora de forma extremamente oportunista, que as condições de vida das comunidades indígenas são uma forma de vida diferente aproximando-se do exótico, isto não é verdade, estas comunidades foram se alterando, com o colonialismo e suas várias facetas de intervenção, com as modificações do seu meio social e de vida. Nosso subdesenvolvimento é produto do desenvolvimento, neste sentido, aos estudiosos que se colocam no mundo empírico é necessário buscar as conexões entre as nossas *ausências* e dependências, saindo do fetichismo e da culpa histórica, se buscamos as *emergências* este é o primeiro desafio, daí a superação.

Falante do quéchua e do espanhol, conhecedor de toda área do entorno de sua casa que fica na borda amazônica, o jovem comunitário ocupava seu tempo guiando turistas curiosos em meio as grutas e a belíssima natureza local, assim ganhava seu dinheiro, perguntei se tinha vontade de viver em outro lugar e conhecer o mundo, a resposta foi a esperada “não, porque aqui já conheço toda a gente, me sinto em casa” após dois dias me alimentando de bananas e tomate, somente o que tínhamos para comer e que foi igualmente dividido entre nós conheci a “abuela”, que foi muito simpática comigo queria saber da minha vida no Brasil, pensei que minha vida no Brasil não era muito diferente daquela e que me reconhecia ali também nos rincões amazônicos, éramos parecidos em alguns aspectos, nas ausências que a vida nos impunha, mesmo dentre os indígenas havia uma confusão étnica, a mesma existente entre todos nós (colonizados) por vezes sabemos nossas origens mas não conseguimos nos enquadrar na sociedade posta, somos sempre alguém de fora, seja pela, cor, pela etnia, pela pobreza, compreendia em essência o que ali vivenciei. Mariátegui (1928) tentou ler na nossa sociedade, a leitura de classe faz diferença entre nós e é a relação destas diferenças nos lugares, a resposta dada pelo meu amigo comunitário foi a mesma que costume ouvir na Cidade São Jorge³¹³, mesmo meus irmãos e amigos, convivendo com a violência, o genocídio, o racismo e as ausências materiais,

³¹³ Periferia onde vivi até quatro anos atrás.

aquele é o nosso lugar e aqui não se trata de uma escolha pelo ruim, ao contrário, é a familiaridade, a solidariedade criada a partir da falta.

Tal como afirmou Mariátegui (1928) a nossa solução não será filantrópica e, ao ignorar os problemas econômicos e sociais, nos tornamos obscurantistas. Contudo, a história caminha a nosso favor aquilo que chamam questão indígena, questão racial, para nós é gênese e todos os equívocos analíticos realizados, apagados desde que o regime de acumulação se altere minimamente (Mariátegui, 1928:54).

Já não admitimos mitificação da nossa realidade, por isto, foram dias perturbadores, voltei a mim diversas vezes e eu estava ali na condição de investigadora, mas, ao mesmo tempo, esta condição é inseparável da minha situação no mundo. Tal como Florestan³¹⁴ (1991) os processos históricos precisam ser aceitos em sua condição objetiva. O ser socióloga, investigadora, não me permite moldar a sociedade de acordo com meus anseios, ideologias ou o que desejo. Quanto *reinventamos a emancipação* também pavimentamos caminhos para que todos/as possam conquistar sua emancipação e escolher seus rumos.

Sempre me senti uma autêntica condenada da terra, quando cheguei à Portugal tinha medo de falar com as pessoas, por outro lado, me vejo naqueles/as que se parecem comigo ou que de alguma forma me fazem rememorar aquela condição da qual ainda não saí completamente, as raízes que nos prendem são estruturais e não apenas geográficas. Neste sentido, sou consciente dos problemas metodológicos que guiam minha investigação, por vezes encaro como um não problema, não olhar para o próprio umbigo não deveria ser considerado exatamente um problema.

Assim sendo, optei por não fazer registros fotográficos deste ambiente em que estive, são pessoas e não um objeto de pesquisa. Pessoas que me acolheram com o melhor que possuíam, o jovem comunitário³¹⁵ me deu sua cama, só pessoas que se enxergam umas nas outras fazem isto, a sua cama era simples, tudo era muito simples, dormi ali com pulgas ouvindo o barulho das chuvas torrenciais típicas do clima equatorial amazônico, as vezes acordava assustada a casa parecia cair, mas não aconteceu.

³¹⁴ Entrevista concedida a Revista Teoria e Debate em 1991 disponível em <<https://teoriaedebate.org.br/1991/01/20/florestan-fernandes/>> 12.05.2019

³¹⁵ Optei por manter o nome em anonimato.

Imagem 2 Terraço de uma morada em Puyo



Fonte – Acervo Pessoal da Autora (Santos, 2018)

Em Puyo também participei do Conselho Ampliado, foram dois junto com as lideranças indígenas que não vivem por ali, reconhecem-se como indígenas, porém vivem em lugares onde possam participar das reuniões que acontecem em quase todos os dias da semana. Também se organizam politicamente para negociar e mesmo enfrentar as medidas do governo. Segundo o antropólogo Narváez, Roberto (2018) Quito, 02 de fevereiro

No coração do Yasuní existem duas visões, a visão ambiental de não afetar o meio ambiente e a visão dos indígenas que fazem o que lhes dá vontade fazer e muitas vezes acabam por concessionar às petroleiras ³¹⁶.

³¹⁶ Neste momento a entrevista foi interrompida por um jornalista amigo de Narváez, aviso que estava ambos estão a ser gravados noto que confiam em mim e por isto escrevi esta nota, me mostraram fotos de um ingresso que fizeram em uma comunidade isolada em 2013, contam-me do ataque entre comunidades, nesta situação um madeireiro foi morto, evito fazer perguntas apenas ouço e atento aos detalhes daquela realidade

Na entrevista com Ortiz (2018) que trabalhou mais de 20 anos em Pastaza, tratamos do histórico da esquerda no Equador até a mudança de postura do Correa e sua aproximação na elaboração do Projeto Yasuní ITT debate basilar desta tese. Em uma das conversas mais frutíferas que tive desde a chegada ao Equador, Pablo Ortiz retomou o tema da história nacional e da discussão realizada a partir da esquerda no Equador. Este caráter nacional na América Latina, muito embora, em alguns momentos tenha se mostrado como algo ultrapassado, a realidade demonstrou sua centralidade em um processo que não engendrou sua própria elaboração, muitas coisas foram elaboradas pelos mais diversos autores e autoras, contudo o abandono desta temática causou e ainda causa muitos desencontros.

Vasconcellos (2015:61) retomando a *iracúndia* das ciências sociais, afirma que não existem duas economias e muito do que foi desenvolvido pela sociologia acadêmica, principalmente no Brasil, porém outros países da América Latina não fogem à regra, é pensar o desenvolvimento como seu mote inicial, ou por meio do liberalismo³¹⁷ ou do desenvolvimento por etapas típico do marxismo dogmático. A noção de <<atraso>> criada para servirmos de base ao crescimento do mercado mundial segue sendo um bloqueio a dimensão real da nossa valia, assim recuperarei no próximo ponto esta formulação com vistas repensar aquilo que parece hostil, como motor das nossas antinomias. Tal como a natureza dos trópicos foi assimilada como “atraso” hoje é exotificada por muitos e poucos revelam o potencial de riqueza que é viver contrastes geográficos (Vasconcellos, 2017).

6.2 Saberes e conflitos desde Yasuní

O nosso <<atraso>> está posto a partir do que, em relação ao que? É preciso “simultaneizar” as lógicas metropolitanas e coloniais, deste ângulo, as *Epistemologias do Sul* só se concretizam quando são verdadeiramente assumidas enquanto tal, não como um conceito aplicável, mas como realização daquilo que nossos pensadores não concluíram ou foram equivocados, nossos deslizes em nos ver apenas a partir do centro. Quando Chasin (2000) trata da particularidade do capitalismo latino americano e dos limites políticos impostos por esta *via colonial*, é exatamente disto que se trata, buscar uma anatomia própria, capaz de demonstrar nossos limites internos/externos incapazes em barrar e evitar

de morte que é comum a mim, mas não daquela maneira. Roberto e seu amigo (que pede para não ser identificado) conversam acerca do ataque e de um documentário que estavam a preparar.

³¹⁷ Exemplo da CEPAL e seus discípulos.

armadilhas. Para além da formulação subdesenvolvimento e desenvolvimento como revelou Vânia Bambirra (2015) a dependência é uma questão dialética, desenvolvendo um tipologia que nos permitisse olhar a América Latina por meio de uma *industrialização tardia* que quanto mais tardia, mais violenta, fato que deu o suporte para que Fernando Henrique Cardoso e Faletto (1970) abrissem espaço para o desenvolvimento que se realizaria como cópia dos países centrais, por etapas³¹⁸ dentro da teoria da dependência Theotônio dos Santos, Vânia Bambirra e Ruy Mauro Marini podem ser considerados os mais radicais onde estiveram muitos outros cientistas, os antecedentes históricos demonstrados a partir do Pós Guerra Fria apresentados por Theotônio (1998) são bastante pertinentes

Esta era uma estratégia de confrontação global com a URSS e seus possíveis aliados, estabelecida pelos EE. UU e pela Inglaterra e baseada na doutrina da “contenção” de uma suposta expansão soviética. De fato, a guerra fria foi implantada pelos EE. UU, para consolidar sua hegemonia sobre o chamado Mundo Ocidental. Seus efeitos foram, contudo, extremamente negativos para a URSS e os demais países que implantaram economias e Estados socialistas. Acossados por forças materiais e ideológicas extremamente superiores, tentaram apresentar suas experiências históricas de transição ao socialismo como modelos de uma sociedade, uma economia e um mundo cultural post-capitalista: Modelos rígidos que tentavam transformar em leis gerais da evolução histórica as limitadas e localizadas soluções institucionais a que recorreram, muitas vezes improvisadamente (Santos 1998, 07).

Desta composição surgem Estados Nacionais juridicamente soberanos, na América Latina apesar de Estados independentes, pretendiam também uma independência real das pressões políticas. A ideia foi a de que precisávamos propor teorias que acompanhassem a modernidade, ou seja, aquilo que ficou conhecido como tal, aludindo aos países desenvolvidos, elevar os tradicionais aos comportamentos universalistas (dos Santos, 1998). Rostov³¹⁹, por exemplo, em 1961 definiu todas as sociedades pré-capitalistas como tradicionais, ou seja, tudo que foi considerando distante do mundo moderno capitalista seria o barbarismo. Nos regimes de transição socialista não existia uma classe operária capaz de conduzir um processo político deste porte, na realidade existiam na convivência do moderno e do arcaico³²⁰ nesta disputa venceu a hegemonia estalinista frente ao marxismo de origem na negação hegeliana, este modelo estalinista tinha como base o crescimento econômico pautado na industrialização como afirmou Santos (1998)

³¹⁸ Ver Traspadini, 2016

³¹⁹ Apud dos Santos, 1998

³²⁰ Chasin 2000, Cotrim, 2000; Marini, 2014; Cueva, 2016

(...) crescimento econômico sustentado na industrialização de base e só secundariamente na indústria de bens de consumo; partido único ou coligação de partidos democráticos populares controlados pelo Partido Comunista para conduzir as transformações revolucionárias; reforma agrária e distribuição de renda que assegurasse maior igualdade social; cultura popular que valorizasse o folclore, as manifestações do trabalho e a construção do socialismo (dos Santos, 1998:14).

Entretanto, estas condições da chamada “democracia popular” eram inexistentes nos países considerados subdesenvolvidos, logo, deveriam completar sua revolução burguesa, houve uma ruptura com este pensamento em alguns países como foi o caso de Cuba, China, Vietnam e Coreia do Norte abriram um campo de discussão dentro do marxismo (Cueva,1987, dos Santos, 1998). Houve uma tentativa de “destalinização” em alguns lugares e muitos dos grupos e estudiosos tentaram transformar as experiências históricas em espécies de modelos, o questionamento foi sempre entorno da compreensão do “atraso” das colônias que, após a segunda Guerra, possuíam mais força na tentativa de consolidar suas independências. Todo este emaranho de teses foi mencionado durante a entrevista com Pablo Ortiz (2018)

Na América Latina o impacto da Revolução Cubana sempre esteve associado a história da esquerda no Equador, nos seus encontros e desencontros houveram muitas discussões dentro dos movimentos e partidos, segundo os parâmetros da representação da Revolução, desde Stalin se tinha uma linha dogmática, uma adição mecanicista, uma raiz marxista. E tudo discutível, se não é dialético não é marxista, surgem outras vertentes, novas esquerdas gente muito dogmática, o tema maoísta também surge com força aqui – um pouco raso, mas muito parecido com o que se passou no Peru, com o que se passou com Sendero, foi bastante similar. Há uma linha anarquista, uma corrente pequena, não muito visível, pouco publicitada e organicamente pequena.

Pablo Ortiz (2018) Quito: 14 de fevereiro, exprimiu o que foi este cenário confuso na compreensão do nosso caráter colonial dentro de uma perspectiva de mudança à esquerda, em outros países, dada suas especificidades, não foi diferente, os partidos diluíram-se, muitos intelectuais sérios foram ostracizados pela ditadura e juntamente com este movimento histórico, seus pensamentos. Pablo Ortiz (2018) Quito: 14 de fevereiro, resgatou a questão da Plurinacionalidade no Equador imersa neste debate, rememorando as teses da CONAIE quando o movimento surge, segundo ele “a partir de alguns intelectuais e de movimentos indígenas no final dos anos 70 e 80 e em 1986 a CONAIE surge como resultado da confluência de organizações locais”.

Além disto, todo o desenvolvimento do Equador foi pautado no ideário “desenvolvimentista” que, a depender da década analisada, é possível verificar alguma melhoria para a população. Porém, nada que pudesse lhes assegurar uma mudança radical e

o mais notório deste imbróglio é o fato do país se manter dependente dos mesmos recursos até os dias atuais. A dependência ao petróleo trouxe mais expressões negativas que positivas ao país, Corrêa tentou dar voz a todos sem escutar ninguém. Por outro lado, Davidov (2012) argumenta que, embora a Iniciativa ITT pudesse ser considerada subversiva, não foi um plano radical e nem poderia ser considerada. A autora considera que foi realizado uma espécie de “vitimização do Equador” um posicionamento estratégico para garantir credibilidade nacional e internacional e isto ofusca todo caminho percorrido de um capitalismo de Estado, com base no extrativismo que seguiu se desenvolvendo (Davidov, 2012).

No PNUD³²¹ não havia menção a proposta que possibilitasse perceber como os investimentos ocorreriam (Nguyen et al, 2013). Entre os países que aceitaram apoiar a iniciativa, Itália e Espanha se mostraram apoiadores da decisão, porém, o apoio da Alemanha era o mais esperado devido a sua representação na Europa, inicialmente o governo alemão apoiou a proposta pagando um valor de 66,5 milhões de dólares, porém ao longo de 13 anos nunca foi efetivamente assinada (Martin, 2011: Arsel & Angel, 2012: Nguyen et al:2013). Embora os países do Norte tenham sido a maioria no apoio a ITT, pessoas anônimas resolveram apoiar, bem como celebridades, ONGs, e até mesmo OPEP (Nguyen et al, 2013).

É interessante analisar como a história dos países colonizados se encontram em diversos pontos, no Equador também houve a construção de uma ideia de nação, bem como no Brasil a ideia de um povo “mestiço” ou miscigenado em português-brasileiro, no trabalho de Bonilla (1998) há diversos debates sobre como a ideia de “ecuatorianidad³²²” foi construída para pensar “nação” em um país onde se fazia nítida a “plurinacionalidade”. Muitos autores trabalharam esta questão³²³ algo que foi mencionado na entrevista com Pablo Ortiz (2018) Quito: 14 de fevereiro,

Isto tem uma história grande do como foi pensado o tema nacional primeiro, desde a esquerda e desde aí vamos com todo debate da chamada questão nacional, que é um velho debate da via nacional, via internacional, todos estes velhos debates que encontram também em Brasil, em Argentina no Peru com de la Torre e Mariátegui com seu famoso debate em Chile igual então é claro é um velho debate e tem uma versão equatoriana.

A década de 1990 foi o período em que o debate acerca do reconhecimento das nacionalidades emergiu e desde aí até 2008 há um grande processo de lutas que derrocam

³²¹ PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

³²² Grifo do autor

³²³ Ianni, 1987; Ribeiro,1988; Santos, 2010

na Constituição aprovada em 2008 (Culma, 2014). Na entrevista com Pablo Ortiz (2018) Quito: 14 de fevereiro, este momento foi explicitado

A CONAIE surge de um processo de pelo menos 20 anos, não é a única entidade é isto é um dado importante, há duas organizações muito mais antigas que a CONAIE, que é a FEI que vem de uma história antiga dos anos 30 e 40 na época em que se expandiu e criou o Partido Comunista no Equador e que teve como base as entidades cooperativas e os sindicatos agrários isto é um antecedente importante. Esta união de sindicatos e cooperativas indígenas e estavam muito vinculados ao partido marxista (anos 30 e 40) e na criação destas organizações que cumprem um papel importante pela reforma agrária. Eles não reivindicavam direitos afro equatorianos específicos e nem indígenas, não eram temas étnicos eram temas de classe - digamos que um esclarecimento e isto está presente em todas discussões etnia e classe. A matriz organizativa dos sindicatos se desloca para áreas que não possuem esta realidade. O modelo de organização indígena, a matriz organizativa, a arquitetura se traslada ao rural em contextos diferentes, um conselho diretivo, a figura de um secretário, tesoureiro, assembleia, se isto é democrático vertical eu não sei porque os indígenas com os quais trabalhei diziam que o modelo nunca foi deles, afirmavam que para que o Estado nos reconhecesse tivemos que assumir estas formas³²⁴. O tema da comunidade e do comunitário não estava aclarado entre os indígenas. A outra entidade é a Confederação Nacional de Organizações Indígenas, Campesinas e Negras³²⁵ (FENOCIN) originária da Federação Nacional de Camponeses (FENOC) - versão rural da Confederação Equatoriana de Trabalhadores Católicos CEDOC³²⁶ - a outra é a FENOCIN (FENOC – versão rural da CEDOC parte de

³²⁴ Neste momento da entrevista o Prof. Pablo Ortiz menciona que naquela Universidade havia *um trabalho de um aluno dirigente indígena, e ele analisa as Comunidades San Pablo Urco, em Cayambe, o fracasso deste modelo cooperativo, contraditório, um cooperativo que não é mesmo de um modelo comunitário andino, uma diferença de racionalidades onde tema do comunitário dos povos andinos não estavam compreendidos.*

³²⁵ A Confederação Nacional de Organizações Indígenas, Campesinas e Negras (FENOCIN) nasceu em Quito em meados dos anos 60 com uma composição majoritária de indígenas e camponeses. Em um congresso realizado em 1965 a Federação de trabalhadores agropecuários (FETAP) teve um grande aumento de afiliações em decorrência disto se criou a Federação Nacional de Camponeses (FENOC) que pensava ir mais além das lutas pela reforma agrária devido ao empobrecimento da população neste período a FENOC continua crescendo e em 1988 reconhece a o caráter indígena no interior da organização e logo se inclui o “I” passando a chamar FENOC-I e nesta sequência em fevereiro de 1997 inclui-se também o “N” reconhecendo o caráter pluriétnico do país composto também por camponeses, indígenas e afro equatorianos e em 1999 FENOCIN passar a ser o a sigla final que reúne os povos equatorianos neste frente de luta. Informações retiradas do site institucional da Confederação Nacional de Organizações Indígenas, Campesinas e Negras – FENOCIN disponível em <<http://www.fenocin.org/>> consultado a [20.03.2018].

³²⁶ A Confederação Equatoriana de Trabalhadores Católicos (CEDOC) possui uma história relevante que merece este nota, foi criada em 1906 com origem nos Grêmios de Quito e Guayaquil, em 1930 quando o mundo se dividiu na suposta Guerra Fria - que não possuía nada de fria – que separava os comunistas dos capitalistas o Equador não estava a parte deste contexto e fundam a primeira organização de trabalhadores que passa a reunir também artesãos em que todos possuíam uma forte teor do cristianismo ligado aos setores mais independentes da Igreja Católica e seu primeiro estatuto teve aprovação no ano de 1938. E suas reivindicações baseavam-se inicialmente em questões legais, por melhorias de direitos laborais, dentro daquilo que já estava regularmente reconhecido. Aos longo do tempo também foram se somando com movimentos estudantis e com os movimentos camponeses da Serra huasipungos, na Costa com a produção de banana e arroz reivindicavam melhores condições salariais e de acesso a terra. Aderem também a este grupo intelectuais de classe média, devido a sua relação com a chamada democracia cristã a Confederação Equatoriana de Trabalhadores Católicos (CEDOC) consegue obter recursos com organizações internacionais. Nos anos 50 e 60 a Federação Equatoriana de Índios realiza uma série de reivindicações e conseguindo muita visibilidade e em 1964 a Confederação Equatoriana de Trabalhadores Católicos (CEDOC) inclui a os camponeses neste processo que começa a ter destaque e desde então se cria a Federação de Trabalhadores Agropecuários (FETAP) que posteriormente se tornará a Federação Nacional de Camponeses (FENOC) já

uma organização gremial impulsionada por trabalhadores católicos e por comunistas ligados a Federação Equatoriana de Índios (FEI) estes cumpriram seu papel até os anos 60 na Reforma Agrária. Em 80 incluem o “IN” cuja sigla representa indígenas e negros (pausa na entrevista) esta mudança é importante destacar porque é uma alteração sintomática atravessada por uma disputa ideológica e política. A democracia cristã se divide entre os mais progressistas e são eles que vão influenciar a Confederação Equatoriana de Trabalhadores Católicas (CEDOC) e depois a Federação Nacional de Camponeses (FENOC) que terá duas tendências – democrata cristã e a comunista (ou de esquerda). A tendência cristã sempre estará aí com presenças provinciais e com um discurso gremial – uma proposta conciliadora com o capital e com o Estado – esta é a tese ideológica deles. Entre os partidos comunistas e socialistas a FENOCIN parece mais controlada ideologicamente pelo partido socialista e passa a ser uma base pela qual se nutrem, é bem orgânica como se pode ver em certas zonas da serra até hoje. As práticas políticas seguem sendo clientelistas há também caudilhos de esquerda locais, este não é um atributo somente da direita ou dos conservadores.

A partir dos levantes de 1991 que a CONFENIAE junto com a CONAIE estabeleceram uma proposta de reconhecimento e autonomia dos povos de Pastaza denominado “*Acuerdo sobre el Derecho Territorial de los Pueblos Kichwa, Shiwiar y achuar de la Provincia de Pastaza a suscribirse con el Estado ecuatoriano*” tal documento fora recebido pelo governo de forma negativa (Ortiz 1995, Culma, 2014). O governo não manifestava qualquer interesse no diálogo com as bases (Culma, 2014).

Pablo Ortiz (2018) Quito: 14 de fevereiro em entrevista realizada no Equador, analisa este primeiro levante como um dos mais elucidativos, porque introduziu vigorosamente “o tema do extrativismo, da autodeterminação dos povos e a questão da territorialidade vigente até os dias atuais e para além disto, não foi um debate apenas de cunho local/nacional em termos gerais possui um caráter latino americano”.

Na entrevista Pablo Ortiz afirmou, que 2008 foi o ano em que o reconhecimento do Estado Plurinacional aparece como uma sorte de ruptura com estas influências externas e que isto não corresponde a história do país e daqueles que promoveram a organização dos seus povos, e isto foi mencionado porque a ideia de plurinacionalidade no Equador surge de intelectuais e figuras internas dentre os indígenas, foi um processo de 20 anos de debates e conflitos que nasceu antes da Confederação de Nacionalidades Indígenas no Equador (CONAIE) (Ortiz, 2018).

mencionada. Quando Rodrigues Lara assume o Equador em 1972 ocorre um Congresso da Confederação Equatoriana de Trabalhadores Católicas (CEDOC) onde o debate se centraliza em construir outra sociedade, rompendo com a sociedade capitalista. O interessante é que inicialmente a Confederação Equatoriana de Trabalhadores Católicas (CEDOC) nasce de um movimento de jovens ligados ao cristianismo conservador e foi ao longo dos anos e do próprio acúmulo de lutas mudando suas ideologias, seu nome e suas relações, como mencionado iniciaram com um debate de reivindicações de cunho legalista, demonstrando ser uma organização que aprendeu com o próprio processo e conforme as lutas foram se intensificando em períodos de crise, suas vertentes de análise e de união com outros grupos foram se alterando (Aviles, 2013; Hurtado, 1974)

(...) A Federação Shuar na Amazônia foram um dos primeiros a falar do tema da plurinacionalidade mais 50 anos sob tutela dos Salesianos, isto influenciou muito a Federação dos Shuar. O discurso ideológico também impactou na conversão destes que eram lidos como caçadores, pessoal da selva foram “convertidos” em camponeses ganhadores de forma errônea, ideologicamente foram transformados em camponeses para que deixassem de manusear suas terras, ao final da década de 1970 os Salesianos se deram conta que estavam provocando uma espécie de etnocídio, facilitando a entrada de grupos colonizadores e para mudar esta situação passaram a fomentar um outro tipo de organização Shuar (com apoio também dos missionários católicos – da Teologia da Libertação) e que perceberam que os Shuar tinham direito a defenderem-se e isto dá um giro na perspectiva histórica deste grupo. Os mesmos Salesianos pararam com seu proselitismo religioso dentro do sacerdócio e junto com os antropólogos começam a estudar os temas indígenas criam o Abya Ayala que é um Centro de Investigação que começa a estudar a cultura Shuar e recuperar a história. Destes projetos bilíngues, sobretudo a Igreja Católica estava muito envolvida com uma reivindicação cultural fixando também na terra e educação. Terra e educação são as bases das organizações mesmo entre os intelectuais indígenas e daqueles que vão pensar o movimento em si e para fora. São estas pessoas, gente com capacidade de falar duas línguas, que possuem oralidade que possuem uma condição particular dentro destes povos. Sobretudo no caso Amazônico, estes povos na zona centro e sul são povos que não haviam tido uma experiência de contato com o Estado Colonial, possuíam um contato distante.

Pablo Ortiz (2018) Quito: 14 de fevereiro, relatou a partir da sua vasta experiência nos trabalhos efetivos em que realizou em Pastaza, as diferentes e complexas influências de ideologias políticas e missionários no país, é possível afirmar que o papel das missões na América Latina como um todo e principalmente no Equador acabaram por ser responsáveis para que a visão do “selvagem” fosse estabelecida em Napo, chegaram por volta de 1922 e anos depois a Shell utilizou os mapas dos missionários para ter acesso as estradas e bem como ao petróleo e as riquezas existentes ali (Culma, 2014). Segundo Pablo Ortiz (2018) Quito: 14 de fevereiro

Na Serra se instala uma fazenda de estruturas – uma relação de domínio e de controle, de opressão total as massas de população. Por exemplo, Pastaza expulsou os missionários em várias ocasiões não teve um padre em quase 100 anos, ali o catolicismo é débil. Em Shuar o controle dos salesianos foi parcial não foi total inclusive por questões logísticas e geográficas, são zonas sem estradas, semanas de viagem não é fácil... o clima ... e tudo não é fácil entrar até para os missionários. Isto explica em parte as figuras que faziam a “gestão” algumas áreas em outras existia o abandono. O Estado teve uma ausência em toda Amazônia, a partir da debilidade de controle missionário, não é raro que exista a ideia de autogoverno o Estado é algo distante para a maioria deles. As urgências e necessidades de resolver diferentes problemas locais, saúde, educação, não se pode entrar ali com um discurso idealizado. Uma serpente te pica e até um ponto a medicina ancestral te ajuda e até um ponto morrem, eles sabem disto desde muito tempo, mesmo em educação tomaram consciência que isto era um direito deles melhorando a qualidade, tendo seu próprio sistema educativo. Estes professores que se educaram a partir da Educação bilíngue intercultural são antecedentes de onde surge a ideia de ser reconhecido desde sua própria língua, sua memória, sua própria existência. Educação bilíngue

intercultural é o antecedente de ser reconhecido por sua própria história, suas crenças, de ser o que são. (...) Borja presidente e advogado não gostou, claro e um dos seus ministros periodistas disse “*eu não posso aceitar, convênios, vocês são parte do Estado equatoriano*” ele reivindicava estado etnocêntrico de integração ao Estado Nação (...) é interessante porque a imprensa fez uma campanha, quase um linchamento mediático aos dirigentes de PRI – irmão Viteri e os Vargas estavam em Cuba buscando a divisão do Equador querem separar a Amazônia – para que o Estado não tenha controle disto impressionante circularam isto onde se acusava a ligação de Borges com Kadafi na Líbia e depois foram perseguidos e teve gente presa e isto não disseram nada na imprensa. (...) E a esquerda de Henrique Ayala Moura do Partido Socialista? este ficou calado e ainda escreveu editoriais contrários à esquerda, contra a OPI dizia que era estalinista tradicional esquerda do Equador, em geral, com estas histórias que mencionamos em alguma medida, não é tão diferente do nacionalismo liberal. Eu digo que quando escuto Henrique Ayala Moura – Partido Socialista quando escuto, percebo que é mais próximo ao nacionalismo liberal do início do século XX - escreveu sobre o tema, depois escreveu um projeto de lei – lei das nacionalidades indígenas - obviamente que não era respaldado por nenhuma destas organizações. Eles estão falando do tema como multiculturalismo uma tese de *sim vamos falar de diversidade cultural, pluriculturalidade* e esta foi a discussão em assembleia, quando veio Boaventura e eu levava um documento que FENOCIN redigido por Ayala Mora ele foi lendo, repassando isto no avião não me disse nada perguntava coisas pontuais – organizamos uma conferência para toda a assembleia (2007) eram umas 500 pessoas que estavam aí, todos os assembleístas e os assessores, Boaventura fez uma crítica profunda ao documento de FENOCIN e a cúpula estava sentada a três metros dele, era formal. Ele começou explicando os constitucionalismos para explicar os temas que ele trabalhou muito e desde aí questionou e como é possível que fundem isto. Esta tese tinha muita influência, em boa parte, dos assembleístas e da imprensa, não era novo, e este discurso era muito compatível com outro discurso também muito forte na América latina do multiculturalismo liberal no fundo está em disputa o sujeito de direito e natureza deste sujeito, que direito? Que sujeito? (...) Fato que motivou a fúria da Ayala Mora – porque são pessoas que tem seus contatos e conseguem atacar, coincidia com a tese do movimento indígena liderado por CONAIE. A tese de CONAIE não eram apenas deles, mas sim de várias correntes de opinião dentro do próprio Alianza País, um bloco de gente que tem histórias, pessoas que tem contato com o movimento indígena, são tramas complexas que formam Alianza País, coalizão de frações de esquerda.

Uma autonomia relativa e de fortalecimento de lutas contra a dominação (Santos: 2018, 306) o conhecimento monumental serve também para impor formas de dominação, logo, pensar acerca destas formas é também uma maneira de abrir possibilidade mudanças ou de própria manutenção dos *status quo*. O debate realizado por grupos de esquerda, chamados vanguardistas, possui um caráter muito impositivo, daqueles/as que querem orientar a população. No caso dos indígenas e amplifico para todos os não indígenas, mas também colonizados a construção da epistemologia ou de saber tem outro sentido, ou ao menos deveria ter, tendo em conta que a colonização permanece entranhada em nossas ideias mais simplórias até as mais complexas que formam o pensamento que se vale da nossa crença na inferioridade que nos foi imputada. A construção do nosso conhecimento se faz de forma diferente daquele que é validado pela ciência ocidental (Santos, 2002: 2006: 2018, Davalos, 2002).

Aqui rechaço qualquer tentativa de romantização dos nossos modos de vida, ao contrário, todo o conhecimento produzido na América Latina parte da nossa realidade, da vida concreta como todo conhecimento é também político ao longo da história, também se tornou objeto de disputa, de controle e de apagamento de forma a barrar qualquer possibilidade de aprender com o passado e refazer um novo caminho.

Ribeiro (1988:16) pensava uma cultura que fosse capaz de dar conta da nossa realidade, uma nova tipologia para a compressão das classes e das estruturas de poder na América Latina e indagava a nossa cultura erudita, feita à criatividade popular mesclando distintas tradições para uma compreensão de nós mesmos, assim propõe uma existência não conveniente ao que é hegemônico. Mesmo, Guerreiro Ramos (1995), o nosso sociólogo, um dos poucos negros acadêmicos do período, já criticava o pensamento universalizante da sociologia acadêmica, que recusava o tempo e espaço histórico. O processo de resistência é doloroso todo o conhecimento produzido deste lado da *linha abissal* que coexistem no Sul, considerando que a forma de dominação hegemônica se impõe de forma global (Santos, 2018).

Apesar de considerar curto tempo que estive no Equador e embora já tenha lido muita coisa sobre a América Latina e suas peculiaridades, tenho algum sentido para afirmar que é muito complexo falar em etnia e minorias, porque a maior parte da América Latina se constituiu historicamente de uma “imensa minoria”, com muitas clivagens. Afirmando isto, não porque o fazer parte de uma “minoria” foi algo inato para nosso povo, ao contrário, o processo colonizador arrancou qualquer possibilidade de nos fazermos como povo altivo e desta feita, muitos de nós ainda só conseguem se ver pelo olhar dos estrangeiros. Na antropologia peruana Degregori (2005: 17) fez um balanço, segundo ele a antropologia peruana já tinha vivido seus melhores tempos

Houve tempo melhores. Filha do indigenismo, a antropologia peruana julgou de alguma forma, na fronteira, com um país que se atrasou um pouco mais no caminho da industrialização por substituição de importações e integração nacional entendida como um processo de homogeneização cultural. Algo semelhante aconteceu em muitos países da América Latina, como o México, para mencionar o exemplo mais notório (Degregori, 2005:18³²⁷).

³²⁷ Tradução livre da autora. No original: Hubo tiempos mejores. Hija del indigenismo, la antropología peruana jugó de alguna manera en pared con un país que emprendía algo tardíamente el camino de la industrialización por sustitución de importaciones y la integración nacional entendida como proceso de homogeneización cultural. Algo semejante sucedió en muchos países de América Latina, como México, por mencionar el ejemplo más notorio.

Degregori (2005:19), apesar das duras palavras, trouxe uma crítica importante ao nosso tempo, mesmo falando de um contexto peruano é possível verificar a incapacidade acadêmica de dar respostas a crise democrática vivida até então, assomando a isto o fato da antropologia constituir-se como uma disciplina andina, rural, das bases e até afastada do Estado, seja este de esquerda ou de direita³²⁸ e conclui apontando que ainda a duras penas a antropologia não formou quadros desde as bases dos movimentos sociais, étnicos, andinos, do campesinato pobre. Dado que, o pensamento eurocêntrico sempre pensou as mudanças orientadas para o futuro, nos países latino americanos o presente sempre esteve posto, já que este urge diariamente, assim sempre foi feito do coletivismo, da ideia de apoio, de redes de cooperação mesmo as pesquisas realizadas na sociologia acabaram sempre por ser pensadas como finalidade no para quem? E porque? temos um viveiro de práticas que brotam das lutas no qual as *Epistemologias do Sul* impõe pensar sobre como tornar visíveis tais contributos (Santos, 2018).

Deste ideário pude estabelecer no Equador uma rede importante de apoio e pesquisa, tanto em Quito como em Cuenca efetivei muitos contatos, conversei com pessoas diversas e conheci realidades distintas desde o universo acadêmico equatoriano até a realidade das comunidades que vivem afastadas dos grandes centros.

Na Universidade de Cuenca, por meio de professores simpáticos ao meu interesse na compreensão da América Latina e, em especial do Equador, fui convidada para integrar o grupo Acompañamiento Organizacional al Desarrollo (Acordes) e em conjunto com outros pesquisadores/as auxiliei na organização do *II Encontro de Alternativas ao Desenvolvimento desde o Sul*³²⁹, o nome me pareceu um tanto desapropriado visto que “alternativas ao desenvolvimento” só pode ser pensada como “não desenvolvimento”, aqui se impõe o que já argumentamos; é necessário pensar outras formas DE desenvolvimento que não sejam estas que conhecemos em termos amplos dentro da ideologia de progresso que tem muito de eurocêntrico e de rebaixamento, de exclusão que são históricas (Santos, 2018). Este debate não é novo, muitas vezes constatei diversas críticas dentro e fora do Equador acerca desta fetichização que ocorre quando se trata do modo de vida das

³²⁸ Degregori assinala o Brasil como um caso diferente neste aspeto, pois o país contou com algum apoio no desenvolvimento da antropologia mesmo em períodos ditatoriais (2005:19).

³²⁹ Grifo nosso.

Tradução livre da autora. No original- II Encuentro de alternativas al desarrollo desde el sur.

Ver informe de imprensa no site. Disponível em

<<https://metallura.weebly.com/noticias/ii-encuentro-de-alternativas-al-desarrollo-desde-el-sur>> [10.07.2019]

comunidades. Por outro lado, sempre atuei em comunidades³³⁰, primeiro na minha, onde vivi e é comum que ocorram trabalhos sérios e outros nem tanto. Este trabalho que sempre realizei dentro da comunidade onde vivia, me permitiu o contato com todos os tipos de literaturas que analisam a importância da produção, como algo, que nos constrói objetivamente dentro das comunidades. A todo momento diversas comunidades no mundo alteram sua gestão e formas de organização, como humanos somos sempre adaptáveis e a sobrevivência nos obriga a permanente transformação. As pessoas se encontram, se articulam entre si, resgatam históricos e lutam, mesmo por meio da violência em suas diversas facetas onde cada oprimido, em cada lugar do mundo tem dentro de si algo que pulsa contra aqueles que os oprime.

6.3 Vos apresento as nossas <iracúndias>

A crise estrutural do capital intrínsecas ao seu processo de constituição toma contornos cada vez mais acentuados ao passo que “viver e sobreviver para o capital tornou-se existir na e através da crise” (Chasin, 2000). Deriva daí a nossa necessidade de buscar constantemente, instrumentos de ação por meio das escolhas analíticas que permeiam a luta dos vários povos. Assim, ainda sabendo que estamos inseridos no sistema econômico por meio da pobreza e da exclusão a problemática se encontra na ausência de condições concretas de transição para *além do capital*, o que torna a projeção nebulosa o <futuro ausente> (Chasin, 2000). Segundo Santos (2007, 2018) temos que pensar além do que nos separa - *linha abissal* - onde não existe a possibilidade de estar em ambos os lados, para aqueles cuja escolha é possível, apesar disso, as ciências sociais modernas conceberam a humanidade como um todo e seus processos específicos históricos são desconsiderados, banalizados, exotificados a partir da forma analítica que tensiona e acaba por regular este sistema. Dado isto, reconhecer os processos históricos colonizadores significa pensar que ainda vigoram, a história é continuidade tal como dizia Mariátegui, ela não segue por etapas, tampouco pode ser pensada como algo mecânica onde todos deveriam chegar à emancipação seguindo determinadas condutas ou receitas fixas (Santos, 2018:2017). Em uma sociedade de classes, são estas as experiências que denotam os conflitos existentes desde o local ao geral, são as classes acontecendo. Tal como Galeano (2010) cuja literatura

³³⁰ Interessante que nunca me passou pela cabeça publicar como artigo científico tais trabalhos práticos realizados, foi em Portugal que uma professora do Porto resolveu compilar alguns materiais que possuía e em conjunto com outros profissionais da educação no Brasil publicamos. Sempre estive com um pé dentro da academia e outro fora, ainda assim não me parecia que tais trabalhos pudessem ser “dignos” de publicações, hoje vejo a importância deste resgate e da troca de experiências.

revelava as dores e o conhecimento, as *Epistemologias do Sul* evocam a necessidade de diálogo intercultural com os povos, exaltando aquilo que nos torna humanos, ou seja, a relação com os demais, cujo objetivo é o de nos salvar coletivamente.

Contudo, os nossos processos não podem ser mensurados pelos trabalhadores europeus, neste processo que é desigual e ao mesmo tempo combinando precisamos colocar a realidade posta de modo a proporcionar um reencontro entre grupos oprimidos, no centro de suas causas, reativando utopias necessárias. Santos (2002) fala da necessidade de “reinventar a emancipação social³³¹” e menciona como objetivo projeto que possam fazer frentes ao neoliberalismo mostrando a partir dos países periféricos selecionados (seis) formas de ação frente a chamada globalização. Santos (2002) se apercebe que a experiência social é muito mais ampla que àquela considerada importante pela tradição ocidental, a resposta para este questionamento está imbuída no colonialismo e a forma como nos enxergam. Como afirmou Maeso (2010) em seu artigo acerca de uma comunidade em Quito, o discurso Europeu de modernidade sempre se colocou de forma dual *sociedade versus comunidade*³³², tal forma de pensar se reproduz internamente e os indígenas sempre são visto como o “vir a ser”, o cidadão que está em processo. Este enleio também dificulta o processo de integração nacional e a forma como a população se vê, os dominantes sempre foram um grupo minoritário que envia as nossas riquezas para fora, acreditam que o *lucrismo* poderá resolver os problemas do povo (Vasconcellos, 2015). Como afirma Rodrigues et al (2018:06)

E os povos e comunidades tradicionais, a partir do trabalho, produzem cultura, valores, saberes, habilidades, conhecimentos e atitudes, que precisam ser compreendidos em seus contextos históricos, mas numa relação de totalidade com outras experiências de existência humana, no sentido de compreenderem as singularidades que as tornam distintas, assim como as universalidades que as aproximam e as constituem como classe e que permitem a homens e mulheres buscarem condições que lhes assegurem a própria vida, em oposição ao modo de produção capitalista que promove a barbárie (Rodrigues et al 2018:06).

São os trabalhadores nas suas várias formas de organização e produção da vida, que nos fornecem elementos para pensar outras formas de relações sociais, mais justas. Ribeiro et al (2018) organizou um compilado de diversos trabalhos realizados com comunidades ribeirinhas no Brasil Amazônico, no Equador, no Moçambique, trabalho este, que, de alguma forma, se encontram como tentativas de reconhecimento daqueles

³³¹ Grifo do autor.

³³² Grifo nosso

conhecimentos produzidos, bem como das suas contradições. O Acompanhamento Organizacional al Desarrollo (Acordes), para além de ser um trabalho de extensão da própria Universidade de Cuenca, incorporava os resultados de uma tese de doutorado de um dos professores pertencentes ao grupo Acordes. O investigador Astudillo (2018) que me subsidiou neste processo de compreensão da realidade das comunidades propôs em sua tese o conceito de “ecologia de saberes” (Santos, 2002) e bem como das “metodologias participativas” (Villasante, 2014) explicitando outros modos de vida pautados na premissa do Buen Vivir compreendida nas comunidades que o investigador viveu, os quais também pude ter acesso. Assim, pude conhecer as comunidades e convidá-los a participar de um encontro que objetivava potencializar as experiências entre eles. Estas comunidades atuam em conjunto com a Universidade, como parceiras em diversos projetos, foram três finais de semana cerca de dois dias em cada comunidade para explicar o evento e saber quais seriam os procedimentos internos para o aceite ou a recusa. Como existia divergência entre os organizadores do encontro na forma de entender os diferentes modos de vida praticados pela comunidade, no diário de campo preferi anotar minhas impressões e não estabeleci uma metodologia de entrevistas com os participantes do encontro, porque este aporte da pesquisa foi um aprofundamento que não estava previsto inicialmente. Bem como não pretendia que o trabalho de campo se estendesse a outras comunidades que não àquelas diretamente atingidas pelas políticas relacionadas ao petróleo. Talvez aqui apareça meu limite enquanto socióloga, não foi possível realizar um recorte fixo entre os grupos atingidos, sendo o que Equador, um país cuja economia é pautada da exploração de recursos, todos são atingidos diretamente ou indiretamente. O que significa dizer que mesmo aqueles/as que não estão diretamente nas terras ocupadas, atuam de alguma maneira para a perpetuação ou formas de resistências contra a exploração e sua continuidade. Optei por descrever todas as experiências que considere capazes de demonstrar a complexidade equatoriana visível também na regionalização, por outro lado, entendo os limites da generalização de questões específicas.

Isto significa que a partir dos limites e possibilidades que observei, relatei de modo entender as questões postas em cada realidade, sendo a observação a inscrição posta, não realizei entrevistas com os membros somente conversas, que devido a pertinência poderão ou não ser utilizadas, evitarei fazer transcrições literais, porque estava na condição de apoiante de um projeto. Obviamente que ao afirmar isto, não estou dizendo que sou um ser cindido, mas sim que é possível escolher a forma como ser estar no espaço, ao

contrário, é justamente por compreender e assumir um pensamento descolonizador, considerando que aquele não é o “meu espaço” fiz esta opção. (Santos, 2018).

Tal como Freire (1997) apontou na importância de uma <pedagogia dialógica> neste trabalho esta pedagogia ocorreu por meio da troca de saberes, de experiências e de luta. Para além disto, os coordenadores do projeto Acordes já tinham uma pesquisa em andamento, muito embora as pesquisas qualitativas se baseiam na valorização dos micros processos, são fenômenos que se reproduzem em sua complexidade, porém não é tarefa simples de reproduzi-los isoladamente ou colocá-los sob controle para estudo (Martins, 2004). Por outro lado, como afirma Da Matta (1991), não é possível eximir-se da nossa posição enquanto investigador, no caso investigadora, tem-se uma história, uma posição e até pré-conceitos que acabam de alguma forma por ser reproduzidos na pesquisa³³³. Como afirmou Burawoy (2014)

O ensino é a pesquisa por outros meios. Ensinar não é como encher vasos vazios com conhecimento útil; é um diálogo de autorrealização, tanto do mestre como do aluno. Ensinar é uma forma de observação participante – um processo de aprender o que significa ser um sociólogo (Burawoy, 2014:33)

Assim sendo, cabe ao investigador buscar elos que possam conectar tais micro processos com a totalidade dos processos e desta forma a inteireza, logo não se costuma seguir uma padrão prático, ao contrário, tentamos buscar uma variedade de material o que exige uma atenção ainda maior da pesquisadora no que tange ao trabalho analítico, teórico e capacidade criativa e de intuição sociológica (Martins, 2002). Martins (2002: 292) enfatiza que intuição não se trata de um “dom”, ou algo mágico místico, mas sim uma capacidade sociológica dada a partir da experiência com dados e análises. Isto é que o chamo de criatividade popular, típica dos sociólogos/as que trabalharam teoricamente na prática, isto é, trabalhando teoricamente quantitativamente e qualitativamente, é o que nos dá minimamente uma organização mais completa da realidade. Não se trata de uma simples exposição de dados ou de descrição dos fatos, mas sim uma capacidade única de ir além e enxergar a árvore no meio de uma floresta aparentemente igual.

Saliento assim, que o trabalho integra grupos de relações emaranhadas entre investigador e investigado, tal como propôs da Da Matta (1991). Por outro lado, compartilhamos do mesmo mundo de experiências, aí reside beleza dos trabalhos de campo deste tipo, ainda que tenhamos símbolos diferentes somos aproximados em diversos

³³³ Assim como Da Matta (1991) exclui-se aqui as metodologias de pesquisa que entendem o trabalho investigativo como possivelmente neutro.

outros aspectos e por vezes, a lacuna existente entre pesquisado e o pesquisador coloca em xeque muitos dos nossos pensamentos que antecedem o campo e nos permite, aprender, rever, avançar e até retroceder quando necessário.

É importante salientar aquilo que Santos (2018) chama de <experienciar a profundidade> dos sentidos já que são as estas dimensões que nos permite aprender para transformar. Demonstrando aquilo que aparentemente não é visível, mais que ali está, uma visão total que materializa a diversidade. A sociologia <sentipensante> para América Latina tal como dizia Fals Borda (2015:10) onde o homem <hicotea> sabe resistir e superar os revezes da vida, combinando diversos aspetos coletivos, do sentimento e do coração. A analogia a “hicotea”, uma tartaruga tem uma profundidade de pensamento, uma casca dura que nos coloca sempre na condição de vida e sofrimento, entender seriamente que todo conhecimento é também corporizado (Santos, 2018).

A densidade das obras de Santos (2005, 2006, 2018) reúne uma série de elementos que diferencia o Norte do Sul, a partir da percepção das *ausências* dentro do pensar sociológico, este que só faz quando também é prática. Em sua obra mais recente propõe conceito de *corazonar* permitindo pensar o que está posto com uma responsabilidade, um engajamento do pesquisador, no caso pesquisadora, que só pode desenvolver-se quando nos colocamos como sujeito de si e de nossa ação no mundo, ou seja, quando pretendemos “minimizar a assimetria e maximizar a simetria” potencializando o que já existe (Santos, 2018: 277-279). Lendo seus textos (re)conheço profundamente o que diz, uma capacidade de resignação constante, combinada com uma criatividade popular. Com base nesta premissa realizei uma série de observações e conversas com membros das comunidades, partindo da ideia que quem observa também está a ser observado e muito embora estivesse ali poucos dias não tornei este momento uma mera fonte para meu trabalho, tampouco estava ali na condição de informante a metodologia é fundamental na sociologia devido a estas situações em que os encontramos. Não imaginava que, ao estar no Equador, pudesse estar presente em comunidades tão diferentes mesmo em aspetos regionais.

A partir disto, os caminhos do trabalho se tornaram mais abrangentes e aprofundados, desta feita, tive que me debruçar sobre outros estudos e produções teóricas objetivando entender a realidade tal como ela é e não como gostaria que fosse (Martins, 2004). Como afirmou Martins (2002: 297-298) a sociologia passou por crises, crises da própria realidade e tornou-se até uma “sociologia profissional” no sentido de ter como primazia os objetivos das empresas que financiavam as pesquisas e não com a pesquisa em

si, atualmente o nosso desafio “é que o argumento e o desejo por objetividade ceda lugar ao desejo de solidariedade”.

Pepe Astudillo (integrante da rede Acordes) já possuía contato com aquelas comunidades devido a sua experiência sacerdotal³³⁴. É interessante, ressaltar a relevância da religião na formação latino-americana e sua forte presença e todas as relações que envolvem política. Em meio ao trabalho de campo tive a oportunidade de conhecer três comunidades em três regiões distintas do Equador. Respeitando a eticamente as comunidades tudo que será aqui exposto a partir da observação participante não tem como objetivo realizar um julgamento moral, tal como afirmou Burawoy (2014:15) ocorre aqui a ampliação do observador dentro da vida dos participantes, por meio do tempo espaço e de suas vidas e dos seus diálogos.

Dentro uma perspectiva reflexiva e no limite material que eu possuía em relação as viagens e a própria articulação com as comunidades optei por me integrar ao Acordes (Acompañamiento Organizacional al Desarrollo) cujo trabalho com as comunidades já existe há mais de uma década e por meio deles obtive acesso as comunidades que serão mencionadas. Consequentemente, análise feita aqui passou por discussão e aprofundamento em conjunto com os participantes e responsáveis pelo grupo Acordes, por meio de reuniões com os investigadores, perguntas, forças e fraquezas deste estudo. Neste sentido, a etnografia dá a sociologia uma força poderosa dos efeitos globais em comunidades locais, como o colapso está em todos os cantos ainda que não pareça também criam forças opostas (Burawoy, 2014).

Devido a esta receptividade da Universidade de Cuenca que me acolheu integralmente por meio do grupo Acordes (Acompañamiento Organizacional al Desarrollo) neste acompanhamento estabeleci contatos importantes e experienciei as dificuldades de tornar os debates acadêmicos palatáveis³³⁵. Em diversas reuniões fiz vários apontamentos a partir das experiências que possuía com trabalhos em comunidades vulneráveis e sua inserção em ambientes universitários.

³³⁴Astudillo, ou o Pepe como é conhecido, celebra missas e encontros pastorais como Diácono em Cuenca, algo que já realiza há décadas e que é produto de sua experiência cristã.

³³⁵ Sucede a necessidade de dar à Universidade sua autenticidade e funcionalidade perante o imperativo dos particularismos disfarçados na ideia de Universidade como a guardiã do saber. Para Guerreiro Ramos era urgente reconhecer uma sociologia que configurasse as especificidades do momento histórico de cada país e não um traslado literal de métodos e formas institucionais (Ramos, 1995). Tragtenberg o brasileiro autodidata acadêmico, que rompeu o tabu de trabalhar com Marx e Weber em seus textos, salientou a crise da Universidade como um desvendamento da crise social, a Universidade não é neutra e sim mais um aparato de produção de saber, habitualmente do saber contido na lógica dominante (In Tragtenberg 1990).

A maioria das pessoas eram sensíveis as mudanças propostas, outras viam com dificuldade a premissa de “dar mais tempo de fala” aos membros da comunidade, demonstrando uma certa falta de sensibilidade com os integrantes das comunidades e seus conhecimentos. Como era de esperar, um ou outro coordenador do grupo pensava em teóricos que pudessem “palestrar” ali, denotando a incongruência do significado de troca. Ao final a programação permaneceu no formato representado na Imagem 3, em conversa realizada após o evento que ocorreu em maio de 2018, percebi que os organizadores estavam satisfeitos, porém não sei se a participação da comunidade ocorreu com o mesmo contentamento, por razões que explicitarei nos próximos tópicos.

Imagem 3 Cronograma II Encontro de Alternativas de Desenvolvimento desde o Sul

Cronograma “II Encuentro Alternativas al Desarrollo desde el Sur”		
HORA	ACTIVIDAD	INVITADOS
08h30	Inauguración	Pablo Vanegas – Palabras de Inauguración del evento a cargo del Rector de la Universidad
08H45	Presentación del evento	José Astudillo – Director del Proyecto Alter-DE
09H00	Conferencia: Alternativas al Desarrollo	Miriam Lang – “Alternativas al Desarrollo” Universidad Andina Simón Bolívar
		Patricio Carpio – Presentación del libro de Miriam Lang: ¿Erradicar la Pobreza o Empobrecer las Alternativas? Yaku Perez – “Resistir es Vivir”
10H00	Exposición de resultados del proyecto Alternativas al Desarrollo: Resistencia al Modelo de Desarrollo en las Culturas del Ecuador.	Paño Pablo e Isabel Guerra: Permanencias y Emergencias del Buen Vivir en Comunidades Amazónicas Shuar, Asunción.
		José Astudillo y Sebastián Martines: La Práctica del Sumak Kawsay desde la Resistencia, Comuna de Zhiña. Miguel Galarza: Experiencias de Buenos Vivires en la Comuna Manteña de Agua Blanca.
11H15	RECESO	
11H45	Diálogos: Resistencia al Modelo de desarrollo Extractivista desde las Comunidades y Movimientos Sociales	Fernando Vega – Cabildo por el Agua
		Xavier Solís – Escuela Popular David Fajardo – YASUNIDOS Graciela Calle – Grupo de Mujeres Agroecológicas
12H45	ALMUERZO	
14H30	Diálogo de saberes: Los Buenos Vivires en Culturas Locales del Ecuador	Miguel Castro – “Experiencias Arqueológicas en Comunidades del Ecuador”
		Comunidad Agua Blanca – “Experiencia de una Buena Vida en la Comuna Manteña de Agua Blanca” Comunidad Asunción – “Vivencias del Tanimat Pujustin en la Comunidad Shuar de Asunción” Comunidad de Zhiña – “Prácticas del Sumak Kawsay en la Comuna Kichwa de Zhiña”
16H00	RECESO	
16H30	Reflexión: Los Buenos Vivires como Alternativa al Modelo de Desarrollo Vigente	Napoleón Saltos – Universidad Central del Ecuador
17H00	Clausura	Rodrigo Mendieta – Decano de la Facultad de Ciencias Económicas y Administrativas

Fonte - Página de Facebook: Alternativas Al Desarrollo En Experiências De Culturas Locales Del Ecuador (<https://www.facebook.com/AlterDESAROLLO/>) 20.05.2019

O controle do tempo em eventos onde os convidados são os inauditos historicamente era pouco razoável a meu ver, um outro coordenador pensava que as trocas deveriam se dar por meio de suas produções, a exemplo de troca de artesanato ou mesmo oferecer o exotismo “vendável” no ambiente acadêmico como forma de ganhar algum dinheiro ali. A minha sugestão foi a de dar mais tempo para ao convidados, considerando que muitos deles se deslocariam horas em estradas não muito boas em autocarro para estar na Universidade, algumas pessoas das comunidades mais distantes como Água Blanca e do

Cantón Nabón sequer conheciam Cuenca, além do tempo sugeri também que o evento fosse transmitido por vídeo conferência, já que a Universidade possuía este recurso e daria mais visibilidade as comunidades. É importante ressaltar que, dentre todas as comunidades que conheci em nenhum momento escutei denominações tais como Buen Vivir ou Pacha Mama, embora o evento fosse subsidiado desta premissa, inclusive alguns intelectuais foram convidados a dissertar sobre o tema no evento, que intencionava mostrar as diferentes formas de compreensão do Buen Vivir.

Na comunidade Água Blanca a ideia de Buen Vivir era a de vida saudável, de capacidade contínua, afirmavam que isto seria passado para as próximas gerações e desta forma, outorgavam o Buen Vivir, mas enfatizam não ser o mesmo Buen Vivir reconhecido pelo governo. É compreensível, tendo em conta que o processo de formação da América Latina como um todo, não foram capazes de integrar todos os povos que ali habitavam daí a vinculação com qualquer tipo de representatividade. No trabalho de Endere & Zulaica (2015) há uma tentativa de criar indicadores para o Buen Vivir, como uma forma de avaliar o bem-estar em comunidades, embora sejam dados valiosos não comportam a complexidade da realidade³³⁶.

Dentro os diversos artigos que foram publicados acerca deste evento em um deles Banegas e Cordero (2018) afirmam que os indígenas foram considerados um problema para o capitalismo, foram compreendidos como o atraso perante a sociedade que se modernizava criando padrão ocidentalizados e homogêneos. Por outro lado, colocam a periferia latino-americana bem como tudo que aqui existia, como mecanismo de acumulação.

Para se tornar compreensível as diferenças na denominação de cada região do país é importante destacar que a divisão administrativa do Equador está determinada por 24 províncias subdivididas em 221 cantones, que por sua vez se subdividem em paróquias, cada cantón possui um chefe político que é escolhido pelo presidente, também possui um prefeito de um governo municipal eleito por voto popular. Estive em duas comunidades pertencentes a província de Azuay, também pude entrevistar a Vice-prefeita Municipal de Azuay, Dra. Maria Cecília Alvarado Carrión ou Chechi Alvarado como é popularmente conhecida pela comunidade. Muito receptiva, me recebeu na data de 21 de março de 2018 para falar dos seus programas relativos ao desenvolvimento da província. Chechi Alvarado, (2018) Cuenca, 21 de março de 2018.

³³⁶ Assim como os dados que já existem como IDH, ou PIB ou mesmo a inclusão da “felicidade” pensada pelo professor Amartya Sen.

Antes de ser vice-prefeita fui conselheira da cidade de Cuenca no primeiro período depois da constituição de 2008, quando se elegia pela primeira vez conselheiros urbanos e conselheiros rurais. Estou há dez anos na política e pude ser assembleista alterna na Constituinte de 2008.

Por ter atuado em diversas áreas do governo desde o nível local ao nacional Chechi (2018) afirmava ser uma descentralizadora de poder, Chechi Alvarado, (2018) Cuenca, 21 de março de 2018.

Com isto sou totalmente uma descentralizadora e creio firmemente que, para além das teorias políticas há algo que deveria ocorrer sempre, que é descentralização e como isto pode dar mais autonomia aos territórios. Me defino com uma política de esquerda, creio nas políticas onde o Estado tem uma forte participação para conquistar um equilíbrio e uma redistribuição. Creio que a esquerda na América Latina hoje está em uma crise e não há nada muito claro porque confundimos um Estado forte com um Estado obeso. Foi o que nos passou no Equador, fizemos um Estado gigantesco, enorme, sem qualquer tipo de descentralização ou de fortalecimento de governos locais. Um estado centralista, com governos locais débeis, governos locais cada vez mais divididos com pouco poder executivo em seu território e em troca, um Estado dominante, bastante, como diríamos (pausa na fala) concentrador e autoritário e isto foi uma acumulação de poder, em lugar de distribuir poder. Eu creio que quando não se é de esquerda para não cair no autoritarismo e nos regimes totalitários que vimos, é preciso pensar na redistribuição de tudo.

Apesar da entrevista ter um tom bastante protocolar nos termos críticos, a vice-prefeita enfoca sempre no tema das mulheres, principalmente nos retrocessos durante o período correista que tratou de difamar as lutas por direitos relacionados às mulheres e isto gerou uma grande dificuldade nos debates. Chechi Alvarado, (2018) Cuenca, 21 de março de 2018 considerou importante os avanços realizados no tempo que em está como vice-prefeita e afirmou

Conseguimos, sobretudo, consolidar uma visão que os governos locais devem tratar de outros temas e não somente falar de impostos e taxas que estão mais relacionados ao exercício das nossas competências. E conseguimos mudar a ideia que precisamos debater também direitos, temos um acordo pela garantia de direitos na província e aí estão temas como a violência contra as mulheres e tema como a violência sexual. Para mim o mais valioso de tudo isto é sobretudo que a gente entenda que o governo provincial tenha que dar conta dos direitos.

Ressaltou também que cada espaço tem seus contrastes e suas lógicas de dominação e que ainda em uma lógica institucional, consegue-se pensar nos direitos como algo construído de forma coletiva e nas dificuldades que esta construção impõe (Santos & Mendes, 2017).

6.4 Assumindo a teoria pela prática - El Cantón Nabón

Nas próximas páginas, além de relatos das comunidades e registros realizados em blogs de divulgação das suas histórias, há também trabalhos de pesquisa que já foram realizadas neste espaço. O pressuposto é que todo conhecimento é acúmulo, sendo esta uma condição da valorização da totalidade, tal como afirmou Santos (2018:110) onde (...) “a narrativa, subverte a lógica temporal ao produzir um efeito de sincronicidade e de contemporaneidade que ajuda a tornar o estranho em conhecido e em contemporâneo o que é distante no tempo”.

El Cantón Nabón, em Cuenca, foi onde estive mais dias a conviver, é uma comunidade pequena, porém muito receptiva, também é considerada um patrimônio cultural do país. Segundo Miller (2010) o nome Nabón³³⁷ é original da quantidade de plantas de nabos existentes na região, principalmente no período em que este território passou do domínio dos Incas ao domínio dos espanhóis.

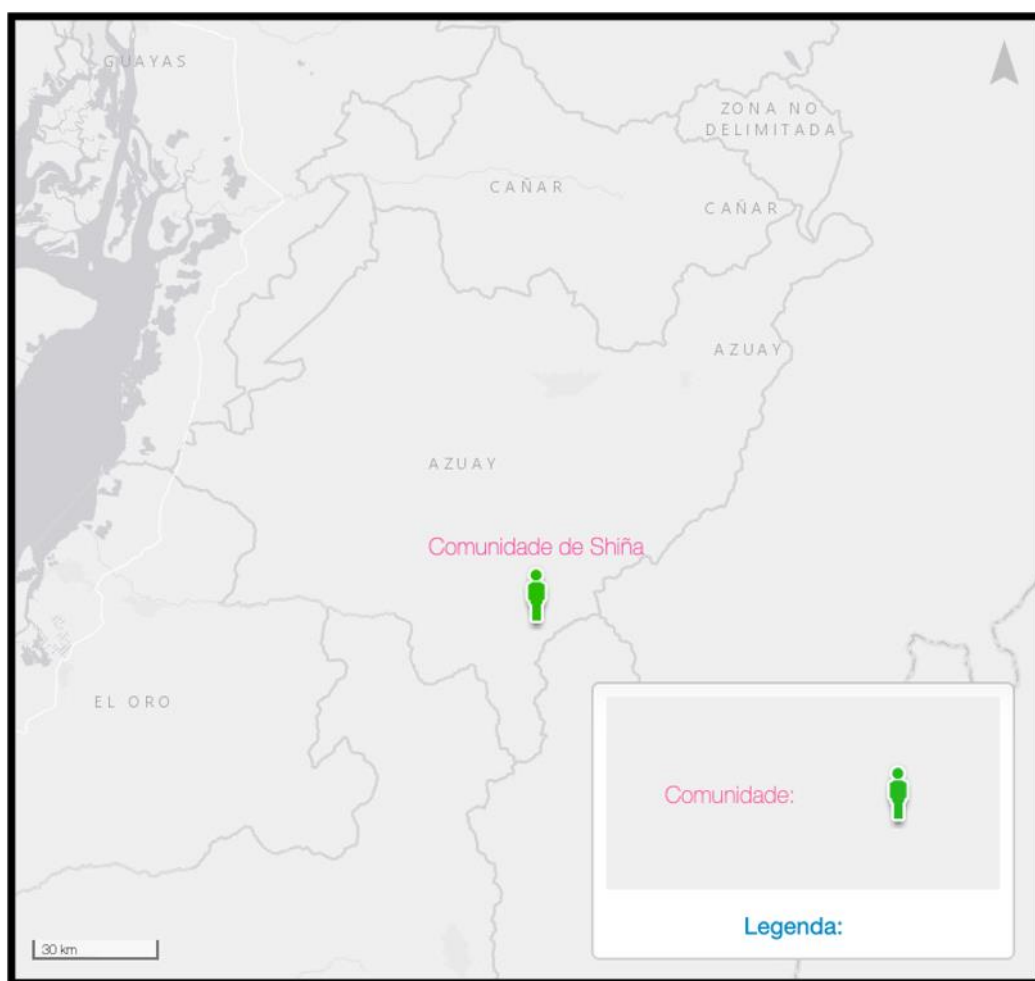
Segundo Gonzalez Muñoz (2006) este território era povoado pelos Cañari que possuíam seus costumes, suas religiosidades, sua língua, porém ao final do Século XV ocorreram as ocupações incaicas, acabaram por perder as terras, contudo, muitos ainda permanecem com seus vocábulos “cañaris”. Nabón é o único Cantón de Azuay onde é possível encontrar com populações indígenas, na década de 1990 em virtude das diversas alterações ocorridas no país, as populações indígenas passaram por um profundo processo de mudanças e nos anos 2000 elegeram uma mulher como Prefeita que pretendia a modernização (Gonzalez Muñoz, 2006: 04).

6.5 Comunidade de Shiña – Azuay – Província de la Sierra

A comunidade de Shiña, está localizada no Cantón Nabón, foram dois dias nesta comunidade para realização do convite à participação no evento realizado na Universidade de Cuenca. Esta comunidade tem como data de formação o ano 1939 (Cedeño Montiel & Kraan Colangelo, 2015). Em 2012 a comunidade foi marcada por um acontecimento que a colocou em destaque, um confronto entre a comunidade de Shiña e a associação de colonos e migrantes da fazenda, conflito que resultou em 15 feridos e a motivado por acesso a terra localizada no Colégio San Jose de Shiña (Cedeño Montiel & Kraan Colangelo, 2015).

³³⁷Segundo o INEC está localizado a 69 km da Cidade de Cuenca, pertence a província de Azuay em Cuenca e possui 15.121 mil habitantes dentre os quais 6,9% são urbanos e 93,1% são rurais. O plano de Buen Vivir do governo equatoriano propõe garantir água potável e saneamento para toda a comunidade até 2017.

Mapa 5 Localização da Comunidade Shiña



Fonte – Elaboração da autora (Santos, 2019) por meio do Software
<<https://mapmaker.nationalgeographic.org>>

O nome Shiña é proveniente de uma planta espinhosa chamada “Shiña” encontrada nesta região, Morocho³³⁸ (2015), apesar dos dados imprecisos é uma comunidade cuja história é bastante fascinante, sabe-se que a população está ali desde a época Cañar, que são os antigos povos que habitavam estas terras, são histórias contadas pelos mais velhos e um deles conheci o Senhor Patrício Morocho, uma pessoa extremamente gentil, conhecido como o professor da comunidade, também uma liderança política. Embora os registros sejam esparsos, o que se sabe é que o cacique Signeño Duma batalhou pela comunidade frente aos Incas entre eles Tupac Yupanqui, um dos últimos governantes do Império Inca que ainda se manifesta na mistura do Runashimi, uma variação do Kichwa que ficou conhecida a partir da conquista incaica e das onomásticas

³³⁸ No Blog criado por Patrício Morocho há também uma lenda por detrás do nome “Shiña”.

das variantes linguísticas que apareceram a partir da colonização espanhola (Morocho, 2015). Em uma página de turismo do Equador³³⁹ é possível encontrar uma foto do Cacique Duma, como era então chamado, exaltando seu lado defensor dos povos ante a invasão Inca comandada por Tupac Yupanqui (Del Busto, 1994).

Os registros mais sistemáticos que existem são os dados da conquista espanhola e da forma como a comunidade foi submetida ao trabalho agrícola, tomando as terras para si e os indígenas escravos. Foram também os espanhóis no século XVI e XVII que conformaram a fazenda que acabou como propriedade de uma família rica “Mora” (Cedeño Montiel & Kraan Colangelo, 2015).

A igreja, por meio das Monjas da Congregação Irmã Concepta, permaneceu nesta região com seus trabalhos de evangelização e mantiveram os indígenas em um trabalho análogo ao escravo³⁴⁰, controlando a produção agrícola, aqueles que desobedeciam podiam ser expulsos, nos relatos há também a assimilação de beijar a mãos das monjas (pedir a bênção como sinal de respeito) bem como afirmar “Deus lhe pague³⁴¹” (Morocho, 2015). As festas, algumas ainda realizadas possuíam relação com a agricultura, já as monjas faziam festas como homenagem as suas santidades, contudo, não possuíam um caráter de honra aos seus santos, Morocho (2015) afirma que as monjas faziam suas orações e festas como agradecimento ao fato dos indígenas não se rebelarem contra elas. Por meio de vários textos analisados Morocho (2015) afirma que após a instalação da igreja, os cultos e todos os costumes cristãos passaram a ter grande influência sobre a comunidade de Shiña. No tocante a educação, consideram que os indígenas eram selvagens, ignorantes, toda a educação se direcionava para o trabalho na terra e aos serviços domésticos (Morocho, 2015).

Nós não só fomos explorados somente pelos sacerdotes, mas também pelo tipo de educação que recebemos, pois, os professores vieram com uma visão totalmente alheia à nossa cultura, por isso não valorizaram a nossa língua, tentaram inculcar aos nossos filhos que a nossa cultura não era válida que parássemos de falar a língua materna dos Kichwa e aprendêssemos espanhol para sermos cidadãos³⁴² (Morocho, 2015, Memórias das oficinas de educação bilingue).

³³⁹ Foto e breve relato do Cacique Duma, consultada a 07.06.2018 em

<<https://www.visitaecuador.com/ve/mostrarRegistro.php?idRegistro=33607>>

³⁴⁰ Optei pela menção análogo ao escravo, pois segundo Morocho (2015) e sua reconstituição histórica, havia um pagamento para os indígenas, conquanto quase nunca era pago com dinheiro, davam sementes de milho, farinha, etc. As dívidas se tornavam herança e se por alguma razão alguém faltasse o trabalho era cobrada uma multa.

³⁴¹ Expressão popular religiosa de compadecimento.

³⁴² Tradução livre da autora. No original - No fuimos explotados únicamente por el Sacerdote, sino también por el tipo de educación que recibíamos, ya que los profesores venían con una visión totalmente ajena a nuestra cultura, es por eso que no valoraban nuestro idioma, trataban de inculcar en nuestros niños que

Passado dois séculos 1895 na Revolução Liberal Alfarista, os bens pertencentes a igreja, bem como suas terras foram expropriados e passaram a ser patrimônio do Estado (Cedeño Montiel & Kraan Colangelo, 2015). Tais terras passaram a ser arrendadas para uso agrícola e sequencialmente puderam ser vendidas, algumas famílias compraram e ficaram altamente endividadas (Cedeño Montiel & Kraan Colangelo, 2015; Morocho, 2013; Morocho, 2015). Este contexto é importante para entendermos o conflito social que foi gerado e que derrocará na forma estética e geográfica que a comunidade possui atualmente. Morocho (2015) conta que foi a partir de 1979 chegaram as missionárias e passaram ter contato com outras ideias

Com a chegada dos missionários em 1979 esporadicamente, eles começaram a aumentar a conscientização do setor setorial, tarefa para a qual algum setor, como sempre se opunha, alegavam que eles eram comunistas e assim não deveriam ser recebidos, apesar dessas dificuldades começamos a nos organizar com o catequese para crianças, assembleias para idosos, cursos de formação de diferentes tipos³⁴³ (Morocho, 2015: Memórias das oficinas com os Missionárias Lauritas).

As missionárias Lauritas chegaram no Equador chegaram em 1949 e foram se instalando em várias localidades diferentes do país, atualmente ainda realizam seus trabalhos de formação no Equador, em Shiña, com objetivo de levar o evangelho e fortalecimento das comunidades por meio das organizações já existentes. Inclusive possuem uma metodologia própria, Metodologia Misionera³⁴⁴, que foi implementada a partir da primeira expedição em 1908 em Guapá. Na América Latina a religiosidade teve um caráter fundamental, foi por meio da teologia da libertação que homens e mulheres se questionaram acerca de sua subalternização (Bravo & Juncosa, 2013)

Foi a partir deste período que a imigração no Equador aumentou muito, décadas depois, em grande parte da Serra e da Costa, áreas mais povoadas e com grande produção de Cacau, a princípio migraram para áreas urbanas e posteriormente, devido a crise de 90, passaram a migrar aos Estados Unidos, Europa e outros países da América latina

nuestra cultura no vale, que debemos dejar de hablar el idioma materno que es el kichwa y aprender el castellano para ser ciudadanos (Morocho, 2015: Memorias de los talleres de educación Bilingüe)

³⁴³ Tradução livre da autora. No original - Con la llegada de las misioneras en 1979 en forma esporádica, empezaron a concientizarnos de sector en sector, tarea al cual algún sector como siempre se opuso aduciendo que son comunistas por lo que no se debe recibir, pese a estas dificultades comenzamos a organizarnos con la catequesis para los niños, las asambleas para los mayores, cursos de formación de diferentes tipos Morocho, 2015: Memorias de los Talleres con las Misioneras Lauritas).

³⁴⁴ As informações mais aprofundadas podem ser consultadas por meio da página. Consultada a 07.09.2018 em <<https://madrelaura.org/ecuador/196/cod110/>>

(Pagnotta, 2014). Na década de 90 fenômenos climáticos fomentaram a imigração, bem como a crise do petróleo que abateu o país e levou grande parte da população para a pobreza. O alto endividamento dos moradores da comunidade de Shiña para adquirir suas terras provocou uma onda de imigração nesta região, mediante a desvalorização da moeda no país, aqueles que migraram conseguiram saldar suas dívidas. As roupas eram fabricadas por eles mesmos, os homens usavam sandálias de couro de animais e as mulheres caminhavam descalças (Morocho, 2015). Segundo Cedeño Montiel & Kraan Colangelo (2015) em conversa com o cabildo³⁴⁵ da comunidade na época, existiram casos de famílias inteiras que haviam migrado. Importante enfatizar como a colonização foi determinante na história desta comunidade e suas alterações, recorde-me que na visita impressionou o tamanho e a arquitetura das casas, destoante de todo o entorno, um estilo de vida completamente dissonante com o meio rural praticado ali.

Imagem 4 Vista da comunidade de Shiña



Fonte: Acervo pessoal da autora (Santos, 2018)

Elvia Paucar (apud Cedeño Montiel & Kraan Colangelo 2015:04) afirma que os jovens na comunidade já não querem viver ali, possuem outras ideias para sua socialização e procuram sair e buscar outras formas de vida. No trabalho de Cedeño Montiel & Kraan Colangelo (2015:09) entrevistaram diversas pessoas das quais algumas pude conhecer,

³⁴⁵ Expressão espanhola criada no período colonial que é o nome dado as corporações municipais ou aqueles/as que a gerem (Martínez Almoyna, 2004).

Oswaldo Morocho que relatou como a experiência da imigração marcou sua vida, pois, viajou junto com 20 pessoas, em um compartimento de 5 x 5 metros. E assim como ele, muitos passaram por formas de viagem ilegal em condições escassas e ainda que tenham encontrado trabalho no país, eram trabalhos bastante exigentes e precários. Um outro ponto é que até os dias atuais, as maiores divisas da comunidade provêm do que é enviado pelos imigrantes.

Todo este resgate foi crucial para compreender a situação atual, onde os conflitos são evidentes dado quem saiu, voltou e quem sempre viveu ali, entre os colonos antigos e os dirigentes de uma associação, que se estabeleceu em conjunto com aqueles que precisaram imigrar. Em 2012 houve protestos contrários a educação bilíngue que se estabeleceria, foram alguns encontros formais jurídicos que acabaram de forma agressiva (Cedeño Montiel & Kraan Colangelo, 2015). Além disto, ocorreu um confronto devido a um terreno que foi tomado, sem consentimento, por um senhor chamado Abelino Morocho membro da *Asociación de colonos y migrante de la hacienda Shiña*³⁴⁶ e seria o lugar onde realizaram uma minga, entre as comunidades andinas minga significa trabalho feito a favor da comunidade, neste ano os colonos estiveram a espera dos comuneiros com pedaços de madeira e pedra resultando em diversas pessoas feridas (Cedeño Montiel & Kraan Colangelo, 2015:18). Os conflitos levaram a proibições de entrada na igreja, ou acesso a água e serviços de eletricidade e em 2010 redigiu-se num documento que permitia a saída de algumas pessoas da comuna seguindo as condições de não poder utilizar dos terrenos da comunidade, também seria considerada uma “persona no grata” perante o coletivo, desde então continuam realizando reuniões, tomada de decisões e segundo Cedeño Montiel & Kraan Colangelo (2015:18-19).

O que está no cerne das questões que ali se desenrolam vai além dos conflitos por terras ou pelo uso das mesmas, ao contrário está diretamente relacionado a forma de construção de identidade que foi possível a cada grupo.

Patrício Morocho, foi o comuneiro que tive o prazer que conhecer e conversar, sua casa com uma enorme biblioteca com livros raros históricos da região, nos revela a sabedoria de alguém que possui o respeito de sua comunidade. Patrício alfabetiza as crianças e jovens de Shiña, naquele momento escrevia sem seu blog como forma de registro e memória, também foi por nós convidado a redigir um artigo que seria publicado na revista que findaria o Encontro na Universidade de Cuenca. Ao receber o convite

³⁴⁶ Grifo nosso

aceitou prontamente, acanhou-se um pouco em relação ao artigo por supor não conseguir compreender e aplicar as normas equivalentes para um artigo científico como exigem os doutores e afirmou “posso escrever, depois vocês se encarregam de corrigir o que for preciso” Patrício Morocho (2018) Cuenca, 05 de março.

Como já foi mencionado o grupo Acordes, que organizava o encontro, o fez como tentativa também de uma troca e experiências entre as diversas comunidades, no caso destas comunidades era esperado algum desconforto entre seus membros. No andamento dos convites uma coisa sempre esteve em meu horizonte, aquilo que em teoria nomeiam como Buen Vivir, não tem relação com a realidade das comunidades, mas é possível encontrar pessoas ou lideranças que se alinhem mais ou menos com este ideário. Em um dos seus diversos textos históricos publicados no seu blog, Morocho (2016) relata a vida antes da chegada dos espanhóis e afirma

Antes da chegada dos conquistadores espanhóis nos Andes, as festividades eram componentes fundamentais na vida e visão de mundo dos povos indígenas do Abya Yala. Mas, de acordo com vários historiadores, após a chegada dos europeus na América, muitas tradições ancestrais foram suplantadas. Uma dessas festas é o Kapak Raymi, ou Fiesta Mayor, que era celebrado todo dia 21 de dezembro nas chamadas huacas ou santuários gerais de cada cidade. Naquela data, o solstício de verão ocorre no hemisfério sul, quando o sol está mais distante do eclíptico solar. Após a violenta invasão europeia de nosso continente, Abya-Yala, uma série de mudanças impostas pela força aos nossos povos, ocorreu em níveis culturais, políticos, religiosos, econômicos, militares, legais etc. Essas mudanças ocorreram de diferentes maneiras e processos, desde as mais sutis até as mais abruptas e turbulentas. Indubitavelmente, um deles estava no plano religioso cujos representantes através da Santa Inquisição justificavam seus crimes de religiosidade de lesa produzindo a colonização espiritual de nossos antepassados³⁴⁷ (Morocho, 2016).

6.6 Comunidade de Água Blanca – Província de Manabi – Costa

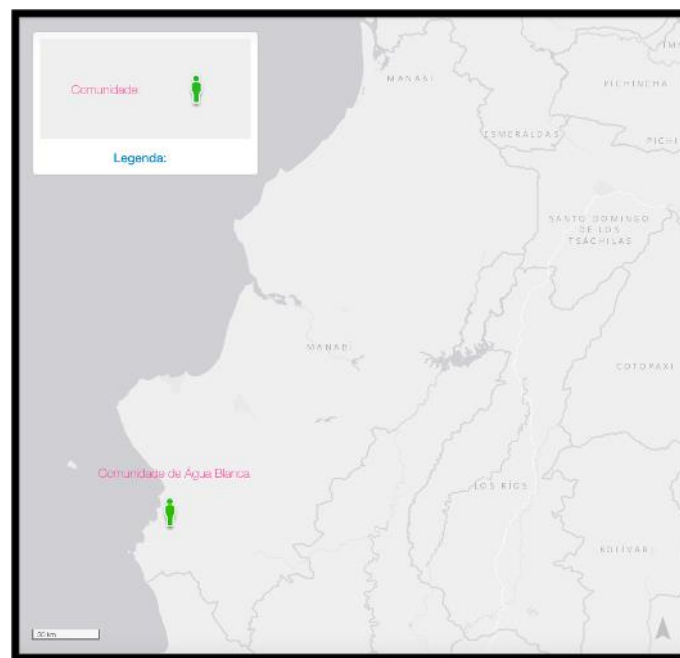
A comunidade de Água Blanca é uma referência no Equador e está localizada no coração do Parque Arqueológico de Machalilla, na Costa. Possui 300 pessoas, cerca de 70

³⁴⁷ Tradução livre da autora. No original - Antes de la llegada de los conquistadores españoles a los Andes, las fiestas eran uno de los componentes fundamentales en la vida y cosmovisión de los pueblos indígenas del Abya Yala. Pero, según recogen varios historiadores, tras la llegada de los europeos a América, muchas tradiciones ancestrales fueron suplantadas. Una de esas fiestas es el Kapak Raymi, o Fiesta Mayor, que se celebraba cada 21 de diciembre en las llamadas huacas o adoratorios generales de cada pueblo. En esa fecha, se produce el solsticio de verano en el hemisferio sur, momento en el que el sol se encuentra en el punto más lejano de la eclíptica solar. Tras la violenta invasión europea a nuestro continente Abya-Yala se sucedieron una serie de cambios impuestos por la fuerza sobre nuestros pueblos tanto a nivel cultural, político, religioso, económico, militar, jurídico, etc. Estos cambios se dieron de diferentes maneras y procesos, desde las más sutiles hasta las más abruptas y turbulentas. Sin duda que una de ellas se dio en el plano religioso cuyos representantes mediante la Santa Inquisición justificaron sus crímenes de lesa religiosidad produciendo la colonización espiritual de nuestros antepasados (Morocho, 2016).

famílias que habitam a costa equatoriana. Muitos pesquisadores frequentam a comunidade com o objetivo de debater sua história em relação a chamada sustentabilidade e o Buen Vivir, estabelecido na Constituição de 2008, como já fora debatido neste trabalho.

Gudynas (2011) trata como um conceito em construção que precisa ser adequado a realidade e ao ambiente em que se trata, parece um tanto obvio considerando que todos os conceitos precisam ser analisados à luz da realidade a qual ele se direciona. Não são poucos os textos que tratam desta comunidade como um exemplo de sustentabilidade e de incorporação do Buen Vivir, já que a Comunidade é também um Centro de Turismo, localizado em Manabi, como é possível verificar no mapa 2. Segundo o Ministério do Meio Ambiente a comuna pertence ao Parque Nacional Machalilla que integra uma das Áreas naturais protegidas no Equador, com 55.095 hectares reconhecidos desde 2005.

Mapa 6 Comunidade de Água Blanca



Fonte – Elaboração da autora (Santos, 2019) por meio do Software
<<https://mapmaker.nationalgeographic.org>>

A comunidade possui um sítio arqueológico belíssimo, onde é possível acompanhar a história da comunidade e (Endere & Zulaica, 2015). É uma comuna regulada desde 1937, porém somente foi reconhecida em 1964 por meio do Decreto 34.33 (Endere & Zulaica, 2015; Banegas & Cordero, 2018). A parte organizativa da comunidade é realizada em conjunto, há um conselho que integra o presidente, o vice-presidente, o

representante da juventude e a dirigente das mulheres. Na conversa que estabeleci com eles, são realizadas reuniões mensais a depender das diligências existentes, quando acontece algo considerado ordinário realizam-se reuniões, no dia em que estivemos lá aconteceu uma reunião ordinária que será descrita mais adiante. Porém na comunidade há sócios e não sócios partem da premissa que nem todos que vivem ali são pertencentes a comuna, para ser um dos sócios é necessário ser maior de idade e pagar um cota mensal, por outro lado, mesmo não sendo sócio é cedido o direito a voz e voto nas reuniões.

Segundo (Banegal & Cordero) a comunidade não possui títulos de propriedade já que, por ser uma área natural passou a ser patrimônio do Estado, além disto, por ser um sítio arqueológico com vestígios da cultura <manteña> a comunidade é também um patrimônio histórico. São exibidos materiais locais, cerâmicas, ossos, imagens, alguns objetos foram encontrados por comuneiros da região, os objetos que são demonstrados com orgulho pelo guia local que é também um dos líderes da comunidade. A comunidade vive do turismo, conquanto não é um turismo do tipo agressivo, há limites de pessoas a recebidas diariamente e em conversa com o líder da comunidade, percebi que existem restrições, são severos com bebidas alcoólicas, festas e coisas do tipo na comunidade. E são muito conscientes da própria situação e as adversidades na relação com as instituições estatais e desta forma, acabam por ter que se organizar de forma a suprir suas ausências.

Imagem 5 Líder e guia da comunidade Água Blanca



Fonte - Acervo pessoal da autora (2018)

O histórico da comunidade nos foi relatado pelo guia e na sequência realizei uma série de pesquisas aprofundando o que me foi dito. A história do sítio denota ano 800 e 1532 d.C. (Líder Comunitário, 2018; Endere & Zulaica, 2015) Segundo Endere & Zulaica o local era um importante cerimonial onde se reuniam muitas pessoas, no século XVI a partir da chegada dos espanhóis veio junto a derrocada deste modo de vida, principalmente por ser uma área que está junto à costa equatoriana houve um predomínio espanhol que dificultou os registros históricos. Em 1964 se constituíram como comuna e 1979 o Parque Machalilla foi criado, diante as incertezas daqueles que viviam ali, o local passou a ter seus recursos naturais explorados. Tal como em outras áreas equatorianas, o Estado não integrou este espaço em suas políticas e a comunidade passou a viver da forma como podiam, ou seja, de atividades que eram incompatíveis com a conservação do espaço (Endere & Zulaica, 2015).

Eles viviam de carvão, extração de madeira e caça, todas as atividades incompatíveis com a conservação do parque. Houveram protestos, e a comuna de Agua Blanca, que afirmava ter sido fundada em 1930, pôde provar que tinha status legal desde 1964, por meio de um Acordo Ministerial 34.33³⁴⁸ (Endere & Zulaica, 2015:272).

Durante nossa conversa no museu arqueológico (nosso guia) explicou que ali havia sido realizada uma pesquisa por um arqueólogo, mais tarde descobri que teria sido o arqueólogo Colin McEwan, segundo consta conheceu o sítio em 1978 e anos depois regressou ao local para realização de suas pesquisas (Endere & Zulaica, 2015). Segundo Hudson et al (2016) foi a partir deste projeto de doutoramento que houve uma consciência ecológica de pertencimento, que foi complementado por avanços económicos trazendo benefícios para a população. Conhecidos como Pueblo Manta³⁴⁹ se tornaram uma referência no chamado turismo ecológico, pautando aquilo que consta na Constituição de 2008, McEwan e sua companheira María Isabel Silva, viveram permanentemente na comuna entre 1985 - 1999 neste entremeio, estiveram o tempo todo com os comuneiros e a vivência fortuita os permitiu aprender mutuamente, este processo foi nomeado de “arqueologia participativa³⁵⁰”, em que tudo foi decidido de forma consensual, participações

³⁴⁸ Tradução livre da autora. No original - Ellos vivían del carboneo, la extracción de madera, y la caza, todas actividades incompatibles con la conservación del parque. Hubo protestas, y la comuna de Agua Blanca, que reclamaba haber sido fundada en 1930, pudo demostrar que tenía personería jurídica desde 1964, mediante Acuerdo Ministerial 34.33 (Endere & Zulaica, 2015:272).

³⁴⁹ A denominação manta ou povo manteño significa pré-hispânico.

³⁵⁰ Grifo nosso.

que também permitiram manejar aquele sítio arqueológico de maneira integradora (Endere & Zulaica, 2015:272).

Esta conjuntura favoreceu o reconhecimento das terras como pertencentes aquele povo, com potencial polo de atração turística a comunidade passou a ter mérito de reconhecimento perante o Estado, quando o Banco Central do Equador junto com a Embaixada Britânica financiaram escavações na região, como não poderia deixar de ser o dado histórico do ressentimento da relação entre Estado e Comuneiros sempre foi um tanto hostil e em 1986 o Banco Central cortou o financiamento. O impacto arqueológico marcou fortemente aquela população no sentido de pertencimento e reconhecimento histórico, em minha estada ali ficou bem perceptível a noção de que todos e todas fizeram parte daquela história, que não havia iniciado ali, mas que se revelou muito maior a partir das escavações.

O texto de Endere & Zulaica (2015) demonstra várias entrevistas com realizadas na comunidade que auxiliam na compreensão deste histórico. Nas comunidades minha estada se justificou pela observação também porque o percurso realizado pelas autoras antecede o período desta pesquisa. Contudo, o certame existente na relação Estado e comunidades apareceu desde o início do trabalho de campo, demonstrando que esta pecha histórica se mantém e não foi não foi sanada com o estabelecimento constitucional.

O nosso objetivo nesta comunidade era convidá-los à participar do encontro que seria realizado em Cuenca pela Universidade de Cuenca e o grupo de trabalho Acordes, falamos com as lideranças e o fato de estar acompanhada com o Professor Miguel Argel Galarza Cordero³⁵¹, que trabalha em conjunto com esta comunidade há quase 20 anos, foi essencial. Para além da simpatia da comunidade e da grandiosa beleza do local pude acompanhar de perto as contradições do ambiente. É interessante como na posição de pesquisador e ao mesmo tempo alguém pertencente ao mundo dos trabalhadores tendemos a olhar em análise³⁵² tentamos enxergar a totalidade em sua profundidade apreendendo todos os aspetos possíveis e ofertados. Segundo o Prof.º Miguel Galarza Cordero (2018) Cuenca, 14 de março

(...) 24 anos de atividade docente e profissionalmente estão dedicados ao direito ambiental, meio ambiente, meu mestrado foi na proteção e remediação ambiental e me permite trabalhar com empresas consultoras e também de forma ambiental ou trabalhar com empresas que estejam relacionadas ao tema ambiental. Temas de investigação estão ligados as atividades comunitárias, quase tudo que venho

³⁵¹ Advogado, Docente Investigador da Universidade Cuenca.

³⁵² (Florestan, 1991: Santos, 2018: Vasconcellos, 2015)

fazendo está relacionado com a natureza e seus impactos. Particpei de longe da constituição política, em 2008 aparece uma constituição que pela primeira vez aparece falando dos direitos da natureza, nos anos 2000 (perdão) 2008 realmente a constituição toma força que a anterior também tinha um capítulo relacionado aos direitos coletivos e dentro destes direitos falava da natureza. Hoje tem muito força, para além da constituição existe um grupo de normas que regulam a questão ambiental.

São muito organizados em suas funções, assembleias e cuidados com cada parte do seu território. O território foi ocupado, mas não possuem documentações que garantem a propriedade, todavia, segundo eles, seria difícil que o Estado impusesse alguma desapropriação tendo em vista que estão lá a muito tempo. Em uma descrição geral, como já foi mencionado, são severos com bebidas alcoólicas, festas e coisas do tipo na comunidade, não possuem água tratada e o acesso a energia elétrica é bem incipiente também, os banhos são de água fria e a temperatura é elevada sempre, mesmo nas madrugadas. Não há serviço de telefone para além dos celulares dos comuneiros e da internet funciona apenas no museu, nos dividimos em várias casas, cada família reserva um quarto de sua casa para arrendar caso existam turistas, os quartos geralmente possuem casa de banho, possuem luz, sem água aquecida, são quartos bem simples, mas bastante acomodáveis.

As famílias estão acostumadas com visitas e são abertos ao diálogo, contam suas rotinas, onde cada um tem uma tarefa e nós adentramos a estas já que não estávamos ali como visitantes. O sítio arqueológico é compreendido como um valor a ideia de resgate histórico, por meio da história oral, além da percepção de valores simbólicos, não há grande monumentos, mas objetos que, a partir da identificação permitiram resgatar histórias, todo o trabalho arqueológico foi realizado a partir da valorização e do reconhecimento desta comunidade.

Endere & Zulaica (2015) relatam que a proximidade dos comuneiros com os trabalhos de arqueologia realizados por Mc Ewain foram cruciais para estabelecer outro tipo de relação com o entorno. O trabalho de participação nas escavações e identificação dos objetos históricos permitiu um intercambio de saberes que é algo visível nas práticas dos comuneiros que sempre mencionam o histórico do trabalho realizado até aquele momento. Banegas & Cordero (2018): Martinez (2016) relatam que festas tradicionais foram recuperadas, momentos em que eles usavam as mesmas vestes que seus antepassados. Em 2009 houve uma interferência por parte do Estado³⁵³, para que eles

³⁵³ Ver em El Universo (2009) disponível <<https://www.eluniverso.com/2009/07/12/1/1447/agua-blanca-cambian-habitos-preservar-casas-tierras.html>> [12.05.2019]

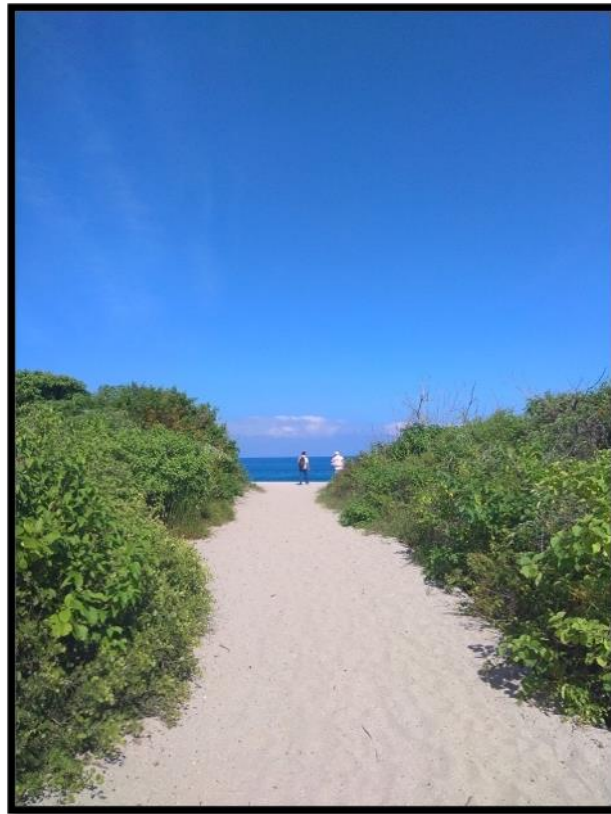
mudassem alguns hábitos que possuíam acerca do corte das árvores em conjunto com a realização de rituais que se associavam a lenhas candentes, a comunidade achou por bem alterar sua realização. Esta interferência foi algo que considerei construtivo, pois apesar do ritual ser parte da sua cultura poderia trazer riscos as suas moradas.

A comunidade é fechada, só é possível viver ali no caso de casamentos com pessoas que lá vivem, a situação atual tem seus pontos de avanço bem como de carências, a falta de água tratada é um deles, o reconhecimento integral por parte do Estado é outro, além da ausência de transporte público ou quando não possuem colheita suficiente para dar conta de todos. Uma coisa que poderia ser também apontada, mas que neste momento, não possuo recursos empíricos para tal detalhamento é o uso da internet e quanto isto pode afetar para o bem e para o mal a relação da comunidade com o consumo.

A comunidade vive desta renda turística, criação de animais algumas plantações. Dos turistas, cobram 5 dólares para entrar, 10 dólares para hospedagem e a alimentação típica. A relação entre todos pareceu tranquila e amigável, há uma parte turística com a praia (Los Frailes³⁵⁴) que pertence a comunidade e que possui um caráter ecológico bastante fortalecido com a proibição de entrada mesmo de garrafas plásticas de água em virtude dos danos à natureza que isto pode trazer, algo que me chamou muita atenção. De outro modo, a comunidade também não cobra para aceder a praia, entendem que a natureza pertence a todos/as e são seus usos que precisam ser alterados.

³⁵⁴ Nesta página é possível ver a localização e os serviços oferecidos pela comunidade, consultado a 14.10.2018 em <<https://www.comunidadaguablanca.com/tour/Los-Frailes-y-Agua-Blanca-tours-ecuador>>

Imagem 6 Entrada da praia Los Frailes



Fonte – Acervo pessoal da autora (Santos, 2018)

Imagem 7 Vista da praia Los Frailes



Fonte – Acervo pessoal da autora (Santos: 2018)

No museu, a semelhança entre os membros da comunidade e as peças de cerâmica encontradas é impressionante, o guia se remetia a eles como seus parentes antigos. São acolhedores com todas as pessoas que ali frequentam, inclusive com estudiosos que querem aprofundar seus conhecimentos. O interesse da comunidade é manter o lugar ativo, já que é dali que todas as pessoas sobrevivem, sendo assim, costumam receber bem as pessoas e buscam parcerias que possam lhe render fundos e terminar as pesquisas de escavação, bem como deixar os objetos encontrados melhor conservados.

Neste sentido, a parceria entre o grupo Acordes e a Universidade de Cuenca foi fundamental, pois muitos dos professores realizam ali suas atividades de aula prática, em conjunto com a comunidade, fortalecendo a necessidade de ajuda mútua e respeito à preservação ambiental. Foi a única comunidade que visitei onde os valores estéticos históricos tem muito importância, se reconhecem entre si e na história.

Imagem 8 Museu de Água Blanca



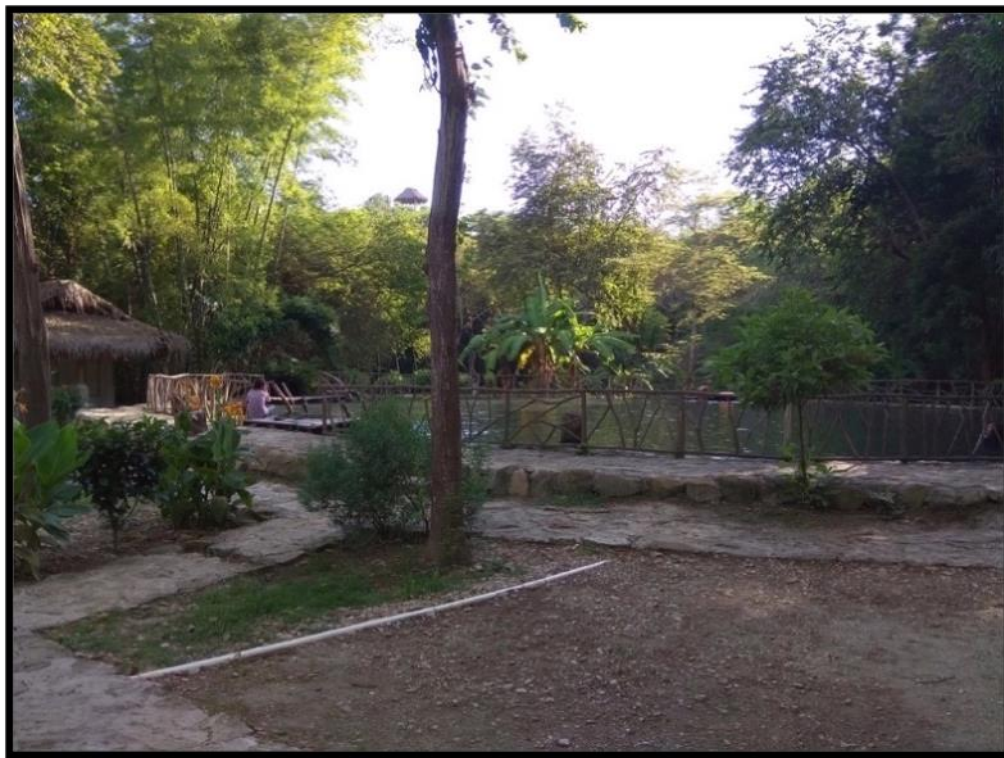
Fonte – Acervo pessoal da autora Santos (2018)

No que tange ao vínculo institucional, a relação da comunidade com o Estado é bem problemática, estima-se que a comunidade recebe cerca de dez mil turistas ao ano, todos os lugares são sinalizados e com a seguranças necessária. Há ainda uma piscina

natural sulfurosa e natural que está no Parque o odor não é bom, mas não fica impregnado na pele. São politicamente conscientes de sua situação e ademais sabem do abandono do Estado para com eles, tudo é decidido em assembleia. Prof.º Miguel Galarza Cordero (2018) Cuenca, 14 de março

Creio que sim, tem alguma raiz (genética) há um divórcio entre eles e o Estado, porque quando eles iniciaram o próprio Estado os rejeitava, então eles têm esta lembrança que o Estado não os apoiou, estamos no parque, as famílias cresceram, querem conquistas de trabalho também, o parque tem “guarda parque”, mas só três são de Agua Blanca o Estado não se acerca de boa forma. Eles têm o que você conseguiu ver, mais ajuda do privado primeiro que chegaram as ONGs apoiar o comércio de turismo comunitário, as autoridades do Estado ajudam pouco, os particulares ajudam mais, as universidades deram cadeiras, deram kits escolas, pintura fizeram tudo com doação e autogestão o que eles obtêm não é um capital grande o visitante paga três dólares e disto se faz uma divisão, cinquenta centavos ao museu, cinquenta centavos a comunidade, no restaurante também funciona assim.

Imagem 9 Laguna sulfurosa



Fonte – Acervo pessoal da autora Santos (2018)

Com os tratamentos estéticos realizados com a lama sulfurosa pretendem melhorar a estrutura, para eles este aprendizado serve como um serviço a mais e também veem como mais um trabalho para as mulheres (Banega & Cordero, 2018). A comunidade vive basicamente do turismo, segundo o líder comunitário os valores mensais não são

altos. No Parque Nacional Machalilla trabalham três pessoas da comunidade como guarda parques e 21 sócios trabalham no museu arqueológico inaugurado em 1990, as mulheres estão mais alocadas no artesanato, no cotidiano da comunidade atuam nas tarefas como um trabalho, afinal sua sobrevivência depende daquela realização (Banega & Cordero, 2018). Segundo o Prof. Miguel Galarza Cordero (2018) Cuenca

O turismo comunitário, começou por volta de 1992 estávamos em um neoliberalismo mais fechado, foi uma luta intensa, eles começaram sendo parte de uma fazenda estes povos da Costa muitos da Serra e da Amazônia viveram o tema de Huasipungos, quero dizer que o grande empresário de um terreno como forma de pagamento, onde plantavam viviam e com isto faziam ali sua atividade laboral e finalmente depois aparece a reforma agrária que aparece a liberdade destes povos que foram ensinados a trabalhar juntos. Água Blanca foi uma fazenda, quando veio esta reforma eles ficaram em um território em que tudo foi de todos. Mas são poucos exemplos no Equador, a maioria se dividiu e obteve os títulos de propriedade. A Comunidade Água Blanca está no centro de um parque nacional e as autoridades queriam que saíssem daqui - eram 20 famílias, estamos falando de anos 80 - queriam que eles saíssem porque era água natural e eles disseram não, porque vinham de um povo ancestral (manta) as evidências você viu no museu e as artesanais que possuem até agora, são um povo Montubio que são da área da Costa, na Serra, que são camponeses e na Amazônia esta repartida em 23 etnias e povos indígenas de muitos anos, mas em manta são ancestrais através do governo como um decreto (...) não tenho a data exata, mas eles tem a o documento que dizem que o reconhecem e isto já faz 20 que a comunidade era agricultora, de caçadores, madeireiros e entraram nesta área de turismo e agora são protetores do bosque e são guardiões da fauna e da flora.

Em um dos dias em que estivemos na comunidade houve uma reunião na Sede Comunal que é o espaço onde todos da comunidade se encontram para decidir assunto pertinentes à comunidade. Neste dia de março de 2018 ocorreria uma atividade com funcionários do Estado em especial do Ministério do Meio Ambiente. Eram dois rapazes, pareciam inexperientes perante a história da comunidade, levaram um filme com uma tela de cinema solicitaram que todos assistissem. Na minha observação apesar da boa intenção dos agentes do Estado, toda a atividade foi mal pensada em termos pedagógicos, pareciam desconhecer completamente o público para o qual falariam. Optaram por passar um filme chamado “Las aventuras de Sammy³⁵⁵” um filme infantil com duração de quase duas horas e que mesmo as crianças em determinado momento se fartaram. A atividade acabou por não ter nenhum aproveitamento, ainda assim a comunidade todos se mantiveram ali com alguma dispersão, ao fim houve um intenso debate político. Os comuneiros manifestaram-se como rechaço as atividades interventivas realizadas pelo Órgão do Governo, um deles foi enfático ao dizer que “aquilo tudo era inútil, em nenhum momento nos foi explicado o

³⁵⁵ É uma animação produzida em 2010 que mostra a tartaruga Sammy e sua luta por sobrevivência até chegar a fase adulta em meio ao oceano repleto de lixo e de intervenções humanas.

sentido destas sessões para a comunidade” foi constrangedor, porém percebi as insatisfações por parte da comunidade que não consegue ser ouvida. Passado este momento realizamos o convite para o encontro entre as três comunidades relatadas para a troca de experiência e possibilidades de ação que seria realizado no dia 11 de maio de 2018.

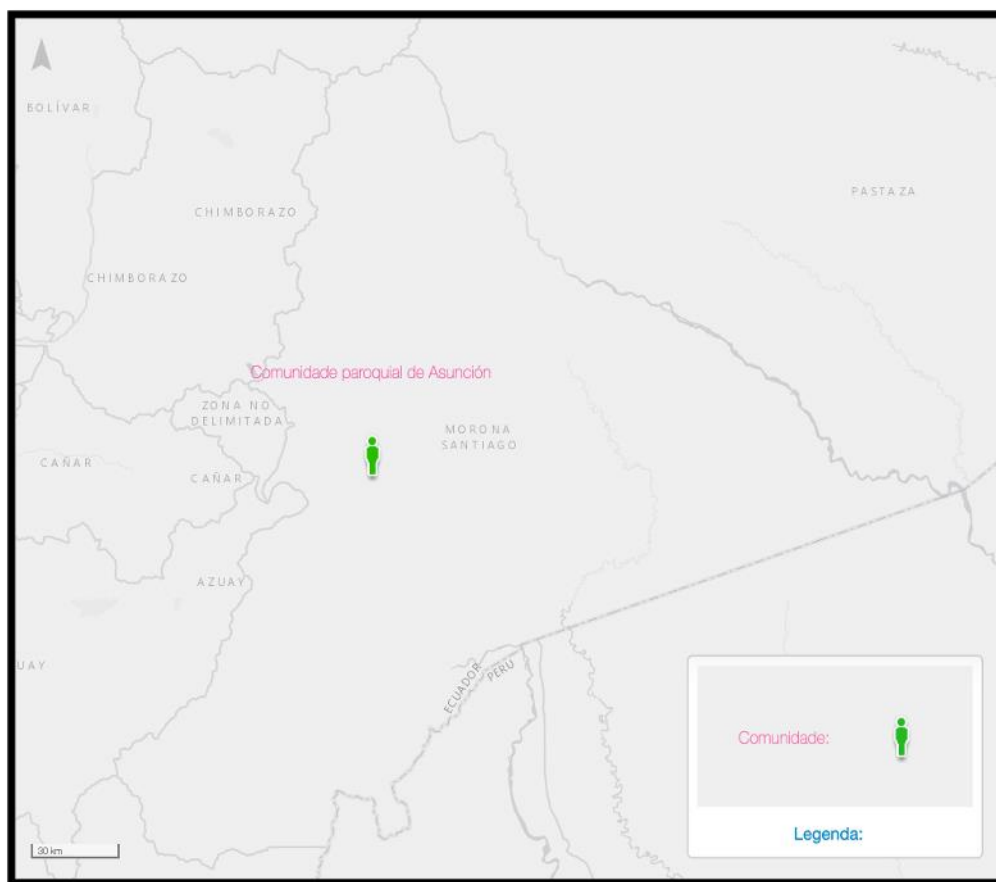
Os comuneiros foram bem solícitos com a proposta, ficaram contentes e ao mesmo tempo expuseram questões bem importantes, por exemplo, o fato de viajarem até Cuenca (cerca de 6 horas de viagem de autocarro) em grupo de 11 pessoas, que foi o estabelecido, e apenas um ou dois deles falarem durante somente dez minutos. E com razão, considerando que o evento seria realizado para/por eles, a condição para que aceitassem o convite era rever tais normas.

6.7 Asunción – Cantón Sucúa – Província Morona e Santiago

A comunidade paroquial de Asunción localizada no Cantón de Sucúa é bastante conhecida no Equador. A província de Morona e Santiago é composta por quatro paróquias; Sucúa, Huambi, Santa Marianita de Jesus e Asunción (INEC; Solis, 2018). Asunción pertence ao Cantón Sucúa e atualmente possui 471 vivendas³⁵⁶, Sucúa está localizada na região Oriental na província de Morona e Santiago. O nome Sucúa é ancestral e denominação de uma planta abundante na região conhecida como “Suku” idioma Shuar, tempos depois os colonos acrescentaram a letra “a” e assim permaneceu. Historicamente o primeiro colono na região foi um pastor chamado Benedicto Bernal em 1914 (alguns artigos afirmam ser 1909) e fica a 160 km de Cuenca.

³⁵⁶ Segundo o relatório produzido pelo Ministério de Defesa Equatoriano em 2013.

Mapa 7 Comunidade Paroquial Asunción – Sucúa



Fonte – Elaboração da autora (Santos, 2019) por meio do Software
<<https://mapmaker.nationalgeographic.org>>

A visita nesta comunidade foi muito rápida, de apenas um dia, porém em conversa com um dos professores que nos acompanhou pude perceber parte da dinâmica. É uma comunidade bastante atrativa em termos turísticos, possui um colorido muito peculiar nas edificações em torno uma vegetação nativa exuberante. O bairro que conhecemos se chama Kintia Panki que significa “boa que escurece” onde vive Juanito uma pessoa bastante conhecida pelos professores do Acordes, Juanito é chamado de “o médico da comunidade”, pessoa extremamente receptiva (Solis, 2018).

“(…) a medicina ancestral já não tem tanta influência em Sucúa, pois já diferentes atendimentos hospitalares públicos e privados que atendem as pessoas, a medicina ancestral atende as pessoas que vivem mais afastadas ou em áreas rurais e que muitas vezes não temos de meios de transporte para chegar até as casas de saúde com rapidez e deste modo, utilizamos esta medicina em nossa comunidade. Anteriormente o homem Shuar que se dedicava a curar pessoas com plantas medicinais chamava-se "Uwishin" era um médico Shuar que usava plantas naturais e medicinais para curar pessoas. Para ser um "Uwishin", você não nasce com esses dons, mas com o passar do tempo através de nossos ancestrais, nossos pais, avós e também estudando diferentes cursos para ser

"Uwishin, poderiam ajudar as pessoas que precisam do nosso serviço; e desse conhecimento. Eu estava adquirindo com meus avós, mas também participei de diferentes cursos, seminários e oficinas sobre medicina ancestral. Como "Uwishin", tenho praticado por oito anos e prestado o serviço às pessoas que precisam. Meu avô materno foi uma das primeiras pessoas que me transmitiu esses saberes, estas energias. Quando eu tinha apenas 17 anos de idade, no começo não dava importância, mas com o passar do tempo decidi continuar nisso. Na minha cultura, homens e mulheres podem ser "Uwishin", mas apenas cerca de 2% das mulheres realizam essa tarefa, ou seja, cada 10 mulheres pelo menos 1 dedicam-se a esta prática, por isso é um motivo pelo qual as pessoas vão mais aos homens "Uwishin". Hoje em dia não é muito importante na comunidade Shuar, o "Uwishin" estão perdendo esses valores entre os nossos próprios membros por este motivo já não há mais muitos "Uwishin". Os nascimentos na comunidade não se executam por nós "Uwishin" mas ao contrário, há uma mulher que atende os partos são as chamadas "comadres" ou "parteiras", se a parteira mulher Shuar não estivesse presente, apenas nesse tipo de caso, o "Uwishín" poderia assistir ao parto; dentro da minha comunidade e da minha família, quem é responsável pelo nascimento é minha mãe. Ela é a parteira, mas se houver complicações que não podem ser tratadas, ela vai a um centro de saúde³⁵⁷ (Solis, 2018: 31-33).

Atualmente a comunidade está muito voltada ao turismo, bem como como a maioria das comunidades equatorianas. Os habitantes se orgulham das suas diferenças e em muitos momentos pareceu-me que estavam sempre a tentar “comercializar” sua história. Um exemplo disto é a forma como negociam ayahuasca, o famoso chá bastante comum entre as comunidades indígenas amazônicas da América Latina, que tem sido apropriado por não indígenas, por vezes causando efeitos colaterais. Existem muitos estudos que relacionam o uso do chá de ayahuasca³⁵⁸ a tratamentos psicológicos, Escobar

³⁵⁷ Tradução livre da autora. No original - “La medicina ancestral hoy en día no influye tanto en el cantón Sucúa ya que en el cantón, hay distintas instancias como hospitales, clínicas privadas, centros de salud al que los ciudadanos del cantón que se encuentran más cerca acuden, más bien la medicina ancestral influye más en las personas que vivimos en sectores alejados, en las parroquias rurales, que muchas de las veces no disponemos de un medio de transporte para poder llegar hacia las casa de salud en una emergencia, es por eso que utilizamos esta medicina en nuestra comunidad. Antiguamente al hombre shuar que se dedicaba a curar a las personas con plantas medicinales se le llamaba “Uwishin”, era un médico Shuar que utilizaba plantas naturales y medicinales para curar a las personas. Para ser un “Uwishin”, no se nace con estos dones, pero con el paso del tiempo a través de nuestros ancestros, nuestros padres, abuelos y también estudiando distintos cursos para ser “Uwishín, y para poder ayudar a las personas que requieran de nuestro servicio; este conocimiento. Yo lo fui adquiriendo por mis padres abuelos, pero también he asistido a diferentes cursos, seminarios y talleres sobre medicina ancestral. Como “Uwishin”, llevo ocho años, practicando y brindando el servicio a las personas que lo necesiten; mi abuelo materno fue una de las primeras personas que me transmitió estos saberes, las energías cuando apenas tenía 17 años; al principio no le tome importancia, pero conforme el tiempo paso me decidí seguir en esto. En mi cultura tanto el hombre como la mujer podemos ser “Uwishin” pero tan solo el 2 % aproximadamente de mujeres desempeña esta labor, es decir de cada 10 mujeres al menos 1 se dedican a esta práctica, por lo mismo es una razón por la que las personas acuden más a los hombres “Uwishín”. Hoy en día ya no se le da mucha importancia en la comunidad shuar al “Uwishín” ya se han ido perdiendo esos valores entre nuestros propios miembros por esta razón ya no existen muchos “Uwishín”. Los partos en la comunidad, no son realizados por nosotros lo “Uwishín” sino al contrario existe una mujer para que atiende esos partos las llamadas “comadronas” o “parteras”, si la mujer shuar partera no estuviera, presente solo en ese tipo de casos el “Uwishín” podría atender el parto; dentro de mi comunidad y mi familia, la que se encarga de realizar los alumbramientos es mi madre; ella es la partera, pero si existieran complicaciones que no puedan ser atendidas se acude a un centro de salud (Solis, 2018 31-33).

³⁵⁸ No Brasil también é conhecido como Santo Daime, Barquinha e União do Vegetal (Escobar, 2012:21).

(2012) estudou os efeitos do uso do chá em três comunidades brasileiras, onde são tratados de forma religiosa e sincrética. Até 1971 tal tratamento pertencia ao chamado “Schedule 1359” que demonstram qualquer inexistência terapêutica/biomédica na substância contida no chá (Winkelman & Roberts, 2007 apud Escobar, 2012).

No caso brasileiro, Escobar (2012) afirma que desde 1986, devido ao uso crescente da substância em rituais religiosos o governo vem discutindo regulamentar o uso da substância em rituais, com a proibição de sua venda e comercialização, apesar dos diversos estudos existentes, os efeitos deste chá é algo que ainda carece de pesquisa. Ante os estudos que tive acesso há diversos conflitos que perpassam o uso do chá, o enfoque nos interessa aqui é a combinação de diferentes modelos de vida. Tal como afirma Escobar (2012) embora haja uma consonância no uso do chá, há diferenças na forma como atribuem significado a esta experiência e no significado que já existia na comunidade, que, obviamente, é completamente destoante da maneira como as comunidades brasileiras estudadas no trabalho de Escobar (2012) encaram o uso do chá, para estes o encontro é a vivência na comunidade, se reúnem para isto com certa frequência. Já a comunidade Sucúa no Equador possuía o ritual como parte de sua vivência de sua ancestralidade ao passo que hoje é uma forma de sobrevivência. Como é o caso desta comunidade, em específico, há cerca de 15 anos atrás decidiram se juntar e formar um projeto de turismo comunitário. Segundo Encalada (2017) a decisão foi tomada devido a percepção que afetavam a bacia hidrográfica com algumas de suas plantações.

Abri este parênteses para o debate acerca da ayahuasca devido a forma como o turismo e a busca dos urbanos para conhecer a “medicina ancestral” e do modo como o turismo se coloca como um novo *boom*, um novo tipo de extrativismo tal como o petróleo, a borracha, por outro lado, é uma forma de sobrevivência frente ao empobrecimento indígena. Na comunidade de Asunción, Juanito afirma que, como Shuar, creem no espírito Arutam, que simboliza os deuses da natureza, para cada enfermidade ou problema há um ritual diferente (Solis, 2018). O nosso Uwishín adverte que o ritual da ayahuasca não deve ser visto como algo engraçado ou por curiosidade, pois, segundo ele, o efeito alucinogênio da planta permite ver o futuro e com seus efeitos que duram cerca de quatro a cinco horas

³⁵⁹ Schedule 1 é parte do documento de Controlled Substance Act significa que não existe nada comprovado sobre a eficácia da substância. Segundo a página <<https://americanaddictioncenters.org/ayahuasca>> Consultado a 12.02.2019, a substância continua sendo proibida no EE UU e legalizada no Brasil.

provocam vômitos e diarreias que permitiria a pessoa ter sono ou conhecer coisas negativas acerca de si mesma³⁶⁰ (Solis, 2018).

Nos documentos de Rovere (1977) os Shuar são descritos como um povo caçador guerreiro, em que os homens possuíam penteados bem muito esmerados, também indica que homens e mulheres nunca caminhavam um ao lado do outro e não expressavam relações afetivas perante outros membros da comunidade. O documento demonstra, por meio de traçados a forma como os gestos eram bem importantes na comunicação entre eles, além dos rituais como um mecanismo para a cura e o destaque para o papel das mulheres dentro das comunidades (Rovere, 1977). Com diversos afazeres, as mulheres trabalhavam no cuidado de hortas e com trabalhos considerados pesados, com o passar do tempo suas formas de vida foram se alterando.

Descola (2018) antropólogo francês, foi um dos intelectuais que se dedicou a observar as alterações na comunidade Shuar, em um dos seu trabalhos afirma que entre os Shuar, a separação entre natureza e indivíduo não existia, ou seja, a “sociedade” para os indígenas estava composta de animais, plantas e espíritos. Rubenstein (2005) antropólogo estudioso da etnia Shuar, atribui as principais alterações nas comunidades à entrada dos missionários e de relações de poder, demonstrando a forma como chegaram e se estabeleceram ali, ocupando espaços passaram a exercer algum tipo de poder e de disputa com quem já estava, algo desconhecido anteriormente.

Segundo o censo realizado pelo Instituto Nacional de Estatísticas e Censos (INEC) de 2010 a população da província de Morona e Santiago era de 147.940 no Cantón de Sucúa, onde visitamos, possuía 18.318 habitantes com um crescimento de moradores em áreas urbanas, a explicação para este fenómeno se dá pelo fato desta área ser muito agricultável, o que levou a uma mecanização da agricultura resultando na imigração da população rural, sendo a nacionalidade maioritária Shuar. A maioria da população de Morona e Santiago se autodeclara indígena 48,4% da população e em segundo, mestiços 46,6%, brancos, montubios³⁶¹ e afro equatorianos somam 5,5%. O Censo 2010 do Instituto Nacional de Estatísticas e Censos (INEC) também apontou que a maioria da população toma água sem tratamento e utiliza como meio de comunicação principal, o telemóvel.

³⁶⁰ Há diversos rituais com baseados em plantas que curam, no caso da Guayusa que é uma planta usada comumente como chá purgativo, curativo e fonte de energia para o corpo. Esta foi experimentada, em Puyo pois meu amigo, membro de uma comunidade achava que eu deveria ter filhos então me deu esta chá como forma de auxiliar a fertilidade.

³⁶¹ Montubio é o habitante originário da costa equatoriana (INEC).

A população habita os lugares onde é possível ter a disponibilidade de serviços básicos, além de existir uma parcela que migra em busca de melhores condições de vida (Relatório do Ministério da Defesa, 2013). E é por esta razão que alguns relatórios de Organizações não Governamentais (ONGs) principalmente externas a América Latina, que realizam trabalhos de cooperação com alguns países, quando tratam da comunidade Shuar priorizam questões relativas à segurança alimentar. No caso do Relatório Giz (2008) caracterizou-se que a alimentação da comunidade se dá a partir dos acessos a plantas e sementes que intercambiam dentro da comunidade, com a prática cultural realizam o manejo e a conservação, há também o fortalecimento do papel das mulheres no cuidado das hortas tradicionais.

Ainda no mesmo relatório é possível perceber que a forma como atuam tem muita relação com sua cultura, a questão intergeracional, suas técnicas, o papel que cada um exerce dentro da comunidade. O fato de ter ficado pouco tempo nesta comunidade prejudicou qualquer tipo de observação e análise, assim sendo, recorri a estudos existentes bem como os relatos dos professores do Acordes que atuam há muitos anos nesta comunidade. Antes da colonização esta comunidade utilizava um espaço grande para realizar as atividades que compunham suas formas de vida, após a década de 1960 perderam a possibilidade espalharam-se e acabaram por se sedentarizar, perdendo os tempos de descanso que possuíam entre as colheitas (Giz, 2008: 08). A forma dispersa como viviam, passou a ser mais centralizada nas proximidades das igrejas e associações, as hortas passaram ser mais distantes das vivendas, aumentando o esforço, as dificuldades com transporte e a própria divisão de tarefas (Giz, 2008). Muitas atividades realizadas na comunidade tem uma origem ancestral, contudo, a colonização ainda não superada em toda a América Latina deixou um legado extremamente destrutivo. Tsukanka³⁶² (2013) afirma que como consequência deste processo e o contato com as políticas de cunho desenvolvimentistas realizadas pelo Estado em 1960, houve uma alteração marcante na cosmovisão, em sua relação com o ecológico, em termos psicológicos e educacionais. Em decorrência deste processo os jovens que vivem na comunidade atualmente passam por muitos conflitos e carecem de apoios específicos, já que aquela socialização existente não corresponde aos vossos anseios e ao mesmo tempo ainda carregam traços valorativos daquela cultura na qual foram criados (Tsukanka, 2013).

³⁶² O trabalho de Tsukanka é um resgate histórico dentro da universidade tratar a comunidade Shuar desde dentro retomando a história ancestral e suas alterações. O primeiro trabalho acadêmico que li escrito no idioma Shuar, demonstrando a valorização dos saberes (Santos, 2018).

Tsukanka (2013) comenta também que devido as alterações dadas desde a colonização os mais velhos mantem o idioma Shuar, enquanto que as roupas tradicionais só são utilizadas em festas e atos culturais. Em sua cultura ancestral sua organização familiar era conhecida como “família extensa³⁶³”, os matrimônios aconteciam, a poligamia se constituía como um elemento básico dentro das comunidades para a reprodução biológica e social (Tsukanka, 2013, 80-81). O controle biológico era realizado por meio de cruzamentos entre primos, suas relações com a espiritualidade ocorrem por meio de cantos tradicionais, quando, segundo eles se conectam com a natureza, o mundo vivo, são as chamadas “La Plegaria³⁶⁴” existindo uma variação enorme que cânticos, para o amor, para os animais, para a guerra, etc. (Tsukanka, 2013). Por fim, o trabalho de Tsukanka (2013) demonstra que os mais jovens dentro da comunidade não valorizam os cânticos, bem como a forma de vida cultuada pelos ancestrais.

Por outro lado, a comunidade é intensamente visitada por turistas, ainda que por pouco tempo, trocam aspectos de vivências com a comunidade e a meu ver, os tratam como seres exóticos, com uma certa fetichização da cultura. A comunidade de Asunción possui identidade Shuar, praticam da mesma ancestralidade, segundo os professores com quem segui viagem, a floresta Shuar é menos “talada”, ou seja, está mais conservada que o geral. Apesar do intenso extrativismo realizado, a floresta sem mantem em estado melhor comparada ao restante do país. Esta comunidade passa por diversos encontros e desencontros culturais, possuem traços de sua ancestralidade, porém nos últimos anos decidiram dedicar-se ao turismo comunitário como uma forma de sobrevivência, assim, realizam encontros que são os “shamânicos³⁶⁵” e apesar de não gostarem da denominação, pois denota algo mercadológico, com o qual eles não concordam, aceitam por ser uma palavra muito usada entre os não indígenas. No caso de Juan e Elias, membros desta comunidade, há uma preocupação com a perda de sua identidade, já que toda a família hoje está voltada para os rituais com a planta ayahuasca, além de visitas as belezas naturais da região.

³⁶³ Grifo nosso

³⁶⁴ Grifo nosso

³⁶⁵ O termo também pode ser escrito como “xamânico” em uma linguagem simples significa rituais ancestrais que nos coloca em contato com o mundo espiritual. Acerca disto menciono que há alguns estudos acerca dos efeitos do chá da planta ayahuasca no corpo. Dentre eles encontrei uma que chamou atenção o médico Heinz Valentin Hampejs que trabalhou com pesquisas relacionadas ao efeito do chá no corpo, após diversos estudos em 1991 foi convidado pelo governo equatoriano a redigir um livro titulado “El extasis Shamánico de conciencia, princípio medular da medicina Shamânica” atualmente realiza retiros espirituais nos Andes, nas proximidades de Otavalo e também realiza tratamentos mais longos com dependentes químicos. Além disto, o local oferece uma comodidade como um spa. As informações podem ser consultadas no site, consultado a 20.08.2018 <<http://www.shamanicretreatecuador.com/sacred-power-plants/>>

Segundo o professor que nos acompanhava Astudillo (2018) Cuenca, 13 de março de 2018 “muitos turistas norte americanos frequentam a comunidade devido a planta ayahuasca, eles cobram por volta de 350 dólares, mas para nós sempre oferecem como cortesia, pois somos amigos e sempre os visitei, desde a juventude”. O Professor Pablo Panõ (2018) apresentou-me a todos eles, porém como já mencionado nossa visita a esta comunidade foi de um dia e meio, logo não pude perceber todas as questões, tampouco me senti a vontade em fazer questionamentos para além da observação, pois poderia incorrer no mesmo exotismo que crítico. Relativo ao encontro que seria realizado na Universidade de Cuenca, a comunidade aceitou o convite de forma simpática, afirmando que combinariam entre eles quem seriam os dez a representar a comunidade no encontro. Na página oficial do Governo Descentralizado Municipal do Cantón de Sucúa³⁶⁶ há um destaque para o turismo, inclusive foi aprovado um regulamento com base no Artigo 404 da Constituição Equatoriana

O patrimônio natural único e inestimável do Equador inclui, entre outras, formações físicas, biológicas e geológicas cujo valor do ponto de vista ambiental, científico, cultural ou paisagístico requer sua proteção, conservação, recuperação e promoção. Sua gestão estará sujeita aos princípios e garantias consagrados na Constituição e será realizada de acordo com a ordenação territorial e o zoneamento ecológico, de acordo com a lei³⁶⁷.

O regulamento³⁶⁸ menciona que as áreas próprias para o turismo seriam aprovadas pelo presidente vigente e as comunidades, como pessoas jurídicas, que tivessem seus projetos aprovados estariam isentas dos direitos tributários, impostos por atos societários, transformação, cisão, fusão incluindo Direitos de Registro de Empresas de turismo cadastradas no Ministério do Turismo, também receberiam uma licença com validade de 90 dias (Ordenanza de Fomento ao Turismo, 2014). No mesmo documento, com base na Lei Orgânica de organização Territorial, autonomia e descentralização, Artigo 2, o projeto tem como base o fortalecimento da autonomia. O artigo 498 afirma que o projeto deverá estimular o desenvolvimento do turismo e construção da indústria, bem como o comércio local e assim sendo, os conselhos locais poderiam cancelar em até 50% onde os benefícios

³⁶⁶ Página consultada a 21.01.2019 em <<http://www.sucua.gob.ec/>>

³⁶⁷ Tradução livre da autora. No original - El patrimonio natural del Ecuador único e invaluable comprende, entre otras, las formaciones físicas, biológicas y geológicas cuyo valor desde el punto de vista ambiental, científico, cultural o paisajístico exige su protección, conservación, recuperación y promoción. Su gestión se sujetará a los principios y garantías consagrados en la Constitución y se llevará a cabo de acuerdo al ordenamiento territorial y una zonificación ecológica, de acuerdo con la ley. Consulta a Constituição do Equador em 09.09.2018 em <<http://www.asambleanacional.gov.ec/>>

³⁶⁸ Documento disponível em <<http://www.sucua.gob.ec/municipio/ordenanzas#>> 01.07.2018

atribuídos direcionam-se a pessoas físicas ou jurídicas e possuem prazo determinado de 10 anos. O Artigo I, II, e III do capítulo I do mesmo regulamento estabelece que a portaria em questão pode ser alterada, contudo, é do interesse do município que o desenvolvimento ocorra. Já o Artigo 6 do Capítulo II diz que é preciso tirar proveito das oportunidades turísticas da região do Cantón afim de promover a identidade local, fomentar projetos de interesses que possam ser financiados pelo Governo Municipal de Sucúa, conformar equipes turísticas, implementar sinais nos espaços, promover atrativos e serviços adequados ao turismo.

O artigo 7 e 8 da Constituição estabelecem que o financiamento se dará por meio do orçamento municipal, governo regional e governo nacional as comunidades teriam acesso a um aporte inicial de 30 mil dólares do orçamento municipal como apoio ao projeto turístico. Há ainda seções que regulamentam serviços de alimentação aos turistas, bares, bem como um livro para que as pessoas possam fazer reclamações/sugestões, realizando também programações das festividades do Cantón. Quanto aos benefícios descrevem, que os estímulos públicos deverão ser realizados pela primeira vez ou 30% do benefício total em caso de remodelações.

O turismo dentro das comunidades é incentivado, é uma diretriz do governo equatoriano. Assim sendo, há muitos estudos acerca das alterações que vem ocorrendo a partir de como se desenvolvem este tipo de turismo místico, exótico e extrativista epistêmico (Del Rio, 2012). Chaumeil (2012) enfatiza que aos poucos mesmo as petroleiras e as empresas instaladas nas comunidades latino-americanas, seja do petróleo ou mesmo na mineração atuam como os novos mecenas do turismo comunitário. No novo mecenato, que na realidade não é tão novo assim, apenas vem travestido com outros códigos de acesso, exemplo da sustentabilidade, selos ecológicos, etc., pretendem limpar a contaminação que exercem, também estão pouco preocupados com os impactos negativos ou positivos disto para além da inexistência do Estado em muitos locais (Chaumeil, 2012). Concluindo esta parte do trabalho de campo, percebe-se a partir do exposto, que existiu e existe uma dominação desde fora bem como uma dominação desde dentro, que chamamos de *colonialismo interno*, o ciclo agrário exportador vai se alterando a partir das elites internas com forma de sua reprodução (Osório, 2016).

6.8 Um <colonialismo insidioso> culturas commodities e o turismo como oposição

Nas três comunidades conhecidas, bem como outras relatadas, possuem o turismo como uma forma de sobrevivência. Neste sentido, o trabalho de Carpentier (2012) foi um aporte na compreensão dos impactos e relações existentes em comunidades cujo turismo foi implementado por uma empresa externa, privada. A análise de Carpentier é pautada no Projeto Kapawi³⁶⁹ iniciado em 1996, ainda existente. Os anos 1990 marcado pelas fortes mobilizações indígenas no Equador também foi um ano marcante para a comunidade Shuar, segundo Descola (1986 apud Carpentier, 2014) até a década de 1970 os Shuar tinham pouco contato com o mundo ocidental. A partir da chegada dos missioneiros esta realidade mudou em diversos aspectos, como foi mencionando, passaram a se organizar de forma mais conjunta com os missioneiros e até os anos 1990 passam por diversas alterações até a organização política, foi um período de intensas movimentações na América Latina.

Segundo Maldonado (2018) o pano de fundo do levante dos indígenas no Equador foram as reformas aprovadas pelo Estado equatoriano sustentadas pelo Consenso de Washington, fato que também consolidou a CONAIE como a maior organização indígena no país, este processo não ocorreu a margem das organizações de esquerda, partidos, associações religiosas e até mesmo o Estado (Maldonado, 2018). Isto porque se originam das demandas por terra e controle das mesmas, frente as ameaças de extrativismo de madeira, de petróleo ao mesmo tempo em que decorria um processo de modernização capitalista desde a década de 1960 (Maldonado, 2018: 183).

Foram períodos intensos no Equador em décadas a realidade alterou drasticamente forçando uma organização política imposta pela própria dinâmica do capitalismo mundial e sua relação com a periferia da América. Carpentier (2012) afirma que frente a tantas ameaças e ante a continuidade de sua existência, o chamado eco turismo apareceu como uma forma de manter a natureza “preservada” da exploração petrolífera. No caso da comunidade analisada por Carpentier (2014) a iniciativa do projeto não partiu da comunidade, mas sim de empresa que já realizava cruzeiros nas ilhas Galápagos e pretendia expandir seus negócios (Carpentier, 2014:143).

³⁶⁹ Página oficial do projeto <<http://www.kapawi.com/>> [11.05.2019]

A atividade turística passou por muitas mudanças entre os Shuar, de uma atividade que dividia opiniões dentro da comunidade passou a ser uma prioridade na obtenção de renda e capacitação além da percepção que se beneficiam mais no âmbito coletivo (Carpentier, 2014: 147). Dentro da gestão que realizam, se reproduzem as mesmas desigualdades já existentes, por exemplo o horário de trabalho a forma como as mulheres realizam seus afazeres, como os cuidados com as crianças, trabalho domésticos, no trabalho turístico e continuam realizando trabalhos relacionados a artesanato, limpeza e cuidados com alimentação. O turismo vem se tornando uma forma de resistência para as comunidades e muitos dos turistas que frequentam estas zonas também o fazem com base na premissa do apoio as comunidades

O turismo é importante para as economias locais de muitas comunidades que vivem em Yasuní. A contribuição econômica do turismo e de outros negócios associados a ele, ajuda as comunidades a não precisarem buscar alternativas para a renda econômica, que estaria ligada principalmente à extração (frequentemente ilegal) de recursos dentro de seu território. Além disso, o turismo exige que as áreas sejam bem preservadas, para que as comunidades possam conservar suas florestas, preservando sua cultura (Johannessen, 2017).

No trabalho de Carpentier (2012) há também demonstrações de interesse no sentido que, os filhos dos atuantes no turismo agora não necessitem, no futuro, deixar seus locais de origem para trabalhar, devido a isto alguns estão matriculados em escolas bilíngues onde também possam aprender inglês.

A atividade turística em termos políticos também pode ser uma ferramenta contra o avanço da exploração, embora as opiniões entre os envolvidos diretamente no turismo apresentem divergências. Em um momento da pesquisa de Carpentier (2012) um membro da comunidade de Wayasentsa menciona que o turismo tem ajudado muito na preservação de sua cultura, além disto, o contato com os “brancos” não indígenas acabou por demonstrar que alguns dos adornos usuais nos indígenas eram oriundos de animais que poderiam entrar em extinção e isso os fez ter uma “consciência” que não possuíam antes deste contato. Afirmção política por meio de seus trajes como ganhos por meio do exótico serve somente os interesses do estado

Na negociação, o turismo é posicionado como uma atividade privilegiada. É uma porta que permite o acesso do local ao global, da mesma forma que facilita a entrada de atores externos (o Estado entre outros) em territórios indígenas ³⁷⁰ Carpentier (2014: 152).

³⁷⁰Tradução livre da autora. No original - En tema de negociación, el turismo se posiciona como una actividad privilegiada. Es una puerta que faculta el acceso de lo local a lo global, de la misma manera que facilita la entrada de los actores externos (el Estado entre otros) a los territorios indígenas.

O projeto foi premiado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2010 por cumprir as 25 metas relativas a sustentabilidade, ainda assim, não conseguem manter o projeto sem agentes externos, ONGs e agências de fomento internacional, tal fator também os coloca na condição de subservientes a modelos atrativos ao turismo e ao turista, ou seja, se tornam vendáveis e adaptáveis em sua própria existência (Carpentier, 2014).

Pude perceber algumas sujeições deste tipo no período em que lá estive, entrevistei o Professor Patrício Carpio que também é Diretor Executivo da Organização Não Governamental (ONG) chamada OFIS. Nossa conversa foi realizada no dia 21 de março de 2018, contudo, o professor possuía uma reunião com alguns membros de uma comunidade e considerou ser importante que pudéssemos estar juntos, também considerou o fato da comunidade ter vindo de longe e não poderiam estar à espera. Patrício Carpi é sociólogo professor da Universidade de Cuenca e desenvolve seus trabalhos acadêmicos, bem como realiza trabalho na ONG Fundação OFIS (Oficina de investigação social e de desenvolvimento).

A ONG Fundação OFIS³⁷¹ existe há mais de 23 anos e está focada no atendimento de setores que possuam menor protagonismo, económico e social no Equador, também afirma o respeito as culturas de acordo com suas histórias e vontades, sem imposições de modelos de desenvolvimento. Na reunião Patrício pretendia estabelecer com a comunidade uma parceria, e por meio de um financiamento estrangeiro, obter divisas para um projeto orientado às mulheres da comunidade. Como haveria uma entrevista entre a ONG e o suposto financiador(a), Patrício orientou os integrantes da comunidade na reativação da página virtual, como uma forma de se “moldar” aos financiadores. Tive uma breve conversa com os membros da comunidade³⁷² e apenas enfatizaram o fato de estarem sempre em busca de recursos para a manutenção da comunidade, também disseram que os mais jovens necessitam de mais coisas para se ocupar e direcionar suas vidas e que gostam de coisas relacionadas a internet³⁷³. Carpentier (2014:127) explica que este enquadramento ao turista e ao turismo geralmente incorre ao lugar ao ideário “branco” que comumente enxerga o indígena como “bom selvagem”, com uma natureza endêmica, algo que seja específico e que possa ser vendável, o exótico.

³⁷¹ Informação retiradas da página oficial <<http://www.fundacionofis.org.ec/>> [20.02.2019]

³⁷² Manterei o anonimato dos membros pela brevidade da conversa.

³⁷³Faço a ressalva que apesar da boa vontade do professor Patrício em me colocar em contato com a comunidade e explicar seus intentos, tivemos uma conversa bastante breve, a impressão que tive é que eram pessoas muito simples e por não me conhecerem receavam dizer qualquer coisa que os pudesse prejudicar. Afinal de alguma maneira são “dependentes” destes tipos de apoio seus projetos comunitários.

Dessarte, os membros da comunidade se pintam, usam trajes típicos, praticam rituais e aqueles/as que não se adaptam nesta espécie de simulacro, permanecem a margem. Por outro lado, quando o número de visitas teve sua queda, devido a crise financeira, as comunidades sentiram suas ausências, já que não havia mais a mesma quantidade de trabalho, tampouco a mesma quantidade de dinheiro (Carpentier, 2014). O que fatalmente ocorre é que as comunidades tornam o turismo sua forma de sobrevivência, como esta atividade não é estável passam a viver em condições que já não dependem mais fundamentalmente dos seus trabalhos.

Assim sendo, as contradições aparecem o tempo todo e as negociações culturais se realizem aos olhos mais sensíveis, é possível estar em dois ambientes completamente diversos no mesmo dia, como comentei estive um Puyo em um ambiente muito carente e no dia seguinte participava de uma reunião com os mesmo líderes comunitários que falavam acerca de um novo projeto chamado Cuenca Amazónica em conjunto com a Fundación Pachamama. Na mesma reunião estavam presentes também organizações internacionais e jornalistas de mídias locais e internacionais, durante a reunião se falou do projeto como uma proteção a natureza e uma tentativa de deixar o petróleo debaixo da terra, também destacaram a biodiversidade contidas na Amazônia.

Imagem 10 Entidades e comunidades no Encontro em Quito



Fonte - Acervo da Autora (Santos, 2018).

Os indígenas presentes discursavam que suas comunidades precisavam ter um direcionamento com o apoio das organizações internacionais, diziam eles que as agências internacionais precisavam “dar luz” aos caminhos. Estava presente também a fundadora da Amazon Watch, Atossa Soltani, que junto com outras entidades e especialistas conheceram o projeto de turístico da nacionalidade Ashuar e em todos os momentos reforçaram a ideia de conservação deste território, de Amazônia como o “pulmão do mundo” e dos indígenas como os “guardiães da selva” (Alarcón, 2018). Por mais ambíguo que pareça é uma situação muito comum, ao se colocarem como guardiães da selva possuem diversos tipos de ganhos, já que reivindicam sua existência enquanto cultural, recebem algum tipo de aporte (financeiro/político) internacional, algo que lhes dá visibilidade, por outro lado, também os mantém reféns de um cenário completamente instável para conseguir sobreviver (Carpentier, 2012; Ulloa, 2004; Conklin & Grahan, 1995). Na Imagem 2 é possível reconhecer a ativista Tzebeporah Berman³⁷⁴, popularmente conhecida como “ativista profissional ou ativista de carreira” vem há décadas se opondo a exploração de petróleo nos EE UU e no Canadá, onde liderou um grande protesto em 1993.

Este encontro revelou muitas coisas acerca das contradições que ocorrem internamente, no seio das lutas e suas organizações, a cultura passou a ser refletida como valor de troca e não mais como relação social, para além disto, se cria uma legitimação daquele que se encaixa e se adapta ao que o outro espera que o indígena seja. Com base nisto se reforçam as características historicamente construídas do “povo selvagem”, tal como afirma Ulloa (2004) os indígenas deixam de ser vistos como atores sociais e políticos e são construídos permeados por discursos das ONGs, ecologistas e defensores da conservação. Ainda que o pensamento da autora³⁷⁵ se coloque como circular, considerando que não nos direciona para lugar algum, trás aportes importantes para compreender o quanto este tipo de ingerência, em último caso, pode entendida por meio do <colonialismo insidioso> (Santos, 2018b: Santos 2003).

As novas formas de colonialismo são mais insidiosas porque ocorrem no âmago de relações sociais dominadas pelas ideologias do antirracismo, dos direitos humanos universais, da igualdade de todos perante a lei. O colonialismo insidioso é gasoso e evanescente, tão invasivo quanto evasivo, em suma, ardiloso. Mas nem por isso engana ou minora o sofrimento de quem é dele vítima na sua vida cotidiana. Floresce em *apartheids* sociais não institucionais mesmo que sistemáticos. Ocorre nas ruas e nas casas, nas prisões e nas universidades, nos supermercados e nas esquadras de polícia. Disfarça-se

³⁷⁴ Informações obtidas na página de divulgação dos diversos ativistas “green”. Consultada a 12.04.2019 em <<https://thegreeninterview.com/interview/berman-tzeporah/>>

³⁷⁵ Ulloa, op. cit., p.145

facilmente de outras formas de dominação tais como diferenças de classe e de sexo ou sexualidade. Verdadeiramente só é captável em *close-ups*, instantâneos do dia-a-dia (Santos, 2018b).

O pós-colonialismo ultrapassa o período de independência das colônias, se reedifica sob as bases já assentadas da colonização dando nova roupagem aos discursos e narrativas apontadas pelo colonizado, negando tudo que foi historicamente construído sob as bases de um mundo que se fazia “global” em troca de mercadorias, onde há uma espécie de reivindicação de liberdades que é praticamente inexistente, já que todas as nuances entre miscigenação, racialização e sexualização estão postas (Santos, 2003).

Comaroff & Comaroff (2009) mencionam que algo estranho está acontecendo com a etnicidade³⁷⁶, afirmam que nos fizeram acreditar que, o advento da modernidade teria como decorrência um respeito a diversidade e por meio do estabelecimento de Constituições que assegurassem o reconhecimento, lograríamos buscar autonomia. Comaroff & Comaroff (2009) referem diversos exemplos em regiões africanas³⁷⁷ onde as comunidades são estimuladas a buscar formas de comercializar-se por meios de características que lhe sejam “únicas” e o conceito de “empoderamento” foi associado a esta prática, por meio do turismo de associações com fins lucrativos algo denominado pelo autor como “economia de identidade”. Há uma grande indústria por detrás desta ideia em vários locais do mundo, mesmo no Estados Unidos e na América bem como no caso do Equador aqui demonstrado e até criando categorias como “latino, hispanic” (Dávila, 2001: 2 -11 apud Comaroff & Comaroff, 2009: 16).

³⁷⁶Dentre as páginas 12-16 os autores mencionam diversos projetos entre parcerias, público/ privadas realizadas em províncias africanas onde por meio de resorts e safaris os turistas buscam “experienciar o exótico”.

³⁷⁷Comaroff & Comaroff destacam que desde 1994 havia em África em Tsuana um turismo cultural que buscava uma ancestralidade como forma de afirmação e de vida, mencionam que cultura passou a ser analisada não como um construto analítico, mas sim com abstrações típicas de uma capitalização da pós-modernidade e uma junção do neoliberalismo (Comaroff & Comaroff, 2009:21).

Imagem 11 Encontro de Entidades



Fonte – Acervo da autora, Santos (2018)

Em um trabalho interessante Comaroff & Comaroff (2009) demonstram como as culturas estão se tornando comercializáveis a partir de um estado nação polimórfico tratam da *comoditização da cultura*, ou seja, a cultura se tornou uma commodity em alguns países, embora muitos ainda tomem a cultura como um caráter inalienável e inerente a essência humana, baseando-se em exemplos da África, América, Ásia e na Europa, os antropólogos demonstram o fenômeno da entrada de domínios no mercado que antes escapavam, mesmo a pobreza e a tragédia são lucrativas, bem como a cultura, aquilo que é visto como exótico, que não existe no lugar onde habito (Comaroff & Comaroff, 2009:22).

Os antropólogos salientam que a versão mercantilizada da cultura, em muitos casos, acaba por ser a mais certificada, uma vez que, com a obtenção de ganhos reativa a chamada consciência para àquela história. Também permitiu que muitos grupos se formassem historicamente dentro desta *comoditização da cultura*, tal qual o exemplo citado na África ou mesmo no Equador, o exemplo das comunidades que utilizam o turismo como uma barreira para ao avanço do extrativismo, ou mesmo titulação de terras, direitos específicos (Comaroff & Comaroff, 2009). Criam-se assim essencialismos culturais como um mecanismo de mercantilização, isto significa que aqueles não possuem nada para “vender” não possuem uma “cultura” e a alienação, compreendida no sentido de

venda, é a única possibilidade de sobrevivência (Martin Chanock 2000, p. 24-26 apud Comaroff & Comaroff 2009).

Comaroff & Comaroff (2009) demonstram as diversas etapas para que as identidades se tornem commodities, processos de pertencimento, processo de etno-gênese, etno-economias, regimes de propriedade intelectual. As economias de mercado se tornaram o princípio organizador subjacente de marcas identitárias, ao mesmo tempo que aumentam a autonomia de grupos que historicamente foram marcados pela exclusão, por outro lado, os sujeita a novos controles e novas formas de exclusão em concorrência.

A colonização iniciou um processo de alteração temporal na América latina, existia uma história em curso, com uma gradação de tempo que foi alterada e outros lugares permaneceram, ao mesmo tempo, culturas foram se acomodando dentro de uma estrutura colonial. Varese (1982) afirma a existência de tentativas de uniformização em termos culturais, sociais e linguísticos como forma de dominação, no capitalismo colonial há uma especificidade que implica numa constante mudança também do capitalismo central para manter sua dominação. Ou seja, as alterações nas formas de dominação exigem mudanças nas colônias, os colocando na condição de subjugados e discriminando suas formas de produção, porém mantendo sua existência, a relação de dependência exige também que certas carizes sejam inalteradas, permitindo alguma conservação daquela situação (Varese, 1982:151). A manutenção de certos aspectos da economia colonial como condição de dependência acaba permitindo que outras formas de culto e de organização das relações também permaneçam, não ocorre a chamada integração nacional³⁷⁸.

Neste sentido é impossível simplificar a condição das vidas em comunidades indígenas na América Latina, tampouco fazendo oposição ao modo de produção capitalista. Obviamente que, com o passar do tempo, as economias andinas foram se alterando outras permaneceram, Varese (1982) afirma que a economia mercantil simples, produção de valores de uso se manteve no âmbito do autoconsumo e assim continuam reproduzindo seus valores enquanto puderam resistir as interferências da metrópole, o autor desenvolve a ideia acreditando que, caso as comunidades indígenas conseguissem se manter autônomas da interferência hegemônica capitalista possivelmente conseguiriam suas autonomias culturais e em potencial possibilidades de decidir seu futuro.

Como o texto é de 1982 embora no período a América Latina já possuía uma série de autores/as debruçados neste tema fatalmente não seria possível que isto se

³⁷⁸ Como Ianni, 1993: Santos: 2003.

concretizasse, exemplo disto é a forma já mencionado do modo como as comunidades em isolamento são atacadas constantemente, dados os conflitos nos quais não estão diretamente envolvidas Varese (1982). Santos (2018) atualiza este debate na sua proposição de descolonizar as ciências sociais, bem como suas práticas o que torna possível revelar estes tipos de incoerências e pensar daí possibilidades de superação, onde as práticas coloniais permanecem subjacentes. O exótico como natural, nada mais que é uma forma da ciência moderna em se adaptar as possibilidades de exploração possíveis em todos os lugares sendo assim, as diferenças se reproduzem e por isto o <movimento centrípeto> se introduz na lógica de pensamento que se aproxima do centro, pensando projetos coletivos que não estão prontos, mas que como podemos perceber neste tópico, está inserido em uma série de problemáticas que permeiam a vida de muitas pessoas cuja possibilidade de sobrevivência, em muitos dos casos, são estas (Santos, 2018). Em resposta ao pensamento percebe-se que a raiz do problema é bem mais profunda Pablo Ortiz (2018)

Quito: 14 de fevereiro

O fundamentalismo étnico que ganhou força com Correa, milenaristas, uma tese acrítica, muito anti estatal e ambígua em muitos temas, são culturalistas, contra a modernidade reivindicam um indigenismo puro e vários deles nem são indígenas – (mestiço). Quando falo sou mestiço urbano quitenho, sou muito tranquilo com isto, estou falando como acadêmico e tive uma experiência muito próxima aos indígenas, reivindicar esta raiz é parte de um processo histórico também. (...) Falo da academia, como acadêmico, não venho falar da organização indígena não estou autorizado, eu só falo quando pedem minha opinião, não falo quando não me convidam, não falo quando não pedem minha opinião, como qualquer pessoa, vão ver se o que digo tem algum sentido o mesmo que fazem com o que escrevo. São suas vidas, suas organizações suas decisões, sou um profissional e tenho um compromisso político, mas também uma demanda que preciso fazer como profissional para o qual sou pago, tenho uma formação que me permite fazer isto. O multicultural não questiona nada apenas o desenvolvimento identitário – neoliberal – e por meio da corrupção, capitalizam suas ideias. Veja os exemplos de Imbabura Cotopaxi e dirigentes que passaram por organizações.

O sujeito que possui uma luta ecologista não pode assumir tal qual a sua experiência no outro partindo do pressuposto de suas raízes, há que ter algum distanciamento não é possível criar ali qualquer tipo de identidade coletiva. Uma suposta identidade ecologista não existe, tampouco é um meio para emancipação, o identitarismo fundamentalista precisa ser questionado, tal como afirmou Ortiz (2018). E por vezes as alianças entres COICA e ONG são estratégicas e não podem ser reduzidas a somente instrumentalização, por sua vez os indígenas não são nativos ecológicos e sim sujeitos étnicos que assumem um discurso. Durante a conversa com Bélgica Gimenes (Cuenca) 15 de março

(...) nunca tiveram uma política que melhorassem a vida dos camponeses. Hoje isto é mais vigente no aumento dos impostos que impedem a compra de sementes e outras coisas. Não respeitam o código e a sabedoria ancestral. *(Pensativa)* Regressamos à 1500, somos consumidores do capitalismo. As políticas de Rafael Correa facilitaram este aporte. Os Yasunidos – ativistas, fazem muitas marchas, mas estão em seus postos públicos, não são eles quem plantam. Nos últimos anos se percebe que houve uma estratégia de romper com os movimentos mais fortes (Rede Agroecológica La Austre) o ser humano sempre aparece como objeto.

Capítulo VII - Contradições e tensões: o *Buen Vivir* e o neodesenvolvimentismo

Esta tese pretende resgatar e corroborar dentro de uma escola de pensamento sociológico do campo crítico, a partir também de dados empíricos revelar a complexidade dos novos vocábulos utilizados como “simbologias históricas”, mas que não passam de léxicos com os quais muitos estudiosos/as seguem em seus projetos sem qualquer relação com o concreto. Neste entremeio, percebe-se que natureza como valor de troca –ou seja, aquilo que não estava associado ao Yasuní ITT não parecia ter o “valor” onde o petróleo se encontrava (Davidov, 2012). O capitalismo sendo global não exclui, mesmo excluídos estão dentro dele, as populações mais remotas também estão, os indígenas isolados inclusive, já que há uma corrente do ativismo que defende que necessitam ser protegidos, então é necessário saber onde estão quantos são, como estão por outro lado, este tipo de interferência também é um contato cultural que já retira aquele grupo da sua condição anterior.

O meio ambiente, ao contrário, não é um conceito tradicionalmente ligado ao seu cotidiano. No entanto, nos últimos dez anos, os dayumeños aprenderam a lidar com o conceito de "meio ambiente" como uma ferramenta política para sustentar suas reivindicações de injustiça social e ambiental. Com o advento de notícias e relatos de poluição por hidrocarbonetos, as ONGs (Organizações Não-Governamentais) passaram a dar formações relacionadas ao monitoramento ambiental e houve um aumento da presença de advogados e jornalistas na região, os dayumeños, por exemplo, relacionam meio ambiente com a discriminação e o abandono que sempre vivenciaram. A partir do momento em que os dayumeños classificaram o ambiente como um espaço de discriminação, acrescentaram-no aos slogans tradicionais de seus protestos por justiça social. Pouco a pouco, o espectro de questões sociais apareceu sob o véu das demandas relacionadas de forma também ampliada e até mesmo crítica³⁷⁹ (Etchart, 2011: 46). Na

³⁷⁹ Tradução livre da autora. No original - El ‘medio ambiente’, al contrario, no es un concepto que tradicionalmente ha sido vinculado a sus vidas cotidianas. Sin embargo, en los últimos diez años, los dayumeños han aprendido a manejar el concepto de ‘medio ambiente’ como herramienta política para sostener sus reclamos de injusticia social y ambiental. Con la llegada de noticias e informes de la contaminación petrolera, las capacitaciones de organizaciones no-gubernamentales en monitoreo ambiental y el incremento de la presencia de abogados y reporteros en la región, los dayumeños poco a poco han ido relacionando el concepto de medio ambiente con la discriminación y el abandono que han experimentado desde siempre. Mientras que para los colonos la tierra amazónica había representado la promesa de

entrevista realizada com Katy (2018) Quito, 25 de fevereiro, verificou-se sua relação mais amistosa com as Organizações Ecologistas

(...) para nos é importante dizer porque a nível internacional sempre pareceu ser que tínhamos uma posição consolidada de esquerda e mesmo CONAIE no início apoiou Correa, mas o encanto durou pouco e tanto na campanha de Yasuní e da Texaco como as “mãos sujas da Chevron” foram temas que permitiram a ele se posicionar em nível internacional nunca teve uma linha clara sobre a importância do tema. Temos que recordar a Assembleia Constituinte com Alianza País, na medida que ele teve oportunidade de tratar destes temas, porém, não o fez. Alberto Acosta que foi ministro da energia renunciou em termos gerais radicam nisto, Alberto Acosta foi segregado, Correa chamou os ecologistas de infantis e nunca teve em si o respeito pela natureza. O que aconteceu foi um show na tentativa Yasuní ITT que rodou pelo mundo e o governo do Corrêa falava da iniciativa e depois viu mais que recursos econômicos no parque lhe importava mais e começou com a exploração. O importante em términos políticos é justamente o processo da iniciativa onde se incorporou setores ecologistas outros movimentos sociais como os Yasunidos que nos deu grande respaldo a todas estas forças ficaram completamente desgastadas. Os Yasunidos fizeram uma grande Consulta Popular, mas os filtros não passaram e nada aconteceu – pausa - sugere de falar com os grupos dos Yasunidos. Para nós, desde o setor indígena, na zona norte do país, uma zona historicamente afetada dividida, corrompida, (pausa) cooptada uma zona bastante difícil e ai onde se refletem todas estas palavras, onde se refletem estes conceitos, de nacionalidade, mas de nenhuma igualdade. Huaorani são um povo de recém contato que entraram na lógica do capitalismo de forma mais abrupta que com as indústrias petrolíferas para furar poços de petróleo

Mas isto não é comum entre os vários entrevistados, as situações são muito mais complexas que parecem, no trabalho realizado por Etchart (2011:62-63) demonstra-se que as Organizações não Governamentais (ONGs) envolvidas³⁸⁰ nas denúncias relacionadas aos vários tipos de abuso cometidos da área da Dayuma, tiveram papel determinante na

propiedad, esperanza y la oportunidad de escapar de las garras de su condición de clase, el ‘medio ambiente’ contaminado llegó a representar un obstáculo más para la superación de dicha discriminación. A partir del momento en que los dayumeños clasificaron al medio ambiente como un espacio de discriminación, lo añadieron a las consignas tradicionales de sus protestas por justicia social. Poco a poco, el espectro de temas que caían debajo de las demandas relacionadas al ambiente se fue ampliando. (Etchart, 2011: 46)

³⁸⁰ No trabalho referido são mencionadas as Organizações: Acción Ecológica, Frente de Defensa de la Amazonía, la Federación de Organizaciones Campesinas de Orellana (FOCAO), el Centro Agrícola de Orellana, la misión capuchinha, la Oficina de Derecho Ambiental e a Rede Angél Shingri está última possui um histórico bastante emocionante, já que Angél foi um dos grandes ativistas de monitoramento ambiental que ali viveu, logo, passou a ser considerado uma ameaça aos empresários do petróleo isto aconteceu em 1996, quando o Ação Ecológica passou a trabalhar com mais proximidade neste local e desde então começaram a criar uma rede de peritagem sobre as contaminações petrolíferas em Dayuma, Angél foi ameaçado durante um mês e um dia e acabou por ser assassinado, no trabalho de Etchart (2011: 51) um dos seus amigos (Carlos Zambrano) diz ter se dado conta que o problema do petróleo não era apenas de contaminação, mas de retirada de direitos e principalmente de suas vidas. Na internet é possível encontrar o Boletim de Imprensa elaborado pela Comissão Ecumênica de Direitos Humanos (CDHU) em 06 de novembro de 2003 quando do assassinato de Angél. Nas entrevistas realizadas no trabalho de Etchart (2011) percebe-se ser comum existir dentro da mesma comunidade pessoas com opinião divergentes diante o mesmo nível de violência, bem como perceber como as indústrias petrolíferas atuam com a necessidade das pessoas para garantir que a exploração seja realizada, um fato comum e lamentável. O Boletim foi consultado em 20.11.2018 em <<http://www.llacta.org/organiz/coms/com383.htm>>

consolidação das redes de mobilização, tornando os indivíduos agentes mobilizadores, que foi um trabalho em conjunto, na formação de significados acerca do caráter da sobrevivência. São muitos os conflitos existentes nos rincões do país em entrevista, o antropólogo Roberto Narváez (2018) Quito: 02 de fevereiro sempre expressou sua preocupação com o cotidiano das pessoas que estão constantemente em situação de vulnerabilidade, reiterando que o Estado nunca assumiu verdadeiramente os povos indígenas e afirmou “alguns integrantes do governo devem imaginar que os indígenas vivem debaixo de árvores, se perguntar ao Alberto Acosta – “quantas comunidades Huaorani ele conhece?”. Durante a coletiva de imprensa do grupo Ação ecológica em 20 de janeiro de 2010

Equipe de trabalho de ação ecológica - no marco de muitas ameaças que Rafael Correa sentimos necessidade de escrever comunicado. Desde 1986 é uma organização que enfrenta os impactos dos projetos de desenvolvimento que vem afetando florestas, bosques. Fui assessora de Alberto Acosta comprometido com o povo e com os interesses dos ecologistas. Todo nosso trabalho é público, no caso deste Yasuní estamos promovendo que o “Óleo não nos salva”

A crítica ao Ação Ecológica tal como a crítica ao Fundo Ambiental Nacional foi um tema central da privatização das organizações ambientais, Rafael Corrêa percebeu nos movimentos sociais seus principais inimigos uma espécie de “ecologismo infantil queria deixar o petróleo no subsolo sem qualquer condição, sem qualquer condicionamento, com o qual estávamos voltando ser os tolos úteis do planeta porque aqueles que poluem são os ricos e aqueles de nós que mantêm nosso petróleo tão necessário para o desenvolvimento do país somos os pobres³⁸¹ (...)”. O Equador passou por três processos no que concerne a indústria extrativa na última década de acordo com o volume e valores de exportação de petróleo e como estas divisas circularam no tecido social

- 2000 - 2003 uma certa estagnação dos volumes exportados e crescimento em valor monetário também foi o período de construção do gasoduto (OCP) e de elaboração de um marco legal que subsidiaria as mudanças;
- 2003 - 2006 houve um crescimento importante no valor das exportações com o lançamento da OCP e entrada de investimentos estrangeiros de modo concomitante ao aumento dos preços mundiais das commodities em especial do petróleo;
- 2006 - 2011 declínio progressivo dos volumes exportados dada a conjuntura mundial (Miguel Ruiz & Iturralde: 2013, 92-93).

³⁸¹Declaração disponível em <<http://www.ecuadortv.ec/programasecuadortv.php?c=1314>> 12.07.2018

Entrevista com Décio Machado Sociólogo e jornalista, Diretor da Fundação Alternativas latino-americanas de desenvolvimento humano e estudos antropológicos, (2018) Quito, 08 de fevereiro

Quando eu estava como assessor do Corrêa a discussão que tinha com ele era isto que como pensa construir o socialismo incrementando a dependência do capitalismo do mercado internacional, você não percebe que isto não pode ser? (...) não é factível gerar.

A política de Rafael Corrêa era de recuperação do Estado a partir da exploração do petróleo, assim a crítica aos ecologistas foi mais um mecanismo de obtenção do apoio popular já que aparentemente saíam da pobreza com a exploração, que de fato é uma preocupação social. Para Miguel Ruiz & Iturralde (2013:93)

(...) começou a ser desenvolvida uma nova orientação na política de petróleo, apoiada na recuperação do Estado de uma parte importante do controle e gestão do setor, que foi acompanhada pela decisão de muitas empresas privadas de não continuar com seus planos de investimento. Da mesma forma, durante esse período, a disputa entre diferentes atores pela apropriação de renda foi agravada: destacando as reformas contratuais e legais da nova coalizão governamental para privilegiar maiores volumes de coleta de renda e reorientá-los progressivamente para a convocação. "Pagamento da dívida social³⁸²."

7.1 Para Yasunizar é necessário <Corazonar>

Em 2007 um grupo de jovens retomou a “Amazônia pela vida” campanha que existia na década de 1980 também o coletivo Yasunidos apareceu como um protagonista no período estudado nesta tese, se denominam um movimento apartidário e defensor do parque Yasuní³⁸³. O Coletivo Yasunidos se oficializa em 25 de agosto 2013, a partir das informações que constam na página que promove o grupo, destaquei os principais eventos cronológicos do coletivo (ver tabela 2), que teve como mote inicial o ano de 2013 e que por meio da recolha de assinaturas tentavam a realização de uma Consulta que pudesse impedir a ampliação da exploração no Parque Yasuní (Krekeler, 2016). A recolha de assinaturas deu um grande destaque ao grupo e a causa em si, ficaram conhecidos em

³⁸² Tradução livre da autora. No original – (...) se comenzó a desarrollar una nueva orientación en la política petrolera, apoyada en la recuperación por parte del Estado de parte importante del control y gestión del sector, la cual fue acompañada por la decisión de muchas de las empresas privadas de no continuar con sus planes de inversión. De igual modo, en este periodo se agudizó la disputa entre diferentes actores por la apropiación de la renta: destacando las reformas legales y contractuales por parte de la nueva coalición de gobierno para privilegiar mayores volúmenes de captación de renta, y reorientarlos progresivamente hacia el llamado “pago de la deuda social”. En los siguientes gráficos se aprecia la evolución de las exportaciones petroleras y no petroleras durante la última década. (Miguel Ruiz & Iturralde 2013: 93).

³⁸³ Página oficial Coletivo Yasunidos <<https://sitio.yasunidos.org/es/>> [21.05.2017].

âmbito internacional, em seis meses coletaram cerca de 755 mil assinaturas que poderia levar o país a uma consulta popular acerca do aumento dos limites extrativistas (Krekeler, 2016). Como menciona o Art. 57 da Constituição aprovada em 2008 que reconhece e garante diversos direitos coletivos as comunidades indígenas, rurais entre eles transcrevo o item 7

Consulta livre, prévia e informada, dentro de um prazo razoável, sobre planos e programas de prospecção, exploração e comercialização de recursos não renováveis encontrados em suas terras e que possam afetá-los ambiental ou culturalmente; participar dos benefícios que esses projetos reportam e recebem indenização pelos danos sociais, culturais e ambientais causados a eles. A consulta que deve ser realizada pelas autoridades competentes será obrigatória e oportuna. Se o consentimento da comunidade consultada não for obtido, procederá de acordo com a Constituição e a lei³⁸⁴ (Constituição de 2008: 41).

Contudo, a Secção 4 Art. 103 da Constituição de 2008 garante a iniciativa popular, desde que alguns requisitos sejam cumpridos.

A iniciativa normativa popular será exercida para propor a criação, reforma ou revogação de normas jurídicas perante a Função Legislativo ou qualquer outro órgão com competência reguladora. Deve ter o apoio de um número não inferior a zero vinte e cinco por cento das pessoas registradas no registro eleitoral da jurisdição correspondente. Aqueles que propõem a iniciativa popular participarão, através de representantes, no debate do projeto no órgão correspondente, que terá um prazo de cento e oitenta dias para tratar da proposta; se não o fizer, a proposta entrará em vigor. No caso de um projeto de lei, o Presidente ou o Presidente da República pode alterar o projeto, mas não poderá vetá-lo completamente. Para a apresentação de propostas de reforma constitucional será necessário o apoio de um número não inferior a um por cento das pessoas inscritas no cadastro eleitoral. No caso de o Legislativo não tratar da proposta no prazo de um ano, os proponentes poderão solicitar ao Conselho Nacional Eleitoral que convoque um referendo, sem a necessidade de apresentar os oito por cento de apoio daqueles inscritos no registro eleitoral. Enquanto uma proposta cidadã para reforma constitucional estiver sendo processada, nenhuma outra proposta poderá ser submetida³⁸⁵ (Constituição de 2008: 69-70).

³⁸⁴Tradução livre da autora. No original - La consulta previa, libre e informada, dentro de un plazo razonable, sobre planes y programas de prospección, explotación y comercialización de recursos no renovables que se encuentren en sus tierras y que puedan afectarles ambiental o culturalmente; participar en los beneficios que esos proyectos reporten y recibir indemnizaciones por los perjuicios sociales, culturales y ambientales que les causen. La consulta que deban realizar las autoridades competentes será obligatoria y oportuna. Si no se obtuviese el consentimiento de la comunidad consultada, se procederá conforme a la Constitución y la ley (Constitución de 2008: 41).

³⁸⁵Tradução livre da autora- No original - La iniciativa popular normativa se ejercerá para proponer la creación, reforma o derogatoria de normas jurídicas ante a la Función Legislativa o cualquier otro órgano con competencia normativa. Deberá contar con el respaldo de un número no inferior al cero punto veinte y cinco por ciento de las personas inscritas en el registro electoral de la jurisdicción correspondiente. Quienes propongan la iniciativa popular participarán, mediante representantes, en el debate del proyecto en el órgano correspondiente, que tendrá un plazo de ciento ochenta días para tratar la propuesta; si no lo hace, la propuesta entrará en vigencia. Cuando se trate de un proyecto de ley, o presidente de la República podrá enmendar el proyecto, pero no vetarlo totalmente. Para la presentación de propuestas de reforma constitucional se requerirá el respaldo de un número no inferior al uno por ciento de las personas inscritas en el registro electoral. En el caso de que la Función Legislativa no trate la propuesta en el plazo de un año, los

Logo, o número de apoiantes, por meio de assinatura, não poderia ser menor que vinte e cinco por cento das pessoas com registro eleitoral da jurisdição, para conseguir que a Consulta Popular seguisse necessitavam ainda de 455 mil assinaturas, ainda assim o Conselho Nacional Eleitoral, era a entidade verificadora e acabou por cancelar metade das assinaturas e após recurso admitiram dez por cento (Krekeler, 2016). Ainda que tenham saído sem a vitória o processo de coleta de assinatura mobilizou muitas pessoas que estavam até então a margem do processo em relação ao Yasuní ITT e após uma pesquisa realizada em 2002, a cada cinco pessoas entrevistadas uma já tinha ouvido falar no Yasuní³⁸⁶ e de uma forma geral o processo politizador em âmbito nacional foi importante para o Equador (Krekeler, 2016: 08). No discurso de um dos jovens que mais aparece em entrevistas se define como “militante” e afirma que desde 2013 muitos jovens acabaram por desistir do trabalho no Coletivo e outros/as foram entrando

O movimento se define como a partir de duas premissas; “uma posição não partidária e de fazer política sem usar práticas políticas tradicionais, e não permitir que o movimento seja explorado nem por partidos políticos, nem pelos meios de comunicação” (Krekeler, 2016).

Desde seu surgimento o coletivo fez frente as diversas alterações relativas à exploração petrolífera do governo do antigo presidente Correa, contudo, permanece atuando já que desde a eleição de Lenín Moreno em 2017³⁸⁷, houve promessas de diálogo, contudo os ataques continuaram. Atualmente o grupo está presente com “células” em cerca de 24 províncias do país onde fazem frente também aos processos relacionados a mineração e a contaminação das águas em comunidades rurais (como em Kimsachocha onde estive), a maioria dos integrantes são jovens urbanos possuem uma organização nacional e depois tentam redimensionar suas formas das lutas locais. O fato de serem jovens urbanos gera uma certa celeuma que pude perceber acompanhando os movimentos e ouvindo os discursos relativos ao coletivo.

Durante a pesquisa de campo pude conhecer os Yasunidos de Quito e de Cuenca, as duas cidades onde estive, incluí uma pergunta referente aos Yasunidos e aos ecologistas no questionário base das entrevistas, objetivando entender como os diversos setores

proponentes podrán solicitar al Consejo Nacional Electoral que convoque a consulta popular, sin necesidad de presentar el ocho por ciento de respaldo de los inscritos 70 en el registro electoral. Mientras se tramite una propuesta ciudadana de reforma constitucional no podrá presentarse otra (Constitución de 2008, 69-70).

³⁸⁶ O artigo não menciona como a pesquisa foi elaborada e nem quantas pessoas foram entrevistadas.

³⁸⁷ Sugiro a leitura de um artigo que redigi acerca da falta de comprometimento por parte de Lenín Moreno. <<http://www.iela.ufsc.br/noticia/lenin-moreno-e-mais-do-mesmo-ou-seja-uma-fraude>>[12.04.2018]

interpretam a atuação destes coletivos e de outros movimentos que são apoiadores das lutas no Equador. A edição de 2016 do “Almanaque do Futuro” que divulga iniciativas para pensar o futuro deu destaque ao Coletivo Yasunidos, o almanaque destaca a formação do grupo que eu viria a conhecer, além de todo o histórico do grupo, que, no geral é composto por jovens urbanos e sua forma de atuação bastante politizado para um grupo com pouco percurso político me chamou atenção a foto interventiva da importância da conscientização e (re) aproximação a natureza, porém o meio utilizado foi um autocarro, que é simbolicamente o representativo da poluição e do petróleo, algo que me pareceu um tanto contraditório. Afinal se o todo é a soma das partes, ainda que seja esta uma ação em meio a emergência da situação do Parque Yasuní, não é possível separar suas existência dos elementos que o constituem, isto a meu ver, deveria ser antemão de qualquer movimento que se propõe encontrar mecanismos de solução para os problemas da sociedade. Como afirmou Kojève (apud Marques 2015: 449) temos uma árvore “concreta” que cresce ao lado da minha janela e esta árvore é “particular”, é porque ela difere de tudo que ela não é, ela é isolada pelo pensamento, mas não do todo, a exemplo que não seria possível retirá-la dali sem causar nenhum tipo de efeito³⁸⁸. Marques (2015: 450) adverte

A biosfera é a única realidade concreta, suas propriedades, seus comportamentos são uma emergência, posto serem inapreensíveis pelas propriedades e pelos comportamentos dos elementos da combinação dos quais ele emerge (...) tornam-se claras as insuficiências de uma abordagem descritiva das crises ambientais por dossiês isolados (...) a somatória de dossiês sobre crises ambientais não apenas não permite entendê-las como um todo concreto, como cada um deles, isolado dos demais, não é sequer um fator auto compreensivo.

³⁸⁸ Grifo do autor.

Imagem 12 Imagem de Campanha do Coletivo Yasunidos



Fonte < <https://almanaquedelfuturo.files.wordpress.com/2018/06/almanaque-do-futuro-18.pdf> >
[12.05.2019]

Assim, para compreender o todo na sua multiplicidade também é preciso “corazonar” em referência aos zapatistas e ao povo Kitu Kara, onde todo o povo silenciado pela colonização possa criar uma rede de sabedorias, fazer caminho caminhando juntos, portanto, não há lutas separadas (Santos, 2018; Guerrero Arias, 2010) Ou mesmo ao “sentipensante” de Fals borda (2015) por meio de um resgate do nossa história como povo, entendendo que a opressão não encerrou com o suposto fim da colonização.

No Coletivo Yasunidos em Quito, entrevistei Antonella Calle que é uma jovem estudante da Comunicação Social e está no Coletivo Yasunidos desde 2013, é uma das principais vozes do coletivo, bastante receptiva e simpática. Fui recebida na Sede do Yasunidos em Quito, por acaso é a mesma sede utilizada pelo Acción Ecológica, segundo a própria Antonella (2018) Quito, 15 de fevereiro “Acción Ecologica é uma ONG e Coletivo Yasunidos é um grupo social, porém desde o início do processo da Consulta a ONG cedeu espaço para que eles pudessem atuar”. Antonela Calle (2018) Quito, 15 de fevereiro falou do coletivo e de sua trajetória pessoal

Yasunidos é um grupo que possui diferentes grupos sociais, ecologistas, animalistas, feministas que vem de diferentes setores sociais. Nascemos há 5 anos quando Correa resolveu explorar o petróleo de ITT, então a sociedade equatoriana passou a se organizar e tentamos fazer uma Consulta Popular e dentro do governo houve muita oposição e a Consulta não aconteceu e desde então passaram a cuidar do Parque Yasuní.

Na data em que conversamos, Rafael Correa já era ex-presidente, assim era possível vislumbrar outras lutas diante um novo governo, além disto, conversamos acerca das formas de ativismo do coletivo e como são vistos pelos membros das comunidades, já que a maioria dos jovens que ainda atuam são urbanos, Antonella Calle (2018) Quito, 15 de fevereiro

Sou comunicadora social, estou no terceiro período de minha faculdade. Eu estava vinculada aos movimentos animalistas contra as corridas de touros, lutava por isto em 2011 e fizemos um referendo contra esta prática, que ainda segue havendo. Começou com o ativismo por aí desde 2010 e depois se envolveu com movimento animalista que está relacionado com natureza e por isto se envolveu com o sistema petrolero. Não tem um número exato de pessoas porque as vezes as pessoas se somam e saem, recolheram 757 mil assinaturas, é um coletivo horizontal assembleia, todos tomam as decisões e votam os temas propostas. As pessoas podem falar em nome do coletivo que se projetou muito por meio do tema das mulheres e esta é uma forma de organização.

A pergunta efetuada na Consulta em 2013 foi objetiva “Você concorda que o governo equatoriano mantenha o petróleo bruto ITT, conhecido como bloco 43, indefinidamente sob o subsolo?³⁸⁹”, grande parte das ações do coletivo se resumem ao âmbito legal, antes mesmo da realização da Consulta asseguraram que não houvessem assinaturas repetidas, também fizeram com que todos os formulários burocráticos fossem aprovados pela Corte Constitucional (Espinosa, 2017a). Dentro do coletivo existe uma organização horizontalizada e as tarefas são rotatórias e bem divididas, realizei a entrevista com a porta voz do coletivo Yasunidos, Antonella Calle (2018), que mencionou na época da coleta de assinaturas tiveram muitos conflitos, pois alguns dos prefeitos das províncias amazônicas apoiavam a decisão de Rafael Correa, por outro lado, o coletivo Yasunidos centrava sua ação apenas na não exploração dos Blocos 43 e 31 (Espinosa, 2017b). Também foi um momento que em apareceram outros diversos grupos ecologistas na esteira deste como o Frente total de la defensa de Amazônia³⁹⁰ fato que acabou por confundir as pessoas, já que os grupos tem visões diferenciadas acerca do extrativismo, alguns são contra qualquer tipo de extrativismo, outras são contrários apenas a ampliação da zona intangível e há ainda os grupos onde estão organizadas as comunidades indígenas, afro equatorianos que possuem posicionamentos distintos (Espinosa, 2017b).

Eduardo Pichilinge Ramos que se define como Defensor dos Direitos Humanos, Ambientalista e Promotor de Cultura Alternativa, também foi coordenador dos do Plano de

³⁸⁹ Tradução livre da autora. No original - ¿Está usted de acuerdo en que el gobierno ecuatoriano mantenga el crudo del ITT, conocido como bloque 43, indefinidamente bajo el subsuelo? (Espinosa, 2017b).

³⁹⁰ Página oficial <<https://www.makechevroncleanup.com/>> [12.04.2017]

Proteção dos Povos Indígenas em Isolamento e denunciou que o governo de Correa havia alterado a localização dos povos em isolamento mapeados em 2009/2010 com o objetivo de permitir a ampliação da extração petrolífera (Castro & Guirotto, 2016). Pichilingue trabalha há mais de 17 anos com os povos amazônicos e em vários momentos em que trata da importância do Parque Yasuní menciona os povos que Tagaeri e Taromenane ambos de origem cultural Waorani (Johannessen, 2017).

Durante esses 17 anos, eu tentei exigir seus direitos porque sua condição de isolamento faz com que o estado negue sua existência ou sua presença em seus territórios, e isso os torna muito vulneráveis - ainda mais quando há grandes jazidas de petróleo em Yasuní e as companhias avançam em seu território há várias décadas, abrindo caminho para outras atividades de nossa sociedade (colonização, extração de madeira, caça, silvicultura). Atualmente, faço parte do Coletivo Yasunidos, uma plataforma para pessoas e organizações preocupadas com Yasuní, que exigem que o avanço da atividade petrolífera nesse território seja evitado³⁹¹ (Johannessen, 2017).

Durante minha estada no Equador não consegui conversar com Eduardo Pichilingue devido a uma incompatibilidade de agenda, foi um mês bastante atribulado em virtude da Consulta realizada pelo então presidente Lenín Moreno³⁹², contudo, nos tornamos colegas e fazemos divulgação das nossas lutas por meio das redes sociais. Antes de conhecê-lo, percebia que muitas pessoas com as quais falei o descreviam como alguém bastante consciente de sua condição no mundo e da realidade indígena no Equador. Reitero sua dedicação e seriedade nas lutas latino-americanas, ainda integrante do Coletivo Yasunidos, Pichilingue realiza sempre uma abordagem global dos fatos, ciente que há limites económicos no país, porém algo precisa ser feito para proteção dos povos e da biodiversidade.

Embora esta iniciativa tenha fracassado por diferentes razões, no mesmo espírito, é necessário reconhecer a responsabilidade que os países do primeiro mundo têm na conservação de florestas que estão principalmente em países do terceiro mundo. Esses países deveriam deixar de exigir recursos naturais provenientes de áreas tão frágeis e diversificadas como a Yasuní, regular suas empresas para

³⁹¹ Tradução livre da autora. No original - During these 17 years, I have tried to demand their rights because their condition of isolation causes the state to deny their existence or their presence in their territories, and this makes them very vulnerable—even more so when there are large oil deposits in Yasuní and oil companies have been advancing on their territory for several decades, opening a way for other activities of our society (colonization, logging, hunting, forestry). Currently, I am part of the Yasunidos Collective, a platform for people and organizations concerned about Yasuní, who demand that the advance of oil activity on that territory be avoided (Johannessen, 2017).

³⁹² Acerca deste tema redigi um artigo onde explico melhor o que ocorreu, ver referências Santos (2017c).

desencorajá-los a trabalhar nessas áreas e contribuir, através de seus programas de cooperação, para a conservação dessas áreas³⁹³ (Johannessen, 2017).

Eduardo Pichilingue comentou que o mais difícil no período da Consulta em 2013 foi o combate a campanha suja que fizeram contra o Coletivo Yasunidos, afirma ainda que foram atrelados a partidos ou mesmo a grupos de direita que estavam a ser financiados com interesses escusos (Espinosa, 2017b). Pichilingue aparece como um GuardiãO Amazônico³⁹⁴ dentre outros pessoas, homens e mulheres de comunidades ou apoiadores que lutam por dignidade e direitos e que também atuaram neste projeto cujo objetivo era gravar um filme documental demonstrando diversos relatos do povo Waorani acerca de suas vidas e os impactos causados pela chamada “modernidade” (Varganciana & Gardenal, 2016). O fato de serem acossados, por todos aqueles que eram a favor da exploração, os colocou na mídia de forma intensa, fazendo com que se tornassem um grupo cada vez mais conhecido no país. Mesmo com a Consulta não alcançando seu objetivo o grupo permaneceu e demonstram que em uma luta política nem sempre ganham, porém aprenderam os limites da democracia dentro da legalidade, durante a verificação de assinaturas nenhum dos representantes do coletivo puderam estar presentes (Espinosa, 2017b). Após este processo, entraram com uma denuncia na Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CDHI) mencionando todo o processo da Consulta e dos direitos que, segundo eles, não foram respeitados isto em 2014 (ver tabela 1) também participaram Cúpula do Clima em Paris onde puderam explanar sua defesa por Yasuní (Espinosa, 2017b). Também em 2014 o Coletivo Yasunidos entrou em alguns conflitos com o Coletivo Amazônia Vive, este coletivo também coletava assinaturas e sem qualquer explicação desistiram da Consulta (ver tabela 1). Os Yasunidos apelaram a CNE para verificação das assinaturas, tiveram recurso negado, também tentaram verificar o Bloco 31 e a entrada construída pela Petroamazonas e foram impedidos, Antonella Calle, (2018) Quito, 15 de fevereiro

Fazemos duas ou três visitas ao ano, ano passado em 2017 fizemos três. O que passa é que em alguns lugares é necessária autorização para entrar em algumas

³⁹³Tradução livre da autora. No original - The government of Ecuador launched the Yasuní-ITT Initiative, which proposed leaving oil under the earth and compensating 50% of the country's potential oil-based income. Although this initiative failed for different reasons, in the same spirit, it is necessary to recognize the responsibility that first-world countries have in conserving forests that are mainly in third-world countries. These countries should stop demanding natural resources that come from such fragile and diverse areas as Yasuní, regulate their companies to discourage them from working in those areas, and contribute through their cooperation programs to the conservation of these areas (Johannessen, 2017).

³⁹⁴Disponível <<http://www.guardianasamazonia.org/>> [21.04.2018]

comunidades, as vezes não permitem nossa entrada. Existem pessoas que não nos querem lá, os petroleiros disseram aos dirigentes, nos colocaram como inimigos das comunidades

Apesar da conversa não ter se estendido muito, a porta voz dos Yasunidos possui um discurso alinhado com as práticas do grupo que ficaram conhecidas na América Latina e no mundo quando se deu início o desgaste do governo de Rafael Corrêa. Conquanto, não pude deixar de perceber que outras questões também centrais e relacionadas a exploração dos recursos naturais não foram mencionadas. Rafael Correa afirmou em março de 2014 “O voluntarismo do ‘vamos cuidar da natureza, mas vamos morrer de fome’, é irresponsável”.

O ex-presidente assumia seu posicionamento com base na necessidade destes recursos para o desenvolvimento do Equador; após o fracasso da proposta uma transferência para os países desenvolvidos que, segundo ele, foram falhos em garantir o pagamento do Fideicomiso, e garantiu que a área explorada seria menos de 1% tendo em conta o que estava em exploração (Mancilla & Martinez, 2014). Desde este momento e de toda a mobilização realizada no Equador para que o petróleo não fosse explorado, Rafael Correa passou a ter animosidades com os movimentos sociais, porém os problemas do ex-presidente não começaram neste momento exato. Havia uma segurança na Constituição aprovada em 2008 como garantia de direitos, porém quando os direitos foram exigidos as contradições inerentes ao direito se colocaram à prova. Ainda assim, há mais elementos que precisam ser analisados, daí a escolha desta tese pelo período de 2013 – 2016 a venda de commodities em todos os países da América Latina que sobrevivem às custas dos mesmos, entrou em crise.

Muitos autores/as, ativistas e coletivos chamaram Correa de insensível perante as causas da natureza, do meio ambiente e da vida, enquanto socióloga penso ser reducionista a análise, e psíquica em demasia, para entender toda a problemática equatoriana/sul-americana. Ainda que o intento da maioria dos grupos ecologistas seja a mudança do paradigma hegemônico e a transformação das nossas subjetividades, quando associam o petróleo ao capitalismo tais escritos, apesar de sensíveis não são capazes de barrar a força do capitalismo financeiro, que não é só petróleo, mas é também petróleo, ao menos ainda será por algumas décadas, enquanto não existe substituto tão lucrativo.

A partir da decisão pela exploração, percebe-se que em nenhum momento houve alteração exploração petrolífera, o que alterou foi o cenário internacional. O Estado passou por uma orientação na política de petróleo que, teve início com controle e gestão do setor,

acompanhada pela decisão de diversas empresas na não continuidade em seus planos no país (Miguel Ruiz & Iturralde, 2013:93). No período de grande venda das commodities a apropriação de renda foi extremamente elevada acarretando uma conciliação entre governos e elites locais, evidenciando que, quando a economia mundial esteve em crescimento, as exportações das economias periféricas tenderam ao crescimento (Carcanholo, 2014). Por outro lado, em momentos de crise mundial, as condicionantes das economias periféricas se agravam e a dependência fica descortinada, seria esta uma atualização das economias dependentes (Santos, 2019).

A escolha por 2013 se deu a partir deste cenário, foi por volta destes anos que grande parte dos países latino americanos começaram a demonstrar seu esgotamento político pautada nesta política de conciliação/alianças entre estado e elites/burguesias³⁹⁵ dependentes. No Equador junho e julho de 2013 marcaram o país, tal como no Brasil as “Jornadas de junho de 2013³⁹⁶” foram um divisor de águas nas manifestações e na chamada democracia brasileira. É fato que para muitos jovens cidadãos aquelas manifestações foram uma espécie de iniciação nos processos políticos e embates repressivos por parte do Estado, também no Equador as ruas foram ocupadas, fato notório, pois seus últimos movimentos mais expressivos vieram dos indígenas na década de 1990 que até hoje são exemplos de luta na América Latina (Sánchez Parga, 2009: Acosta, 2017).
Segundo Mancila & Martinez

As jornadas de julho e agosto, onde as manifestações foram violentamente reprimidas, foram o "batismo" de muitos jovens que nunca haviam sofrido ataques da polícia. Neste momento, foi patente a restrição do espaço público pela polícia e um tipo de grupo de choque chamado "Colectivos 30 s" e depois "Amazônia Vive"³⁹⁷ (Mancila & Martinez, 2014: 89)

³⁹⁵ O debate acerca da existência de uma burguesia periférica ou de grupos internacionalizados dado o capitalismo financeiro ainda esta inconcluso, por não ser o debate central desta tese usarei ambos termos.

³⁹⁶ As “Jornadas de Junho” foi termo utilizado para descrever as manifestações que iniciaram em 2013 no Brasil e que tomou proporções gigantescas no país, a princípio convocada pelo Movimento Passe Livre (MPL) e a redução da tarifa, posteriormente teve outros encadeamentos (Santos & Mendes, 2017). No Brasil estive presente, não foi meu processo inaugural em embates políticos nas ruas, ainda me recordo dos meus pais me levando, quando criança às greves no ABC paulista. Sem saber se há permissão deste parentese em uma tese científica, incorrerei o risco. Lembro-me de telefonar a minha mãe e dizer que estava na manifestação, consciente dos riscos e dos abusos que poderiam ali ocorrer me disse ao telefone “estou a ver pela televisão, dizem que há policiais armados, cuidado com eles”, nunca houve qualquer imposição familiar para que estivesse ou não ali, mas meus pais sabiam que a mudança exige luta e embate e que normalmente temos que ir até as últimas consequências para que elas ocorram.

³⁹⁷ Tradução livre da autora. No original - Las jornadas de julio y agosto donde las manifestaciones fueron violentamente reprimidas fueron el ‘bautizo’ para muchos jóvenes que nunca habían sufrido agresiones policiales. En estas fechas fue patente la restricción del espacio público a cargo de la policía y una especie de grupos de choque denominados “Colectivos 30 s” y posteriormente “Amazonia Vive” (...) (Mancilla & Martinez, 2014: 89)

A medida que as manifestações aumentavam o aparato estatal também ampliava suas táticas em combate aos jovens, no Ministério da Educação no Equador houve uma tentativa de intimidação punitiva aos jovens estudantes que participassem das manifestações, também houve perseguição aos funcionários públicos, a imprensa, as Organizações não Governamentais, uma situação dramática para aqueles que pensavam viver em plena democracia latino-americana. Foram muitas pessoas detidas durante o processo de luta contra o aumento da exploração petrolífera no Equador, entre eles está David Marmol, membro do coletivo Yasunidos que coletava assinaturas, sua detenção aconteceu porque fez um gesto com o dedo polegar para baixo demonstrando sua desaprovação no momento em que passava a comitiva presidencial ao seu lado, o ex-presidente Rafael Correa considerou o ato um insulto e em uma coletiva de imprensa acusou o grupo, que coletava assinaturas, de “causar o caos” exagerando nos números relativos ao impacto da exploração como forma de culpar as autoridades e obstaculizar o processo (La Republica, 2014). Em nota do próprio coletivo Yasunidos relatam o caso

Esta prisão ocorreu enquanto ele estava coletando assinaturas e durante a passagem da caravana presidencial. Nosso parceiro fez o gesto "desaprovação" com o polegar para baixo, após o qual um veículo da escolta da presidência parou e o deteve. Horas depois, David foi deixado para trás da basílica, espancado e agredido, de onde se comunicava com os membros do coletivo. Neste momento estamos realizando os exames físicos correspondentes para determinar seu estado atual de saúde³⁹⁸ (Redacción Wambra, 2014).

Mancilla & Martinez (2014) relatam que o Coletivo Yasunidos promoveu diversas atividades em âmbito nacional, atividades lúdicas que eram vistas por quem passava nas ruas, segundo os autores eram atividades confrontativas. Na época Rafael Correa argumentou que os manifestantes utilizavam ações de um Manual para ativistas comunitários escrito por Carlos Zorrilla (2009) que segundo ele, incentivava a desestabilização do seu governo. A notícia foi veiculada no noticiário Andes (2014) sugerindo uma espécie de conspiração política, contudo, o acesso atual direciona para uma página que não possui qualquer relação com o link³⁹⁹ em outras buscas encontrei o Observatorio de Cambios Rurales (OCARU) que reproduziu o artigo onde constam ações

³⁹⁸ Tradução livre da autora. No original - Esta detención se produjo mientras se encontraba recolectando firmas y durante el paso de la caravana presidencial. Nuestro compañero hizo el gesto de «no me gusta» con el pulgar abajo, luego de esto se detuvo un vehículo de la escolta presidencial que procedió a detenerlo. Horas más tarde David fue dejado detrás de la basílica, golpeado y maltrecho, desde donde se comunicó con los miembros del colectivo. Este momento estamos realizando los exámenes físicos correspondientes para determinar su actual estado de salud (Redacción Wambra, 2014).

³⁹⁹ Ver referências.

realizadas pelas comunidades e um quadro detalhado onde teriam como base o Manuel escrito por Zorrilla (2009). Correa além de responsabilizar Carlos Zorrilla pela organização das manifestações comunitárias, também o acusava de pertencer a uma rede estrangeira articulada para manterem seu poderio, uma vez que era dono de terras onde ocorria mineração⁴⁰⁰ (Mancilla & Martinez: 2014). Dentro do espectro que pude analisar, Zorrilla é muito conhecido por seu ativismo comunitário, vivendo no Equador há 35 anos, escolheu viver da luta, levantando estratégias e formas de proteção a natureza (Cuvi, 2013). O manual citado por Corrêa é uma espécie de guia para que as comunidades entendam como funcionam os processos de mineração em suas fases, e quais são os impactos possíveis, possui cerca de 40 páginas, nas primeiras faz uma breve resumo acerca dos vários tipos de mineração, trata do funcionamento das licenças e concessões estatais a depender da zona e da limpeza ao final dos processos de extração/mineração (Zorrilla, 2009). No mesmo material se esclarece quais são os riscos possíveis para os envolvidos com a mineração desde os trabalhadores, as pessoas que vivem nos arredores, problemas ambientais, sociais e relacionados à saúde, a partir da página 15 o manual centra nas formas de ação das comunidades caso os acordos não fossem cumpridos e alerta para os riscos que isto impõe, fazer alianças com organizações relacionadas aos direitos humanos e ecologistas que possam apoiá-los, são algumas das estratégias elencadas, por meio de exemplos em diversos países que também sofrem com os mesmos problemas (Zorrilla, 2009). Por fim trata dos processos políticos como a Consulta e o Referendo que, neste caso, constam na Constituição aprovada em 2008, além disto, sugere ações utilizando as plataformas virtuais, atividades lúdicas que servem mais como conscientização da população que não estão a acompanhar os processos de todas as comunidades (Zorrilla, 2009; Mancilla & Martinez, 2014).

Ademais, o que passou a partir do ano de 2013 precisa de análise mais aprofundada, sair da posição conspiratória que permeia a cabeça de muitos dos governantes da América Latina como mecanismo para não fazer uma autocrítica ou mesmo

⁴⁰⁰Longe de tentar fazer uma investigação jornalística neste texto e afastando-me de qualquer tentativa de explicação as ações violentas do ex-presidente contra as comunidades com base neste argumento, fiz uma breve pesquisa para saber um pouco mais acerca de Zorrilla. Em diversas páginas aparece como, fundador e vice-presidente de Decoin (Defesa e Conservacion Ecológica de Intag / Ecológica Defesa e Conservação de Intag) - uma organização de base na região de Intag do Equador. Em um artigo de 2005 é mencionado como um dos maiores protagonistas na luta de base comunitária contra os esforços do Banco Mundial na construção de uma mina de cobre a céu aberto (ver referências – Zorrilla, 2005). Em outro artigo datado de 2000 escrito por Ginsberg, há toda a descrição do como Zorrilla aderiu as lutas e que a princípio teve que enfrentar os vizinhos que matavam animais em extinção.

admitir falhas e submissões em seus governos. Em conversa com Roque Sevilla (2018), Quito, 28 de março

o movimento ecologista é muito de rua e pouco de estratégia política, são bonitos, mas não passa nada, foi um esforço fabuloso que fizeram politicamente, mas não têm força para propor políticas de substituição.

Em Quito conversei com Harold Burbano, um jovem advogado atuante do INREDH⁴⁰¹ que advoga a favor das pessoas que foram perseguidas no governo de Rafael Correa. O escritório do INREDH está localizado na área central de Quito no terceiro andar de um edifício antigo, trabalham ali mulheres indígenas, jovens e todas foram muito simpáticas comigo e com o trabalho que desenvolvi.

O INREDH realiza assessoria em direitos humanos há mais de 25 anos e atuam perante as urgências do país mediante a conjuntura política e econômica, nos anos 2000, segundo Burbano (2018) Quito, 14 de fevereiro, se deram conta que havia maior resistência nos processos de mineração. Diante desta constatação, estabeleceram duas frentes de ação

Procurar que as organizações pudessem ter capacidades de enfrentar todos processos de luta;
Realizar o aporte jurídico nestas lutas.

Não foi um dos objetivos desta tese fazer comparações entre os movimentos sociais organizados no Equador, mas sim entender seus limites de ação na situação do extrativismo ao Parque Yasuní. Neste marco, e acostumada com a teoria da práxis tenho alguma destreza em perceber o formato das organizações, sua seriedade e alguns dos limites mais evidentes. Na página oficial do INREDH há diversos materiais didáticos destinados a capacitação comunitária, acessos legais e outros informes que podem ser utilizados como meio de formação política, em espanhol, quíchua que me pareceu importante no sentido de contemplar as comunidades que não falam o espanhol. No dia em que estive na entrevista havia a preparação para uma formação com diversas comunidades e pude ajudá-los com os preparativos carregando objetos, livros e material a ser distribuído. Burbano (2018) Quito, 14 de fevereiro

⁴⁰¹ INREDH – é uma Fundação Regional de Assessoria em Direitos Humanos, não governamental e sem vínculos partidários foram reconhecidos mediante ao acordo ministerial nº 5577 em 1993. (informações obtidas por meio da página oficial – ver referências).

Era uma zona tranquila e aumentou seus níveis de conflito por conta da mineração, não importa o discurso de esquerda, progressista ou que seja. Desde o primeiro plano nacional já se viu que esta era a linha. Neste marco encontraram alguns tipos de violação de direitos humanos (casa, território, água) e também as pessoas que defendem seus direitos, existem ameaças contra os dirigentes e também assassinatos. Intervém em temas de graves de violações de direitos humanos, desapareições forçadas. A democracia não chegou – desde INREDH fizemos uma investigação desde o aumento de direito e o aumento das resistências, desde 2008 um pico de direitos que estava acumulado desde as lutas e depois a expansão das políticas extrativistas que já levavam os governos prévios desde antes de Correa. Houve uma ruptura em 2011 entre as organizações mais fortes (CONAIE) exacerbando a resistência, em 2012 nasce a primeira marcha por água e começa a ter enfrentamentos entre as pessoas publicas e violação de direitos. A forma como o Estado enfrenta os conflitos tem sido a partir do processo penal, embora, os direitos humanos estejam garantidos na Constituição.

Em 2010 o governo equatoriano fez novos empréstimos no exterior, argumentando que faria a transformação energética, por meio de termelétricas segundo Ruiz & Iturralde⁴⁰² (2013:83) foram contratados empréstimos com a Corporação Andina de Fomento (CAF), o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e a China. Para pensar o Equador sem exploração de petróleo (e outros recursos é preciso pensar outro modelo de desenvolvimento) muitos dos trabalhos atuais se colocam como “Alternativa al Desarrollo”, um debate perigoso inclusive, uma retomada à natureza, ao mágico e desconhecido, uma negação ao desenvolvimento que existe, está posta, contudo é coisificada sob a barbárie da maioria.

Algumas obras afirmam a proposta Yasuní ITT como uma proposta feminista⁴⁰³ na leitura que faço ela é mais uma luta dos latinos americanos, não possui um caráter essencialmente feminista como muitos teóricos/as tentam apontar. Neste sentido, o que muitos teóricos nomeiam como “questão” a exemplo do racismo, indigenismo, o patriarcado latino americano, entendo como gênese, somos a gênese, todas estas implicações fazem parte da nossa gênese latino americana, obviamente que existem diversas opressões, rurais, cidadinas, geográficas, mas somos todos parte desta composição e de alguma maneira todas as violências nos permeiam desde que somos o continente gestado a partir do genocídio. Tal como afirmou González (1988:72) “A chamada América Latina é muito mais Ameríndia e Améfrica que qualquer outra coisa” e muitas vezes o

⁴⁰² Tradução livre da autora. No original – (...) para ir transformando la matriz energética, actualmente anclada a la producción de electricidad por centrales térmicas o a la importación de aquella), por lo que se contrataron créditos con la Corporación Andina de Fomento (CAF), el Banco Interamericano de Desarrollo (BID) y China. 2013: 83

⁴⁰³ Disponível em <<http://www.feministas.org/el-yasuni-en-clave-feminista.html>> [12.07.2018]

racismo, tal como diversos estudos identitários, servem como instrumentos alienantes subjacentes às próprias opressões.

O extrativismo sim, é uma luta dos povos latino-americanos, pois nosso caráter econômico colonial aparece desta exploração que, obviamente, perpassa por nossa constituição humana, pela nossa formação enquanto povo. E aí que está uma chave de análise importante de que somos muitos na mesma luta e que não há eles e nós, tal como afirmou Santos (2018a). Quando perguntada acerca dos contatos que possuem com indígenas e afroequatorianos Antonela Calle (2018), Quito, 15 de fevereiro

(pausa e respira fundo) temos pouca participação destes setores, lastimosamente estão organizados na CONAIE e nos seus próprios grupos, (pausa) integrantes constantes...Não! Quando passou o tema da Consulta Popular também recolheram assinaturas, mas dialogamos. Sim, há um diálogo, mas as vezes é complicado devido as diferenças com os dirigentes, lastimosamente temos visto que alguns dirigentes facilmente se deixam “levar” pelas empresas petroleiras. Temos uma boa relação com as mulheres amazônicas.

Quando Correa oscila para exploração há uma grande movimentação no seu governo segundo o Boletim Letras verdes (201) a Comissão responsável pelo projeto renunciou

O chanceler Fander Falconí renunciou na terça-feira, 12 de janeiro de 2010, devido à decisão do presidente Rafael Correa de impedir a assinatura do acordo com as Nações Unidas para conservar petróleo em terra, no campo de Ishpingo-Tambococha-Tiputini (ITT), em dezembro. Em reação, na tarde de segunda-feira, 11 de janeiro, Roque Sevilla, proprietário do projeto e ambientalista Yolanda Kakabadse renunciou. Sevilla culpou o presidente pelo enfraquecimento da proposta⁴⁰⁴

Na entrevista Ortiz, Pablo (2018) Quito:

O tema de Yasunidos é complexo, mas eu posso resumir em dois minutos como uma anedota estive muitos anos no Oriente, quem me conhece sabe, estive muitos anos ali, me separei de tudo e ao longo de 25 anos trabalhando ali ganhei o direito de opinar, porque eu falo? porque não é o mesmo opinar quando se está menos de uma semana em um lugar e sai como aparentemente um especialista, como um grupo que está aqui um mês e depois volta à Europa e se acha um especialista latino americano. Estas coisas eu não entendo porque é grosseiro, porque se vou à Europa e fico menos de um ano e volto, serei eu um especialista em assuntos do mediterrâneo? Esta é a impressão que tenho de muitos grupos de Quito, de minha cidade, porque digamos (...) não conhecem estas regiões, a realidade local, há que viver ali como em todos os lugares e sobretudo, estudar

⁴⁰⁴ Tradução livre da autora. No original - El canceller Fander Falconí renunció en martes 12 de enero de 2010 debido a la decisión del presidente Rafael Correa de frenar la firma del fideicomiso con Naciones Unidas para conservar el crudo en tierra, en el campo Ishpingo-Tambococha-Tiputini (ITT), en diciembre pasado. En reacción, la tarde del lunes 11 de enero, Roque Sevilla, titular del proyecto y la ambientalista Yolanda Kakabadse renunciaron. Sevilla responsabilizó al primer Mandatario del debilitamiento de la propuesta.

de fundo ou por meio de um trabalho sério de fonte em termos de investigação acadêmica dura. E aí sim estão em capacidade de fazer uma leitura para tomar em sério, quando vem alguém que utiliza qualquer coisa quase mais ou menos um “chiste” porque? Porque devo levar à sério? porque o tipo maneja uma página na web?

Esta foi uma crítica comum em quase todos os lugares que pude conhecer, o antropólogo Roberto Narváez já havia alertado quando da minha chegada no país, mesmo entre membros da comunidade existe uma discrepância entre os que admitiam apoios dos ecologistas como algo valioso e outros que avaliavam ressabiados, talvez pensando o que eu, enquanto estranha e pesquisadora, poderia fazer com tais afirmações. As Organizações Não Governamentais (ONGs) são objeto de críticas em toda a América Latina, o Estado na sua ingerência foi incapaz de atender a totalidade da população, permitindo que muitas comunidades se auto regulem à sua maneira, seja pela violência pelo tráfico, pelas milícias, etc. Em Cuenca conversei com um dos integrantes desta Comissão Técnica Yasuní ITT, composta por Roque Sevilla⁴⁰⁵ que é um economista, empresário e político no Equador, com quem conversei além do economista Fander Falconí e Yolanda Kakabadse que é uma das fundadoras da Fundação Natura em Quito. Yolanda mencionava o projeto como um quadro no pós-Quito, uma tentativa de trazer mais instrumentos para que “Quito” se realizasse Martin (2011). A partir da nomeação desta comissão, Rafael Correa ampliou o prazo para setembro de 2008 e depois para fevereiro de 2009, em maio de 2009 a Comissão Administrativa viajou para angariar apoiadores e foram criticados por Rafael Correa desautorizando os membros da comissão (Martin, 2011).

Roque Sevilla me atendeu em seu escritório em Quito, conhecido por seu envolvimento com as questões ambientais, foi prefeito na capital equatoriana e presidente da Fundação Natura, Roque Sevilla (2018), Quito, 28 de março

Particpei da Comissão Administrativa no período julho de 2008 até de dezembro 2009. Yasuní ITT foi uma proposta extraordinária e revolucionária. Claro! não se enquadrava com o que todo mundo pensava acerca da energia e sobre câmbio climático, porém agora todos nos dão razão, talvez tenha sido muito cedo. Alcançamos bons resultados, porém o governo não cedeu. Eu fiz compromissos diretos, por 1760 milhões de dólares, que estavam sujeitos a cumprir requisitos, que eram requisitos que nós mesmo teríamos implementado com o Fideicomiso (pausa) e que (pausa) ademais os resultados da reunião da COP (Copenhague em 2009) e que impõe obrigações multilaterais com Suécia, França e Holanda (...) ehh... o presidente desde dezembro 2009 quando eu apresentei este informe disse — “*que teremos que fazer?*”

Respondi

⁴⁰⁵ Página oficial do Empresário <<https://www.roquesevilla.com/>> consultado a 10.02.2019.

— Que tínhamos que firmar contratos de Fideicomiso com as Nações Unidas, que há haviam negociado e como assim? Porque não aproveitamos o dia interior da COP para firmar o convénio com os Estados Unidos ele aprovou isso e dois membros Fander Falconí e Yolanda que tinha contatos extraordinários viajaram a Dinamarca⁴⁰⁶, conseguiram que 16 chefes de Estado assistissem a discussão. Eu estava fazendo os últimos ajustes com a delegação das Nações Unidas em Quito, quando recebi uma chamada em 15 de dezembro do presidente dizendo que não ia firmar o convénio, pois este, atentava contra a soberania equatoriana.

Respondi.

—Como assim?

Ele respondeu:

— *Porque nos não temos a maioria no Comitê que maneja o fundo.*

Respondi

— Era obvio porque é uma fidúcia, são eles (Nações Unidas) que tem o controle e não o país que pede a fidúcia e daí se acabou tudo. Não assinaram o convénio e tudo acabou muito mal, foram 13 anos de debate somando os aportes chegavam 1670 milhões de dólares.

A não exploração valia 7 mil milhões de dólares quando fizemos os cálculos a 64 dólares o barril, mas não tínhamos que investir um centavo. Acabei por renunciar, renunciei, renunciou Fander e depois Yolanda, ficando somente Francisco Carrión que seguiu sozinho com a proposta. Em agosto de 2010 o presidente nomeou como presidente da Comissão Ivonne Baki uma pessoa que estava ligada ao negócio petrolero e não tinha nenhuma ideia, foi um fracasso, total fracasso. A essa altura os apoiadores da proposta estavam cansados.

7.2 Ideário Constitucional e resistência dos povos

No Equador o modelo de exploração adotado seguiu centrado na exploração intensiva dos recursos naturais, colidindo com os princípios de interculturalidade e plurinacionalidade. No trabalho de Santamaria (2016:60) há um debate acerca da Constituição ser ou não um instrumento antipopular, para o autor, muito dos advogados, legisladores, juízes e mesmo académicos possuem uma cultura elitista enxergando os problemas nas pessoas e as possibilidades de solução em si, como se estivesse isenta ou acima das contradições do mundo. Santamaria (2016:61) afirma que fazer política desde o gabinete é uma maneira muito perigosa de afastar-se cada vez mais das implicações do mundo e da própria razão. O autor acerta em dizer que, o que é produzido em termos legais pode auxiliar no favorecimento das desigualdades é a produção de uma realidade ou de sua manutenção, e jamais pode ser um trabalho fechado dentro de uma sala sem contato com o mundo que tais leis serão exercidas (Santamaria, 2016). No trabalho de campo que realizei tive a oportunidade de conversar com o grande estudioso das Constituições latino-americanas, Ramiro Avila Santamaria (2018) Quito, 06 de fevereiro que afirmou

⁴⁰⁶ Aqui se refere a Yolanda Kakabadse, Presidenta del Fondo Mundial para la Naturaleza (WWF) (Martin, 2011).

Te conto mais ou menos minha perspectiva. O Equador teve um período de muito instabilidade política e ao mesmo tempo creio que teve uma atividade importante dos movimentos sociais, em particular ao movimento indígena. Creio que nos anos 90 e pudemos resistir ao Consenso de Washington quando tentaram privatizar a água, privatizar muitos serviços públicos e tivemos uma resistência muito forte. Parte das atividades dos movimentos sociais foi se manifestar nas ruas quando os presidentes haviam traído, foi uma época muito forte de resistência à neoliberalização, uma organização importante por parte de mulheres, crianças, adolescentes, imigrantes e todos, todas. (pausa) Em 2007 este projeto, o de Aliança Pais, liderado por Rafael Corrêa tentou aglutinar todos os movimentos sociais de esquerda, não se pode explicar a eleição de Correa sem explicar o apoio que ele teve dos movimentos populares que foi maioritário e uma das suas promessas foi fazer uma consulta popular e fazer uma nova Constituição que aglutinava todos os movimentos sociais e todas as reivindicações de esquerda, progressistas, etc. Eu creio que a Constituição de 2008 reflete as reivindicações dos movimentos sociais dos últimos 20 anos, isto é inegável. Se você ler, vai ver que ali está todas as demandas sociais plasmadas em direitos. Direitos das pessoas, da natureza, de todos os movimentos ecológicos a constituição também um déficit enorme que possui uma estrutura de poder que não muda o que foi uma estrutura liberal do século XIX a identidade, a noção de nação, cidadania, os direitos individuais, o sistema presidencialista, e digamos ai uma coisa que é importante para entender a constituição é que ela é um pacto que reflete as tensões que existem no país.

Sánchez Parga (2009) menciona que a Constituição de 1998 foi um golpe duro no que concerne a representatividade onde no Capítulo I do Congresso Nacional, Artigo 126 diz

A função legislativa será exercida pelo Congresso Nacional, com sede em Quito. Excepcionalmente, pode reunir-se em qualquer parte do território nacional. Será integrado por deputados que serão escolhidos por cada província em número de dois, e mais um por duzentos mil habitantes ou fração que passa de cento e cinquenta mil. O número de habitantes que servirá de base para a eleição será aquele estabelecido pelo último censo nacional da população, que deve ser feito a cada dez anos⁴⁰⁷.

Sánchez Parga (2009) considera que desde este momento houve uma desconsideração pelo pensamento e trabalho no sentido nacional. Embora o Artigo 115 retome a premissa que os partidos reconhecidos devem apresentar programas que estejam organizados em âmbito nacional (Constituição, 1998:32). No Artigo 98 da Constituição (1998:29) diz que podem participar pessoas que não estejam filiadas a partidos, ao abrir esta concorrência se viabiliza a profissionalização do parlamento. Segundo Sánchez Parga (2009) foi uma situação venal já que cada individuo pode ser colocar a disposição do que

⁴⁰⁷ Tradução livre da autora. No original - La Función Legislativa será ejercida por el Congreso Nacional, con sede en Quito. Excepcionalmente podrá reunirse en cualquier parte del territorio nacional. Estará integrado por diputados que serán elegidos por cada provincia en número de dos, y uno más por cada doscientos mil habitantes o fracción que pase de ciento cincuenta mil. El número de habitantes que servirá de base para la elección será el establecido por el último censo nacional de población, que deberá realizarse cada diez años (Constituição, 1998: 35).

lhe interessar mais, em termos individuais, uma representação privada sem qualquer diretiva partidária. O bem comum que deveria ser pensando coletivamente, dá lugar ao individualismo político aos interesses privados.

As década de 80 e 90 na América Latina se iniciaram com um processo de acumulação que agora se mostra completamente esgotado, ao perder a criticidade histórica do processo, perdemos também o movimento do capital, a sociedade do mercado estabeleceu a desindustrialização e os governos chamados à esquerda fizeram aprofundar este quadro (Sánchez Parga, 2009: Stolowicz, 2010). Sánchez Parga (2009:24) descreve este período como um divisor e fragmentador classista, o fraturamento da sociedade e de tudo que poderia ser considerado república ou “Res-publica⁴⁰⁸” a sobras de um público que vai deixando de existir. Posteriormente a década de 1990 também não foi muito melhor, um período de grandes privatizações a década perdida deu lugar a “década de pobreza⁴⁰⁹” os interesses comuns se esvaíram.

A classe média sempre foi o setor privilegiado não só para amortecer as lutas de classes evitando situações extremas e suas contradições internas, mas também para produzir sua maior coesão interna, especialmente o lugar de definição e desenvolvimento do bem comum, o interesse mais e melhor compartilhada por toda a sociedade. Por tudo isso, a classe média sempre foi a que melhor poderia ser politicamente representada; sua crise, entendida como crise da sociedade, terá um profundo efeito, pois afeta as condições de possibilidade de representação política. Convergência de um lado de uma solução de quaisquer *res-publica*, o bem comum, com o fraturamento da sociedade, cortou suas ligações e coesões internas, e, por outro, as forças regionalistas, descentralizadoras, localistas e autonomistas, levarão a neocomunitarismos e os etnicismos, que além de particularizar o bem comum, reduzindo-o a necessidades particulares, tenderão a fazer mais interesses coletivos, faccionais e microfísicos. Tudo isso acabará desnudando a representação política de propósito e conteúdo⁴¹⁰.

Neste sentido, o neoliberalismo são as relações sociais cada vez mais emaranhadas entre um falso coletivismo e os interesses privados, os interesses sociais que

⁴⁰⁸ Grifo do autor.

⁴⁰⁹ Ibid 249

⁴¹⁰ Tradução livre da autora. No original - La clase media siempre fue el sector privilegiado no sólo para amortiguar las luchas de clases, atenuar las contradicciones extremas a su interior, sino también para producir su mayor cohesión interna, sobre todo el lugar de definición y elaboración del bien común, de los intereses más y mejor compartidos por la totalidad de la sociedad. Por todo esto la clase media era siempre la que mejor podía ser políticamente representada; su crisis entendida como crisis de sociedad tendrá un efecto profundo, al repercutir en las condiciones de posibilidad de la representación política. La convergencia por un lado de una disolución de toda *res publica*, del bien común, con la fracturación de la sociedad, ruptura de sus vínculos y cohesiones internas, y por otro lado las fuerzas descentralizadoras, regionalistas, localistas y autonomistas, darán lugar a neocomunitarismos y etnicismos, que además de particularizar el bien común, reduciéndolo a necesidades particulares, tenderá a hacer más microfísicos, faccionalistas y privados los intereses colectivos. Todo lo cual terminará despojando la representación política de finalidad y contenido (Sánchez Parga, 2009: 24).

são a linha de frente para qualquer ação política passam a ser compreendidos como necessidade sociais, particularizando problemas que são comuns (Sánchez Parga, 2009). Na tentativa de legitimar a política e o parlamento, se abre espaço para novos grupos, há uma projeção sociológica de representação, porém estão sempre atrelados a grupos dominantes demonstrando uma falsa sensação de representatividade dentro de um condicionamento onde a maioria se sente atávico para pensar mudanças efetivas.

No Equador, talvez mais acentuado que em outros países, o fato do país ter passado dez anos sem um presidente que conseguisse cumprir seu mandato, entre 1996 - 2005, demonstra como a instabilidade política se sucedeu. Se abriu uma corrente que promovia uma democracia participativa, corrente financiada pelos organismos internacionais e pelo próprio neoliberalismo, porém não perceberam que mais representação à política, por meio de orçamentos participativos e consultas populares não é alternativa participação democrática (Sánchez Parga, 2009). Este incentivo a “mais representação” leva os movimentos sociais a abandonaram o terreno da conflitividade passando a reivindicar “mais participação social”, deslegitimando ainda mais todo o sistema representativo na década de 1990. Por outro lado, quando Correa é eleito, em 2006, sua resposta aos movimentos é exatamente a exigência posta, participação política que não pode ser confundida com participação democrática (Sánchez Parga, 2009: 07).

Santos (2010) realiza o tratamento do debate da “formação nacional” do “Estado latino americano” quando diz que muitas coisas se passaram na América Latina, principalmente entre as ditaduras até os anos 1980 e 1990, porém o conhecimento canônico europeu deu pouca importância a tais reflexões, os levantes indígenas, o movimento dos afrodescendentes e suas diversas variantes os movimentos por terras que perpassam há vários outros. Tais celeumas tiveram implicações na Constituição do Estado (principalmente no Equador e na Bolívia) no sentido de reconhecer as diferenças, um hibridismo (Santos, 2010). Porém, como já vimos, convocar uma Assembleia Constituinte, no caso do Equador, foi um mecanismo atropelado⁴¹¹ em nome da governabilidade, Alberto Acosta admite esta situação em uma entrevista à Marta Harnecker (2011b:233) acerca do processo Constituinte “Era um meio legítimo, mas não necessariamente legal. Se respeitássemos a institucionalidade estabelecida na Constituição de 1998 não haveria mudança.” Soares (2017:185) menciona que o fato da Assembleia Constituinte se reunir em Montecristi, local de nascimento de Eloy Alfaro que comandou a Revolução Liberal no

⁴¹¹ Considerando que a Constituição de 1998 não possuía nenhum mecanismo que permitisse a convocatória para realização de uma Assembleia Constituinte (Soares, 2017).

Equador e impulsionou reformas sociais importantes, foi estratégico já que trazia às memórias bandeiras “alfaristas⁴¹²” das mudanças.

Nas análises comparadas de Soares (2017) percebe-se que Acosta julgava ser possível uma revolução por via constitucional, durante os trabalhos de elaboração do texto manifestava a intenção que advogados participassem de forma menor, intencionando que o texto integral⁴¹³ fosse menos “jurídico” (Ochoa, 2014 apud Soares, 2017: 187). A análise jurídica não caminha a parte dos processos históricos, assim, a Constituição conseguiu capitalizar uma série de acúmulos de lutas de décadas pelas quais passaram os povos equatorianos, porém uma ‘fé cega’ na realização constitucional para resolução de conflitos nacionais de longa data se mostrou insuficiente. Como afirmou Chiriboga (2014)

No entanto, e com certeza, essas ações convergiram em um forte processo de participação social e, portanto, na demanda por um novo marco constitucional, participação na sua elaboração e na aprovação da Constituição de 1998 em primeiro lugar, mas também em a de 2008. Propuseram uma transformação normativa, mais em termos de direitos coletivos, o primeiro, mas também no modelo de desenvolvimento e estado no segundo⁴¹⁴ (Chiriboga, 2014: 48).

Após uma década de seu governo estes limites estão completamente expostos, contudo, os esforços ainda permanecem alocados dentro da prerrogativa institucional, assim sendo, os movimentos sociais têm somado mais derrotas que vitórias. Para Melissa Moreno, Bióloga, Professora da Universidade Andina Símon Bolívar também integra o grupo Geografia Crítica (2018) Quito, 27 de fevereiro

(...) o giro foi do processo da institucionalização, nos primeiros quatro anos foi de recuperação do Estado que estava desaparecido, tem todo um processo de fortalecer e depois mudar, Correa tinha uma crença que ia salvar o país tinha que fazer, tratou de eliminar as travas, a mobilização tem que estar abaixo do Estado, mesmo os clubes de futebol. Ele pensava saber o caminho e ao encontrar com a realidade percebeu esta te coloca em uma situação de quem tem inimigo dentro e fora, coletivos de territórios e populações.

⁴¹² Grifo nosso

⁴¹³Faço aqui o destaque que a campanha pelo “não” a Consulta Popular para a realização da Assembleia foi comandada por grupo ligados a direita e religiosos que temiam pela questão do aborto e da homossexualidade, contudo, após aprovação e durante governo de Correa foi extremamente contrário a estes debates tendendo à direita em todos os campos considerados centrais para uma sociedade plural.

⁴¹⁴ Tradução livre da autora. No original- Sin embargo, y con seguridad, dichas acciones confluyeron en un fuerte proceso de participación social y, por lo tanto, en la demanda por un nuevo marco constitucional, participación en su elaboración y en la aprobación de la Constitución de 1998 primero, pero también en la del 2008. Estas plantearon una transformación normativa, más en cuanto a derechos colectivos la primera, pero también en el modelo de desarrollo y de Estado en la segunda (Chiriboga, 2014:48).

O culto ao correísmo foi algo que apareceu constantemente ao longo destes meses em que estive no Equador, em Quito encontrei-me com Alberto Acosta que, com o passar do tempo, passou do companheirismo à oposição em relação a Rafael Correa. Em 2013 foi candidato à presidência concorrendo contra Correa, em uma posição mais à esquerda pela *Unidade Plurinacional de Esquerdas (Movimento Popular Democrático e Pachakutik)*, mas o resultado foi bastante desanimador, obteve 3,2% do total de votos (Consejo Nacional Electoral, 2018). A conversa aconteceu um dia após a Consulta Popular realizada por Lenín Moreno, presidente que sucedeu a Rafael Correa e que também havia sido o vice-presidente são ferrenhos opositores atualmente. Alberto Acosta foi apoiante da vitória do “SI” na Consulta Popular⁴¹⁵, eram sete perguntas propostas, contudo, o foco foi no impedimento da reeleição por mais de uma vez, garantindo o princípio da alternância no governo como prevê a Constituição. Dentro que pude verificar naquele momento parecia arriscado apoiar o “sim” para todas questões, considerando que algumas, precisavam ser intensamente debatidas com a população, não foram, e outras se pautavam em uma qualidade de “anti correísmo” era um apoio ao “sim” na tentativa de evitar sua reeleição, desconsiderando as consequências que isto poderia trazer ao país. Na entrevista Alberto, Acosta (2018) Quito, 06 de fevereiro perguntei se estava satisfeito com o resultado da Consulta e com a vitória do “sim”.

Sim e não...sim, porque o país evitou novas reeleições e ampliou os limites da Reserva de Yasuní e não, porque as pessoas não tiveram a oportunidade de debater profundamente tais questões e também não acredito que as perguntas não são suficientes para mudar o país.

Acosta já afirmava que Lenín Moreno tentava consolidar-se, ou consolidar seu governo, por meio da Consulta, mas dizia ser a consulta sempre um exercício pedagógico político, em relação ao que se sucedeu a proposta Yasuní ITT comentou Alberto, Acosta (2018) Quito, 06 de fevereiro

A Iniciativa Yasuní ITT surge bem antes do governo de Correa (...) quando fui nomeado ministro os grupos ecologistas que estavam envolvidos nesta temática, incluindo a Ação Ecológica, buscaram dar um tratamento especial naquela região. Outras iniciativas parecidas existiram na Nigéria⁴¹⁶ (...) em 2005 e 2006 já se pensava nisto. Quando fui nomeado ministro, junto com outros grupos começamos a trabalhar neste projeto de forma a ser incorporado na política e logo no Ministério. Algumas pessoas criticaram dizendo que tínhamos um plano A ou B e isto era obvio, não tínhamos outra alternativa. Na América Latina

⁴¹⁵ Perguntas e resultados da Consulta – El Comercio (2018) <<https://www.eluniverso.com/resultados-consulta-popular-2018-ecuador>> [05.07.2018].

⁴¹⁶ Acerca da Moratória na Nigéria indico documento da proposta. [03.02.2019]

<<http://www.oilwatch.org/en/oilwatch-in-the-world/africa/nigeria/82-building-a-post-petroleum-nigeria>>

temos uma premissa que, se há recursos temos que retirar e converter em ingressos e isto nos permitirá o desenvolvimento, neste ponto há um mérito para Corrêa que aceitou pensar a possibilidade, porque ele poderia ter dito não vamos explorar petróleo e ponto! Nesta época tínhamos uma boa relação, éramos como irmãos, então ele aceitava muitas das coisas que eu propunha, porque a política não se faz em abstrato, há relações humanas. Em outra conjuntura esta proposta não haveria prosperado, se eu não fosse ministro não haveria a Iniciativa, não digo que sou o responsável, proprietário, mas minha presença permitia que isto funcione. É difícil romper com a teoria de dependência, romper com a dependência estrutural quando temos os ingressos e as pressões externas. Mesmo instituindo as Repúblicas a colonização seguiu. Veja o que sucedeu em Xingu, Belo Monte em distintas partes do Brasil.

Neste contexto, o “caudilho” responde as tais expectativas da personificação e excesso de poder ao presidente em nome da chamada governabilidade, na América Latina, em específico, tais figuras apareceram com as lutas pela independência

(...) a democracia caudilhista é um fenômeno diretamente proporcional à desinstitucionalização do Estado e do próprio regime democrático: somente a desinstitucionalização política é uma condição para a possibilidade das democracias caudilhista, e estas somente se consolidam à medida que precipitam a desinstitucionalização da democracia⁴¹⁷ (Sánchez Parga, 2009: 08).

Velasco Ibarra foi o grande caudilhista equatoriano no momento em que as exportações agrárias, em especial da banana, começaram a diminuir tentou modernizar o Equador realizando alianças com a classe dominante do período, a burguesia industrial, passaram a diversificar ganhos na indústria e no campo, como mecanismo para manter a acumulação (Acosta, 2005: 108). Cueva chamou o período entre 1948-1960 de *parêntese democrático*, só possível com uma conjuntura favorável, conquanto, negativa perante a qualquer mudança estrutural que acabou com as ilusões burguesas da época e deixou escancarada a condição semicolonial do país (Cueva, 2014: 123). Velasco ocupava a presidência equatoriana pela quarta vez e levou o país a viver uma crise econômica análoga ao período anterior a 1948 com as guerras, a crise de 29, a prosperidade do Equador teve um fim rápido (Acosta, 2005: Cueva, 2014).

Para Cueva (2014: 123-125) era natural que a democracia cambaleasse resultando no retorno do velasquismo, o autor menciona que o subproletariado se revoltou, mas foi incapaz de encontrar um caminho radicalizado, assim sendo, enxergou no “apóstolo⁴¹⁸” um

⁴¹⁷ Tradução livre da autora. No original - (...) la democracia caudillista es un fenómeno directamente proporcional a la desinstitucionalización del Estado y del mismo régimen democrático: sólo la desinstitucionalización política es condición de posibilidad de las democracias caudillistas, y éstas únicamente se consolidan en la medida que precipitan aún más la desinstitucionalización de la democracia (Sánchez Parga, 2009: 08).

⁴¹⁸ Grifo do autor

caminho que lhes pareceu acertado para retomar o que nada mais era, que o desenvolvimentismo. Obviamente que Velasco aproveitou rapidamente a onda nacionalista instaurada no país, Bambilra (2015) afirma que em países do tipo B no pós-guerra se formou uma burguesia industrial capaz de resistir por algum tempo a penetração do capital estrangeiro, desta forma agiram utilizando uma política nacionalista e mobilizando as massas populares, obviamente que por um curto espaço de tempo, no caso de Velasco, em sua quarta eleição em 1960, a crise era tão profunda que seu mandato durou dois meses apenas (Cueva, 2014: Bambilra, 2015).

Bambilra (2015) explica com exatidão este tipo de nacionalismo nascido nas classes médias, fatalmente não é possível pensar um desenvolvimento autônomo sem colocar no centro do debate o próprio sistema econômico atual, sempre foi necessário apresentar uma alternativa, seja socialista, ou qualquer outro nome que queiram chamar. Contudo, para que esta classe industrial formada consiga se opor ao imperialismo e continuar existindo, precisam negar sua própria condição, ou seja, não se afirmam enquanto classe, estão avassalados ao sistema internacional, desta feita, sequer configuram um classe, possuem um nacionalismo farsante que não representa em nada os interesses do país, fato que facilita ainda mais a imposição de domínio “de fora”. No caso do Equador, Velasco foi destituído a partir da continuidade das greves, o “apóstolo Velasco” buscou na repressão a governabilidade, ao mesmo tempo foram expostos uma série de elementos que demonstravam a existência de corrupção no seu governo e isto foi um basta (Cueva: 2014).

A “classe” dominante com todo esmero preparou um golpe, visto que acontecia a Revolução Cubana, era melhor não arriscar, na sequência, ainda que tivéssemos alguns setores mais radicais e revolucionários, a ordem estadunidense era reprimir com força tudo que transparecesse com esquerda e na sequência veio a adoção do tema “alianças para governar⁴¹⁹” (Cueva, 2014: 129). Do nacionalismo do período militar Bambilra (2015) menciona que não passou de um nacionalismo pequeno burguês, incapaz de questionar o imperialismo, já iniciava frustrado e dependente. Filhos bastardos do capital estrangeiro, os países do tipo B, dentre os quais está o Equador, o parco empresariado existente nestes países é incapaz de formular qualquer alternativa frente a dominação estrangeira Bambilra (2015). Neste sentido, a submissão ocorre de forma forçada com pouca resistência do empresariado, o caudilho faz parte deste jogo.

⁴¹⁹ Grifo do autor.

Como Sánchez Parga (2009) menciona o caudilho é sempre ágil, popular e consegue capitalizar os anseios da população, em 1998 a Constituição, como já mencionado, fundou-se em nome da governabilidade e da implementação de políticas neoliberais e ao mesmo tempo, reprimiu as lutas e protestos que se organizavam a partir da implementação das políticas neoliberais, já a Constituição de 2008 aprofundou a concentração no poder executivo em detrimento dos outros poderes. O caudilho é nada mais que o produto da transformação da democracia representativa em democracia caudilhista e por isto Rafael Correa sai na frente de outros presidentes com um perfil mais caudilhista (Parga, 2009:09). Em suma significa que a democracia passa a funcionar a partir do Executivo e sobretudo do presidente, usurpando a representatividade nacional em nome da chamada representatividade política (Sánchez Parga, 2009).

Rafael Correa ganha a presidência como grande apoio popular dos movimentos, que ele fez parte, anti políticas neoliberais depois de eleito passou a convocar o que chamou de Revolução/Socialismo do Século XXI/Nova esquerda (Sánchez Parga, 2009:09). Conquanto, a chave do caudilhismo democrático está na possibilidade de fazer frente a política da década anterior, dando continuidade as mesmas políticas. Sánchez Parga (2009) nos esclarece o funcionamento deste caudilhismo, como um acúmulo de poderes (legislativo e judiciário) no executivo, uma alteração na representação onde o presidente dá as ordens, existe em um palco, também promovido pelo aparato mediático, empresarial rebaixando, deslegitimando todas as instituições.

Os caudilhos existem em diversos países do mundo, porém, há uma distinção em países do Sul em que o governante aparece como uma resistência a ordem mundial enquanto que em países do Norte respondem ao funcionamento e manutenção da sua dominação, portanto, aparentam um maior nacionalismo (Sánchez Parga, 2009). A partir daí estreia um efeito dominó, a representação partidária se esvai, sem representação política o congresso altera e não muda nada e a representação parlamentar aparece como completamente apartada da realidade.

Desta feita, surge a “síndrome constitucionalista⁴²⁰” como se fosse possível por meio de uma ordenação Constitucional, reestabelecer novamente a volta da República, porém, a lógica mercantil adentrou no aparato estatal e todos os tipos de clientelismo podem ser vistos, compra de votos de forma descarada a favor ou contrária a determinado projeto desconsiderando a necessidade e o diálogo com a população, negociação de cargos

⁴²⁰ Grifo do autor.

dentro do governo até mesmo dentro de grupos que anteriormente eram apresentados como oposição. Sánchez Parga (2009) enfatiza que para além desta descrição, que está aqui reduzida ao âmbito institucional, sequer fiz uma análise acerca da ideologia e filosófica da democracia, o autor diz que o caudilhismo e o clientelismo estão estreitamente relacionados às políticas distributivistas e dinâmicas participacionistas que não implicam na politização da população.

Este ensejo demonstra que desde 1980 quando a democracia vai se instaurando, findando as ditaduras a abertura comercial não se relacionou diretamente ao modo de produção específico, mas às políticas distributivistas, estas que fazem parte também de uma contenção aos movimentos sociais. Em entrevista ao Jurista Harold Burbano Villarreal, (2018) Quito, 14 de fevereiro comentou

O governo não criou uma relação real – para modificar – a Constituição tem que ser um documento neutro se quer construir um Estado plurinacional –
A imposição do ocidental frente ao indígena está mal
— *E mesmo a imposição indígena frente ao ocidente também está mal e deveria ser criticada. Tentaram impor uma posição da vida que era impossível na realidade, deveria ser neutra para que cada comunidade pudesse interpretar a sua realidade. Apenas mudou de nome algo que já existia – direitos sociais. Imposição cultural que esvazia o conteúdo (Opinião pessoal).*

Esta conflitividade oriunda da década de 1980 e que perdura até os dias atuais dependerá da formação histórica de cada país, da fundamentação de cada democracia, como cada estrutura social está consolidada, a existência de uma classe média capaz de atenuar as contradições e conflitos existentes e um sistema político com partidos capazes de representar politicamente os choques (Sánchez Parga, 2009: Bambilra, 2013). Sob o ciclo de reprodução do capital financeiro sobra pouquíssimo espaço para reivindicações ofensivas, ao contrário, as possibilidades de reivindicações defensivas.

Segundo Pablo Ortiz (2018) Quito: Quito: 14 de fevereiro se referiu a plurinacionalidade, que foi e ainda é bastante debatida, principalmente na ciência jurídica

Não é somente algo jurídico. A ideia de plurinacional surge disto, esta base histórica em termos de discurso surgem destas contradições, no final dos anos 70, logo o que faz CONAIE? recorre a uma tese que já existe em final de 80, ao dirigente indígena também é complexo entender isto o levantamento indígena em 1990 estava trabalhando em pequeno periódico, Chimborazo entre outras coisas com setores (Monsenhor Proaño – bispo dos índios - tinha uma escola e ai fazia “pequenos cursos” de formação para dirigentes indígenas e convidavam as pessoas para serem animadores, mas apresentando temáticas – Direitos Humanos, coisas que aconteciam nos arredores Nicarágua...coisas da época. E claro quando passou o levante indígena - eu estava em Riobamba

– A pergunta que me faziam várias vezes, me diziam “*companheiro Pablo estamos escutando o companheiro Lucio (Luis Macas) e há algumas palavras*

que não estamos entendendo o que é isto?” (pausa) é um conceito mais elaborado, mais complexo, uma das fontes vem da experiência de povos da Amazônia e outra fonte - que muita gente recusa admitir, porque diz ser igualmente ocidental, é uma tese que vem do Leninismo. Eu acredito que ambas são verdade, são duas fontes principais e eu não descartaria esta influência ideológica – mesmo o discurso do estalinismo – porque todos sabemos do discurso de nacionalidade, os indígenas daqui não gostam do modo como falam na Bolívia onde se diz “povos originários”.

Os Povos do Equador (...) o Equador é um país de diferentes nações ou nacionalidades e isto se trata de ir superando somente discurso classista e várias organizações (ECUARUNARI) terão mutações discursivas a partir daí e vão ter uma mutação de classismo agrário/ruralista até uma tese de povo indígena, que é um processo de construção de sua identidade na Amazônia e a tese de nacionalidade aparece muito forte. Se você vai na Amazônia não falam de povo indígena, mas sim de nacionalidade. Frente a isto existiram correntes, por exemplo, no governo Rodrigo Borja dois meses depois de OPI se unem com o governo e os ministros e trazem o documento importante do acordo pelos direitos das nacionalidades de Pastaza

Miguel Angelo, Jurista e Professor da Universidade de Cuenca, (2018) Cuenca, 14 de março

Bom, há uma visão a respeito (...) é muito comum nos países da latina América termos algo parecido, algo em comum, temos uma constituição como norma suprema e lei fundamental e seu espírito. A redação e seus dispositivos são bons, tem boas intenções, o problema está no momento de seu cumprimento. No caso do Equador temos espaço para não cumprir *“hecha la ley, hecha la trampa”* porque hoje em dia quando redigem uma lei interessante positiva e boa – porém como não estou de acordo, busco uma forma de violentá-la, maus governos e maus cidadãos e não leis más, é uma coisa histórica.

Em 07 de fevereiro de (2017) Domingo Ankuash, Dirigente da CONFENIAE – FICSH fez um pronunciamento

A Constituição, as convenções e declarações internacionais de Direitos Humanos e mesmo as Nações Unidas, não têm coragem, nem poder coercitivo para deter uma agressão, assim como o povo Shuar está sofrendo no momento e ainda mais com as violações de Direitos Humanos; para este regime eles não têm validade legal, tudo é violado, porque ele é filho de uma classe civilizada; a conquista genocida não é apenas nos povos indígenas, mas também nos povos camponeses e mestiços mais fracos. Hoje o povo Shuar foi rotulado como violento, guerrilheiro, subversivo, terrorista, etc ... e é totalmente falso; eles são terroristas, fingem que fazem leis, legalizaram seu terrorismo, transformando os fracos em submissos.

Para Davi Fajardo militante e porta voz do Yasunidos Cuenca em entrevista realizada em Cuenca (2018) 12 de março

A nível nacional se sentou um presidente forte para manter um projeto de exploração, depois da Constituição de 2008 achavam que poderiam ter um fortalecimento frente a exploração e a partir do fracasso da consulta isto se perdeu. Os Yasunidos se tornaram uma bandeira que poderia ser utilizado pelos indígenas e também pelos ecologistas. Permitiu ver que a Constituição permitiria ao governo fazer o que queriam *“hecha la lei, hecha la trampa”*

A aclamada Assembleia Constituinte de 2008, foi a continuidade das reformas políticas inerentes ao período pós Consenso de Washington frente ao processo de globalização financeira, fato que explica a alta de preço das *commodities* (Davalos, 2012).

A transição de 1978 excluiu a classe trabalhadora do jogo democrático. A reforma de 2008 tornou cidadanizou a política e acabou excluindo todos os movimentos sociais em nome da participação cidadã. A transição de 1978 teve seu tema histórico na ditadura militar, sua base de apoio nas elites econômicas e seu discurso em sua visão nacionalista; a de 2008 tem no Alianza País o centro nervoso do sistema político, nas classes médias sua base de apoio e no liberalismo seu discurso de legitimidade ⁴²¹ (Pachano, 2012: 100).

Em uma entrevista de 2008 Monica Chuji, ativista indígena Kichwa da Amazônia Equatoriana, que integrou a Assembleia Nacional Constituinte e redigiu a nova Constituição do Equador para o partido Alianza País, em setembro de 2008 rompeu com Rafael Correa, afirma que a Constituição possui um duplo discurso.

O mesmo tipo de discurso duplo seguido na Assembleia. Temos um artigo que declara “A exploração em áreas protegidas é proibida. Mas, em circunstâncias excepcionais, o Presidente da República, com a permissão do Congresso, pode explorá-los. Ele sabe que terá a maioria política e que poderá explorar a ITT ou qualquer outra área protegida. Nos opusemos a isso, mas não conseguimos reunir os votos necessários. A maioria das pessoas no Alianza País são pessoas que obedecem, que têm ambições eleitorais. Eles fazem o que o presidente e o comitê executivo do partido lhes dizem⁴²² (...) (Denvir, 2008: para.20).

Cuestas-Caza (2017) afirma que a "filosofia andina" surgiu como contraponto à filosofia ocidental como centralidade, todavia, o autor aponta, ainda que sua matriz retome a interculturalidade, a filosofia andina não contém uma base na realidade capaz de transmutar a própria ocidentalização do mundo. Enquanto que o Sumak Kawsay representa um ideal de sociedade indígena, que pode ser compreendido também como uma afirmação⁴²³ indígena perante aos processos de ocidentalização.

⁴²¹Tradução livre da autora. No original - La transición de 1978 excluyó a la clase obrera del juego democrático. La reforma de 2008 ciudadanizó la política y terminó excluyendo a todos los movimientos sociales a nombre de la participación ciudadana. La transición de 1978 tuvo en la dictadura militar su sujeto histórico, en las elites económicas su base de apoyo y en su visión nacionalista su discurso; aquella de 2008 tiene en Alianza País el centro neurálgico del sistema político, en las clases medias su base de sustentación y en el liberalismo su discurso de legitimidad (Pachano, 2012: 100⁴²¹).

⁴²² Tradução livre da autora. No original - El mismo tipo de doble discurso siguió en la Asamblea. Tenemos un artículo que establece «La explotación en áreas protegidas está prohibida. Pero, en circunstancias excepcionales, el presidente de la República, con el permiso del Congreso, puede explotarlas». Él sabe que tendrá la mayoría política y que se le permitirá explotar el ITT o cualquier otra área protegida. Nos opusimos a esto, pero no pudimos reunir los votos necesarios. La mayoría de la gente en Alianza País es gente que obedece, que tiene ambiciones electorales. Hacen lo que el presidente y el comité ejecutivo [del partido] les dicen (...) (Denvir, 2008: para.20).

⁴²³ Tal como muitos africanos e afrodescendentes possuem o Ubuntu como uma alternativa a mercantilização das relações e desumanização dos povos

Tal como afirmou Menezes⁴²⁴ (2009) é fundamental que as culturas, em suas diferenças, tenham imagens concretas de si e que possam a partir daí envolverem-se criticamente de modo a contestar o que é hegemónico. Para Cuestas-Caza (2017: 247) a falta de conexão múltipla entre diversas compreensões, que não são excludentes, tornaram o Sumak Kawsay uma epistemologia colada ao Buen Vivir, uma espécie de teoria do decrescimento versão sul americana, ou seja, a busca por uma “alternativa” ocorre por meio da importação de conceitos já existentes na Europa com outras nomenclaturas, não há uma busca para compreender a origem epistêmica dos conceitos, mas sim uma apropriação e utilização, por isto ter se tornado um slogan e muitas vezes utilizado de forma contrário aos interesses das comunidades.

Segundo Cuestas-Caza (2017), o Buen Vivir surge antes do Sumak Kawsay sua utilização como sinónimo já demonstra uma transmutação de conceitos filosóficos que significam o mesmo em diferentes tempos históricos e afirma

(...) a origem do termo Buen Viver diz respeito à felicidade, prazer e bem-estar e que existe muito antes do aparecimento de Sumak Kawsay no campo académico (...) a forma como é usado impregnado do DNA ocidental e o que faz hoje é aparecer novamente para (re) conceitua, (re) estrutura e (re) adapta-se a um contexto complexo marcado pela crise ecológica, a infinidade de desigualdades sociais e críticas à hegemonia capitalista, de mãos dadas comunidades epistêmicas pós-desenvolvimentistas Cuestas-Caza (2017: 359-362).

Yuri Amaya Guandinango (2013) no seu trabalho de mestrado no Equador vivencia três comunidades distintas, por meio da etnografia, as formas de relação e de vida demonstram que os conceitos, apesar de utilizados no cotidiano, não coincidem entre eles, são localizados. Dentre uma das importantes conclusões do seu trabalho está o fato que ainda que a Constituição reconheça o Buen Vivir o situa como algo parado no tempo e distante da realidade objetiva.

O Plano Nacional de Bem-Estar 2009-2013 idealiza as comunidades, colocando-as em um estado de congelamento no tempo, de um estado de natureza coletiva; mas foi demonstrado que as comunidades, como todas as sociedades, são variantes e dinâmicas de acordo com o contexto e as circunstâncias políticas, económicas, sociais, ambientais e culturais⁴²⁵ (Guandinango,2013:116).

⁴²⁴ Apud Santos & Menezes, 2009.

⁴²⁵ Tradução livre da autora. No original - El Plan Nacional para el Buen Vivir 2009-2013 idealiza a las comunidades, ubicándoles en un estado de congelamiento en el tiempo, de estado de naturaleza colectiva; pero se ha demostrado que las comunidades, como todas las sociedades, son variantes y dinámicas de acuerdo al contexto y a las circunstancias políticas, económicas, sociales, ambientales y culturales (Guandinango,2013:116).

Tal como afirmou Guandinango (2013) todas as comunidades, não somente do Equador, estão situadas em processos históricos, políticos e econômicos que as modificam, bem como suas relações, ninguém em processo de relação com o mundo está estacionado. Assim, a planificação tanto nacional como local, parece desconsiderar ou apenas abarcou o que parece conveniente como tentativa de reconhecimento de demandas das comunidades, sem efetivamente aceitá-las como parte integrante da construção cultural, simbólica de um país.

7.2.1 Buen Vivir e Buen Viveres

Durante o trabalho em terreno pude estar em três comunidades em diferentes regiões do país, fato que me permitiu entender as diferentes dinâmicas de sobrevivência das comunidades, suas lutas e formas de compreensão do mundo. Me chamava atenção a forma como as nossas dificuldades se entre entrelaçavam, acabava sempre por reconhecer aquelas dificuldades de diálogo entre comunidades e ONGs, entre os grupos em suas reuniões, as divergências políticas, o descompromisso por parte do Estado e falta de dinheiro para locomoções, nada disto foi estranho a mim. No livro de Santos (2016b) há um questionamento sobre o tema da representação das dificuldades à esquerda, tendo em vista que democracia se reduziu ao voto e a esquerda já não consegue se organizar para além do cunho eleitoral, grande parte das movimentações anti neoliberais acabam por ser instrumentalizadas pelo Estado, o Buen Vivir faz parte deste jogo, o conceito foi cooptado pelo governo equatorianos e, por vezes, até usado como premissa para ações contrárias as comunidades. Se apropriaram das etiquetas do desenvolvimento local - a história continua sendo negada, os indígenas possuem outras alternativas?

Neste panorama o conceito de Buen-Vivir é utilizado em diversas frentes, por vezes até de maneira oportunista, como é possível reconhecer as diferenças reivindicando a diferença no coletivo. Santos & Nunes (2004) sendo europeus mencionam que muitos dos termos utilizados para descrever as lutas no Sul, são inadequados, já que a coexistência das diferenças, podem ser emancipatórias, porém praticamente impossibilitadas na forma de sistema atual, são lutas por sobrevivências.

Em relação a política externa equatoriana Ordóñez & Hojinosa (2014) afirmam que, com as estruturas econômicas herdadas do período colonial, na primeira eleição de Rafael Correa houve uma proposta criada pela Secretaria Nacional de Planificação que primava pelo desenvolvimento interno e que poderia ao longo dos anos, desenvolver uma

mudança de estrutura produtiva. Porém como próprio Ordóñez (2006); Cueva (2014) afirmam que, o Equador, quando entrou na era petroleira na década de 1970 entrou para uma industrialização tardia que tinha como parâmetro o desenvolvimentismo pensado desde a CEPAL.

Tal ensejo criou uma dependência ainda maior do Equador em relação aos outros países já que o petróleo passou a ser a maior fonte de entrada de divisas, fator que se agrava ainda mais na década de 1990 com as chamadas liberalizações (Ordóñez, 2006). Na hipótese de Ordóñez & Hojinosa (2014) o projeto de planificação aliado ao Buen Vivir poderia trazer transformações reais colocando rentabilidade em setores que pudessem trazer boas inversões ao Estado. Ordóñez & Hojinosa (2014) mencionam que foi no período de Rafael Correa que o chamado “desenvolvimento” com um enfoque humano foi possível, devido ao Buen Vivir, que segundo tais autores rebate a ideia de progresso a qualquer custo e estava pautado no Plano Nacional do Buen Vivir atrelado a política exterior.

Os planos e objetivos de planejamento nacional e local não refletem a realidade da população existente no Equador, especialmente a do setor rural e comunitário. A entidade de planejamento indica a participação da empresa na preparação, execução e monitoramento do Plano. No entanto, não existe uma participação abrangente onde as necessidades são consideradas no nível local. Em geral, os funcionários da entidade mencionada não fazem visitas de campo para conhecer as diferentes realidades do país; os poucos que restam são agentes acadêmicos, mas não interagem com as comunidades devido à distância entre pesquisador e objeto de estudo e, por sua vez, também são prejudicados pela ignorância da língua, entre outros⁴²⁶ (Guandinango, 2013:116).

E neste acesso desproporcional, aos recursos, simbolismos materiais e imateriais, que se faz necessário pensar uma mudança radical enquanto um processo imediato, nadando contra a corrente e estabelecendo relações que procurassem escapar ao dado pelos ditames de nossa sociedade capitalista – patriarcal – racista⁴²⁷. Dado isto, parece ser

⁴²⁶ Tradução livre da autora. No original - Los planes y objetivos de planificación a nivel nacional y local no reflejan la realidad poblacional existente en el Ecuador, en especial el del sector rural y comunitario. La entidad planificadora señala la participación de la sociedad en la elaboración, ejecución y seguimiento del Plan; sin embargo, no existe una participación integral donde se consideren las necesidades a nivel local. En general, los funcionarios de la entidad mencionada no realizan visitas de campo para conocer las distintas realidades del país; los pocos que han salido son agentes académicos, pero no interactúan con las comunidades debido a la distancia entre investigador y objeto de estudio, y a su vez se hallan obstaculizados también por el desconocimiento del idioma, entre otros.

⁴²⁷ Tal como dizia Saramago há uma responsabilidade ética do indivíduo, para consigo e com a sociedade em que vive. Nas palavras de Aguilera acerca do último livro, então inacabado do autor “Era essa, talvez, a última porta que lhe urgia fechar ou abrir, conforme se deseje enxergar: a da responsabilidade moral do indivíduo, interpelando cada um de seus leitores, cutucando a consciência destes, para incomodar,

indispensável pensar a produção de conhecimento com/para tal como menciona Santos (2018) saindo da Universidade como mão de obra de um colonialismo mental. Acertadamente Guandinango (2013) afirmou

Por exemplo, Montalvo, no século XIX, já mencionava que os índios precisariam de 800 anos para retroceder 300 anos de conquista espanhola; se fizermos hoje essa equivalência, a sociedade precisaria de mais de um milênio para a participação integral dos povos. Portanto, não é possível chegar a um momento temporário e mencionar que somos todos iguais, quando as condições de vida não permitem acesso e participação aos recursos vitais do país. A grande distância entre a compreensão teórica e a experiência prática dos conceitos incluídos na Constituição de 2008 dificulta a implementação do Plano Nacional de Bem-Estar, acima de tudo, desde que não seja incentivado o *ranti ranti* de conhecimento entre a comunidade e a comunidade nacional⁴²⁸ (Guandinango, 2013:117).

Conquanto, a partir de Yasuní e seus corolários desenvolve-se uma “economia moral” é uma mobilização política mesmo da “natureza como sujeito” e da decodificação de radicalidades indígenas como o Buen Vivir, o uso da terra como forma de vida e transformou em uso político já que o Buen Vivir não implica em não ter que debater políticas, eliminar as desigualdades transformações com parecem ter sido desprezadas. Miguel Ângelo, Jurista e Professor da Universidade de Cuenca (2018) Cuenca, 14 de março

Sim, sim (...) concretamente na realidade em Água Blanca não se pode falar de Buen Vivir, estão obrigados não tem outra saída, alguém migra e tem a sorte de conseguir um trabalho que poderá ir bem, a maioria dos adultos não migram e continuam ali cultivando autossustentabilidade, agrícola e criação de animais, quase não tem produtos para vender, mas sim produtos para trocar, eu tenho banana eu tenho laranja.

Patrício Carpio, sociólogo e Professor da Universidade de Cuenca e Diretor da ONG OFIS Cuenca (2018) 21 de março

Bom...ehh o Buen Vivir em definitivo é um programa que pode ser efetivado, não é uma utopia porque tem mecanismos de aterrissagem, o Buen Vivir não é só uma filosofia é um programa político que toma temas de organização de

intranquilizar e depositar no âmbito pessoal o desafio da regeneração: a eventualidade, cética embora, de encarrilhar a alternativa de um mundo mais humano” (In Saramago, 2014: 76)

⁴²⁸ Tradução livre da autora. No original - Por ejemplo, Montalvo, en el siglo XIX ya mencionaba que los indios necesitarían 800 años para retroceder los 300 años de conquista española; si hacemos esta equivalencia en la actualidad, la sociedad necesitaría más de un milenio para la participación integral de los pueblos. Por ello, no se puede llegar a un momento temporal y aludir que todos somos iguales, cuando las condiciones de vida no permiten el acceso y participación a los recursos vitales del país. La gran distancia entre la comprensión teórica y la vivencia práctica de los conceptos recogidos en la Constitución de 2008, dificulta la implementación del Plan Nacional para el Buen Vivir, sobre todo, mientras que no se fomente el *ranti ranti* de conocimientos entre lo comunitario y lo nacional (Guandinango, 2013:117).

território e desde isto a autonomia dos territórios, também os direitos coletivos de povos e nacionalidades para defender territórios tem haver com a soberania alimentar garantida na Constituição, não se admite transgênicos por exemplo, tem temas de democracia participativa e controle social. E podemos medir, quanto avançamos e o quanto não avançamos é uma agenda que segue vigente e pode se tornar uma utopia e todo utopia como disse Galeano é necessária e tem muitos outros elementos e talvez um dos mais importantes seja o Estado plurinacional que é um dos temas mais importantes para as comunidades indígenas, porque eles entendem como garantia de igualdade étnico cultural, construir uma sociedade em diversidade, eles entendem como parte de Sumak. É uma agenda que segue absolutamente vigente Descentralização para que os territórios tenham voz e voto para saber o que fazer em seu território.

Ainda que o Equador tenha a Constituição mais verde do mundo, não representa grande coisa quando tais direitos não são respeitados. O uso de expressões nativas para que aquele valor tenha reconhecimento internacional nada mais é que uma apropriação interna, uma espécie de colonização, de roubo epistémico e de luta. Exigem que o Estado cumpra seu dever também por meio de reconhecimento e autonomia para que vivam ao modo que queiram algo que é repetido em diversas outras comunidades. Impossível ter um regime de avaliação desde cima – abriu uma possibilidade de pensar a realidade de outro modo. Burbano (2018) Quito, 14 de fevereiro

A consulta foi um mecanismo para que Lenín Moreno pudesse legitimar suas ações. No que tange a Mineração – não se pronunciaram, no Art. 403 se estabelece algumas condições, fizeram uma reforma e se tiram as restrições à fontes de água, os maiores conflitos são em zona rurais e principalmente em fontes de água. Fizeram uma reforma que vai promover a mineração e não minimizar. Há uma vontade política de fazer bem as coisas, ou dizer que a natureza importa dá a possibilidade de a população de exigir um pouco mais. Podem dizer a Moreno que cumpra sua palavra, há uma lei de consulta prévia é a única ferramenta que as pessoas têm para que possam gostar o que querem.

No Plano Nacional para o Buen Vivir entre 2007 - 2010 há um capítulo acerca dos mecanismos que serão utilizados para que o Estado abandone a chamada “ortodoxia” pautada no Consenso de Washington colocando a recuperação do estado em primeiro Plano (Plan Nacional, 287). Assim o Estado seria “refundado” por meio de uma gestão participativa provendo serviços públicos de qualidade.

A matriz produtiva caracterizada pelo uso intenso da exploração de terra não possuía, tecnologias que pudessem agregar valor aos seus produtos logo, se tornaria inviável, por outro lado, Corrêa embasava a transformação redigida no SENPLADES de um modelo primário exportador por meio da formação de talento humano e do conhecimento, rompendo com a exportação de produtos de baixo valor agregado. René Ramirez Gallegos foi secretário de Educação Superior Ciência, tecnologia e inovação no

período de 2011 a 2017, neste período elaborou diversos documentos acerca do Buen Vivir ou Socialismo y Sumak Kawsay, baseados na Constituição de 2008 e na premissa de refundar o país saindo do enfoque que isto seria uma mudança no “papel” ou uma alteração semântica apenas (SENPLADES, 2010). Grande parte dos documentos que abordam este tema nos convida a pensar que tipo de sociedade aspiramos? Durante a entrevista realizada com René Ramirez Gallegos (2018) Coimbra, 26 de maio

O autor do Buen Vivir é a sociedade equatoriana, o pacto social da convivência é a vida boa (...) e por isto Yasuní é importante porque rompe com a mirada ocidental, no marco da teoria da dependência, quando os dependentistas falavam em intercâmbio desigual estavam corretos, mas o desigual também é eco temporal, uma relação que segue sendo capitalista. O Buen Vivir é outra forma de valorar as relações, que precisam estar em função da vida e não do dinheiro.

Durante a conversa que realizei com Fernando Vega (2018) Cuenca, 07 de março afirmou que o Buen Vivir teria se tornado um marketing político.

Quanto ao Buen Vivir, se converteu em um slogan. Quando pergunto ao campesino se o Buen Vivir é bom, ele respondeu:

— Sim, me dão crédito, me dão sementes

Que falta para o Buen Vivir?

— Que me deem créditos

Para o advogado popular Harold Burbano Villarreal, (2018) Quito, 14 de fevereiro

Buen Vivir – tem raízes quéchuas – a relação entre a pessoa e terra, como relações harmônicas, este conceito se relacionou com direitos econômicos, culturais e sociais. O conteúdo na Constituição foi modificando estes direitos que já existiam desde 1968.

Para Gudynas (2011) o Estado equatoriano cooptou o termo Buen Vivir e seu uso no Plano Nacional de Desenvolvimento como um meio de patrocinar o próprio processo extrativo, particularmente um aprofundamento do padrão de extrativismo que já existia. Há muitas compreensões para o Buen Vivir, mas nenhuma dela está decolada da realidade política e econômica de cada país.

7.3 Ausências, emergências e luta de classes <étnicas>

Em meio há um esvaziamento de perspectiva política brasileira e mesmo da América Latina dos últimos anos afirmo ser necessária uma revolução também dos valores,

viver sem ilusões e sem ficar desiludido. Desta perspectiva me voltei sempre para América Latina, pois reconheço que, por vezes, os tempos históricos se aceleram para além do nosso controle, se faz imprescindível o reavivamento da leitura da realidade histórica em um mundo que continua a ser explorado, onde ainda vivenciamos a injustiça, que são respondidas em alguns momentos pela pasmaceira e a conformidade e em outros por uma total sinergia pela mudança abrupta.

Os indivíduos e seus diversos sofrimentos amalgamados não possuem nada a perder, são todos parte de um mesmo sistema em suas diversas variantes. Ao analisarmos esta classe de trabalhadores e trabalhadoras despossuídas verificamos que possuem uma composição e o capitalismo soube/sabe tirar proveito destas diferenças. Logo, é um sistema que faz uso das diferenças para a exclusão, assimilando-as as disparidades para uma extração de mais-valia suficiente para valer tal conformação.

No cotidiano, gênero, raça e etnia se mesclam com a questão de classe, são relações transversalizadas, as opressões e sofrimentos são distintos e complexas, mas não podem ser hierarquizadas (Hirata & Kergoat 1994). Logo, são também indissolúveis não há correspondência entre as lutas, mas sim coabitação, sou real prova disto, como poderia eu lutar sendo somente uma mulher e na sequência somente proletária e depois negra, as oportunidades políticas são produtos desta minha ocupação conjuntamente (Hirata & Kergoat 1994).

Evidentemente que a “classe trabalhadora” não é mais aquela exposta e organizada no contexto exposto por Marx, o filósofo alemão é apenas nosso ponto de partida. Tampouco, a América Latina pode ser pensada estritamente sob esta perspectiva há muitas particularidades na generalidade, a experiência europeia foi somente uma experiência, não é a universal, há ainda a experiência asiática, experiência africana que não serão aqui esmiuçadas, mas nenhuma seria capaz de condensar o todo histórico. Debruçar-se sobre este tema em excesso evidencia uma infantilização teórica e até mesmo uma omissão para ter a “autonomia patricia” de olhar o mundo no fantasioso – criado pela falsa consciência - através da asa de uma borboleta que bate impactando no universo, a mesma inercia filosófica do senso comum burguês, mas agora praticado pela esquerda que parcializa o mundo e as lutas travadas fundamentalmente, mas não somente, no plano económico não as enquadra nos marcos das grandes transformações.

A luta presente é a do retorno da grande narrativa, não podemos desistir por desinteresse, tal índole não está posta aos que lutam no próprio cotidiano. E esta luta é mesmo desafiadora, por vezes até limitadora, para aqueles que se implicam unicamente na

preservação das identidades (os multiculturalistas) e recusam a complexidade e a construção da sociedade, as diversas conexões que nos engendram sem doutrinarmos.

A colonização cruzou um processo histórico em andamento, em relação aos indígenas houve uma divisão, por meio de vários confiscos de terra, disputas entre senhores que se faziam donos daqueles territórios (Acosta, 2005: Ayala, 2008: Santos, 2010a: Caguana Rodriguez, 2011). A forma de exploração das terras existentes denominada “mita⁴²⁹” que existia durante o período incaico, permaneceu durante o período colonial. Este modelo de exploração baseada em uma economia agroexportadora obrigou os indígenas a migrar para a Costa, impondo uma constante tensão entre o empobrecimento cada vez maior de um povo que se contrapunha aos donos das terras que tentavam abrir à comercialização internacional (Caguana Rodriguez, 2011).

Essa dualidade das formas de exploração, de um lado, o acordo na ‘serra’ e um capitalismo incipiente na ‘costa’, na recente República do Equador, e o capitalismo mundial consolidado no século XIX na Europa e nos EUA, não permitiram uma verdadeira proletarianização dos trabalhadores, especialmente no campo, nem um verdadeiro desenvolvimento capitalista, mas uma nova forma de camponato e um neocolonialismo que levou o país a uma forma de capitalismo bloqueado. As classes dominantes, conservadoras e liberais, conseguiram um acordo de coexistência. O liberalismo, em sua ala mais radical liderada por Eloy Alfaro, tentou abolir a ‘concertaje’ sem conseguir alcançá-la⁴³⁰.

Em suma, a ‘concertaje’ era um sistema de escravidão, de servidão na qual os indígenas, despossuídos de terras eram emprestados por seus “donos” ou os donos das terras, eram múltiplas as variantes de organização para exploração, que só foram alteradas a depender da organização social. Apesar das peculiaridades dentre os países latino americanos a passagem de economia agrária para economia semi-industrial, em alguns países mais avançados em outros menos, teve um papel de complementaridade aos setores de exportação (Marini, 2012). Ou seja, a economia se desenvolveu sempre, mesmo após as independências, com um caráter exportador voltadas para fora.

⁴²⁹‘Mita’ em quéchua significa o trabalho por turnos, a utilização comunitária da terra em troca de tributos na qual os indígenas pagavam antecipadamente pelo uso da terra e esta situação os tornava eterno devedores (Caguana Rodríguez, 2011: 56).

⁴³⁰Tradução livre da autora. No original - Esta dualidad de las formas de explotación, por un lado el concertaje en la sierra y un capitalismo incipiente en la costa, en la reciente república del Ecuador, y el capitalismo mundial consolidado en el siglo XIX en Europa y EEUU, no permitió una real proletarianización de los trabajadores, especialmente del campo, ni un verdadero desarrollo capitalista, sino una nueva forma de camponato y de neo-colonialismo que condujo al país a una forma de capitalismo bloqueado. Las clases dominantes, conservadoras y liberales, lograron un acuerdo de coexistencia. El liberalismo, en su ala más radical liderada por Eloy Alfaro, intentó abolir el concertaje sin que pudiera conseguirlo. (Caguana Rodríguez, 2011: 57).

No contexto latino americano, por exemplo, há nuances entre o setor da burguesia rural e o setor urbano que se diferenciam a partir da sua localidade, embora sejam simultâneos e convivem lado a lado, alguns participando do capital monopolista por meio de suas plantações e outros não, a renda só pode ser utilizado como diferenciador para sua estratificação, a articulação da burguesia imperialista enfoca mais em um determinado setor que em outro⁴³¹ Oberdiek & Tomazi (1997:76). Cueva (1974) “afirma que a divisão da burguesia entre monopolista e não monopolista, por exemplo, se refere a este aspecto e, remete ao problema das relações com o capital imperialista e determinação da existência ou não de uma burguesia nacional”. No mesmo artigo diferencia-se estes ricos de outros e é um critério importante para a compreensão das frações de classe dentro de uma mesma, que não se difere em termos financeiros, mas sim onde estão situados, a renda só é critério.

Segundo Cueva (1974) se trata da pequena burguesia com sua tendência a aburguesamento ou a proletarização, considerando que o capitalismo desigual produz setores diferenciados. Em contraponto ao autor, Marini (2012) chama atenção para o equívoco que levou muitos dos estudiosos/as acreditarem que a revolução burguesa latino americana ia se concretizar, segundo os cânones europeus. Este argumento é completamente enganoso e desconsidera as condições objetivas dos nossos processos em mesmo as diferenças no que tanges ao choque de interesses dos envolvidos e suas nascentes. Neste debate, Bambirra (2015: 55-57) possui um contributo relevante já que dentro as sociedades dependentes a teórica desenvolve uma tipologia na tentativa de compreender nossa inserção ao capitalismo hegemónico; “1. estruturas diversificadas, nas quais ainda predomina o setor primário exportador, já existindo um setor primário exportador; 2. Estruturas primário exportadoras, cujo setor secundário estava composto por indústrias artesanais, em todo caso a industrialização aparecerá como integração ao mercado mundial”.

A análise de Bambirra (2015), ainda que ampla considera as diferenças entre cada país e suas estruturas, fato constatável empiricamente, por meio de estudo bem como da observação na repetição e na tendência dos processos políticos económicos sul-americanos. Por conseguinte, classes sociais não existem apenas no esquema da superestrutura econômica, elas existem na realidade histórica, há exemplos de lutas que podem ser infinitesimais e não caberiam naquela fórmula quadrada em que muitos teóricos tentam ler por meio de mil lutas identitárias, mas é preciso seguir o caminho histórico para

⁴³¹ Traduzido por Oberdiek & Tomazi (1997:76) – ver referências.

dar conta de explicar os processos concretos. Nenhum grupo, mesmo entre as chamadas “minorias” formam um bloco monolítico, Oberdiek & Tomazi, (1997: 76) assinalam *que as estruturas das classes não são homogêneas apresentam subdivisões que por sua vez geram contradições secundárias.*

O nosso projeto está em aberto e precisa ser criado, pensado com debates, discussões, estudos e luta tal como afirmou Mariátegui (2005:87) (...) sem o indígena, não há peruanidade possível, sem as resistências dos nossos povos que formam este vasto e complexo continente nenhum projeto será possível.

No Equador grande parte do que denomino “classe étnica” foram os sujeitos das mobilizações e conflitos internos do país, a classe étnica é composta por todos aqueles atravessados pela condição de racialização, indianização e pobreza, precisam o tempo todo pensar sua constituição no mundo em diversos níveis, em conflitos menores e maiores. São sujeitos que tem algum trânsito dentro de um limite determinado, em tempos de crises tendenciais do sistema são jogados para fora, não como *exército de reserva*, mas como corpos dispensáveis⁴³². O campo dos oprimidos é um universo multicolor de maiorias populares, são mestiços, comunidades originárias, comunidades campesinas, é praticamente impossível pensar dois campos de ação, entre o senhor/tirano e o amo. Somos múltiplos, uma maioria de humildes. Em fevereiro de 2018 tive a oportunidade de entrevistar Katy Machoa Betancourt (2018) Quito:25 de fevereiro, mulher indígena que foi dirigente da CONAIE no período de 2014 -2017 segundo ela *o tema Yasuní é um tema nacional muitos setores se posicionaram a nível nacional e internacional.*

⁴³² A ideia que muitos de nós somos corpos dispensáveis veio a partir da leitura de Lélia Gonzalez (2018) onde a autora afirma que o “negro sempre tem um lugar” e em lugares de maior vitalidade econômica seus acessos são sempre dificultados.

Imagem 13 Katy Machoa na CONAIE



Imagem 3 - A foto foi fornecida pela própria Katy, contudo, consta na página oficial da Organização CONAIE < <https://conaie.org> >

Afirmou ainda que a CONAIE nunca entendeu Correa como um governo de esquerda

Correa trabalhou isto de forma internacional, ele teve uma enorme projeção internacional nós chamávamos seu projeto político como “pseudorrevolução” no meu período de mandato foi quando mais levantes e mobilizações existiram durante o governo dele. Nosso lema era que tínhamos uma caricatura de Revolução e indagávamos - isto que é a Revolução Cidadã?

A declaração de Katy (2018) fazia sentido, já que em conversa com Fernando Vega afirmou o mesmo, químico, Sacerdote, participante dos movimentos sociais e também Presidente da Grupo de luta contra a corrupção, Fernando Vega Cuesta (2018) destituiu-se do poder eclesiástico para ser assembleista constituinte do Alianza País, Cuenca, 07 de março

Correa se apresentou como um tipo encantador, que te enreda com a palavra, a este individuo se curvou à massa populista, e todos os populistas que antes estavam com outros candidatos foram atrás de Correa, se curvou à direita oportunista (...) pensavam: muito bem, este tipo vai ganhar e vamos apoiá-lo e seremos seus grandes suportes e beneficiários nós estaremos com ele! Se curvaram todos os partidos de centro, Democracia Cristã, Social Democratas (...) já que estavam em crise porque tinham sido governos e não tinham feito nada, os afluentes a construir a solidariedade. Na primeira volta a esquerda mais

zelosa não o apoiou, na segunda volta fizeram alianças com eles para impedir que a direita ganhasse.

Para Monica Chuji, ativista indígena Kichwa da Amazônia Equatoriana, integrou a Assembleia Nacional Constituinte, que redigiu a nova Constituição do Equador em 2008 que saiu do cargo no mesmo ano.

Quando decidi sair do gabinete e me apresentar à Assembleia Constituinte, deixei claro que focaria na defesa do meio ambiente, recursos naturais, soberania, comunicação, direitos coletivos, uma reforma política estrutural geral. Fiquei empolgada porque havia a possibilidade de contribuir e construir um tipo diferente de sistema de comunicação. Não continuaríamos com a velha imagem folclórica à qual estamos acostumados. Mas nos separamos em bons termos, embora o presidente sempre tenha depois se mostrado ressentido ao movimento indígena, porque não apoiaram sua campanha presidencial⁴³³

Segundo Almeida & López (2017) a forma eloquente de Correa era bastante convincente, era “el jefe” em seu discurso

(...) o que os equatorianos podem esperar é um homem sensível, com todas as suas energias servindo o país ... o que eles não devem esperar é um homem com todas as respostas, todas as receitas, que não existem, meus queridos amigos, com isso todos nós estamos juntos. Não é um homem que vai resgatar o Equador, mas sim uma cidade inteira, se eu puder ser um facilitador dessa mudança, aí estarei⁴³⁴ Almeida & López (2017: 202).

Com este tom Correa se desfigurou, se tornou messiânico, colocou os meios de comunicação a seu favor e rapidamente se colocou contrário àqueles/as que poderiam atrapalhar o que considerava ser o caminho para o desenvolvimento (Almeida & López, 2017). Como explicar este fenômeno? As análises psicológicas possuem sua importância, mas neste caso em específico, além de não ser o objetivo do trabalho, só nos ajudaria a entender alguns contornos dos problemas estruturais deste país. Com base em Mariátegui (1979), no tratamento que o autor dá ao problema do índio, percebemos que desde que a

⁴³³ Tradução livre da autora. No original - Cuando decidí dejar el gabinete y presentarme para la Asamblea Constituyente, dejé en claro que me focalizaría en la defensa del medioambiente, los recursos naturales, las soberanías, la comunicación, los derechos colectivos, una reforma política estructural general. Estaba entusiasmada porque había una posibilidad de contribuir y construir un tipo diferente de sistema de comunicaciones. No continuar con la misma y vieja imagen folklórica a la que estamos acostumbrados. Pero nos separamos en buenos términos, aunque el presidente siempre tuvo un cierto resentimiento del movimiento indígena luego de que no apoyaron su campaña presidencial. Disponível <<https://www.cetri.be/Los-movimientos-sociales-contra-el?lang=fr>>[12.09.2019]

⁴³⁴ Tradução livre da autora. No original - lo que pueden esperar lo ecuatorianos es un hombre sencillo con

todas sus energías sirviendo la patria ...lo que no deben esperar es un hombre con todas las respuestas, todas las recetas, eso no existe mis queridos amigos, de esta salimos todos juntos. No es un hombre que vas a rescatar al Ecuador, es todo un pueblo, si yo puedo ser facilitador a este cambio, ahí estaré (Almeida & Lopes, 2017: 202).

colonização espanhola e a expropriação de terras se acentuaram na região andina, a herança deixada configurou nas zonas onde a pobreza é mais acentuada. Ianni (1987) afirmou

"Na América Latina não concluímos plenamente a travessia no sentido da unidade nacional"⁴³⁵ As desigualdades sociais, regionais, raciais e culturais, que se manifestam em termos políticos e econômicos, no âmbito de grupos, classes, movimentos sociais e correntes de opinião pública, ressurgem periodicamente, como desafios. São várias as diversidades que escondem desigualdades, gerando contradições mais ou menos básicas. (...) Na Bolívia, Equador, Guatemala, México, Paraguai e Peru, além das desigualdades regionais e outras, ressaltam as que opõem índio, mestiço e branco, compreendendo as condições sociais, culturais, econômicas e políticas que diversificam, classificam e antagonizam. É como se toda uma larga história, desde os tempos coloniais, estivesse sintetizada no presente.

Obviamente que as mudanças no colonialismo e na forma como o capitalismo adentra esta países também muda sua forma de relação com a realidade, Rafael Correa não foi capaz de compreender a realidade do seu próprio país, não se debruçou sobre seus antecessores, se pautou na ideia de desenvolvimento linear, de modernização do capitalismo pelo Estado, sequer percebeu que o reconhecimento legal constitucional não bastava. Personificou o mito do desenvolvimento, o país cresceu se modernizou, sob bases frágeis e seus problemas sociais continuaram não resolvidos (Acosta, 2005; 2017).

Para nós, latino-americanos, *classe étnica*⁴³⁶, faz muito sentido tal como afirmou Ribeiro (1995:15) da nossa necessidade explicativa

Uma teoria de base empírica das classes sociais tal como ela se apresenta no nosso mundo brasileiro e latino-americano. Visivelmente o esquema marxista aceito sem demasiados reparos, no mundo europeu e anglo saxão de ultramar, feito de povos transplantados empalidece frente a nossa realidade ibero americana. Aqui não havendo burguesias progressistas disputando com aristocracias feudais, nem proletariados ungidos por irresistíveis propensões revolucionárias, mas havendo luta de classes existiriam blocos embaçados a identificar e caracterizar.

Ribeiro (1995) tem razão a nossa formação precisa ser analisada enquanto tal, não somos seres cindidos, mas atravessados por diversas opressões que se entrelaçam e ao mesmo tempo vão se modificando dada a própria mudança da realidade. Muitos conceitos pertinentes em outros contextos, não tem grande significado no nosso e ao contrário, fragmenta ainda mais lutas que são historicamente combinadas, a luta pela terra, pela

⁴³⁵ Palacios, 1983, p. 19 apud Ianni 1987.

⁴³⁶ Grifo nosso

autodeterminação, pelo reconhecimento são lutas inerente a nossa condição, Ribeiro (1995). Passamos pela transfiguração étnica na qual os povos latinos americanos nascem, vivem, transformam-se e morrem, e tal como afirmou Ribeiro (1979) cada estratificação social corresponde a seu momento histórico o que há em comum mesmo nos estudos realizados por Marx, Lenín são as contraposições, desta forma, o teórico propõe um esquema para compreensão da nossas estratificações e ramificações. Segundo ele, no caso brasileiro, há matrizes que se fundem e formam um povo novo, fortemente mestiçado configurado por uma cultura sincrética, mas não democrática, já que se funda por meio do escravismo e da servidão ao mercado mundial (Ribeiro, 1995).

O que nos estudos eurocêntricos foi chamado de exército industrial de reserva, constituindo a permanente mão-de-obra disponível e substituível capaz de comprimir os salários, nas economias dependentes da via colonial não possuem o mesmo viés, ou seja, nossa formação é dada por um povo que foi removido de suas terras, transplantado a outras e ali entregue ao próprio azar e não totalmente incorporados aos processos de produção, foram (e são) reduzidos por diversos mecanismos. Massas marginalizadas configuram em situações de violências constante sofrem os efeitos traumatizantes de ser “descartáveis” já que não foram integralmente incorporadas as matrizes tecnificadas do capitalismo (Ribeiro, 1995).

É importante rememorar os estudos da Bambirra (2015) acerca do capitalismo dependente preenche uma lacuna acerca desta apreensão, além de ter sido uma das primeiras a críticas os estudos do grupo da Cepal no qual ela também atuava, delimitou a industrialização e as estruturas sócio econômicas criando tipologias na América Latina. Ainda que Bambirra (2015:49) tenha considerado a obra de Fernando Henrique & Faletto (1970) inovadora na conceituação metodológica por meio da crítica aos estruturalistas, no âmbito econômico aparece, um marco muito geral, essencialmente sociológica, que não permitiria revelar toda as ações complexas entre diversos grupos e classes sociais, logo, são insuficientes. Lacuna esta preenchida por Bambirra (2015) na compreensão do quanto as diferenças entre industrialização e desenvolvimento capitalista determinam as formações estruturais de cada país. Assim, é possível falar em *classe étnica* enquanto formação, mas não enquanto conflitos estruturais igualmente entre os latinos americanos, pois, isto implicaria novamente no nosso reducionismo histórico. Considerando, tal como afirmou Bambirra (2015) que cada país tem sua especificidade formativa dentro deste sistema econômico.

Voltando ao Darcy Ribeiro (1995:65) todo este histórico elucida a nossa formação em decurso, o desequilíbrio não ocorre por ausência de recursos, mas sim por uma minoria que se contrapõe aos interesses populares da maioria. Logo, não houve de fato uma ruptura completa com a dependência, as deformações já existentes no período colonial somam-se a novas a partir do momento em que ocorre uma modernização capitalista. Ribeiro (1995) denomina este processo como *modernização reflexa*, quando ocorre a renovação do sistema produtivo, ainda que nivelada por baixo, isto é, tecnologias já ultrapassadas nos países centrais impõem-se aos países dependentes fatores traumatizantes as classes sociais que somam aqueles não resolvidos pelo período colonial, gerando mais marginalizados, mais subempregos, mais violência, em um esquema cíclico onde cada vez mais pessoas são levadas para uma existência miserável.

Ninguém explica nossa sobrevivência, a forma como algumas violências são naturalizadas é assustador, porém quando se está lá tudo parece acontecer dentro do esperado. Desta feita, faz muito sentido que as políticas sociais realizadas no chamado período progressista na América Latina, mesmo no caso brasileiro tenhamos entrado pela porta dos fundos naquilo que denomino de período “melhorista” é inegável que a distribuição das migalhas fez e faz nas políticas que ainda nos restam, diferença na vida da população pobre. Como afirmou Fernando Vega em conversa (2018) Quito, 07 de março

O que ficou de Correa na esquerda? sequer as melhorias sociais conseguimos manter como direitos, tendo em conta que melhorias de indicadores já não é parte desde ou daquele partido, mas sim um patrimônio da humanidade basta olhar o Peru, a Colômbia, possuem melhores indicadores que o Equador em alguns aspectos e não possuem um governo reconhecido à esquerda.

No prefácio do livro de Rafael Correa publicado em 2016, o ex-presidente do Equador afirmava que originalmente o livro havia sido publicado em 2009 e naquele momento o país já demonstrava ratificada a vontade de transitar para outro modelo econômico e inclui no debate a aprovação da Constituição de Montecristi como uma das mais progressistas (Correa, 2016). Agora sabemos que nada foi ratificado, o desejo de transitar para outro modelo econômico não estava presente, pois a estrutura sempre se manteve igual. No Boletim de imprensa publicado em abril do ano de 2015 há uma oposição declarada da CONAIE em relação ao movimento indígena Pachakutik e sua aproximação à direita, naquele momento o descontentamento da CONAIE em relação ao mandato de Rafael Correa

Transformar o Equador e derrotar o projeto modernizador capitalista do *correísmo* requer unidade dos setores excluídos e explorados em sua capacidade de lutar pela defesa dos direitos econômicos, sociais e coletivos. Faremos com nossas próprias forças, sem oportunismos nem a ser escada para as classes dominantes⁴³⁷.

O interessante é que o mesmo processo foi analisado por Correa (2016: 26 - 27) no seu livro denominado “Crise e Retrocesso” em que historicamente, o economista situa o período que o petróleo tornou o país mais próspero, contudo, também o levou a um endividamento agressivo, momento em que América Latina sofre um corte de empréstimos internacionais o Equador em um longo período de recessão e desequilíbrios, isto na década de 1970 (Correa, 2016). Tal situação foi recorrente em todo o subcontinente, acentuando ainda mais seu caráter dependente em relação as economias mundiais (Machado & Zibechi, 2017).

A partir do Consenso do Washington o mercado passou a ditar as regras da sociedade e conseqüentemente das relações sociais, foi um período de privatizações em todos os setores que antes pertenciam ao Estado, após a dolarização do país nos anos 2000 aconteceram tentativas de privatizar os campos petrolíferos chamada Lei Toupeira que estavam a cargo de Rafael Correa, na época ministro da economia do governo de Lúcio Gutiérrez, a lei foi rejeitada por ampla maioria. Na obra Correa fica evidente sua crítica em relação aos setores financeiros do país, após o confisco em 1999 reitera que o Estado permaneceu endividado e gerou imensos lucros, o economista afirmou

Na realidade, é o poder político dos banqueiros, em comunhão com as burocracias nacional e internacional vinculadas ao setor financeiro, que destrói a moeda nacional e passa o peso da crise ao Estado e à sociedade (Correa, 2016:52)

Não é incomum que muitos autores os conhecidos intelectuais políticos ao saírem da academia e participando mais ativamente da política institucional descolem sua prática de sua teoria, um caso emblemático foi o de Fernando Henrique Cardoso (FHC) que quando eleito no Brasil em 1994 propagou a famosa frase “esqueçam tudo que eu escrevi” indicando como seria seu governo (Traspadini, 2016). Embora, demorasse uns anos para

⁴³⁷Tradução da autora. No original: Transformar el Ecuador y derrotar el proyecto modernizador capitalista del correísmo requiere de la unidad de los sectores excluidos y explotados en su capacidad de luchar por la defensa de los derechos económicos, sociales y colectivos. Lo haremos con nuestras propias fuerzas, sin prestarnos al oportunismo ni a ser escalera de las clases dominantes.

Consultado <<https://conaie.org/2015/04/17/boletin-de-prensa-sobre-reunion-de-pachakutik-con-creo-y-otros-sectores-de-la-derecha/>> [01.12.2018]

percebermos a farsa do seu projeto, atualmente, poucos são aqueles que ousam defendê-lo, seu pensamento “modernizador” só poderia ter sido considerado “progressista” na década de 1960 passado os anos no Brasil sabe-se que o que fez FHC foi transformar o Brasil em um chamariz de renda especulativa, desnacionalizando toda a infraestrutura possível (Carcanholo in Traspadini, 2016). O sentido de “nação” fora completamente abandonado, os anos passaram a farsa veio à tona, juntamente com as fatalidades, por fim não havia a necessidade de esquecer o que ele havia escrito, o que ele escreveu em seus estudos acadêmicos e aquilo que foi realizado possuíam total coerência (Carcanholo in Traspadini, 2016:17). Por outro lado, grande parte das medidas realizadas pelo governo de Rafael Correa em sua proposta de Revolução Cidadã mostraram um distanciamento da ortodoxia neoliberal uma das conclusões de tese de doutoramento de Martínez Abarca (2011). Isto porque Correa realizou uma série de políticas assistencialistas impostas pelo Banco Mundial e que só foram possibilitadas, com a continuidade do extrativismo num período de alta dos preços das commodities.

No livro de Correa (2016) a afirmação que nem todo mundo sentiu a crise do período de dolarização do mesmo modo, reafirma algo bem comum nas economias capitalistas, os resultados sempre recaem sobre os ombros daqueles que não se apropriam de capitais, nem de lucros tampouco de renda especulativas. Não foi mérito de suas políticas, mas sim um histórico de crises anteriores.

Quando analisei a obra de Correa, suas políticas relacionadas ao petróleo, pessoas envolvidas diretamente neste processo percebi que estávamos no mesmo barco, não exatamente o mesmo já que cada país possui suas especificidades históricas que não podem ser universalizadas, mas revelada esta particularidade conseguiremos entender suas fissuras. Ademais também tive a oportunidade de ouvir seu pensamento acerca dos últimos acontecimentos no Equador em um seminário realizado na Bélgica, seu país de residência atual. Uma oficina seminário para alguns alunos – cerca de dez – organizado pela Universidade onde o próprio presidente estudou Universidade Católica de Lovaina.

Aquela situação foi contundente, foi importante vê-lo e ouvir seu seminário acerca do populismo na América Latina. O Workshop foi realizado em 01 de junho de 2018 sob o tema Democracia e populismo em debate⁴³⁸, dentre os intervenientes estavam Rafael Correa, como ex-presidente do Equador e antigo aluno da instituição e Shaw Rosenberg, Professor de Ciência Política e Psicologia da Universidade da Califórnia, Irvine, USA.

⁴³⁸ Democracy and populisms in Question.

Cerca de 4 horas entres exposições e intervenções, destaquei sete pontos da fala de Rafael Corrêa que me chamaram atenção, concluí que o economista que alçou o cargo de presidente, um dos mais populares do Equador realmente acreditava naquele tipo de transformação malogra e por vezes dominadora e autoritária.

Considerou que a população necessita de uma vanguarda pensadora que deve guiá-la para uma caminho “modernizador”, deixando claro que seu pensamento nunca foi de esquerda tampouco progressista, extrapolando sem recair no personalismo, percebi que muitas pessoas tal como ele, jamais compreenderam o verdadeiro sentido de humanidade de pertencimento a um grupo, uma etnia, uma comunidade estão dispostas a vendê-las, negociá-las. Em sua primeira intervenção asseverou Rafael Correa (2018) Bruxelas, 01 de junho

A verdadeira democracia é apenas para algumas pessoas, a Índia é um exemplo disso. Os Estados Unidos da América, umas das mais antigas democracias, demoraram séculos para alcançar os princípios de igualdade e liberdade que estavam no seu espírito fundador. No caso do Equador a ausência de democracia está patente na falta de presença regulação e arbitragem do Estado. O parlamento no Equador estava nas mãos de uma pequena elite plutocrática. A democratização neste contexto precisa de estratégias bem diferentes do que por exemplo nos pós franquismo em Espanha. A democracia tem de se adaptar ao contexto. O poder do Estado no território é tão fraco, que nem mesmo com uma maioria parlamentar ele se torna forte. Havia uma espécie de máfia de pequenos poderes locais, e era preciso uma estratégia para se poder instalar um poder político estável. As melhores decisões neste contexto poderiam ser tomadas por assembleia comunitárias locais. Eu lembro do caso da comunidade de Panacocha, eles queriam prevenir o avanço do rio sobre as suas casas. Conceito de capital-social, sem este conceito não irá funcionar.

Neste momento recordei Sánchez Parga (1994) ao iniciar seu artigo acerca do Estado no Equador afirmava ser Estado e Democracia duas realidades em contraposição e da tensão existente em ambas que só poderiam ser resolvidas por assimilação de uma ideia em outra. Sánchez Parga (1994) aponta que os primeiros a pensar uma sociedade sem Estado foram os liberais, também Marx pensou que Estado como supérfluo com autonomia e fim das classes sociais. Em síntese para os liberais o Estado seria um impeditivo da expansão do mercado, para Marx a presença do Estado aumenta a instrumentalização da dominação de classe (Sánchez Parga; 1994: 25). A grosso modo, Sánchez Parga faz uma análise cunhada na social democracia, seu texto fundamenta elementos importantes acerca da democracia e do Estado. Seu objetivo é pensar se há possibilidade de uma democracia para além do liberalismo, considerando que o Estado democrático é o Estado Liberal,

assim sendo, todo nosso pensamento democrático é talhado dentro deste escopo, fundamentado na representação e não na participação (Sánchez Parga, 1994:20-22).

Sánchez Parga possui uma vasta literatura reflexiva crítica acerca do Estado e da participação democrática na América Latina, o autor, que reconhece as possibilidades e limites dentro da estrutura que estamos, diverge visceralmente no ex-presidente do Equador, Rafael Correa, porque comparo ambos pensamentos? Me explico, Sánchez Parga é um autor que reconhece a importância de diferenciar a “democratização da democracia” em diferentes escalas poderia dar lugar a um tipo de utopia concreta de pensar uma democracia sem Estado (Sánchez Parga, 1994: 10). Num pano de fundo pensa radicalizar a democracia, transformando representação em participação, Sánchez Parga escreveu este texto em 1994 tal como foi referenciado, um período complexo para as democracias latino americanas, grande parte dos países irrompiam processos ditatoriais, logo, ele propõe um pensamento utópico daquele momento e como escreve a democracia possível precisava ser potencializada. Rafael Correa, assume a presidência em 2006 com forte apoio dos movimentos sociais e um acúmulo histórico de lutas por direitos e reconhecimento, contudo, seu pensamento após 12 anos é o de dizer que é “verdadeira democracia está posta apenas para algumas pessoas” (Correa, 2018).

Neste ponto, em específico, também por meio do trabalho de campo realizado nesta tese, pode-se afirmar que o projeto político levado a cabo pelo ex-presidente aprofundou ainda mais estas diferenças regionais cunhadas em pequenos poderes oligárquicos. Sánchez Parga afirmava a possibilidade da democratização com a desestatização, já que a sociedade moderna possui possibilidades limitadas de espaços, desta forma, seria preciso partidos que fossem organizados, mas não em torno do Estado (Sánchez Parga: 1994, 21-22).

Rafael Correa não só teorizou, mas pôde praticar a personagem de um Estado equatoriano opado, desnecessário dizer que seu pensamento foi um tanto conservador para o presidente que pretendia fazer a Revolução Cidadã e essa foi também a razão pela qual resolvi repensar esta tese e revisar profundamente uma série de leituras que já havia realizado, bem como me debruçar em outras, mais radicalizadas e menos, por vezes até bem conservadoras. Nunca pretendi fazer campanha contra ou a favor de ninguém, contudo, confesso que ouvir um ex-presidente latino americano falando de seu povo como “outro” me surpreendeu de forma negativa. E como sempre a realidade e sua dramaticidade carregada de reviravoltas um tanto repetidas a nós latino-americanos. Nos últimos três anos

muitas coisas se alteraram e novos horizontes se abriram, dolorosos e esperançosos, como sempre, uma síntese de contradições.

Ao contrário do ex-presidente Rafael Corrêa e de grande parte dos nossos governos que tivemos até hoje na América Latina, sei bem das minhas origens e conheço nos pormenores todas as estruturas que me prendem, me reconheço no olhar de cada pessoa comum que pude encontrar no Equador, o trabalho intelectual não pode ser outra coisa se não um compromisso com a verdade, obviamente que não é a verdade absoluta, mas sim em termos teóricos somente uma boa orientação nos pode levar a isto, já que raras são as vezes que um intelectual pode protagonizar suas ideias, tal como Lenín, Mao, Fidel, Ho Chi Min (Traspadini, 2016:19). Em seu livro, Correa (2015) chama atenção para o universalismo das leis do capitalismo, porém não toca no fato que as mesmas leis foram sempre tendenciais, afinal, Marx, e mesmo os liberais, nunca trataram o capitalismo de forma previsível e imutável. Em entrevista Ortiz, Pablo (2018) Quito, 14 de fevereiro

Não são temas da classe media, há aí um tema das histórias das esquerdas (...)
Alberto Acosta – que vem das classes altas – é filho dos maiores banqueiros Pichincha é mais complexo deste “tema”. Alberto é meu amigo. “Eu me eduquei no berço do neoliberalismo” segundo ele, explicando ser um forte centro de formação do pensamento neoliberal - era o rebelde de sua família, rompeu parcialmente com sua família. A intelectualidade de todos os partidos políticos tem sua raiz aí, mas isto passa a ser relativo, porque há de tudo ...e mesmo gente que esteve alinhada com uma tese de esquerda (classe em si e classe para si) (Pausa) - CONAIE – Otavalos, por exemplo, são uma elite indígena intelectual (...) Eu venho de uma raiz classe média – depende de que se entende com isto – me eduquei com boa educação pública, universidade pública, que estava sempre em greve (risos). Tive uma bolsa porque na época tinha um fundo de bolsas e foi na Universidade Católica que conheci várias pessoas do movimento indígena, Mario Conejo (Alcalde de Otavalo) a família Conejo que são comerciantes têxteis e tem pontos de venda em vários pontos do mundo e desde desta época e não vou esquecer as imagens destes companheiros reivindicavam suas origens indígenas, teriam uns jeans americano e era uma mescla de sua cultura e americanização, depois dos 90 passam a mudar isto. São a elite indígena, exercem poder, viajavam muito, Nina Pacari por exemplo, – índios urbanos, uma elite indígena econômica e política – nenhum deles, isto é o que chamam índio comuneiro nos estudos doutorais, mestrados, exercem o controle das organizações. Eles têm mais de 20 e 30 empregados. Isto é uma particularidade da elite quéchu otavalenha – os outros também (...) têm outras histórias – servos de fazenda em condições de semiescravidão e aí tem um problema orgânico complexo que demonstram as problemáticas que incluem a CONAIE, o modo como processam as demandas, possuem discursos sinuosos. Possuem um caráter anti sistêmico? Quanto são? Outros são pró sistêmico o movimento indígena esta atravessado de 4 correntes e falo, no geral, são pró integração, de conciliação deixar de ser “índios”.

A América Latina em estudos de diversos autores (Sánchez Parga, 2009: Cueva, 2014: De La Torre, 2018) é marcada pelo caudilhismo e este aparece, em alguma medida, nos governos que fizeram frente ao neoliberalismo na década de 1980 e 1990. Diante a

ofensiva neoliberal e todas as mobilizações do período, a crise de representatividade é posta em xeque e hoje aparece como esgotada. Ou seja, o projeto “social democrata periférico” esgotou-se e mesmo as eleições dos chamados progressistas foram uma resposta ao esvaziamento de projetos e ao trauma social dado do neoliberalismo (Santos, 2019). Os sintomas deste processo dentro dos movimentos sociais aparecem por meio da anomia, do desespero, da fragmentação, cooptação e da repressão (Sánchez Parga, 2009). Lauro Arariwa Sigcha Vele, presidente da Federação de Organizações Indígenas e Campesinas de Azuay (FOA), Cuenca (2018) 19 de março

No segundo mandato (Correa) radicaliza seu discurso ganha as eleições e o povo equatoriano estava apoiando seu discurso. Realizou obras (sete projetos de energia) refinaria do pacífico e para isto era necessário entrar nesta época, isto faz com que o governo do Corrêa estivesse pautado no extrativismo, utilizando um discurso de populista (2000 mil escolas do milênio) (200 hospitais no país). Existiram muitas melhoras, em todo caso, o dinheiro manejado foi gigante e os atos de corrupção foram os mais terríveis que podemos conhecer e ele utiliza o discurso de esquerda (*hasta la victoria siempre*) contratava artistas que convidava a concertos e sabinas. Foram 10 anos com mais 500 sabinas durante 4 horas aos sábados e em todos os sábados, toda as semanas falava de suas obras e eram somente mensagens e pouco a pouca a oposição foi se fortalecendo. Confronto interno entre famílias e grupos, nas sabinas eram linchados, aparato de comunicação e com isto foram 10 anos com metade da população agindo como fanáticos seguidores, agora tem muito menos fanáticos (...) isto é minha maneira de ver. Bom, nós como movimento indígena fomos os mais golpeados por este projeto, primeiro, como era um discurso de esquerda, muitos dos nossos irmãos foram cooptados, dividiram as organizações nomearam alguns irmãos, ainda que não para cargos importantes. E isso durou os primeiros anos e foi difícil recuperar – Cholango era presidente da CONAIE, ele era um dos que mais detinha qualquer ato e tinha um discurso que este presidente estava bem esta foi uma primeira etapa que não houve reação e em 2012 começa a ressurgir a movimentação dos indígenas também uma perseguição, uma criminalização com os indígenas que eram contrários ao presidente. Correa fez sua campanha na mídia, dizia que os movimentos indígenas estavam “liderados” por pessoas que não eram indígenas. Já em 2014 – 2015 marchas grandes em Quito que se iniciou em Tundaime, era impressionante a chegada e estavam com 30 mil policiais cuidando do palácio, muito armados com cavalos e cães e nesta época o presidente já começa a andar com muita custódia, levava muito gente à sua sabinata para respaldar, não podia caminhar nas ruas porque o povo o insultava. Por outro lado, ele fazia contramarcha formou outra organização de professores, em princípio pretendia mobilizar gente a favor dele e isto foi desgastando em 2017 já não tinha força suas contramarchas e isto foi se desmantelando. E a etapa com o movimento indígena se dá muito forte acerca dos processos extrativos com Correa. Foi uma etapa bem dura, muita gente que não estava acostumada com uma perseguição, foi muito tenaz, manejavam a rede e existia comentários de ameaça e insulto, havia pessoas trabalhando para intimidar, havia setores que estavam contra porque não tinha capacidade de manejar toda a gente. Os indígenas ocupavam cargos menores e eram colocados contra seu povo (...) ah! (pausa) Tem algo que esqueci de contar, os mestiços ligados ao movimento indígena⁴³⁹ meteu um grupo de gente para que através dele pudesse conhecer as estratégias, não havia recursos para o movimento indígena e com isto foi

⁴³⁹ Optei por omitir os nomes, por entender que as lutas podem desembocar em problemas aos que nela estão verdadeiramente inseridos.

quebrando o processo, o movimento indígena é um ator que está lutando e seguirá lutando.

Para Davalos (2002) usaram o simbolismo da liderança indígena

A fazenda tradicional, constituída na matriz do sistema de loteamentos da colônia, era uma unidade autárquica, e na qual o patrono da hacienda incorporara em sua pessoa o papel de *Jatun kuraka* e a representação legal do Estado. Ou seja, o simbolismo da autoridade indígena tradicional, juntamente com o poder e autoridade para representar o Estado, formavam uma espécie de sincretismo político que conferia uma racionalidade diferente das elites e seu modo de fazer política e exercer o poder. Esse sincretismo foi expresso na forma caudilhista do padrão financeiro na esfera da representação política. Ele é um empresário que incorporou formas rituais e simbólicas de proceder no mundo, que são altamente funcionais para a sobrevivência do sistema hacienda, mas que são reveladas como anacrônicas em face da acumulação capitalista moderna⁴⁴⁰ (Davalos, 2002: 04).

Dissolver a forma de vida dos indígenas também desestrutura toda a política construída a partir daquelas relações, a dissolução foi realizada por ser os indígenas sempre considerados um obstáculo para a chamada modernidade, isto desde a década de 1950. Com Rafael Corrêa não foi diferente, ao decodificar de forma constitucional, o que era próprio e complexo das comunidades, decodificou todo um sistema de poder e de símbolos que agora são usados contra as comunidades. Sempre fruto da decorrência na análise das questões reais com base no que nos é externo⁴⁴¹.

7.4 As ONGS a <ONGuização> e suas medidas transitórias

Durante o governo de Rafael Correa as ONGs entraram na mira do ex-presidente que fechou algumas organizações e agiu com violência contra outras. Cabrera & Vallejo (1997) discutem acerca da intensificação da ONGs na América Latina, especialmente no Equador demonstrando que o aparecimento destas organizações se deu em meio a muitas incertezas. Os autores dividem em três momentos históricos; em um primeiro momento aparecem com um caráter filantrópico, da caridade por meio das organizações com fundo

⁴⁴⁰Tradução livre da autora. No original - La hacienda tradicional, constituida sobre la matriz del sistema de encomiendas de la colonia, era una unidad autárquica, y en las cuales el patrón de hacienda había incorporado en su persona el papel del *jatun kuraka* y la representación jurídica del Estado. Es decir, el simbolismo de la autoridad indígena tradicional unido con el poder y autoridad de representar al Estado, conformaron una especie de sincretismo político que otorgó una racionalidad diferente a las elites y a su forma de hacer la política y ejercer el poder. Ese sincretismo se expresó en la forma caudillista del patrón de hacienda en la esfera de la representación política. Es un empresario que ha incorporado formas rituales y simbólicas de proceder en el mundo, que son altamente funcionales para la pervivencia del sistema hacienda, pero que se revelan como anacrónicas frente a la moderna acumulación capitalista (Davalos: 2002:04)

⁴⁴¹A exemplo do modo de produção andino quando entendido como modo de produção asiático que faz parte da tentativa de colocar a realidade em uma teoria pronta e não olhar para a realidade tal com ela esta posta decodificando seus meandros (Davalos, 2002).

religioso; nos anos 60 e 70 as ONGs se conformam com as diferentes correntes ideológicas do período e nos anos 1980 e o neoliberalismo aparecem como microempresas sem fins lucrativos (Cabrera & Vallejo, 1997: 17-19). A CEPAL embasa o avanço das ONGs neste último período, com base na necessidade de reduzir as desigualdades e alavancar a industrialização, foi importante suprir necessidades básicas na América Latina, papel das ONGs⁴⁴² (Cabrera & Vallejo, 1997).

Assim, a crise económica, o desenvolvimento e suas políticas antecipam o aparecimento das ONGs na América Latina, como tentativa de preencher as lacunas do Estado, por outro lado, é também uma diretiva internacional garantindo a acumulação necessária para o desenvolvimento dos países centrais. A reação internacional se amplia frente ao avanço da Revolução Cubana em 1960, os países centrais passam a estimular organizações missionárias relacionadas aos direitos humanos, como forma de amenizar as desigualdades, arrefecendo as contradições que poderiam encaminhar novas lutas pelo continente (Cabrera & Vallejo, 1997).

Ainda que as ONGs existam no Equador desde o início do século XX por meio de trabalhadores rurais, setores vulneráveis da população, foi, a partir da Revolução Cubana, que passaram a ter mais intensidade no país, até porque na década seguinte – 1970 – as comunidades amazônicas também começam a se organizar dando origem a CECIM (Corporação Equatoriana de Cooperação e Inclusão das Mulheres⁴⁴³) a organização na Amazônia surge consoante ao rescaldo da própria colonização como válvula de escape da luta pela reforma agrária (Chiriboga, 2014). Com boom petrolífero de 1970 o Estado consegue obtenção de divisas com capacidade interventiva o que significa uma maior intervenção por parte deste e uma secundarização no papel das ONGs. A democracia e o ajuste econômico da década de 1980 impulsionam mundialmente a liberalização das economias, as ONGs⁴⁴⁴ equatorianas aumentam⁴⁴⁵ (Cabrera & Vallejo, 1997: 25).

Ao tratar de exclusão e desigualdade na América Latina é possível identificar que muitas destas ONGs se encontram no escopo de exclusões não abissais, isto significa que as lutas só podem ser vivenciadas por quem participa efetivamente delas, logo, as ONGs cumprem papel secundário em múltiplas formas (Santos, 2018:121). Possuem papel duplo

⁴⁴² No Equador o registro de uma das primeiras ONGs a surgir foi o Instituto Linguístico Verano em 1952.

⁴⁴³ Este é um período de forte organização das mulheres na década de 80, com o aumento das ONGs no Equador há um forte empenho em sanar os vazios deixados pelo espaço público, bem como melhor a capacitação das mulheres para o trabalho.

⁴⁴⁴ No diretório de ONGs é possível verificar as organizações ativas no país.

<http://app.cancilleria.gob.ec/directorio_ong/frontEnd/directorio.php> [11.05.2019]

⁴⁴⁵ Passam de 26 no período compreendido entre 1900-1960 para 269 no período compreendido entre 1999-2005 (Cabrera & Vallejo, 1997).

ao mesmo tempo que apoiam as dificuldades locais, por vezes atravessam e são atravessadas por disputas de narrativas entre Estado comunidades e sua radicalização. As exclusões abissais se encontram naquilo que Santos (2018) denomina como “ONGuização”, ou seja, ignora-se a construção e ação dos envolvidos em nome de uma repetição de discursos promovidos por Organismos Internacionais.

Neste contexto, o trabalho de Etzioni (1961) é importante, pois denota o papel das ONGs com seus limites específicos, contudo, cumprindo um papel importante em lugares onde o Estado abandonou ou nunca sequer chegou. Uma ONG nunca poderia ser um partido, uma agência burocrática ou parte do Estado ou mesmo fomentar ganhos de forma ilegal, já que estas organizações surgiram por meio de uma diretiva do Banco Mundial para que funcionassem como mediadoras entre especialistas e cidadãos comuns (Abeiga Andrade, 2018). Segundo a mesma autora, na América Latina, as ONGs possuem suas raízes históricas frente ao temor das agitações sociais, como já mencionado, possuem um caráter assistencialista. Segundo os dados ICNL, os países mais hostis em relação aos ONGs são, Equador, Nicarágua e Venezuela⁴⁴⁶ (Abeiga Andrade, 2018).

O trabalho de Chiriboga (2014) destaca a importância das ONGs no processo de democratização da América Latina, essencialmente aquelas que apoiaram a organização das comunidades indígenas para lutar pelo acesso a terra e contra as exclusões. Com o avanço das políticas neoliberais na década de 1970/1980 as ONGs, auxiliaram as organizações sociais nas lutas por terras e meio ambiente, já na década de 1990, com maior intensidade da crise, recebem apoios internacionais e acabam por perder o trabalho mais local (Chiriboga, 2014: 21-24). Oscilando entre política e assistencialismo, nos momentos em que o Estado esteve ausente, foram as ONGs a assumir pautas em lutas relacionadas às as mulheres, questões étnicas, raciais, políticas de nacionalidade e diversidade sexual (Chiriboga, 2014:36-37).

Fontaine (2008) menciona que na década de 1980 quando as ONGs estiveram por detrás das lutas relacionadas ao meio ambiente, os projetos eram pouco executáveis, visto que, para sua aprovação necessitavam de rendas estrangeiras, comumente de países que ganham com a exploração dos recursos latino americanos. Sendo assim, as Constituições aprovadas posteriormente, foram facilitadoras destes processos, pois estabeleciam marcos reguladores em uma democracia de baixa intensidade, ou seja, conseguiam algum tipo de financiamento, bem como aprovação dos Organismos Internacionais (Santos: 2016). Já em

⁴⁴⁶ Dados de 2016.

2008 a partir da aprovação do texto Constitucional, do Buen Vivir e dos direitos da natureza reconhecidos, as comunidades rurais e indígenas transformam sua relação com as ONGs, muitas delas foram intervenientes neste processo quando o Equador se definiu como um Estado de direitos e justiça social, democrático, soberano, independente, unitário, intercultural, plurinacional e laico (Constituição, 2008).

7.5 As ONGs e o *Correísmo*

Os conflitos vivenciados entre Rafael Correa e as ONGs foram amplamente divulgados, após o reconhecimento destes direitos na Constituição de 2008, parecia que os conflitos seriam mais dialogáveis, porém, não aconteceu (Chiriboga, 2014; Freire, 1997). Ortiz (apud Chiriboga, 2014: 27) traduz a mudança entre o discurso e a prática de Correa durante a década que esteve no poder, como uma expropriação dos discursos, lutas e organizações da sociedade civil, um desvelamento daquilo que compunha as formas de ação da sociedade, definido como uma “pesada engenharia de relacionamento com a sociedade⁴⁴⁷” que iniciaram perseguições políticas dos discordantes de Correa. A relação entre ONGs e Estado, no período de Rafael Correa, passaram por transformações, algumas até com tentativas de encerramento de suas atividades (tais como a Fundação Pachamama e Fundamedios) houve ainda a expulsão de um voluntário da Fundação Pachamama e estadunidense, Oliver Utne, que em carta⁴⁴⁸ (2014) contou sua trajetória lamentando sua expulsão do país. Entre as diversas entrevistas que realizei, uma delas foi com o advogado popular Harold Burbano Villarreal, (2018) Quito, 14 de fevereiro, o advogado mencionou que dentre a auditoria realizada pelo jurista há muitos casos que ainda transitam

Fizemos uma auditoria 2013 -2016 em que 750 pessoas que foram detidos pela polícia, tiveram frente ao juiz e foram sentenciados, destas 220 pessoas estiveram formalmente processadas e agora enfrentam processos criminal – delito de terrorismo, rebelião, sabotagem, paralisação de serviços públicos, ataque a resistência as autoridades. Nos territórios, as pessoas sentiam medo e não lutavam. Tentavam tirar as pessoas dos territórios desde o pagamento de pré-vendas, exemplo da comunidade Mirador; eram 200 pessoas, agora são menos de 30, porque o Estado reprimiu, desalojaram de forma forçada e depois aplicaram uma instituição (servidumbre minera) as pessoas começaram a aceitar o dinheiro como compensação por esta servidão. 1 hectare 4 mil ou 5 mil dólares e no fim pagaram 200 dólares.

Este contexto de perseguição também impulsionou ações, neste aspeto, o trabalho de pesquisa Burbano Villarreal (2016) é valioso porque demonstra as consequências reais

⁴⁴⁷ Grifo do autor.

⁴⁴⁸ Ver referências.

nas vidas das pessoas que sofreram com tais perseguições e como tais processos foram taxativos para aprofundar o extrativismo e a dependência. No caso de Mirador, mencionado durante a entrevista, Burbanno (2016:141) indicou que a empresa alterou a dinâmica social daquela comunidade e foram necessárias diversas estratégias na tentativa de impedir o despojo. O caso de Mirador é emblemático, a contaminação daquela região em virtude da exploração de minérios se contabiliza por meio de diversos casos de enfermidades graves como cancro e abortos espontâneos contabilizados por meio de mapas comunitários⁴⁴⁹.

Além disto, Burbano Villarreal (2016) retomou a forma legal deste conflito, ou seja, a partir do reconhecimento constitucional de diversos direitos, ampliou à forma de ação e resistência das comunidades, que agora possuíam um aparato legal a seu favor. Nesta lógica, a resposta do aparelho estatal veio por meio da exacerbação da violência, ou seja, aprovou-se direitos, as comunidades passaram a se pautar na legalidade reconhecida para exigir mais e em decorrência a violência foi sempre excedida. Aqui se coloca a chamada <Bifurcação da Ordem> (Santos, 2017e) a ordem é bifurcada e exige uma outra forma de se fazer justiça, as contradições são colocadas e também por isto há uma rejeição dos movimentos indígenas na aceitação ou inclusão nas estruturas colocadas. É uma forma de rechaço as instituições que conheceram por meio da violência ou da exploração, assim é imprescindível entender que muitas das comunidades indígenas, bem como quilombolas, etc., possuem sua forma de organização social e neste sentido, não se trata de uma mero encaixe metodológico, o próprio movimento histórico que lhes vão dar os traços fisionômicos, como afirmou Santos (2006; 2017e) a celebração da diversidade não impede a emergência, formas de articulação e de luta, ainda que limitadas, não podem ser desperdiçadas. São inúmeras as formas de engajamento e as dicotomias ideológicas são sempre esperadas, pois estão fundamentadas em uma sociedade que é desigual.

Dessarte, o direito representa bem as instituições ou a institucionalização, toda a vida social passa por meio de aportes legais, as manifestações sociais, além de se pensarem para além do Estado Moderno, por descrença na sua representação, também causam constrangimentos aos juristas no sentido de obrigá-los a repensar suas próprias ações⁴⁵⁰ (Santos 2017e, Santos, 2007). Burbanno (2016:15) sintetiza em seu trabalho exatamente

⁴⁴⁹ Mapa comunitário de Mirador disponível

<http://www.clinicambiental.org/docs/cartografias_comunitarias/Mapa_afectados_El_Mirador_2012.pdf> [07.09.2019]

⁴⁵⁰ No texto de Santos (2017e:356) há um relato interessante do autor no seu contante movimento de olhar a realidade e interpretá-la, exercício exemplar aqueles/as que se propõe a serem cientistas das contradições e se confronta com uma série de revoltas, manifestações pelo mundo e indaga sua própria ação política.

este ideário, pois pressupõe que o papel dos defensores e defensoras dos direitos humanos na América Latina foram fundamentais nos processos de democratização, bem como permitiram colocar em pauta uma série de direitos que até hoje não estão completamente conformados, mas que devido a longas lutas foram se alterando. Logo, tiveram que ir além da formação técnica jurídica, de um pensamento clássico do direito afastado da sociedade, substituindo-o por outras formas de exprimir suas ações, em nome de uma sociedade mais igualitária, incluindo novos sujeitos e assomando-se as lutas sociais (Burbanno: 2016).

Esta situação foi vislumbrada em todos os países da América Latina, ainda que sob o véu de governos chamados à esquerda, foram anos de extrema violência. Burbanno (2016) se vale de exemplos em diversos países da América Latina para elucidar o aprofundamento do neoliberalismo que ocorreram nestes últimos anos. Para o jurista, a população sofreu igualmente estando sob governos à direita ou à esquerda se comparado com décadas anteriores, a repressão foi a mesma, com os mesmos, argumentos e objetivos Burbanno (2016: 06-07).

Neste caso em específico, cambiar a Constituição, como ocorreu no Equador e na Bolívia, ampliou as possibilidades de lutas dos povos, fornecendo ao aparelho estatal a implementação de suas políticas de continuidade do neoliberalismo ou mesmo de modernização do capitalismo, sem aprofundar a historicidade de cada país, necessitou de ainda mais violência. O cárcere e o punitivismo⁴⁵¹, que são as maiores expressões do racismo, do colonialismo e do modo como as violências, aumentaram drasticamente nestes governos (Santos, 2018: Gonzalez, 2018).

A atuação jurídica de Burbanno (2016) possui um contraponto real e de dupla dimensão, considerando que necessita alcançar o *direito configurativo*, entendendo a realidade como injusta e opressiva, assimila o “direito para os defensores/as” ou entendendo sua condição no mundo, busca outras formas de ação e diálogo *direito reconfigurativo* adentrando o *direito prefigurativo* que antecipa uma outra realidade possível (Santos, 2017e: 358).

⁴⁵¹Segundo Azevedo e Cifali (2015: 113-114) no caso brasileiro, apesar das diversas variações regionais, mencionam que a população passou de 230 mil presos em 2002 a 574 mil presos em 2005, foi um crescimento ininterrupto onde a penalização foi resposta para quase todos os problemas sociais dentro de governos que afirmavam ser a segurança pública uma prioridade. Importante ressaltar que durante o governo de Dilma Rousseff houve a aprovação de leis de criminalização dos movimentos sociais em 2013, colocou o exército nas ruas contra os manifestantes, reforçou seus pactos com os setores dos agronegócios desfavorecendo as comunidades rurais, indígenas e quilombolas. Não se trata aqui de apontar os problemas dos governos “petistas”, apenas reforçar os argumentos que sustentam esta tese em que é preciso realizar alguns enfrentamentos para que existam mudanças efetivas que redirecionem as estruturas, mais que um governo é preciso compreender profundamente nosso histórico.

Os relatos citados na entrevista com Burbanno e em suas pesquisas, são as marcas políticas destes últimos anos. Também foi possível verificar as formas de ação do Estado sob o mando de Rafael Corrêa e sua Revolução Cidadã em relação ao Coletivo Yasunidos⁴⁵² quando ocorreu uma série de medidas autoritárias contra o grupo. Em 07 de fevereiro de (2017) Domingo Ankuash, Dirigente da CONFENIAE – FICSH fez um pronunciamento em relação ao ex-presidente.

O povo Shuar nestes últimos meses tem sofrido com o ataque do ditador, com seu exército e a polícia do país, sob o argumento de "terroristas, subversivos e assassinos" e outras frases totalmente falsas e depreciativas. Solicito às Nações Unidas e a outras AGÊNCIAS INTERNACIONAIS DE DIREITOS HUMANOS que visitem o Equador e verifiquem se devem ou não mobilizar 8.000 tropas militares, marítimas, aéreas e terrestres de alto escalão, 4 tanques de guerra, drones de câmera, helicópteros de artilharia, balões. Satélites aerostáticos e móveis em Nankints para atacar o povo Shuar? ... e por que eles não deixaram a mídia entrar?

Portanto, as ONGs equatorianas tiveram que redirecionar suas ações de modo a também defenderem-se, bem como suas formas de ação nos locais, questionáveis ou não. A Revolução Cidadã pretendia fazer as ações da população e mesmo das instituições à vontade de quem está no poder, um Estado impositivo que não conseguia pensar o “bem comum” defendido em sua Constituição (Chiriboga, 2014). Uma população carente, um dos países mais pobres da região se deparou com uma Revolução, onde só era possível ser cidadão, dentro do pretendido pelos programas sociais determinados pelo Banco Mundial (Chiriboga, 2014).

A grande diferença deste em relação aos modelos totalitários clássicos é que o mercado funciona: um mercado agressivo organizado em torno do “centro comercial”, altamente monopolizado, enquanto as velhas e novas formas mercantis alternativas definham como feiras do campo, a comercialização solidária que alimentou sonhos de desenvolvimento desde os anos 80 e que se plasmaram na Constituição de Montecristi⁴⁵³ (Chiriboga, 2014:28).

Os sonhos alimentados e plasmados na Constituição esvaíram-se rapidamente. Como toda ação carrega consigo uma reação, segundo a filosofia newtoniana, a partir das imposições institucionais na Revolução Cidadã o “anti partidarismo” calcetado desde a

⁴⁵² Ver tabela 1 em 17 de abril de 2014.

⁴⁵³ Tradução livre da autora no original - La gran diferencia con los modelos totalitarios clásicos es que el mercado funciona: un mercado agresivo organizado alrededor del mall, altamente monopolizado, mientras languidecen las viejas y nuevas formas mercantiles alternativas como la feria campesina, la comercialización solidaria que alimentaron los sueños de desarrollo desde los 80 y que se plasmaron en la constitución de Montecristi (Chiriboga, 2014: 28).

década de 1990, foi reforçado com a entrada das ONGs na política, contribuindo para a derrocada institucional (Sapunaru, 2008: Chiriboga, 2014: Sánchez Parga, 2009). Elizabeth Garcia (2013 apud Chiriboga, 2014:41) menciona que até meados de 2007, as ONGs não eram tão visíveis porque o Estado era muito debilitado em relação a garantia de direitos de vários grupos e os movimentos que emergiram entre 1990-2006 tiveram conformidade com as ONGs, por fim muitas das organizações acabam se tornando um problema para o Estado que diminuiu grande parte dos financiamentos. Em conversa com Domingo Ankuash (Quito) 28 de fevereiro de 2018

A Conaie não entendia os trabalhos dos ecologistas, porque nunca trabalhou com isso sempre trabalhou com os povos mesmo, nunca teve assessoria destes grupos. Agora tem muitos grupos, ação ecológicas que as vezes apoiam o governo, as vezes não. Nunca estivemos vinculados, nos convidam para viajar à outros países para fazer denúncias, o trabalho deles tem sido bom, ajudam as organizações.

Os agentes do Estado quando perdem espaço político para as ONGs, que emergem como centralizadoras de pautas relacionadas ao “desenvolvimento” social, recorrem as adaptações ou mesmo ao fechamento de algumas (Chiriboga, 2014). Ao fim e ao cabo, as ONGs disputam com as comunidades e com o Estado ao mesmo tempo, em contrapartida, muitas das comunidades indígenas, quilombolas, afro equatorianas, periféricas se tornam dependentes das organizações, e vão se adaptando as normativas internacionais, para obtenção de financiamento, enquadram-se por meio de políticas que muitas vezes não lhes garante mais proteção ou direitos (Culma, 2014: Chiriboga, 2014).

Estes processos em simultaneidade posto nas ações das ONGs também foram impulsores de politização, comprovado na forte atuação que tiveram nas aprovações Constitucionais de 1998, também em 2008 quando ocorreu uma intensa melhora na capacidade de negociação da sociedade civil Chiriboga (2014: 47-50). Pode-se afirmar que as ONGs tiveram um intenso aporte no planejamento da sociedade civil equatoriana, penso que até formas organizativas e de negociação com o Estado.

Por outra perspectiva, a partir do momento em que a Constituição foi aprovada com centralização no Estado e recuperação de um nacionalismo, colocou-se uma tentativa diminuir o poder corporativo e de grupos estrangeiros (Chiriboga, 2014). Chiriboga (2014: 84) menciona que ao alterar a normativa⁴⁵⁴, as regras do jogo também se alteraram, como uma forma de maior controle sobre as organizações. Em 2013 ocorreu uma nova alteração

⁴⁵⁴ Decreto executivo de 08 abril de 2008, No. 98237 do Acordo Interministerial No. 004 de março de 2009 – Conselho Setorial de Política Social (Chiriboga, 2014:84).

a partir do Decreto No. 16 que passou a solicitar obrigatoriedade de prestação de contas, relatórios com amplo detalhamento, projetos com muita antecipação e somente assim aprovariam o estatuto (Chiriboga, 2014). Tais alterações têm duplo impacto, percebe-se a existência de uma legislação que controla todas as organizações jurídicas inscritas no país, em contrapartida, por meio de tais decretos, existiriam práticas mais transparentes, impondo uma congruência entre norma e prática (Chiriboga, 2014; Abeiga Andrade, 2018).

Chiriboga (2014: 92) menciona que as ONGs que enfrentaram mais problemas foram às relacionadas com o extrativismo e meio ambiente, a ONG Acción Ecológica, por exemplo, teve seu estatuto retirado e foi mencionada como parte das guerrilhas da FARC. A situação aconteceu no final de 2016, quando houve um ataque em uma comunidade mineira e a organização foi acusada sem nenhuma prova (Ospina Peralta, 2017). Também a Fundação Pachamama foi açoitada e dissolvida devido ao envolvimento contrário à XI Ronda de Petróleo no Bloco 13 Sul-oriental, alegando que agiam por meio de mecanismos que não constavam em seu Estatuto⁴⁵⁵ (Gonzalez, 2017: Chiriboga, 2014). Após este período de tensão, as ONGs permanecem atuando de forma distinta à anterior, muitas buscaram ser mais transparentes, evitando qualquer tipo de desconfiança. A maioria das ONGs são pequenas e com poucas pessoas a trabalhar, isto foi algo que percebi na minha estada no país, no geral foram sempre gentis em relação as entrevistas que fiz⁴⁵⁶. Com a personificação do Estado em uma pessoa durante o *Correísmo*⁴⁵⁷, o diálogo se perdeu, isto se comprova na Carta de intelectuais⁴⁵⁸ do mundo ao ex-presidente redigida em 2014 e assinada por diversos intelectuais, também pelo Prof. Boaventura de Sousa Santos, onde demonstravam indignação perante as ações arbitrárias do governo em questão.

⁴⁵⁵ Desde o fechamento em 2013, a organização só voltou a funcionar em 2017.

⁴⁵⁶ Foi criada pela Secretaria Nacional de Gestão e Política (SNGP) uma plataforma unificada Sistema Único de Informações e de Organizações Sociais (SUIOS) cujo intento era facilitar o registro e obtenção de informações entre as ONGs e o Estado, a plataforma foi criada na gestão de Rafael Correa e previa seu total funcionamento até 2018. Informação pode ser consultada <<https://www.politica.gob.ec/el-suios-permitira-gestionar-vida-juridica-a-organizaciones-sociales-a-traves-de-la-web/>> [12.06.2019]

⁴⁵⁷ Grifo meu

⁴⁵⁸ Tradução livre da autora. No original – Muy estimado Presidente y amigo:

Nos extrañó mucho la decisión tomada por su gobierno de poner fin al convenio de comodato con la Confederación de Nacionalidades Indígenas del Ecuador (CONAIE) para la ocupación de su sede. Esta disposición, además de ser un acto administrativo que nos parece arbitrario, tiene una carga simbólica que puede conllevar graves consecuencias, no solamente a nivel nacional sino también en el plano internacional. Únicamente una convergencia entre los movimientos sociales y las organizaciones políticas nuevas, puede acumular bastante fuerza para vencer el poder del capitalismo. Por eso le pedimos hacer uso de toda su autoridad para revisar esta decisión y permitir a la organización nacional de los pueblos y nacionalidades indígenas del Ecuador, que continúe sus actividades en el local que le fue concedido como simbólica reparación, en más de quinientos años de opresión.

Disponível em <<https://www.cetri.be/Carta-de-intelectuales-del-mundo?lang=fr>> [12.09.2019]

Prezado Presidente e amigo. Ficamos muito surpresos com a decisão tomada pelo seu governo de encerrar o contrato de fiança com a Confederação das Nacionalidades Indígenas do Equador (CONAIE) pela ocupação de sua sede. Essa disposição, além de ser um ato administrativo que parece arbitrário, tem um ônus simbólico que pode levar a sérias consequências, não apenas no nível nacional, mas também no nível internacional. Somente uma convergência entre os movimentos sociais e as novas organizações políticas pode acumular força suficiente para superar o poder do capitalismo. É por isso que pedimos que você use toda a sua autoridade para revisar esta decisão e permita que a organização nacional dos povos indígenas e nacionalidades do Equador continue suas atividades nas instalações que foram concedidas como reparação simbólica, em mais de quinhentos anos de opressão (Carta de Intelectuais, 2014).

7.6 As bases não podem se calar⁴⁵⁹

A partir da perspectiva de Santos (2018) e da diferenciação que o autor faz acerca do significado de “luta” que historicamente foi tratado como algo menos científico, a partir das teorizações acerca do colonialismo e do próprio sentido de resistência colonial forçou parte das teorias eurocêntricas a se repensar. Contudo, tal como afirmou Santos (2018) a dificuldade em teorizar acerca das lutas é um privilégio contraproducente do norte/eurocêntrico, afirmo isto porque compreendo que cada vez mais a sociologia *eurocentrada*⁴⁶⁰ vem se tornando incapaz de responder as crises reais, neste sentido, a superação científica também se dá por meio do olhar o mundo e aprender com aquilo que durante muitos anos, foi considerado menor, inferior e até selvagem. Como consequência deste processo, as ONGs⁴⁶¹, como já foi demonstrado, acabam por ter um papel que não lhes pertence e que infelizmente apresentam a libertação na continuidade, ou na elaboração de propostas que levam ao apagamento de muitos dos oprimidos (Santos, 2018).

Com base na ideia que no que tange ao setor económico não há milagres, Correa justificou seu metamorfismo político e em 2015 afirmava que não havia nenhuma crise no país (Acosta & Guijarro, 2018:11). Em nível de politização as ONGs acabam por ser responsáveis pela formulação de pautas e debates políticos que muitas vezes são essencialistas e que perdem o verdadeiro carácter transformador no qual as comunidades estão inseridas. Domingo Ankuash, um dos mais velhos entre as lideranças presente na Confeniae (2018) Quito, 28 de fevereiro

⁴⁵⁹O título é uma homenagem a Domingo Ankuash (2018) que, em nossa conversa, enfatizou o fato de não podermos nos calar ante as injustiças.

⁴⁶⁰Grifo da autora – me refiro ao pensamento ensimesmado dos sociólogos/as europeus, incapazes de dialogar com o mundo, fato que os leva a agir como zumbis acadêmicos.

⁴⁶¹Obviamente que há exceções, porém são indivíduos ou pequenos grupos, no geral incapazes de frear tal engodo.

As organizações de base da região amazônica (COICA) a nível latino-americano as vezes trabalham pelas organizações, mas também vivem disto e nunca fazem denúncias, apenas escrevem livros, ganham dinheiro, mas não defendem o povo, ganham dinheiro até a nível internacional. A nível internacional os líderes políticos não funcionam, quando os movimentos protestavam atacavam duramente a política e diziam a ele que falando assim não ganhariam nada, porque suas denúncias eram mais incisivas contra as empresas mineiras e a favor das terras. Há muitos interesses nos territórios, os estudiosos também porque quando perguntam como vão inverter o dinheiro? as organizações necessitam saber muito para ver como podem ganhar com isto e entregam seus estudos para os capitalistas.

Tal situação é bastante elucidativa já que estive em três comunidades de diferentes regiões do país, participei do Conselho Ampliado de Governo da CONFENIAE ⁴⁶² em Pastaza, uma discussão com mais de cinco horas, onde muitas lideranças indígenas expuseram suas demandas, opiniões e discordâncias. Como uma reunião interna o centro do debate foram as questões internas às nacionalidades e o posicionamento perante ao novo governo Lenín Moreno, que aparentava ser mais aberto ao diálogo.

Apesar de ser um país relativamente pequeno, as comunidades fazem longas viagens para conseguir que as reuniões aconteçam, a maioria deles levam suas famílias e é também um momento de confraternização. A palavra ‘unidade’ foi muito usada e algumas lideranças falavam que a ‘Unidade’ deveria ser algo dito desde o coração, pois acreditavam ser esta a arma que Correa utilizou para fragmentar as lutas e as nacionalidades e que poderia acontecer o mesmo com Lenín Moreno, deveriam estar atentos.” Dentre as várias falas o debate acerca de uma educação bilíngue foi tocado em diversos momentos, a forma como compreendem o “espanhol” como um apagamento das suas origens tal como afirma Maeso (2010:96) por detrás deste debate há um processo de “desindianização” que não foi bem entendido, ou como afirmou um dos integrantes do Conselho ampliado (2018) “este tema é uma constante tensão entre Estado e movimentos indígenas”, a imagem demonstra o Conselho Ampliado que é realizado diversas vezes ao ano.

⁴⁶² Organização Indígena que representa mais de 1500 comunidades pertencentes amazônicas, Kichwa, Shuar, Achuar, Waorani, Sapara, Andwa, Shiwiar, Cofan, Siona, Siekopai y Kijus o atual presidente é Marlon Vargas.

Imagem 14 Conselho Ampliado Confeniae



Fonte – Acervo pessoal da autora Santos (2018)

O Conselho Ampliado aconteceu dias antes do encontro com o Presidente Lenín Moreno, no momento inicial todos fizeram suas apresentações e saudações da boas-vindas o Presidente da CONAIE pertencente a etnia Achuar, Jaime Vargas abriu o debate

Estamos aqui para pensar quais vão ser nossas estratégias para seguir lutando a partir deste diálogo que foi aberto. Também felicito todos os presidentes das comunidades que aqui estão. É importante dizer algumas palavras Unidade e Trabalhar Juntos, precisamos ter a consciência que vocês são as vozes oficiais de suas comunidades. Os presidentes precisam garantir o debate dentro das suas comunidades e isto são processos orgânicos. A política nos leva a situação extrema de interesses pessoais, mas, creio ser importante buscar estratégias e falar de Unidades não apenas como processos conjunturais, não quando precisamos de espaços o diálogo, não deve ser somente com a CONAIE, mas sim também com a CONFENIAE e suas bases. O processo de diálogo começa dentro das nossas famílias e isso que nos permite avançar e perceber onde fracassamos, são os tropeços que nos permitem seguir avançando. A decisão está em vocês e não no Presidente da CONAIE tampouco da CONFENIAE, mas sim em vocês, nos seus pares, se não cumprimos com nossos deveres temos que arcar com as consequências.

O interessante desta fala no Conselho Ampliado foi a percepção do quanto as visões se diferem, o que antes era conhecido como uma liderança orgânica capaz de

orientar sua comunidade passa a ser orientado a partir das Organizações Não Governamentais e suas Agendas internacionais, no Conselho ficou nítido que eu estava com a comunidade e suas bases. Ressalto que Lenín Moreno não foi ao encontro, um grande número de pessoas de diversas comunidades viajou até Quito a sua espera e ele avisou que infelizmente, devido a diversos compromissos não poderiam comparecer. Uma situação bastante constrangedora, pois as comunidades indígenas esperavam que, com Lenín, o diálogo pudesse ser retomado. Diante aquele salão com imensa gente recordo-me de sentar no piso do teatro e escrever, não era aceitável para mim que mulheres, homens e crianças pudessem ter viajado para nada, então redigi, Santos (2018c).

No dia 27 de março de 2018, todas as nacionalidades indígenas do Equador compareceram a Universidade Andina Simon Bolívar, às 10h, horário acordado para reunirem-se com o atual presidente Lenín Moreno, que lamentavelmente, e como era de esperar, não apareceu. O objetivo era a discutir as pautas indígenas que desde Correa, devido a sua intransigência, não conseguiram colocar em diálogo. Os indígenas, que fazem parte da história de nosso continente, dos povos oprimidos e que, no Equador, são conhecidos por seus levantes históricos e derrubadas de presidente parecem estar fartos destas falsas expectativas. Mulheres, homens e crianças indígenas viajam três, quatro, cinco horas ou até mais, para chegar até a capital do país - Quito - para ninguém os receber, sequer para dizer alguma coisa. Uma parte de esquerda equatoriana esteve apoiando Lenín Moreno durante a Consulta em fevereiro e não se deram conta que seu discurso nada tinha de novo. Neste capitalismo desde a periferia a situação não muda muito, poucos estão percebendo que o intento das mudanças radicais nunca teve o objetivo eleitoral como centralidade, o terreno das modificações nunca se deu exclusivamente pela prática da militância institucional. Os governos são passageiros, as dificuldades da população não, os territórios continuam a ser invadidos, as concessões petroleiras permanecem, a população continua a perder suas terras e em todos os países se conserva o descabro de uma esquerda que infelizmente parece não aprender com a história. Ao que tudo indica, nenhum governo latino-americano respeita seu povo, tais governos “são um bando de delinquentes”, como dizia um taxista que escutei por estas caminhadas. Estão nos matando aos poucos, desde o Brasil até o Equador. Lenín, não o traidor, mas o revolucionário russo, nos alertava para os perigos desta falsificação eclética que engana as massas, pois lhes dá uma aparência de satisfação, já que fingem tomar em consideração todos os aspectos do processo de transformação, mas na realidade não fornecem nenhuma ideia revolucionária do processo. Esta é esquerda que temos em hegemonia, que fala de tudo, da cultura, da ecologia, mas nunca dos sofrimentos, da política e principalmente da economia.

Como foi demonstrado, a vida real das comunidades muitas vezes ultrapassa aquilo que foi escrito nas Universidades e que bom que assim é, afinal o conhecimento precisa servir às transformações na realidade, quando isto não acontece as próprias contradições existentes deglutem as teorias fazendo com que sejam esquecidas. Na vida das comunidades trata-se do ambientalismo do povo, ou seja, da criatividade popular daqueles que precisam sobreviver e quase nunca este caminho decorre na linearidade e é

exatamente por isto que se recusam a aceitar a “verdades irrefutáveis” oriundas dos estudos que por muitas vezes o que se tenta é institucionalizar, impor usos económicos a tudo que existe, ou mesmo possibilidades fechadas de alternativas (Rival, 2010). Quando conversei com Stalin Gonzalo Revelo Herrera (2018) Quito, 07 de fevereiro acerca da Constituição afirmou, “foi importante como avanço legal, porém invisibilizou os conflitos históricos e as desigualdades existentes” aproveitando de certo apoio dos movimentos sociais criou um consenso de caráter regressivo.

Embora o governo tenha proposto formalizar e melhorar as relações de trabalho, eliminando a precarização do trabalho, aprovada pela Constituição, essas reformas não significaram uma extensão de direitos políticos e não resolveram as demandas históricas dos trabalhadores (liberdade de associação, negociação coletiva, sindicatos por ramo, trabalho decente etc.). Consequentemente, ao observar o processo na chave da hegemonia, enquanto o governo avançava em uma reforma conservadora, conseguiu conter as ações do movimento sindical graças à fratura das organizações existentes e ao apoio de novas organizações relacionadas (Herrera, 2019:36)

Monica Chuji (2008), ativista indígena Kichwa da Amazônia Equatoriana, integrou a Assembleia Nacional Constituinte, que redigiu a nova Constituição do Equador em 2008 afirmou

É importante destacar o contexto em que me tornei parte da Aliança do País. Tudo começou quando eu era secretária de comunicação e porta-voz de Rafael Correa. Fiquei atraída pelo projeto Alianza do País porque vi que o presidente e seu partido estavam respondendo às demandas populares durante a campanha. Essas são demandas históricas de mudança que surgiram primeiro dos sindicatos. Depois de 1990, eles vieram do movimento indígena, que foi um dos primeiros a propor uma reforma estrutural do estado equatoriano. Eles propuseram uma Assembleia Nacional Constituinte como a única maneira de reformar o estado equatoriano. Então outras forças se juntaram: mulheres, agricultores, afroequatorianos, a comunidade LGBT e, muito importante, os ambientalistas. Muitas das demandas do movimento indígena já giravam, é claro, em torno de questões territoriais e ambientais ligadas aos recursos naturais. O regime de Correa se beneficiou de tudo isso. Ele coletou esse acúmulo de demandas sociais e políticas históricas. Outros presidentes fizeram isso, como Lucio Gutierrez, que rapidamente rompeu essa aliança [entre o governo e o movimento social]. Rafael Correa também está usurpando essa capital [política], essas demandas, e está começando a avançar. Entre essas demandas, é claro, estava a Assembleia Constituinte, para transformar o país e acabar com o neoliberalismo. Os movimentos sociais e o movimento indígena propuseram uma Assembleia e um Estado plurinacional como modelo que romperia com o neoliberalismo. Muitos de nós começam a se identificar com este projeto. É quando decido entrar no gabinete de Correa⁴⁶³.

⁴⁶³ Tradução livre da autora. No original - Es importante señalar el contexto en el cual llegué a ser parte de Alianza País. Comenzó cuando yo era Secretaria de Comunicación y vocera de Rafael Correa. Me sentí atraída al proyecto de Alianza País porque vi que el presidente y su partido estaban respondiendo a las demandas populares durante la campaña. Se trata de demandas históricas de cambio que primero surgieron de

Para Stalin Gonzalo Revelo Herrera (2018) Quito, 07 de fevereiro

Após Correa, as organizações sociais ficaram meio divididas, pois, os conflitos aumentaram e houve também uma negociação maior com as elites. O Estado sobrevive das regalias petroleiras e não possui um projeto realmente alternativo.

Em conversa com Domingo Ankuash (Quito) 28 de fevereiro de 2018

Estou sendo perseguido, mas vou permanecer na luta e não será fácil me detenham, a maioria está tentando postos de trabalhos e cargos e os povos da base não se dão conta do que estão fazendo. A forma de resistência – unido ao povo porque o Estado não nos respeita. O caso mais problemático foi que (...) Correa colocou medo em todos os líderes e por isto passaram a negociar postos de trabalho e não mais por seu povo.

los sindicatos. Después de 1990, vinieron del movimiento indígena, que estuvo entre los primeros en proponer una reforma estructural del estado ecuatoriano. Proponían una Asamblea Nacional Constituyente como la única forma de reformar al estado ecuatoriano. Después se sumaron otras fuerzas: mujeres, campesinos, afro-ecuatorianos, la comunidad LGBT y, muy importante, los ambientalistas. Muchas de las demandas del movimiento indígena ya giraban, por supuesto, alrededor de temas territoriales y ambientales vinculados a los recursos naturales. El régimen de Correa se ha beneficiado con todo esto. Ha recogido esta acumulación de demandas históricas sociales y políticas. Otros presidentes han hecho esto, como Lucio Gutiérrez, quien rápidamente quebró esta alianza [entre el gobierno y el movimiento social]. Rafael Correa también está usurpando este capital [político], estas demandas, y está empezando a avanzar. Entre estas demandas, por supuesto, estaba la Asamblea Constituyente, para transformar al país y terminar con el neoliberalismo. Los movimientos sociales y el movimiento indígena propusieron una Asamblea y un estado plurinacional como un modelo que rompería con el neoliberalismo. Muchos de nosotros comenzamos a identificarnos con este proyecto. Entonces es cuando decido unirme al gabinete de Correa (Denvir, 2008)

Capítulo VIII - Conflitos e perspectivas: uma utopia andina⁴⁶⁴

Na América Latina, arrisco dizer no mundo, não há possibilidade de pensar a vida sem utopia, mesmo os liberais esperam que o Estado faça algo por eles. Negar a utopia é negar a nossa possibilidade de transformação, a nossa intervenção de forma consciente precisa ser uma alternativa, a utopia não pode ser um sentido que esteja fora da ação (Santrich, 2018:31). Tal como afirmou Santos (2018b) o nosso caminho só pode ser pensar a utopia

Perante isto, o único caminho para pensar o futuro parece ser a utopia. E por utopia entendo a exploração, através da imaginação, de novas possibilidades humanas e novas formas de vontade, e a oposição da imaginação à necessidade do que existe, só porque existe, em nome de algo radicalmente melhor por que vale a pena lutar e a que a humanidade tem direito (Santos, 2018b:74).

Devido ao nosso caráter colonial a utopia é cotidiana e praticada diariamente, o pensamento da urgência em tempos “em que o pensamento utópico é um pensamento desacreditado, mesmo quando se vão multiplicando no mundo experiências que, à luz das concepções dominantes, surgem como ‘utopias realistas’” (Santos 2018b:75)

Viver em comunidades e estar ali integrado, para além das dificuldades é uma forma também utópica, pois são daquelas dificuldades que se faz nascer qualquer tipo de sopro e esperança⁴⁶⁵. Como afirmam Banega & Cordero (2018:19) viver em uma comunidade é forma de legitimação de vida, onde é possível construir alternativas econômicas, social, ambiental, espiritual. Contudo, o que aparece nas comunidades como “alternativa⁴⁶⁶” na realidade é a sobrevivência possível, obviamente que vivem em formas distintas daquilo que conhecemos como “modo de vida ocidental”, contudo, para o bem e para mal vivenciam também os dramas da exclusão. Em 07 de fevereiro de (2017) Domingo Ankuash, Dirigente da CONFENIAE – FICSH fez um pronunciamento

⁴⁶⁴Acerca da utopia andina indico a tese de Santamaria (2016) que aborda a multiplicidade pensar uma utopia andina, bem como o trabalho de Lowy (2016), o trabalho de Santos (2001), Ribeiro (2002) possui um artigo bem interessante acerca desta temática, mostrando como as humanidades necessitam ser reinventadas para além de uma logica universalista.

⁴⁶⁵ A escritora Carolina de Jesus foi um grande exemplo disto, em todo tipo de má sorte sentida teve forças e escreveu, sua *vida por escrito* - “Não existe neste mundo, quem não acalenta um sonho intimamente. Quem não aspire possuir algo que lhe proporcione uma existência isenta de sacrifícios (de Jesus, 2014).

⁴⁶⁶ Grifo nosso.

Eles mataram Bosco Wisum, Fredy Taish e José Tendest, evacuaram a comunidade de San Marcos, o centro de Shuar Nankints, em San Juan Bosco e muitos outros em Tundayme; em vista e presença das pessoas que enterram suas casas, seus pertences ... Que coragem! (...) e continuam a nos acusar de que somos invasores nos territórios chineses, pergunto-me e pergunto, todos os equatorianos, desde quando os chineses em nossos territórios ancestrais Eles capturam os camponeses apenas por ser antimineros! e o Presidente Agustín Wuachapa, a quem não sabemos em que estado ele está e uma longa lista de perseguidos, Correa, mobilizando todo o seu aparato repressivo em Morona Santiago. Companheiros do nosso país, a história nos ensina que o poder não apenas reprime, mas mata, viola, tortura e produz efeitos reais, gera "conhecimento", "quando o fenômeno da imposição ocorre cria a resistência dos povos". Talvez Tundayme e Nankints, não permaneçam em uma história triste, por causa de um único homem mau, chamado Rafael Correa Delgado, um governo tirano, ditador e o segundo Pinochet na América Latina.

Em leituras acerca das várias comunidades existentes no Equador, há uma imensidão de ajustes no sentido de sair do exotismo que nos foi inculcado desde a colonização, a exemplo de imaginar os indígenas como um modo de vida único, tribal, belo, conquanto que, na realidade as contradições do mundo estão para todos em escalas diversas. Não há aqui qualquer tipo de visão derrotista andina e mesmo latino-americana, ao contrário, o pensamento decorre de pensar para além da Constituição, que engendra artigos extremamente avançados para o ordenamento atual, porém desde o início de governo Correa foram desprezados. Tanto Figueroa (2006) como Sánchez Parga (2014) demonstram as controvérsias no reconhecimento das comunas, demonstrando que na demarcação das terras não houve um reconhecimento das comunidades em seus modos de vida, mas sim uma aproximação daquilo que o Estado compreendia ser “direito das comunidades”, ou seja, uma racionalização do espaço rural. Antes de 1937 o uso destas terras estava voltado para subsistência, onde o excedente era comercializado como troca entre as comunidades, algo que ainda é residual em grande parte delas.

Imagem 15 Mercado Comum em Cuenca



Fonte - Acervo da Autora (Santos, 2018).

No mercado comum que visitei em Cuenca há diversas comunidades a comercializar o excedente produzido como forma de venda e também de troca, o não reconhecimento de maneira genuína, conectado a forma de vida destas comunidades funcionou dentro do chamado “colonialismo interno”, ou seja, uma visão do Estado em seu intento de industrializar a economia agrária do país (Álvarez 2015). Porém a própria complexidade de tais demarcações, acabaram por fortalecer as organizações comunitárias, principalmente na década de 1990 quando ocorreu um avanço colossal das ideias neoliberais no mundo (Santos, 2019).

Desta maneira o Estado em um projeto de desenvolvimento voltado para atender a demanda externa com produtos primários, tentou proletarizar as comunidades, ao mesmo tempo tentando manter laços comunitários a partir do que o próprio Estado compreendia

ser “comunal”. Algo que chama muita atenção é o fato que a maioria das comunidades já vive do turismo. Nos dados oficiais em 2013 a entrada de estrangeiros registrou número de 1.487.059 pessoas enquanto em 2018 o número aumentou para 2.535.140⁴⁶⁷, segundo informações da página oficial muitos dos dados passaram a ser recolhidos a partir de 2013 devido a normativa internacional (Boletim de estatística 2009-2013:03). O mesmo relatório indica que 77,8% da entrada de estrangeiros no Equador é motivada pelo turismo (Boletim de estatística 2009-2013).

Drumm (1991) que analisou o turismo no caso equatoriano, afirma que a economia turística é uma das que mais crescem no mundo, atribuindo isto ao enorme valor dado ao meio ambiente e a chamada “consciência ecológica”, logo, os países cuja riqueza natural é grande, são atrativos. Em sua investigação Drumm (1991) demonstra os impactos locais para as comunidades em termos financeiros e geográficos tendo o inglês⁴⁶⁸ como a primeira língua mais falada no turismo até os dias atuais. No caso das comunidades indígenas agrícolas o turismo os coloca a frente dos megaprojetos hoteleiros, imobiliários, além do uso de recursos naturais, choque cultural, etc. No Plano Nacional do Buen Vivir (2009-2013) o turismo aparece como uma das principais matrizes produtivas, cujo objetivo seria fomentar um crescimento endógeno, o chamado “ecoturismo⁴⁶⁹” também seria incentivado vinculado a renda nacional. Em conversa com Sevilla, Roque (2018) Quito: 28 de março pareceu acreditar na possibilidade de substituir petróleo por turismo

Equador é um sítio muito privilegiado o clima e estável há muita produção agrícola e turismo, desenvolvimento em turismo e por isto esta empresa funciona bem porque nos dedicamos ao turismo, também à capacidade criativa da juventude – o intelecto, por exemplo, na Escola Politécnica do Litoral. Em Quito e Chimborazo, sou presidente desta organização que promove eventos e os sete trabalhos desenvolvidos para o turismo foram aprovados em âmbito internacional, temos uma criatividade aqui que não necessita de petróleo, nem de minério. Podemos viver sem petróleo temos muitíssimas alternativas vou dar algumas potencial energético do equador é gigante do ponto de vista hídrico Atualmente produzem 6 mil a fio de água (...) temos muita água e sol. (...) Temos a maior radiação solar do ano mais da metade do país está mais de dois mil metros de altura o que permite aproveitamento Planta fotovoltaica em Imbabura 5 MW pequena, nos deram o prêmio de mais eficiente do mundo pela localização a hidrelétrica se soma a solar e a solar (pausa) geotérmica podemos explorar. O primeiro que temos uma quantidade de energia brutal ainda não explorada, somos muito potentes e é energia solar que permite produzir produtos que só pode produzir aqui. Cor sabor e aroma –as frutas todos os produtos são de qualidade excepcional não são os mais baratos mais são os melhores. Esta

⁴⁶⁷ Dados obtidos do site oficial <<https://servicios.turismo.gob.ec>>

⁴⁶⁸ Segundo os dados oficiais 2013-2019 a entrada de imigrantes é maior em número de Venezuelanos, devidos as últimas crises na América Latina, seguida por norte americanos em busca de passeios e férias.

⁴⁶⁹ SENPLADES, 2009-2013: 95-97

combinação altura e luz não se reproduzem em nenhum lugar – (...) Quênia que também está na linha equinocial.

O tipo de acumulação que o Equador pretendia desenvolver estava voltada para a exportação, cujo impacto seria sem precedentes para as comunidades, talvez seja por isto que muitas dos comuneiros/as com os quais conversei se mostraram infaustos com a proposta de Buen Vivir estatal. Na conversa com Abel Arpi, Asamblea de los pueblos del Sul (2018) Cuenca, 15 de março

Atualmente temos dois polos determinando o mundo China e EUA – e buscam por nossas riquezas. A entrada de Lula e Correa bem como outros candidatos, depois da crise dos EUA promovem guerras de baixa intensidade que ocasionou um acomodo – populismo leva a isto. Em 2006 – setores sociais eram fortes, entretanto, com o passar dos anos percebemos que fantasiaram nossos símbolos, toda a esquerda parece pouco crítica, uma esquerda tibia. Estado capitalista, sócio das transnacionais, no tempo de Rafael Correa governou desde a banca, quando os ricos mais ganharam – disputa entre a burguesia – ganância de Lenín Moreno – que pretende conciliar com o povo e permanecer com suas políticas – não tem organização de esquerda para mudar a situação. As ONGs tratam o indigenismo como deuses – o problema é o capitalismo – ficar falando em Pachamama é uma questão de venda e não de solução de problemas. Há pessoas criticando as lutas, mas estão desmobilizadas.

A premissa que o turismo seria capaz de substituir o petróleo como matriz produtiva foi falsa, por outro lado, isto colocou as comunidades a frente de alguns projetos como foi demonstrado, também acabou por privatizar alguns serviços (Gills Arana, 2013). No SENPLANDES (2009-2013) a proposta que possui um caráter de resistência e de alguma <<consciência>> dos limites de dependência econômica equatoriana, acabou por colocá-los em uma verdadeira guerra entre Estado, empresas e comunidades, convertendo cultura em mercantilização Banegas & Cordero (2018). No caso de Água Blanca, comunidade visitada, eram campesinos, agricultores, trabalhadores e atualmente estão completamente imersos no ecoturismo, apesar da relação histórica com as escavações a partir do trabalho arqueológico realizado no projeto “seja arqueólogo por um dia” que propicia uma relação também com os estudantes equatorianos, que poderá criar uma *experiência mais profunda dos sentidos* (Santos, 2018). Um resgate histórico, isolado, porém importante para “indigenización⁴⁷⁰” permitindo a emergência de um novo sujeito social Martinez (2016). Banegas & Cordero (2018) caracterizam esta forma de viver como o Bem Viver, partindo da premissa que embora exista um conceito de Buen-Vivir o mesmo é incapaz de abarcar todas as vivências. Banegas & Cordero (2018) acreditam que a vida

⁴⁷⁰ Grifo do autor.

ali funciona em reciprocidade, que há um pensamento coletivo que não foi completamente tomado por valores adversos, assumem o turismo como alternativa ao seu desenvolvimento. No exame que faço, obviamente que a vida em meio a uma área que tamanha beleza natural possui outra dinâmica de sociabilidade. Miguel Galarza Cordero (2018) Cuenca: 14 de março

O povo andino tem melhores condições de vida, menos sofrimento com o clima a água das alturas é mais pura, mais produtos da terra, menos doenças para eles o Buen Vivir se foi todo o entorno, mas tu e da cidade se faz urbana aqui é outra realidade aqui é um poder de quem mais tem, capitalismo extremo que afeta no campo. O campesino levanta as cinco da manhã produz seu próprio pão, descansa, se alimenta e descansa cedo e todo este ambiente se vê como viver bem. Em Água Blanca a sobrevivência é complexa, já que não tem luz, não tinha caminhos, uma parte veio do governo – o caminho da entrada – quem não tem veículo tem que caminhar cinco quilómetros para encontrar um autocarro – é um sobreviver e estão relacionados a isto.

O ecologismo como visão de mundo faz parte dos problemas da modernidade não existe uma identidade ecologista tal como tentam implementar aos povos indígenas, rurais, etc.

8.1 Extrativismo e neoextrativismo

O extrativismo acompanha a América Latina desde seu período colonial, extração e saque das riquezas aqui encontradas se transformaram em quase o único produto de exportação destes países, extração no subcontinente é parte intrínseca do processo de colonização. Para Acosta (2011:85)

O extrativismo é uma modalidade de acumulação que começou a realizar-se massivamente há 500 anos. Com a conquista e a colonização da América, África e Ásia começou a estruturação da economia mundial: do sistema capitalista. Esta modalidade de acumulação extrativista esteve determinada pelas demandas do capitalismo nascente. Algumas regiões foram especializadas em extração e produção de matérias primas, ou seja, bens primários, enquanto que outras assumiram o papel de produtoras de manufaturas. As primeiras exportam natureza, as segundas importam⁴⁷¹ (Acosta, 2011:85).

⁴⁷¹ Tradução da autora - El extractivismo es una modalidad de acumulación que comenzó a fraguarse masivamente hace 500 años. Con la conquista y la colonización de América, África y Asia empezó a estructurarse la economía mundial: el sistema capitalista. Esta modalidad de acumulación extractivista estuvo determinada desde entonces por las demandas de los centros metropolitanos del capitalismo nascente. Unas regiones fueron especializadas en la extracción y producción de materias primas, es decir de bienes primarios, mientras que otras asumieron el papel de productoras de manufaturas. Las primeras exportan Naturaleza, las segundas la importan (Acosta, 2011:85).

No geral, os extrativismos estão relacionados as atividades que removem matérias – primas em grande escala e requer grandes inversões industriais e não está limitado a petróleo e a minerais, depende da demanda dos países centrais e pode incluir a pesca, madeiras e mesmo no turismo, como foi mencionando no capítulo VI (Acosta & Guijarro, 2018, Gudynas, 2017b). O extrativismo em cada país revela a forma como o capitalismo se desenvolveu e continua a se desenvolver em seu processo de expansão. Para Gudynas (2017) em relação a exploração de recursos de forma predatória nos últimos anos, se faz necessário diferenciar a esquerda do chamando progressismo, visto que o progressismo pautou suas reformas e mudanças sociais na exploração massiva dos recursos

O progressismo tentou vincular o extrativismo a políticas públicas, como a assistência social, mas na prática esses mecanismos não funcionaram bem. Na realidade, a captação de dinheiro desse setor serviu sobretudo para financiar o Estado, mais do que para focar especificamente na luta contra a pobreza (Gudynas, 2017a: para.10).

No caso do Equador, foi possível verificar que na chamada *década progressista*⁴⁷² o discurso foi de superação do extrativismo, a prática foi de mais extrativismo. Acosta & Guijarro (2018:130) afirmam que inicialmente Rafael Correa, no ano de 2007, entregou alguns campos a exploração em empresas mistas (reguladas por capital privado e público) a tarifa estava abaixo dos preços de mercado⁴⁷³ do mesmo modo, houve interesse na entrega de alguns campos a exploração chinesa, em 2016 se revelam informações que o governo de Correa teria comprometido entregar petróleo aos chineses até o ano de 2024⁴⁷⁴ algo também comentado pelo intelectual, Sociólogo – Ex-assessor da presidência de Rafael Corrêa, Décio Machado (2018) Quito, 08 de fevereiro de 2018

Em todos os contratos feitos com a China de pré-venda de petróleo e não s teve nenhuma transparência, você solicitava os contratos e eles não davam isto pode parecer ilegal, mas eles têm a justiça e tem tudo. Quem assinou será responsabilizado, esta comissão está recém-inaugurada e vão ter que trabalhar ainda, são economistas de diferentes tendências políticas que pretendem analisar esta situação.

O que eu quero te dizer com isto?

Agora saberemos tudo o que foi feito com petróleo, porque nem o neoliberalismo quando realmente implementado no Equador, conseguiu vender petróleo ainda debaixo da terra. Então como estamos? Nesta renegociação, desta dívida pública se sabe o volume da dívida e que vão explorar, parte desta dívida já foi paga e

⁴⁷²Grifo nosso.

⁴⁷³ Acosta & Guijarro (2018:130) mencionam que os custos chegavam a 35 dólares o barril e em 2015 os custos operacionais já eram maiores a ponto que a Petroamazonas teve que suspender os contratos devido aos altos custos e ao endividamento.

⁴⁷⁴Informações <<https://www.elcomercio.com/actualidad/ecuador-petroleo-china-exportaciones-venta.html>> [12.05.2019]

voltaram a fazer estas operações (pausa) isto foi depois de 2013 quando se acentuou. Mandam barris continuamente e já tem petróleo vendido até 2024.

Ante a esta situação Rafael Correa acabou por ser investigado pela Fiscalía⁴⁷⁵ um órgão que pretende investigar de forma “autônoma” relacionado aos direitos humanos, a corrupção, etc., após diversas denúncias de irregularidades Rafael Corrêa declarou⁴⁷⁶ em 2018

Obviamente, sempre cumprirei meu dever como cidadão. Apesar de tudo, ainda confio na justiça e, o que você me perguntar, eu o farei. (...). Eu assinei apenas uma pré-venda [antecipada] de petróleo, a de 2010. Eles nos deram um bilhão [dólares da China] e autorizaram o contrato (...) a ser pago com petróleo.

Décio Machado (2018) destaca a continuidade do sistema que já vigorava, como bem afirmou Vega (2017: 142-146) se jogou com o destino escolhido por uma população cuja vocação é agrícola, turística e cultural, pois desgrazadamente esta não foi consultada a decidir seu futuro, evidencia-se ainda que muitas das Consultas prévias são feitas de forma a regularizar as práticas de empresas transnacionais⁴⁷⁷ que agem de forma desenfreada e muito vezes com amparo jurídico, intelectual e até científico. O tratamento dado a nossa condição no capitalismo também aparece quando o mesmo autor diz que nossas terras servem para exploração e exportações de recursos em mercados fictícios, mercados de carbono e assim acabamos explorados e cúmplices das empresas transnacionais. No texto de Acosta (2015) há uma investigação da forma como os países da América Latina agem entre si, no caso do Brasil por exemplo

O Brasil avança em seu processo de apresentação aos países vizinhos. Essa tarefa é incentivada pela "Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana" (IIRSA), da qual participam todos os países amazônicos e que constitui um projeto para vincular ainda mais a Amazônia às demandas de acumulação global de capital. A demanda de exportação exige formas de transferência e saída dos produtos amazônicos. Esta proposta de integração transnacional surgiu em meio ao neoliberalismo desenfreado e permanece na era dos governos progressistas⁴⁷⁸ (Acosta, 2015:47).

⁴⁷⁵ Para saber mais <<https://www.fiscalia.gob.ec/>> [03.02.2019]

⁴⁷⁶ Ver declaração <https://impresa.prensa.com/panorama/Correa-declarara-venta-crudo-China_0_4954004661.html> [11.04.2019]

⁴⁷⁷ Ver mapeamento da atuação de empresas multinacionais brasileiras na América Latina e África, com detalhes sobre os empreendimentos, as empresas que operam ou detêm os projetos, seus objetivos, fontes de financiamento e principais impactos sobre as comunidades locais. As empresas pesquisadas são principalmente do setor extrativo - mineração, gás e petróleo - e do setor de construção civil. O mapeamento foi realizado em 2017 e tem atualização prevista para 2019 <<https://www.oxfam.org.br/mapa-multinacionais>> consultado a [10.07.2018]

⁴⁷⁸ Tradução livre da autora. No original - Brasil avanza en su proceso de someter a los países vecinos. Esta tarea es alentada por la “Iniciativa para la Integración de la Infraestructura Regional Sudamericana” (IIRSA), donde participan todos los países amazónicos y que constituye un proyecto para vincular aún más a la Amazonia a las demandas de acumulación del capital global. La demanda exportadora requiere de vías de

No caso equatoriano, o progressismo de viés nacionalista, na realidade permitiu uma maior acumulação do capital e esta questão do subimperialismo que desloca os subcentros de imposição de alguns países em relação a outros a depender da sua condição de desenvolvimento capitalista foi bastante discutida por Marini (apud, Luce: 2011: 04) Embora Marini elabore esta categoria para o caso brasileiro a mesma pode ser aplicável para países cuja realização está situada no caráter dependente.

A lista de pessoas mortas por defender a vida é enorme, em última análise, vítimas de seu ativismo contra o desmatamento, extração ilegal de madeira, petróleo, mineração e o aumento da fronteira agrícola e pecuária⁴⁷⁹ (Acosta, 2015: 48).

Esta afirmação só é possível em virtude dos diversos estudos latino americanos que vem sendo realizados na tentativa de encontrar saídas. Ao longo da história todas as economias dependentes passam por tendências que lhes são comuns.

O extrativismo não se limita a minerais ou óleo. Há também extrativismo agrícola, florestal e até pesqueiro. Na prática, o extrativismo tem sido um mecanismo de pilhagem e apropriação colonial e neocolonial. Esse extrativismo, que assumiu várias vestimentas ao longo do tempo, foi forjado na exploração das matérias-primas indispensáveis ao desenvolvimento industrial e ao bem-estar do Norte global. E isso tem sido feito independentemente da sustentabilidade dos projetos extrativos, bem como do esgotamento dos recursos. O acima, juntamente com o fato de que a maior parte da produção de empresas extrativas não é para consumo no mercado interno⁴⁸⁰ (Acosta, 2012:07).

Svampa (2019) menciona que estes governos nas últimas décadas se aproveitaram das oportunidades e dos preços da commodities para realizar suas políticas para além de ideologias políticas e grande parte delas, contrárias ao que se propunha como *Revolução*. Como afirmou em entrevista professor Stalin Gonzalo Revelo Herrera, 07 de fevereiro de 2018 (Quito)

traslado y salida de los pro- ductos amazónicos. Esta propuesta de integración transnacional surgió en medio del neoliberalismo desbocado y se mantiene en la época de los gobiernos progresistas (Acosta, 2015:47).

⁴⁷⁹ Tradução livre da autora. No original - Es enorme la lista de las personas asesinadas por defender la vida, en definitiva victimas de su activismo en contra de la deforestación, la tala ilegal, del petróleo, de la minería y el aumento de la frontera agrícola y ganadera (Acosta, 2015:48).

⁴⁸⁰ Tradução livre da autora. No original - El extractivismo no se limita a los minerales o al petróleo. Hay también extractivismo agrario, forestal e inclusive pesquero. En la práctica, el extractivismo, ha sido un mecanismo de saqueo y apropiación colonial y neocolonial. Este extractivismo, que ha asumido diversos ropajes a lo largo del tiempo, se ha forjado en la explotación de las materias primas indispensables para el desarrollo industrial y el bienestar del Norte global. Y se lo ha hecho sin importar la sustentabilidad de los proyectos extractivistas, así como tampoco el agotamiento de los recursos. Lo anterior, sumado a que la mayor parte de la producción de las empresas extrativistas no es para consumo en el mercado interno (Acosta, 2012:07).

Os conflitos aumentaram no período de Correa e houve uma negociação maior com as elites, isto foi uma estratégia deliberada. O Estado vive das regalías petrolíferas e não existe um projeto alternativo.

O artigo menciona que, na época Rafael Correa trabalhou em duas frentes, em primeiro momento incentivou a crença que a extração de petróleo poderia ser evitada com o apoio da comunidade global, mesmo o Equador sendo altamente dependente, no segundo momento caso a Iniciativa não desse certo a exploração avançaria e neste sentido, Correa iniciava e liderava as negociações com empresas de petróleo na China, no Canadá Rival, 2010; Arsel & Angel, 2012). Demonstrado que Correa não estava completamente comprometido, tal como se dizia, com priorizar o meio-ambiente considerando que ambos planos eram excludentes em teoria.

A Iniciativa considerada revolucionária por muitos, jamais demonstrou qualquer mudança radical em um país que tem como base a economia primária e a exploração petrolífera. Correa foi bastante criticado devido a isto já, que a proposta apesar de inovadora, se reduzia a duas vertentes “salvem Yasuni” ou “explorem ITT” (Marti, 2011). Alguns dos entrevistados no trabalho de campo argumentavam que Correa não acreditava genuinamente na proposta, outros disseram que a proposta não foi seriamente enfrentada tendo em conta a dependência de petróleo. Tuntiak Katan no evento Demandas indígenas frente ao cambio climático⁴⁸¹ 05 de fevereiro de 2018: Quito

Nossa comunidade possui uma visão holística do mundo e as políticas públicas precisam permitir aos povos indígenas a gestão dos recursos. Cuenca Sagrada, Selva Viviente, cada povo deve fazer sua própria gestão a sua maneira, sabemos manejar nossos territórios.

Esta é parte nossa condição histórica de extrativismo, realizado em todos os sentidos tal como apontou Grosfoguel (2016) em que o extrativismo está vinculado à nossa inserção na economia e na divisão internacional do trabalho, desde a invasão inicial começada em 1492 com Espanha e em 1500 com Portugal. Como espólio ficaram as interações e sequelas de relações de (super) exploração, escravização e colonização externa e interna. Observando os diversos ciclos econômicos tem-se uma tendência, no primeiro grande ciclo econômico das bananas, voltado para exportação, houve uma reorganização produtiva baseada em três elementos, política monetária que garantisse alguma estabilidade da moeda, expansão de crédito público e integração do mercado interno com

⁴⁸¹ Realizado na Universidade Andina Símon Bolívar (UASB) em fevereiro de 2018. Disponível <<https://www.uasb.edu.ec/web/guest/contenido?foro-demandas-indigenas-frente-al-cambio-climatico>> [10.07.2018]

impulso integrador (Palazuelos, 2008: 05). Ao final de década de 1950 este mercado passa por desaceleração e queda, devido a ausência de mercado interno e a própria concorrência da fruta no mercado externo, evidenciando os limites de uma economia agroexportadora (Palazuelos, 2008)

No entanto, a tendência histórica do Equador de encontrar a reprodução do capital nas atividades de exportação primária não apenas não desapareceu, mas foi reforçada pela dolarização, com a explosão de um boom em alguns ramos da economia. (aquicultura, pesca, produção de flores, etc.), além da exploração e exportação de petróleo bruto, que continuou crescendo em volume (até 2006) e em valor (até hoje). A dinamização da economia associada aos processos descritos acima, também foi acompanhada pela evolução da hiperconcentração da economia equatoriana em torno de um punhado de empresas e grupos em quase todos os ramos do aparato produtivo, comercial e financeiro. Uma fração relativamente pequena das classes dominantes com presença no país detém o controle oligopolista e oligopsônico da maioria dos mercados de bens e serviços, o que é particularmente verdadeiro no setor financeiro, mas também no setor de telecomunicações. e do comércio atacadista, conforme evidenciado pelo último Censo Econômico e pelos relatórios da Superintendência de Empresas⁴⁸² (Miguel Ruiz & Iturralde 2013: 127:128).

Fala-se em sociedade *pós-extrativista e pós-petróleo*, sem tocar em temas profundos da economia como uma sociedade como Equador que tem sua economia fundamentada no petróleo poderia deixar de explorá-lo, teria que encontrar saídas alternativas em termos de país, contudo, este país não está isolado economicamente. Na América Latina, os países que são altamente dependentes do petróleo são também vulneráveis e frágeis (Larrea, 2010a). Para Santana Santos (2019) nas últimas décadas as altas dos preços de petróleo, além de alavancar algumas melhorias sociais, impactou de forma negativa os países dependentes da importação deste produto tal como no Brasil ou no Equador cuja exportação recente chega a 70% em óleos betuminosos

Com a medida para deixar o petróleo debaixo da terra muitos teóricos, ecologistas e movimentos sociais imaginavam ser possível transitar para uma economia pós-petróleo também haveria investimento em energias renováveis.

⁴⁸² Tradução livre da autora. No original - Sin embargo, la tendencia histórica del Ecuador a fundar la reproducción de capital en actividades de tipo primario- exportadoras no sólo no desapareció, sino que se vio reforzada a partir de la dolarización, con la explosión de un boom de algunas ramas rentistas de la economía (acuicultura, pesca, producción de flores, etc.) amén de la explotación y exportación de petróleo crudo, la cual continuó creciendo en volumen (hasta 2006) y en valor (hasta la actualidad). La dinamización de la economía asociada a los procesos antes descritos, también fue acompañada por la evolución de la hiperconcentración de la economía ecuatoriana en torno a un puñado de empresas y grupos en casi todas las ramas del aparato productivo, comercial y financiero. Una fracción relativamente pequeña de las clases dominantes con presencia en el país, posee el control de tipo oligopólico y oligopsónico de la mayoría de los mercados de bienes y servicios, lo que es particularmente cierto en el sector financiero, pero también en el de las telecomunicaciones y el del comercio al por mayor, como quedó de manifiesto por el último Censo Económico y los reportes de la Superintendencia de Compañías (Miguel Ruiz & Iturralde 2013: 127:128).

8.2 Ecologismos internos e externos; as matérias primas podem frear o capital

Ao tratarmos de ecologismos internos e externos, há que se considerar onde se assentam os interesses da população, do Estado e das comunidades que são afetadas com os impactos da extração, derramamento petroléio. Já que se há uma crise ecológica, a mesma está fundamentada na própria crise do capitalismo e ainda assim os chamados países desenvolvidos criam mecanismos para continuar com o “direito a poluição” como referência ao mercado de carbono, por exemplo (Chesnais & Serfati, 2003: 04).

No texto de Larrea (2010a) há toda uma argumentação das razões que levaram o Equador a pensar em deixar o petróleo debaixo da terra e são bastante racionais do ponto de vista de contenção dos problemas relacionados ao aquecimento global. Larrea (2010a) aponta que diversos grupos, dentre estudiosos, ecologistas e organizações mundiais apoiaram a iniciativa, considerando que a extração petrolífera e seu uso são a maior força motriz da mudança climática. Há ainda o fato, do Equador ter reconhecido na sua Constituição de 2008 os Direitos da Natureza, desse reconhecimento a iniciativa Yasuní ITT impor uma cosmovisão, segundo Larrea (2010a:04) o Parque Yasuní possui uma das maiores diversidades do mundo

Com 2.274 espécies de árvores e arbustos, o Parque Yasuní abriga 655 espécies em um único hectare: mais do que o número total de espécies arbóreas nativas nos Estados Unidos e no Canadá. Foram relatadas 593 espécies de aves. Existem também 80 espécies de morcegos, 150 de anfíbios e 121 de répteis, além de mais de 4.000 espécies de plantas vasculares por 1'000.000 ha. O número de insetos, estimado em 100.000 espécies por hectare, é o maior do planeta. Entre todas essas espécies, existe um alto grau de endemismo. Esses números colocam o Parque Nacional Yasuní como o local mais bio diverso do planeta, como confirmam os estudos científicos mais recentes. A incrível biodiversidade do Parque Yasuní foi explicada porque, durante o período do Pleistoceno, durante o qual ocorreram as glaciações, a Amazônia esfriou e se tornou uma encosta. Poucos lugares, considerados refúgios do Pleistoceno, a selva era mantida e a biodiversidade concentrada. O alto Napo, onde estão localizados o Parque Yasuní e a reserva de Cuyabeno, é um deles⁴⁸³.

⁴⁸³ Tradução livre da autora. No original - Con 2.274 especies de árboles y arbustos, el Parque Yasuní alberga en una sola hectárea a 655 especies: más del total de especies nativas de árboles de Estados Unidos y Canadá. Se han reportado 593 especies de aves. Existen también 80 especies de murciélagos, 150 de anfibios y 121 de reptiles, así como más de 4.000 especies de plantas vasculares por 1'000.000 ha. El número de insectos, estimado en 100.000 especies por hectárea, es el mayor del planeta. Entre todas estas especies existe un alto grado de endemismo. Estas cifras colocan al Parque Nacional Yasuní como el lugar de mayor biodiversidad del planeta, como lo confirman los estudios científicos más recientes. Se ha explicado la asombrosa biodiversidad del Parque Yasuní porque durante el período Pleistoceno, en el cual ocurrieron las glaciaciones, la Amazonía se enfrió hasta convertirse mayoritariamente en una paradera. Solamente en muy pocos lugares, considerados refugios del pleistoceno, se mantuvo la selva y se concentró la biodiversidad. El alto Napo, donde se encuentran el Parque Yasuní y la reserva Cuyabeno, es uno de ellos (Larrea, 2010a:04).

No artigo de Bass et al (2010) recorre-se a metodologia de mapeamento concluindo que no norte do Peru e no leste equatoriano aves, mamíferos, anfíbios e plantas possuem quatro grupos taxonômicos de características comuns. A partir da coleta de dados estima-se que o Parque Yasuní se constitui na área com mais biodiversidade do mundo. Durante a entrevista realizada com Professor e Investigador na Universidade Andina Simon Bolívar - Assessor Técnico Yasuní ITT Carlos Larrea Maldonado (2018) Quito:16 de fevereiro

Não há nenhum lugar do planeta donde se encontrou tanta biodiversidade como em Yasuní e Amazônia brasileira não tem esta biodiversidade porque é plana, por outro lado aqui temos uma convergência de umidade e cordilheira dos andes. Então se conhece a enorme biodiversidade. Em 1993 a Texaco abandona o Equador e faz isto por sua vontade, considerando os custos de extração que são altos comparado com as possibilidades que poderiam encontrar em outros países e isto cria uma enorme consciência sobre o dano ambiental provocado pelas atividades petrolíferas.

Destaca-se ainda que Amazônia Ocidental é uma das poucas áreas selvagens do mundo, Bass et al, 2010 consideraram a proposta de Rafael Correa promulgada em 2007 positiva, já que mantendo o petróleo em baixo da terra, o ex-presidente poderia obter ganhos com o mercado de carbono e os recursos obtidos poderiam auxiliar na conservação do parque. Na análise do projeto de extração petrolífera exigir-se-ia a construção de sete plataformas um novo sistema ferroviário que pudesse realizar o transporte, em relação aos impactos secundários, temos uma nova colonização interna que levaria à modificação de todo o ecossistema, bem como da forma de vida de todos os que estão envolvidos nas cadeias de pesca, caça e agricultura (Bass et al, 2010).

O artigo de Rival (2010:358) aponta elementos interessantes para uma compreensão mais aprofundada dos limites da Iniciativa Yasuní ITT, a autora declara que Correa em uma de suas conferências em Londres em 2009, afirmando que a proposta Yasuní se pautava em uma mudança no conceito de valor. Embasava seu discurso na premissa que o Parque Yasuní não eram recursos somente, mas também segurança, uma vez que deixariam de ser emitidos 410 milhões de toneladas de carbono na atmosfera (Rival, 2010:358). Com base nestes argumentos Rival (2010) faz uso de metodologias etnográficas, antropológicas e de fluxos monetários para entender que houve uma mudança de valoração na proposta inicial. Sendo a realidade o critério da verdade, Rival (2010) percebeu que muitas das comunidades, que conheceu em sua pesquisa, não utilizavam

expressões como *o Yasuní deveria ser protegido para o futuro*⁴⁸⁴ Rival (2010:360). Talvez os governantes estavam a tentar assimilar a visão propagada pela UNESCO⁴⁸⁵, instituição que reconhece em 1989 o PNY como “Reserva Biosfera Yasuní”

As maiores incongruências apontadas foram as tentativas de Correa em desafiar o mercado, o que se pretendia era uma troca considerando que os preços do petróleo oscilam o tempo todo, o projeto pretendia “negociar” com bases em dados imprecisos, segundo Rival (2010, 361) “a Petroecuador estimava 944 milhões de barris enquanto que o pesquisador Fernando Reyes estimava como o petróleo bruto possível de ser extraído, um total de 700 milhões”, os valores foram inflados por aqueles que queriam a extração, bem como para aqueles que queriam a permanência do petróleo na terra. Desta maneira, a Iniciativa ganhou força com base na retórica da não emissão e não na valorização do ecossistema e da vida dos que ali habitam, evitar emissão, é uma moeda bastante valorada no mercado financeiro.

O Equador ganha cerca de US\$ 5 por cada barril de petróleo. ITT contém 1 bilhão de barris, o que nos dá US\$ 5 bilhões em 20 anos [...], mas o custo da limpeza (um especialista diria "armazenar") uma tonelada de carbono é de US \$ 20. Há 0,44 tonelada de dióxido de carbono em cada barril. Assim 1 bilhão de barris produzem 440 milhões de toneladas do material, ou US\$ 8,8 bilhões [...]. Existem mercados para o petróleo, mas também há mercados para dióxido de carbono⁴⁸⁶ (Warnars, 2010 apud. Rival, 2010).

Esta forma de tentar angariar fundos foi uma opção daqueles que mobilizaram em nome do Parque Yasuní, os protestos contra o governo não pararam e existiam discursos diferentes enquanto que os indígenas falavam de suas terras, o governo tratava de mercantilizar as não emissões utilizando cálculos que seriam impossíveis de ser mensurados, como aconteceu, em outro ponta as ONGs se dividiam na disputa das narrativas entre apoio aos indígenas e/ou proteção ambiental, por vezes até de forma deturpada e conservadora. Rival (2010) conclui que os argumentos usados por diversos

⁴⁸⁴ Grifo nosso

⁴⁸⁵ UNESCO <<http://www.unesco.org/mabdb/br/brdir/directory/biores.asp?mode=all&code=ECU+02>> [12.07.2018].

⁴⁸⁶ Tradução livre da autora. No original - As the Initiative gathered momentum in the build up to the Copenhagen's COP15 meeting, however, calculations were no longer made in terms of numbers of barrels of non-extracted oil (and losses in government revenue), but, instead, in terms of tons of carbon dioxide not released in the atmosphere. The following comment from a young woman activist interviewed by Warnars (2009) illustrates how the ITT oil reserves have been re-imagined as stocks of carbon dioxide in the course of 2008: “Ecuador earns about US \$ 5 for each barrel of oil. ITT contains 1 billion barrels, that gives us US \$ 5 billion over 20 years [...] but the cost of cleansing (an expert would say 'store') a ton of carbon is US \$ 20. There are 0.44 ton of carbon dioxide in each barrel. So 1 billion barrels produce 440 million tons of the stuff, or US \$ 8.8. billion [...] There are markets for oil, but there are also markets for carbon dioxide.”

autores que viabilizavam a existência do parque em diversos momentos, estiveram em contradição com aquilo que a comunidade acreditava.

Nos estudos realizados em terreno percebi uma enormidade de clivagens políticas que envolvem a temática do meio-ambiente e do extrativismo, obviamente que não pretendo tratar de todos minuciosamente devido aos limites próprios da tese, o objetivo é estabelecer eixos centrais pelos quais circundam os diversos debates. Em alguns dos documentos analisados, relacionando a exploração com o patriarcado, permanece a lógica ocidentalizada, onde os homens de uma comunidade acabam obtendo um acesso precário, porém, em uma condição de “superioridade” em relação às mulheres, em outras situações, para que as empresas tenham acesso ao interior da mata e pelas estradas, que geralmente são únicas, oferecem às comunidades produtos quaisquer, seja refrigerante, álcool⁴⁸⁷. Contudo, a própria existência de uma petroleira, uma madeireira ou uma mineradora, em si já altera a dinâmica daquelas comunidades e aqui não me ateno a qualquer tipo de exotificação ou purismo das comunidades, ao contrário, a abordagem é nossa gênese, como povo latino-americano em sua composição de maioria afro/ameríndia.

O projeto Yasuní ITT pressupunha uma transição energética, evitando a emissão de CO₂ respeitando os direitos das comunidades que vivem nestas localidades bem como das pessoas que direta ou indiretamente são impactadas pela exploração petrolífera. Por outro lado, há também a necessidade de sair da condição de país primário exportador. Aqui está a questão central, o grande eixo é o da forma como o atual sistema econômico se constituiu no nosso continente daí a valia desta tese, a nossa economia possui especificidades que impedem que avancemos como em determinados países (Marini, 2015). Assim sendo, não se pode confundir as contradições que o sistema econômico vigente causa com aquelas que nos permite superá-lo. As lógicas de dominação são as mesmas em qualquer lugar, o que muda são suas especificidades, o problema central que, em quase nenhum momento é abordado, são as razões pelas quais vivemos desta forma e não de outra. Acosta (2015) ao se referir a chegada dos espanhóis (aqui incluo também os portugueses) relata o fato das terras latino americanas terem sido utilizadas no processo de ampliação do capitalismo, o autor enfatiza a Amazônia, porém não se pode esquecer de toda a costa brasileira, por exemplo, onde se deu início a colonização portuguesa restando

⁴⁸⁷ Ver vídeo Vera (2013) e entrevista com Antonella Calle (2018) – Coletivo Yasunidos.

apenas 12,4⁴⁸⁸ da área original. Ainda que nossa história não tenha começado neste período histórico, este nascedouro chamado “civilizatório” até os dias atuais trouxe consequências pouco compreendidas, negadas e até mesmo impostas como necessidade.

Sua viagem, conseqüentemente, abriu necessariamente as portas para a conquista e colonização. Com eles, em nome do poder imperial e da fé, começou uma exploração impiedosa dos recursos naturais. Com a chegada dos europeus a Abya Yala, devido ao efeito, especialmente, do roubo e pilhagem, da superexploração da força de trabalho e do surgimento de doenças desconhecidas nessas terras, houve um genocídio em massa. Esta autêntica hecatombe demográfica foi levada a cabo, em última instância, em nome do progresso e da civilização ocidental e cristã. Para sustentar a produção ameaçada por esse genocídio, recorreu-se à violenta transferência forçada de grande número de trabalhadores escravos africanos. A escravidão, existente no mundo há muito tempo, foi um dos pilares da colonização europeia e permitiu o desenvolvimento global do capitalismo nascente ⁴⁸⁹ (Acosta, 2015: 02).

Alguns autores (Acosta, 2015: Gudynas, 2011, Mitschein, 2001) afirmam ser a Amazônia a periferia da periferia, devido aos sucessivos descobrimentos de interesse econômico que tornaram a região vulnerável às diversas formas de exploração, desde suas riquezas até aos povos que ali vivem, bem como uma área de escape para as áreas de alta densidade demográfica. A própria imagem criada dentro dos países latino americanos e que fazem fronteira com a Amazônia, a condicionam como situação periférica dentro de países periféricos/atrasada/inabitada. Esta interpretação me parece um tanto reducionista, há várias periferias no sistema econômico atual em termos comparativos, por outro lado, entendo que a depender do enfoque dado à Amazônia, esta denominação pode ser um marcador da forma de apropriação realizada, contudo, tal marcador também marca um tipo de exotificação e em último plano, um certo colonialismo interno, que defino aqui como exaltar o que normalmente já é exotificado tratando do seu especificismo sem relacionar com a situação global. Me explico, as vezes a necessidade de explicar com urgência alguns assuntos, que é a própria dinâmica urgente da realidade, nos coloca sempre em um cenário de catastrofismo, a “desgraça mais urgente” e nos rendemos aos erros também criticado

⁴⁸⁸ Dados do Instituto Nacional de Pesquisas Especiais (INPE) e da ONG SOS Mata Atlântica divulgados em maio de 2019. Consultado <https://www.sosma.org.br/wp-content/uploads/2019/05/Atlas-mata-atlantica_17-18.pdf> [21.06.2019]

⁴⁸⁹ Tradução livre da autora. No original - Su viaje, en consecuencia, abrió necesariamente la puerta a la conquista y la colonización. Con ellas, en nombre del poder imperial y de la fe, empezó una explotación inmisericorde de los recursos naturales. Con la llegada de los europeos a Abya Yala, por efecto, especialmente, del robo y del saqueo, de la sobreexplotación de la mano de obra y del apareamiento de desconocidas enfermedades en estas tierras, se produjo un masivo genocidio. Esta auténtica hecatombe demográfica se llevó a cabo, en última instancia, en nombre del progreso y de la civilización occidental y cristiana. Para sostener la producción amenazada por dicho genocidio, se recurrió al violento traslado forzoso de gran cantidad de mano de obra africana esclava. La esclavitud, existente en el mundo desde mucho tiempo atrás, fue un puntal de la colonización europea y permitió el desenvolvimiento global del naciente capitalismo (Acosta, 2015:02).

por nós e que acabam por reforçar o estereótipo já existente. Ou seja, de uma América Latina colonizada compreendida, como “povo sem história”, como subdesenvolvida dada a miscigenação, como não produtora de conhecimento científico, selvagem, etc., a velha premissa que os vencidos serão sempre os desqualificados (Gonçalves, 2006). Fiori (2009) indica que no século XIX nos estudos europeus era dada pouca atenção a América Latina, a chamada “questão colonial” estava reduzida a África e a Ásia, seguramente reproduziam a ideia evolucionista, etapista que bastava seguir um caminho, uma receita pronta, para que tais países chegassem ao chamado desenvolvimento⁴⁹⁰.

A história do Equador está relacionada ao extrativismo, foi assim sua inserção na economia dos países centrais, fato que gerou uma interdependência tal como vemos na maioria dos países submetidos a colonização parece difícil romper. Trujillo Montalvo (2001:09) aprofunda a discussão realizada por Acosta (2015) mostrando a exportação, exploração mudou completamente o mapa físico, etnológico e não só porque estas demandas incluíram a região amazônica equatoriana (RAE), mas sim porque passam a integrar o Estado Nação, porém de forma análoga ao que fora realizado pelos espanhóis. Situação que não teve início com Rafael Correa, mas talvez ele tenha intensificado este processo, ao aproveitar o alto preço das commodities para fazer a política do “melhorismo”, mas, ao não separar estrategicamente um fator do outro a visão analítica é dificultada. O preço do petróleo⁴⁹¹, por exemplo, foi determinante para ampliar estas ocupações cada vez mais intensas no interior da RAE, em busca de trabalhos por exemplo. Na selva amazônica cacau, ouro, borracha, petróleo e recursos utilizados para a

⁴⁹⁰ Fiori (2008) explica de forma sucinta as três vertentes centrais que pensaram o desenvolvimento na América Latina, obviamente que dentro destas possibilidades há uma infinidade de debates e críticas, porém considero válido reproduzir aqui a primeira vertente se baseia em que considera o subdesenvolvimento como intransponível levando ao nosso determinismo, logo só seria possível o desenvolvimento na condição de subdesenvolvimento; a segunda afirmava-se na análise do desenvolvimento da CEPAL e da possibilidade de desenvolvimento a partir de reformas estruturais; a terceira e mais latente foi a defesa da viabilidade do capitalismo latino americano dependente e associado. Fiori (2008) menciona que deste último ponto saíram muitos teóricos da chamada “restauração neoliberal” e na década de 90. O que houve foi uma espécie de apagão mental e abandono das teorias nacionalistas, focadas na América Latina e aderiram a ideia de sistema mundial repetindo a falta de originalidade típica dos liberais que não desenvolveram uma teoria propriamente latino-americana.

⁴⁹¹ Segundo o relatório de EIA o barril tinha um preço de 19.42 dólares em 2002 em 2008 custava 132,72 dólares e a partir quando passou a ter uma queda e segundo o relatório divulgado pela Empresa de Pesquisa Energética em 2008 (EPE) a situação se deve ao crescimento do consumo; a fraca expansão da produção mundial; a dificuldade de aceder petróleo com menores recursos em 2005, por exemplo a maior parte do petróleo estava sob domínio de empresas nacionais que pertenciam a OPEP e que alteraram seus marcos legais (EPE, 2008:26). Equador voltou a OPEP em 2002 e junto com a Venezuela dependem das exportações petrolíferas segundo Monaldi (2010:06) a volatilidade dos preços leva a crise macroeconômica e fiscal, isto porque o petróleo representa uma parcela importante de divisas oriundas do petróleo, devido a falta de diversificação de sua economia.

sobrevivência como peixe, a água, as frutas, sementes, (etc.) representam o ciclo do extrativismo, a ocupação, integração e desintegração étnica, portanto, é necessário entender toda esta complexidade ecológica, simbólica e cultural para dar conta de complexidade deste sistema (Trujillo Montalvo, 2001: 09-14). O mesmo autor afirma que a RAE é uma zona de conflito que recebe constantemente pessoas que buscam uma vida melhor e que, vivendo nos arredores, migram o tempo todo, mediante ao empobrecimento ou a ocupação (forçada ou não) dos seus territórios (Trujillo Montalvo, 2001).

No artigo de Silva & Oliveira (2015) se coloca o debate acerca dos imigrantes que cruzam as fronteiras da Amazônia todos os dias munidos de documentos em busca de uma vida melhor, sendo a fronteira um componente político, muitas das pessoas que ali vivem amalgamam-se dentre as várias etnias, suas identidades, neste caso são definidas a partir de outros mecanismos. Embora o artigo tenha o enfoque nas migrações para a Amazônia brasileira, trás relatos interessantes de pessoas que arriscaram a entrada e outras que não obtiveram sucesso, também aclara que as migrações irregulares não são recentes, porém o empobrecimento e as últimas crises dos países latino americanos têm levado a alguns conflitos⁴⁹² daí a necessidade de pensar formas de reconhecimento dentro deste espaço (Silva & Oliveira, 2015). Acosta (2015) trata da falta de vontade política em enfrentar, uma visão bastante simplista já que a política não está relacionada somente com a vontade, o “querer fazer” deste ou daquele governante. O discurso da importância da Amazônia pode se sobrevalorizar ou desvalorizar, tudo depende da correlação de forças e da acumulação de capital.

⁴⁹² Nos últimos anos alguns conflitos colocaram esta área em destaque como por exemplo o conflito na fronteira amazônica na cidade de Pacaraima que divide os dois países e passou a receber muitos venezuelanos e passou a atender um número cinco vezes maior que o total da sua população, necessitando da intervenção do governo federal. Consultada a 04.12.2018 em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45242682>>. No segundo caso há uma análise como a migração se alterou após a colonização e se tornou uma migração intrarregional e uma população indígena que vem diminuindo por meio de uma migração que segue os ciclos da economia também pelo fato da transnacionalidade a Amazônia acaba por ser um local de “fácil trânsito. Consultado a 07.12.2018 <https://revistaforum.com.br/a_influencia_das_migracoes_na_amazonia/>. Por fim, a título de aprofundamento na temática, cabe comentar que a situação das migrações intrarregionais se tornou central que em 2017 foi promulgada a lei n. 13.445/17 conhecida como Nova lei de Migração (NLM) que colocava na pauta o livre trânsito, ou a migração indígena, garantida pelo Artigo 36 da Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas de 2007 que previa o direito ao livre trânsito dos povos indígenas em terras que foram ocupadas, a liberdade de transitar no território ancestral e mesmo a Declaração da Convenção da Organização Internacional do Trabalho (OIT) n.169 estabelece que os governos precisam adotar formas de interação entre os indígenas e tribais que vivem em fronteiras. Ainda assim os Estados têm resistido em nome da soberania e do controle fronteiriço e a NLM foi vetada, significando um retrocesso e a utilização de um direito indígena como forma de impor políticas anti migratórias (Camargo, S. Amanda de. Et al. (2018) apud Baeninger & Canales (2018).

No trabalho *in loco* pude entrevistar Jaime Cevallos Sierra que trabalhou na Universidade Regional Amazónica IKIAM⁴⁹³ com potenciais de energias renováveis, apesar de jovem Cevallos Sierra possuía grandes ideias acerca das mudanças climáticas e do melhor aproveitamento da natureza. No momento da entrevista Cevallos (2018) se encontrava desempregado e vislumbrava uma crise no Equador que não lhe permitiria muitas oportunidades de trabalho. Em nossa conversa o engenheiro de sistemas energéticos falou sobre suas impressões no que toca as energias renováveis, Jaime Cevallos Sierra (2018) Quito, 07 de fevereiro

As energias renováveis não vão evoluir no futuro, a exceção da hidrelétrica que é o que desenvolveu no seu último ano. As energias renováveis não estão maduras – as tecnologias que estão em evolução hidrelétricas, solar, eólica principalmente. Há uma empresa agência e controle de regulação de eletricidade, 50 (Megawatts) é uma empresa pública, no começo davam subsídios grandes (como 0.40 centavos um kilowatt hora) para estas tecnologias e davam valores incrivelmente altos para estas energias e muitas empresas começaram a lançar projetos e depois se deram conta que as redes não estavam preparadas para este tipo de tecnologia. Eram propostas e atualmente só existe plantas pequenas, e hoje só há hidrelétrica, exportando energia e foi um tema muito político que causou muita controvérsia houve sobre preço, algumas estão mal construídas para fazer manutenção. Lenín Moreno agora quer privatizar para conseguir recursos é um tema demasiado controverso, construíram uma eólica em Loja que é supereficiente e estão integradas, a maior parte do Equador tem energia, a exceção do Oriente (pausa). Imagino que o Brasil é tão grande e seja difícil dar energia para todos – estive em Foz do Iguaçu. Aqui é diferente e mais de 90% das pessoas tem acesso a eletricidade, menos as comunidades do Oriente seria a maior região que não tem acesso. Não há como colocar energia no Oriente, alguns setores promoveram a construção de painéis solares em alguns lugares. o problema aqui é que toda energia é subsidiada, a gasolina o gás (LPG) e eletricidade também, então a inversão das energias renováveis é alta porque teria que importar tudo. A proposta de Correa era diversificar para não depender dos combustíveis fósseis, mas foi só um discurso em meu ponto de vista, Equador é um país pequeno exporta petróleo principalmente até importa inclusive. Em curto prazo, não há como diversificar a matriz as pessoas que falam esta possibilidade são pessoas que não estão no poder, a gente normal só quer pagar menos e não gastar muito e ter acesso, a energia é subsidiada, é barata. Com Lúcio e Abdalá Bucarán os tiraram porque queriam aumentar os subsídios (4 litros 1,50 dólar - diesel – dólar). Eletricidade custa 8 centavos o quilowatt hora, antes de Correa o preço foi subindo pouco a pouco e cada ano subia e reduziam o custo político.

Cevallos Sierra (2018) foi um apoiante distante das políticas de Correa, pois, segundo ele, “Rafael Correa queria mudar a realidade”. Como estudioso da energia Cevallos Sierra (2018), não acreditava em uma sociedade equatoriana cuja economia não se baseasse no petróleo e no extrativismo. Jaime Cevallos Sierra (2018) Quito, 07 de fevereiro

⁴⁹³ Página oficial da Universidade Regional Amazónica. <<https://www.ikiam.edu.ec/>> [20.08.2018]

Extrativismo é o principal ingresso do Equador, não sou do Alianza de Pais – eu gosto das ideias de Correa antes de Correa ter sido eleito foi tudo muito corrupto e estou pensando que vai seguir acontecendo a corrupção.

-Correa queria mudar, mas a gente não quer mudar – (comentário)

A verdade é que quando recebi minha bolsa, houve uma reunião com todos os bolsistas e Correa foi falar e estavam começando Yasuní ITT, embaixadores de Yasuní ITT e queriam promover e conseguir fundos. Nunca estive de acordo com Yasuní ITT porque não fazia sentido manter o petróleo debaixo da terra se as pessoas tinham fome. Para mim todas as Iniciativas (mesmo em Galápagos) foi somente para conseguir fundos.

Eu estudo a iniciativa de Galápagos e nunca quiseram fazer, gastaram muito dinheiro e a gente enriqueceu muito, mas nunca fizeram nada que fato promovesse a mudança. Fui até lá quis promover coisas e as pessoas não se interessavam, tinham o conhecimento, mas não tinham a vontade.

Quero voltar, tenho duas filhas que nasceram faz um mês e estou pensando no futuro delas e vejo que aqui tudo vai piorar muito, mesmo sem Correa. O discurso político que não vai mudar nada é apenas um discurso.

- Lenín é um traidor – (intervenção).

Se em algum momento a democracia impulsionou as lutas na América Latina o é fato que na atualidade, ela perdeu seu caráter contra hegemônico, foi cooptada, deixou-se burocratizar, não se renovou em termos sociais, nem em termos geracionais (Santos, 2016b). Na entrevista realizada com o antropólogo Narváez, Roberto (2018) Quito, 02 de fevereiro afirmou

Recentemente houve um conflito interno com abuso de jovens da nacionalidade Huaorani a população acabou por matar os empregados das petroleiras e estes foi o último ato do ingresso nesta zona. Há dois povos não contactados e isto é para nós difícil uma tema complexo e segue em vários níveis de conflitos que deve ser terrível o estado confabulou para mudar os planos já que haviam estudos em que estes povos não contactados estavam em toda a zona e estudos do governo disseram que não e o Ministério dizia que estes povos não corriam nenhum perigo, passando por cima da vida humana, da história nesta zona onde se levantaram estes poços de petróleo e vimos este duplo discurso onde Rafael Corrêa dizia “o humano ante o capital” e depois afirmava “não podemos estar sentados em cima de um saco de ouro” e por isto protestamos fizemos varias manifestações e incumbências. (sugerindo a plataforma – CONAIE) todo isto eu menciono porque o tema de Yasuní e ao lado de Alberto Acosta pretendiam fazer uma proposta inovadora, mas imediatamente aconteceu o contrário, não temos somente uma constituição que ficou no papel, mas temos também uma constituição ultrajada. Fizeram o mapeio que todos os recursos que se transformariam em dinheiro foram muito difíceis estes 10 anos com Corrêa. Aí começa a megamineria a céu aberto que está localizada no mirador com uma empresa china com uma grave afetação que não foi resolvido até agora. Yasuní representou para os povos indígenas o anúncio de uma guerra – literalmente porque as policiais militares iam até lá e afrontavam a população e segue o mesmo caminho ou pior as concessões mineiras, no há nenhuma mudança da matriz produtiva que respondem as demandas chinesas de minerais e não podemos falar em revolução porque seguimos acabando com o pouco que nos resta.

Os países da América Latina operam na compensação a partir da sua própria ineficiência, segundo Marini (1992; 2012) a cada mercadoria exportada importamos

qualquer outra de baixo valor agregado, é uma troca desigual que aparece em concordância com que é próprio do capitalismo. Pensar os problemas mundiais a partir da lógica dos países desenvolvidos decorre sempre numa lógica com diversas falhas (Santos, 2018). Como afirmou Harold Burbano Villarreal, (2018) Quito, 14 de fevereiro, quando perguntado sobre as possibilidades de um Equador pós petróleo

É possível um Equador país pós petróleo? As pessoas do direito têm tensões, não são contra a exploração realizada em marcha, porque sustenta quase 60 por cento do PIB Equador, mesclam mineração com o petróleo, fazer mineração em grande escala e céu aberto não ajuda em nada o país. Deveriam não aumentar a fronteira petroleira, não fizeram uma gestão adequada dos campos atuais, roubo do petróleo, trafico de petróleo e há barris que não são pagos. Não existem controle, evasão de impostos e regalias e a exploração mineira deveriam ser em pequena e média escala, a grande mineração é algo recente desde os anos 2000. Desde 1976 nenhum governo pensou em um cambio real de matriz produtiva, o Estado nunca se preparou para outras possibilidades e sair do cárcere petroleira. Sempre vai haver violação de direitos de pessoas porque precisam sair, Yasuní se vende petróleo usam boa tecnologia e as pessoas são expulsas de seus territórios. Correa – *vamos usar o petróleo para sair do petróleo.*

Uma destas falhas que poderia ser mencionada neste trabalho se resume no tratamento de correspondência, nos quais muitos investigadores sustentam suas pesquisas, quando na realidade os níveis de dependência são diversificados, porém, imperialismo e monopólio sempre se encontram, muitas pesquisas fazem opção por um ou pelo outro.

8.3 Um conto chinês⁴⁹⁴

Nas últimas décadas as relações comerciais entre China, América Latina e África se tornaram cada vez mais intensas, o gigante asiático transformou-se em um dos maiores compradores de recursos minerais destes continentes (Ribeiro, 2018). Para Ribeiro (2018) as relações chinesas com outros países, primam pelas melhores vantagens para o país, ou seja, não é uma relação de igualdade entre países, existe um caráter “especulador”. Dentre os países grande detentores de matérias-primas, os vultuosos investimentos chineses foram utilizados como financiamento de suas políticas sociais, se tornou um sócio estratégico, principalmente quando os preços do petróleo baixaram, os países dependentes da exploração dos seus recursos precisavam manter os níveis de exploração e assegurar suas

⁴⁹⁴ Um conto chinês é um filme argentino realizado em que mostra a amizade entre um argentino e um chinês devido a uma ação inesperada. Roberto, o argentino, extremamente solitário e metódico tenta se adaptar ao novo hospede acidental. A alusão ao filme foi feita no sentido de pensar como a China se aloca no território latino americano, sem tentar esgotar esta temática a ideia foi trazer uma relação excêntrica, porém existente tal como no filme.

economias (Luzuriaga, 2017). No que tange ao petróleo, segundo Pinelli Alves (2010) foram mais de três décadas de acelerada urbanização e mudança nos padrões de consumo para que a China passasse de exportador de petróleo no leste asiático em 1980 para o do terceiro maior importador. Mudanças drásticas que tem movimentado os debates em torno do seu rápido crescimento, suas relações geopolíticas e comerciais além dos impactos ambientais que esta aceleração causa, segundo Oliveira 2007 (apud Pinelli Alves, 2010) a China deixou de ser autossuficiente em petróleo em 1993 e hoje ocupa o segundo lugar na importação atrás somente do Japão⁴⁹⁵. Tanto Pinelli Alves (2010) como Ribeiro (2018) coincidem na observação que, a China desde a década de 1970 com Deng Xiaoping e o socialismo chinês, moldou suas relações com outros países subordinado ao princípio de desenvolvimento chinês, modernização e inclusão social e diminuição da pobreza⁴⁹⁶. Assim, tornou-se um grande competidor por petróleo e por diversas matérias-primas pleiteando contratos de exploração e fornecimento em países detentores de recursos, a exemplo do caso do Equador (petróleo), da Bolívia (ouro), também tem demonstrado forte interesse no “triângulo do lítio⁴⁹⁷” bem como a África Subsaariana (Pinelli Alves, 2010). Este período, de uma economia chinesa mais aberta, a transferência de tecnologia foi fundamental para empresas estatais dos países explorados, bem como a modernização de sua infraestrutura e com uma política definida de não interferência em assuntos de outros países, segundo Pinelli Alves (2010)

Uma vez instalado no poder, o Partido Comunista Chinês instituiu uma política externa voltada à promoção da coexistência pacífica com outras nações, alicerçada em cinco princípios: respeito mútuo da integridade territorial e da soberania, não agressão mútua, não interferência em assuntos internos de outros países, vantagens mútuas e igualitárias, e coexistência pacífica (Pinelli Alves, 2010: 26)

Pinelli Alves (2010) discute que, no caso do continente africano, o governo chinês não tem seguido à risca sua política externa, na busca por recursos naturais e não debates morais, isto significa que, caso existam denúncias de desrespeito aos direitos humanos, corrupção ou mesmo conflitos em espaços internos, não são motivações para impedir as explorações. Como bem afirmam Jianhai e Zweig (2005: 30 apud Pinelli Alves, 2010:27), “a política externa chinesa guiada pela busca de recursos naturais não dá espaço para

⁴⁹⁵ Dados consultados em <<https://oec.world/pt/profile/hs92/2711/#Importers>> [07.08.2019]

⁴⁹⁶ Segundo Bureau Nacional de Estatística da China as reformas e a abertura para o mercado conseguiu tirar 740 milhões de pessoas da pobreza.

⁴⁹⁷ Argentina, Bolívia e Chile formam o “triângulo do lítio” são os países que mais detêm lítio na América Latina. Grifo nosso.

moralidade”. Luzuriaga (2017) também reiterou que embora o governo equatoriano tentasse tranquilizar a população, os procedimentos não necessariamente seguiam as normas estabelecidas pela Convenção 169 da OIT, nas áreas atingidas pela exploração⁴⁹⁸.

Obviamente que este princípio de certa “neutralidade” trás imensos ganhos à China, principalmente no caso do petróleo, cuja exploração comumente está imersa em outros diversos conflitos e nos seus espriamentos. Esta manutenção parece ser a forma chinesa nas relações internacionais, nos países onde possuem mais dificuldade de acesso zelam por não estabelecer sanções políticas relacionadas aos conflitos internos, situação que os distancia de posicionamentos e beneficia o acesso – somente - ao recurso, pura e simplesmente. Ribeiro (2018) menciona como a China está presente na África em diversos setores, na telefonia, na mineração e mesmo na agricultura africana.

No setor de energia e petróleo, por exemplo, até o ano 2000, a China restringia sua atuação na África ao Sudão, com a China National Petroleum Corporation CNPC liderando na exploração do petróleo. Mais recentemente as empresas chinesas operam em quase 20 países africanos tanto em setores de petróleo como derivados e vêm se posicionando de forma estratégica, disputando mercados até então ocupados por empresas ocidentais ou da própria região. A partir dos anos 2000 a China entrou em países como Angola e Nigéria e também em países menos explorados, como Chade, Mauritânia, Níger e Guiné Equatorial. À frente da política de expansão chinesa no setor petrolífero, como visto, estão as grandes estatais chinesas. Em Angola, os investimentos chineses têm representado importante impulso para expansão das exportações do país. No caso da Nigéria, o impacto da entrada das empresas chinesas também é visível. O país é um dos maiores da África e um dos mais ricos, além de ter um papel político influente na região da África Ocidental. Para os chineses, é um local estratégico na região do Golfo da Guiné, além de ser um grande mercado consumidor de cerca de 130 milhões de pessoas e, principalmente, possui vastas reservas de petróleo. Vários contratos foram firmados entre as empresas chinesas e a Nigéria, incluindo exploração de petróleo, criação de joint ventures e exploração de mercados relacionados, como o de gás. Em 2005, por exemplo, a CNPC venceu quatro licenças de exploração de petróleo nigerianas depois de o governo chinês ter se oferecido para construir uma usina hidrelétrica em Mambila, localizada no estado nigeriano Plateau State. (Executive Research Associates - ERA, 2009). Em 2006, a Chinese Oil Company CNOOC Ltd. anunciou a compra de 2,3 bilhões de dólares de 45% da Nigerias OML em campos de petróleo em águas profundas (Ribeiro, 2018: para.11-12).

⁴⁹⁸ Luzuriaga (2017: 2-5) em seu trabalho comenta como a exploração petrolífera aumentou durante a Revolução Cidadã e o quanto passou a ser controlada pelos chineses que extraíam o petróleo e posteriormente revendiam aos norte americanos. De tudo explorado em 2014, por exemplo, segundo a Secretária de Hidrocarburos, apenas 2% teve como destino final a China, demonstrando um paradoxo, onde a China controlava em 2013, 83% do petróleo equatoriano em que parte dele era fornecido aos EE. UU (Luzuriaga, 2017). Um ponto de destaque apontado por Luzuriaga (2017) seria a inflexão importante que estas nações já demonstravam, ou seja, controlar o petróleo nos outros países detinham poder de acumulação e controle sobre a produção industrial, aumentando a dependência equatoriana aos chineses e comprometendo recursos públicos.

O mesmo autor afirma que todos estes aportes de investimentos trouxeram melhorias nos índices de desenvolvimento social em diversos países, principalmente na primeira década do século XXI. Devo alertar que estou tratando de índices em uma perspectiva ampla, dos indicadores usuais, porém sabemos que mesmo os indicadores não dão conta de diversas externalidades, como os danos ambientais⁴⁹⁹ as populações locais seus aportes econômicos, bem como suas formas de vida. Por muitas vezes é comum que os dados demonstrem crescimento e empobrecimento nos mesmos lugares, tal como demonstrou Ramirez (2019: 227) em sua investigação que pretendia ir *más allá del PIB* como indicativo hegemônico que orienta todo o resto.

Em 2013 África e América Latina receberam 33,5% do investimento em petróleo e gás, a justificativa dada pela China foi que estes países detentores de riquezas naturais, devido a sua condição periférica e subdesenvolvida, não teriam condições de explorar seus recursos de maneira eficiente (Richard et al, 2017). No artigo comparativo entre a exploração realizada pela China no Equador e em Gana, elaborado por Richard et al (2017), os autores afirmam que desde 1993 a demanda por petróleo na China já havia ultrapassado sua própria capacidade, em 2015 a dependência do petróleo externo na China já chegava a 60,6% argumento corroborado por Oliveira 2007 (apud Pinelli Alves, 2010). África e América Latina são lugares estratégicos para os chineses, tanto pela disponibilidade de recursos naturais, bem como pelo grande mercado consumidor. Contudo, a proximidade da América Latina aos Estados Unidos também precisa ser considerada, no Equador, por exemplo, o atual presidente Lenín Moreno tem tentado se aproximar dos Estados Unidos, já que, com Rafael Corrêa as relações entre os dois países não eram as melhores.

Com base no recorte tempo realizado nesta investigação e longe de esgotar a pesquisa acerca das relações internacionais e a busca por matérias primas do gigante asiático, evidenciaremos a relação China-Ecuador. Para entender minimamente como estas relações e definições políticas entre países desenvolvidos e altamente dependentes de recursos naturais, afetam as condições das populações nos países periféricos, é preciso fazer uma investigação multinível em uma relação dialética, forma horizontal e também

⁴⁹⁹ Desde que chegou no Equador diretamente em 2009 os chineses passaram a controlar a exploração de petróleo, segundo o relatório Coletivo sobre Financiamento e Investimento da China, Direitos Humanos e Meio Ambiente (CICDHA) apresentado a ONU (Organização das Nações Unidas) onde analisaram 18 projetos de exploração chinesa na Argentina, Brasil, Bolívia, Peru e Equador, deste total 8 projetos violam direitos no Equador. Consultado em <<http://chinaambienteyderechos.lat/el-impacto-de-los-capitales-chinos-en-ecuador/>> [12.08.2019]

verticalizada, não é assunto simples, e nem pretendo dar conta de tudo nesta tese. São possíveis caminhos abertos para análise. Ao que tudo indica, a forma da atuação chinesa causa muita ressonância no atual sistema económico. Ou seja, destoam do chamado imperialismo neoliberal, se considerarmos a situação dos países subdesenvolvidos na década de 1990 bem como os ajustes impostos pelos organismos internacionais já tratados neste trabalho, quando me refiro a ressonância da China, trato das diferenças e contradições deste processo e das relações internacionais chinesas (Lenín, 2011 apud Traspadini & Bueno, 2014).

No artigo de Schneyer & Pérez (2013) as informações eram que, em 2013 o Equador dependia fundamentalmente da renda chinesa, os mesmos autores afirmam que em 2012 Marco Calvopiña⁵⁰⁰ gerente da Petroecuador, entre 11 de janeiro de 2011 e 20 de julho de 2015 realizou diversas negociações que incluíam a venda de petróleo até o ano de 2020, porém, segundo ele, não existiam alternativas, pois para o pagamento das dívidas do país a venda do petróleo era fundamental.

Em entrevista com Décio Machado (2018) Quito, 08 de fevereiro de 2018 confirmou esta situação de dependência ao extrativismo. A China realizou uma mediação comercial entre o petróleo venezuelano, equatoriano, visto que estes países não possuíam boa relação comercial com o governo estadunidense. A Petrochina considerou inclusive vender petróleo ao Peru ou ao Chile que são os mercados naturais equatorianos, porém não concluiu a transação devido a rigidez das normas da OPEP. Décio Machado (2018) Quito, 08 de fevereiro de 2018

O petróleo é recolhido por barcos chineses, mas é revendido no mercado internacional, compram por um preço recolhem com seu barco nos poços equatorianos e vendem antes de chegar na China (...) eles compraram por um preço baixo e depois fazem uma intermediação, não é pra uso e sim para especulação.

Além disto, o petróleo comprado pela gigante chinesa, muitas vezes não era utilizado pelo país, mas sim vendido aos Estados Unidos, de outra parte, Rafael Corrêa considerava que a venda de petróleo aos chineses eram negociações entre aliados Schneyer

⁵⁰⁰ Marco Calvopiña, gerente geral da empresa estatal de petróleo Petroecuador, foi enviado à China para ajudar a garantir US \$ 2 bilhões em financiamento para seu governo. As negociações, que incluíam o compromisso de vender milhões de barris de petróleo do Equador para empresas estatais chinesas até 2020, duraram vários dias. Calvopiña ficou ansioso e ameaçou se aposentar (Schneyer & Pérez, 2013: para.10). Marcos Calvopiña foi preso em 2017 sob acusação de envolvimento com casos de corrupção, enriquecimento ilícito e crime organizado ligados a Petroecuador. Informações disponíveis <<https://www.expreso.ec/actualidad/marco-calvopina-encarcelado-por-petroecuador-ira-a-huelga-de-hambre-EY1472666>> [05.09.2019]

& Pérez (2013, para.6). Ao realizar o último contrato de petróleo com a China o montante acumulado já se aproximava de um valor significava 11% do PIB⁵⁰¹ equatoriano, 9 Bilhões de dólares.

A sede de recursos naturais de Pequim levou as empresas de petróleo chinesas a oferecer cerca de US\$ 100 bilhões em linhas de financiamento vinculadas ao petróleo em todo o mundo. Essas empresas já controlam grandes volumes de petróleo da Venezuela, onde a China negociou pelo menos US\$ 43 bilhões em empréstimos; da Rússia, onde o valor pode ultrapassar US\$ 55 bilhões, e do Brasil, com pelo menos US \$ 10 bilhões. Em Angola, os negócios atingem cerca de US \$ 13 bilhões (Schneyer & Pérez: 2013, para.15).

A *petropolítica*⁵⁰² ou o petróleo como meio de sair da crise, leva a continuidade do extrativismo, porque se é capaz de rentabilizar tudo inclusive a população que vive nos arredores e, a partir daí, se impõe diversas políticas que reformulam grande parte das relações políticas e económicas em países cuja fonte principal de renda está embasada neste combustível (Fontaine, 2010).

O aclamado cambio de matriz produtiva e energética não ocorreu durante toda a década em que Corrêa esteve no governo, e pior, o país aprofundou ainda mais sua dependência ao exterior, o que houve foi uma modernização do capitalismo sob suspeitas de retrocesso tal como já podemos notar com os últimos ajustes realizados por Lenín Moreno no momento em que redijo a tese⁵⁰³.

Davidov (2012) afirma que mesmo a renegociação da dívida realizada por Rafael Correa em 2007 tinha como pano de fundo a narrativa da compensação pelo endividamento dos países subdesenvolvidos, ou seja, quando a renda do petróleo parecia baixar, optou-se pela previsibilidade, ou seja, abrir o mercado para exploração de minérios e petróleo por empresas estrangeiras tal como historicamente já fora realizado. Assim, mesmo com a Auditoria da Dívida e divisas petrolíferas, a dívida do Equador cresceu

O crescimento dos recursos disponíveis resultante da combinação da redução no peso da dívida, o aumento do preço internacional do petróleo, a recuperação pelo Estado de alguns campos petrolíferos importantes, as reformas das condições contratuais (como veremos a seguir, a melhoria contínua das receitas não petrolíferas, melhorando a arrecadação de impostos, resultou em um duplo movimento ascendente das receitas e despesas do Estado durante a última década. O que é particularmente verdadeiro a partir de 2007, como visto no gráfico a seguir, sobre o setor público não financeiro (SPNF), que mostra a

⁵⁰¹ O PIB de 2018 se encontra em USD 108, 938 (milhões). Disponível em <<https://www.bce.fin.ec/index.php/informacioneconomica/>> [02.08.2019]

⁵⁰² Grifo nosso

⁵⁰³ Disponível <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/04/internacional/1570156726_291802.html> [04.09.2019]

evolução das receitas e despesas de 1983 a 2011.⁵⁰⁴ (Miguel Ruiz & Iturralde 2013: 84-85).

Rafael Correa, quando da auditoria da dívida, que foi bastante exitosa, dava o tratamento de “estamos lidando com monstros⁵⁰⁵” em nenhum momento o político analisava o caráter real do endividamento e da dependência económica latino americana. Apelava para o moralismo político declarando que eram *personas egoístas defensoras do mercado*⁵⁰⁶ e continuava suas afirmações que *sem a Amazônia não haveria vida no planeta*⁵⁰⁷, logo, teriam que ser compensados e pagos por isto, por outro lado, impunha uma série de violências às comunidades indígenas, como observou-se nos diversos relatos desta investigação.

Todos aqueles/as que estiveram nas proximidades do ex-presidente revelam atualmente uma indignação desmedida de como um projeto tão grandioso de “Revolução Cidadã” pôde ter falhado tanto. Fernando Vega (2017) que participou ativamente do governo de Correa, atuando como presidente do Departamento de Justiça e luta contra a corrupção, afirmou que houve um espaço propício para que a corrupção pudesse ocorrer.

O governo de Rafael Correa chegou a reformar a Constituição em 2015, para poder utilizar o Exército para proteger os interesses mineiros e controlar os territórios e populações que resistiam e protestavam. As mineradoras entravam contra os cidadãos e organizações, se perseguia e judicializavam os ativistas que defendiam a água, a natureza e os direitos culturais (Vega, 2017:144).

Apesar de ter presidido a comissão contra a corrupção Fernando Vega (2018) afirmou “que nada poderia ter sido porque o *modus operandi* do presidente e seus ministros impediam o Conselho de agir com mais vigor”. Fernando Vega (2018) Cuenca, 07 de março

Transformou tudo em um modelo estatista (...) eu sei que precisamos de um Estado, mas ele inflou o Estado, transformou em uma máquina locomotora burocrática, toda gente que estava a favor e era contratada por Correa tinha que

⁵⁰⁴Tradução livre da autora. No original - El crecimiento de recursos disponibles resultante de la combinación de la reducción del peso de la deuda, el incremento del precio internacional del petróleo, la recuperación por parte del Estado de algunos campos petroleros claves, las reformas a las condiciones contractuales (como veremos en el siguiente apartado), así como una mejora sostenida de los ingresos no petroleros mediante la mejora en la recaudación fiscal, se tradujo en un doble movimiento ascendente de ingresos y gastos estatales durante la última década. Lo cual, es particularmente cierto a partir de 2007, como se ve en la siguiente gráfica relativa al Sector Público No Financiero (SPNF), que muestra la evolución de ingresos y gastos desde 1983 hasta 2011 (Miguel Ruiz & Iturralde 2013:84-85).

⁵⁰⁵Davidov (2012:13).

⁵⁰⁶Grifo nosso

⁵⁰⁷Grifo nosso

defender este governo. O ‘Burocracia País⁵⁰⁸’ passou a jogar com sua base clientelar dos seus projetos, dando subsídios a esta gente, que, convocada era levada em ônibus com um sanduiche ao meio dia para as manifestações. A submissão ao discurso de Correa era tão grande que todos aqueles que o ex-presidente ‘condenava’ era também ‘condenado’ socialmente, faziam linchamento nas redes sociais.

Para Roque Sevilla (2018), Quito, 28 de março

Cambiaram duas coisas após isto (*se referindo ao fracasso da Iniciativa Yasuni ITT*) a primeira que agora vemos mais claramente a corrupção tão brutal que caracterizou o governo de Corrêa. Cada barril que não exploravam não ganhávamos somente quatro dólares por barril e mais todos os contratos fraudulentos e corruptos que se financiaram a partir do petróleo. Havia uma ideia claríssima de que não havia maneira de manejar estes Fundos de maneira não corrupta. Está claríssimo a corrupção, mas esta ideia de soberania típica dos juízes franceses do século XVIII, no mundo moderno, altamente conectado pensar assim é de uma mentalidade retrograda.

Ao encontrar o ex-presidente Rafael Correa⁵⁰⁹ em Bruxelas a primeira impressão que tive, foi muito diferente daquele presidente simpático que, sempre educado e muito popular, aparentava estar mais próximo de toda a descrição revelada a mim por seus compatriotas, ou seja, um presidente com expressão autoritária que havia decidido tomar às suas mãos os destinos de milhares de equatorianos. Rafael Correa (2018) Bruxelas, 01 de junho ao falar do populismo e da forma como entende o Estado

O populismo não é uma ideologia/não está ligado a uma ideologia específica, mas é sim uma linguagem política. Depende do contexto conceito de (significantes vazios) (logical differences). (...) tentar organizar as pessoas da melhor maneira para participarem civicamente nas eleições, participação espontânea. Para mim o Estado tem de ser a representação institucionalizada da sociedade. Na vida não temos só decisões individuais, mas também coletivas. Na sociedade moderna o modo de implementar decisões coletivas é por via do Estado. Os representantes do Estado são eleitos por meio de voto popular, quando votamos estamos a tomar decisões. A maneira de se tomar decisões racionais coletivas é por via de políticas e dos políticos, não se devem diabolizar.

Ao mesmo tempo o ex-presidente Rafael Corrêa expulsou o presidente do Banco Mundial no Equador, denotando sua <radicalidade> e anos depois voltou a pedir empréstimos ao Fundo Monetário Internacional (Acosta & Guijarro, 2018). Longe de esgotar o debate acerca da inserção na China na América Latina e da forma de apropriação

⁵⁰⁸ Em referência ao partido de Rafael Correa, Alianza País.

⁵⁰⁹ Li algumas biografias de Rafael Correa e em uma delas me chamou atenção o fato de ter realizado sua tese de doutoramento em Illinois (centro oeste dos Estados Unidos) e ter focado seu estudo modelos matemáticos e estatísticos com base nos modelos utilizados pelo FMI e pelo Banco Mundial na América Latina dos anos 1980 em suas conclusões refuta tais modelos, porém, acredita ser possível chegar a modelos distintos usando os mesmos métodos (Almeida e López, 2017:113-117).

que tem se realizado nos últimos anos, este tópico pretende apresentar algumas pistas dos processos equatorianos. A China se tornou um dos maiores sócios do Equador no que tange extração de recursos, como podemos perceber nos limites do subdesenvolvimento o país afastou-se dos Estados Unidos com Rafael Correa e cravou uma aproximação com o <imperialismo> chinês.

Considerando os números deste último, temos que a empresa chinesa Andes Petroleum foi a que mais riqueza foi apropriada durante a segunda metade da década passada (2006-2010), respondendo por mais de 56 milhões de barris apropriados naquele período, aos quais os 13,4 milhões do Bloco 17 e 7,9 milhões da PetroOriental, pertencentes à mesma holding chinesa, devem ser adicionados. Ou seja, entre as duas empresas, levaram o correspondente a 77,3 milhões de barris entre 2006 e 2010. Nesse sentido, o padrão de acumulação (2000-2011) no Equador deve situar-se no contexto das tendências recentes do mercado mundial, marcado pelo aumento sustentado dos preços internacionais das commodities, bem como pelo baixo valor do mercado internacional. dólar e também devido às baixas taxas de juros mundiais, elementos que fizeram parte de uma situação favorável, não só para a economia equatoriana, mas também para todos os países exportadores primários da região ⁵¹⁰ (Miguel Ruiz & Iturralde, 2013: 126)

No mesmo ano de 2009 em que Rafael Correa era elogiado pelo mundo por colocar em destaque na agenda internacional a Iniciativa Yasuní ITT e deixar o petróleo debaixo da terra, o Ministro de Política Económica (Diego Borja) se reunia com algumas empresas petrolíferas (Andes Petroleum, Petrochina) assegurando que fariam esforços para conseguir retirar petróleo de Yasuní (Schneyer & Pérez: 2013). Não se trata aqui de nenhum caráter conspiratório em torno da Iniciativa e da sua desistência em 2013, mas sim de elementos da própria realidade, os governos progressistas continuaram sendo dependentes, frente a crise dos preços petróleo, a renda que financiava a Revolução Cidadã não poderia sair de outra fonte, desta forma acabaram abrindo portas à China (Barbosa, 2018). A China entrou neste cenário explorando o que podia e sob as melhores condições, investiram fortemente também na mineração e na exploração do Parque Yasuní ITT (Barbosa, 2018). Décio Machado (2018) Quito, 08 de fevereiro de 2018

⁵¹⁰ Tradução livre da autora. No original - Considerando las cifras de esta última, tenemos que la compañía china Andes Petroleum fue la que mayor riqueza se apropió durante la segunda mitad de la década pasada (2006-2010), contabilizando más de 56 millones de barriles apropiados en ese periodo, a los cuales deberían ser agregados los 13.4 millones del Bloque 17 y los 7.9 millones de PetroOriental, perteneciente al mismo holding chino. Es decir, entre ambas empresas, se llevaron lo correspondiente a 77.3 millones de barriles entre 2006 y 2010. En este sentido, el patrón de acumulación (2000-2011) en el Ecuador debe ser puesto en el contexto de las tendencias recientes del Mercado Mundial, marcadas por el incremento sostenido de los precios internacionales de las commodities, así como por el bajo valor del dólar y también por unas bajas tasas de interés mundiales, elementos que fueron parte de una coyuntura favorable, no sólo para la economía ecuatoriana, sino para el conjunto de los países primario-exportadores de la región (Miguel Ruiz & Iturralde 2013:126).

Olha!! Ehhh (...) o governo está planejando uma reacomodação ou renegociação dos mecanismos de contratos petroleiros, porque? porque o que aconteceu nos últimos anos do governo de Correa fez com que, por um lado, tem a ver com os preços das commodities e alguns blocos de petróleo não estavam dando rentabilidade. Realmente o que aconteceu nos últimos anos do correísmo que tem a ver com o que aconteceu com os preços do mercado petrolífero global e alguns poços já não estavam dando a mesma rentabilidade Pré-venda de petróleos aos chineses, também Tailândia e o sudeste asiático mais fundamentalmente a China e por outro lado um tipo de negociação que deixou de ser rentável devido a queda dos preços. Este governo colocou como ministro do petróleo do ministério de energia não renovável “Peres” que veio do setor privado ele foi líder da Rally Burton que vem do setor privado e tem uma visão de rentabilidade, não tem nenhuma trajetória política, é um representante legal da Rally Burton, ele está fazendo toda a renegociação dos contratos que é necessário, outra coisa é a filosofia que se aplica a isto.

Ou seja, na década correista a matriz produtiva se manteve intacta, ainda que em 2008 tenham conjecturado trabalhos voltados a agricultura, pesca, frutas, etc., com o passar do tempo o Plan Nacional del Buen Vivir estabelecido entre 2013-2017 possuía a centralidade de impulsionar as indústrias estratégicas⁵¹¹ se mostrou como uma grande estafa (Villacencio, 2016; Acosta & Guijarro, 2018).

Desde 2015 quando houve uma apresentação do Plano Nacional de Estratégias para mudança de matriz produtiva, seu mote discursivo desde a campanha eleitoral, o déficit fiscal era tão volumoso que lhe impôs a condição de manter-se no padrão produtivo vigente aprofundando-o, obviamente que não se espera que em dez anos todas as mudanças necessárias para um país estivessem terminadas, mas alguns encaminhamentos deveriam aparecer, o que não ocorreu (Villacencio, 2016).

Acosta & Guijarro (2018) afirmam ainda o objetivo 10 do Plano Nacional (2013-2017) onde constava apoio aos pequenos produtores e geração de energia hidroelétrica, industrialização, emprego e produtividade⁵¹² não ocorreu, houve uma desindustrialização relativa, em virtude dos problemas com a refinaria de Esmeraldas⁵¹³.

⁵¹¹Aqui se entende por estratégicas indústrias relacionadas a petroquímica, siderurgia, fundição, refino de cobre, produção de alumínio e produção para indústria naval (Villacencio, 2016).

⁵¹² Ver Plano Nacional do Buen Vivir 2013-2017 pp.54-58.

⁵¹³A refinaria de Esmeraldas, está localizada nesta mesma província cuja maioria da população possui origem afrodescendente. A refinaria foi construída em 1975-1977 com o objetivo de refinar 55.600 barris diários de petróleo, em 1987 o refino está previsto para 90.000 barris diários, em 1997 se ampliou para operar cerca de 110.000 barris de petróleo. Contudo, ao longo destes anos esteve sempre operando abaixo do esperado, as explicações são diversas entre elas destaque, a falta de tecnologia de ponta para dar suporte a quantidade de petróleo e produção de derivados competitivos, falta de capacitação humano de acordo com as normas internacionais (que acabou gerando uma série de paralisações dos trabalhadores), além de passivos ambientais que contaminaram 122 mil metros cúbicos de terra, além da contaminação de águas e de diversos problemas trazidos aos moradores dos arredores. Informações disponíveis em

<<https://www.eltelegrafo.com.ec/noticias/economia/4/refineria-esmeraldas-resurge-luego-de-38-anos>> [02.09.2019]

Durante o governo de Rafael Correa houve uma tentativa de reabilitação e modernização da refinaria em um consórcio com a empresa espanhola ICC/Tecnatom, os custos previstos eram de USD 754 milhões, porém a

Entre novembro de 2012 e julho de 2013, o Equador abriu 13 blocos de petróleo em áreas nunca antes abertas à extração nas províncias do sul e centro da Amazônia de Pastaza e Morona Santiago, com reservas entre 369 milhões e 1,6 bilhão de barris de petróleo bruto (Napo) (Equador), 2013). Especialistas estimam que o Equador receba aproximadamente US \$ 4 bilhões por ano em receita de petróleo com reservas decrescentes (Richard et al, 2017: para. 13)

Modificaram a forma de subjugarem-se ao “imperialismo⁵¹⁴”, afastaram-se dos Estados Unidos e aproximaram-se da China, cujo espectro comercial internacional não é diferente, entretanto após a vitória de Lenin Moreno em 2017 o cenário equatoriano se alterou novamente. A China busca relações vantajosas para si, mas que no geral, são prejudiciais aos países explorados, por mais que não imponham condições em conjunto com o FMI o país também não conflita com os Órgãos Internacionais porque busca ter seus interesses alcançados e os empréstimos que realizam aos países subdesenvolvidos acabam por colocá-lo em uma situação cativa e de continuidade de sua dependência. O modelo de neoliberalismo do Consenso de Washington imposto na América Latina entre 1980 e 1990 até o fim da conciliação nos últimos anos, exigia o endividamento dos países e o disciplinamento as normas do FMI e do Banco Mundial, mudou o tipo de endividamento, mas sua execução foi mantida e até ampliada (Santana dos Santos, 2019).

Há um grande acervo de debates sobre o caminho chinês que historicamente <socialista> e, atualmente <capitalista>. Recentemente com Lenin Moreno na presidência,

obra custou três vezes mais e não resolveu os problemas operativos, fazendo com que a refinaria operasse abaixo dos 100% e a Unidade 2 que realiza o fracionamento catalítico, onde o catalisador é utilizado para aumentar a velocidade de determinadas reações químicas, apresentava um dano e sua reparação gerou um custo de USD 370 milhões inicialmente, mas o valor com a finalização da obra foi USD 680 milhões.

Informações disponíveis em

<<https://www.planv.com.ec/historias/sociedad/la-desastrosa-herencia-petrolera-del-correismo>> [02.09.2019]

A avaliação realizada na refinaria de Esmeraldas se destaca a baixa confiabilidade operacional, gestão ineficiente de resíduos considerados perigosos, elevadas emissões de enxofre, além de outros problemas consideráveis tendo em conta os custos do projeto. Em virtude destes fatos a equipa que avaliou e elaborou o relatório, questiona inclusive se os altos custos foram realizados de acordo com os valores do mercado, a resposta é negativa com base na demonstração do próprio documento (tópico 5), assim sendo, o estudo indica possíveis formas de resolução do problema. Tal situação gera um desgaste enorme no governo de Rafael Correa.

Informações disponíveis em

<https://www.planv.com.ec/sites/default/files/01_resumen_ejecutivo_refineria_esmeraldas.pdf> [05.08.2019]

No caso da refinaria do Pacífico também foi elaborado um relatório. Dentre os destaques do documento encontram-se falta de capacidade organizacional, debilidade de estrutura e governança principalmente por parte do dono do projeto (Petroecuador), o relatório também menciona que o funcionamento da refinaria fica aos encargos da PDVSA que é sócia minoritária, também menciona que não houve um projeto concreto para inversão, importação do petróleo venezuelano e venda do excedente. Dentre outras análises o relatório estabelece algumas orientações para que o projeto possa seguir da melhor forma possível.

Informações disponíveis em- Avaliação técnica realizada pela empresa RPS Energy em conjunto com Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo (PNUD-Ecuador) (2018)

<https://www.planv.com.ec/sites/default/files/rp_03_resumen_ejecutivo_rdp_-_clave_-_petro2018.pdf>

⁵¹⁴ Assumo a definição de imperialismo entre aspas por ser um debate aberto dentro da sociologia política.

o Equador enfrentou severas crises no que tange a exploração dos recursos, com um governo assumidamente à direita a aproximação com os Estados Unidos⁵¹⁵ voltou a ser realizada posicionamento conflitante com os interesses das elites do país.

Sob o espectro de respeito a soberania dos países com os quais comercializa, a neutralidade chinesa, incluí em seus projetos internacionais, por meio das indústrias extrativas nos países subdesenvolvidos/periféricos, empréstimos auxiliares ao “desenvolvimento” destes países, como o financiamento da *Revolução Cidadã*, na construção de hidrelétricas e grandes empreendimentos modernizantes. O gigante asiático possui uma negociação bastante sofisticada, as grandes corporações como Chevron deixam de aparecer e o Estado, com suas indústrias, se colocam a frente das negociações, além de diversos investimentos nas energias renováveis⁵¹⁶ sendo o país que foi responsável por 32% do aumento global neste tipo de energia. No caso do lítio⁵¹⁷, por exemplo, atualmente o *petróleo branco*⁵¹⁸ dado sua grande quantidade na América Latina, a China já é um dos maiores investidores, fato que reordena a geopolítica da região. Segundo Rodrigues & Padula (2017) “As empresas de tecnologia asiáticas continuam a investir no desenvolvimento de operações de lítio em outros países para garantir um fornecimento estável para suas indústrias de baterias”.

Segundo (Krauss e Bradsher 2015) em 2015, 90% do petróleo equatoriano, era chinês, assim, o Equador estava intrinsecamente ligado à China e seus empréstimos. Ray & Chimienti, (2015) afirmam que em 2014 a China anunciou uma participação no Projeto da Refinaria do Pacífico e acabou sendo um grande parceiro para o Equador quando os empréstimos do FMI deixaram de ocorrer, os autores acreditavam na possibilidade de negociação entre as empresas, o Estado e as comunidades protegidas pela Constituição de 2008, contudo, como percebemos isto não vem ocorrendo. Muitos programas sociais foram realizados os índices melhoraram e a pobreza diminuiu, conquanto, o Buen Vivir parece

⁵¹⁵ Lajtan (2018) menciona que os EE UU são sempre importantes nas relações comerciais com o Equador, porém, ainda vigora uma aparente hostilidade iniciada com Rafael Correa e o governo estadunidense. Entre 2004-2006, houve uma tentativa de acordo em um Tratado de Livre Comércio (TLC) retirado da pauta após levantes da população. Para mais informações <<https://www.celag.org/que-representaria-para-ecuador-la-firma-de-un-tlc-con-estados-unidos/>> [07.08.2019]

⁵¹⁶ Segundo notícia publicada

<<https://nacoesunidas.org/investimento-em-energias-renovaveis-supera-o-de-combustiveis-fosseis-em-2018-no-mundo/>> [12.08.2019]

⁵¹⁷ A corrida pelo lítio também está a ser debatida em Portugal conforme tenho acompanhado e escrevi “O retrato da febre do lítio em Portugal tem as feições da falta de comprometimento dos seus governantes.” Disponível em <<https://alertalitio.quercus.pt/1-forum-nacional-de-ambiente-e-litio-chega-a-america-do-sul-gyhc-elaine-santos/>> [12.08.2019]

⁵¹⁸ Grifo nosso

estar cada vez mais distante e o Equador segue sendo o país da mudança de estratégia extrativista.

Em 2013 o então ministro de recursos não renováveis Wilson Pastor⁵¹⁹ dizia que as principais comunidades estavam de acordo com a rodada de concessão do petróleo, o que não era bem uma verdade incontestável já que no mesmo ano, mulheres de várias comunidades indígenas da Amazônia marcharam oito dias até Quito, Rafael Correa não os recebeu

Patricia Gualinga⁵²⁰, líder das mulheres da comunidade Sarayaku, comunidade que tem uma longa história de resistência contra a invasão de petróleo afirmou "Não haverá mais empresas de petróleo na Amazônia e defenderemos essa posição de nossos territórios até as últimas consequências".

Naquele momento em 2013 o presidente da Confederação Nacionalidades Indígenas (CONAIE), Humberto Cholango, denunciou a nova rodada de concessões de petróleo como 'ilegítimo' e apelou aos Direitos da Natureza que são garantidos na Constituição do Equador (El Comercio, 2013a).” Em 2017 Humberto Cholango, passou a integrar a equipa de Lenín Moreno⁵²¹ e atualmente apoia os ajustes ao FMI que até o mês de outubro de 2019 já causaram uma paralisação de doze dias no país. Em junho de 2019 foi assinado um acordo entre a FAO e a Organização do Tratado de Cooperação Amazônica⁵²² (OTCA) que estabelece uma cooperação para gestão e conservação dos recursos mediante ao diálogo frequente com as comunidades locais. Apesar disso, o atual governo continua a utilizar a mesma retórica da necessidade de realizar ajustes para manter a economia funcionando, reforçando o extrativismo como mecanismo para seguir com o plano de nacional de desenvolvimento - para alguns.

8.3.1 Subimperialismo brasileiro

⁵¹⁹ Disponível em < <https://www.ecuavisa.com/articulo/noticias/actualidad/27062-ecuador-inicia-ronda-de-licitaciones-petroleras-en-pekín> > [04.08.2019]

⁵²⁰ Tradução livre. No original – “dirigente de las mujeres de la comunidad Sarayaku, comunidad que tiene un largo historial de resistencia contra la invasión petrolera “No entrarán más petroleras en la Amazonía y defenderemos esta posición desde nuestros territorios hasta las últimas consecuencias”

Disponível em <<https://www.salvalselva.org/noticias/5474/mujeres-amazonicas-defienden-la-selva-para-la-vida>> [06.04.2019]

⁵²¹ Disponível em <<https://www.eltelegrafo.com.ec/noticias/politico/1/humberto-cholango-se-incorpora-al-equipo-de-lenin-moreno>> [12.08.2019]

⁵²² OTCA é uma organização intergovernamental constituída por Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname e Venezuela que incentiva o desenvolvimento sustentável e a inclusão social da região

O conceito de *subimperialismo*⁵²³ foi uma contribuição teórica notável de Ruy Mauro Marini que ganhou grande vitalidade quando do ascenso dos governos progressistas e a possibilidade de integração latino americana (Ouriques, 2012) Barbosa dos Santos (2017) analisa o Partido dos Trabalhadores (PT) no Brasil e sua forma de atuação, onde segundo o autor, as relações brasileiras com países considerados mais radicais acabaram por neutralizar o *Bolivarianismo*⁵²⁴. Barbosa dos Santos (2016) afirma que a partir das décadas de 1980-1990 o Consenso construído no ideário hegemônicas nos países centrais aterrissou na América do Sul, fato que antecede a eleição de Lula, mas que também derrocará na sua forma de governar. O ponto de viragem para Barbosa dos Santos (2016) são as formas de investigação onde se transparece que as políticas externas do governo anteriores à Lula (Brasil) se diferenciam, isto porque o governo petista se mostrava simpatizante da integração regional e em “sintonia” com os governos de esquerda também eleitos na região. Conquanto, esta política não se confirmou na prática, basta verificar a forma com as empreiteiras brasileiras adentraram outros países em um caráter completamente controverso, transformando-se em repasses políticos de desordenamento da realidade (Barbosa dos Santos, 2016).

Não pretendo detalhar todos os projetos que foram realizados em termos práticos e ideológicos, tampouco suas celeumas, porém esgotada a “conciliação” podemos compreender América Latina também olhando como o Brasil se tornou nas últimas décadas uma plataforma de valorização financeira dos grandes centros (Barbosa dos Santos, 2016:148). Um caminho para a realização do capitalismo dependente, e este não é um debate novo na sociologia, ao contrário, demonstrou nas últimas décadas como uma tendência, José Chasin, por exemplo, em 1989 em uma análise do país no período, afirmava que após 30 anos de um período ditatorial o Brasil do capital *atrófico*⁵²⁵ era repelente a autonomia e seria nesta atmosfera de final dos tempos que se escolheria um presidente. O mesmo autor afirmou que sem romper com a chamada “via colonial”, ou seja, sem que conquistemos de fato algum tipo de autonomia, estaríamos fadados a constantes derrotas, e em sua avaliação dos partidos que se colocam à eleição naquele momento, entre os quais PT e PSDB⁵²⁶, colocavam-se nos limites das parcelas que lhes

⁵²³O conceito de subimperialismo foi desenvolvido por Ruy Mauro Marini e é mencionado em diversas obras.

⁵²⁴Grifo nosso

⁵²⁵Grifo do autor

⁵²⁶Ambos partidos tiveram seus presidentes eleitos desde 1998.

sustentavam e embora internamente existisse no interior do PT grupos que quisessem algum tipo de radicalidade era incipiente e por vezes até ofensiva

Como remanescentes de falácias antigas, carecem de verdadeira perspectiva de futuro, reiterando meramente de forma ruidosa seu esgotamento. Sua impotência absoluta para mudar as coisas petistas é puro reflexo de sua total incapacidade para mudar a si mesmas. Ancilosadas, só têm energias para multiplicar dissidências e, de uns tempos para cá, já enveredam pelos caminhos da autodissolução (Chasin, 1989:146).

A antecipação das críticas de José Chasin sempre me causaram algum tipo de estranheza, porém ao longo deste período em que estive debruçada em meios as leituras acerca do ascenso e descenso dos governos progressistas, percebi que a realidade é reveladora quando analisada historicamente, dizia ele que queriam reinventar o mundo sob a ilusão de um partido. Ideias corroboradas por Stolowics (2011) demonstrando que as armadilhas discursivas, na realidade eram projetos de poder e não de país.

O *subimperialismo* brasileiro é um tema que marca os diferentes níveis de dependência da América Latina, Traspadini (2014b) afirma que o Brasil devido a industrialização realizada entre 1950 e 1960, se coloca em posição diferenciada em relação aos outros países também colonizados da América Latina. Santana dos Santos (2019) analisando o padrão exportador brasileiro entre 1985-2015, apontou a existência de três movimentos, “reprimarização⁵²⁷” da pauta exportadora, enfraquecimento da indústria transformadora e uma desarticulação com a estrutura produtiva nacional (Santana dos Santos, 2019:131). Isto é bastante perceptível, já que, dada as crises no Brasil, o agronegócio passou a ser a vertente principal da economia brasileira, e sua produção, de caráter especulativo, está ligada ao mercado mundial como fonte de matéria prima, fato que impedem os diversos tipos de desenvolvimento das indústrias de transformação no país (Santana dos Santos, 2019). Ainda no caso brasileiro se perpetua o subimperialismo, no sentido que, ao ser “impedido” de realizar-se nacionalmente, sua plataforma de exportação se volta para outros mercados periféricos, especialmente na América Latina e África (Santana dos Santos, 2019).

Andrade (2018) em seu trabalho de análise da relações sul-sul especialmente o caso Brasil-Angola demonstrou que as relações entre estes dois países se deram dentro de um paradigma dependente e de exploração, onde Brasil fornecia matérias-primas e Angola mão de obra escrava (Menezes, 2000 apud Andrade, 2018). Ainda que grande parte da

⁵²⁷ Grifo nosso

história brasileira esteja muito relacionada com África, o continente passou por vários períodos, a partir dos anos 2000 com o governo de Luís Inácio Lula da Silva, Angola recebeu diversos empréstimos do BNDS (Andrade 2018:11)

A presença de construtoras como Odebrecht e Andrade Gutierrez abriu o caminho para abertura de mais de 200 empresas e filiais brasileiras nos mais variados segmentos, afirma o banco sul-africano Standard. (...) O blog Angonotícias destaca que em 2007, o então embaixador do Brasil em Angola, Afonso Pena, disse que elas (empresas brasileiras) eram responsáveis por 10% do PIB angolano. Nos últimos anos, Angola se tornou um dos maiores palcos externos do Brasil (Andrade 2018:11)

Santos (2010b) trata deste tipo de intervenção como fascismo financeiro, comandado por valores, moedas, especulação é agressivo, virulento e até democrático, no sentido que atinge a todos/as sem exceções.

A Confederação de Nacionalidades Indígenas do Equador (CONAIE) e outros grupos criticam o apoio de Correa aos megaprojetos de mineração e desenvolvimento em larga escala. Os movimentos sociais não tiveram sucesso em sua luta pela inclusão de salvaguardas constitucionais que reconheçam às comunidades o direito ao "consentimento prévio" antes que os projetos de mineração ou exploração de petróleo fossem realizados em suas terras. Outra questão de pressão é o projeto Manta-Manaus, que construiria infraestrutura de transporte multimodal entre as costas brasileira e equatoriana, causando destruição maciça da floresta amazônica⁵²⁸.

É importante neste caso, rememorar Bambirra em seu texto acerca da Revolução Cubana e os erros do foquismo⁵²⁹, afirmou que, após a Revolução Cubana o imperialismo tenderia a ser mais nacional e neste sentido, é fundamental que a crítica sempre inicie das condições socioeconômicas do nosso continente, libertando o presente do passado. Portanto, Bambirra contribuiu de diversas formas com o debate acerca da dependência econômica na América Latina e suas possibilidades de superação demonstrando um ideário tipicamente do Sul, onde a chamada “vanguarda política” seria composta por vastas experiências de luta que não necessariamente situam-se conformadas em um partido político (Briceño Ramirez, 2016).

⁵²⁸ Tradução livre da autora. No original - La Confederación de Nacionalidades Indígenas de Ecuador (CONAIE) y otros grupos critican el apoyo de Correa a la minería de gran escala y los megaproyectos de desarrollo. Los movimientos sociales no tuvieron éxito en su lucha por la inclusión de resguardos constitucionales que reconocieran a las comunidades un derecho al «consentimiento previo» antes de que los proyectos de minería o explotación petrolera tengan lugar en sus tierras. Otro tema de presión es el proyecto Manta-Manaus, que construiría infraestructura multimodal de transporte entre las costas brasileñas y las ecuatorianas, causando destrucción masiva de la selva amazónica.

⁵²⁹ Bambirra, em exílio, assumiu o pseudônimo de Clea Pires (1963) e escreveu criticando as teorias de Régis Debray sobre o sucesso de guerrilhas rurais naquilo que ficou historicamente conhecido como “período transitório” para a Revolução.

8.3.2 Libertar o presente do passado

A dor da escravidão, mas igualmente a força da luta pela liberdade que sempre esteve presente entre as populações afrodescendentes, indígenas que são parte integral do continente em que vivemos.

(Schwarcz, 2018: 12, adaptado)

Enquanto que na Europa se versa acerca da transição de sociedades autoritárias para a democracia, a sociedade equatoriana e pode-se até ampliar a análise para América Latina, possui uma democracia em construção/retrocesso, ainda não nos libertamos dos resquícios da colonização (Santos, 2018: Santos, 2017e; Chiriboga, 2014; Torres Rivas, 1988). Por vezes, dentro de todas as contradições que esta argumentação possa conter, em muitas circunstâncias na América Latina, defender a legalidade Constitucional é um ato revolucionário. Também a modernização capitalista acometida no período de Correa, bem como de outros governos latino americanos, não foi um fato novo na análise histórica, o Equador teve outros momentos em que sua economia foi abundante gerando divisas importantes principalmente vinculados ao petróleo pela disponibilidade dos recursos e pela alta dos preços no mercado internacional (Acosta, 2002: Ayala, 2008: Chiriboga, 2014). Conquanto, as bases do desenvolvimento foram sempre as mesmas, tentando homogeneizar a população sem considerar sua diversidade em vários aspetos, mesmo após o reconhecimento na Constituição.

O interessante dos trabalhos de Alberto Acosta que tenho acompanhando desde seus primeiros escritos é a forma como por vezes ele radicaliza mais ou menos dentro dos parâmetros económicos latino-americanos e faz análises acertadas, porém deixa em aberto a questão da dependência económica e mesmo da revolução que jamais poderia ser cidadã e realizada desde cima. O autor critica ferozmente as agências de financiamento internacionais, revelando os limites das economias agroexportadoras em seu cerne, porém ainda acredita nas Instituições que pouco demonstraram qualquer tipo de comprometimento com a população, e isto não é uma questão de escolha política, ou uma má gestão deste ou daquele governo. A patologia que o autor menciona ser característica dos países subdesenvolvidos, na realidade é um “um cancro molecular” e sua cura

precisa ser criada, pensada em termos políticos e económicos. Daí a importância das *Epistemologias do Sul*, no sentido que precisamos aprender com o Sul e com nossa história. Por conseguinte, esta tese se deteve a criticar a Teoria da dependência que de viés liberalizante, se tornou a forma motriz para pensar o desenvolvimento latino-americano, ainda que sob a égide de governos cujo verniz é de <esquerda>.

A guerra por petróleo no Equador não começou com Yasuní, como podemos perceber ao logo deste texto, a petroleira Chevron-Texaco atuou na exploração do óleo desde a década de 1960 até 1992, deixando marcas que se tornaram alvo de disputa jurídica internacional (Frioli, 2018). A empresa extraiu 1,5 milhão de barris de petróleo na região e despejou toneladas de resíduos nos rios e consolidou a União dos Atingidos pela Texaco⁵³⁰ que atuou de forma criminosa em diversos países, no caso do Equador a empresa retirou todos os seus bens do país para não pagar a sentença (Rosalux, 2016). As contaminações deixadas e as enfermidades na população que ali habitava até os dias atuais não se restabeleceram, verteram 60 milhões de águas tóxicas nos rios amazônicos e dois povos foram extintos⁵³¹ (Mendonza, 2015 apud Rosalux, 2016).

Existem diversos grupos de trabalho e pesquisadores que debatem o extrativismo e seus impactos na América do Sul, o extrativismo é algo que marca a história dos países do Sul, bem como, nos colocou num patamar aviltado de fornecimento de matéria-prima em todos os níveis, favorecendo o acúmulo de capital dos países centrais (Santos, 2006; Acosta, 2011; Maldonado, 2018; Marini, 2012). Para Maldonado (2018) a teoria da dependência expôs esta dimensão do nosso caráter subdesenvolvido, já a teoria marxista da dependência por meio de diversos autores tais como Marini, Cueva, se despontou questionando a nossa determinação em nos constituirmos sempre no papel de subalternidade. Dependência da realização da acumulação fora fica ainda mais marcada em períodos de crise (Acosta, 2009). A disputa se alocou em torno das riquezas da região, das negociações com as empresas e da intervenção do Estado que pretendia fazer frente aos processos de negociação, Narváez, Roberto (2018) Quito: 02 de fevereiro

Os Yasunidos partem da falta da informação, de uma realidade criada no imaginário urbano que é a realidade na Amazônia. Não há uma noção certa de corresponsabilidade cidadã que sempre tem sido visto de imaginação, há um monte de especialistas e tudo começou com os Wuarani, falam de tudo, mas

⁵³⁰ O website demonstra todas a cronologia de ações contra a Chevron Texaco, a União dos Povos Afetados pela Chevron é uma organização que conforma os povos SIONA, SIEKOPAI, KOFANES, KICHWAS, SHUAR, WAORANI e COLONOS que foram afetados pela transnacional.

<<http://texacotoxico.net/en/>> [23.04.2017]

⁵³¹ Trata-se dos povos Tetete e Sasahuara que foram extintos (Mendonza, 2015 apud Rosalux, 2016).

não sabem bem como estão as pessoas ou as crianças sequestradas. Falam de tudo, mas não vivem como estão as pessoas como estas crianças sequestradas. (pausa na fala) O Estado não cumpriu, não cumpriram nunca (Correa realmente estava por trás de uma forma de levantar isto e mostrar que eram selvagens – e depois estava junto com esta gente daqui justificando a exploração tão, mas sofisticado e planejado).

Segundo o antropólogo Narváez, Roberto (2018) Quito, 02 de fevereiro na entrevista “O presidente não sabe o que passa na Costa, a Amazônia é uma região desconhecida – a maioria ainda possui uma visão marginalizante e colonial daquele espaço como uma zona selvagem com passarinhos, indígenas nus, há conflitos que são violentos e que matam”.

Tal descrição se alinha com a afirmação de Etchart (2012) a história da Região Amazônica Equatoriana (RAE) e sua articulação com a formação de um Estado nacional é caracterizada por um histórico de abandono, político econômico e social e isto permaneceu até 1940 quando o boom petrolífero e retomada do sentimento de nacionalismo levou a colonização e ocupação deste espaço (Bustamante, 1990, Culma, 2014). Durante a entrevista realizada com Professor e Investigador na Universidade Andina Simon Bolívar - Assessor Técnico Yasuní ITT Carlos Larrea Maldonado (2018) Quito:16 de fevereiro

(...) em 1963 a Texaco descobre uma reserva bem grande que não incluía Parque Yasuní, neste tempo se via a Amazônia desde o paradigma dominante, ou seja, como um espaço vazio (...) não havia nenhuma valorização da biodiversidade, os ministérios ambientais não eram importantes, os povos indígenas tampouco. Os povos indígenas só existiam na medida que opunham ao avanço da fronteira petrolífera e ainda assim eram vistos como um obstáculo que precisava ser superado

A visão romantizada acabou por favorecer o processo de ocupação, já que aquela era uma área vazia ou pouco ocupada. Segundo Culma 2014 foi nos anos 1970 que o Instituto de Reforma Agrária e Colonização (Restrepo et al,1991; Culma, 2014) foi o momento em que a Amazônia se tornou o chamariz para exploração com base no imaginário da ignorância e o Oriente passou a ser considerada uma área estratégica (Culma, 2014:34).

A onda progressista retomou uma sincronia que se denomina imperialismo, a partir das resistências ao neoliberalismo a reação veio como resposta política que mostra um esgotamento das alternativas tradicionais. Neste espaço que se abre diante os partidos da ordem dominantes, Rafael Correa apareceu neste contexto, fez uma campanha inovadora, se mostrando contra a “partidocracia” contudo, sem base no governo, teve que mudar isto e elaborou uma Constituinte. Porém o crescimento equatoriano só foi possível

devido a combinação de venda de commodities e altos preços internacionais. Durante as últimas décadas se considerarmos os itens exportados foram basicamente petróleo e produtos primários contrariando a proposta do SENPLADES⁵³².

De La Torre (2018) afirmou ser Correa um governante muito bem treinado nos Estados Unidos, segundo ele, quando Correa percebeu que sua popularidade estava em declínio sugeriu Lenín Moreno e Jorge Glas como seus sucessores, também porque saindo de cena ficaria de certa forma protegido para lançar sua candidatura em 2021⁵³³. Burbano⁵³⁴ (2018) demonstrou ter razão, visto que Lenín necessitava da Consulta, não como forma para estabelecer diálogos com a população, mas como mecanismo para se distanciar do correísmo, seguindo práticas políticas e econômicas ainda piores, considerando a baixa dos preços do petróleo. Glas acabou preso sob alegação de suborno da empresa Odebrecht e a construtora brasileira tomou o centro do debate enquanto Correa assistia o desenrolar desde a Bélgica. Correa foi eleito em um período de crise pela democracia e utilizou das grandes entradas de divisas para reduzir a pobreza, construir estradas, aeroportos e novas escolas, para La Torre (2018) seu golpe de sorte foi o alto preço das commodities. Em 07 de fevereiro de 2017 Domingo Ankuash, Dirigente da CONFENIAE – FICSH fez um pronunciamento que rematava o que foi o período correista no país

De um canto do país, minhas saudações a todos os equatorianos...Para o Equador, a América e o mundo; jovens, estudantes e trabalhadores, homens e mulheres de diferentes classes sociais que me ouvem em qualquer parte do mundo, nesta expressão não há demagogia. Na América Latina, as comunidades, povos, nacionalidades e camponeses mais fracos, especialmente no Equador, para a nação Shuar; Violência epistêmica, genocídio, etnocídio da colônia espanhola até agora continua. As invasões das empresas de petróleo e mineração, hoje chinesas e canadenses, e outras em cumplicidade com este regime, com sua polícia do Exército e seus seguidores, envolveram a invasão territorial do povo Shuar e de outras cidades mais fracas deste país. (...) A nação Shuar é um povo que acredita em sua lei territorial, acredita em liberdade, dignidade, a paz e a cultura dos povos, uma liberdade irrestrita para todos, portanto somos um povo pacífico e protagonista de nosso próprio destino e autodeterminação e "rejeitamos a exploração do homem pelo homem". A América e o mundo nos deixam viver em paz e definir nosso próprio destino com autonomia e autodeterminação, em nossos territórios e continuamos no direito à resistência até a consumação do planeta⁵³⁵.

⁵³² Ibid., 102

⁵³³ Acerca da Consulta efetuada por Lenín Moreno redigi um aprofundamento.

<<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/572396-lenin-moreno-apresenta-as-perguntas-da-consulta-popular-no-equador-vamos-a-la-consulta-popular>>

⁵³⁴ Em entrevista redigida na página 303 desta investigação.

⁵³⁵ Desde un rincón de la patria, mi saludo a todos y todos los ecuatorianos...Para Ecuador, américa y el mundo; jóvenes, estudiantes y trabajadores, hombres y mujeres de diferentes clases sociales que me escuchan

Conclusão - A caixa de Pandora⁵³⁶ foi aberta

É no terreno da práxis, ou seja, na esfera da atividade que se constitui o impulso dos processos históricos, não podemos deixar que este momento histórico passe sem esgotá-lo completamente. Sendo assim, espero que este trabalho possa encorajar outros/as ao aprofundamento crítico, indo além na compreensão dos processos de colonização, subdesenvolvimento e dependência da (super) exploração dos recursos naturais, e todas as interfaces amalgamadas nestes processos. Identificamos os sintomas para tratar as causas, pavimentando momentos históricos importantes que balizem teoricamente o futuro.

Nenhuma tese consegue dar conta de tudo, até porque tem-se um prazo para sua redação e em algum momento também fatigamos de determinações o objeto e antes de o perdermos, nos debruçamos ao processo e concluímos a investigação. Encerra-se a tese, mas nunca o estudo e o aprofundamento do conhecimento, escrever este trabalho me custou diversas abdições e um eterno sentimento de inferioridade que me acompanha e que deverá seguir comigo. Afinal, ainda carrego intimamente àquela jovem da Cidade São Jorge que ousou entender e transformar a própria realidade. Tal como no despertar da hidra⁵³⁷ e hora de levantarmos e irmos aos factos que não se explicam sozinhos, a terrível crise contemporânea tem um aspeto muito visível e universal, que é a miséria espiritual, a riqueza material é grande, porém, mal distribuída, ninguém parece estar em conforto, a insatisfação de ser é permanente e constatável. O contato com os estudos acerca da

en cualquier parte del mundo, en esta expresión no va ninguna demagogia. En América Latina, las comunidades, pueblos, nacionalidades y campesinos más débiles especialmente en el Ecuador, a la Nación shuar; la violencia epistémica, genocidio, etnocidio desde la colonia española hasta estos momentos continua. Las invasiones de las empresas petroleras y mineras, hoy chinos y canadienses, y otros en complicidad de este régimen, con su ejército policías y sus seguidores, han incursionado la invasión territorial al pueblo shuar y a otros pueblos más débiles de este país. (...) la nación shuar es un pueblo que cree en su de derecho territorial, creen en la libertad, dignidad, la paz y cultura de los pueblos, una libertad sin restricciones para todos, de por lo tanto somos un pueblo pacífico y protagonistas de nuestro propio destino y autodeterminación y “rechazamos las explotaciones del hombre por el hombre”. América y el mundo déjennos vivir en paz y definir nuestro propio destino con autonomía y autodeterminación, en nuestros territorios y continuamos en el derecho a la resistencia hasta la consumación del planeta.

Disponível<<https://www.facebook.com/MinkaUrbana/photos/a.735507549857847/1310496339025629/?type=3>> [12.05.2018]

⁵³⁶“Zéus pediu ainda que cada imortal reservasse um malefício para a humanidade. Esses presentes maléficis foram guardados numa caixa, que Pandora levava nas mãos. Pandora, então, desceu à terra, conduzida por Hermes e aproximou-se de Epimeteu "aquele que pensa depois", o irmão de Prometeu — "aquele que pensa antes", e diante dele abriu a tampa do presente de Zeus. Foi então que a humanidade, que até aquele momento havia habitado num mundo sem doenças ou sofrimentos, se viu assaltada por inúmeros malefícios. Pandora tornou a fechar a caixa rapidamente, antes que o único benefício que havia na caixa escapasse — a esperança.”Disponível<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/protagoras2/links/mito_prom.htm> [20.09.2019]

⁵³⁷ Despertar de la hidra é uma antologia com diversos contos sobre o Equador.

América Latina preencheu-me este vazio, tentei aqui reunir a argumentação necessária para responder o que propus.

A América Latina é muito estudada, por vezes mais por autores externos a esta realidade, após séculos de sujeição, poucos conseguem valorizar nossa história ocultada. O que precisamos é ir além de esquemas conceituais, há explicações e é na nossa história que devemos procurá-la, este foi o verdadeiro sentido de entender *o Sul e aprender com e para o Sul* para transformar. De acordo com os objetivos delineados inicialmente nesta investigação acredito que grande parte deles foram cumpridos de forma satisfatória, consegui mapear as diversas literaturas e estudos produzidos e por meio de um resgate histórico evidenciar os diversos conhecimentos produzidos na América Latina. No limite dos meus conhecimentos económicos pude mapear uma imensa quantidade da literatura acerca da exploração petrolífera no contexto equatoriano, vinculando com seus processos globais e locais que foi um dos objetivos desta investigação.

Com base no contexto histórico e político, resultado das tensões e conflitos entre os direitos dos povos originários da reserva Parque Yasuní, compreendi a articulação entre exploração de recursos, a condição de vida das pessoas e os diversos desdobramentos atinentes ao capital estrangeiro. O fato do governo correista manter a exploração do petróleo neste território secular é parte deste processo de essência rentista, ou seja, envolve solo, subsolo e mesmo as pessoas que vivem neste território, como descrevi por meio das comunidades percorridas ou por intermédio do turismo ecológico e sua mercantilização. O lucro aparece de várias formas permeados por uma mentalidade social que reproduz a falsa possibilidade de reparação ao que foi destruído em todos os sentidos.

O intento de construir ferramentas reflexivas que resolvam as perversões da colonização, na génese da nossa sociedade, tal como muitos autores/as já fizeram, para que o Equador se levante, necessitamos retomar suas melhores tradições teóricas. Entendendo que a realidade se transforma e mesmo as melhores tradições teóricas não são passíveis de cópias reprográficas.

Apesar da complexidade do tema, julgo ter conseguido revelar utopias contidas na realidade, retomando teorias que não são somente descritivas. Isto significa que reivindico nesta investigação uma busca por respostas teóricas caminhando para além e em conjunto com os clássicos para pensar socialmente, quando tratamos de temas que colocam em questão a defesa dos direitos da natureza e violação humana, estamos sempre pensando acerca das vidas que fazem história e muitos vezes discursos acadêmicos se distanciam rapidamente daquilo para os quais se propuseram. Prova disto é demonstração

que os problemas do desenvolvimento não foram solucionados com a aprovação do texto constitucional sob a perspectiva dos povos do Sul da América. Por outro lado, também não foi uma década desperdiçada, tendo em conta que as respostas são locais, mas são também mundiais e situam-se na forma como o modo de produção se estabelece em cada contexto, a forma como os efeitos da exploração de recursos, principalmente humanos se materializam em meio a suas contradições e dominações.

O Equador não mudou, é evidente, não houve um processo revolucionário, o que ocorreu foi uma *modernização conservadora*⁵³⁸, por via de créditos, acessos educacionais que não alteraram a estrutura do país. Não existiu, tampouco está em processo, algum tipo de transição social consolidada. Neste sentido, é preciso refletir também acerca das características e as formas como as lutas se colocam frente a crise que vivemos. Crise esta que, nas últimas décadas, revelaram-se conjunturais/estruturais demonstrando novas formas de dominação ideológica. Temos uma origem colonial, marcada por análises universalistas, rebaixadas em diversos mecanismos, todavia, nosso destino não é inelutável e as tensões estão expostas diariamente. Do contexto equatoriano, foi possível perceber que não é possível, ainda que imbuído discursivamente de radicalidade, lutar somente na contenção de danos colaterais em tempos de abundância das divisas – tal como a alta dos preços do petróleo. Fortalece-se o capitalismo de Estado, por outro lado, os danos também são socializados e bastante visíveis.

No Brasil, bem como em toda a América Latina, passada a década progressista a crise se revela, não são espontâneas ou produtos de magia, nada é. Nosso resultado atual demonstra a junção de farsas, tragédias, poucos avanços que não se sustentaram, parte do nosso património económico e político se encontra ressequido, a década progressista se mostrou insuficiente e previsível. Dada a nossa situação atual percebemos que não estávamos à altura dos debates socialmente necessários, a crítica estrutural foi abandonada e logo, perdemos capacidades em refletir projetos e horizontes. Neste sentido, as formas de lutas do nosso subcontinente demonstram um tensionamento constante, em que nada termina, conclui-se ou está separado, clássico, arcaico o velho e o novo, popular e refinado, o curso segue aluvial, se impõe sem superar os problemas⁵³⁹.

Impossível dissociar o desenvolvimento atual, pensado dentro da modernidade capitalista, das formas como vivem muitas comunidades no Equador ou mesmo no Brasil. Os altos índices de crescimento económico demonstrados nas últimas décadas coroam

⁵³⁸ Celso Furtado (1965)

⁵³⁹ Parafrazeando Arturo Uslar Pietri.

atualmente nosso debacle ao conservadorismo, de tal modo, que precisamos encontrar respostas para a conjuntura que também sejam estruturais. Recordo-me, como já foi discutido ao longo deste itinerário, que em nenhum momento deixamos de conviver com as contradições do capitalismo colonial, na periferia intransitiva.

No período analisado, a situação se agravou também por não ter ocorrido nenhuma tentativa de cambio de matriz produtiva, mas sim a formação de um clientelismo dos programas sociais⁵⁴⁰, o progressismo não foi capaz de construir alicerces para mudanças radicais, ao contrário, refrearam ações essenciais, de modo que atualmente se vive um período de ausência teórica/prática que possa nos levar a atuar como pensamos. Ao mesmo tempo, o governo correista também se mostrou neocolonial na medida que agiu contrariamente às comunidades que formaram historicamente o país, numa tentativa de modernização forçada que não ocorrerá.

Ao finalizar a década progressista as falências sobrevieram, como revelado por meio de diversas conversas e registros realizados no terreno. Por vezes um tom mais pessimista, outros ressentidos, mas no geral todos conscientes que será necessário construir um novo caminho, capacitado de criação. Alçar o *Socialismo no Século XXI* foi desejável em algum momento? É factível?

A vasta literatura do Sul já nos deu diversas pistas contra um certo tipo de marxismo que se recusava a aceitar a existência dos indígenas, também considerou durante muito tempo o operário urbano como o sujeito revolucionário depois se peruanizou. Bambirra (2015) também mencionava que o chamado “atraso” nunca foi considerado um problema para que grandes mudanças se realizassem, estamos em processo. Questionar as imposições eurocêntricas é parte disto, como corajosamente percebemos em diversas obras de Boaventura S. Santos, não existe nenhum paraíso, nenhum um ideal social, precisamos construir o que queremos. O resultado com a realidade andina também me fez perceber mais claramente, que, oriunda do subúrbio, nenhum grande império nos concederá favores em nome da moral. Neste sentido, me parece valiosa a contribuição entre América Latina e Europa quando buscam inteligências que se assemelham e que são capazes de pensar *os suis*⁵⁴¹ do todo e fazer avançar.

⁵⁴⁰Segundo os dados no INEC nos últimos 8 anos 1,3 milhões de equatorianos saíram da pobreza por meio do consumo isto equivale a 32,3% do total populacional e em 2014, 8 entre cada 10 habitantes tiveram acesso a água potável. Todavia, nos últimos anos o presidente teve sua imagem desgastada perante as comunidades indígenas e isto ocorreu em grande parte por sua decisão de explorar o petróleo do Parque Yasuní, algo que prometera não fazer (Fuser, 2014).

⁵⁴¹ Santos (2018b)

A disputa pelo poder revelou grande intensidade, Rafael Correa e sua mentalidade letrada tradicional, assim como outros líderes latino americanos, entoaram a centralidade do meio ambiente e do ser humano, porém, se colocaram à margem deste processo, ou melhor, se impuseram contra o que pareciam acreditar. Isso significa que o correísmo se preocupou com a história esquecendo dos seus sujeitos, buscou alianças para caucionar um projeto novo sob bases petroleiras e extrativistas antigas.

Houve uma proposta sociopolítica constitucional que barganhava todo o acúmulo de forças sociais daquele momento. A guerra é brava e envolve uma série de países em sua estrutura, como única tentativa de eliminar os resquícios neo (coloniais) que possa nos legitimar de partida. Mediante a existência empobrecimento social e concreto, a solidariedade entre os povos, me parece ser a forma mais lúcida de seguir caminhando. A hipótese de partida desta investigação foi:

O Equador, por sua abundância de recursos energéticos, é um dos países que têm impulsionado a hidrelétrica e outros tipos de energia com o objetivo de mudar sua matriz produtiva atualmente embasada na exploração petrolífera, bem como na reversão de suas divisas ao desenvolvimento social e econômico do país. Considerando essa realidade, partimos da hipótese; que os marcos regulatórios das políticas de exploração petrolífera no governo equatoriano no período concernente entre 2013-2016, sob a égide do capitalismo, reproduzem uma lógica extrativista que podem legitimar processos de expropriação, dominação e subalternização dos povos originários. O caso analisado será especificamente o caso do Parque Yasuní e na Iniciativa ITT que pautava a não exploração. A circunstância permitirá compreender quanto o Estado está ou não submetido a uma matriz econômica nacional e global de desenvolvimento estruturante de um próprio colonialismo interno. Debruçarmo-nos na experiência do Equador, no caso específico de Yasuní ITT nos permitirá entender as razões de diversas insurgências existentes na América Latina não permitindo que mais esta experiência seja desperdiçada realizando uma precisão de análise. A circunstância permitiu compreender quanto o Estado está ou não submetido a uma matriz econômica nacional e global de desenvolvimento estruturante de um próprio colonialismo interno.

Com base em tudo que foi discutido, a hipótese inicial se confirmou na análise mais geral do trabalho, visto que de antemão não sabíamos as incongruências geradas nos descaminhos do governo correista. Dentre as comunidades que visitei, foi essencial o acompanhamento do grupo *Acordes* e a importância do seu trabalho numa junção entre possibilidades de desenvolvimento em comunidades, que seguem em total ou em semiabandono por parte do Estado, muitas vezes usando da própria condição de pauperismo como mecanismo de ganho e manutenção da vida. Tal como apontam os autores da teoria crítica da dependência, na América Latina todas as mercadorias são rebaixadas, no mundo em que tudo é mercadoria, até nossas vidas valem menos, logo

entender o desenvolvimento da América Latina é peça chave para contemplar seus problemas políticos. De acordo com isto, penso ser a metodologia utilizada, uma peça importante no sentido consciente da ciência, por vezes demasiadamente institucionalizada, capaz de limitar sua intrínseca capacidade imaginativa.

No Equador, como já foi mencionado, os povos amazônicos são os mais pobres do país, ainda que nos últimos anos tenham se realizado políticas compensatórias por parte do governo de Rafael Corrêa. Ao contrário do que aconteceu nos levantes indígenas na década de 1990, quando o Estado possuía pouca presença nas comunidades amazônicas, agora suas formas de atuação são bastante intensas e amplas. Situação que acarretou na coexistência de disputas entre empresas, comunidades e o próprio Estado, um jogo de interesses contínuo, onde os mais suscetíveis, as comunidades, tendem a sair mais prejudicados. Quando Rafael Correa suspendeu os pagamentos da dívida pública e realizou sua auditoria⁵⁴² em 2008, o FMI e o Banco Mundial impediram o país à obtenção de financiamentos, tal situação também forçou o Equador a realizar o aumento e manutenção da exploração petrolífera inclusive no ITT (Ishpingo, Tambococha e Tiputini).

O Buen Vivir aparece nesta investigação como uma medida bastante decorativa de alternativa de desenvolvimento/consumismo, ousado dizer que até um certo tom bucólico que pode se tornar preocupante a depender dos caminhos que a proposta deverá seguir. Em uma questão de fundo se propõe bastante filosófica e com raízes nas comunidades andinas, porém, muitas vezes, dentre as conversas que realizei nas comunidades, percebi que em muitos casos pode se tornar uma *metodologia extrativista*⁵⁴³ e não uma alternativa crítica ao modo de desenvolvimento atual. Longe de resolver os problemas tendem a reforçá-los, na medida que se mostram impotentes diante a urgência da realidade, são componentes interpretativos, mas não transformadores. De outra parte a afirmação do ideário do Sumak Kawsay também pode ser vislumbrada como afirmação anticolonial, porém, não é suficiente se realizada somente no âmbito discursivo. O encontro teórico/ prático desta tese revela o que foi e o que é desvalorizado e, por meio da *sociologia das ausências*, valorizar as resistências contraditórias dos grupos, mostrando seu caráter *abissal* também situa a tese na orientação à diversidade em posições concretas e reais.

Penso ter conseguido, por meio desta investigação, dar mais um passo naquilo que sempre nomeei como nosso débito teórico com América Latina. Estar no Equador e em

⁵⁴² Uma economista brasileira participou do processo de auditoria da dívida no Equador e relatou o processo <<https://auditoriacidada.org.br/conteudo/confira-como-foi-auditoria-oficial-da-divida-no-equador/>> [11.08.2019]

⁵⁴³Santos, 2018

meio a outras vivências, me permitiu resgatar debates importantes para pensar nossa latinidade. Percebo que as estadias nas comunidades, para a realização das entrevistas, foram curtas, porém, se impõe sempre o desafio material daqueles/as que literalmente se sustentam.

Pessoalmente acredito possuir imenso atraso a ser recuperado, uma insuficiência na compreensão de toda a literatura existente acerca da política econômica, porém, em termos gerais percebo que esta lacuna é comum a grande maioria dos estudiosos/as, a necessidade, que também é uma imposição, na finalização da pesquisa e na especialização nos obriga a acabar sem ter de fato encerrado.

Pretendia identificar as contradições e tensões entre os direitos dos povos originários e a formação do Estado Plurinacional a partir da aprovação constitucional. A proposta deixar o petróleo debaixo da terra, do Parque Yasuní ITT, revelou diversas faces do porque ainda não conseguimos nos desprender da pergunta de sempre “porque não damos certo?”

Esta será sempre uma tarefa impossível se não nos debruçarmos sobre a realidade realizando sua autópsia. Algumas noções precisam ser recolocadas, penso ser o primeiro passo o reencontro com a história, ou seja, ler nossas vidas dentro de um complexo maior. No caso desta investigação e a urgência das transformações nos coloca como necessidade primeira, o afastamento do ideário que romantiza a Amazônia como um *ambiente encantado*, tal como toda a América Latina. Me refiro a recuperar a tradição crítica como resposta ao colonialismo, principalmente no que toca a realidade das comunidades amazônicas, desconhecidas e por vezes, quando comparadas a compreensão hegemônica de modernidade, “fantasiadas” “mitificadas” para não tocar no problema central da dependência e do subdesenvolvimento, embrionários do colonialismo. Toda esta carga histórica perpassa também por noções de nacionalismo, neocolonialismo e imperialismo, deste modo, o reconhecimento histórico pode libertar, bem como pode ser utilizado como instrumento de dominação. Exemplo deste enleio é a vasta compreensão étnica existente nos povos latino-americanos, onde os modelos explicativos problematizam ainda mais a realidade existente, principalmente por criar terminologias que não correspondem a realidade. Nossa combinação pautada em conflitos e rebeldias também expurga nossa necessidade em nos determinarmos autonomamente. Somos um povo, logo, toda a tentativa de nos tornar intangível, também poderá servir aos interesses de numa condição de rebaixamento contínuo, onde tudo seria passível de ser explicado somente por meio das diferenças culturais e étnicas.

Como exposto neste texto há outros modos de vidas para além do que é considerado “desenvolvido”, mas a maioria deles estão permeados pela pobreza, que nos cruza enquanto países com economias dependentes e neste sentido, grande parte das teorizações realizadas acerca da América Latina perderam o caráter do “pensamento nacional” com vistas à transformação/ruptura atrelando especificidade e totalidade, ou seja, há pouca densidade teórica do caráter dependente da economia latino americana.

A crítica sociológica a partir desta investigação acerca do progressismo e da Iniciativa Yasuní ITT demonstrou que, ao ser realizada somente em Yasuní e não outras regiões do país que aprovou a natureza como sujeito de direitos, que a exploração dos recursos foi capitalizada internacionalmente enquanto foi possível ter controle sobre tais recursos. O reconhecimento da natureza como um sujeito de direitos foi um passo importante no Equador, colocando a natureza sob um manto valorativo bem como um bem de necessidade primordial a vida humana. Por outro lado, este entendimento, apesar de conter avanços não impedem sua exploração, situação constatada a partir do empobrecimento das populações que habitam os arredores das áreas de exploração petrolífera, tal como Yasuní. O ecoturismo, reforçado nas últimas décadas, pareceu ter sido enquadrado na visão dos/as turistas, uma noção mercantilizada pautada na comoção social para o “valor” da natureza em detrimento das pessoas. A prova cabal deste sintoma, foi ter participado de vários encontros entre indígenas e não indígenas e ter percebido que os “estrangeiros” queriam sempre impor um modo de vida que julgavam ser salutar àquelas comunidades. Ou um exemplo ainda mais caricato, foi reparar em mulheres representantes de ONGs europeias que queriam pagar cursos de artesanato que valorizassem a “cultura local”, uma espécie de retorno ao passado imaginário europeu, enquanto que na realidade muitas mulheres indígenas estão à frente das lutas e das plantações, cuja necessidade nem sempre (ou quase nunca) é a da produção do lúdico ao outro/a. Modos de produção e relações de trabalho são indissolúveis, conseqüentemente, o turismo acabou se tornando a forma de sobrevivência encontrada em algumas comunidades, fato comprovado em uma simples busca na página oficial do Governo do Equador, onde as etnias são demonstradas como um atrativo, com suas tradições fascinantes⁵⁴⁴.

Também foi perceptível por meio das ONGs, que existe um monitoramento mais estreito às políticas dos governos e seus delineamentos, as organizações sofrem impedimentos por alguns deles, em outros possuem mais independência para pensar

⁵⁴⁴ Mapa do turismo no Equador <<http://turismoaccessible.ec/conferencia/wp-content/uploads/2016/09/Mapa-Turistico-AYNIE.pdf>> [12.08.2019]

formas de desenvolvimento onde o Estado não chega. Contudo, esta situação gera um processo de despolitização e de assistencialismo deturpador, em contrapartida, também se torna um sustentáculo para aqueles/as que tiveram sua identidade negada, uma forma de articulação subordinada a organismos que muitas vezes não são pertencentes ao país.

A princípio muitas organizações eram externas ao país, quando passaram a se instalar no Equador, ficou visível que havia uma disputa de narrativas entre o que eram as comunidades e as diretivas das ONGs. Destaco também que em muitos locais só existem ações de ONGs em outros, extremamente carenciados não existem outros tipos de atuação por parte do Estado, fato que também tornaram as ONGs integrantes das comunidades por meio de desenvolvimentos locais, experiências participativas e inovadoras em alguns casos. Neste sentido, o governo Rafael Correa sempre percebeu as ONGs com desconfiança porque seu intento era centralizar os poderes no Estado, por meio do que acreditava ser benéfico, sem assimilar aquilo que estava posto no histórico das organizações. Sob outra perspectiva as próprias comunidades no seu processo de determinação, recrudescimento político e económico passaram a vislumbrar as ONGs como mediadoras condenáveis de suas necessidades. Dentre as pessoas com as quais conversei, pude perceber que entendiam que o processo político organizativo deveria ser estruturado essencialmente pelos envolvidos e não por agentes externos.

A proposta de Iniciativa Yasuní não possuía, em seu cerne, nada que não esteja no âmbito da reconhecida modernidade, Rafael Correa passou da antipatia ao ganho com o projeto, uma vez que conseguiu apoio de grande parte da população à necessidade da exploração e manutenção das políticas sociais redistributivas. Gerou mobilização e visibilidade, também desgastou as lutas que poderiam ter ocorrido como forma de superar a condição extrativista.

Desde 2006, quando Rafael Correa foi eleito, e 2007 quando iniciei meus estudos sobre a América Latina, acompanhei cada ano desta “Revolução” que, efetivamente nunca iluminou o sentido da transformação radical como necessidade histórica. O desenvolvimento de forças produtivas, até a chegada do capitalismo sempre se manteve com certo atraso de um país em relação aos outros, logo se o problema do capitalismo for analisado somente a partir da lógica do atraso em comparação ao que denominam “desenvolvimento” ele estrará sempre em equilíbrio. Com base nesta ideia teríamos mesmo chegado ao fim da história onde bastaria manter as forças produtivas em eterno desenvolvimento e nada mais aconteceria, o subdesenvolvimento nunca foi uma etapa para o desenvolvimento, sem mudanças estruturais, nunca haverá mudança ciclópica. Nossa

sincronia latino americana se manifesta na medida em que observamos, ainda que a distância, outros casos de países dependentes, a exemplo da Bolívia

Em resumo, o programa econômico do governo de massa da Bolívia conseguiu tirar proveito do extrativismo para desenvolver uma política de redistribuição de renda, sem alterar o padrão de acumulação extrovertida do capitalismo boliviano. O aluguel de terras na economia boliviana conseguiu garantir uma década de crescimento com inflação baixa, apesar da crise global e regional. As contradições desse processo não podem ser ignoradas, desde que o progresso de muitos investimentos em infraestrutura (no TIPNIS, por exemplo) e projetos extrativistas (como o lítio) atinja as condições de reprodução de comunidades inteiras e da natureza⁵⁴⁵.

Em 2006 Rafael Correa se declarava anticapitalista e anti neoliberal, em 2015 as comunidades indígenas e movimentos sociais já o acusavam usar uma linguagem de esquerda para retirar direitos⁵⁴⁶ em 2017 o ciclo do progressismo demonstrou seu esgotamento, deixando poucas alternativas apontando que estamos neste sistema econômico e sabemos bem o que é viver na periferia.

Tal como grande parte dos países latino americanos o Equador transitou para democracia sem grandes rupturas, assim, o governo se modificou com base em sua própria lógica interna reduzindo a compreensão de democracia ao voto, visão legitimada pelos partidos políticos. Nesta compreensão a chamada Revolução Cidadã faz sentido, porque realocou os grupos sociais dentro da lógica que em seu núcleo é excludente. A necessidade de consenso constante, passou a mover até mesmo as forças partidárias, visto que mesmo em momentos de severa violência tentam negociar e impor um arranjo via eleitoral. Logo, nossa democracia permanece restringida, incompleta, produzindo relações cada vez mais segmentadas e precárias. No livro de Santos (2016b) há um questionamento acerca disto tendo em vista que democracia se reduzida ao voto incapacita a (re) organização da esquerda que acaba por ser por ser instrumentalizada pelo Estado e sua alternância de poder.

Este movimento fragmentador e desprovido de crítica origina uma massa derivada de múltiplos conflitos, permeadas pela necessidade de adequação ao discurso, Rivas (1988)

⁵⁴⁵ Tradução livre da autora. No original - En síntesis, el programa económico del gobierno masista en Bolivia ha conseguido aprovechar el extractivismo a los fines de desarrollar una política de redistribución del ingreso, sin alterar el patrón de acumulación extrovertido del capitalismo boliviano. La renta del suelo en la economía boliviana ha conseguido garantizar una década de crecimiento con baja inflación, a pesar de la crisis global y regional. Las contradicciones de este proceso no pueden ser ignoradas en tanto el avance de muchas inversiones en infraestructura (en el TIPNIS, por ejemplo) y proyectos extractivistas (como el del Litio) atacan las condiciones de reproducción de comunidades enteras y de la Naturaleza. Disponível <<https://www.nodal.am/2019/10/los-secretos-del-milagro-boliviano-por-mariano-feliz/>> [01.10.2019]

⁵⁴⁶ Disponível <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/15/internacional/1439609325_599565.html> [03/01/2017]

fala que a ideia que o governo respeitará os intentos eleitorais trás efeitos psicossociais, no meu entender, é daí que advêm o trauma trazido com os ajustes neoliberais desde a década de 1990, estes foram tão violentos para a existência da população que silenciou profundamente as forças sociais, comportando momentos de revoltas e de aparente calma, a consciência possível foi a da punição aos partidos vigentes⁵⁴⁷. Santos (2016b) menciona que, a necessidade da América Latina criar condições para os pluralismos jurídicos, também demonstrou os limites dos chamados governos progressistas, demonstrando na distância entre a prática e a hermenêutica. Em consonância com Rivas (1988), Santos (2016b) concluem que estamos dominados pela concepção de democracia de baixa intensidade. No caso desta investigação concluiu-se que estivemos sob a égide de um parêntese democrático, em alguns países mais efetivados em outros menos. A incompletude da democracia sempre foi um debate neste subcontinente, demonstrada por meio de diversos números que matematizam nossa desigualdade pautada na colonização econômica e política que atinge os mais vulneráveis. A tese demonstrou também como a dominação ocorre em múltiplos níveis dados também do capital-imperialismo, passa pelo Estado seletivo, pela cultura e mesmo pela nossa forma de pensar e sentir o mundo, um hibridismo combinado por ditaduras jurídicas e tecnológicas, controle da população, hegemonia cultural, vigilância ao mesmo tempo, o uso predatório da energia e das matérias primas realizando sua manutenção por meio de uma fagocitose da realidade. Em meio a civilização suicida⁵⁴⁸ os/as intelectuais possuem papel fundamental no sentido de reorganizar o sentido crítico da sociedade *desviando*⁵⁴⁹ o pensamento político antes do colapso, pois os ventos que sopram não parecem trazer tranquilidade.

Nem tudo que se passou no Equador nas últimas décadas, pode ser explicado por meio da queda dos preços das commodities, neste caso do petróleo, que ainda é a força motriz do desenvolvimento econômico atual. Assim como na década de 1970 o boom petrolífero no Equador permitiu um tipo de redistribuição agrária afim de pacificar as contradições dentro dos movimentos indígenas, intento não completado, porém, por força da imposição modernizante do pensamento da época, as organizações tradições indígenas abriram espaços para um reposicionamento campesino. No mesmo período também ocorreu uma ampliação do acesso a educação que permitiu o acesso indígena, bem como a

⁵⁴⁷Neste sentido, aparecem vitórias eleitorais como a de Jair Bolsonaro atual presidente no Brasil, que de alguma maneira concatenava discursivamente o “contrário a tudo” àquilo a população pensava ser o problema da sociedade brasileira.

⁵⁴⁸ Título do livro de Bautista Vidal.

⁵⁴⁹ Grifo nosso – sair do vício

formação de quadros intelectuais dentro das organizações, os levando a questionar suas realidades e exclusões. Uma bagagem herdada da própria tradição das ciências sociais e da esquerda latino americana, com seus erros e acertos, recuos e avanços que geram conflitos até os dias de hoje e trespassam diferentes visões de mundo, por vezes de forma colonizante desde dentro. O “neonacionalismo andino do petróleo”⁵⁵⁰ pode ser interpretada como uma reação à década de ajustes estruturais e de abertura de capitais como demonstrado no caso da China⁵⁵¹, o capital transnacional, alterou o tipo de subordinação ao “império”, porém a forma de acumulação e dependência equatoriana continuaram. Não houve mudança no neoliberalismo, mas sim uma história que, em conjunto com a crise de legitimidade e alta dos preços das commodities, permitiu alguma melhoria (como ocorreu em outros períodos). Porém, embora o “neonacionalismo” das commodities tenha aparecido com estes governos progressistas, especialmente com Venezuela, Bolívia e Equador com suas evidentes variações, não ganharam tecido social para além do espectro do extrativismo e os impactos sociais desta atividade.

Por este ângulo, se impõe uma colonização interna, pois apesar das determinações externas que se realizam no subcontinente (economia agroexportadora; dependência tecnológica; realização financeiro; exploração de mão de obra) ao reafirmar o imperativo da exploração petrolífera como única maneira de transformação, se cria uma divisão interna como determinante para a continuidade das políticas estatais por meio do consenso das commodities⁵⁵² *irrigaram os centros de poder*⁵⁵³ revelando a dialética local, regional e nacional e a quem servem seus interesses. Logo, percebemos a necessidade em romper com esta matriz económica que se desenvolve também por meio de um colonialismo interno, portanto, as receitas oriundas do extrativismo e da mineração acabam por sustentar este modelo inviabilizando outros.

O Equador, tal como diversos países que vivenciaram a chamada *onda progressista*, demonstrou-nos que estamos despreparados e precisamos amadurecer o projeto, coordenar e melhorar as formas de organização que já existem é parte deste bojo. As mudanças em cada país demonstraram os interesses de classe em cada país e quem continuou fora dele ou entrou pela porta dos fundos.

Nesta investigação percebemos como a concepção evolucionista de “desenvolvimento” foi e ainda é um desastre. Após décadas de governos à esquerda

⁵⁵⁰ Fontaine, 2008.

⁵⁵¹ Um caso paradoxal a ser analisado no futuro.

⁵⁵² Svampa, 2019

⁵⁵³ Galeano, 2010.

percebemos o quão prejudicial foram algumas ações para as lutas reais, por vezes até neutralizando qualquer possibilidade de radicalização⁵⁵⁴, no entanto, sabemos que quem radicaliza são as forças conservadoras, à esquerda historicamente responde a este projeto, assim, o fim da “Revolução Cidadã” marca o término de um projeto que parecia ousado, porém não tocou nas estruturas⁵⁵⁵ do país.

Do ponto de vista da esquerda todos os que tentaram, se debruçaram seriamente sobre o tema, na teoria e na prática, tiveram seu ónus, são os inauditos pela maioria, àqueles/as considerados ultrapassados em seus pensamentos. Tal como Guerreiro Ramos (1963), na atual conjuntura, não poderia ser diferente, por tudo que vivi e que foi de alguma maneira exposto neste texto é um ponto de honra tomar uma posição crítica no mundo. Seguirei seus caminhos e de muitos outros e outras que pavimentaram este duro trajeto até aqui, andando sempre contra o vento na tentativa de desvelar o presente mostrando possibilidades que são travadas por circunstâncias históricas. Este anseio não se realizará por nenhum ato de clarividência, ou de uma suposta minoria que carrega nas costas a soberba da mudança, mas compreendendo a história como continuidade e lugar onde todos estão diretamente implicados no mundo.

O movimento da sociedade não é aleatório ou irracional, a direita está viva ela nunca padeceu, a ditadura permaneceu nos rincões do Brasil e da América Latina. A vida é também práxis, *simpraxia* tal como Bourdieu definiu; dirigidos à criação e à ação e é por meio das nossas dificuldades que conseguimos retirar meios para seguir fazendo melhor nosso intento lutador. Conhecer o Equador e viver ali em meio as dificuldades e alegrias me fez compreender melhor nossa união em diversos pontos, são as nossas armas tal como apontou Suassuna *o riso a cavalo e o galope do sonho*, nossa forma de encontrar alegrias e sonhos em coisas simples de um mundo que está envolto em tecnologias de forma fugaz e as vezes até violenta. Em 2015 escrevi em artigos de análise conjunturais que nossa situação era dramática, agora isto parece muito mais visível, dentre a infinidade de dados que poderia utilizar para evidenciar esta situação me atenho apenas a um, a América Latina é a região onde há mais mortes dentre ativistas⁵⁵⁶ tantas mortes demonstram que mudar a realidade é o que nos personifica, para além dos livros e do conhecimento. Tive a sorte ontológica de ter escrito este trabalho em um momento tão oportuno, analisando a

⁵⁵⁴ Caso do Brasil e seu subimperialismo.

⁵⁵⁵ A exemplo da dolarização que não foi alterada.

⁵⁵⁶ Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/02/internacional/1564774252_605978.html>

realidade com a história me dando razão, finalmente cabe a nós decidirmos que sociedade queremos, porém, temos que fazer isto, consciente das consequências advindas.

A caixa de Pandora foi aberta, talvez ela sempre estivesse, e nós que cometemos o infortúnio de descontraír em um emaranhado de constelações discursivas e pouco orgânicas, neste mundo ninguém é sujeito secundário, as violências tomam formas distintas em cada lado da *linha abissal*, logo, as violências tomam múltiplas formas e por vezes aparecem como fetiches com duplo sentido, de um lado pela exotificação e rebaixamento, do outro o da negação do potencial sujeito reduzido ao discurso, o mesmo que produz o submundo. Contudo, ainda que aberta a caixa de Pandora, a esperança permanece protegida, e dentro dos diversos domínios que nos é imputado também encontramos respostas, os *suis*, com seus diversos excluídos, tal como asseverou Retamar (2016:82) “Não na Europa, mas no Congo; não nos Estados Unidos, mas no Vietnam. Somente o terceiro mundo conhece na íntegra o horror do capitalismo.” Além de todos os desafios colocados neste processo de escrita, este trabalho se tornou uma posição política para à vida que espero seguir.

Bibliografía

- ABEIGA Andrade, M. E. (2018). ONGs en Ecuador: cambios y situación actual. (Tesis de pregrado). Universidad de las Américas, Quito, Ecuador.
<<http://dspace.udla.edu.ec/handle/33000/8871>> [12.07.2018]
- ACOSTA, A.; GUDYNAS, E.; MARTÍNEZ, E. & VOGEL, J., (2009) “Dejar el crudo en tierra o la búsqueda del paraíso perdido: Elementos para una propuesta política y económica para la Iniciativa de no explotación del crudo del ITT.” *Revista Polis*, 8, pp.429-452.
- ACOSTA, Alberto. (2005) *Breve historia económica del Ecuador*. Corporación Editora Nacional. Quito.
- ACOSTA, Alberto & SCHULDT, Jürgen (2006) “Petróleo, rentismo y subdesarrollo: ¿Una maldición sin solución?”. *Revista Nueva Sociedad*, No. 204, Buenos Aires, Julio/agosto.
- ACOSTA, Alberto. (2008) *La voz del pueblo y la Revolución Ciudadana: una cosa es con guitarra, otra con violín*. In Espacios no 14. CINDES. Quito.
- ACOSTA, Alberto. (2009a) *Procesos Económicos Contemporáneos: Impacto de las reformas neoliberales en la economía*. In del CASTILLO, M. Ángel (Ed.) “Ecuador contemporáneo: análisis y alternativas actuales.” Murcia: Universidad de Murcia, Servicios de Publicaciones, 350p. (pp.27-72).
- ACOSTA, Alberto. (2009b) *La maldición de la abundancia*. Comité Ecuménico de Proyectos CEP, Edições Abya Ayala, Quito, Ecuador. <<http://www.rebellion.org/docs/122604.pdf>> [21.04.2019]
- ACOSTA, Alberto. (2010) *Las tribulaciones de la Iniciativa Yasuní-ITT*. Quito: Programa de Estudios Socio ambientales – FLACSO sede Ecuador, Opinión, no 5, mayo.
- ACOSTA, Alberto. (2011) *A este Correa le desconozco*. Consultado a 10.05.2016 em <<http://www.sinpermiso.info/textos/a-este-correa-le-desconozco-entrevista>>
- ACOSTA, Alberto. (2012) Extractivismo y neoextractivismo: dos caras de la misma maldición. Consul<https://www.ecoportel.net/temas-especiales/mineria/extractivismo_y_neoextractivismo_dos_caras_de_la_misma_maldicion/> [21.03.2019]
- ACOSTA, Alberto. (2013) *Ecuador: La “Revolución Ciudadana” el modelo extractivista y las izquierdas críticas*. Entrevista consultada a 04.04.2015 em <<http://www.cetri.be/Ecuador-La-revolucion-ciudadana-el>>
- ACOSTA, Alberto. (2014) *La difícil construcción de la utopía*. Artículo consultado a 20.04.2016 em <<http://www.rebellion.org/noticia.php?id=180285>>
- ACOSTA Et al (2014) *La restauración conservadora del correísmo*. Montecristi Vive, Quito, Ecuador.<http://biblioteca.hegoa.ehu.es/system/ebooks/19968/original/La_restauracion_conservadora_del_Correismo.pdf> [20.06.2016]

- ACOSTA, Alberto. (2015b) *Amazonia: Violencias, resistencias, propuestas*. Revista Crítica de Ciências Sociais, 107, Setembro, pp.39-62.
<<http://www.scielo.mec.pt/pdf/rccs/n107/n107a04.pdf>> [12.06.2019]
- ACOSTA, Alberto. (2015a). El Buen Vivir como alternativa al desarrollo. Algunas reflexiones económicas y no tan económicas. *Política Y Sociedad*, 52(2), 299-330.
https://doi.org/10.5209/rev_POSO.2015.v52.n2.45203
- ACOSTA, Alberto. (2016) *O Bem Viver: Uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Editora Elefante, São Paulo.
- ACOSTA, Alberto. (2017) *Entre la propaganda y las falacias del progresismo ecuatoriano*.
<<http://www.globalizacion.ca/entre-la-propaganda-y-las-falacias-del-progresismo-ecuatoriano/>> [11.05.2017]
- ACOSTA, Alberto & SACHER, William (2012). *La Minería a Gran Escala en el Ecuador*. Abya-Yala, Quito
- ACOSTA, Alberto & GUIJARRO, C. John (2015) *La herencia económica del correísmo Una lectura frente a la crisis*.
<http://www.cetri.be/IMG/pdf/la_herencia_economica_del_correismo_observaciones_octubre_2015_1_.pdf> [10.06.2016]
- ACOSTA, Alberto & GUIJARRO, C. John. (2018) *Una década desperdiciada. Las sombras del correísmo*. Serie Estudios y Análisis, Centro Andino de Acción Popular (CAAP), Quito, Ecuador.
- ACOSTA, R. Miguel & ITURRALDE, Pablo. (2013) *La alquimia de la riqueza, Estado, petróleo y patrón de acumulación en Ecuador*. Centro de Derechos Económicos y Sociales (CDES)<<http://www.opsur.org.ar/blog/2013/06/24/la-alquimia-de-la-riqueza-estado-petroleo-y-modelo-de-acumulacion-en-ecuador/>> [12.06.2019]
- ACOSTA, Wladimir. (2015a) *Independencia, soberanía y justicia social en el pensamiento de Libertador Simón Bolívar*. Caracas: Monte Ávila Editores.
- AFONSO & MAGALHÃES. *O Estado Plurinacional da Bolívia e do Equador: Matrizes para uma releitura do direito internacional Moderno*. Revista Brasileira de Direito Constitucional – RBDC – Jan./Jun. 2011
- AGUILAR, C. Bravo, Andrea. (2015) *Oportunidad política y coaliciones: Yasuní ITT y el neo extractivismo en Ecuador*. Dissertação de Mestrado defendida em Quito no ano de 2015 na Pontificia Universidad Católica del Ecuador Facultad de Ciencias Humanas Escuela de Sociología y Ciencias Políticas.
- AIDOO, Richard et al (2017) “Footprints of the Dragon: China’s Oil Diplomacy and its Impacts on Sustainable Development Policy in Ecuador and Ghana.” *International Development Policy | Revue internationale de politique de développement* [Online], 8.1 | 2017.
Disponível em <<http://journals.openedition.org/poldev/2408>> [02.09.2019]

- ALIMONDA, Hector, et al. (2011) *La naturaleza colonizada*. CLACSO, Buenos Aires, agosto. <<http://bvsde.org.ni/clacso/publicaciones/alimonda.pdf>>
- ALVES, L. P., MACEDO, R. (2011) *Gestão pública e sociedade: fundamentos e políticas públicas de economia solidária*. Editora Outras Expressões, Vol. 1, São Paulo.
- ALMEIDA, Mónica & LÓPEZ, K. Ana (2017) *El séptimo Rafael*. Editora Aperimus, Quito, Ecuador.
- AMIN, Samir. (1999) Eurocentrismo, crítica de uma ideologia. Edições Dinossauro.
- ANDERSON, Perry. (1995) Balanço do neoliberalismo (In SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.) Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 9-23.)
- ANDERSON, Perry. (2000) *Passagens da antiguidade clássica ao feudalismo*. São Paulo: Brasiliense.
- ANDRADE MENDOZA, Karen. (2009) *Las áreas naturales protegidas frente a la actividad hidrocarburífera. Las organizaciones ambientalistas y la gobernanza ambiental en el Ecuador. El caso del Parque Nacional Yasuní (Dossier)*. En: Letras verdes, Quito: FLACSO sede Ecuador. Programa de Estudios Socio ambientales, (no. 3, abril): pp.14-16. <<http://hdl.handle.net/10469/204>> 11.02.2019
- ANDRADE, Carlos Drummond de. (2011) *A rosa do povo*. Prefácio de Affonso Romano de Sant'Anna. 44. ed. Rio de Janeiro, RJ: Record.
- AYALA MORA, E. (2008) *Resumen de História del Ecuador*. 3.ed. Quito: Corporación Editora Nacional.
- ARANTES, Paulo. (2007) *O novo tempo do mundo*. Coleção Estado de Sítio, Editora Boitempo, São Paulo.
- ARAÚJO, Sara. (2008) “Pluralismo jurídico em África: Ficção ou realidade?” *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 83, pp 121-139.
- ASTUDILLO Banegas, J. (2017). “La participación social va más con el Buen Vivir que con el desarrollo.” *Revista Economía Y Política*, (19), 120 - 135.
- ASTÚRIAS, MIGUEL ÁNGEL, (2019) “El problema social del indio (1923 y 1971).” *Amérique Latine Histoire et Mémoire. Les Cahiers ALHIM* [En línea], 36 | Publicado el 21 enero 2019. <<http://journals.openedition.org/alhim/6777>> [02.06.2019]
- AVILES, S. M. Maria (2013) *Desarticulación del movimiento obrero: caso de ruptura de la CEDOC*. Tesis de maestría, Flacso Ecuador. Disponible em <<http://repositorio.flacsoandes.edu.ec/handle/10469/7426>> [12.05.2019]
- AZEVEDO, P. F. (1999) *Método e hermenêutica material no direito*. Porto Alegre: Livraria do Advogado.

- BACA CARBO, Raúl (1997) *Pasado y Futuro del Petróleo en el Ecuador, 25 Años de exportación del crudo oriente*. PETROECUADOR (Organização), Unidade de Relações Internacionais.
- BÁEZ, René (2010) *Antihistoria ecuatoriana*. Universidad Central del Ecuador, Quito.
- BÁEZ, René & ROSERO, Andrés. (2013) *Sacralización y desacralización del Yasuní*. Serie: Cuadernos Políticos, Centro de Pensamiento Crítico, Equador: Quito.
- BAGU, Sérgio (1949) *Economía de la sociedad colonial*. Buenos Aires: Librería “El Ateneo” Editorial.
- BAMBIRRA, Vânia. (2015) *O capitalismo dependente latino-americano*. Tradução: Fernando Correa Prado, Marina Machado Gouvêa. Florianópolis: Insular.
- BANDEIRA, L. A. Moniz. (2009) *Geopolítica e política exterior Estados Unidos, Brasil e América do Sul*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão.
- BANEGAS & CORDERO (2018). “El trabajo comunitario en la práctica del Buen Vivir: comuna manteña de Água Blanca – Ecuador.” *Revista Trabalhos Necessários*, v. 16, n.31, pp.12-35.
- BARBOSA DOS SANTOS, F. L. (2013) Nuestra América e Sumak Kawsay: utopias de modernidade alternativa no capitalismo dependente. *Revista História & Perspectivas*, v. 25, n. 47, 24 jan.
- BARBOSA DOS SANTOS, F. L. (2012b) “Ecologia versus Capitalismo: dilemas do governo Rafael Correa no Equador.” *Revista Outubro*, 1º Semestre pp.94-109. Disponível <<http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%CC%A7a%CC%83o-20-Artigo-04.pdf>> [10.05.2019]
- BARBOSA DOS SANTOS, F. L. (2016) “Neodesenvolvimentismo ou neoliberalismo: integração regional sul-americana e ideologia.” *Revista Sociedade Brasileira de Economia Política*, n.45, SEP. Disponível <<http://www.revistasep.org.br/index.php/SEP/article/view/272>> [28.04.2019]
- BARBOSA DOS SANTOS, F. L. (2017a) *Origens do Pensamento e da Política Radical na América Latina*. Editora Unicamp, Campinas, São Paulo.
- BARBOSA DOS SANTOS, F. L. (2017b) "Os governos 'progressistas' da América Latina foram funcionais à reprodução do neoliberalismo". Consultado <<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/567504-os-impasses-da-esquerda-no-brasil-e-na-america-latina-entrevista-especial-com-fabio-luis-barbosa-dos-santos>> [12.04.2019]
- BARRETO, Lima. (1997) *O homem que sabia javanês e outros contos*. Curitiba: Polo Editorial do Paraná.
- BARRETO, Lima. (1920) *Cemitério dos vivos*. Unama, Universidade da Amazônia. Disponível em <<http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/ua000162.pdf>>
- BARRETO, Lima. (1922) *Os Bruzundangas*. Rio de Janeiro: Editor, Jacintho Ribeiro dos Santos

Disponível em <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4801>> [12.05.2019]

- BARROS, P. L. Diana (1999) “A propósito do conceito de discurso urbano oral culto definições e imagens.” p.35-53 In PRETI D. (org) (1999) *O discurso oral culto*. 2a. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP – (Projetos Paralelos. V.2) 224p.
- BARSKY, Osvaldo (1984) *La reforma agraria ecuatoriana*. Quito: Corporación Editora Nacional-FLACSO.
- BARTRA, Armando. (2006) *El capital en su laberinto. De la renta de la tierra a la renta de la vida*. México, UACM/Ítaca/CEDRSSA.
- BASS, M. Finer, C. Jenkins, et al., (2010) *Global Conservation Significance of Ecuador’s Yasuni National Park*. PLoS ONE, vol. 5, Issue 1, January. Consultado a 09.02.2019 em <<https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0008767>>
- BELLAMY, Brent, Ryan & DIAMANTI, Jeff. (2018) *Materialism and the critique of energy*. Published by MCM' Publishing, Chicago Alberta.
- BERLIN, Isaiah. (2014) *Karl Marx*. Edições 70, Lisboa.
- BERMANN, Célio. (2008) “Crise ambiental e as energias renováveis.” *Ciência e Cultura*, 60(3), 20-29. Disponível <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252008000300010&lng=en&tlng=pt> [12.02.2019]
- BIELCHOWSKY, Ricardo (org.). (2000) *Cinquenta anos de Pensamento na CEPAL*. RJ: Record.
- BOANOVA, António C. Boa. *Energia e Classes sociais no Brasil*. Ed. Loyola, 1985
- BOLIVAR, Simon. (2015) *Carta de Jamaica*. Colección Unidad de Nuestra América. 1ª Ed. Disponível <<http://albaciudad.org/wp-content/uploads/2015/09/08072015-Carta-de-Jamaica-WEB.pdf>> [10.08.2018]
- BONAVIDES, P. (1997) *Ciência política*. 10. Ed. São Paulo: Malheiros.
- BONILLA, Adrián. (1998) “Heterogeneidad, legitimidad e incertidumbre.” *Revista Iconos* No.4, Quito: FLACSO.
- BORGES, G. Fábio & REZENDE, C. Claudinei. (2008) *O arquétipo do Etapismo e a Revolução brasileira*. Revista Aurora, Ano II, Número 2 – Junho. Consultado a 09.02.2016 em <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/view/1175>>
- BOURDIEU, Pierre. (2007) *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. 10ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil. 311, [4].
- BICHIR, Maira Machado. (2018) *Aportes de Ruy Mauro Marini ao debate sobre o Estado nos países dependentes*. Cad. CRH, Salvador, v. 31, n. 84, p. 535-553, dez. 2018. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792018000300535&lng=pt&nrm=iso> [27.02.2019]

- BOSELDMANN, Klaus (2008) *Direitos Humanos, Ambiente e Sustentabilidade*. REVCEDOUA: Revista do Centro de Estudos de Direito do Ordenamento, do Urbanismo e do Ambiente da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, 21, pp.9-38.
- BRAVO, Elizabeth. (2007) *Los impactos de la explotación petrolera en ecosistemas tropicales y la biodiversidad*. Acción Ecológica e INREDH. Disponível em <https://www.inredh.org/archivos/documentos_ambiental/impactos_explotacion_petrolera_esp.pdf> [12.07.2018]
- BREDA, Tadeu. (2009) *O Equador é verde Rafael Correa e os paradigmas do desenvolvimento*. Trabalho de Conclusão de Curso Jornalismo Departamento de Jornalismo e Editoração Escola de Comunicações e Artes Universidade de São Paulo, novembro.
- BRUCKMANN, Monica. (2011) *Ou inventamos ou erramos: a nova conjuntura latino-americana e o pensamento crítico*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal Fluminense.
- BRUCH, Lincopi. F. Carlos. (2016) *Hegel y América Latina. Las antinomias del espíritu*. Disponível <<http://marxismoyrevolucion.org/wp-content/uploads/2016/12/Hegel-y-Am%C3%A9rica-Latina-1.pdf>> [02.04.2018]
- BURAWOY, Michael. (1990) *Marxism as science: historical and theoretical growth*. American Sociological Review. Vol. 55, December, 775-793.
- BURAWOY, Michael. (2014) *Marxismo sociológico: quatro países, quatro décadas, quatro grandes transformações e uma tradição crítica*. 1 Ed. São Paulo: Alameda, 350p.
- CABRERA, A., Carlos. & VALLEJO, P. Edison (1997) *El mito al debate*. Editora Abya Ayala, Quito. Disponível em <https://digitalrepository.unm.edu/abya_yala/464/> [08.05.2019]
- CAGUANA RODRIGUEZ, Adriana. (2011) “El derecho a la educación intercultural bilingüe en el ecuador.” *Revista Unemi*, v.4, n.05. Disponível <<http://ojs.unemi.edu.ec/index.php/cienciaunemi/article/view/14>> [11.04.2019]
- CAJAS GUIJARRO, Jonh (2018) “La ley general de la acumulación capitalista: una reinterpretación.” *Revista Economía*, Universidad Central del Ecuador. Vol. 70, N. 111 (mayo), 47-67.
- CALVINO, Italo. (2017) *As Cidades Invisíveis*. Editora Schwarcz S.A. 21ªo, São Paulo.
- CAMACHO, Daniel. (1979) Debates sobre a teoria de la dependencia y la Sociologia latinoamericana. São José: EDUCA – Editorial Universitaria Centro-americana, (Ponencias del XI Congreso Latinoamericano de Sociologia).
- CAMARGO, S. Amanda de. Et al. (2018) A necessária circulação de povos indígenas em terras ancestrais: críticas ao veto a nova lei de migração. In Baeninger, Rosana & Caneles, Alejandro (Orgs.) *Migrações Fronteiriças*. Núcleo de Estudos da População ‘Elza Berquo’, Unicamp, São Paulo, pp.427-435. Disponível em <https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/mig_frenteiricas.pdf>

- CANCLINI, Nestor Garcia. (1983) *Políticas culturais na América Latina*. Novos Estudos CEBRAP, V. 2, N.2 – julho.
- CANOTILHO, J. J. Gomes. (2010) *O Princípio da sustentabilidade como Princípio estruturante do Direito Constitucional*. Téchne, Barcelos, n. 13, jun.
- CARCANHOLO, Reinaldo. (2013) *Capital: essência e aparência* vol. 2. São Paulo: Expressão Popular.
- CARCANHOLO, Reinaldo. (2014) *Prefácio*. In Traspadini, Roberta. “A teoria da (inter) dependência de Fernando Henrique Cardoso.” 2ª Edição – Outras expressões, São Paulo.
- CARCANHOLO, Reinaldo & NAKATANI, Paulo (2015) Capitalismo especulativo e alternativas para a América Latina. In: GOMES, Helder (org.). *Especulação e lucros fictícios*. Formas parasitárias da acumulação contemporânea. São Paulo: Outras Expressões, p. 89-124.
- CARDOSO, Fernando Henrique & FALETTO, Enzo. (1970) *Dependência e Desenvolvimento na América Latina: Ensaio de Interpretação Sociológica*. 7o ed. Rio de Janeiro: Editora LTC.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. (1983) *História Econômica da América Latina*. Rio de Janeiro: Graal.
- CARPENTIER, Julie. (2012) – El turismo comunitario y sus nuevos actores: el caso de las petroleras en la Amazonía ecuatoriana. In: Amazonía, viajeros, turistas y poblaciones indígenas (J. M. Valcuende, ed.): 293-328; Sevilla: Pasos, 6.
- CARPENTIER, Julie. (2014) “Los Achuar y el ecoturismo: ¿una estrategia sostenible para un desarrollo autónomo?”, *Bulletin de l'Institut français d'études andines* [En línea], 43 (1), Publicado el 08 mayo 2014.<<https://journals.openedition.org/bifea/4391>> [02.06.2019]
- CARRASCO, V. Carlos, Marx. *Cinco años de gobierno de la Revolución Ciudadana*. in MANTILLA, S. et al. “Rafael Correa, balance de la Revolución Ciudadana.” Quito: Centro Latinoamericano de Estudios Políticos: Editorial Planeta del Ecuador S.A. (331-347)
- CASTRO, R. Daniela. (2007) *A obra de Miguel Ángel Asturias e o aspecto intercultural: choque de deuses, mitos e sabedoria*. Tese de Mestrado defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro no Curso de Letras/neolatinas. Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=159916> [11.06.2018]
- CASTRO, Nils. (2012) *As esquerdas latino americanas em tempo de criar*. Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo.
- CAZA, Cuestas, Javier (2017) Sumak Kawsay: *El Buen Vivir antes de ser Buen Vivir*. In CABEZA, D, Manuel & GALICIA, I. Aline. “El Extractivismo en América Latina: Dimensiones Económicas, Sociales, Políticas y Culturales”. Disponível em <<https://idus.us.es/xmlui/handle/11441/74686>> [11.04.2019]

- CEDEÑO MONTIEL, H. Luciano & KRANN COLANGELO, P. Luciano. (2015) *Conflicto social en Shina: Migración, Identidad y territorio*. Universidad Politécnica Salesiana, Cuenca, Ecuador. Disponible em <https://dspace.ups.edu.ec/bitstream/123456789/11246/1/UPS-CT005518.pdf> [02.07.2018]
- CHAPARRO, Fernando, M. (2016) *Breves notas sobre a formação do estado moderno: a origem de novos modelos hermenêuticos*. Revista Âmbito Jurídico. Consultado a [16.06.2016] http://ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=14657
- CHASIN, José. (1989) *A morte da esquerda e o neoliberalismo*. <https://www.marxists.org/portugues/chasin/index.htm> [12.05.2018]
- CHASIN, José. (2000a) *A Miséria Brasileira*. Santo André: Ad Hominem.
- CHASIN, José. (2000b) *Rota e prospectiva de um projeto marxista*. In Chasin, José (2000) “A determinação ontonegativa da politicidade.” Tomo III, Política. São Paulo Estudos e Edições Ad Hominem.
- CHESNAIS, François & SERFATI, Claude. (2003) “Ecologia e condições físicas de reprodução social: alguns fios condutores marxista”. *Revista Crítica Marxista*, no 16, março, pp. 39-75.
- CHAUMEIL, J.-P. (2012) – Ideología turística en el mundo amazónico. Ensayo sobre una nueva religión. In: *Amazonía, viajeros, turistas y poblaciones indígenas* (J. M. Valcuende, ed.): 157-172; Sevilla: Pasos, 6
- CHIRIBOGA, Manuel (2014) *Las ONGs ecuatorianas en proceso del cambio*. Editorial Universitária Abya-Yala Quito- Ecuador. Disponible em <http://confederacionecuatorianaosc.org/biblioteca-virtual/> [21.05.2018]
- CISNEROS, I. C. M., PROAÑO, F. R. D. (2012) *Planeación estratégica del sector energético en Ecuador 2010-2030*. Proyecto de tesis aprobado en la pontificia Universidad Católica de Ecuador para la obtención del título de magíster en administración de empresas con mención en negocios internacionales. Quito. [10.05.2017] <http://repositorio.puce.edu.ec/bitstream/handle/22000/6936/2.39.001342.pdf>
- CLARK, María Angélica Gallardo. (1973) *La praxis dei trabajo social en una dirección científica: teoría, metodología, instrumental de campo*. Buenos Aires: Ecro.
- COMAROFF, J. L. & COMAROFF, J., 2009 – *Ethnicity, Inc.*: 234 pp.; Chicago- Londres: The University of Chicago Press.
- CONKLIN, B. & GRAHAM, L., 1995 – The shifting middle ground: Amazonian Indians and ecopolitics. *American Anthropologist*, 97 (4): 695-710.
- CORTES, Martín. (2016). *José Aricó: traducir el marxismo en América Latina*. Revista Nueva Sociedade N. 62

- CORREA, Rafael. (2015) *Equador – da noite neoliberal à Revolução Cidadã*. Editora Boitempo, São Paulo, tradução Emir Sader.
- COTRIM, Livia. (2000) “O capital atrofico: da via colonial à mundialização.” in “Rota e Prospectiva de um Projeto Marxista”, in *Ensaio Ad Hominem 1, Tomo III - Política*, São Paulo, AdHominem.
- CRESPO, Pozo. Maurício. (2012). *Manejo económico*. in MANTILLA, S. et al. “Rafael Correa, balance de la Revolución Ciudadana.” Quito: Centro Latinoamericano de Estudios Políticos: Editorial Planeta del Ecuador S.A. (289-320)
- CHRIS Hudson, SILVA Maria-Isabel & MCEWAN Colin (2016) *Tourism and Community: An Ecuadorian Village Builds on its Past*, *Public Archaeology*, 15:2-3, 65-86, DOI: <[10.1080/14655187.2017.1384982](https://doi.org/10.1080/14655187.2017.1384982)>
- CUEVA, Agustín. (1974) *A concepção marxista de classes sociais*. Revista Debate & Crítica – julho, Editora Hucitec, Ltda. São Paulo traduzido por Oberdiek & Tomazi (1997) Revista Mediações, V.2, p.69-79, julho/dezembro. Londrina, SP.
- CUEVA, Agustín. (1979) *O desenvolvimento do capitalismo na América Latina e a questão do Estado*. Texto apresentado no ciclo “Capitalismo e Imperialismo na América Latina”, seção Colômbia-Ecuador, em agosto de 1979. Disponível em <<http://iela.ufsc.br/noticia/o-desenvolvimento-do-capitalismo-na-america-latina-e-questao-do-estado>> [12.03.2019]
- CUEVA, Agustín (1987) “La cuestión democrática en América Latina: algunos temas y problemas”. *Revista Estudos Avançados*, USP – São Paulo. Maio-Junho. <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v2n1/v2n1a04>> [12.06.2018]
- CUEVA, Agustín. (1993) “Los movimientos sociales en el Ecuador contemporáneo: el caso del movimiento indígena”. *Revista de Ciências Humanas*, Vol. 9: N. 13
- CUEVA, Agustín. (2008) *Entre la ira y la esperanza*. Colección Pensamiento Crítico Latinoamericano, CLACSO, Bogotá.
- CUEVA, Agustín (2014) *O processo de dominação política no Equador*. Coleção Pátria Grande, Editora Insular, Florianópolis.
- CULMA, Caballero, Nohora. (2014) *La amazonia ecuatoriana, territorio(s) geoestratégico de energía fósil: conflictos territoriales y estrategias políticas gestadas en la nacionalidad andoa*. Tese para obtenção do título de maestria na Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales Sede Ecuador Departamento de Antropología, historia y humanidades convocatoria 2011-2013.
- CUNHA, Teresa (Org.) (2011) *Ensaio pela democracia, justiça, dignidade e Bem viver*. Edições Afrontamento Ltda. Disponível em <<https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/43182>> [12.03.2018]
- Da MATTA, R. (1991) *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Rocco.

- DÁVALOS, Pablo, comp. (2001a) *Yuyarinakui: digamos lo que somos antes que otros nos den diciendo lo que no somos*. Quito: ICCI - Ed. Abya Yala.
- DÁVALOS, Pablo, et al. (2001b) *Nada solo para los indios. El levantamiento indígena del 2001. Análisis, crónicas y documentos*. Quito: Ed. Abya Yala.
- DÁVALOS, Pablo (2002) “Movimiento indígena ecuatoriano: Construcción política y epistémica”. En: Daniel Mato (coord.): *Estudios y Otras Prácticas Intelectuales Latinoamericanas en Cultura y Poder*. Caracas: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO) y CEAP, FACES, Universidad Central de Venezuela. pp: 89-98.
- DÁVALOS, Pablo. (2004) “Movimiento Indígena, democracia, Estado y Plurinacionalidad en Ecuador”. in *Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales*, n° 1, vol. 10, pp. 175-202.
- DÁVALOS, Pablo. (2008) *El Sumak Kawsay y las cesuras del desarrollo*. in *América Latina en movimiento*. ALAI. Quito.
- DÁVALOS, Pablo (2016) *El pos neoliberalismo: Apuntes para una discusión*. In *América Latina en movimiento*. ALAI. Quito.
- DÁVILA, Arlene (2001) *Latinos Inc.: The Marketing and Making of a People*. Berkeley: University of California Press. Apud COMAROFF, J. L. & COMAROFF, J., 2009 – *Ethnicity, Inc.*: 234 pp.; Chicago- Londres: The University of Chicago Press.
- DAVIDOV, Veronica (2012) “Saving nature or performing sovereignty? Ecuador's initiative to ‘keep oil in the ground.’” *Anthropology Today*, 28, n. 03, 12-16.
- DANGLES, O. & NOWICKI, F. (2010) *Natura maxima: Equateur, terre de biodiversité*. Marseille: IRD, 253 pp.
- DEBRAY, Regis. (1967) *Revolução na Revolução*. [S.l.: s.n.].
- DEGREGORI, Carlos, Iván. (2005) “¿Cómo despertar a la Bella Durmiente? por una antropología para comprender un país escindido”. in DIEZ, Alejandro (Coord.) (2008) *La antropología frente al Perú de Hoy: Balances Regionales y Antropología latino-americana*. Lima. PUCP. CISEPA, 2008. – 280p. (pp.15-36)
- DEGREGORI, Carlos, Iván. (2008) *Saberes periféricos: ensayos sobre la antropología en América Latina*. Lima, Instituto de Estudios Peruanos - IEP (Lecturas Contemporáneas, 10).
- DEL BUSTO, José António D. (1994) *História general del Perú*. Editorial Brasa, Lima.
- DEL RIO, José, M. Valcuende (coord) (2012). *Amazonia, Viajeros, turistas y poblaciones indígenas*. El Sauzal (Tenerife. España): ACA, PASOS, RTPC. — 356 p. [06.04.2018] <<http://www.pasosonline.org/Publicados/pasosedita/PSEdita6.pdf>>
- DOTI, Marcelo, Micke. (2008) *Sociedade, Natureza e Energia - Condições Estruturais e Superestruturais de Produção no Capitalismo Tardio*. Editora Blucher acadêmica, Brasil.

- DOS SANTOS, Theotônio (1998) “A teoria da dependência: balanço e perspectivas”. “La teoría de la Dependencia: un balance histórico” in Francisco Lopez Segreras, *El Reto de la Globalización. Ensayos en Homenaje a Theotônio Dos Santos*. CRESALC-UNESCO, Caracas, 1998; “The Latin American Development: Past, Present and Future”, in Sing C. Chew and Robert Denimark (eds.) *The Underdevelopment of Development, Essays for André Gunder Frank*, e “Foundations of the Cardoso Government,” *Latin American Perspectives*.
- DUARTE, (1985) *O conceito de natureza no capital*. Dissertação de mestrado defendida na UFMG <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-9RVJHU>> [09.07.2018]
- DUARTE, Andrea. (Org.) (2013) *Memória do Evento: Buen Vivir uma proposta vinda da periferia do mundo*. Camões I.P. e pela Fundação Calouste Gulbenkian, disponível em <https://www.cidac.pt/files/6614/2550/4808/Memoria_Seminario_Buen_Vivir.pdf> [09.08.2018]
- DUARTE, H. E. Pedro, GRACIOLLI, J. Edilson. (2007). *A teoria da dependência: interpretações sobre o (sub)desenvolvimento na América latina*. Publicado nos Anais do V Colóquio CEMARX<http://www.unicamp.br/ce marx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunica coes/gt3/sessao4/Pedro_Duarte.pdf> [20.03.2017].
- DUSSEL, Enrique. (2005) *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires.
- DUSSEL, Enrique (1999). *As quatro redações de O Capital (1857-1880)*. Ensaios Ad Hominem/Estudos e Edições Ad Hominem – N.I, Tomo I – “Marxismo”, São Paulo.
- ECO, Humberto. (2004) *O nome da rosa*. Editora Difel, Lisboa.
- ECHEVERRÍA, Júlio. (2012) “Semántica de la Revolución Ciudadana”. in MANTILLA, S. et al. *Rafael Correa, balance de la Revolución Ciudadana*. Quito: Centro Latinoamericano de Estudios Políticos: Editorial Planeta del Ecuador S.A. (pp.400-421).
- ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L (2000) *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- ENDERE, María luz, & ZULAICA, María laura. (2015) “Sustentabilidad socio-cultural y Buen vivir en sitios patrimoniales: evaluación del caso Água Blanca”. Ecuador. *Revista Ambiente & Sociedade*, 18 (4), 265-290. <<http://dx.doi.org/10.1590/1809-4422ASOC1317V1842015>> [10.03.2019]
- ENGELS, Friedrich. (2008) *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. 1ª Ed. Boitempo. SP
- ENGELS, F. & KAUTSKY, K. (1991) *O Socialismo Jurídico*. 2 Ed. São Paulo: Ensaio.
- ESCOBAR, José Arturo Costa. (2012) *Ayahuasca e Saúde: Efeitos de uma Bebida Sacramental Psicoativa na Saúde Mental de Religiosos Ayahuasqueiros*. Tese (doutorado) –

Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva.<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/11258/1/Tese%20Arturo%20Escobar_full_correct.pdf> [03.02.2019]

ESCRIBANO, Gonzalo. (2012) "Ecuador's energy policy mix: Development versus conservation and nationalism with Chinese loans." *Energy Policy*, Elsevier, vol. 57(C), pp. 152-159. Disponível <<https://ideas.repec.org/a/eee/enepol/v57y2013icp152-159.html>> [20.05.2019]

ETCHART, N. P. (2011) *Violencia y sufrimiento tóxico: la lucha por justicia ambiental en Dayuma, Amazonía ecuatoriana*. (Tesis de Maestría en Ciencias Sociales con mención en Antropología). FLACSO Sede Ecuador, Quito.
<<https://repositorio.flacsoandes.edu.ec/xmlui/handle/10469/6282>>[12.03.2019]

ETZIONI, A. (1961) *Comparative analysis complex organization*. New York, The Free Press of glencloe, Inc.

FALCONÍ, Fander; MUÑOZ L., Pabel. (2012) *Ecuador: de la receta del Consenso de Washington al posneoliberalismo* In: MANTILLA B., Sebastián; MEJÍA R, Santiago. Balance de la revolución ciudadana. Quito: Editorial Planeta, pp. 75-97.

FANON, Franz (2008) *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador, Editora UFBA.

FAO (2019) *La FAO y la OTCA se alían para reforzar la protección de los recursos naturales de la Amazonía y de su población local e indígena*.
<<http://www.fao.org/news/story/es/item/1199904/icode/>> [25.06.2019]

FALS BORDA, Orlando (2015) *Una sociología sentipensante para América Latina / Orlando Fals Borda; antología y presentación, Víctor Manuel Moncayo. — México, D.F.: Siglo XXI Editores; Buenos Aires: CLACSO.*

FÁVERI, José de E. & NOSELLA, Paolo (2007) *A Sociologia dos Países Subdesenvolvidos” como configuração do vale de lágrimas: do manuscrito de Álvaro Vieira Pinto*. Série - Estudos - Periódico do Mestrado em Educação da UCDB. Campo Grande-MS, n. 24, p. 169-186, jul./dez.

FEDERICI, Silvia. (2017) *O Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução Coletivo Sycorax, Editora Elefante, São Paulo.
Disponível<https://rosalux.org.br/wpcontent/uploads/2017/10/CALIBA_E_A_BRUXA_WEB.pdf> [21.05.2018]

FERNANDES, Florestan. (1978). *A condição de sociólogo*. Coleção Estudos Brasileiros Editora Hucitec. SP.

FERNANDES, A. H. Álvaro. (2014) *El socialismo del siglo XXI en américa latina: características, desarrollos y desafíos*. Revista de Relaciones Internacionales, Estrategia y Seguridad, vol. 9, núm. 1, enero-junio, pp. 131-154 Universidad Militar Nueva Granada Bogotá, Colombia<<https://www.redalyc.org/pdf/927/92731211006.pdf>>[10.01.2019].

FERRAJOLLI, Luigi (1995) *Derecho y Razón. Teoría del garantizo penal*. Trotta: Madrid.

- FIGUEROA, Isabela. (2006) *Povos Indígenas versus petrolíferas: controle constitucional na resistência*. Revista Sur – Revista Internacional de Direitos Humanos, Número 4, Ano3. <<http://www.scielo.br/pdf/sur/v3n4/03.pdf>> [02.03.2017]
- FIOROTTI CAMPOS, Adriana. (2005) *A Reestruturação da Indústria de Petróleo Sul-americana nos anos 90*. Editora Interciencia – 1ª Edição.
- FLAMARION, Ciro & BRIGNOLI, Héctor Pérez (1993) *História económica de América Latina*. Editora Graal.
- FLORES, Fidel P. et al. (2009) *Mecanismos de democracia participativa: o que há de comum nas constituições da Bolívia, Equador e Venezuela*. Observador On-Line (v.4, n.7, jul.), Rio de Janeiro: Observatório Político Sul-americano (OPSA – IUPERJ/UCAM)
- FONSECA (2002) J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC. Apostila.
- FORERO, Jorge. (2013) *O Estado Insurgente: as relações Centro – Periferia durante o primeiro período da Revolução Cidadã*. Revista Democracia Socialista, São Paulo, Número 1, Dez.
- FORNILLO, Bruno. (2016) *Sudamérica Futuro*. El Colectivo-CLACSO, Buenos Aires.
- FOSTER, J. B. (2011) *A ecologia da economia política marxista*. Artigo publicado originalmente em inglês na revista Monthly Review, v. 63, n. 4, em setembro. Tradução de Pedro Paulo Bocca. <<http://www4.pucsp.br/neils/revista/vol.28/john-bellamy-foster.pdf>> [08.03.2017]
- FONTAINE Guillaume. (Editor) (2006) *Petróleo y Desarrollo Sostenible en Ecuador. Las ganancias y pérdidas*. Série Foro, p.368. Disponível <<https://www.flacso.edu.ec/portal/publicaciones/detalle/petroleo-y-desarrollo-sostenible-en-el-ecuador-3-las-ganancias-y-perdidas.3685>> [12.07.2018]
- FONTAINE, Guillaume (2008). “Neonacionalismos petroleros en los Andes”, Documento de trabajo, 4. Quito: FLACSO/Observatorio Socio Ambiental.
- FONTAINE, Guillaume. (2008) *Sangre y petróleo. Peligros y consecuencias de la dependencia del crudo (Reseñas)*. En: Íconos: Revista de Ciencias Sociales. Los retos del pluralismo jurídico, Quito: FLACSO sede Ecuador, (no. 31, mayo): pp. 161-163. ISSN: 1390-1249. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10469/4054>> [21.05.2018]
- FONTAINE, Guillaume. (2010) *Petropolítica. Una teoría de la gobernanza energética*. Quito, Flacso /Abya Yala / IEP.
- FRANK, Andre Gunder (1966) *O desenvolvimento no subdesenvolvimento*. Monthly Review, vol. 18, nº 4, setembro.
- FRANK, A. G. (1970) *Lumpen burguesía: lumpen desarrollo*. Colección Cuadernos de América, Ediciones de la Banda Oriental, Montevideo.
- FRANK, A. G. (1973) “Desenvolvimento e Subdesenvolvimento Latino-americano”. In: PEREIRA, Luiz (org.). *Urbanização e Subdesenvolvimento*. RJ: Zahar.

- FREIRE, Paulo (1997) *Pedagogia da Esperança um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Editora Paz e Terra, São Paulo. Acervo disponível em <<http://acervo.paulofreire.org>> [12.07.2018]
- FURTADO, Celso. (1965) *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura.
- FUSER, Igor. (2007a) *A Petrobras na América do Sul: Internacionalização e Conflito*. XXVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Guadalajara. <<http://cdsa.academica.org/000-066/872.pdf>> [02.06.2019]
- FUSER, Igor. (2007b) *O petróleo e a política dos EUA no Golfo Pérsico: a atualidade da Doutrina Carter*. Lutas Sociais - Revista do Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais (NEILS) Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais – PUC/SP <<https://revistas.pucsp.br/ls/article/view/18655/13842>> [11.04.2018]
- FUSER, Igor. (2013) *Energia e relações internacionais*. Editora Saraiva, São Paulo.
- FUSER, Igor. (2014) *Entre a Pacha Mama e o desenvolvimento: a luta de ideias nos conflitos do Tipnis (Bolívia) e Parque de Yasuní (Ecuador)*. Trabalho apresentado no 38o Encontro Anual da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduandos e Pesquisa em Ciências Sociais), outubro.
- GABBERT, Karen & LANG, Miriam. (Orgs.). (2019) *¿Cómo se sostiene la vida en América Latina? Feminismos y re-existencias en tiempos de oscuridad*. 1.a Edición Fundación Rosa Luxemburg/Ediciones Abya-Yala.
- GABRIEL, Mary. (2013) *Amor e Capital: A saga de familiar de Karl Marx e a história de uma revolução*. Editora Zahar, Brasil.
- GALEANO, Eduardo. (2010) *As veias abertas da América Latina*. Coleção LP&M.
- GALEANO, Eduardo. (2011) *O livro dos abraços*. Coleção LP&M.
- GARCIA, Jeferson. (2013) *Lições de José Paulo Netto em o Método de Marx*. Revista Urutágua – Acadêmica multidisciplinar–DSC/UEM, n.28 (128 -132) Maio-Out. Disponível<<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/viewFile/19968/11225>> [04.04.2016]
- GARCIA, R. M. (1983) *A vida de um guerreiro...com sabedoria e senso de humor: uma sinopse de Guerreiro Ramos*. Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, 17 (1) p. 108-125.
- GIL, A. C. (2007) *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas.
- GOGOL, Eugene. (2014) “El pensamiento de Raya Dunayevskaya: Su relevancia para la América Latina del siglo XXI (Estudios).” The Thought of Raya Dunayevskaya: Its Relevance for Latin America in the Twenty-First Century. Utopía y Praxis Latinoamericana. *Revista Internacional de Filosofía Iberoamericana y Teoría Social*, 19(65):13-35. <<http://hdl.handle.net/10469/6898>> [08.07.2019]

- GOMES, Bridgman, B., V. e TEIXEIRA, A. (2011), “Threatening to Increase Productivity: Evidence from Brazil’s Oil Industry”, *World Development*, 39 (8), pp. 1372-1385.
- GONÇALVES, W.P. Carlos. (2006) *Os (des)caminhos do meio ambiente*. 14. ed.- São Paulo: Contexto, (Temas atuais).
- GONZALEZ, Lélia. (1984) *Racismo e sexismo na sociedade brasileira*. Apresentado na Reunião do Grupo de Trabalho “Temas e Problemas da População Negra no Brasil”, IV Encontro Anual da Associação Brasileira de Pós-graduação e Pesquisa nas Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1980. Publicado em *Revista Ciências Sociais*, Anpocs, p. 223-244.
- GONZALEZ, Lélia. (2018) *Primavera para as rosas negras*. Editora Ipeafro, Rio de Janeiro.
- GONZALEZ MUÑOZ, Susana. (2006) *Breve História del Cantón Nabon*. Trabalho de final de curso em gerência de governos seccionais. Defendido na Universidad de Azuay em 2006. <<http://dspace.uazuay.edu.ec/bitstream/datos/2738/1/05854.pdf>> [09.08.2018]
- GORDILLO, Ramiro, (2005) *¿El oro del diablo? Ecuador: historia del petróleo*, Quito, Corporación Editora Nacional.
- GORAYEB, S. Daniela. (2017) *Grande Capital, Estado e Competitividade no Setor Petroquímico: Lições da Experiência do Shale Gas nos Estados Unidos*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Econômicas do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutora em Ciências Econômicas, área de concentração em Teoria Econômica. Disponível em <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/330600/1/Gorayeb_DanielaSalomao_D.pdf>
- GRIJALVA, Agustín. (2008) “O Estado Plurinacional e Intercultural na Constituição Equatoriana de 2008.” In *Povos Indígenas: Constituições e reformas políticas na América Latina*. Brasília: Instituto de Estudos socioeconômicos, (pp. 49-62).
- GROSGOUEL, Ramón (2016) Del extractivismo económico al extractivismo epistémico y ontológico. *Revista de humanidades Tabula Rasa*, ISSN 1794-2489, Nº. 24, 2016, pp. 123-143. Disponível <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6248089>> [10.08.2019]
- GUARANDA, Wilton. (2011) *La necesidad imperiosa de reformar una ley caduca: análisis sobre las reformas a ley de hidrocarburos*. [10.05.2017] <<http://inredh.org/index.php/en/boletines/boletines-ambientales/160-analisis-sobre-las-reformas-a-la-ley-de-hidrocarburos>>
- GUERRERO, Andrés (1980) *Los Oligarcas del Cacao*. Quito Editorial.
- GUERRERO, Andrés (1991) *La Semántica de la dominación: el concertaje de indios*. Quito: Ediciones Libri Mundi Enrique Grosse-Luemern.

- HABERMAS, Jürgen. (1989) *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- HANNIGAN, John A. (1997) *Sociologia ambiental: a formação de uma perspectiva social*. Lisboa, Instituto Piaget, 1997
- HARARI, Raúl (2004). *Efectos sociales de la globalización. Petróleo, banano y flores en Ecuador*. Quito: Abya – Yala, CEDIME.
- HARVEY, David. (2011). *O enigma do Capital*. Editora Boitempo, São Paulo.
- HARNECKER, M. (2010) *Movimientos políticos y sociales; Gobiernos de izquierda; Socialismo; América Latina*. Al Aire, Libro Ediciones.
<<http://biblioteca.clacso.edu.ar/Chile/inedh/20161214062259/socialismosxxiMH.pdf>>
[12.08.2019]
- HARNECKER, M. (2011a) “*Democracia y socialismo: el futuro enraizado en el presente*”. In: *Estudios Críticos del desarrollo*, Vol. I, N. 1, pp.151-182.
- HARNECKER, M. (2011b) *Ecuador: Una nueva izquierda en busca de la vida en plenitud*. Ediciones de intervención cultural, Edición española, El viejo topo.
- HEREDIA, Martínez, F. (2008). “Socialismo”. in: *Cuadernos de Pensamiento Critico RUTH* N°1, pp.13-39. Panamá: RUTH, Casa Editorial
- HERNÁNDEZ, Francisco, D. Moral. (2011) *Oferta de eletricidade e combustíveis: versões e subversões no problema energético brasileiro*. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Energia da Universidade de São Paulo.
< <http://www.iee.usp.br/producao/2011/Teses/teseFrancisco.pdf> > [15.11.2015]
- HIRATTA, Helena & KERGOAT, Daniele. (1994) *A Classe Operária Tem Dois Sexos*. *Revista Estudos Feministas*, ISSN 1806-9584, Florianópolis, Brasil. Disponível em
<<https://doi.org/10.1590/%25x>> [20.07.2016]
- HOOKS, Bell. (1995) *Intelectuais negras*. *Revista Estudos Feministas*. Ano 3, Segundo Semestre, ISSN 1806-9584, Florianópolis, Brasil.
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>> [12.02.2019]
- HUMBERTO FLORES, M. José. (2006) “El pensamiento de José Mariátegui.” *Revista Teoría y Praxis*, No. 9, Noviembre, pp.76-104. Disponível em
<<https://core.ac.uk/download/pdf/47263218.pdf>> [12.03.2019]
- IAMAMOTO, V. Marilda (2004) *Renovação e Conservadorismo no Serviço Social: Ensaios Críticos*. Editora Cortez, São Paulo, 7Ed.
- IANNI, Octávio. (1987) *A questão Nacional na América Latina*. Texto apresentado no Simpósio Interpretações Contemporâneas da América Latina, realização do Instituto de Estudos Avançados – Universidade de São Paulo, 24 e 25 de junho– Sala do Conselho Universitário.

- IANNI, Octávio (1993) *Formação do Estado Populista na América Latina*. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2.ed.
- IBARRA, Hernán. (1999) “Intelectuales, indígenas, neo indigenismo e indianismo en el Ecuador”. *Revista Ecuador Debate* (Quito: Caap) No. 48.
- IZKO, X. (2012) *La frontera invisible. Actividades extractivas, infraestructura y ambiente en la Amazonía ecuatoriana (2010-2030)*, Iniciativa para la Conservación de la Amazonía Ecuatoriana (ICCA), Quito, Ecuador.
- JAMES, C.R.L. (2010) *Os jacobinos negros: Toussaint de L’Ouverture e a Revolução de São Domingos*. 1ªEd. Boitempo, São Paulo.
- JÚNIOR, Gladstone L. da Silva (2014) *A Constituição do estado plurinacional da Bolívia como um instrumento de hegemonia de um projeto popular na América Latina*. Tese de Doutorado apresentada à faculdade de Direito da Universidade de Brasília. Disponível no Centro de Estudos Sociais (CES – Coimbra)
- KIMERLING, Judith. (1993) *Crudo amazónico*. Quito: Abya Yala.
- KLARE, Michael T. (2006) *Sangre y petróleo. Peligros y consecuencias de la dependencia del crudo*. Tradução de J. A. Bravo Urano, Barcelona.
- KLARE, Michael T. (2003) *Guerras por los recursos: El futuro escenario del conflicto global*. Barcelona: Ediciones Urano.
- KLARE, Michael T. (2012) *The race for what’s left: The global scramble for the world’s last resources*. New York: Picador.
- KOHAN, Néstor. (1999) *Marx em su (tercer) mundo: hacia um mundo no colonizado*. Biblos Argentina.
- KOHAN, Néstor. (2013) *Simón Bolívar y nuestra Independencia: Una lectura latino-americana*. Ediciones digitales de la Rosa Blindada.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. (2003) *Fundamentos de metodologia científica*. 5.ed., São Paulo, Atlas.
- LANDER, Edgardo. (1990) *Contribución a la crítica del marxismo realmente existente: verdad, ciencia y tecnología*. (Caracas: Universidad Central de Venezuela).
- LANDER, Edgardo.(2001) “Pensamiento crítico latinoamericano: la impugnación del eurocentrismo” em *Revista de Sociología* (Santiago: Departamento de Sociología, Universidad de Chile) N° 15.
- LARREA, Carlos et al. (2009) “Petróleo, sustentabilidad y desarrollo en la Amazonía Norte del Ecuador: dilemas para una transición hacia una sociedad post-petrolera”. In *Construyendo puentes entre Ecuador y Colombia*, Grace Jaramillo, Editora: 145-173. Quito: Serie Foro FLACSO.<https://biblio.flacsoandes.edu.ec/shared/biblio_view.php?bibid=111802&tab=opac> [12.05.2019]

- LARREA, Carlos. (2010a) *Petróleo o conservación en el Parque Yasuní: una opción histórica*. <http://www.campusvirtual.uasb.edu.ec/uisa/images/publicaciones/2010_larrea_yasuni.pdf>[04.03.2017]
- LARREA, A.M. (2010b) *La disputa de sentidos por el buen vivir como proceso contra-hegemónico*. In: Los nuevos retos de América Latina. Socialismo y sumak kawsay. SENPLADES, Quito, pp 15-27.
- LLASAG FERNANDEZ, Raul. (2017) *Constitucionalismo plurinacional en Ecuador y Bolivia a partir de los sistemas de vida de los pueblos indígenas*. Coimbra: [s.n.], Tese de doutoramento. Disponível <<http://hdl.handle.net/10316/36285>> [21.06.2018]
- LAUAR, A. S. Sander. (2019) *A CEPAL e a agenda pós-2000: Impactos dos ODM e dos ODS ao longo da última década*. Monografia apresentada ao Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.
- LE CALVEZ, Marc (2008). "El Rediseño de los sistemas de gobernanza petrolera en Ecuador y Venezuela". En *La Guerra del fuego. Políticas petroleras y crisis energética en América Latina*, Puyana, Alicia, Guillaume Fontaine (Coord.): pp. 53-73. Quito Ecuador: FLACSO.
- LEFF, E. (2001) *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Petrópolis: Vozes.
- LE GOFF, Jacques. (1996) *História e Memória*. Campinas: UNICAMP.
- LENIN, V. I (1986) *Duas táticas da social- democracia 1986 na revolução democrática*. In *Obras Escolhidas*, Vol.1 3ª ed. São Paulo: Alfa – Omega.
- LEQUANG, M. (2011a) *La Iniciativa Yasuní-ITT: Nuevos Derechos, Bien Común y Sociedad Pos petrolera*. Revista Línea Sur, Quito, Ecuador, Dossier No. 1, ISSN1390-6771, Vol. 1, Issue 1, dez.
- LEQUANG, M. (2011b) *La iniciativa Yasuní - ITT en los debates europeos (Actualidad)*. En: *Letras Verdes*, Quito: FLACSO Sede Ecuador. Programa de Estudios Socio ambientales, (no. 9, mayo-septiembre): pp. 89-96. <<http://hdl.handle.net/10469/3158>> [13.04.2017]
- LEQUANG, M. (2013) *Dejar el Petróleo bajo Tierra, La Iniciativa Yasuní-ITT*. Quito: Editorial IAEN, 128 p. 2013.
- LIISA L. North et al (2008). *Conflictos por tierras rurales y violación de derechos humanos en Ecuador*. In: *Desarrollo rural y neoliberalismo. Ecuador desde una perspectiva comparativa*. Editorial: Universidad Andina Simón Bolívar / Corporación Editora Nacional, Quito.
- LOWY, Michel. (1989). *Marxismo e cristianismo na América Latina*. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, (19), 05-22.
- LOWY, Michael. (2005) *Ecologia e Socialismo*. São Paulo: Cortez.

- LOWY, Michael. (2012) “Introdução – Pontos de referência para uma história do marxismo na América Latina.” In: M. LÖWY (org.), *O marxismo na América Latina – uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo
- LOWY, Michael. (2013) *Crise ecológica, crise capitalista, crise de civilização: a alternativa ecossocialista*. Caderno CRH, 26 (67), 79-86.
Disponível < <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792013000100006>> [21.05.2019]
- LOWY, Michael. (2016) *Utopias, ensaios sobre política, histórias e religião*. Unipop, levar devagar, Lisboa, Portugal.
- LUKACS, Georg. (1975) *História e consciência de classe: Estudos sobre a dialética marxista*. Editora Grijalbo
- LUZURIAGA, F, MIGUEL. (2016) *Inversiones chinas en Ecuador: Andes Petroleum y los Bloques 79 Y 83*. Centro de Estudios y desarrollo social – CDES.
<<https://grefi.info/wp-content/uploads/2017/02/INVERSIONES-CHINAS-EN-ECUADOR-CDES-2.pdf>>
- MACHADO, Décio & Zibechi, Raul. (2017) *Cambiar el mundo desde arriba: Los límites del progresismo*. Editora – Zambra, 1º Edição.
- MALERBA, Juliana (Orgs.) (2014) *Diferentes formas de dizer não: Experiências de resistência, restrição e proibição ao extrativismo mineral*. 1ª Ed, dezembro, FASE, Núcleo de Estudos e Pesquisas Socio ambientais (NESA/UFJJ) Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade (Poemas /UFJF/UFF).
- MALDONADO, José, F., Larrea. (2018) *Estado e movimento indígena no Equador: do multiculturalismo neoliberal ao Estado plurinacional degradado (1990-2017)*. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia
<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/26109/1/Tese%20vers%C3%A3o%20final%20encadernada%20Fernando%20Larrea.pdf>> [12.04.2019]
- MALDONADO, Adolfo & NARVÁEZ, Alberto (2003). *Ecuador ni es, ni será ya, país amazónico. Inventario de impactos petroleros*. Quito, Ecuador: Acción Ecológica.
- MAYORAL, M. Fernando. (2012) “El desempeño de la Economía Ecuatoriana durante el gobierno del economista Rafael Correa.” in MANTILLA, S. et al. *Rafael Correa, balance de la Revolución Ciudadana*. Quito: Centro Latinoamericano de Estudios Políticos: Editorial Planeta del Ecuador S.A. (pp.237-266).
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Métodos Científicos. In: _____. *Técnicas de Pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000, pp. 83-115.
- MARINI, Ruy Mauro. (1985) *Subdesarrollo y revolución*. Siglo XXI: México.
- MARINI, Ruy Mauro. (1992) *América Latina dependência e integração*. Editora Página Aberta Ltda., Primeira Edição, São Paulo.

- MARINI, Ruy Mauro. (2000) *Dialética da Dependência*, Petrópolis: Vozes.
- MARINI, Ruy Mauro. (2012) *Subdesenvolvimento e Revolução*. Editora Insular, Florianópolis.
- MARQUES, G. Garcia. (2014) A solidão na América Latina. Revista Unila, Vol. 2, Num. 1, p. 12-14. <<https://revistas.unila.edu.br/IMEA-UNILA/article/download/251/247>> [10.03.2017]
- MARTÍNEZ ALMOYNA, Julio. (2004) *Dicionário de Espanhol/Português*. Porto Editora, 1068p. 2ª Edição.
- MARTÍNEZ, Esperanza. (2008) *Más de 100 buenas razones para no sacar el petróleo del Yasuní*. Pachamama, Amazon Watch, Action Aid. Quito. <<http://www.amazoniaporlavida.org>> 06.07.2019
- MARTÍNEZ, Esperanza. (2009) “Impactos y rutas del petróleo”. Ponencia presentada en el Foro Internacional sobre petróleo y salud, Junio 17-18, en Quito, Ecuador.
- MARTÍNEZ ALIER, Joan. (2004). El ecologismo de los pobres. Conflictos ambientales y lenguajes de valoración. Barcelona: Icaria editorial.
- MARTÍNEZ ALIER, Joan. (2008). “Prefacio”. En Territorios y recursos naturales: el saqueo versus el buen vivir, Sally Burch, Eduardo Tamayo G. y Juan Pablo Corral, editores: 11-18. Quito: Agencia Latinoamericana de Información-ALAI y Broederlijk Delen
- MARTÍNEZ, J. Allier (2013) *Venturas y Desventuras de la Iniciativa Yasuní ITT* in BÁEZ, René & ROSERO, Andrés. “Sacralización y desacralización del Yasuní.” Serie: Cuadernos Políticos, Centro de Pensamiento Crítico, Ecuador: Quito.
- MARIÁTEGUI, José, Carlos. (2008) *Sete Ensaios de Interpretação da realidade peruana*. Expressão Popular: Coleção Pensamento Social Latino-Americano, São Paulo.
- MARTINEZ ABARCA, Juan Mateo. (2011) *El cascabel del gatopardo, la Revolución Ciudadana y su relación con el movimiento indígena*. Ediciones Abya-Yala, Quito, Ecuador.
- MARTIN, Pamela L., (2011) *Oil in the Soil*. The Politics of Paying to Preserve the Amazon. Rowman & Littlefield Publishers, Inc., Maryland.
- MARTINS, José de Souza. (2002) *A sociedade vista do abismo; Novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais*. Petrópolis: Vozes.
- MARTINS, José de Souza. (2014) *Uma sociologia da vida cotidiana – ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre*. Editora Contexto: São Paulo.
- MARTINS, C. Eduardo. (2018). “A teoria marxista da dependência à luz de Marx e do capitalismo contemporâneo.” *Cadernos CRH*, 31(84),463-481. Disponível em< <https://dx.doi.org/10.1590/s0103-49792018000300003>> [20.06.2018]
- MARX, Karl. (1983) *Contribuição à Crítica da Economia Política*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.

- MARX, Karl. (1990) *O Capital*. Livro Primeiro, Tomo I, Edição Avante, Lisboa.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. (2002) *Manifesto comunista*. Editora Boitempo, São Paulo, 3ª reimpressão.
- MARX, Karl. (2007) *Teses sobre Feuerbach*. Tradução: Marcelo Backes, Rio de Janeiro: Editora: Civilização Brasileira.
- MAUGERI, L. (2012) “Oil: the next revolution. The unprecedented upsurge of oil production capacity and what it means for the world.” *Cambridge: Harvard Kennedy School*, 75p.
- MELO, Milena Petters; BURCKHART, Thiago. (2017) *A refundação do estado e o pluralismo no novo constitucionalismo latino-americano*. Revista Eletrônica Direito e Política, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, v.12, n.1, 1o quadrimestre. Disponível em <www.univali.br/direitoepolitica> [10.01.2019]
- MENDES, O. M. de José. (2003) *Perguntar não basta, é preciso analisar: algumas reflexões metodológicas*. Publicado pelo Centro de Estudos Sociais (CES), Oficina, Coimbra. Consultado a 10.04.2017 em <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/194/194.pdf>>
- MENDES, José, Manuel. (2017) “Introdução.” In SANTOS, Boaventura, S. & MENDES, José, Manuel. (2017) *Demodiversidade: imaginar novas possibilidades democráticas*. Edições 70.
- MENDONZA, A. Karen (2008) *La gobernanza ambiental en el Ecuador: El conflicto alrededor de la licencia ambiental en bloque 31, en el parque nacional Yasuní*. Observatório Socio Ambiental – Working Paper No 005 – 2008/03.
- MENESES, Maria Paula (2008), Reconfigurações identitárias e a fractura colonial: a encruzilhada de histórias esquecimentos e memórias. (mimeo.)
- MENON, Gustavo (2013) *A Revolução Cidadã, o governo Rafael Corrêa e os movimentos indígenas no Equador*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
Disponível <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/3491/1/Gustavo%20Menon.pdf>> [10.01.2019]
- MIGNOLO, Walter. (2009) *La idea de América Latina (la derecha, la izquierda y la opción decolonial)*. Crítica y Emancipación, Año I, Primer Semestre.
- MILANEZ, Bruno. (2014). Equador: deixar o petróleo no subsolo. In *Diferentes Formas de Dizer Não. Experiências internacionais de resistência, restrição e proibição ao extrativismo mineral*, Publisher: Fase, Org, Julianna Malerba, pp.191-217
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). (2001) *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes.
- MITSCHEIN, Thomas (2001), “Os caminhos incertos do desenvolvimento sustentável na Amazônia”. *Revista Poematropic*, 7, janeiro/junho.

- MOREANO, Alejandro. (2008) "Agustín Cueva hoy." In CUEVA, Agustín. (2008) *Entre la ira y la esperanza*. Colección Pensamiento Crítico Latinoamericano, CLACSO, Bogotá, pp.09-28.
- NARVÁEZ, Ivan. (1997) Manejo sustentable de recursos naturales. In 25 años de exportación del crudo oriente, pasado el futuro del petróleo en Ecuador. Flacso, Quito: Ecuador.
<https://flacsoandes.edu.ec/web/imagesFTP/1288024296.Manejo_sustentable_de_recursos_naturales___Ivan_Narvaez.pdf>
- NARVÁEZ, Ivan. (2004) *Derecho ambiental y sociología ambiental*. Jurídica Cevallos, Quito
- NARVÁEZ, Roberto. (2014) Intercambio, guerra y venganza: el lanceamiento de Ompore Omehuai y su esposa Buganei Caiga. *Antropología Cuadernos de investigación*, N.16, pp. 99-110.
<<http://www.cuadernosdeantropologia-puce.edu.ec/index.php/antropologia/article/view/27>> [12.07.2019]
- NGUYEN, H. David, et al (2013) *The Yasuní ITT Initiative - A revolutionary idea doomed to fail?* Cover page for the project report – 1st semester
Disponível <<https://core.ac.uk/download/pdf/43027316.pdf>>[01.05.2019]
- O'CONNOR, J. (2002) *¿Es posible el Capitalismo sostenible?* In: ALIMONDA, H. (Org.). *Ecología política, naturaleza, sociedad y utopía*. Buenos Aires: CLACSO.
- OCHOA, David. (2014) Debate sobre el proyecto de enmiendas constitucionales. In: Soares, Alessandro. (2017) *A democracia direta no constitucionalismo latino americano e europeu: análise compara de Venezuela, Equador, Brasil e Espanha*. Editora Libertas
- OILWATCH (2005). *Asalto al paraíso: empresas petroleras en áreas protegidas*. Quito: Oilwatch.
- OLEAS MONTALVO, Julio. (2017). *Ecuador 1980-1990: crisis, ajuste y cambio de régimen de desarrollo*. *América Latina en la historia económica*, 24(1), 210-242.
<<https://dx.doi.org/10.18232/alhe.v24i1.724>> [16.04.2019]
- OLIVEIRA, A. (2007) A política africana da China. (Mimeo). In PINELI ALVES, G. M. André. (2010) *Os interesses econômicos da China na África*. Publicações do IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em
<http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4751/1/BEPI_n1_interesses.pdf>
[12.07.2019]
- OLIVEIRA, Francisco (2003) *Crítica a razão dualista: o Ornitórrinco*. Editora Boitempo, São Paulo.
- ORDÓÑEZ, Darwin. (2006) *Ecuador: Comercio exterior y coeficiente de apertura de la economía 2000 – 2004*. Observatorio de la Economía Internacional, (61).
<<http://www.eumed.net/cursecon/ecolat/index.htm>> [12.05.2019]
- ORDÓÑEZ, D. & HINOJOSA, S. (2014) *La política exterior del Ecuador en el marco del Plan Nacional del Buen Vivir*. *Revista Retos*, 8(1), 143-156.

- OROZCO MEDINA, Mónica Cecilia. (2012) Una política sin rumbo: el caso de la política petrolera ecuatoriana 2005-2010. Maestría en Ciencias Sociales con mención en Gobernanza Energética; FLACSO - Sede Ecuador. Quito. 118 p. Disponible em <http://hdl.handle.net/10469/3912> [12.05.2019]
- OSPINA PERALTA., et al (2013) *Estamos haciendo mejor las cosas con el mismo modelo antes que cambiarlo: La revolución Ciudadana en Ecuador, 2007-2012*. Instituto de Estudios Ecuatorianos (IEE) / Centro de Estudios para el Desarrollo Laboral y Agrario (CEDLA) / Centro Internacional Miranda (CIM), La Paz, Bolivia.
<<http://repositorio.uasb.edu.ec/bitstream/10644/3809/1/Ospina%2C%20P-CON-012-Estamos.pdf>>[10.02.2016]
- OSORIO, Jaime (2016) A Teoria Marxista da Dependência Revisitada / Worldwide System and the Forms of Capitalism: Marxist Dependency Theory Revisited. *Revista Direito e Práxis*, [S.l.], v. 7, n. 1, p. 494-539, mar.
Disponible <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/21820>>
- PACHANO, Simon. (2011) *Calidad de la democracia e instituciones políticas en Bolivia, Ecuador y Perú*. Quito, Flacso.
- PACHANO, Simon. (2007) *La trama de Penélope*. Quito, Flacso-Ágora Democrática-Idea-Inmd
- PAGNOTTA, Chiara. (2014) *La migración ecuatoriana a España e Italia: Historias, memorias e identidades, 1995-2007*. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, Corporación Editora Nacional, 132 págs.
- PAGNOTTA, Chiara (2009) “La identidad nacional ecuatoriana entre límites externos y internos.” *Amérique Latine Histoire et Mémoire. Les Cahiers ALHIM* [En línea], 16. Disponible em <<https://journals.openedition.org/alhim/3061#quotation>> [21.05.2018]
- PALAZUELOS, Enrique (dir.). (2008) *El Petróleo y el gas en la Geoestrategia Mundial*. Madrid: Ediciones Akal.
- PAREDES, L. Pablo. (2012) *El modelo ecuatoriano?* in MANTILLA, S. et al. *Rafael Correa, balance de la Revolución Ciudadana*. Quito: Centro Latinoamericano de Estudios Políticos: Editorial Planeta del Ecuador S.A. (pp.125-150).
- PARGA, Sánchez (1994) “Estado VS Democracia: critica a razón del Estado.” SCHELLSHIMIDT, Peter & GUILLÉN, Alejandro (Cords.) *Democracia y Desarrollo*. ILDIS, Instituto de latino-americano de Investigaciones Sociales. Vol. I, Cuenca – Ecuador (pp.09-32).
- PARGA, Sánchez, J. (2005) Sin (creciente) inequidad no hay crecimiento económico. in *Revista Socialismo y Participación*, Centro de Estudios para el desarrollo y la participación (CEDEP) Perú, n.93, pp. 11-27.
- PARGA, Sánchez, J. (2009) *Sistema Política: Fracturas y derrumbe bajo el impacto neoliberal*. In del CASTILLO, M. Ángel (Ed.) “Ecuador contemporáneo: análisis y alternativas actuales.” Murcia: Universidad de Murcia, Servicios de Publicaciones, 350p (pp.73-122).

- PARGA, Sánchez, J. (2010) *El movimiento indígena ecuatoriano: la larga ruta de la comunidad al partido*. Centro Andino de Acción Popular (CAAP), Ediciones Abya Yala – Quito, Ecuador.
- PARGA, Sánchez, J. (2014) A. *El modelo de Estado Plurinacional en Ecuador: Ideas y reflexiones*. Revista Antropología Experimental, n.14. Universidad de Jaén (España) monográfico: Políticas del Sumak Kawsay, 7:91-107.
- PARTLOW, J. (2009) *Latin America's Document-Driven Revolutions*. The Washington Post, p. A01, 17 February.
- PASCAL, Cleo (2010) *Global Warring. How environmental, economic and political crises will redraw the World map*, Palgrave, New York.
- PAZ, Miño & CEPEDA, Juan J. (2012) Luces y sombras de las revolución ciudadana (Política Pública). En La Tendencia. Revista de Análisis Político. Movimientos sociales, mujeres, gobierno, Quito: FES-ILDIS, (no. 13, abril-mayo): pp. 73-76. ISSN: 13902571
- PEDROSO, S. Carolina. (2009) *Conjuntura política do Equador: os significados da reeleição de Rafael Correa e os desafios à estabilidade democrática*. Artigo apresentado no 18º Encontro de Iniciação Científica da PUC-SP, outubro.
- PEREIRA, Ferreira, M. António (2018) A utopia na história do petróleo. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10451/35463>> 12.04.2019
- PINTO, Álvaro Viera (2008) *A sociologia nos países subdesenvolvidos*. Editora Contraponto, Brasil.
- PIRES, S. J. Murilo & RAMOS, Pedro (2009) *O Termo Modernização Conservadora: Sua Origem e Utilização no Brasil*. Revista Económica do Nordeste, Vol. 40, n.3, Julho- Set. <<https://www.bnb.gov.br/projwebren/Exec/artigoRenPDF.aspx>> [03.03.2017]
- POCHMANN, Márcio. (2014) *O mito da grande classe média: capitalismo e estrutura social*. São Paulo: Boitempo, 148 p.
- PRADO JR., Caio. (1961) *Esboço dos fundamentos da teoria econômica*. São Paulo: Brasiliense.
- PRADO JR., Caio. (1983) *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense.
- PRADO JR., Caio. (2001) *Teoria Marxista do conhecimento e método dialético materialista*. < <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/caio.html> >[10.05.2016]
- PRADO JR., Caio. (2004) *A Revolução Brasileira*. 7a ed. São Paulo: Brasiliense.
- PRETI D. (Org.) (1999) *O discurso oral culto*. 2a. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP – (Projetos Paralelos. V.2) 224p.
- QUIJANO, Aníbal. (2001) *El regreso del futuro y las cuestiones del conocimiento*. Revista Crítica de Ciências Sociais, N. 61. Centro de Investigaciones Sociales, Peru-Lima.

- QUIJANO, Aníbal. (2002), “Colonialidade, poder, globalização e democracia”. Revista Novos Rumos, Edição 37(17).
Disponível<<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/novosrumos/article/view/2192>>[12.07.2018]
- QUIJANO, Aníbal. (2014) "Polo marginal" y "mano de obra marginal" In Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder. Colección Antologías, Clacso.
Disponível<<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140506023535/eje1-2.pdf>> [02.04.2019]
- RAGO, F. António. (2010) *A teoria da Via Colonial de objetivação do capital no Brasil: J. Chasin e a crítica ontológica do capital atrofico*. Verinotio – Revista on-line. Espaço de interlocução em ciências humanas de educação e ciências humanas n. 11, Ano VI, abril. Semestral. <<http://www.verinotio.org/conteudo/0.44345918339068.pdf>> [20.01.2015]
- RAMIREZ, G. René. (2018) *La vida y el tiempo Apuntes para una teoría ucrónica de la vida buena a partir de la historia reciente del Ecuador*. Tesis de doctorado en “Sociología de las Relaciones de Trabajo, Desigualdades Sociales y Sindicalismo” presentada en la Facultad de Economía de la Universidad de Coimbra
- RAMOS, Alberto Guerreiro. (1995) *Introdução crítica à sociologia brasileira*. 2ª. Edição. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.
- RAMOS, Alberto Guerreiro. (1963) *Mito e verdade da Revolução Brasileira*. Editora Zahar, Rio de Janeiro.
- RATTZ, Alex. (2006) *Beatriz Nascimento, Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. Instituto Kuanza, São Paulo.
- RESTREPO, Marco et al. (1991) *Frontera Amazónica. Historia de un problema*. Centro de Documentación e Investigación de los Movimientos Sociales del Ecuador - CEDIME. Quito.
- RETAMAR, F. Roberto. (2005) *Todo Caliban*. Biblioteca Clacso, Buenos Aires[1971].
Disponível em<<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/caliban/caliban1.pdf>>
- RETAMAR, F. Roberto. (2016) “Fanon y la América Latina”. In: *Pensamiento Anticolonial de Nuestra América*, Buenos Aires [1975].
- REIS, M. Ciro. & MACHADO, S. Mônica. (2014) *A geografia do petróleo em transição: considerações a partir das descobertas de fontes não convencionais de petróleo na América*. Geo UERJ. Rio de Janeiro – Ano 16, n. 25, v.2, 2º semestre, pp.419-457.
<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/12864>> [10.08.2018]
- REYES VIOLA, Carolina (2014) *El petróleo y el gas en la geopolítica de la integración energética suramericana*. Tesis para obtener el Título de maestría en ciencias sociales con mención en Gobernanza Energética Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales Sede Ecuador Departamento de Desarrollo, Ambiente y Territorio convocatoria 2010-2012.

- REVELO HERRERA, Stalin Gonzalo (2019) “El “vacío sindical” como hegemonía empresarial en el sector bananero.” *Revista Análisis*. Disponível em <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/quito/15494-20190606.pdf>> [10.09.2019]
- RIBEIRO António Sousa, (2002) As Humanidades como utopia. in RIBEIRO, A. S & FERREIRA, Claudino (2002) “Globalização: fatalidade ou utopia.” *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 63 | 2002, colocado online no dia 01 outubro 2012. <<https://journals.openedition.org/rccs/846>> [23.04.2017]
- RIBEIRO, Darcy. (1988) *O dilema da América Latina: O Dilema da América Latina: estruturas de poder e forças insurgentes*. Petrópolis: Vozes.
- RIBEIRO, Darcy. (1994) *Cadernos de Campo*. São Paulo, nº 04, p.103-123. Consultado a 10.08.2018 em <<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50724/54837>>
- RIBEIRO, Darcy. (1995) *O povo brasileiro a formação e o sentido do Brasil*. Companhia das Letras, 2. Ed. São Paulo.
- RIVAL, Laura. (1997) Modernité et politiques identitaires dans une société amazonienne. *Cahiers des Amériques Latines*, 23: 122-142.
- RIVAL, Laura. (2010) Ecuador's Yasuní-ITT Initiative: The old and new values of petroleum. <<https://ideas.repec.org/a/eee/ecolect/v70y2010i2p358-365.html>> [27.06.2019]
- RIVAS, Edelberto, Torres. (1988) “Centroamérica: democracia de baja intensidad.” *Revista Estudios Latinoamericanos*, Universidad Nacional Autónoma do México (UNAM), Vol. 3. N. 05 Ciudad Universitaria, Delegación Coyoacán. <<http://www.revistas.unam.mx/index.php/rel/article/view/47231>> [13.05.2018]
- RIVERA Cusicanqui, Silvia. (2010) *Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Buenos Aires: Tinta Limón, Pinturas. 80 pp.
- RODRÍGUES, Garavito, C. (2011) *Beyond the Courtroom: The Impact of Judicial Activism on Socioeconomic Rights in Latin America*. *Journal Texas Law Review*, vol.89, November. <<http://wiego.org/publications/beyond-courtroom-impact-judicial-activism-socioeconomic-rights-latin-america>> [20.08.2015]
- RODRIGUES, D. do Socorro & ARAUJO, M. L., Ronaldo (2018) *Trabalho e educação: investigações em comunidades tradicionais – a emergência de um novo*. In Rodrigues et al (2018) “Trabalho e Educação nas Comunidades Tradicionais.” *Revista Trabalho Necessário*, Vol. 16, Nº 31. <<http://periodicos.uff.br/trabalhonecessario>> 10.04.2019
- RODRIGUES S. Bernardo & PADULA, Raphael (2017) “Geopolítica do lítio no século XXI.” *Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais* e-ISSN 2238-6912 | ISSN 2238-6262| v.6, n.11, Jan./Jun. | p.197-220
- RODRÍGUEZ MAESO, Silvia. (2010) “Ciudadanos Indígenas, Racismo y Luchas Políticas en Una Comunidad de la Periferia de Quito”. *E-Cadernos Ces*, 7, 94-122.
- ROSA, Guimarães. (1994) *Grande Sertão Veredas*. Editora Nova Aguillar. Disponível

<http://stoa.usp.br/carloshgn/files/-1/20292/GrandeSertoVeredasGuimaresRosa.pdf>

- ROUSSEAU, J. J. (1996) *O contrato social: princípios de direito político*. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes.
- ROVERE, Franco. (1977) El peinado y las posiciones corporales, el mundo de lo Shuar. Centro de Documentación, Investigación y publicaciones SUCUA (Morona Santiago) - Ecuador.
- SALGADO RODRIGUES, B. (2015) *Geopolítica dos recursos naturais estratégicos sul-americanos no século XXI*. Dissertação de Mestrado defendida na Faculdade de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.
- SÁNCHEZ-VÁZQUEZ, A. (1978). *As ideias estéticas de Marx*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.
- SAWYER, Suzana (2004). *Crude chronicles: indigenous politics, multinational oil, and neoliberalism in Ecuador*. Durham: Duke University Press.
- SANAHUJA, José Antonio (2008). “Del “regionalismo abierto” al “regionalismo post-liberal”. Crisis y cambio en la integración regional en América Latina”. En: *Anuario de la Integración Regional de América Latina y el Gran Caribe 2008-2009*. Laneydi Martínez Alfonso, Lázaro Peña, Mariana Vázquez (Coord.): pp. 11-51. Buenos Aires, Argentina: Coordinadora Regional de Investigaciones Económicas y Sociales.
- SANTOS, Milton (2006b) “Por uma epistemologia existencial.” in LEMOS *et al* (2006) *Questões Territoriais na América Latina*. CLACSO, São Paulo: Universidade de São Paulo, 296p.
- SANTAMARÍA, Ramiro, A. & LLERENA, B. Gina. (2012) “El desarrollo normativo como garantía de derechos, balance de la producción legislativa de la Asamblea Nacional.” in MANTILLA, S. et al. *Rafael Correa, balance de la Revolución Ciudadana*. Quito: Centro Latinoamericano de Estudios Políticos: Editorial Planeta del Ecuador S.A. (187-218)
- SANTAMARIA, Ramiro, A. (2011) *El neo constitucionalismo transformador: el Estado y el derecho en la Constitución de 2008*. Producciones digitales Abya-Yala, Quito, Ecuador.
- SANTAMARIA, Ramiro, A. (2016) *La utopía en el constitucionalismo andino*. Tesis de Doctorado defendida en Departamento de Derecho Constitucional, administrativo y Filosofía del Derecho, Facultad de Derecho de la Universidad de País Vasco.
- SANTOS, Boaventura, S. & MENESES, P. Maria (Orgs). (2010) *Epistemologias do Sul*. Edições Almedina, 2ª Edição. Coimbra, Portugal.
- SANTOS, Boaventura, S. & RODRÍGUEZ, José, L. et al, (2012) *Justicia indígena, plurinacionalidad e interculturalidad en Bolivia*. 1 Ed. Fundación Rosa Luxemburg/ AbyaYala, La Paz – Bolivia, Octubre.
- SANTOS, Boaventura, S. & GRIJALVA, Jiménez et al. (2013) *Justicia indígena, plurinacionalidad e interculturalidad en Ecuador*. 1 Ed. Fundación Rosa Luxemburg/ Abya-yala, Quito – Ecuador, Febrero.

- SANTOS, Boaventura, S. (1999) *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 7a ed. Porto: Edições Afrontamentos.
- SANTOS, Boaventura, S. (2001) *A reinvenção do Estado in A cor do tempo quando foge – Crônicas 1985-2000*, Edições Afrontamento, p.175-177.
- SANTOS, Boaventura, S. (2002) *Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências*. Revista Crítica de Ciências Sociais, 63, outubro, 237-280.
- SANTOS, Boaventura, S. (2003a) *Poderá o direito ser emancipatório*. <http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/podera_o_direito_ser_emancipatorio_RCCS65.PDF> [24.03.2017]
- SANTOS, Boaventura, S. (2003b) “Entre próspero e Caliban colonialismo, pós-colonialismo e Inter identidade”. in Ramalho, Maria Irene; Sousa Ribeiro, António (Orgs.), *Entre Ser e Estar: Raízes, Percursos e Discursos de Identidade*. Porto: Afrontamento, disponível <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/81691/1/Entre%20Prospero%20e%20Caliban_colonialismo%2C%20pos-colonialismo%20e%20inter-identidade.pdf> [20.02.2019]
- SANTOS, Boaventura (Orgs.). (2004) *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo cultural*. Coleção: Reinventar a Emancipação Social: Para Novos Manifestos/3. Edições Afrontamento, Portugal.
- SANTOS, Boaventura, S. (2005) *El milenio huérfano. Ensayos para una nueva cultura política*. Madrid, Trotta.
- SANTOS, Boaventura, S. (2006a) *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. Edições Afrontamento, Porto.
- SANTOS, Boaventura, S. (2006c) *Conocer desde el Sur. Para una cultura política emancipatória*. Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima.
- SANTOS, Boaventura, S. (2007) "Socialismo do Século XXI". Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0706200709.htm>> [06.07.2018]
- SANTOS, Boaventura. (2008) “A filosofia à venda, a aposta pascal e a douta ignorância”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, Março: pp.11-43. <https://www.ces.uc.pt/bss/documentos/A_filosofia_a_venda_RCCS80_Marco2008.pdf> [06.07.2018]
- SANTOS, Boaventura, S. (2009) *Pensar el estado y la sociedad: Desafíos actuales*. 1 Ed. Bueno Aires: Waldhuter Editores.
- SANTOS, Boaventura, S. (2010a) *Refundación del Estado en América Latina: perspectivas desde una epistemología del Sul*. Lima: Red Latino-americana de Antropología Jurídica (RELAJU).
- SANTOS, Boaventura, S. (2010b) *O fascismo financeiro*. Disponível <http://visao.sapo.pt/opiniao/opiniao_boaventuradesousasantos/o-fascismo-financeiro=f557852> [21.04.2015]

- SANTOS, Boaventura, S. (2012a) *El Socialismo del Buen Vivir. Agenda Latinoamericana*. <<http://servicioskoinonia.org/agenda/archivo/obra.php>> [12.04.2015]
- SANTOS, Boaventura, S. (2015) *O direito dos oprimidos*. Editora Almedina, S.A., Coimbra.
- SANTOS, Boaventura, S. (2016a) *É possível descolonizar o marxismo? Capitalismo, colonialismo e patriarcado*. Aula Magistral realizada em Abril de 2016 <<http://saladeimprensa.ces.uc.pt/>> [20.10.2016]
- SANTOS, Boaventura, S. (2016b) *Reinventar as esquerdas, a difícil democracia*. Editora Boitempo, São Paulo.
- SANTOS, Boaventura, S. (2017e) *Bifurcações da Ordem, Revolução, Cidade, Campo e Indignação*. Edições Almedina, Coimbra.
- SANTOS, Boaventura, S. (2017d) *Demodiversidade: imaginar novas possibilidades democráticas*. Edições 70.
- SANTOS, Boaventura, S. (2018a) *O fim do império cognitivo, a afirmação das epistemologias do Sul*. Edições Almedina.
- SANTOS, Boaventura, S. (2018b) “Construindo as Epistemologias do Sul”. Volume II (Buenos Aires: CLACSO, nov. *Coleção Antologias do Pensamento Social Latino-americano e Caribenho*).<http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Antologia_Boaventura_PT2.pdf> [21.04.2019]
- SANTOS, Boaventura (2018c) O colonialismo insidioso. Artigo de opinião disponível em <<https://www.publico.pt/2018/03/30/sociedade/opinia/o-colonialismo-insidioso-1808254>> [05.06.2018]
- SANTOS, Boaventura (2018d) Vivemos um ciclo reacionário diferente, que tenta acabar com a distinção entre ditadura e democracia. Entrevista para o jornal El Pais Brasil. Disponível<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/02/internacional/1541181915_050896.html> [09.07.2019]
- SANTOS, Elaine (2016d) *Una cosa es con guitarra otra con violín: Dilemas acerca da exploração petrolífera no Equador*. Editora Novas edições Académicas, Verlag, Alemanha.
- SANTOS, Santana, Roberto. (2019) *O capitalismo dependente brasileiro e a globalização neoliberal: três momentos de uma inserção subalterna (1980-2016)*. Tese apresentada para obtenção do título de Doutor ao Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
- SANTOS, R. G. (2010b) “A institucionalização da dogmática jurídico-canônica medieval.” in WOLKMER, A. C (Orgs.). *Fundamentos de história do direito*. 5. Ed. Belo Horizonte: Del Rey.

- SANTOS, V. T. José. & BAUMGARTEN, Maíra. (2005) *Contribuições da Sociologia na América Latina à imaginação sociológica: análise, crítica e compromisso social*. Sociologias, Porto Alegre, n 4, julho - Dez, p. 178-243.
- SANTOS, Braulio de Magalhães. (2013) “O Estado plurinacional e os desafios à democracia comunitária na América Latina.” *Revista de la Secretaría del Tribunal Permanente de Revisión*. Año 1, Nº 2.
- SANTRICH, Jesús. (2018) *El pensamiento social de Jesús Santrich (Antología)*. Alfonsina Storni, Rubén Darío y Paulo Freire, prólogo y compilación. Volumen combinado. New York, Ediciones Espartaco, 1a ed. abril.
- SAWYER, Suzana. (2004) *Crude chronicles: indigenous politics, multinational oil, and neoliberalism in Ecuador*. Durham: Duke University Press.
- SEN, Amartya. (2000) *Desenvolvimento como Liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SHANIN, T. (org.). (2017) *Marx tardio e a via russa – Marx e as periferias do capitalismo*. São Paulo, Expressão Popular, 383 p.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. (2018) A imagem da sobre capa. In SCHWARCZ, Lilia Moritz & GOMES, Flávio S. (Orgs.) (2018) *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos*. — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras. (pp.12-13).
- SCHULDT, JÜRGEN et al (2009) *Extractivismo, política y sociedad*. Editores: Centro Andino de Acción Popular – (CAAP), Centro Latino-americano de Ecología Social (CLAES). Disponível em <<https://www.rosalux.org.ec/producto/extractivismo-politica-y-sociedad/>> [21.02.2019]
- SILVA, Clea. (1968) “The errors of the foco theory.” Regis Dabray and the Latin American Revolution, a collection of essays. New York: *Journal Monthly Review*.
- SILVA, V. Erick (2017) *Marxismo, Eurocentrismo e América Latina: uma análise a partir da obra de José Carlos Mariátegui*. Dissertação de Mestrado em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS). <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/172982/001060680.pdf>> [21.07.2019]
- SILVEIRA, M. (2011) *Estado plurinacional: tensões de territorialidades no processo de refundação do Estado-Nação equatoriano*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Niterói: PPGEU/UFF.
- SOARES, Mário, L. Q. (2004) *Teoria do Estado, Introdução*. 2 Ed. Revista Atualizada, Del Rey, Belo Horizonte.
- SOARES, Alessandro (2017) *A democracia direta no Constitucionalismo latino americano e europeu: análise comparada de Venezuela, Equador, Brasil e Espanha*. 1 Ed. Editora Liberars
- SOLIS, O. Alexandra. (2018) "Yunchu y Untri Tsuakri Irutkamu Sukunumia" "Medicina ancestral Shuar en el Cantón Sucúa".

Disponível <https://issuu.com/alexandraortiz2/docs/libro_gad_alexandra_ortiz> [12.05.2019]

SOUZA, Rogério, Luiz de. (1999) “Os 500 anos – A conquista interminável de Rampinelli, Waldir & Ouriques, Nildo (Orgs.)”. *Revista Lutas Sociais* Revista do Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais (NEILS), Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais – PUC/SP, n. 06, pp.177-183.

SOUZA, Jessé. (2009) *A ralé do Brasil, quem é e como vive*. Editora UFMG, Minas Gerais.

SOUZA, Jessé. (2018) *A classe média no espelho*. Rio de Janeiro: Estação Brasil.

SOUZA, Netto, J. L.; IOCOHAMA, C. H. (2012) A evolução da jurisdição para uma perspectiva transformadora: a necessária compreensão crítica da realidade por meio da filosofia da linguagem e da hermenêutica fenomenológica. In: ENCONTRO NACIONAL DO CONPEDI (nº 21. 2012. Uberlândia-MG). Anais do XXI Encontro Nacional do CONPEDI. Florianópolis: Fundação Boiteux, p. 10485-10507.

STOLOWICZ, Beatriz. (1992) *Para entender a América Latina: Agustín Cueva*. Revista Política e Cultura, N. 1 Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Xochimilco, Distrito Federal, México.

STOLOWICZ, Beatriz. (2010) *El “pos neoliberalismo” y la reconfiguración del capitalismo en América Latina. Ponencia presentada en el VII Seminario Internacional Marx Vive: América Latina en disputa*. Proyectos políticos y (re)configuración del poder. Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, 29 de octubre.

SVAMPA, Maristela. (2019) *Las fronteras del neoextractivismo en América Latina: Conflictos socio ambientales, giro eco territorial y nuevas dependencias*. CALAS, Alemanha. Disponível <http://calas.lat/sites/default/files/svampa_neoextractivismo.pdf>

TAVARES, Elaine. (2019) *Terra e Território na América Latina – o desafio indígena na era do capital*. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio Econômico, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Florianópolis, 235 p.

TAPIA, Luís. (2007) *Una reflexión sobre la idea de Estado plurinacional*. OSAL Buenos Aires: CLACSO, VIII, N.22, set. <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal22/D22Tapia.pdf>> [15.06.2016]

TAPIA, C. Pedro & VARGAS, Sebastião (Orgs.). (2018) *Pensamiento Indígena en Nuestramérica: Debates y Propuestas en la Mesa de Hoy*. Colección Estudios de las Ideas, Santiago do Chile, Vol. 3. <<https://biblio.flacsoandes.edu.ec/catalog/resGet.php?resId=57124>> [03.04.2019]

TANIGUTI, T. Gustavo. *et al* (2012) *Entrevista como Michael Burawoy*. PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.19.1, pp.149-159. <<http://burawoy.berkeley.edu/Biography/Interview.Plural.Brazil.pdf>> [11.01.2016]

TORTOSA, J.M. (2001) *El juego global. Mal desarrollo y pobreza en el capitalismo global*. Icaria, Barcelona.

- TORTOSA, J. Maria. (2009) *Sumak Kawsay, Suma Qamaña, Buen Vivir*. Fundacion Carolina, Madrid. Disponível em <<http://www.rebellion.org/noticia.php?id=90660>> [11.08.2018]
- TORRES FILHO, Ernani T. (2004a) “Petróleo: concorrência, regulação e estratégia”, *Revista Economia Política Internacional*, no. 2 - Julho a setembro.
- TORRES FILHO, Ernani.T. (2004b) “O papel do petróleo na geopolítica americana”, in: FIORI, J.L. (Org.) *O poder americano*. Petrópolis: Editora Vozes.
- TORRES, Rivas, Edelberto (2008) *Centro américa: entre revoluciones y democracia*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO). <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/se/20100610091130/rivas.pdf>> [10.06.2019]
- TIBLE Jean. (2013) *Marx selvagem*. São Paulo, Annablume. 228 pp.
- TRASPADINI, Roberta & BUENO, M. Fábio. (2014) “Lenín e a interpretação do Imperialismo nos séculos XX e XXI”. *Revista Rebelata*, V.4, N.2, pp.186-204. <<http://www.nexos.ufsc.br/index.php/rebela/article/view/2708>> [09.09.2019]
- TRASPADINI, Roberta. (2014a) *A teoría da (inter) dependencia de Fernando Henrique Cardoso*. 2ª Edição – Outras expressões, São Paulo.
- TRASPADINI, Roberta. (2014b) “Dependência e luta de classes na América Latina.” *Revista Argumentum*, Vitória (ES), v. 6, n.2, p.29-43, jul./dez.
- TRUJILLO LEÓN, Jorge (1981) *Los oscuros designios de Dios y del Imperio: el Instituto Lingüístico de Verano en el Ecuador*. Quito: CIESE. 138 p.
- TRUJILLO MONTALVO, Patricio. (2001) *Salvajes, civilizados y civilizadores: la amazonia ecuatoriana: el espacio de las ilusiones*. Fundación de Investigaciones Andino Amazónicas- Ediciones Abya Yala, QUITO-ECUADOR.
- TRUJILLO MONTALVO, Patricio, & CUESTA ZAPATA, Salomón. (1999) *De guerreros a buenos salvajes modernos: Estudio de dos grupos étnicos en la Amazonía ecuatoriana*. Ed. Editor: Quito: "Ediciones Abya-Yala; Fundación de Investigaciones Andino Amazónicas, FIAAM".
- TSUKANKA, Yankur C. Alicia. (2013) *La plegaria shuar en la comunidad shuar kuriints” shuar anent irutkamunam kuriints*. Trabalho apresentando para obtenção da licenciatura em educação na Universidade de Cuenca, Equador. <<http://dspace.ucuenca.edu.ec/bitstream/123456789/20021/1/TESIS.pdf>> [10.02.2019]
- YERGIN, Daniel (1992) *The Prize*, Nova Iorque, Touchstone.
- QUARESMA, Silvia Jurema; BONI, Valdete. (2005) *Aprendendo a entrevistar: Como fazer entrevistas em Ciências Sociais*. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. Vol. 2 no1 (3), janeiro – julho.
- ULLOA, A., (2004) *La construcción del nativo ecológico*. 364pp. Bogotá: ICANH

- VARESE, Stefano. (1982) Límites y Posibilidades del Desarrollo de las Etnias Indias en el Marco del Estado Nacional. In BONFIL, Guillermo et al. (1982) *América Latina: etnodesarrollo y etnocidio*. Ediciones Flacso, San José, Costa Rica, 320 p. (p.147-160).
- VEGA GRANDA, P. María (2016) *El macho sabio, Racismo y sexismo en el discurso sabatino del presidente ecuatoriano Rafael Correa*. Tese defendida en Universidad Central Del Ecuador, Quito, marzo.
- VELIZ, C. (1984) *La tradición centralista de América Latina*. Barcelona, Editorial Ariel.
- VIDAL, Bautista J. W. (2000) *Brasil, Civilização Suicida*. Editora Nação do Sol.
- VITALE, Luis. (1987) La mitad invisible de la Historia. El protagonismo social de la mujer latinoamericana. Buenos Aires: Sudamericana/Planeta.
- VITALE, Luis. (2002) De Bolívar al Che La larga marcha por la unidad y la identidad latinoamericana. Producciones Gráficas San Julián, Buenos Aires, em Argentina.
- VILLASANTE, Thomas et al. (2014) “Propuestas para Buena Vida”. *Papeles de relaciones ecosociales y cambio global*, N. 128, Madrid.
- VILLAVICENCIO, F. (2013) *Ecuador: Made in China* (Quito: Artes Gráficas SILVA).
- WARNARS, L. 2010. *The Yasuní-ITT Initiative: An international environmental equity mechanism?* Unpublished Master's Thesis. School of Management, Radboud University, Nijmegen, The Netherlands.
- WEBER, M. (2001) *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 2. Ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- ZAPATTA SILVA, C. (2007) *Intelectuais indígenas piensan a América latina*. Ediciones Abya-Yala (Quito – Ecuador) / Universidad Andina Simón Bolívar /Centro de Estudios Culturales Latinoamericanos (CECLA), Universidad de Chile.
- ZEEVALLOS, ENRIQUE AMAYO. (2018). *Aníbal Quijano (1930-2018)*. Instituto de Estudios Avanzados e o contexto peruano. *Estudios Avanzados*, 32(94), 411-427.
Disponível em <<https://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142018.3294.0026>> [13.02.2019]
- ZICARI, Julian. (2015) “El mercado del litio desde una perspectiva global: de la Argentina al mundo”. Actores, lógicas y dinámicas. in Fornillo, Bruno. et al. *Geopolítica del Litio: Industria, Ciencia y Energía en Argentina*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: El Colectivo; CLACSO.
- ZORRILLA, Carlos (2009) *Protegiendo a su comunidad contra empresas mineras y otras actividades extractivas*.
Disponível <https://issuu.com/elsalmonurbano/docs/guia_antiminera_-_carlos_zorrilla_p> [10.05.2019]

Publicações online

- ALARCÓN, Isabel (2018) *Una iniciativa para las cuencas amazónicas*. Jornal El Comércio <<https://www.elcomercio.com/tendencias/iniciativa-conservacion-rios-ambiente-amazonia.html>> [08.02.2019]
- ALEXIS GONZALEZ, Mario. (2017) *Fundación Pachamama volverá a trabajar en Ecuador luego de 4 años*. <<https://www.elcomercio.com/actualidad/fundacion-pachamama-ecuador-ong-ambiente.html>> [21.06.2019]
- ALLEGRETTI, Giovanni et al (2013) “Crise ecológica e novos desafios para a democracia”. *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 100. Disponível em <<http://journals.openedition.org/rccs/5195> > [12.08.2019]
- ALIER, Martinez. (2013) *O fracasso do presidente Rafael Correa na Iniciativa Yasuni ITT*. <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/522890-o-fracasso-do-presidente-rafael-correa-na-iniciativa-yasuni-itt>>Entrevista consultada a [10.03.2017]
- ÁLVAREZ, Litben, G., Silvia. (2015). “Territorio comunal en la costa de Ecuador: buscando caminos de entendimiento entre el buen vivir y el principio de bien común”. *Revista De Antropología Social*, 26(2), 355-378. Disponível <<https://revistas.ucm.es/index.php/RASO/article/view/57610>>[10.03.2019]
- ASSUNÇÃO, Vania Noeli F. & SARTÓRIO, Lucia Ap. Valadares (2008) A crítica chasiniana à analítica paulista. n. 9, Ano V, nov. – Publicação semestral – ISSN 1981-061X – Edição Especial: J. Chasin Disponível em <<http://www.verinotio.org/conteudo/0.91843469899002.pdf>> [12.10.2019]
- ALTVATER, Elmar. (2018) *Em busca do socialismo verde*. Disponível em <<https://rosalux.org.br/em-busca-de-um-socialismo-verde/>> [12.07.2019]
- PINELI ALVES, G. M. André. (2010) *Os interesses econômicos da China na África*. Publicações do IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4751/1/BEPI_n1_interesses.pdf> [12.07.2019]
- ALVIM, Mariana (2019) Quem mora na periferia recebe a maior dose de poluição. Entrevista BBC publicada em 09/09/2019 acesso na mesma data. <<http://www.ihu.unisinos.br/592401-quem-mora-na-periferia-recebe-a-maior-dose-de-poluicao-alerta-medico-especialista-em-saude-ambiental>> [07.07.2019]
- ANDRADE, Marco. (2018) “A Baía de Guanabara em Luanda? Reflexões sobre as relações Sul-Sul.” *Cabo dos Trabalhos*, v.16, pp.1-16, Portugal. Disponível em <https://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n16/documentos/Cap%203_Carvalho.pdf> [12.08.2019].
- ARAÚJO, Marta, & MAESO, Silvia Rodríguez. (2013). A presença ausente do racial: discursos políticos e pedagógicos sobre História, "Portugal" e (pós-)colonialismo. *Educar em Revista*, (47), 145-171. Disponível em <<https://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602013000100010>> [02.08.2019]

- AZEVEDO, G., Rodrigo & CIFALI, A., Claudia. (2015) “Política criminal e encarceramento no Brasil nos governos Lula e Dilma Elementos para um balanço de uma experiência de governo posneoliberal.” Dossiê: Políticas públicas de segurança e justiça. Civitas, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 105-127, Janeiro/Março. Disponível <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/19940>> [20.04.2019]
- BAEZ, René (1989) La investigación económica no Ecuador. Antología de las Ciencias Sociales, ILDIS, Edición de Mayo. <<https://biblio.flacsoandes.edu.ec/libros/digital/47671.pdf>>
- BÁEZ, René (2008) “Efecto jazz” desnuda a la Revolución Ciudadana. [11.08.2019] <<https://www.alainet.org/es/active/27959>>
- BAEZ, René (2009) *El tédio de Davos y las luces de Bélem*. <<https://www.alainet.org/es/active/28932>> [09.04.2018]
- BÁEZ, René (2018) *Para comprender el 30s*. Alainet. <<https://www.alainet.org/es/articulo/191438>> [12.04.2019].
- BANDEIRA, Moniz. (2006) “¿Qué quiere Brasil con Sudamérica?”. Entrevista de Roberto Pereira y equipo de redacción de La Onda Digital e publicada también na página Rebelión <<https://www.rebellion.org/noticia.php?id=32331>> [01.06.2019]
- BARBOSA, Bizarro., C. Letícia. (2014) *Participação dos movimentos políticos no cenário político eleitoral no Equador*. Revista Espaço Acadêmico - N.163 – outubro – Mensal. <<http://ojs.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/24409>> [05.07.2018].
- BARBOSA, Letícia Cristina Bizarro. (2018). Elite intelectual e política indígena no Equador: notas sobre sua formação na modernidade ocidental. *Revista Katálysis*, 21(1), 66-75. <<https://dx.doi.org/10.1590/1982-02592018v21n1p66>> [09.08.2019]
- BEINSTEIN, Jorge. (2016a) *Origem e apogeu das lumpen-burguesias latino americanas*. Texto publicado no número 6 da revista Maíz, Facultad de Periodismo y Ciencias de la Comunicación – Universidad Nacional de La Plata, Argentina, Mayo. <http://resistir.info/beinstein/lumpen_burguesias.html> [01.11.2016]
- BEINSTEIN, Jorge. (2016b) Ilusões progressistas devoradas pela crise (América Latina na hora do lumpen-capitalismo) <<https://www.cig.gal/nova/ilusoes-progressistas-devoradas-pela-crise-america-latina-na-hora-do-lumpen-capita.html>> [01.11.2018]
- BICAS, Mara, C. (2012) A identidade indígena como processo de luta política no equador diante das representações da “indianidade” no imaginário republicano. Cabo dos Trabalhos, n. 7, 2012 Revista electrónica dos doutoramentos do Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra. Disponível em <<https://cabodotrabalhos.ces.uc.pt/n7/documentos/03-MaraCatarinaBicas.pdf>> [21.03.2019]
- BOHANNAN, Laura. (1966) “Shakespeare in the Bush”. *Natural History*. August-September. Disponível <<http://www.naturalhistorymag.com/picks-from-the-past/12476/shakespeare-in-the-bush>> [12.08.2019]

- BRICEÑO RAMÍREZ, Laura. (2016). Vania Bambirra y la alternativa insurreccional a inicios de los años 70. *Izquierdas*, (28), 93-113. Consultado <<https://dx.doi.org/10.4067/S0718-50492016000300004>> [09.09.2019]
- CABRAL, Adilson & CABRAL, Eula. (2008) *O Estado como artífice do público no governo Lula: análise do sistema público de comunicação no Brasil*. Artigo apresentado no II Encontro da ULE PIC ‘Digitalização da Sociedade’ Bauru, São Paulo. In LOPES, S. Ivonete. (2017) “Política de comunicação nos planos de governo do PT entre 1989 e 2014.” Artigo apresentado no 41º Encontro Anual da ANPOCS, Grupo de Trabalho 17 - Mídias, política e eleições. <<https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/41-encontro-anual-da-anpocs/gt-30/gt17-21/10758-politica-de-comunicacao-nos-planos-de-governo-do-pt-entre-1989-e-2014>> [02.04.2019]
- CHAPARRO, Meneguetti, Fernando. (2014) “Breves notas sobre a formação do Estado moderno: a origem dos novos modelos hermenêuticos.” *Revista Âmbito Jurídico*. <http://ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=14657> [07.08.2018]
- COFFEY, Gerard (2014) Enemigo del estado, Carlos Zorrilla y la Batalla por INTAG. <<https://lalineadefuego.info/2014/01/06/enemigo-del-estado-carlos-zorrilla-y-la-batalla-por-intag-por-gerard-coffey/>> [09.08.2018]
- COLLAZOS, Oscar. (2000) Los U’WA, el petróleo y la guerrilla. [20.05.2019] <<https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-1213592>>
- COLLINS, Patricia Hill. (2016) “Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro.” *Revista Sociedade e Estado*, 31(1), 99-127. Disponível em <<https://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922016000100006>> [12.08.2019]
- CONSTANTE, Soraya (2015) *Quito se levantou*. [01.04.2019] <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/14/internacional/1439524788_047539.html>
- CHIARETTI, Daniela. (2011) Equador faz sua escolha entre floresta e petróleo. Disponível <<http://www.ihu.unisinos.br/41105-equador-faz-sua-escolha-entre-floresta-e-petroleo>> [09.09.2019]
- CRESPO RUBIO, Alba. (2017) *La resistencia a la megaminería en Ecuador llega a la ciudad*. <<https://www.rebellion.org/noticia.php?id=221827>> [09.12.2018]
- CUESTAS – CAZA, Javier. (2017) *Sumak Kawsay: El Buen Vivir antes de ser Buen Vivir*. Congreso El Extractivismo en América Latina: Dimensiones Económicas, Sociales, políticas y Culturales (356-368), Sevilla: Universidad de Sevilla. Disponível <<https://idus.us.es/xmlui/handle/11441/74686>> [03.07.2018]
- CUVI, Juan (2013) *En defensa de Zorrilla*. Disponível <<https://lalineadefuego.info/2013/12/23/en-defensa-de-zorrilla-por-juan-cuvi/>> [12.06.2017]

- DÁVALOS, Pablo. (2002) Movimiento indígena ecuatoriano: Construcción política y epistémica. *En libro: Estudios y otras prácticas intelectuales latinoamericanas en cultura y poder*. Daniel Mato (Org). CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Caracas, Venezuela. Disponible <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/cultura/davalos.doc>> [12.03.2018]
- DÁVALOS, Pablo. (2009) *La grotesca caricatura de una revolución impostada*. <<https://www.alainet.org/es/active/31974>> [10.04.2019]
- DANCINI, Alex de Novais & MELLO, José Joaquim Pereira (2014) O Ideário Educacional de Simón Bolívar: o estado da arte no Brasil Cadernos de História da Educação, v.16, n.3, p.684-699, set.-dez. ISSN: 1982-7806
Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/40897>> [15.04.2019]
- DE LA TORRE, Carlos. (2018) “Ecuador After Correa”. Journal of Democracy, Volume 29, Number 4, October, pp. 77-88 (Article) Published by Johns Hopkins University Press DOI: <<https://doi.org/10.1353/jod.2018.0064>> [19.05.2019]
- DESCOLA, Philippe. (1981), Toward a Marxist Anthropology: Problems and Perspectives. STANLEY DIAMOND, ed. American Ethnologist, 8: 394-395. <doi:10.1525/ae.1981.8.2.02a00130> [19.05.2019]
- DESCOLA, Philippe. (1986) La Nature domestique. Symbolisme et praxis dans l'écologie des Achuar, 450 pp.; Paris: Maison des Sciences de l'Homme. Apud CARPENTIER, Julie. (2014) “Los achuar y el ecoturismo : ¿una estrategia sostenible para un desarrollo autónomo?”, *Bulletin de l'Institut français d'études andines*. Publicado el 08 mayo 2014. <<https://journals.openedition.org/bifea/4391>> [02.06.2019]
- DESCOLA, Philippe. (2018) *Philippe descola y los achuar: la naturaleza no existe*. <<https://lalineadefuego.info/2018/05/16/philippe-descola-y-los-achuar-la-naturaleza-no-existe-entrevista-de-gerard-coffey/>> [15.03.2019]
- DENVIR, Daniel. (2008) Los movimientos sociales contra el presidente Correa? <<https://www.cetri.be/Los-movimientos-sociales-contra-el?lang=fr>> [12.08.2017]
- DIETERICH, S. H. (2006) El socialismo del siglo XXI. <<https://www.rebellion.org/docs/121968.pdf>> [20.06.2016]
- DIETERICH, S. H. (2011) *Hugo Chaves, Fidel, Evo y Correa no construirán el socialismo del siglo XXI*. [15.06.2016] <<https://www.aporrea.org/ideologia/a121359.html>>
- DRUMM, Andy. (1991) An integrated impact assessment of nature tourism in Ecuador's amazon region. School of Environmental Sciences University of Greenwich, London, SE8 3BU. Disponible <https://www.researchgate.net/publication/242154407_AN_INTEGRATED_IMPACT_ASSESSMENT_OF_NATURE_TOURISM_IN_ECUADOR'S_AMAZON_REGION> 21.03.2019
- ECHEVERRI, Alfonso. (2015) *Sobrevivieran los Shuar de la Asunción*. [20.05.2019] <<http://www.caritasecuador.org/2015/04/sobreviviran-los-shuar-de-la-asuncion/>>

- el CATO. (2017) Dez anos de Rafael Correa en el poder.
<<http://www.juiciocrudo.com/julgamentobruto/articulo/10-anos-de-rafael-correa-en-el-poder/763>> [20.06.2018]
- EL UNIVERSO (2008) *Alberto Acosta renuncia como presidente de la asamblea.*
<<https://www.eluniverso.com/2008/06/23/0001/8/B0D42E7B645B450BB8CC4DCD285C45EA.html>> [12.05.2018]
- EL PAIS (2018) “Minha avó não é menor que Angela Davis. Ela também pavimentou a minha trajetória”.Disponível<https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/13/politica/1520968732_773735.amp.html> [12.08.2019]
- ENCALADA, Edwing (2017) *Kintia Panki, um paraíso natural administrado por 10 famílias Shuar.*<<https://www.elcomercio.com/viajar/kintiapanki-paraiso-natural-shuar-amazonia.html>> [08.02.2019]
- ERAZO, Paul, Mena. (2014) "*Yasunidos*", los jóvenes que desafían a Correa en la polémica por Yasuní.<https://www.bbc.com/mundo/noticias/2014/04/140414_ecuador_petroleo_parque_yasuni_mxa> [12.06.2018]
- ESPINOSA, Cristina. (2013) The Riddle of Leaving the Oil in the Soil - Ecuador's Yasuní-ITT Project from a Discourse Perspective. *Forest Policy and Economics*, 36, pp.27-36.
<<https://ideas.repec.org/a/eee/forpol/v36y2013icp27-36.html>> [12.06.2019]
- ESPINOSA, Cristina (2017a). “Bringing About the Global Movement for the Rights of Nature – Sites and Practices of Intelligibility”. *Global Networks*. <http://doi:10.1111/glob.12158>
- ESPINOSA, Meybik. (2017b) ¿Qué les pasó a los Yasunidos? La historia detrás del colectivo ambientalista ecuatoriano. <<http://www.zgrados.com/yasunidos/>> [05.08.2019]
- FALCONI, Fander. (2013) *Renuncia Fander Falconi – Mi compromiso con la Revolución Ciudadana.* <<http://www.eltelegrafo.com.ec/images/eltelegrafo/banners/2013/07-08-13-Renuncia-Fander-Falconi-1.pdf>> [09.08.2018]
- FILHO, Niemeyer Almeida & CORRÊA, Vanessa Petrelli. (2011) A CEPAL ainda é uma escola do pensamento? *Revista de Economia Contemporânea*, 15(1), 92-111
<<https://www.scielo.br/pdf/rec/v15n1/a04v15n1.pdf>> [05.09.2019]
- FIORI, José, Luiz (2009) *América Latina um continente sem teoria.*
Disponível <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/America-Latina-um-continente-sem-teoria/6/14968>> [12.01.2018]
- FIORI, José, Luiz & NOZAKI, William. (2019) Petróleo, guerra e corrupção: entender Curitiba. Disponível em <<https://outraspalavras.net/geopolitica/guerra/petroleo-guerra-e-corrupcao-para-entender-curitiba/>> [05.09.2019]
- FRANCO, Carlos (2019) *O lítio pode ser a energia do futuro e há abundância em Portugal.*
<<https://nationalgeographic.sapo.pt/ciencia/grandes-reportagens/1221-o-litio-pode-ser-a-energia-do-futuro-e-ha-abundancia-em-portugal>> [07.05.2019]

- FRIOLI, Okin, Nicola. (2018) A guerra do petróleo na região amazônica. <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/16/album/1518794160_674120.html#foto_gal_1> [10.08.2018]
- GARCÍA FERNÁNDEZ, Javier. (2017). Descolonizando a Marx: cuatro tesis para pensar históricamente Andalucía. Tabula Rasa, (28), 197-228. <<http://www.scielo.org.co/pdf/tara/n28/1794-2489-tara-28-00197.pdf>> [21.07.2019]
- GARCIA REYES Et al. (2018) “Cooperativas de Ahorro y Crédito del Ecuador y su incidencia en la conformación del Capital Social (2012-2016)” Revista Espacios, V. 39 (Nº 28), p. 32. <<http://www.revistaespacios.com/a18v39n28/a18v39n28p32.pdf>> [09.03.2019]
- GARZÓN, Paulina. (2014) “El sueño chino: ¿pesadilla ecuatoriana?” *Revista Plan V*, de 21 de diciembre. Disponible <<http://www.planv.com.ec/investigacion/investigacion/el-sueno-chino-pesadilla-ecuatoriana/pagina/0/2>> [12.04.2018]
- GINSBERG, Steve (2000) *Battling Mining in Ecuador's National Parks Ecuador's Carlos Zorrilla*. Disponible <<http://old.planeta.com/planeta/00/0007eczorrilla.html>> [05.05.2018]
- GOLDEMBERG, José. (1998) “Energia e desenvolvimento.” *Estudos Avançados*, 12(33), 7-15. Disponible em <<https://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141998000200002>> 12.07.2019
- GOMES, F. Luís (2008) *Após nacionalizar petróleo, Equador pode exigir indenização da Petrobras*. Consultado <<https://lfg.jusbrasil.com.br/noticias/119027/apos-nacionalizar-petroleo-equador-pode-exigir-indenizacao-da-petrobras>> [11.02.2019]
- GILLS ARANA, Libertad (2013). Comuneros, pescadores, defensores del territorio: el caso de la comuna de Engabao Provincia del Guayas, Ecuador. Maestría en Antropología Visual y Documental Antropológico; FLACSO Ecuador. Quito, 75 p. <<http://hdl.handle.net/10469/5658>> [11.02.2019]
- GIZ (2008) Relatório disponível em <<https://www.giz.de/en/worldwide/399.html>>
- GUANDINANGO, V. A Yury. (2013) *Sumak Kawsay – Buen Vivir: comprensión teórica y práctica vivencial comunitaria, aportes para el Ranti Ranti de conocimientos*. Maestría em Estudios SocioAmbientales. <<http://centroderecursos.cultura.pe/sites/default/files/rb/pdf/sumak%20kawsay.pdf>> [12.08.2019]
- GUERRERO ARIAS, Patricio (2010) *Corazonar, Una antropologia comprometida com a vida*. Abya Ayala, Quito, Equador. Disponible <<https://dspace.ups.edu.ec/bitstream/123456789/11433/1/Corazonar%20una%20Antropologia%20comprometida.pdf>> [10.06.2019]
- GUDYNAS, Eduardo (2011) Buen vivir: Germinando alternativas al desarrollo. América Latina en Movimiento (ALAI), N. 462, pp.1-20, fevereiro, Quito – Ecuador. <<http://www.gudynas.com/publicaciones/articulos/GudynasBuenVivirGerminandoALAI1.pdf>> [20.03.2015]
- GUDYNAS, Eduardo. (2013) *Equador e o fim da moratória petroleira*.

<<http://correiocidadania.com.br/colunistas/ambiente-e-cidadania/30-artigos/america-latina/8759-23-08-2013-equador-o-fim-da-moratoria-petroleira-na-amazonia>>[20.03.2015]

GUDYNAS, Eduardo. (2017a) *Esquerda e progressismos são hoje duas coisas diferentes na América Latina*. Disponível<<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/566265-esquerda-e-progressismo-sao-hoje-duas-coisas-diferentes-na-america-latina-entrevista-especial-com-eduardo-gudynas>> [21.08.2019]

GUDYNAS, Eduardo. (2017b) *Extractivismos y teoría social en la América Latina*. Entrevista de Hernán Cuevas (Universidad de Chile) y Dasten Vejar (Universidad Católica de Temuco) publicada en la revista Pléyad. <<http://accionyreaccion.com/extractivismos-y-teoria-social-en-america-latina/>> [10.05.2017]

HAGE, José Alexandre Altahyde. (2012). “A política energética brasileira na era da globalização: energia e conflitos de um estado em desenvolvimento.” *Revista de Sociologia e Política*, 20(41), 75-91. <<https://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782012000100006>>

HOYOS, Carola. (2007) The new Seven Sisters: oil and gas giants dwarf western rivals. Financial Times. Disponível em <<https://www.ft.com/content/471ae1b8-d001-11db-94cb-000b5df10621>> [14.03.2019]

HUMBERTO FLORES, José, M. (2006) “El pensamiento de José Carlos Mariátegui.” *Revista Teoría e Praxis*, No 06, noviembre, pp. 77-105. Disponível em <<https://core.ac.uk/download/pdf/47263218.pdf>> [04.05.2019]

IÑIGO CARRERA, J. (2018) *Precios, productividad y renta de la tierra agraria: ni “términos de intercambio deteriorados”, ni “intercambio desigual”*

JOHANNESSEN, Vibeke. (2017) Here's Why Ecuador's National Park Is an Ecological Bulls-Eye: an Interview with Eduardo Pichilingue Ramos. <<https://theculturetrip.com/south-america/ecuador/articles/heres-why-ecuadors-national-park-is-an-ecological-bulls-eye-an-interview-with-eduardo-pichilingue-ramos/>> [20.04.2018]

JORNAL EL COMÉRCIO, Redação política (2017) *Antonella Calle: Este gobierno tiene la oportunidad de reivindicarse con Yasuní*. Disponível<<https://www.elcomercio.com/actualidad/antonellacalle-yasunidos-consultapopular-preguntas-yasuni.html>>[19.02.2019]

LA REPÚBLICA (2014) Correa asegura que David Marmol lo insulto. [21.05.2019] <<https://www.larepublica.ec/blog/politica/2014/03/18/correa-asegura-david-marmol-insulto/>>

LANNES, Henri (2013) *La economía petrolera y el ITT*. <<http://lalineadefuego.info>> [05.09.2015]

LARREA, A. M. (2007) *O governo e os movimentos sociais no Equador*. <http://www.correiocidadania.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=73:equador020407&catid=30:america-latina> [30.03.2015]

- LETRAS VERDES. (2010) Boletín Informativo. FLACSO Sede Ecuador. Programa de Estudios Socioambientales. Quito: FLACSO, (no. 1, enero) <<http://hdl.handle.net/10469/1591>> [20.05.2018]
- LODO, Lucia. (2006) “O fazer sociológico na reflexão de Florestan Fernandes”. CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais Número 11 – outubro, Pág. 75-83. <<http://www.cchla.ufpb.br/caos/n11/06.pdf>>[09.03.2018]
- LOPES, S. Ivonete. (2017) *Política de comunicação nos planos de governo do PT entre 1989 e 2014*. Artigo apresentado no 41º Encontro Anual da ANPOCS, Grupo de Trabalho 17 - Mídias, política e eleições. <<https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/41-encontro-anual-da-anpocs/gt-30/gt17-21/10758-politica-de-comunicacao-nos-planos-de-governo-do-pt-entre-1989-e-2014>> [02.04.2019].
- LOWY, Michael. (1997) “Por um marxismo crítico.” *Revista Lutas Sociais*, PUC/SP, V.3. Disponível <http://www4.pucsp.br/neils/downloads/v3_artigo_michael.pdf>[09.05.2019]
- LOWY, Michael. (2001) *Ni calco, ni copia, Che Guevara en busqueda de un nuevo socialismo*. Conferencia anual de la Fondazione Ernesto Che Guevara, Italia, em junho. Disponível em <http://www4.pucsp.br/neils/downloads/v9_artigo_lowy.pdf > [09.08.2019]
- LOWY, Michael. (2017) *História, razões e ética do ecossocialismo*. Disponível<<http://outraspalavras.net/capa/lowy-historia-razoes-e-etica-do-ecossocialismo/>> [10.05.2017]
- LUCE, Mathias, Seibel (2011a) *A economia política do subimperialismo em Ruy Mauro Marini: uma história conceitual*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH São Paulo, julho. <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300921521_ARQUIVO_MathiasLuc eArtigoAnpuhFinal.pdf> [21.08.2018]
- LUCE, Mathias, Seibel. (2011b) “El Subimperialismo Brasileño en Bolivia y América Latina”. <<http://otramerica.com/temas/el-subimperialismo-brasileno-en-bolivia-y-america-latina/597> > [21.03.2018]
- MACHADO, Décio (2015) “Ecuador e el fin de la década dorada.” <<http://www.rebellion.org/noticia.php?id=200992>>[12.08.2019]
- MANCILLA, G. Elena & MARTINEZ, B. Omar (2014) “Yasunidos, los limites de la devastación.” *Aportes Andinos, Revista de Derechos Humanos*, PADH – UASB, Semestral, Julio Quito. <<http://repositorio.uasb.edu.ec/bitstream/10644/4425/1/06-ACT-Galvez-Bonilla.pdf>>[12.07.2018]
- MASCARO, Alysson. *Todo direito é um Golpe*. Publicado no Blog da Editora Boitempo–SP. <<https://blogdaboitempo.com.br/2016/05/25/alysson-mascaro-todo-direito-e-um-golpe/>> [25.05.2016]
- MARTÍ, José. (1883) Carros Eléctricos <<http://www.josemarti.cu/publicacion/carros-electricos/>> [20.04.2019]

- MELILLÁN PAINEMAL Y COMITÉ EXTERIOR MAPUCHE. (C.E.M.) (2019) “Queremos hablar por nosotros mismos”, *Amérique Latine Histoire et Mémoire. Les Cahiers ALHIM* [En línea], 36 | 2018. <<http://journals.openedition.org/alhim/6481>> [05.05.2019]
- MENDONÇA, Heloísa. (2019) *Um mês de luto sem corpo em Brumadinho. Familiares “morrem um pouco a cada dia.”*
Disponível <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/23/politica/1550894014_083617.html> [06.07.2019]
- METALLURA (2018) II Encuentro de Alternativas al Desarrollo desde el Sur. <<https://metallura.weebly.com/noticias/ii-encuentro-de-alternativas-al-desarrollo-desde-el-sur>> [20.05.2019]
- MILANEZ, Bruno & SANTOS, Rodrigo Salles Pereira. (2016) A Iniciativa Yasuní-ITT: uma análise a partir do Modelo de Fluxos Múltiplos. *Revista de Sociologia e Política*, v. 24, n. 59, p. 39-65, set. <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v24n59/0104-4478-rsocp-24-59-0039.pdf>> [21.05.2019]
- MOLINA, Gray, George. (2007) *El reto posneoliberal de Bolívia.*
Disponível em <<https://nuso.org/articulo/el-reto-posneoliberal-de-bolivia/>> [10.07.2018]
- MOURA, E. Macário & JUNIOR, Natan, R. S. (2018) O (sub)imperialismo: Lênin, Marini e o debate contemporâneo. *REBELA - Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos*, ISSN 2237-339X. Instituto de Estudos Latino-Americanos – IELA, Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em <<https://rebela.emnuvens.com.br/pc/article/view/411>> 21.04.2019
- MUSACCHIO, Aldo et al. (2009) "Petrobras in Ecuador (A)." Harvard Business School Case 309-107, April. (Revised August 2009)
Disponível <<https://www.hbs.edu/faculty/pages/item.aspx?num=37186>> [12.08.2019]
- MUSTO, Marcelo. (2013) *Correa e o Equador: prossegue a Revolução Cidadã.*
Consultado a <<http://www.correiodocidadania.com.br/index.php>> [10.06.2013]
- NUNES, Débora. (2017) *Bem-Viver elemento para o pós-capitalismo.*
<http://www.biodiversidadla.org/Documentos/Bem_Viver_elemento_para_o_Pos-Capitalismo> [02.08.2019]
- OCARU (2014) *Manual para activistas comunitarios amplifica la guerra de desestabilización al gobierno del Ecuador.* <<https://ocaru.org.ec/index.php/comunicamos/noticias/item/3192-manual-para-activistas-comunitarios-amplifica-la-guerra-de-desestabilizaci%C3%B3n-al-gobierno-del-ecuador>> [02.04.2019].
- OSPINA PERALTA, P. (2017) Acción Ecológica una organización popular ilegalizada en Ecuador. Disponível <<https://nuso.org/articulo/accion-ecologica-una-organizacion-popular-ilegalizada-en-ecuador/>> [21.06.2018]
- PABLO MATEO, Juan & SANTIAGO GARCÍA. (2014) El sector petrolero en Ecuador. 2000-2010. *Revista Problemas del Desarrollo*, 177 (45), abril-junio.
<<http://www.scielo.org.mx/pdf/prode/v45n177/v45n177a6.pdf>> [10.06.2019]

- PAREDES, J. Gonçalo. (2017) “Ecuador: ¿por qué salir de la dolarización?” *Revista de la CEPAL* N.121,Abril.<https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/41152/1/REV121_Paredes.pdf> [10.06.2019]
- PERICÁS, Luiz Bernardo. (2010). José Carlos Mariátegui e o Brasil. *Estudos Avançados*, 24(68), 335-361. <<https://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142010000100023>>
- PESSOTO, Marinho, Tainan (2016) Crítica ao Novo Desenvolvimentismo. REBELA, Revista de Estudos Latinos Americanos, v.6, n.1. jan./abr. <<http://www.iela.ufsc.br/tags/superexplora%C3%A7%C3%A3o>> [01.07.2017]
- REZENDE, Claudinei Cássio (2017) A regência do capital sem capitalismo nas sociedades pós-capitalistas. Projeto História, São Paulo, v. 60, pp. 7-43, Out-Dez. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/33978/24350>> [09.08.2019]
- RAY, Rebecca & CHIEMENTI, Adam (2015) “A Line in the Equatorial Forests: Chinese Investment and the Environmental and Social Impacts of Extractive Industries in Ecuador” Paper Discussion Global Economic Governance Initiative. <<http://www.bu.edu/pardeeschool/files/2014/12/Ecuador1.pdf>> [10.08.2018]
- RIBEIRO, L. Gustavo & BIANCO, F., Bela. (2003) “Antropologia e poder: contribuições de Eric Wolf.” *Revista Etnográfica*, Vol. VII (2), 2003, pp. 245-281. Disponível <http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_07/N2/Vol_vii_N2_245-282.pdf> [12.04.2019]
- RIBEIRO, Valeria (2018) O avanço chinês sobre nações periféricas subverte lógica do imperialismo neoliberal. Disponível <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7419-o-avanco-chines-sobre-nacoes-perifericas-subverte-logica-do-imperialismo-neoliberal>> [20.08.2019]
- ROBALINO, José. (2019) *Consulta urgente para parar explotación en Yasuní, pide Yasunidos*. <<https://www.pichinchauniversal.com.ec/consulta-urgente-para-parar-explotacion-en-yasuni-pide-yasunidos/>> [21.06.2019]
- SANDOVAL, Fernando. (2015) *Refinería esmeraldas resurge luego de 38 anos*. El Telégrafo Disponível<<https://www.eltelegrafo.com.ec/noticias/economia/4/refineria-esmeraldas-resurge-luego-de-38-anos>> [02.09.2019]
- SANTOS, Boaventura. S. (2018b) O colonialismo insidioso. <<https://www.publico.pt/2018/03/30/sociedade/opiniao/o-colonialismo-insidioso-1808254>>[20.01.2019]
- SANTOS, Elaine (2017a) *Equador está dividido assim como toda a América Latina*. Entrevista publicada em <<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/566420-equador-esta-dividido-assim-como-toda-a-america-latina-entrevista-especial-com-elaine-santos>> [08.04.2019]
- SANTOS, Elaine. (2017b) *O prêmio da desvantagem colonial no Equador*. <<https://www.alainet.org/pt/articulo/188600>> [02.05.2019]

- SANTOS, Elaine. (2017c) *Lenín moreno apresenta as perguntas da Consulta Popular no Equador*. <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/572396-lenin-moreno-apresenta-as-perguntas-da-consulta-popular-no-equador-vamos-a-la-consulta-popular>> [21.02.2019]
- SANTOS, Elaine. (2018c) *Lenín é mais do mesmo, ou seja, uma fraude*. [04.03.2019] <<http://www.iela.ufsc.br/noticia/lenin-moreno-e-mais-do-mesmo-ou-seja-uma-fraude>>
- SAPUNARU, Raquel Anna. (2008). A Construção lógica do "Estilo Newtoniano". *Ciência & Educação (Bauru)*, 14(1), 55-66. <<https://dx.doi.org/10.1590/S1516-73132008000100004>> [21.05.2019]
- SAUER, Ildo. (2017) *A instrumentalização do sistema energético brasileiro e transformação dos políticos em capitães do mato*. <<http://www.ihu.unisinos.br/567129-a-instrumentalizacao-do-sistema-energetico-brasileiro-e-a-transformacao-dos-politicos-em-capitães-do-mato-entrevista-especial-com-il>> [02.05.2017]
- SCHNEYER, Joshua & PÉREZ, Nicolás, M. Mora. (2013) *Como China se aproprió del petróleo en Ecuador*. <<https://www.planv.com.ec/investigacion/investigacion/reporte-especial-como-china-se-apropio-del-petroleo-ecuador>> [21.08.2019]
- SEABRA, Raphael Lana. (2013). "O capitalismo dependente latino-americano 40 anos depois." *Sociedade e Estado*, 28(2), 449-454. <<https://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922013000200013>> [09.08.2019]
- SEGUNDO FORO DE ECOLOGÍA Y POLÍTICA (Orgs). (2003) *El Oriente es un mito*. Abya Ayala, Quito-Ecuador. Disponível <<https://digitalrepository.unm.edu/cgi/viewcontent.cgi>> [04.07.2019]
- SILVA, João Carlos Jarochinski, & OLIVEIRA, Márcia Maria de. (2015). Migrações, fronteiras e direitos na Amazônia. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 23(44), 157-169. <<https://dx.doi.org/10.1590/1980-85852503880004410>> [10.06.2019]
- SIRACUSA, Gabriel Pietro. *Marx e o colonialismo*. (2018) Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível <10.11606/D.8.2018.tde-27082018-150933> [05.02.2019]
- SOUZA, Rogério Luis. (1999) Os 500 anos — A conquista interminável de Waldir José Rampinelli e Nildo Domingos Ouriques. *Lutas Sociais Revista do Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais (NEILS)- N. 06* pp. 177-183 Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/ls/article/view/18893>>
- SOUZA, Felipe da Silva (2017) *Cosmologia biomassa- sob os escombros da alienação energética brasileira*. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. <<http://www.ufjf.br/bach/files/2016/10/FELIPE-DA-SILVA-SOUZA.pdf>> [12.07.2018]
- TAVARES, Elaine (2019) *Nova onda extrativista contra América Latina*. <<http://www.iela.ufsc.br/noticia/nova-onda-extrativista-contra-america-latina>> [05.08.2019]

- TEOBALDO, Izabela Naves Coelho (2010) A cidade espetáculo Sociologia. Revista do Departamento de Sociologia da FLUP, Vol. XX, 2010, pp. 137-148.
- TRAGTENBERG, M. (1990) *Sobre Educação, Política e Sindicalismo*. São Paulo: Editores Associados; Cortez, 2ª ed. (Coleção teoria e práticas sociais, Vol1). <<https://www.espacoacademico.com.br/014/14mtrag1990.htm>> [20.02.2015]
- UTNE, Oliver (2014) La expulsión Oliver Utne. Carta redigida por Oliver Utne publicada pelo website Plan V. <<https://www.planv.com.ec/historias/sociedad/la-expulsion-oliver-utne>> [21.06.2018]
- VALENCIA, Alexandra. (2010) *ONU e Equador criam fundo para proteger Amazônia*. <<https://br.reuters.com/article/topNews/idBRSPE6720MA20100803>> [20.02.2019]
- VARGANCIANA, C., Luisana & GARDENAL, Emanuel. (2016) *Entrevista com os realizadores do filme - Waorani, guardiana de la Amazonía*. Revista Babieca, Abril, N 3 (56-59) <<http://xn--campaadelectura-2qb.com/>>[09.03.2019]
- VERA, Carlos, Andre. (2013) *Motivos para no explotar el ITT*. <<https://polifccion.wordpress.com/2013/08/16/motivos-para-no-explotar-el-itt/>> [10.11.2018]
- VIDAL, Jonh. (2012) *Project to leave oil in ground under Yasuní park reaches \$300m*. <<https://www.theguardian.com/environment/2012/nov/23/yasuni-oil-ground-project>> [09.02.2019]
- VILLAVENCIO, Fernando. (2015) *Insólito Ecuador importara petróleo para su refinería*. <<http://www.ecuadornoticias.org/index.php/nacionales/destacados/716-insolito-ecuador-importara-petroleo-para-su-refineria>> [10.05.2017]
- VILLAVICENCIO, Arturo. (2016) “El cambio de la matriz productiva o la mayor estafa política de la historia.” *Revista Sin Permiso*. Disponível em <<http://www.sinpermiso.info/textos/ecuador-el-cambio-de-la-matriz-productiva-o-la-mayor-estafa-politica-de-la-historia>> [12.08.2019]
- CARVALHO, R. Wolney & FRIGGERI, Pablo, Félix. (2015) “Heterogeneidad estructural y Socialismo del Buen Vivir” *Revista Polis*, publicado el 16 mayo 2015. Disponível <<https://journals.openedition.org/polis/10633>> [12.08.2019]
- ZHAO, S. (2014) ‘A Neo-Colonialist Predator or Development Partner? China’s Engagement and Rebalance in Africa’, *Journal of Contemporary China*, 23(90), pp. 1033-1052. Disponível em <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10670564.2014.898893>>[09.08.2019]

Textos de Blog

- CASTRO, Luisa & GUIROTTTO, Marina. (2016) No Equador, o petróleo contra os índios. <<https://outraspalavras.net/blog/no-equador-o-petroleo-contra-os-indios/>> [13-05.2018]

- FLANAGENS Blogspot. (2011) Sentimento da História. Consultado a [09.05.2016]
<<http://flanagens.blogspot.pt/2011/12/o-sentimento-da-historia.html>>
- KREKELER, Jorge. (2016) Almanaque do futuro: Experiências motivadoras para um mundo melhor. Experiência Motivadora N.18, apoio Misereor Ihr Hilfswerk (Obra episcopal da Igreja Católica da Alemanha para a cooperação ao desenvolvimento). Consultado a [14.05.2018] em <<https://almanaquedelfuturo.files.wordpress.com/2018/06/almanaque-do-futuro-18.pdf>>
- MILLER, Patricio. (2010) El cantón Nabón. Consultado a [11.08.2018] em <<https://patomiller.wordpress.com/2010/07/31/el-canton-nabon/>>
- MONALDI, Francisco. (2010) “A economia política do petróleo e do gás na América Latina.” Working Paper, julho. Disponível <<http://www.plataformademocratica.org/Arquivos/A%20Economia%20Politica%20do%20Petroleo%20e%20do%20Gas%20na%20America%20Latina.pdf>>
- MOROCHO, Patricio. (2016) Interculturalidad y fortalecimiento. <<http://quillusisa.blogspot.com/2016/02/interculturalidad-y-fortalecimiento-de.html>> Consultado a [20.05.2018]
- MOROCHO, Patricio. (2015) Nuestras raíces, la historia da la comuna Shiña y sus comunidades. <<http://quillusisa.blogspot.com/2015/07/nuestras-raices-historia-de-la-comuna.html>> Consultado a [20.05.2018]
- MOSS, Todd & KINCER, Kack. (2019) *A esquecida questão da desigualdade energética*. Disponível em <<https://outraspalavras.net/mercadovsdemocracia/a-esquecida-questao-da-desigualdade-energetica/>> [12.08.2019]
- PAES E SILVA, Lays Helena. (2012) «Ambiente e justiça: sobre a utilidade do conceito de racismo ambiental no contexto brasileiro». *E-Cadernos CES* [Online], 17. Disponível <<http://journals.openedition.org/eces/1123>> [01.05.2019]
- QUINTANA, Mario. (2007) “Poeminha do contra.” In *Antologia poética / Mario Quintana*; seleção e organização Ricardo Primo Portugal & Maria Eunice Moreira Porto Alegre: EDIPUCRS.
- REDACCIÓN WAMBRA (2014) – *Yasunidos a la opinión pública del Ecuador y el mundo* <<https://wambra.ec/yasunidos-a-la-opinion-publica-del-ecuador-y-el-mundo/>>
- RETAMAR, Roberto Fernández (1930) *Calibán, Apuntes sobre la cultura de nuestra América*. <<https://www.literatura.us/roberto/caliban3.html>> [11.05.2019]
- CARIRI, Rosemberg (2014) *O riso a cavalo e o galope do sonho*. Site Outras Palavras. <<https://outraspalavras.net/poeticas/o-riso-a-cavalo-e-o-galope-do-sonho/>> [10.06.2019]

Documentos oficiais

CEPAL (1997) Comisión Económica para América Latina y el Caribe.

< http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/5617/1/S9700012_es.pdf >

CÓDIGO ORGANICO INTEGRAL PENAL (2014) <http://www.justicia.gob.ec/wp-content/uploads/2014/05/código_organico_integral_penal_-_coip_ed._sdn-mjdhc.pdf>
[10.01.2016]

CONSTITUCIÓN DO ECUADOR. (2008) Disponible <<http://www.asambleanacional.gov.ec>>

CONTITUCIÓN DO ECUADOR. (1998) Disponible
<https://www.oas.org/juridico/spanish/mesicic2_ecu_anexo15.pdf>

CONVENÇÃO AMERICANA DE DIREITOS HUMANOS (1969) Disponible em
<https://www.cidh.oas.org/basicos/portugues/c.convencao_americana.htm>

DECRETO OFICIAL - Registro Oficial N.620 <<https://www.derechoecuador.com/registro-oficial/2009/06/registro-oficial-no-620---jueves-25-de-junio-de-2009>> [12.07.2019]

REGLAMENTO DA LEY DE HIDROCARBUROS (2010).
em<<http://www.hidrocarburos.gob.ec/wpcontent/uploads/downloads/2012/08/REGLAMENTO-LEY-DE-HIDROCARBUROS.pdf>> [20.01.2016]

RELATÓRIO ATLAS MATA ATLÂNTICA (2019) elaborado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Especiais (INPE) e da ONG SOS Mata Atlântica. Disponible em
<https://www.sosma.org.br/wp-content/uploads/2019/05/Atlas-mata-atlantica_17-18.pdf>

RELATÓRIO DA RPS ENERGY EM CONJUNTO COM PROGRAMA DE LAS NACIONES UNIDAS PARA EL DESARROLLO (PNUD-ECUADOR) (2018)
<https://www.planv.com.ec/sites/default/files/rp_03_resumen_ejecutivo_rdp_-_clave_-_petro2018.pdf>

PLAN NACIONAL DE DESARROLLO DEL SECTOR MINERO (2016).
<<http://www.mineria.gob.ec/plan-nacional-de-desarrollo-del-sector-minero/>>

PLAN NACIONAL DEL BUEN VIVIR <http://www.buenvivir.gob.ec/el-socialismo-del-buen-vivir_>

PLAN NACIONAL DEL BUEN VIVIR 2013-2016 - <https://www.planificacion.gob.ec/wp-content/uploads/downloads/2012/07/Plan_Nacional_para_el_Buen_Vivir.pdf>

PLAN NACIONAL DEL BUEN VIVIR 2013- 2017 -
<<http://www.planificacion.gob.ec/wp-content/uploads/downloads/2014/07/Informe-de-Seguiemiento-del-Plan-Nacional-para-el-Buen-Vivir-2013-2017.pdf>>

PUEBLOS INDÍGENAS EN AISLAMIENTO VOLUNTARIO Y CONTACTO INICIAL EN LAS AMÉRICAS: RECOMENDACIONES PARA EL PLENO RESPETO A SUS DERECHOS HUMANOS (2013)
<<https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/Publicaciones/2014/9646.pdf>>

SECRETARIA TÉCNICA PLANIFICACIÓN ECUADOR. *Yasuní ITT apuesta ecuatoriana que marca un cambio de era.* <<https://www.planificacion.gob.ec/iniciativa-yasuni-itt-una-apuesta-ecuatoriana-que-marca-un-cambio-de-era/>> [12.07.2017]

STATISTICAL REVIEW OF WORLD ENERGY (2019)
<<https://www.bp.com/en/global/corporate/energy-economics/statistical-review-of-world-energy.html>>

SERVIÇOS DE TURISMO DO EQUADOR <<https://servicios.turismo.gob.ec/descargas/Turismo-cifras/AnuarioEstadistico/Boletin-de-Estadisticas-Turisticas-2009-2013.pdf>>

EDUCAÇÃO SUPERIOR DO GOVERNO EQUATORIANO
<<https://www.educacionsuperior.gob.ec/wp-content/uploads/downloads/2013/02/SOCIALISMO-DEL-SUMAK-KAWYSAY.pdf>>

Páginas consultadas

Abya Ayala <<https://abyayala.org/>>

Acción Ecológica <<http://www.accionecologica.org/editoriales/2369-npm>>

Andes <<https://www.andes.info.ec/>>

Agência Nacional de Petróleo - <<http://www.anp.gov.br/>>

Banco Central do Equador - <<https://www.bce.fin.ec/>>

Biblioteca Patrimonial de Cuenca - <http://biblioteca.culturaypatrimonio.gob.ec/>

Blog do Cantón Nabón <<https://patomiller.wordpress.com/2010/07/31/el-canton-nabon/>>

Blog da Comunidade de Shiña <<http://quillusisa.blogspot.com/2015/07/nuestras-raices-historia-de-la-comuna.html>>

Blog Corte em Um <<http://cortarenum.blogspot.pt/2009/01/o-leito-de-procusto.html>>

Blog da Paroquia de Shiña <<http://parroquiashina.blogspot.com/p/historia.html>>

British Petroleum <<https://www.bp.com/>>

National Bureau of Statistics of China <<http://www.stats.gov.cn/english/>>

Centro de Estudos Marianos <<http://www.josemarti.cu>>

Centro Shuar <<http://centroshuarficsh.com/>>

Cecim <<http://cecimec.org/>>

CEPALSTAT <<https://estadisticas.cepal.org/cepalstat/Portada.html>>

Clínica Ambiental <<http://www.clinicambiental.org/>>

Conselho Nacional Eleitoral <<http://cne.gob.ec/es/>>

Confederação Equatoriana de Organizações da sociedade civil
<<http://confederacionecuatorianaosc.org/>>

Comissão Interamericana de Direitos Humanos <<http://www.cidh.org>>

Comunidade Água Blanca <<https://www.comunidadaguablanca.com/>>

Conselho Nacional Eleitoral do Equador <<http://cne.gob.ec/es/>>

Confeniae <<https://confeniae.net/>>

Diretório de ONGs <http://app.cancilleria.gob.ec/directorio_ong/frontEnd/directorio.php>

El Universo <<https://www.eluniverso.com/resultados-consulta-popular-2018-ecuador>>

Etnoturismo Yaku Runa <<http://ethnotourism.org/en/destinos/yaku-runa-ecology-community/>>

FAO Ecuador <<http://www.fao.org/ecuador/en/>>

Fiscalía <<https://www.fiscalia.gob.ec/>>

Frente total de la defensa de Amazónia - <<https://www.makechevroncleanup.com/>>

Flacso Andes - <<https://www.flacsoandes.edu.ec/>>

Fundação OFIS <<http://www.fundacionofis.org.ec/>>

Fundação Pacha Mama <<https://www.pachamama.org/>>

Fundação Perseu Abramo <<http://csbh.fpabramo.org.br/>>

Fundação Rosa Luxemburgo <<https://rosalux.org.br/>>

Fundação Federico Engels <<https://www.fundacionfedericoengels.net>>

Geografia Crítica <<https://geografiacriticaecuador.org/>>

Geoservicios do Ecuador <<http://sni.gob.ec/geoservicios-ecuador>>

Guardianas de la Amazónia Waorani - <<http://www.guardianasamazonia.org/entrevistas>>

Universidade Regional Amazônica <<https://www.ikiam.edu.ec/>>

Instituto de Estudios Ecuatorianos <<https://www.iee.org.ec/>>

INREDH - <<https://www.inredh.org/index.php/>>

Instituto de Estudios Ecologistas del Tercer Mundo <<http://www.estudiosecologistas.org/>>

IPAM - Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia < www.ipam.org.br>

Kapawi Ecolodge <<http://www.kapawi.com/>>

Latinobarometro <<http://www.latinobarometro.org/lat.jsp>>

Literatura Afroecuatoriana y ecologia <<http://abacus.bates.edu/>>

Mapas do Governo Provincial de Pastaza <<https://www.pastaza.gob.ec/obras-y-proyectos/mapas>>

Ministério do Meio Ambiente <<http://www.ambiente.gob.ec/>>

Misereor Ihr Hilfswerk (Igreja Episcopal da Alemanha) <<https://www.misereor.org/pt/>>

Misioneras de Maria Inmaculada y Santa Catalina de Sena
<<https://madrelaura.org/ecuador/196/cod110/>>

Nações Unidas - <<https://nacoesunidas.org/>>

Observatorio Petrolero SUR <<http://www.opsur.org.ar/blog/>>

OilWatch <<http://www.oilwatch.org/en/oilwatch-in-the-world/africa/nigeria/82-building-a-post-petroleum-nigeria>>

OEA <<https://www.oas.org/dsd/publications/Unit/oea08b/ch14.htm>>

OXFAM Brasil <<https://www.oxfam.org.br/mapa-multinacionais>>

Repositório Científico de Acesso aberto em Portugal <<http://projeto.rcaap.pt/>>

Petrobrás <<http://www.petrobras.com.br/pt/nossas-atividades/areas-de-atuacao/refino/>>

PetroEcuador <<https://www.eppetroecuador.ec/>>

Província de Nabón <<http://www.nabon.gob.ec/>>

Província de Sucúa <<http://www.sucua.gob.ec/>>

Rondas Petroleras no Equador <<http://www.rondaspetrolerasescuador.gob.ec/>>

Sendas < <http://www.sendas.org.ec/>>

Secretaria de Hidrocarburos - <<http://www.secretariahidrocarburos.gob.ec/>>

SOS Amazônia - <<http://www.sosamazonia.org.br/conteudo/>>

The observatory economics of complexity - OEC (2017)
<<https://atlas.media.mit.edu/pt/profile/country/ecu/>>

Shamanic Ecuador <<http://www.shamanicretreatecuador.com/sacred-power-plants/>>

Território y feminismos - <www.territorioyfeminismos.org>

University Depauw (2010) Ecuadoran environmental activist carlos zorrilla at depauw october 10.
<<https://www.depauw.edu/news-media/latest-news/details/16332/>> [18.06.2018]

União dos Povos Atingidos pela Chevron <<http://texacotoxico.net/en/>>

Universidad Andina Símon Bolívar - <<https://www.uasb.edu.ec/inicio>>

Web Site de turismo no Equador<<https://www.visitaecuador.com/>>

Website Comunidade Agua Blanca <<https://www.comunidadaguablanca.com/tour/Los-Frailes-y-Agua-Blanca-tours-ecuador>>

Website DW (2013) Equador autoriza exploração de petróleo na Amazônia.
<<https://www.dw.com/pt-br/equador-autoriza-explora%C3%A7%C3%A3o-de-petr%C3%B3leo-na-amaz%C3%B4nia/a-17136025>> [14.07.2018]

Website do Empresário Roque Sevilla <<https://www.roquesevilla.com/>>

Website Ruy Mauro Marini <<http://www.marini-escritos.unam.mx/>>

Yasunidos <<http://sitio.yasunidos.org/es/>>

Yasuní Transparente <<http://yasunitransparente.ambiente.gob.ec/inicio>>

Yasuní (História do Parque e da Iniciativa) <<http://oeco.org.br/yasuni/yasuni-pt.php>>

Software utilizado

Elaboração dos mapas - <<https://mapmaker.nationalgeographic.org>> Software público utilizado entre Jan/Maio de 2019.

Vídeos

Vera, Carlos, Andres. (2013) Pueblos no contactados del Yasuní, taromenamis.
<<https://www.youtube.com/watch?v=hlkJZ390i2o>>

Falconí, Fander. Iniciativa Yasuní-ITT: apuesta ecuatoriana que marca un cambio de era.
< <https://www.youtube.com/watch?v=4ogQPDnkW-Y>> 21.02.2016

- Waorani Guardianas de la Amaz3nia (2018) Trailer.
<<https://www.youtube.com/watch?v=fMaiUS9Ofg8>>[12.05.2019]
- Mendoza, Pablo, E. Fajardo (2015) Os direitos ind3genas e o caso Chevron Texaco.
[01.04.2018]<<https://rosalux.org.br/direitos-indigenas-e-o-caso-chevron-texaco-2/>>
- National Geographic (2012) Amazon Adventure—Documenting Life in Ecuador's Yasun3 National Park National Geographic.
<<https://www.youtube.com/watch?v=tADHWKZzw9w>>[20.01.2017]
- The Green Interview (2013) Tzaporah Berman, Victoria's Dirty Secret and Other Forest Tales.
<<https://thegreeninterview.com/interview/berman-tzaporah/>> [12.05.2019]
- Yasunidos. (2013) Eduardo Pichilingue ante la comisi3n de biodiversidad y recursos naturales de la asamblea nacional. <<https://www.youtube.com/watch?v=E4Vtzuczrrw>> [14.07.2017].
- Entrevista a Alberto Acosta (2012) Entrevista ALICE n.º 2, por Jos3 Luis Exeni, 29 de Mar3o de 2012 <<http://alice.ces.uc.pt/en/index.php/ecuador/alice-interview-02-alberto-acosta-jose-luis-exeni-29032012/>> [21.03.2019]
- V3deos de Yasun3 no Minist3rio do Meio Ambiente <<http://www.ambiente.gob.ec/videos-itt/>>
[10.02.2019]

Anexos

Tabela 1 Cronologia dos eventos Yasunidos

15 agosto 2013	Presidência	O Decreto nº 74 liquida a iniciativa e pede para intervir em 1% da superfície do parque.
17 agosto 2013	Presidência	Decreto executivo 84, afirma: corrige a área um por mil do território do Parque Nacional Yasuní.
18 agosto 2013	YASUNIDOS	O COLETIVO NASCE
21 agosto 2013	Ministério de Justiça	Vilas isoladas são apagadas do mapa pelo Ministério da Justiça.
23 agosto 2013	Presidência	Presidente pede para declarar interesse nacional, conforme estabelecido no Art. 407 da Constituição da República, os blocos de exploração de petróleo 31 e 43, dentro do Parque Nacional Yasuní, de acordo com os fundamentos relacionados
22 agosto 2013	Yasunidos -Corte Constitucional	Apresentam uma pergunta ao Tribunal Constitucional
27 agosto 2013	Yasunidos – polícia nacional	A Polícia Nacional reprime com violência e demonstrações de armas não letais em defesa dos Yasuní. Gás de pimenta, marcadores de paintball, bastões e bastões extensíveis são usados. Existem vários feridos.
13 de setembro de 2013	Corte Constitucional – Alcaldes Amazonicos	33 prefeitos amazônicos colocam para o Tribunal Constitucional uma questão para consulta popular que apoia a exploração no Yasuní.
17 setembro 2013	Assembleia Nacional	É apresentado um relatório para o primeiro debate sobre a declaração de interesse nacional na exploração da ITT
20 setembro 2013	Assembleia Nacional	Segundo debate começa na declaração de interesse nacional na exploração do ITT.
25 setembro 2013	Corte Constitucional – Júlio César Trujillo	Pedir ao Tribunal Constitucional para entregar os formulários para consulta, devido ao silêncio administrativo
3 outubro 2013	Assembleia Nacional	Segundo debate começa na declaração de interesse nacional na exploração do ITT. Com 108 votos a favor declara-se a exploração de interesse nacional no ITT. 18 recomendações são estabelecidas para o executivo para a exploração do ITT.
8 outubro 2013	FDTA – CNE	Autoriza a entrega de formulários ao FDTA
14 outubro 2013	CNE	O treinamento é dado a 50 Yasunidos.
15 outubro 2013	CNE	A CNE entrega os formulários à Yasunidos e inicia o período de 180 dias para a recolha de assinaturas.
30 novembro 2013	Presidência	Durante o link de sábado dos ataques aos membros da Yasunidos por terem participado da marcha das mulheres amazônicas e apoiado seu protesto. O fechamento da Fundação Pacha mama é anunciado.
4 dezembro 2013	Diário El Telégrafo	Comece uma série de publicações para desacreditar Yasunidos com acusações de violência.

19 dezembro 2013	Polícia Metropolitana	Desalojamento de Yasunidos da avenida das Nações Unidas
30 janeiro 2014	Guardas de segurança de 'El Recreo'	Desalojamento de Yasunidos da via pública fora do Shopping El Recreo
5 março 2014	Yasunidos	Yasunidos convoca uma conferência de imprensa em que apresenta 60.000 formulários, cerca de 480.000 assinaturas
8 março 2014	Yasunidos	Venda no formulário Trade Yasunidos em tamanho carta
12 março 2014	Alcaldes amazónicos, FDTA	Começa a campanha suja na mídia e imprensa escrita que procura confundir o público. O plágio gráfico de Yasunidos e inserções são enviadas em vários países em rotação.
12 março 2014	Domingo Paredes – GamaTV	Presidente da CNE Domingo Paredes leva os lados com a exploração de petróleo em uma entrevista com Marcela Holguin em GamaTV e diz que a exploração não será mais do que 0,1% do parque e qualifica Yasunidos argumentos como uma "mentira monstruosa"
13 março 2014	Yasunidos	Denúncia pública e em conferência de imprensa do assédio e perseguição de vários membros do grupo.
14 março 2014	Yasunidos – Escolta Presidencial	David de mármore, um membro da Comissão de Fé e Política Vivencia, parte dos Yasunidos coletivos é preso pela guarda presidencial para fazer o sinal dos polegares para baixo para protestar contra a exploração da ITT. É atacado por estranhos.
18 março 2014	Yasunidos – CEDHU – El Ciudadano	Em uma coletiva conferência de imprensa é descoberto um "jornalista" do cidadão, que afirma ter sido com David de mármore durante sua prisão e sugere que este foi um trabalho interno.
12 abril 2014	Yasunidos	Entregues 55 caixas com 757,623 assinaturas CNE recebe 100,088 formas nas minutas, mais um adicional de caixa de ligações de 1275 e uma lista de 1426 coletores é entregue (relata-se que 151 cédulas não foram entregues ao secretário geral de CNE)
15 abril 2014	CNE	CNE faz cadeia nacional explica como anular formulários Yasunidos
16 abril 2014	Yasunidos - CNE	Yasunidos se reúne com Paul Salazar para explicar que o escaneamento que a agência forneceu é de muito baixa qualidade e carece dos certificados da maioria dos porta-vozes do coletivo. Uma hora depois, descobre-se que a cadeia de custódia da caixa do cartão de identidade foi quebrada e que uma das cédulas que aparece tem uma codificação diferente.
16 abril 2014	Yasunidos - CNE	Reclamação pública de que a caixa contendo as cópias da carteira de identidade dos colecionadores foi aberta sem a presença dos membros do coletivo. Por isso, decide-se não participar na formação da CNE para verificação de assinaturas.
16 abril 2014 (tarde)	CNE	As cópias dos cartões são contadas na presença do notário, no entanto a caixa já havia sido violada horas antes e poderia ter sido facilmente modificada por qualquer cédula.
17 abril 2014	CNE	Vice-Presidente da CNE, Paul Salazar, realizou uma conferência de imprensa em que acusou Yasunidos de tentar "enganar a autoridade eleitoral".
17 abril 2014	Yasunidos – CNE	Garantias e transparência são solicitadas no processo. Enquanto isso não acontece, a saída das caixas com as assinaturas da CNE é impedida. Há repressão e violência.
17 abril 2014 (tarde)	CNE	Depois de ter removido as assinaturas à força sem a autorização da Yasunidos, o processo de validação de assinaturas e formulários começa sem a presença dos membros do coletivo.
17 abril 2014	CNE	Depois de ter removido à força as assinaturas para um recinto militar sem a autorização da Yasunidos, o processo de validação de assinaturas e formulários começa sem a presença dos membros do coletivo.

21 abril 2014	CNE - Yasunidos	Eles se encontram para tentar superar as dificuldades e 6 acordos são feitos. Com a confirmação dos diretores, Rene Maugé assina o acordo com Julio César Trullijo.
21 abril 2014	Yasunidos - CNE	A CNE concede treinamento às 17h00. Os primeiros delegados da Yasunidos entram no local onde as assinaturas são verificadas. (4 dias após o início do processo devido à falta de garantias)
30 abril 2014	Yasunidos	Yasunidos denuncia mais irregularidades e informa que não vai mais endossar um processo fraudulento.
30 abril 2014	CNE - Yasunidos	A CNE informa com uma hora de antecedência via correio que receberemos o recibo de entrega e solicitaremos que o proponente aprove a assinatura. Júlio César participa, mas não assina por falta de garantias.
1 maio 2014	CNE	O processo de verificação das assinaturas começa quebrando os selos de segurança sem a aprovação ou supervisão dos delegados da Yasunidos.
3 maio 2014	CNE	A CNE emite um comunicado de imprensa no qual anuncia que 50 mil assinaturas ficariam em dúvida e passariam para a fase de verificação com grafólogos.
6 maio 2014	CNE	A CNE realiza uma conferência de imprensa na qual anuncia que dos 599.103 registros que passaram para a fase de verificação de assinaturas, 230.000 foram rejeitados. E informa que o Plenário se reunirá na quarta-feira, 7 de maio, para aprovar o relatório técnico e legal (sem nomear os proponentes)
7 maio 2014	CNE	A CNE informa que o Plenário não se reunirá por falta de um pároco e o adia para o dia 8 de maio.
8 Maio 2014	CNE	O Plenário do Conselho Nacional Eleitoral reúne e aprova o relatório legal e técnico. (sem nomear os proponentes)
9 Maio 2014	Yasunidos	Yasunidos realiza uma conferência de imprensa com uma apresentação em que ele demonstra a suposta fraude.
10 Maio 2014	Yasunidos	Yasunidos organiza o 1º Encontro Nacional Coletivo de Yasunidos para definir os passos a seguir.
12 Maio 2014	CNE - Yasunidos	A CNE notifica a Yasunidos que o número mínimo de assinaturas não foi alcançado para chamar uma Consulta Popular. É importante ressaltar que o grupo foi notificado seis dias após a CNE ter divulgado essa notícia, o que viola o direito de defesa e obtém informações oportunas.
14 Maio 2014	Yasunidos	Yasunidos faz um apelo ao Conselho Nacional Eleitoral.
21 Maio 2014	Amazônia Vive	O coletivo Amazônia Vive, grupo que recolheu assinaturas para uma Consulta Popular em favor da exploração misteriosamente desiste, porque suspeita tem mais assinaturas que Yasunidos. Interessante ver o que acontece horas depois disso.
22 Maio 2014	Ministério de Ambiente do Equador	No Dia Mundial da Biodiversidade, o Ministério do Meio Ambiente do Equador concedeu à Petroamazonas uma licença ilegal e ilegítima.
29 Maio 2014	Acadêmicos U. Andina y EPN	Acadêmicos da Escola Politécnica Nacional e da Universidade Andina Simon Bolívar apresentam análises estatísticas nas quais afirmam que Yasunidos obteria 673.862 assinaturas, este resultado difere grandemente do resultado da CNE.
13 Junho 2014	CNE	A CNE responde ao apelo do Yasunidos, aceitando 10 mil das quase 500 mil assinaturas contestadas.
18 Junho 2014	Yasunidos	Ele fez uma conferência de imprensa em que denunciou a tentativa do presidente da CNE de enganar por termos de recurso e entrega ao Tribunal Eleitoral Contencioso.
27 Junho 2014	Tribunal Contencioso Eleitoral	Negado o recurso de Yasunidos por "estar fora do tempo".

09 Julho 2014	Yasunidos	O coletivo anuncia que nenhuma apelação extraordinária será arquivada no Tribunal Constitucional por falta de independência e que irá para instâncias internacionais.
20 Julho 2014	Yasunidos – Exército Nacional do Equador	Yasunidos foi verificar a largura do "caminho ecológico" construído por Petroamazonas no bloco 31 de Yasuní. O Exército e a Marinha não permitiram que eles entrassem, apesar do fato de o vice-presidente Glas ter desafiado-os a medir e até enviar um metro para fazê-lo.
15 agosto 2014	Tribunal Ético por los Derechos da Natureza Yasunidos	Um ano se passou desde o fechamento da iniciativa Yasuní-ITT. Em Quito, o Tribunal Ético dos Direitos da Natureza é realizado: Caso Yasuní.
29 agosto 2014	Human Rights Tulip- Yasunidos	Yasunidos foi nomeado para o International Human Rights Tulip Award do governo da Holanda. Ele conseguiu o maior voto.
21 setembro 2014	Yasunidos - Sarayaku	A delegação de Yasunidos e o povo de Sarayaku, juntamente com 400.000 pessoas de diferentes partes do mundo, participaram da "Marcha pela Mudança Climática" em Nova York.
27 outubro 2014	CIDH - Yasunidos	Yasunidos, juntamente com várias organizações sociais no Equador, participaram da audiência da Comissão Interamericana de Direitos Humanos, apesar da ausência do Estado equatoriano.
28 outubro 2014	CIDH - Yasunidos	O coletivo entrou com uma ação por violação de direitos políticos, contra o Estado equatoriano, à Comissão Interamericana de Direitos Humanos.
6 novembro 2014	Coletivo de Geografía Crítica del Ecuador	O coletivo de geógrafos realiza uma investigação na qual se conclui que, somente na 1ª fase de exploração do ITT Yasuní, o efeito seria de 19 x 1000.
25 novembro 2014	Yasunidos- Inadaptadxs	A rede de "Inadaptadxs to Climate Change" lança o manifesto sobre a COP-20 no Peru.
26 novembro 2014	Yasunidos	Prêmio do concurso gráfico: Yasuní, acorde o jaguar adormecido. A beleza e perfeição da natureza, e sua defesa, tem sido a inspiração para muitos e muitos artistas, que acreditam na defesa da vida em um dos lugares mais mega diversos do mundo.
1 dezembro 2014	Yasunidos - Caravana Climática	Yasunidos e a Caravana Climática iniciam sua jornada pelo país rumo à COP-21 em Lima-Peru.
2 de dezembro de 2014	Yasunidos- Ministerio del Interior- Policía Nacional- SENA- Fiscalía General del Estado	Yasunidos e a Caravana Climática, em sua viagem à COP-21, são retidos em seis ocasiões, ao longo de 24, por várias instituições do Estado equatoriano.
3 dezembro 2014	Yasunidos - Caravana Climática	Yasunidos e a Caravana Climática denunciam o processo sistemático de assédio, perseguição e boicote que tem sido exercido por vários órgãos de segurança do Estado equatoriano para a mobilização em direção a Lima-Peru, para participar da Cúpula dos Povos. Inicia campanha de solidariedade com a Caravana.
5 dezembro 2014	Yasunidos - Caravana Climática	Yasunidos e o Carnaval Climática chegam a Lima.
10 dezembro 2014	Yasunidos	Yasunidos se junta à Marcha pelo Clima, realizada pela Cúpula dos Povos em Lima.
12 janeiro 2015	Colectivo de Investigación y Acción Psicosocial	Lançamento do relatório "Estratégias de Repressão e Controle Social do Estado Equatoriano". Onde estava a Constituição? Caso Yasunidos "
12 março 2015	Yasunidos- MAE	Yasunidos pede ao Ministério do Meio Ambiente que entre nos Blocos 14 e 31 do Yasuní, para cobrir o chamado "caminho ecológico".

12 abril 2015	Yasunidos	É um ano após a entrega das assinaturas pelo Yasuní. Yasunidos semeia uma árvore para a democracia e a vida na Plaza Grande.
1 maio 2015	Yasunidos	Yasunidos se junta a marcha de 1 de maio com o lema "Yasuní para você ainda estamos aqui"

Fonte – Elaboração própria a partir dos dados da página oficial - <<https://sitio.yasunidos.org/es/>>

Tabela 2 Presidentes do Equador desde 1979

PERÍODO	PRESIDENTES	PARTIDO	
1979 – 1981	Jaime Roldós Aguilera	CFP	Morto em exercício
1981 - 1984	Oswaldo Hurtado	DP-UDC	
1984 - 1988	León Febres Cordero	PSC	
1988 - 1992	Rodrigo Borja Cevallos	ID	
1992 - 1996	Sixto Alfonso Durán-Ballén	PUR	
1996 - 1997	Abdalá Jaime Bucaram Ortiz	PRE	
1997 - 1997	Fabián Alarcón, interino	FRA	
1997 - 1997	Rosalía Arteaga Serrano, interino	MIRA	
1997 - 1998	Fabián Alarcón, interino	FRA	
1998 - 2000	Jamil Mahuad	DP-UDC	
2000 - 2000	Junta de Salvação Nacional		
	Coronel Lucio Edwin Gutiérrez Borbúa, Presidente da Junta	Militar	
	Carlos Antonio Vargas Guatatuca	Nenhum partido	
	Carlos Solórzano Constantine	Nenhum partido	
2000 - 2000	Conselho de Estado (junta)		
	General Carlos Mendoza Poveda, Presidente	Militar	
	Carlos Antonio Vargas Guatatuca	Nenhum partido	
	Carlos Solórzano Constantine	Nenhum partido	
2000 - 2003	Gustavo Noboa	DP-UDC	
2003 - 2005	Lucio Edwin Gutiérrez Borbúa	PSP	
2005 - 2007	Alfredo Palácio	Nenhum partido	
2007- 2017	Rafael Correa	Alianza País	
2017 – Atual	Lenín Moreno	Alianza País	

Fonte – Elaboração própria a partir do site oficial Conselho Nacional Eleitoral

Apêndice A – Entrevistadas/os

Entrevistas

Arpi, Abel, Asamblea de los pueblos del Sul (2018) Cuenca: 15 de março

Cevallos Sierra, Jaime (2018) Quito: 07 de fevereiro

Machado, Décio (2018) Quito; 08 de fevereiro

Burbano Villarreal, (2018) Quito: 14 de fevereiro

Pablo Ortiz (2018) Quito: 14 de fevereiro

Calle, Antonella, (2018) Quito: 15 de fevereiro

Cechi Alvarado, (2018) Cuenca: 21 de março

Domingo Ankuash (2018) Quito: 28 de fevereiro

Fajardo, Davi (2018) Cuenca: 21 de março

Moreano, Melissa (2018) Quito: 27 de fevereiro

Miguel Galarza Cordero (2018) Cuenca: 14 de março

Sevilla, Roque (2018) Quito: 28 de Março

Katy Machoa Betancourt (2018) Quito: 25 de fevereiro

Larrea Maldonado, Carlos, (2018) Quito:16 de fevereiro

Fernando Vega (2018) Cuenca: 07 de março

Lauro Arariwa Sigcha Vele, presidente da Federação de Organizações Indígenas e Campesinas de Azuay (FOA), (2018) Cuenca: 19 de março

Observação Participante

Alberto Acosta (2018) Quito,

Astudillo (2018) Cuenca, 13 de março

Correa, Rafael (2018) Bruxelas, 01 de Junho

Tuntiak Katan (2018) Quito, 05 de fevereiro (evento público)

Apêndice B - Questionário Base

1. Qual é a situação atual do Equador?
2. Você é a favor da exploração petrolífera no Parque Yasuní?
Sim () Não () Porque?
3. Houve participação dos movimentos em torno da Iniciativa Yasuní ITT? Houve algum consenso?
4. O que mudou depois que Rafael Correa resolveu explorar?
5. Acredita que o país tem condições favoráveis que promover as mudanças que são propostas pelo governo?
6. Qual o papel das mulheres, homens e crianças nesta luta?
7. Que mudanças são necessárias para que o país consiga exercer o respeito pela natureza e pelo ser humano que está previsto na Constituição?
8. Qual é alternativa proposta pelos movimentos sociais ante a exploração que permanece?
9. O que seria uma proposta de desenvolvimento justo no Equador? Como alcança-la?
10. A exploração beneficia a quem? Quais desafios estão postos a partir de agora?
11. Quais são as principais lutas atuais em torno da exploração petrolífera?
12. Que mudança a exploração do Parque provoca na vida das comunidades originárias? E ao país de um modo geral?